
paralela
ESCUDO DE PARDAIS
AUTORA BEST-SELLER #1 DO NEW YORK TIMES
DEVNEY PERRY

DEVNEY PERRY

ESCUDO DE PARDAIS

Tradução
GUILHERME MIRANDA

parea

Aos personagens que vieram antes.
Às histórias que nos trouxeram aqui.
Aos riscos que corremos. Aos sonhos que perseguimos.

Confie em suas asas.

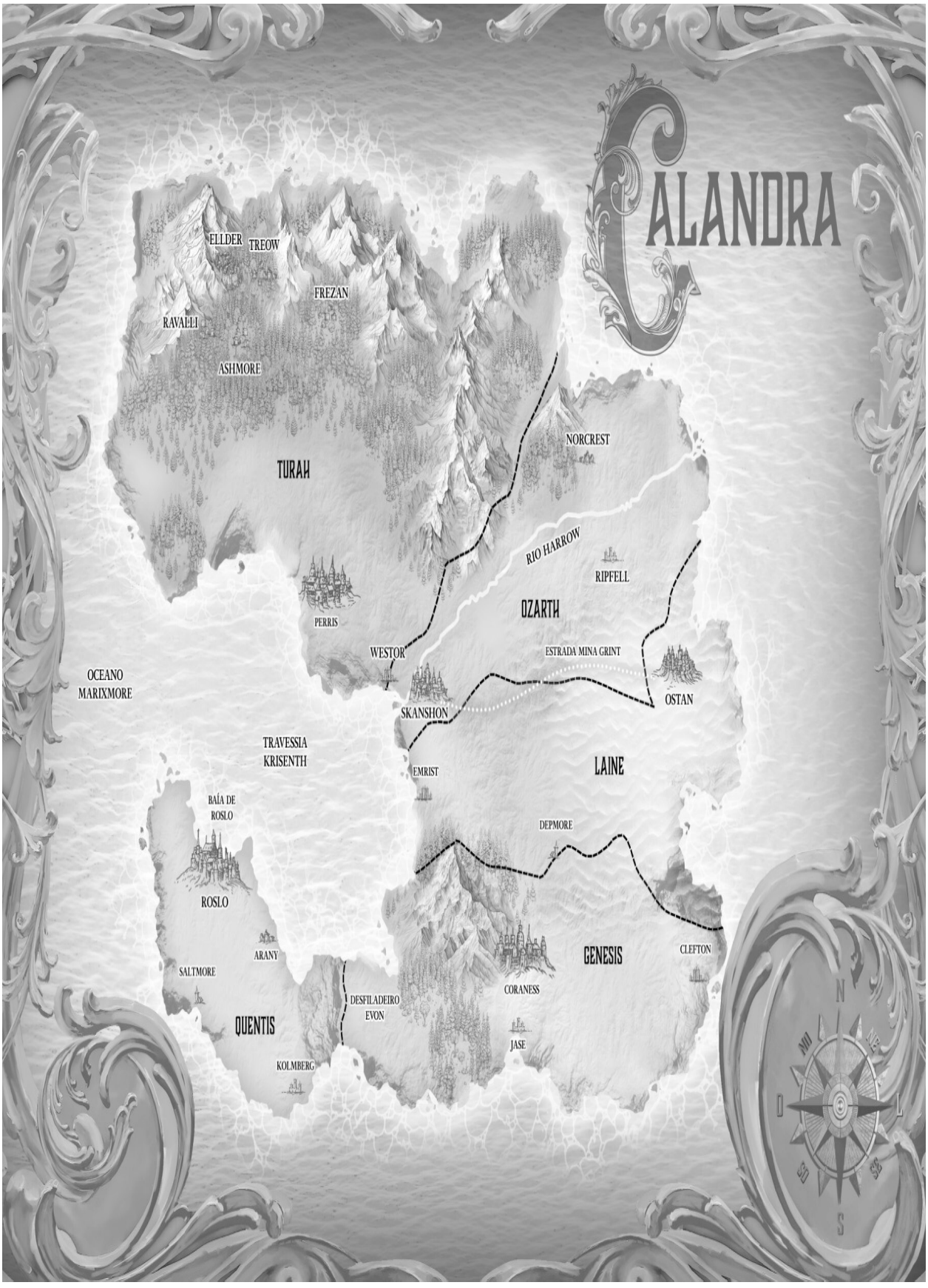
Sumário

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21

Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53

Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Agradecimentos

Escudo de Pardais é uma romantasia arrebatadora ambientada num mundo de monstros letais e mistérios ainda mais letais. Assim, a história contém elementos que podem não ser adequados para todos os leitores: combates, violência, sangue, *gore*, morte de humanos e animais, ferimentos, desmembramento, doenças, hospitalização, incêndio criminoso, consumo de álcool, atividade sexual e linguagem explícita, além de menções a envenenamento e tráfico no passado da trama. Leitores que possam ser sensíveis a esses temas, levem isso em consideração. Convidamos você a pegar a espada e se preparar para um novo mundo...


CALANDRA
ELLDER
TREOW
FREZAN
RAVALLI
ASHMORE
NORCREST
TURAH
RIO HARROW
RIPFELL
OZARTH
PERRIS
WESTOR
ESTRADA MINA GRINT
OSTAN
OCEANO
MARIXMORE
SKANSHON
TRAVESSIA
KRISENTH
EMRIST
LAINE
BAÍA DE
ROSLO
DEPMORE
ROSLO
ARANY
GENESIS
CLEFTON
SALTMORE
CORANESS
DESFILADEIRO
EVON
QUENTIS
JASE
KOLMBERG
N
NO
NE
O
L
SO
SE
S

1

E se eu pulasse?

Equilibrada na beira de uma falésia íngreme, eu estava à mercê das forças da natureza, mexendo os dedos do pé na terra. Uma rajada de vento forte me jogaria para a frente ou para trás. O mais leve tremor na terra seria capaz de me fazer cair.

Ou voar.

E se eu pulasse? Alguém se importaria?

Não. Não comigo. Não com a princesa errada de Quentis.

Doze metros abaixo, ondas batiam nas rochas, a espuma da água branca se chocando contra a pedra cinza. Eu queria pular. Queria mergulhar naquele mar azul. Queria me libertar das expectativas de todos por um momento que fosse.

Mas, se eu pulasse, me atrasaria. E, se me atrasasse, estaria ferrada.

Margot encheria meu saco se eu perdesse a reunião com os guerreiros de Turan que meu pai havia convidado para Quentis, então nada de pular. Especialmente hoje.

Fui me afastando da beirada. Da tentação.

Não que precisassem de mim para esse fiasco. Mae encantaria nossos convidados.

Ela era a princesa quentina certa.

Minha meia-irmã havia sido criada para essa ocasião. Essa encenação. Mais cedo ou mais tarde, seria a rainha turana. Hoje era sua chance de conhecer alguns dos futuros súditos antes de seu casamento com o príncipe herdeiro no fim do ano.

Minha presença? Totalmente desnecessária.

Mas eu me esforçava para não irritar minha madrasta, Margot, ou meu pai. Podia não ser a filha favorita ou a princesa adorada, mas havia uma coroa em meu quarto. E hoje seria o dia de mostrar aos turanos como nossas coroas podiam ser rigorosamente cintilantes.

Meus ombros relaxaram quando me afastei mais um passo da falésia, depois outro, a planta dos meus pés afundando na grama conforme eu caminhava até minhas sandálias cinza-chumbo. Mas, antes que pudesse calçá-las, o estrondo de cascos chamou a minha atenção para a estrada.

O barulho foi ficando mais alto. Sem dúvida um cavaleiro vinha na minha direção, provavelmente para me buscar.

— Droga. — Será que já estava atrasada?

Margot havia tagarelado sem parar durante o café da manhã, e mal prestei atenção enquanto ela recitava a agenda de eventos que aconteceriam antes da apresentação aos turanos.

Os patrulheiros chegaram no fim do dia anterior, depois do anoitecer. O grupo de guerreiros de elite não estivera presente durante o jantar ou as reuniões. De propósito? Provavelmente.

Era compreensível. E não dava para julgar que tenham ficado na própria ala desde então, fosse para descansar da viagem pela travessia Krisenth ou para evitar a pompa das formalidades reais. E quer queira, quer não, haveria um espetáculo. Um momento para Mae brilhar.

Enquanto os turanos faziam o que quer que guerreiros turanos faziam ao visitar reinos estrangeiros, minha irmã era embonecada.

Mae estava sendo banhada e mimada. Mae era massageada com

óleos perfumados e recebia tratamento com os melhores tônicos de pele do continente. No banquete de hoje, Mae usaria um vestido que sua costureira havia passado um mês confeccionando.

Mae. Era tudo sobre Mae.

Eu duvidava que os visitantes se importariam com os bordados ou a renda, mas o que eu sabia do assunto? Mae era a futura rainha deles, não eu. Minha única obrigação era estar lá.

Na hora.

Na ladainha de instruções durante a refeição matinal, essa foi a única vez em que Margot mencionou meu nome.

Não se atrase, Odessa.

Nem sempre eu me atrasava. Normalmente, mas nem sempre. Metade das vezes ninguém notava.

Calcei rapidamente a sandália cinza, ergui as saias do vestido da mesma cor e me virei para calçar o par dela. Meus dedos dos pés já estavam protegidos quando um cavaleiro que eu reconhecia apareceu na subida para a encosta.

Banner se portava com orgulho no cavalo, seu cabelo castanho-claro curto bem penteado, sem nenhum fio fora do lugar. Sua expressão era neutra.

Era um neutro bom? Ou era sinal de que eu estava encrencada porque meu noivo havia abandonado suas responsabilidades como general para vir me buscar?

Banner puxou as rédeas para que o garanhão baio parasse. Com um movimento fluido, desceu da sela e conduziu o cavalo na minha direção a passos determinados e intimidantes.

— Princesa. — Sua voz era séria. Seus olhos castanhos não abandonaram os meus em momento algum, mas um sorriso se abriu no canto da boca.

— Eu já estava indo. — Ergui uma mão. — Juro.

— Antes ou depois de me ouvir cavalgando nessa direção? — Ele arqueou uma sobrancelha. — Você vai se atrasar.

Vai se atrasar. Ou seja, ainda não estava atrasada. *Ufa*.

— Prometo chegar a tempo — respondi. — Não precisava vir me buscar.

— Na verdade, saí para dar uma volta.

— Ah. — Então talvez ninguém soubesse que eu estava fora dos muros do castelo. Eu poderia entrar despercebida e correr para me trocar.

Banner já estava vestido para a reunião com seu uniforme formal. Os botões dourados do casaco verde-azulado eram tão reluzentes quanto os coruchéus do castelo ao longe. Suas facas de arremesso estavam presas ao cinto de couro. Meu pai estaria com um uniforme praticamente igual, embora preferisse carregar uma espada. Mae usaria um vestido com camadas de azul água-marinha e azul-celeste. Margot provavelmente vestiria seu azul de sempre.

Meu vestido, como todos os meus vestidos, seria cinza.

Um dia, quando Margot não controlasse mais meu guarda-roupa ou meu pai não me analisasse mais durante cada refeição, eu gostaria de usar vermelho. Ou verde. Ou preto. Ou amarelo.

Qualquer cor menos cinza.

— Sabe, dá para apreciar a cidade da sua janela em vez de subir até aqui — ele falou.

— Mas daqui tenho uma vista melhor.

A luz do sol refletia a mancha âmbar nos olhos de Banner, a cor vívida se destacando em contraste com o marrom de suas íris. Essa marca, que lembrava uma explosão estelar, identificava todos os nascidos em solo quentino.

O olhar dele se voltou para a direção do castelo, depois para a cidade que se estendia ao longo da costa próxima à falésia.

Os edifícios brancos de Roslo praticamente resplandeciam na luz vespertina. As ruas da capital estavam cheias de pessoas e carroças. Barcos lotavam as docas do porto, e as águas calmas da baía de Roslo tinham uma tonalidade brilhante de água-marinha sob os

raios fortes do sol. Bandeiras quentinas do mesmo verde-azulado flutuavam com a brisa no alto das torres do castelo, e as maiores tinham o brasão real bordado: uma besta entrelaçada por folhas e talos de trigo.

Meu pai considerava a vista da varanda de sua sala do trono incomparável, mas eu preferia ver minha cidade daqui.

O castelo era minha casa, mas essa falésia era meu santuário. Era o único lugar onde o ar não tinha o peso dos julgamentos e não havia guardas posicionados em cada canto, prontos para reportar todos os meus erros a Margot.

Desse mirante, eu conseguia sentir o cheiro da água salgada. Os aromas de comida e especiarias dos mercados na praça viajavam pelo vento. Em dias calmos como hoje, conseguia ouvir o barulho do cais e o alvoroço das ruas. E, quando estava com tempo, levava um caderno para desenhar as diferentes vistas.

O olhar de Banner parou nos três navios de madeira ancorados na baía, suas velas verde-floresta contrastando levemente com os detalhes verde-água dos barcos quentinos.

— Já os viu? — perguntei. — Os turanos?

— Ainda não. Mas acabei de me reunir com seu pai. — O maxilar dele se cerrou. — Ele me informou que o Guardião veio com os patrulheiros.

— O Guardião. — Meu queixo caiu enquanto meu estômago se embrulhava. — *O* Guardião. Está aqui? Em Roslo?

— Parece que sim — Banner respondeu, seco.

Ah, inferno. Era um mau sinal. Era por isso que meu noivo havia saído para dar uma volta.

Podíamos não estar apaixonados e talvez nem pudéssemos nos considerar amigos, mas eu havia aprendido certas coisas sobre Banner desde o nosso noivado. Ele era inabalável em sua lealdade a meu pai. Adorava o prestígio de sua patente e de seu noivado com uma princesa. E detestava o Guardião.

— Sinto muito. — Estendi a mão para ele, mas ele me dispensou, passando a mão no cabelo. — Você vai à reunião?

— Sou o general da legião do seu pai. O que acha?

Era tão difícil assim para ele responder *sim*?

Talvez, depois que nos casássemos, ele parasse de me tratar feito criança. No entanto, considerando nossa diferença de idade de quinze anos, eu não tinha tanta certeza.

Banner passou a mão no queixo liso, tenso de raiva.

— Reze a Carine para eu conseguir manter a compostura.

Eu rezaria para que a Deusa da Paz estivesse conosco hoje.

— Vou me vingar — ele continuou, mais para si mesmo do que para mim, e o meu futuro marido calmo e controlado desapareceu. Seu corpo começou a tremer de raiva. Suas mãos se contraíram ao lado do corpo, como se estivessem se contendo para sacar uma faca. — Juro.

— Banner — avisei. — Se o Guardião velejou com os turanos, está aqui a convite de meu pai. Agora não é o momento. Você não pode atacar enquanto...

— Acha que não sei?!

Eu me encolhi com o grito na minha cara. Não era a primeira vez que um homem direcionava sua raiva para mim. Não seria a última. E eu havia aprendido que era mais fácil me render do que lutar.

— Desculpa.

— Sei bem que não tenho escolha a não ser me afastar e receber esses *convidados* em nosso reino. Que devo estar na sala do trono e encontrar o miserável que destruiu minha família. Mereço ter a cabeça daquele desgraçado numa bandeja, mas não posso fazer nada. Nada. Sei exatamente que porra de momento é esse, Odessa.

Permaneci calada enquanto ele gritava meu nome.

— Você vai se atrasar — rosnou.

— Tá. — Acenei, abaixando os olhos para suas botas impecáveis.

Banner suspirou, recompondo-se. Colocou um dedo sob meu queixo, erguendo meu rosto até nossos olhares se encontrarem. A raiva em suas íris diminuía aos poucos.

— Desculpa. Estou frustrado.

— Dá para entender.

— Gostaria que a levasse de volta? Posso deixar o resto da minha volta para depois.

— Não. — Abri um sorriso suave para ele. — Pode ir. Vou andando.

Se eu fosse Banner, acho que também precisaria espairecer.

Por que meu pai o obrigaria a participar da reunião de hoje? Ele sabia que o Guardião havia matado o irmão de Banner. Que os dois haviam lutado por uma mulher em Turah e que a luta havia acabado em morte. Quando a notícia do assassinato do irmão de Banner chegou a Quentis no ano anterior, sua mãe ficou tão devastadoramente mal que tirou a própria vida.

Pelo visto, meu pai sabia ser tão insensível com seu querido general quanto era com a filha mais velha.

— Vejo você depois — ele falou. — Não se atrase, princesa.

Banner traçou o dedo ao longo da minha bochecha, depois montou na sela e desapareceu sem olhar para trás. Foi em direção às vastas colinas e aos campos extensos que cercavam Roslo.

Esperei até ele sair de vista e, com um suspiro, comecei a descer a trilha que me levaria à entrada dos fundos do castelo. Por lá, poderia passar discretamente por uma entrada lateral e subir para os meus aposentos no quarto andar.

Meus aposentos cinza.

A suíte de Mae era azul-claro, para a noiva virginal que em breve se casaria com um príncipe. Que cumpriria seu papel em conformidade com o tratado comercial de Calandra que mantinha a paz entre os cinco reinos.

Ela era a Pardal.

Mae, porém, estava longe de ser um pássaro doce e delicado. Certamente não seria uma virgem em sua noite de núpcias. Chegava a ser engraçado que os guardas nunca reportassem suas idas e vindas, não quando estava dando para o capitão deles.

Olhei por sobre o ombro, para o precipício e o mar aberto além.

O que havia lá? Mae descobriria. Depois do casamento, zarparia para Turah.

— Peste sortuda.

Eu nunca havia sentido inveja de Mae. Ela era a filha favorita do papai. Quando chegou a hora de eleger a Pardal, não foi nenhuma surpresa que Mae fosse a escolhida. E ela era o orgulho e a alegria de Margot. Mae tinha uma mãe enquanto eu tinha um fantasma. Mesmo assim, eu nunca a havia invejado, nenhuma vez.

Até agora.

Porque em breve ela partiria e descobriria o mundo além dos portões de Roslo e das costas de Quentis.

Eu sentiria falta de minha meia-irmã. Desde o dia em que Margot a aninhou em meus braços quando eu tinha cinco anos, Mae era minha. Brigava comigo por tudo. Me perturbava incessantemente. Era desprovida de gentileza ou gratidão. Era uma enorme dor de cabeça, mas era minha irmã.

Eu sentiria falta dela.

E mal podia esperar para que fosse embora.

Talvez, quando isso acontecesse, eu teria alguma liberdade. Talvez não. Talvez os únicos momentos de paz que teria pelo resto da vida seriam naquela falésia.

Uma brisa soprou meu cabelo desgrenhado, enfiando uma mecha na minha boca. Cuspi, mas não antes de sentir o gosto amargo da tinta castanha que Margot passava nos meus fios toda semana. Os cachos rebeldes nunca ficavam na trança, por mais que minhas damas de companhia puxassem e puxassem. Cooperavam apenas quando estavam molhados.

O mar me chamava. Parei e virei.

E se eu pulasse? Alguém notaria?

Não. Não essa princesa. Um sorriso se formou em meus lábios.

Corri na direção da falésia. Meu vestido cinza simples voou atrás de mim enquanto eu corria, cada vez mais rápido, meus braços se movendo, as pernas me impulsionando. Não pensei. Não vacilei. Num momento, meus pés estavam presos à terra.

No outro, eu voava.

2

Água escorria da barra do meu vestido encharcado, deixando um rastro de gotas enquanto, na ponta dos pés, eu atravessava a galeria da ala leste do castelo. Meu coração estava acelerado, a adrenalina do mergulho ainda correndo em minhas veias.

Eu tinha dezesseis anos quando saltei da falésia pela primeira vez. Um grupo de criados havia subido a colina numa tarde escaldante de verão, e eu os segui por curiosidade. Fiquei observando de longe enquanto, um a um, eles saltavam do precipício.

Depois que todos haviam nadado até a praia e voltado ao castelo, criei coragem para me aproximar. Passei horas avaliando a altura antes de finalmente pular. Quando atingi a água fria, batendo os pés furiosamente para voltar à superfície, prometi nunca mais voltar. Mas, na semana seguinte, depois de o mestre de armas me repreender pela minha inaptidão no arco e flecha, subi a encosta.

Eu a tomei para mim.

Nos momentos em que precisei me sentir corajosa, me sentir livre e viva, aquela falésia foi minha salvação.

Não era a primeira nem a última vez que eu entrava sorrateiramente no castelo encharcada. Minhas sandálias foram levadas pelo mar, e meus pés descalços faziam um barulho úmido

no mármore branco enquanto eu atravessava furtivamente a galeria deserta.

Meus ouvidos treinados estavam atentos a qualquer barulho conforme eu passava pé ante pé pelos quadros e tapeçarias. Nem precisaria ser tão sorrateira assim. Ninguém entrava nesse corredor, muito menos Margot.

Ela não gostava das obras de arte dessa galeria em particular. Eram horripilantes demais para ela.

Todas as obras retratavam os crux de gerações passadas. O maior mural havia sido pintado depois da última migração deles, quase trinta anos antes, quando os imensos monstros semelhantes a águias sobrevoaram Calandra e massacraram nosso povo.

Na pintura, um crux acobreado carregava um homem partido ao meio em seu bico enorme. Vísceras pendiam da boca aberta. Sua garra, mais afiada do que qualquer lâmina, perfurava o coração de uma mulher esmagada sob seu peso. Os chifres grossos e pontudos do macho pingavam sangue e entranhas.

Margot não estava errada. Essa galeria era *sim* violenta. E se eu sobreviver a uma migração, talvez nunca mais coloque os pés nesse corredor também.

As escrituras diziam que os deuses antigos, Ama e Oda, criaram os animais de Calandra como presentes para os humanos. Como companheiros para dividir o mundo. A Mãe e o Pai ficaram orgulhosos de suas belas criações e as encheram de elogios e glória.

Mas esse orgulho enfureceu os filhos dos deuses e, num ataque de ciúme, os deuses novos, os Seis, criaram os próprios animais. Os predadores foram criados à imagem dos animais de Calandra, embora suas variações fossem muito mais belas. Muito mais poderosas. Muito mais letais.

Eles deram à luz monstros para lembrar os humanos e os animais de sua fragilidade e insignificância. E não havia nenhum monstro mais temido do que o crux.

Na primeira vez que vi aquela obra de arte, aquele mural assombroso, vomitei num vaso de samambaia. Mas a próxima migração era iminente, por isso me forcei a voltar nessa galeria, de novo e de novo, até as imagens não fazerem mais meu estômago se revirar.

Quando visse os crux voarem pela primeira vez, estaria preparada para a devastação que nosso povo enfrentaria.

Os deuses realmente haviam se superado com sua criação.

Havia os monstros.

E depois vieram os crux.

Segundo as previsões dos estudiosos, a próxima migração seria já na primavera seguinte. Em menos de um ano. Eu tinha o luxo da proteção dentro das muralhas do castelo, ao contrário de muitas pessoas.

Tirando os olhos do mural, virei em outro corredor, prestes a correr para a escada, quando quase trombei em outro corpo, recuando uma fração de segundo antes de colidirmos.

— Desculp... — O pedido se desfez na minha língua quando ergui os olhos para o sacerdote voster. Meu susto ecoou pelas paredes enquanto eu me afastava do emissário do meu pai.

Ele me encarava do alto de sua figura imponente, sem piscar, a cabeça e os ombros esqueléticos acima de mim. Usava mantos bordô, o tecido drapejado envolvendo seu corpo esguio, amontoando-se ao redor dos tornozelos e dos pés descalços como os meus. As unhas tanto das mãos como dos pés eram grossas e riscadas por uma coloração verde-escura. Ele não tinha cabelos nem sobrancelhas, e sua pele era de um branco pálido arrepiante. O nariz aquilino se destacava sobre os lábios finos sem cor.

Minha dama de companhia favorita dizia que a pele do sacerdote lhe dava arrepios, mas eram seus olhos que faziam um calafrio descer por minha espinha. Eram sólidos, poças infinitas sem pupila, do mesmo verde-escuro de suas unhas.

Pesadelos nasciam daqueles olhos.

Pouco me importava o que diziam sobre a irmandade. Os vosters eram terrores muito piores do que qualquer monstro que vagava pelos cinco reinos.

Poder emanava de seu corpo, fazendo-me cambalear para trás. A magia voster crepitava ao meu redor como faíscas. Era vertiginoso. Nauseante. Era como pular da falésia, mas não havia fundo. Não havia fim para o revirar em minhas entranhas ou o abismo sob meus pés.

Os humanos não eram feitos para estarem tão próximos da magia.

Reprimi o impulso de gritar conforme seu poder raspava e riscava a pele exposta dos meus braços.

O voster inclinou a cabeça para o lado, como um pássaro, ao notar minhas roupas molhadas. Levantou a mão magra, erguendo um único dedo. Com um movimento de seu punho, a água se desprendeu do meu cabelo.

Ela rodopiou pelo meu rosto, as gotículas se fundindo e se erguendo, e formou uma bola de água translúcida que girava sobre minha cabeça. Ela se esticou e afinou em um círculo enlaçado com um centro oco. Pontas se ergueram da água, como se fosse atraída pelo teto abobadado.

Foi girando e girando até o sacerdote ter moldado a água numa coroa que pairou sobre minha cabeça.

Meu pai dizia que a irmandade voster usava a magia dos fluidos para passar uma mensagem. Que manipulava ar, água e sangue para fazer declarações.

Bom, o que quer que essa coroa de água significasse, eu é que não pediria para o sacerdote explicar. Corri para a escada e subi o primeiro lance de degraus de dois em dois segurando as saias encharcadas. Quando cheguei ao patamar, olhei para trás.

Os olhos escuros do sacerdote esperavam.

Outro calafrio percorreu meus ombros quando segurei o corrimão e me forcei a subir. Foi só quando cheguei ao terceiro andar que a sensação de ter aranhas rastejando na pele diminuiu.

Esfreguei as mangas de meu vestido molhado, como se pudesse me livrar dos arrepios.

Por que o sacerdote não secou meu vestido em vez de meu cabelo? Isso *sim* teria sido útil. Eu conseguia praticamente sentir o *frizz* se espalhando por meus cachos.

Lá se foi a ideia de trançar o cabelo molhado.

O voster era mais um motivo pelo qual eu não queria ir a essa reunião com os turanos.

Os sacerdotes quase nunca visitavam o castelo, mas, seis dias antes, sem avisar, o emissário do meu pai havia chegado. Todo encontro com ele me deixava nauseada.

O que ele estava fazendo ali? Talvez a irmandade soubesse que meu pai havia contratado os patrulheiros turanos. Ou talvez ele tivesse vindo por causa do Guardião.

Os vosters eram arredios e evitavam a maioria das pessoas. Ao menos era o que eu pensava, considerando que o único sacerdote que eu conhecia era o emissário do meu pai, que não saía de perto do castelo durante as visitas.

Eu não fazia a menor ideia de quantos vosters compunham a irmandade. Centenas? Milhares? Havia apenas um livro em toda a biblioteca do castelo sobre os vosters, e ele era curto. Muito, muito curto.

O emissário do meu pai visitava em ocasiões políticas importantes, casamentos relevantes e funerais da família real. Provavelmente para garantir que estávamos todos nos comportando e seguindo os termos dos tratados mágicos de Calandra.

Eu havia perguntado a um tutor certa vez o que os vosters realmente faziam além de usar a magia dos fluidos e formar juramentos de sangue para os reis. Se os sacerdotes eram humanos

que herdavam a magia ou se eram outra coisa. Ele havia me dito que era complicado, o que significava que também não sabia.

Eu tinha a impressão de que meu pai se dava bem com seu emissário, mas eles estavam longe de parecer amigos próximos.

Bom, qualquer que fosse o motivo para o sacerdote estar ali, eu não via a hora de que fosse embora. Com sorte, partiria assim que os turanos deixassem Roslo, voltando para onde quer que os vosters morassem. Outro mistério sobre eles. Ninguém sabia onde viviam.

A simples ideia de uma cidade inteira de vosters, ruas e edifícios infestados por sua magia, me deixava nauseada.

Uma sensação incômoda desceu por minha nuca como se eu estivesse sendo observada. Virei, pensando que encontraria o sacerdote, mas vi que estava sozinha na escada.

— E claramente paranoica — murmurei enquanto subia do último degrau para o corredor suntuoso do quarto andar.

— Por que seu vestido está molhado? — A pergunta de Margot me pegou de surpresa, e levei a mão ao peito. — E o que aconteceu com seu cabelo?

Fiz uma careta. De nada adiantou tentar entrar escondida. *Droga.*

— Desculpa, Margot.

Culpa daquele voster maldito. Normalmente, eu verificaria se o corredor estava vazio antes de atravessar pelo carpete até meu quarto. Em vez disso, estava distraída demais pelo toque arrepiante da magia do sacerdote para prestar atenção.

— Odessa. — Não havia ninguém em Calandra capaz de expressar tanta exasperação com meu nome como minha madrasta.

— Vou estar pronta a tempo. Juro.

Seus olhos azul-marinho com as manchas âmbar quentinas eram cortantes como adagas ao se dirigirem para a minha porta.

— Você já está atrasada.

— Ainda não.

A respiração de minha madrasta acelerou quando passei por ela na direção dos meus aposentos.

— Certo. Quase atrasada.

— Rápido. — Ela me seguiu até o meu quarto de vestir. Enquanto eu jogava sobre um ombro o cabelo, que estava muito seco, muito encaracolado e nem um pouco castanho, ela começou a abrir os botões do meu vestido.

— Não precisa ficar — falei. — Brielle ou Jocelyn podem me ajudar.

Ela puxou o último botão com tanta força que ele se soltou e saiu pulando pelo chão.

— Está vendo Brielle ou Jocelyn em algum lugar?

— Hum, não. — Meus aposentos estavam vazios e a roupa de dormir que eu havia tirado hoje cedo ainda estava caída no chão ao lado do biombo.

Ou minhas damas de companhia foram realocadas para Mae durante o dia ou estavam espionando os turanos. Meu palpite era a segunda opção.

— Estão ocupadas na ala sudeste — Margot explicou.

Ah. Não era onde os turanos estavam hospedados?

— Aqueles patrulheiros trouxeram sujeira para dentro dos corredores.

Sujeira?

— Eles não estavam navegando pelo Krisenth? Onde se sujariam?

— Odessa. — Lá estava aquela irritação de novo.

— Tá. Perguntas depois.

— Por favor. — Margot me impeliu para a frente, fazendo-me correr para trás do biombo com o corpete do vestido abraçado ao peito.

A peça atingiu o chão com um baque úmido e ela jogou meu vestido novo por cima do biombo.

O fato de Margot ter conseguido encontrar uma tonalidade de cinza ainda mais sem graça do que a anterior chegava a ser impressionante. Meus lábios se curvaram ao vestir a saia.

— Precisamos tingir seu cabelo. De novo. E não temos tempo. — O bater de seu pé no chão era como levar tapinhas na mão repetidas vezes. — Nadando. Completamente vestida. Por que você é assim? Por que não pode ter um passatempo normal como arco e flecha ou equitação?

Eu adorava desenhar e pintar, mas Margot valorizava a minha arte? Não. Em vez disso, irritava-se sempre que meus dedos estavam manchados de carvão ou tons pastel.

Ela queria que eu fosse como Mae. Que adorasse esgrima e luta. Aqueles sim eram passatempos aceitáveis para *sua* filha, *sua* princesa. Mas arte e natação, ambas atividades relativamente dóceis, eram consideradas problemáticas e incômodas.

Sim, eu estava nadando. Sim, eu provavelmente deveria ter esperado até o dia seguinte. Ao menos Margot não sabia exatamente como eu havia entrado na água. Ninguém sabia.

Se descobrissem que eu costumava pular da falésia, estaria em apuros.

— Estou correndo — jurei. — Perdi a noção do tempo.

— Garota, você testa os limites da minha paciência.

— Desculpa, desculpa, desculpa. — Por mais que me desculpasse, não faria diferença, mas isso nunca havia me impedido de tentar.

Ela estava furiosa quando apareci vestida de cinza.

— Vire-se.

Virei para que ela fechasse os botões do vestido.

O tecido se moldava às minhas costelas e aos meus seios. O decote deixava minhas escápulas e meu pescoço expostos, enquanto as mangas deslizavam até os meus dedos. As saias esvoaçavam ao redor do meu quadril, farfalhando e ondulando a

cada movimento.

Em qualquer outra cor, aquele seria um lindo vestido.

No cinza, eu praticamente me camuflava no piso de pedra. Talvez fosse a intenção.

— Cabelo. — Margot estalou os dedos e apontou para a penteadeira, parando atrás de mim enquanto eu me sentava no banquinho.

Hesitei em entregar o pente para ela. Ele virava uma arma em suas mãos. Meu couro cabeludo ainda doeria por horas depois do fim da tortura.

— Não precisa fazer isso. Posso me virar. Tenho certeza de que Mae precisa mais de você.

— Ela está... ocupada.

Ocupada. O que significava que estava com o capitão da guarda para sua brincadeira vespertina.

Era aceitável que Mae encaixasse uma diversãozinha antes da reunião com os turanos, mas eu estava sendo repreendida por um simples mergulho no mar?

A hipocrisia nesse castelo era sufocante.

Margot arrancou o pente da minha mão e o passou pelos cachos, puxando com tanta força que precisei me segurar nas laterais do banquinho para não cair. Depois de desfazer a maioria dos nós, ela estalou os dedos da mão livre.

— Pó.

Estiquei a mão para pegar o pote de opala na penteadeira, tirando a tampa e engasgando com o cheiro pungente da tintura. O odor passaria em poucos minutos, mas, deuses, essa primeira inspirada queimava minha garganta.

Ela jogou o pó nas raízes até não dar para ver a cor natural do meu cabelo. Os fios vermelhos e cobre e caramelo desapareceram. Não faltou nenhum cacho e, quando olhei no espelho, o castanho de sempre me encarou pelo reflexo.

Longe de mim ficar incomodada com o castanho, de modo algum. Margot dizia que combinava com minha pele. Que destacava as sardas do nariz e os riscos dourados dos olhos.

No fundo, acho que o ruivo a lembrava demais de minha mãe.

Eu lembrava demais a minha mãe.

— Nunca na vida conheci alguém com tamanha propensão a procurar problemas. — Margot jogou o pente de lado e começou a puxar as mechas numa trança. — Você poderia ter sido comida por tubarões.

— Não há tubarões tão perto da costa.

— Ah? E imagino que não haja nenhuma enguia-óssea também. Esqueceu a razão para os turanos estarem aqui, aliás?

— Não — murmurei.

Os turanos estavam lá para matar os monstros que vinham devastando as rotas comerciais do meu pai no último ano. O que havia começado como ataques esporádicos havia se agravado e, nesse verão, apenas um terço dos navios chegava a seu destino. Em nenhum ataque restou sobreviventes.

Antes desse último ano, antes de começarem a atacar nossos navios, as enguias eram conhecidas por viver apenas nas águas mais profundas do oceano Marixmore, longe de onde nossos navios quentinos velejavam. Por que haviam mudado de habitat? Teriam os monstros se aproximado do continente em busca de alimento? Haveria um novo predador forçando sua aproximação das costas de Roslo?

Teriam os deuses criado monstros ainda mais aterrorizantes do que os crux?

Não estávamos apenas perdendo nossos carregamentos. Os melhores marinheiros de Quentis vinham sendo afogados e comidos pelas enguias-ósseas. Era quase impossível, convencer qualquer pessoa a fazer a viagem pela travessia Krisenth, sem falar no custo.

As rotas comerciais precisavam de proteção. Os grãos que colhíamos e vendíamos para Laine, Genesis, Ozarth e Turah precisavam ser entregues antes que um rei considerasse esses carregamentos perdidos um insulto. Um descumprimento do tratado. Um convite à guerra.

Ninguém podia se dar ao luxo de entrar em uma guerra, não quando a migração dos crux estava tão próxima.

Precisávamos estocar nossos recursos. Ter armas, alimentos e provisões disponíveis para quando os monstros viessem. Só os deuses sabiam a destruição que causariam. Nossos navios carregados com trigo, milho e cevada não podiam ser perdidos, ainda mais quando essas colheitas já haviam sido negociadas em troca de armas e madeira.

Os soldados quentinos vinham tentando matar as enguias-ósseas, mas os monstros eram tão cruéis e ardilosos quanto qualquer guerreiro. Moviam-se em uma velocidade relâmpago, e o osso rígido que se projetava do seu crânio era capaz de romper a estrutura de qualquer navio. Nossos homens haviam conseguido matar alguns dos monstros, mas não havia sido o suficiente. Aqueles pesadelos continuavam a afundar nossos navios.

Por isso, meu pai contratou os turanos para expurgar a travessia Krisenth das enguias-ósseas. Como? Eu não tinha ideia.

— Acha que vão conseguir matá-las? — perguntei a Margot.

— Bom, se as seis criaturas penduradas no cais hoje cedo são algum indício, eu diria que sim.

— Quê? Eles já mataram as enguias-ósseas? — Eu me empertiguei. — Quando?

— Eles as trouxeram com eles ontem à noite.

Se eu soubesse, teria ignorado a falésia e ido direto ao cais. Nunca tinha visto uma das lendárias enguias-ósseas em nenhum lugar além dos livros.

— São muito grandes? São azuis?

Margot bufou.

— Você está mais empolgada por seis monstros mortos do que pelo seu casamento com Banner.

Errada ela não estava. Eu mal aparecia nas reuniões de planejamento.

Eu me virei.

— Como acha que as mataram?

— Odessa — ela disparou, virando minha cabeça à força para o espelho. — Fique. Quieta.

Quem se importava com meu cabelo? Eu não era a mulher em evidência hoje. Ninguém se importava comigo. Mas mantive a boca fechada e deixei que Margot continuasse trançando.

Antes da morte da minha mãe, Margot era sua dama de companhia. Eu tinha o mesmo cabelo da minha mãe, então Margot sabia domar os cachos.

— Vi Banner hoje. — Esperei os olhos azuis de Margot encontrarem o dourado dos meus pelo espelho. — Ele me contou que o Guardião veio com os turanos.

— Sim. — Uma ruga se formou entre as sobrancelhas dela.

O Guardião.

Um homem que diziam ser mais cruel e letal do que qualquer criatura feita pelos deuses.

As notícias sobre o Guardião chegaram às costas de Quentis havia três anos e, desde então, inúmeras histórias haviam surgido sobre sua origem.

Alguns acreditavam que ele havia saído de uma cova em Turah. Que era mais um espírito do que um ser mortal. Alguns diziam que era Izzac encarnado. Que o Deus da Morte havia se cansado do trono e se disfarçado de homem para atormentar a humanidade por diversão. E outros estavam certos de que ele havia recebido seus poderes dos deuses antigos.

Era mais um mito do que um homem, e histórias sobre ele se

espalhavam pelo continente como rastilho de pólvora.

— O que a presença dele significa? — perguntei.

— Significa que você não deveria estar perambulando sem seus guardas. Significa que não devemos nos atrasar. — Ela trabalhava com os dedos furiosos, puxando cada mecha em uma trança grossa. Hoje, porém, até meu cabelo parecia se opor a essa farsa. Quando a terceira mecha se soltou ao redor das têmporas, ela ergueu as mãos.

— Não tenho tempo para isso. Termine e vá para a sala do trono. — Ela seguiu para a porta, fazendo as saias do seu vestido azul-cobalto esvoaçarem.

Ao passar por uma janela, a luz do sol se refratou pelas joias de sua coroa. Seu cabelo dourado sedoso caía em mechas lisas pelos ombros e pela coluna. Mais do que andar, ela flutuava, com a cabeça erguida. Mesmo sem ter nascido numa família real, Margot Cross era, em todos os aspectos, uma verdadeira rainha.

Sua filha também seria.

Depois que minha madrasta saiu, virei para o espelho e relaxei.

Em momentos como esse, queria ser mais nova. Ser uma criança como Arthalayus. Meu meio-irmão passava os dias na ala infantil, completamente alheio a suas obrigações. *Ótimo.* Como herdeiro do trono, Arthy um dia assinaria um pacto de sangue de fidelidade ao pai, como a maioria dos herdeiros reais nos cinco reinos de Calandra, e logo teria mais obrigações do que eu suportaria.

Coitado.

Apesar de termos uma diferença de vinte anos de idade, eu torcia para que ele recorresse a mim se um dia precisasse de uma trégua das demandas do pai e de Margot. Até lá, eu e Mae carregaríamos o fardo.

Meu cabelo estava horrível, apesar da tentativa de Margot de fazer uma trança, mas o forcei a se render fracamente, deixando algumas mechas rebeldes caírem no rosto. Com a ponta amarrada

em uma fita de cetim, peguei a coroa que havia sido deixada na penteadeira e a coloquei.

Era pesada, o metal frio e implacável. Cravejadas no ouro reluzente estavam centenas de joias âmbar cintilantes.

Essa coroa era a única coisa em mim que não era cinza.

Deuses, como eu odiava cinza.

Endireitei a coluna e assumi a postura que meus tutores de etiqueta me ensinavam desde que eu tinha três anos. Olhei no espelho, e uma princesa me encarou pelo reflexo.

Uma princesa que estava atrasada.

3

Entrei pela porta lateral da sala do trono, prendendo a respiração enquanto me movia a passos silenciosos para me juntar a Margot e Mae à esquerda da plataforma real.

— Bem-vindos. — A voz do meu pai era tão fria quanto o grande espaço ecoante. Ele preferia uma atmosfera gelada, provavelmente porque combinava com sua atitude.

Luz entrava pelas janelas de vitral, enchendo o piso de mármore de diferentes tons de azul, verde e amarelo. Todos estavam reunidos no centro do espaço, o trono dourado de meu pai vazio na plataforma. Havia mais guardas que o normal. Quatro em vez de dois em cada porta.

O olhar de meu pai não se desviou dos homens à sua frente, mas sem dúvida ele havia percebido meu atraso. Eu seria repreendida por isso depois.

Margot e Mae permaneciam longe do grupo de homens, uma ao lado da outra, alguns passos atrás, coroadas e impecáveis. A filha tão linda quanto a mãe. Embora minha irmã fosse a cópia do pai em sua determinação férrea e obstinada, Mae era quase uma réplica de Margot em aparência, da linha clássica do nariz à ponta afilada do queixo.

Será que eu me parecia com minha mãe? Queria ter uma

lembrança de seu rosto. Ela morreu quando eu era bebê, e meu pai mandou remover os retratos dos corredores. Eu só sabia que havia herdado seu cabelo pela frequência com que Margot o amaldiçoava. Fora isso, eu não fazia ideia se tínhamos o mesmo nariz, o mesmo queixo ou a mesma boca.

Quando parei ao lado de Margot, ela me lançou um olhar de reprovação e voltou a atenção para o grupo.

Cinco turanos estavam lado a lado, seus ombros largos formando uma muralha. Eram todos pilares de músculo lapidado e força bruta. Pelos deuses, eles eram enormes.

Banner tinha mais de um e oitenta, mas, comparado àqueles homens, era magro e desengonçado. Até meu pai, que era o maior homem que eu conhecia, não era páreo para a estatura e a força dos turanos.

Não era à toa que tinham conseguido matar as enguias-ósseas.

Os turanos não vestiam trajes elegantes. Não que eu esperasse casacos sob medida ou botas engraxadas de um bando de guerreiros. Eles usavam calças de couro que se moldavam às coxas grossas. Os coletes marrons ornamentados eram usados sobre túnicas de algodão marfim, marcando os bíceps definidos. Cada um usava braçadeiras de couro nos punhos. Dois tinham tatuagens escuras intrincadas cobrindo os antebraços.

Todos estavam armados com facas ou espadas amarradas às costas. Um deles carregava três adagas no cinto. Eles pareciam preparados para uma guerra, não um jantar com a família real.

Era surpreendente que meu pai sequer permitisse a entrada deles na sala do trono daquele jeito. Normalmente, os convidados precisavam tirar as armas antes de uma audiência com o rei. Os turanos haviam se recusado? Ou os guardas nem chegaram a pedir?

— Antes de começarmos as apresentações. — A voz grave de meu pai ecoou pelo ambiente. — Gostaria de agradecer por seus

serviços. Meus homens me disseram que seis enguias-ósseas foram trazidas com seus navios na última noite. Não pensei que agiriam tão rapidamente. Por isso, têm minha gratidão.

O homem com as adagas cruzou os braços diante do peito. Tinha uma barba bronze espessa, trançada sob o queixo.

— Fizemos apenas o que nos contratou para fazer.

Havia algo no timbre do homem. Um toque de condescendência que fez o maxilar de meu pai se contrair ao erguer a mão e estalar os dedos.

A porta lateral pela qual eu havia me esgueirado momentos antes se abriu e dois guardas entraram carregando um baú tão grande que daria para eu deitar ali dentro e tirar uma soneca. Eles o colocaram no centro da sala do trono, abriram a tampa e o viraram para revelar centenas de moedas calandranas.

Nunca havia visto uma riqueza maior. Ouro e prata suficiente para alimentar todas as bocas de Roslo por meses.

Um guerreiro turano com pele marrom lisa e olhos escuros fundos andou até o baú e se agachou para avaliar o conteúdo. Seu cabelo preto era trançado em longas tranças, amarradas à nuca. Ele pegou uma única moeda e a jogou no ar. Ela caiu tilintando sobre as outras.

Seria aquele o Guardião?

— Devo fazer a conferência, alteza? — perguntou ao se levantar e voltar para junto dos outros.

Espera. Como assim? Quem ele estava chamando de “alteza”?

O guerreiro no centro da fileira negou.

Só que ele não era um guerreiro, certo? Era o príncipe herdeiro?

Eu nunca tinha visto o príncipe turano antes, mas aquele devia ser Zavier Wolfe. O herdeiro do trono turano.

Futuro marido de Mae.

Certo, essa *sim* era uma surpresa. Se Margot também estava chocada, não demonstrou. Nem Mae. Claramente, eu havia perdido

algo pelo atraso.

O príncipe Zavier estava em Roslo. O Guardião estava em Roslo.

O que estava acontecendo? Era para ser uma reunião rápida e uma oportunidade para meu pai pagar os patrulheiros turanos. Agora era uma apresentação real? Todos sabiam disso menos eu? Isso explicava a presença do sacerdote voster.

Ainda bem que Margot havia insistido em todo aquele cuidado com Mae hoje, já que esse era o primeiro encontro cara a cara com seu noivo.

— Não há necessidade de contar as moedas. — Meu pai declarou com frieza e indiferença, mas a chama em seus olhos dourados contradizia sua aparência. — Cada moeda que combinamos está aí.

O guerreiro que havia falado antes, o barbudo com as adagas, lançou um olhar avaliador a meu pai.

— E se o preço que combinamos não for mais suficiente?

Diziam que o príncipe Zavier não falava. Se o boato fosse verdadeiro, talvez aquele guerreiro falasse em seu nome, como um conselheiro. Ou um general.

Os olhos de meu pai se inflamaram, as manchas âmbar reluzindo como chamas.

— E qual, exatamente, é seu novo preço?

Antes que o guerreiro pudesse responder, as portas principais se abriram, atraindo a atenção de todos.

O sacerdote voster com que eu havia trombado mais cedo entrou na sala do trono. Seus pés descalços apareciam sob os mantos, aquelas unhas verdes horríveis à mostra. Mas ele não estava sozinho dessa vez. Dois passos atrás dele vinha outro membro da irmandade, com os mesmos mantos bordô.

Mas esse sacerdote não andava — ele flutuava um pouco acima do chão como se um vento o carregasse. Como se a gravidade atuasse de outra forma sobre seu corpo. Suas unhas eram tão compridas que se curvavam como fitas.

O impacto de sua magia foi instantâneo. O poder zumbiu pelos meus ombros e desceu pela espinha. Precisei de todo o meu autocontrole para não me contorcer.

Um sacerdote voster já era um incômodo. Mas dois? Era quase insuportável. Resisti ao impulso de esfregar os braços e correr para a porta.

Se Margot ou Mae sentiam o mesmo desconforto, não demonstraram.

Quem era esse segundo sacerdote? Ele tinha vindo com os turanos? Estava acompanhando o Guardião?

Os vosters não podiam sacudir a terra nem lançar bolas de fogo, mas podiam dobrar e torcer o ar e a água como bem quisessem. Sua magia de sangue era usada para formar laços inquebráveis. Mas eu nunca tinha visto um que levitasse antes. O poder desse sacerdote parecia mais forte do que o do emissário de meu pai.

Os dois vosters pareciam iguais, carecas com aquela pele translúcida, mas esse outro sacerdote parecia mais velho. Ele voltou a atenção, seus olhos pretos-esverdeados, na minha direção, pairando por apenas um momento, antes de voltar o foco por cima do ombro na direção das portas.

Uma tensão cresceu no ambiente e, quando meu olhar seguiu o dele, senti o coração subir pela garganta.

O homem que entrou na sequência não parecia um deus encarnado. Não parecia um espírito. Era alto e largo, como os outros turanos. Musculoso a ponto de distrair. Seu cabelo marrom-chocolate chegava aos ombros, e seu maxilar esculpido era coberto por uma barba curta da mesma cor.

À primeira vista, era apenas um homem. Impactante. Intimidador. Mas, ainda assim, apenas um homem.

Mas suas íris não tinham os mesmos riscos verdes típicos dos turanos. Eram sólidos, da cor de prata derretida. Metal líquido. Sem cor, como meu vestido.

O Guardião.

Suas botas pisavam no ritmo do meu coração retumbante enquanto ele seguia o voster. Ao contrário dos turanos, não carregava nenhuma arma, espada ou faca. Talvez meu pai tivesse insistido que viesse desarmado a essa reunião, mas eu tinha a impressão de que ele poderia matar todos nós apenas com as próprias mãos.

Como havia assassinado o irmão de Banner. Mãos firmes ao redor do pescoço até que esmagassem a traqueia.

Meus olhos se voltaram para os de meu noivo. Havia sangue no olhar de Banner. Seu ódio contra o Guardião era tão forte quanto o cheiro de minha tintura de cabelo. Mas a deusa Carine devia ter ouvido nossas preces de paz, pois ele manteve o temperamento sob controle, estoico ao lado de meu pai como o general dedicado que era.

Eu não era apaixonada por Banner. Não estava lá muito animada para me tornar a esposa de um homem que estava sob o comando do meu pai. Mas tampouco queria que ele fosse enforcado como traidor.

Os sacerdotes vosters pararam juntos, mas distantes dos outros, formando um grupo próprio nessa estranha situação, como eu, Margot e Mae.

O Guardião não os seguiu. Em vez disso, a fileira turana se abriu com sua aproximação, abrindo espaço para ele ao lado do príncipe Zavier.

Todos estavam congelados e calados. A tensão era tão densa que era difícil respirar. A magia me dava dor de cabeça.

Uma reunião. Precisávamos sobreviver apenas a uma reunião de disparates. Depois, Banner poderia sair antes que aquela veia que latejava em sua têmpora estourasse. E eu poderia fugir para meus aposentos, onde ficaria até que os turanos e os vosters deixassem Roslo.

Eu me inclinei para a frente, arriscando outro olhar para minha irmã.

Um sorriso se esboçava em seus lindos lábios. De longe, ele parecia recatado e doce. Mas eu sabia melhor. Havia malícia em seus olhos azuis, como se ela soubesse de um segredo que ninguém se deu ao trabalho de me revelar.

Mae adorava segredos. Se acrescentasse uma boa dose de conflito e uma pitada de sede de sangue, ela ficava feliz.

Seria sua natureza? Ou sua criação?

Quando eu era criança, Margot me dava bonecas para comemorar meus aniversários. Quando Mae fez cinco anos, nosso pai lhe deu um conjunto de facas douradas.

Ela se adaptaria com os guerreiros turanos, né? Com aquele príncipe? Mae havia herdado o corpo forte do pai e a altura de Margot. Dezoitos anos de treinamento a transformaram numa arma. Os turanos não fariam Mae ceder.

Talvez meu pai torcesse para que acontecesse o contrário.

— Onde estávamos? — meu pai perguntou. — Vocês tinham um problema com o valor? Como podemos resolver isso?

Hum...

Ele estava bajulando os turanos? Porque parecia bajulação. E meu pai não bajulava.

Ele havia deixado passar o comentário do patrulheiro sobre contar as moedas sem uma reação brusca. E agora estava perguntando como poderia *resolver uma questão*?

Mae havia treinado sua astúcia com os ensinamentos dele, então o que realmente estava acontecendo? Havia algo mais ali do que um rei contratando mercenários?

— Apresentações. Antes de continuarmos. — O sacerdote voster levitante falou com a voz sedosa.

Eu nunca tinha ouvido um sacerdote falar antes. Esperava um som áspero, tão cortante quanto seu poder. Mas era como música,

suave e hipnotizante. O som de uma sereia cantando para embalar sua vítima antes de devorá-la por completo.

Ao seu comando, a atenção dos homens se voltou para nós. Cinco pares de olhos turanos com manchas verdes nas íris passaram por Margot e Mae enquanto os olhos prateados do Guardião se concentravam em mim. Era tão desconfortável quanto a magia voster.

Meu pai deu um aceno para Margot.

Ela pousou a mão na lombar de Mae e, juntas, andaram na direção dos turanos, seguidas por mim, um passo atrás.

O turano no centro do grupo usava um diadema na cabeça. O ornamento não era cravejado de joias nem pedras preciosas. Eram apenas fios metálicos, entrelaçados para formar uma linha de prata.

Seu cabelo castanho era mais curto do que o dos outros, as ondas suaves penteadas para longe do rosto, as pontas cacheando um pouco na nuca. As laterais de seu diadema desapareciam sob os fios ao redor das orelhas. Uma pequena cicatriz atravessava uma de suas sobrancelhas. Seus olhos eram da cor de musgo num dia tempestuoso, que quase engolia as manchas verdes de suas íris.

O príncipe Zavier era bonito. Lindo, na verdade, com uma masculinidade robusta. E estava entediado. Não tinha um pingo de interesse em conhecer a futura noiva.

Pensei que, a qualquer momento, o veria bocejar.

O Guardião, por outro lado, parecia achar graça, como se tudo fosse uma piada. Os cantos de seus olhos se enrugavam com seu sorrisinho pretensioso.

Qual era a graça? O que eu estava perdendo?

— Príncipe Zavier, apresento-lhe minha filha, Mae — meu pai falou. — De acordo com o Escudo de Pardais, ela será sua noiva no equinócio outonal, daqui a três meses.

Zavier observou Mae por um longo momento, depois olhou de esguelha para o Guardião.

Uma conversa silenciosa se passou entre eles. Era esse um dos poderes do Guardião? Ele conseguia ler mentes?

Bom, se conseguisse ler a minha...

Vá embora. Por favor, obrigada.

O Guardião deu um aceno para o príncipe, depois falou com uma voz rouca que me deu arrepios.

— Ela não.

Margot piscou devagar.

— Como assim?

— Ela. — Os olhos do Guardião se voltaram para a minha direção, e todos na sala seguiram seu olhar.

Para mim.

— O príncipe Zavier vai se casar com *ela* — declarou. — Hoje. Como a noiva de recompensa por termos matado suas enguias-ósseas.

4

O silêncio na sala do trono era denso como uma nuvem de fumaça, tirando o ar dos meus pulmões. O chão começou a balançar e a girar, meu equilíbrio vacilando.

Margot envolveu meu antebraço e, por um momento, fiquei grata por seu toque firme. Mas suas unhas se cravaram com tanta força que quase rasgaram a pele.

Mesmo enquanto a dor subia do meu pulso até o cotovelo, não me mexi. Não conseguia.

Ela.

Eu? O príncipe Zavier queria se casar comigo?

Não. Nem pensar. Isso não estava acontecendo. Eu estava alucinando. Tinha engolido muita água do mar. Era isso ou Ferious estava pregando uma de suas peças. Parecia algo que o Deus da Travessura adoraria. Talvez fosse o voster. Aquele sacerdote que ainda não havia tocado o chão plantara esse pesadelo em minha mente.

Não era real. Não podia ser.

Eu estava noiva de Banner. Mae se casaria com o príncipe turano. Mae. Não eu. Mae.

Margot me apertou com mais força, a ponta de seus dedos afundando na minha pele. Felizmente, minha pele não ficava

marcada fácil. Senão, estaria com cinco semicírculos no dia seguinte.

Mas não tentei me soltar. Estava ocupada demais ouvindo a palavra do Guardião ecoando em minha mente.

Ela.

Ela. Ela. Ela.

Eu.

O silêncio cresceu mais e mais. A tensão aumentou duas vezes. Três vezes. A explosão era inevitável. E, quando o silêncio finalmente se quebrou, todos explodiram ao mesmo tempo.

— Deve haver algum engano — Margot contestou entre dentes. Cada sílaba era pontuada por suas unhas fincadas em meu braço.

— Não. — A voz de meu pai era estrondosa, sacudindo as paredes.

Um rosnado, áspero e feroz, saiu da garganta de Mae.

E então Banner declarou o óbvio.

— Ela é *minha* noiva.

E uma risada. Grave. Baixa. Seca e sem humor.

Pisquei, forçando minha visão a focar, concentrando-me naquela risada.

O Guardião. Estava rindo. Seus olhos prateados cintilavam brancos como raios, e seu sorriso se alargou.

Cretino.

Margot prendeu o ar.

O maxilar de meu pai se contraiu.

Droga. Acho que falei isso em voz alta. Bom, ele era um cretino por rir.

Abri a boca, não para me desculpar, mas para repetir, dessa vez com mais clareza, mas a mão de meu pai se ergueu no ar, trazendo de volta aquele silêncio opressor.

Todos os homens na sala do trono pareceram se empertigar. Um dos guerreiros levantou a mão, apenas um pouco, como se

estivesse se preparando para sacar a espada das costas.

— Príncipe Zavier — meu pai falou. — Mae é minha filha destinada a ser sua noiva. Se quiser abrir mão das festividades planejadas para o equinócio, nós organizamos a união hoje.

Meu olhar vagou pela sala, passando dos turanos aos vosters e indo para meu pai e Banner e voltando.

O príncipe ainda parecia entediado. Os vosters, em um coma coletivo. Banner, letal. A expressão de meu pai era fechada demais para discernir. Mae e Margot estavam furiosas. Comigo.

E o Guardião ainda sorria.

Eu o odiei instantaneamente. Talvez devesse ter desejado que Banner cortasse sim o pescoço dele.

Pelos tons, eu precisava sair dessa sala do trono. Imediatamente.

Meu pai não permitiria isso, certo? Diria ao príncipe exatamente o que pensava de uma noiva de recompensa, o que quer que isso significasse.

Mas meu pai continuou em silêncio, a boca apertada numa linha fina e o olhar fixo nos turanos, esperando a resposta deles.

Ele se incomodava que me pedissem como pagamento de uma dívida? Que solicitassem a entrega de sua filha como se fosse um baú de moedas? Ou a raiva que fervia em seus olhos dourados era simplesmente porque suas ordens estavam sendo questionadas?

Eu não queria saber a resposta.

Quando desviei os olhos de meu pai, o olhar do Guardião me esperava.

Não estava tão prateado quanto no momento anterior. Seus olhos escureceram, o prateado dando lugar ao cinza e ao marrom e ao verde. Avelã dura como pedra.

Sua risada não estava mais lá. Havia dado lugar a uma malícia fria e cruel.

Meu coração batia tão rápido que chegava a doer. O sangue pulsando em meus ouvidos era ensurdecedor. Mas não tirei os

olhos das íris que se transformavam. Da mirada furiosa. Não me encolheria sob o olhar daquele assassino.

Meu pai havia me ensinado muito tempo antes que apenas os tolos se acovardavam.

Eu podia não ser sua filha favorita, mas tentava não ser uma tola. Por isso, encarei o olhar do Guardião, minha determinação tão inflexível quanto o ferro de Ozarth. Eu e Mae tínhamos a mesma veia obstinada.

O canto da boca do Guardião se ergueu.

Sim, ainda um cretino. Fiquei feliz em ser sua fonte de entretenimento do dia. Curvei o lábio e desviei a atenção, dessa vez para o príncipe Zavier.

Ele estava imperscrutável. Nenhum indício de emoção. Nenhum sinal de interesse ou indiferença. O seu olhar era o mais intimidador que eu já tinha visto na vida, mais até do que o do meu pai.

Um calafrio desceu por minha espinha.

Se o olhar do Guardião era um teste, o do príncipe era uma promessa. Eu seria sua esposa.

O chão sob minhas sandálias balançou de novo.

— Ela não lhe pertence. — Fúria emanava do corpo de Banner, que praticamente tremia. — Ela é minha.

Poderia ter sido romântico. Exceto que Banner não estava bravo porque outro homem tentava roubar a mulher que ele amava. Não, Banner estava furioso por perder seu elo com a família real.

Eu podia não ser a princesa favorita, mas *era* uma princesa. Um presente por seu serviço. Um símbolo de seu prestígio.

O Guardião respondeu o escárnio de Banner com desdém.

— Era sua. Agora pertence ao príncipe. Satisfará tanto à noiva de recompensa como ao tratado. Será nossa rainha.

Rainha.

Era ridículo. Eu odiava usar sapatos e vestidos e ficar presa em

ambientes fechados. Detestava a monotonia de aulas e lições. Não era feita para governar ou liderar. Política era algo enfadonho, e festas reais, superestimadas. Eu não era uma rainha.

A coroa em minha cabeça começou a coçar.

— Não aceito isso — Banner anunciou. — Você vai se casar com Mae.

O príncipe Zavier virou o queixo e lançou aquele olhar impassivo para meu noivo. Um desafio para contrariar a realeza. Contestar o tratado mais antigo de que se tinha conhecimento em Calandra.

Banner engoliu em seco.

Zavier o dispensou com um piscar de olhos e se voltou para meu pai.

— O príncipe terá quem deseja. — Era como se o Guardião estivesse dentro da mente de Zavier, expressando o que o príncipe não podia falar. — E é ela que ele deseja.

Ela. Lá estava a palavra de novo.

Ai, deuses. Eu estava prestes a passar mal.

— O tratado do Escudo de Pardais estipula uma filha da escolha do rei. Como sou o único rei aqui presente, a escolha é minha. — Meu pai apontou para Mae. — Você se casará com Mae. Ela é a Pardal. E receberá o ouro que prometemos por sua ajuda com as enguias-ósseas.

Esses homens estavam nos negociando como se fôssemos colheitas.

Mae se pavoneou, parecendo honrada em ser mercadoria. Ela se endireitou, os ombros eretos, e abriu um sorriso satisfeito.

Meus molares rangeram, quase rachando, mas consegui ficar quieta. Não adiantaria nada reclamar. Ninguém dava a mínima para minha opinião. Meu destino não era meu, e meu futuro seria determinado por esses *homens*.

Zavier suspirou, como se a discussão estivesse atrapalhando seu

cochilo da tarde.

Eu odiava esse homem. Odiava todos eles.

— O rei Cross está correto. — O emissário voster de meu pai falou com a mesma voz suave que o sacerdote. — A filha a ser oferecida pelo Escudo de Pardais é da escolha do rei.

O ar escapou de meus pulmões. Quem imaginaria que um voster seria minha salvação?

— O tratado exige apenas que seja dada uma filha a outro reino a cada geração. O pai dela tem o direito de escolher qual — o sacerdote continuou. — Embora ainda haja a questão da noiva de recompensa pelas enguias-ósseas.

Meu pai negou com a cabeça.

— Não existe noiva de recompensa. Pagaremos em ouro.

— Ele não quer ouro — o Guardião afirmou.

Certo. *Ela*. Ele me queria. Por quê? Eu não era especial.

O outro sacerdote, o voster que ainda pairava no ar, ergueu uma mão e, antes que ele falasse, eu soube que odiaria cada palavra que saísse de sua boca.

— O príncipe matou sete criaturas fêmeas para vossa majestade, a seu pedido, rei Cross. Se ele exige uma noiva de recompensa, a dívida deve ser paga. E, por isso, a noiva é da escolha *dele*.

— Seis — meu pai corrigiu. — Havia apenas seis enguias-ósseas.

Seis ou sete. Quem se importava com um número aleatório de monstros? E daí se Zavier era bom com uma espada, uma besta ou seja lá qual arma usara para matar aqueles monstros? Podíamos, por favor, voltar à história da noiva de recompensa? Porque eu adoraria saber se estarei casada ou não antes do amanhecer.

— Seus informantes estavam enganados, majestade. — O sorriso cruel do Guardião se alargou. — *Sete* enguias-ósseas fêmeas foram mortas na travessia Krisenth. Todas pelo próprio príncipe. Segundo a Cadeia de Setes, o príncipe pode exigir uma noiva de recompensa.

Cadeia de quê? Olhei de esguelha para Margot, e o pavor na minha barriga cresceu quando a cor se esvaiu do rosto dela.

— A Cadeia de Setes não passa de uma lenda infantil — Banner debochou. — Não é vinculativa. Pegue seu ouro e parta. Volte quando estiver pronto para se casar com Mae e assinar o Escudo de Pardais.

— A Cadeia de Setes não é uma lenda — o Guardião retrucou. — Seu pedido para matar as enguias-ósseas deveria ter sido mais específico.

Específico sobre o quê, exatamente?

— Do que estão falando? — Todos pareciam surpresos por eu ter uma voz. — Cadeia de Setes? O que é isso?

— Sete vidas numa cadeia. — O emissário de meu pai falou com delicadeza, como se tentasse amenizar o golpe. — Há muito tempo, antes dos cinco reinos, as terras e os mares foram invadidos por monstros. Para retomar o controle, os senhores governantes elaboraram um decreto. Qualquer guerreiro que arriscasse a vida contra as bestas teria direito a um prêmio de sua escolha caso regressasse com a cabeça de sete fêmeas da espécie. Como em todos os tratados, a Cadeia de Setes foi selada com nossa magia.

Ou seja, morte a qualquer pessoa que violasse seus termos. Se meu pai ficasse em dívida com o príncipe e se recusasse a pagar, a magia dos vosters tiraria sua vida.

Era por isso que os turanos haviam trazido esse outro sacerdote? Para exigir o cumprimento do decreto? Bom, se ele tinha o poder de selar o acordo, também podia anulá-lo, não?

— Por que sete? — Minha voz tremia. — Por que esse número é importante? E por que fêmeas?

— Para alterar a cadeia da vida — o sacerdote flutuante respondeu. — Matar sete fêmeas quebra a cadeia. Quando se quebra em lugares suficientes, ela perde a força.

Não era fácil matar tantos monstros e sobreviver. Então os

governantes antigos concediam uma benesse pela façanha? Quem triunfava ganhava uma recompensa.

Até mesmo uma noiva.

Banner estava certo. Parecia história de um livro infantil.

— A Cadeia de Setes não é real. Não passa de uma lenda. — Meu pai levantou a cabeça. — A única noiva que o príncipe Zavier terá é Mae para cumprir o Escudo de Pardais. Não vou mandar Odessa no lugar de Mae por causa de um mito arcaico como a Cadeia de Setes.

O voster levitante encarou meu pai.

— O que você chama de mito arcaico é magia antiga. E magia antiga ainda é magia, rapaz. É perfeitamente real. — Com a última palavra do sacerdote, um vento frio passou pela sala do trono. Agitou as saias de meu vestido ao redor dos tornozelos e soprou uma mecha do cabelo de Margot sobre meu rosto.

Então, como se nunca tivesse existido, o vento parou. A barra do meu vestido caiu com um farfalhar.

Margot se endireitou, finalmente tirando a mão do meu braço.

O alívio durou pouco. O voster desceu, a planta dos pés finalmente encostando no chão. Isso devia ter ancorado sua magia, intensificando-a de alguma forma. O formigamento em minha pele ficava mais profundo, mais intenso, conforme a magia permeava o ambiente.

O vento havia cessado, mas o frio permaneceu, intensificando-se mais e mais. Cristais se formaram nas janelas. Uma geada cobriu o chão. Minha respiração rasa formava fumaça. Meus dentes batiam.

O tempo se arrastou, os minutos passaram numa agonia silenciosa, e a temperatura não subiu em momento algum. Se ele nos mantivesse ali, se nos aprisionasse nessa sala, morreríamos congelados.

Como se o voster não tivesse deixado a ameaça clara o suficiente, a temperatura voltou a baixar, ficando tão fria que o gosto metálico de sangue se espalhou por minha língua. Parecia que meus

pulmões congelavam. Minhas narinas queimavam a cada inspiração.

Ao meu lado, Margot começou a tremer. Mae, pela primeira vez, parecia apavorada. Até meu pai empalideceu.

Os turanos estavam imóveis como estátuas, parecendo indiferentes. Por um momento, me perguntei se o voster os poupava da demonstração, mas a geada se espalhava pelo diadema do príncipe. Zavier e o Guardião trocaram um olhar, não de preocupação, mas de alerta.

Meu pai havia ido longe demais ao questionar a magia dos vosters.

— Selei as Setes com minha própria magia e o sangue de reis antigos. — A voz do voster era tão letal quanto as lascas de gelo que se formavam no teto. — Cuidado com o que chama de mito arcaico.

Meu pai baixou a cabeça. Era a primeira vez na vida que eu o via baixar a cabeça para outra pessoa. Ele não fazia isso nem para o próprio emissário voster. Claro, esse sacerdote estava prestes a matar todos nós, então agora era sim o momento de demonstrar alguma humildade.

— Perdão, sumo sacerdote — meu pai murmurou.

Sumo sacerdote? *O* sumo sacerdote? Para mim já deu de surpresas por hoje.

Minha mente estava ficando sem ter onde guardar todas as novas informações. Essa reunião era para ser apenas uma formalidade. Se eu soubesse que o sumo sacerdote estaria presente, teria continuado nadando.

De acordo com aquele único livro sobre a irmandade, os vosters eram longevos, mas não imortais. Como não se tinha notícias do sumo sacerdote havia décadas, a maioria acreditava que estivesse morto.

Não, estava apenas se escondendo entre os turanos. Era ele um

embaixador do príncipe Zavier? Morava em Turah?

— Ela é sua filha, certo? — o sumo sacerdote perguntou.

— Certo — meu pai respondeu.

— Então será a noiva do príncipe tanto para o Escudo de Pardais como para a Cadeia de Setes.

Ela. Ela.

Eu.

5

O ambiente esquentou com a declaração do sumo sacerdote.

Margot soltou o ar, o corpo tremendo com a respiração, sem formar mais fumaça. Ela odiava o frio porque a fazia sentir dor nos joelhos.

O gelo derretia conforme a temperatura voltava ao normal. O som das gotas d'água caindo no mármore ecoava pela sala do trono.

O emissário do meu pai levantou a mão e, assim como tinha feito com meu cabelo, girou o dedo num círculo. Fios de água correram para as portas principais fechadas, escapando pelas frestas.

Tão depressa quanto havia começado, a demonstração da magia dos vosters acabou. Fora a irritação na minha pele, todos os vestígios despareceram como se o gelo e o vento nunca tivessem tocado esse lugar.

O príncipe Zavier acenou com a cabeça para os freis vosters, depois se virou e se dirigiu à saída. Seus patrulheiros formaram uma fila e o seguiram.

Era só isso mesmo? Ele tinha vindo atrás de uma noiva de recompensa, pensei, indignada, e conseguiu o que queria.

O Guardião saiu na sequência, sem olhar para trás.

O sumo sacerdote pairou no ar e flutuou para o lado do

Guardião.

Foi apenas quando as portas se fecharam atrás deles que arrisquei um suspiro.

— Frei Dime. — Os olhos de meu pai eram suplicantes enquanto se dirigia a seu emissário. — Deve haver algo que possamos fazer.

Dime. Estranho que eu ainda não soubesse seu nome.

Ele não era um visitante assíduo no castelo, mas esteve presente em algumas ocasiões ao longo de minha vida. O funeral de meu avô. O banquete dos cinco reis que meu pai servira cinco anos antes. A apresentação de Arthalayus como herdeiro da coroa quentina.

Eu devia ter me apresentado antes. Talvez o frei Dime tivesse falado em meu nome, enfrentado o sumo sacerdote, se eu tivesse demonstrado interesse em saber seu nome.

— Mae deve ser a rainha turana — meu pai declarou. — Não pode ser Odessa. Ela não é capaz.

Essa doeu. Tudo bem eu não ser a filha escolhida, mas a ideia de eu SER uma rainha era mesmo tão inconcebível assim?

Não que eu quisesse ser rainha. Nem. Pensar.

— Ah, deuses. — Pressionei a ponta dos dedos nas têmporas, bem onde a dor despertava.

Isso não estava acontecendo. Não era real.

Frei Dime veio até mim, sua proximidade fazendo minha cabeça latejar ainda mais.

Minhas mãos caíram ao lado do corpo quando encontrei seu olhar insondável.

— Por favor.

— É seu destino, criança. — Ele estendeu a mão para mim, os dedos longos e finos esticados.

Mas, antes que ele pudesse tocar meu rosto com os dedos esqueléticos, me esquivei, chegando mais perto de Margot, na esperança de que o corpo dela absorvesse a sensação da magia.

Dime me observou por um longo momento, inclinando a cabeça para o lado como havia feito antes. Piscou os olhos sinistros e saiu da sala do trono, desaparecendo para onde quer que se escondesse quando visitava Roslo.

Será que ele tinha uma ala no castelo? Ou se hospedava na cidade? Talvez eu devesse ter perguntado sobre isso também.

Sem precisar controlar o desconforto que sentia com a magia dele, os vestígios restantes de força se esvaíram do meu corpo. Caí no chão, os joelhos batendo com estrondo no mármore. Meu estômago se revirou, e a minha refeição de horas antes ameaçou voltar, mas contive a vontade de vomitar.

— Deuses. — Fiz o sinal dos Oito, passando a mão ao redor do rosto e do coração. Duvidava que os Oito Deuses estivessem ouvindo, mas, se Ama, Oda e seus seis filhos pudessem oferecer um pouco de intervenção divina, eu aceitaria.

— Odessa é minha futura esposa. — Banner bateu o pé no chão.

— Você ouviu o sumo sacerdote. — Meu pai tirou a coroa e passou a mão pálida pelo cabelo dourado. Os fios em suas têmporas pareciam mais cinzentos.

As pessoas o chamavam de Rei Dourado. Seu cabelo era da cor de trigo maduro. Seus olhos eram salpicados de dourado como moedas. As manchas âmbar faziam com que o olhar de meu pai sempre tivesse um brilho.

A magia arraigada nas profundezas da terra de Calandra tingia nossas íris com essas manchas ao nascer, associando-nos para sempre a um lugar. Onde quer que morássemos, para onde quer que nos mudássemos, a cor não mudava. Todo quentino tinha uma mancha âmbar.

Todo quentino menos eu.

Meus olhos eram totalmente dourados. Nenhuma mancha visível.

Quando eu era criança, perguntava a meu pai por que era

diferente. Depois de ele ignorar a pergunta inúmeras vezes, parei de tentar entender.

Quando eu e Mae éramos pequenas, quando chegou a hora de definir a Pardal e ele a escolheu em vez de mim, também não ganhei uma explicação.

O Rei Dourado não devia explicações a ninguém.

A alcunha de meu pai se devia sobretudo à incrível riqueza que trouxe a nosso reino desde que herdara a coroa de meu avô.

Quentis não era rica antes de seu reinado. A paixão de meu avô eram mulheres e festas e gastar o dinheiro do povo com extravagâncias. Ele era a razão de esse castelo ter sido banhado em ouro.

Meu pai escolhera usar nossos recursos com mais prudência. Suas fortunas ficavam trancadas sob o castelo, não expostas nas paredes. Embora nem mesmo o Rei Dourado pudesse pagar essa dívida com riquezas.

— Deve haver outra forma — Banner contestou. — Os turanos não podem tirá-la de mim. Isso não pode estar...

— Banner. — A voz de meu pai ecoou pelas paredes. — Saia.

— Meu rei...

— Saia.

Banner, o sempre fiel general, saiu sem mais delongas, as botas ecoando com força pelo piso.

— Fora — meu pai comandou aos guardas. Ao contrário de Banner, não houve nenhuma discussão.

Sem eles, restamos apenas nós. A família.

Ouvi o som de uma lâmina sendo desembainhada um momento antes de uma faca ser encostada em meu pescoço.

— O que você fez? — Mae perguntou, furiosa.

— Tire essa faca de mim. — Depois de tudo, eu não tinha energia para as gracinhas da minha irmã. Eu estava prestes a me jogar de outra falésia, e ela achava que *agora* seria um momento

para testar o fio de sua lâmina? Sério mesmo?

Empurrei sua mão, forçando-a para longe de meu pescoço. Mas não antes de ela fazer um leve movimento com o punho, o suficiente para cortar a minha pele e tirar uma gota de sangue.

— Porra — silvei de dor, apertando a ponta do dedo na ferida. — É sério que você acabou de me cortar? Tons, você é um demônio.

— Me conte o que fez — ela retrucou.

— Nada. Não fiz nada.

Seus traços belos se contorceram de raiva.

— Então por que o príncipe Zavier quer você?

— Eu lá vou saber? — Limpei o sangue do pescoço, lançando um olhar fulminante para ela enquanto o secava na parte debaixo da manga. — Vai ver não gosta de loiras.

Minha irmã veio pra cima de mim, o outro punho cerrado, pronto para acertar meu nariz, mas, antes que ela pudesse chegar perto, a mão de meu pai se fechou ao redor do pulso dela, detendo o golpe.

Ele tirou a faca da mão dela e a jogou para longe, até parar na escada da plataforma do trono.

— Mae — Margot repreendeu. — Você não está ajudando.

— Alguma coisa ela fez, mãe. Manipulou ou...

— Chega. — O comando de meu pai não deixava espaço para desobediência. Ele soltou Mae e se agachou na minha frente, seus olhos dourados vasculhando os meus. — Me responda com sinceridade. Chegou a encontrar Zavier antes de hoje?

— Não. — Balancei a cabeça. — Nunca.

— Chegou a cruzar com algum dos turanos desde que eles chegaram?

— Nenhuma vez.

— Onde você estava hoje?

Nada de bom viria da verdade. Meu pai não sabia dos mergulhos da falésia. Banner achava que eu subia ao mirante apenas para

desenhar, ter uma vista melhor da cidade e escapar das muralhas do castelo. E Margot e Mae achavam que eu adorava nadar na costa.

Não havia a menor chance de meu pai ver meu querido passatempo como algo corajoso em vez de imprudente.

— Saí para caminhar lá fora. Depois fui nadar.

Seus olhos se estreitaram como se conseguisse sentir a meia-verdade.

— E?

— Quando entrei, dei de cara com o frei Dime na saída de uma galeria.

— Qual galeria?

— Ah, hum... a galeria dos crux.

— Vai entender essa sua curiosidade por aquele corredor — ele disparou, a respiração pesando.

Eu me retraí.

— Desculpa.

Ele havia me dito em mais de uma ocasião que aquele não era um bom lugar para ficar perambulando. Meu pai não entendia meu interesse pelas migrações. Também não sabia que meu interesse hoje não era pela arte nem pelos monstros. Era simplesmente por ser a maneira mais fácil de entrar sem ser notada.

Meu pai suspirou.

— O que mais aconteceu hoje?

— Nada. Depois que vi o frei Dime, subi correndo as escadas para colocar o vestido. Margot me ajudou com o cabelo. — Meu pai não se moveu. Não falou nada. Uma desconfiança enchia seus olhos, como se soubesse que eu não tinha contado toda a verdade.

Esse silêncio era uma de suas táticas favoritas. Ele gostava de ver quem seria o primeiro a quebrá-lo.

Normalmente, era eu. Confessava ter me escondido de tutores ou dado os restos de comida para seus cães de caça. Admitia ter me esgueirado na cozinha atrás de guloseimas ou fugido dos guardas

ao visitar o cais.

Mas a verdade sobre aquela falésia era minha. Eu não cederia, não nesse ponto. Se, por algum milagre, ele encontrasse uma forma de me tirar dessa confusão com os turanos, essa liberdade eu não perderia.

— Deuses. — Meu pai suspirou, passando a mão no queixo. — Sinto muito, Dess.

Meu corpo inteiro se abalou. Quando foi a última vez que ele havia me chamado de Dess? Fazia anos. E eu nunca tinha ouvido ele se desculpar.

A suavidade em seus olhos me era tão estranha que senti um aperto no peito. Ele não me olhava assim desde... muito, muito tempo. Desde que eu era criança. Desde que acordava no meio da noite, gritando por causa de um pesadelo, e meu pai me abraçava até o sol nascer.

— Sinto muito que precise fazer isso.

— Não posso, pai. Por favor, não me obrigue.

Ele traçou os dedos em minha bochecha.

— Você precisa.

— Não quero me casar com ele. Deve ter algum jeito de reverter isso.

Ele se inclinou para trás e me abriu um sorriso triste.

— Noiva de recompensa à parte, não podemos nos dar ao luxo de irritar os turanos com uma recusa. E não podemos quebrar o Escudo de Pardais, não com a migração de crux se aproximando. Mae iria a Turah. Você deve assumir o lugar dela. Deve ser a Pardal agora.

Era outro tratado assinado com sangue e selado com magia.

Se um rei se recusasse a entregar a filha a outro, o pai morreria. Até onde eu sabia, nenhum homem nunca havia escolhido a filha em vez de si mesmo.

Eu definitivamente não esperava esse tipo de sacrifício.

Além das condições de casamentos arranjados, o Escudo de Pardais era um tratado de comércio. Garantia a sobrevivência dos cinco reinos. Era *relativamente* igualitário. Nos proporcionava todos os recursos necessários para prosperar. E, quando chegasse a migração dos crux, para sobreviver.

Negociávamos os recursos que conseguíamos cultivar, como colheitas e gado, por aqueles que não conseguíamos. O ferro de que Quentis precisava para forjar armas vinha de Ozarth. A madeira que usávamos para os edifícios, de Turah. Laine nos fornecia especiarias e ouro. E Genesis extraía o óleo que queimávamos em lanternas e fogões.

Desde o dia em que o Escudo de Pardais foi estipulado, as guerras que antes eram comuns pelo continente cessaram abruptamente. Mas nossos ancestrais temiam que negociar apenas mercadorias não bastaria para manter a delicada paz, então acrescentaram a união das nações com sangue.

A cada geração, antes de cada migração, uma filha se casaria com outra família real para que seus filhos tivessem laço de sangue com ambos os países.

O casamento arranjado mais recente havia sido entre Laine e Ozarth.

As cerimônias eram eventos suntuosos. Todos os reinos eram convidados para celebrar, pois as uniões serviam para nos lembrar do bem maior. Que a paz deveria ser preservada a todo custo.

Não podíamos guerrear uns com os outros e com os crux. Os monstros não se importavam com quais terras atacavam. E não tinham nenhuma misericórdia.

Os crux escureceriam os céus por meses, o sol bloqueado por milhares e milhares de asas batendo. Rebanhos seriam massacrados. Plantações e colheitas, aniquiladas. Edifícios, arrasados; capitais, destruídas.

Desde o Escudo de Pardais, os cinco reinos haviam resistido,

sobrevivendo a nove migrações.

Celebrando nove casamentos.

O de Mae teria sido o décimo.

Se não fosse por essa merda de Cadeia de Setes.

— Não acredito — sussurrei. — Isso não pode estar acontecendo.

— Escute. — Meu pai segurou meus ombros e me deu um chacoalhão, deixando de lado a delicadeza do momento anterior. — Há muito mais a ser feito antes do anoitecer. Muito que você deve aprender.

— Não é um pouco tarde para começar a me preparar para governar um reino estrangeiro?

— Odessa. — Meu pai chacoalhou meus ombros de novo. — Você precisa descobrir um jeito de entrar em Allesaria antes do fim do verão. Depois me enviar as informações de como posso encontrar a cidade e me infiltrar nela.

Fiquei boquiaberta, repetindo seu pedido.

— Q-quê?

Ele queria mandar uma legião à capital turana? Havia uma cláusula no Escudo de Pardais proibindo a invasão de um reino por outro. Quebrá-la custaria o mesmo preço de se recusar a entregar uma filha em casamento.

A morte do rei.

Invadir a capital turana não apenas começaria uma guerra como custaria a vida de meu pai.

Ele não podia estar falando sério. Podia?

— Suas damas de companhia vão com você a Turah — ele continuou. — Invente uma desculpa para enviar uma ou ambas de volta a Quentis com as informações que descobrir.

— Brielle e Jocelyn?

— Allesaria é sua prioridade. Entendeu? É crucial para meus planos. Não podemos demorar. Mas você também deve descobrir

tudo que puder sobre o Guardião e seus poderes. Encontre uma maneira de matá-lo.

Meu queixo caiu.

— Quer que *eu* mate o Guardião?

Um assassino. Um homem que diziam ter matado os monstros lendários de Turah. Talvez o melhor combatente de Calandra. Aquele Guardião?

— Sim — meu pai respondeu. — Você precisa tentar. No mínimo, descubra do que ele é capaz. Mesmo com todos os espiões que mandei a Turah, ninguém conseguiu descobrir a extensão dos poderes dele nem sua origem.

— Poderes? Ele parece... normal. — Ou melhor, quase normal.

Os boatos sobre o Guardião diziam que ele era rápido como uma víbora. Que tinha a força de dez homens. Mas seus dons não eram como os dos vosters. Ele não parecia ter magia dos fluidos ou magia de sangue. Não havia demonstrado absolutamente nenhum poder hoje.

Exceto seus olhos. Não tinham nenhuma mancha, como os meus. E seus olhos haviam mudado de cor, a menos que eu tenha imaginado. Eu não sabia o que era real a essa altura. Uma hora antes, nem sabia da existência da Cadeia de Setes ou de uma noiva de recompensa, mas lá estava eu, prestes a pagar por isso graças a um príncipe entediado e taciturno.

Olhei para Margot na esperança de encontrar algum vestígio de compaixão.

Não. Nem um pouco. Ela ainda estava furiosa.

Mae se esgueirava até a faca abandonada.

E meu pai parecia, bom... irritado. Como se suas marionetes não estivessem obedecendo aos puxões dos cordões.

Era isso que éramos. Fantoches. O turbilhão em minha cabeça parou de repente ao me dar conta.

— V-você planejou isso? — As enguias-ósseas e os mercenários e

o que quer que ele também tivesse em mente.

Ele franziu a testa.

— Você achou mesmo que os legionários de Banner não seriam capazes de matar meia dúzia de enguias-ósseas?

Então, sim, ele havia planejado isso.

— Pessoas morreram. Você enviou soldados à Krisenth sabendo que não voltariam? — *Fale que não. Por favor, fale que não*. Eu não conseguiria olhar na cara dele novamente se ele tivesse usado o próprio povo como isca para uma trama política.

— As enguias-ósseas estavam *sim* atacando ao longo da rota comercial. Cada vida perdida foi uma tragédia. Quando percebemos que não era mais seguro, forjamos o desaparecimento de alguns navios. Todos os soldados a bordo voltaram para casa. Mas os turanos não precisam saber disso.

Minha postura relaxou. Já era alguma coisa.

— Não entendo. Mae se casaria com ele em três meses. Por que não esperar até o equinócio? Por que os trazer aqui agora?

— Não posso esperar três meses. Tentamos encontrar o caminho para Allesaria durante anos, décadas. Pelo que podemos supor, a capital fica nas profundezas das montanhas turanas. Se for isso mesmo, pode ser que um exército não consiga passar depois da chegada do inverno. Queria que Mae tivesse tempo de encontrar uma forma de invadir a cidade e uma legião fazer a jornada antes da neve. Caso contrário, vamos ter que esperar até a próxima primavera. Se os crux migrarem antes do que os estudiosos preveem, vou perder minha chance.

— Chance de quê? De conquistar Turah?

Seu maxilar se contraiu.

— Eles têm algo que quero naquela cidade.

— O quê?

— Não é importante que você saiba os detalhes. Mas é crucial que encontre uma forma de entrar na cidade antes da migração. É

nossa única chance de deter os crux.

O tempo parou. Meu coração também.

Deter os crux. Isso era possível? Será que havia mesmo uma forma de impedir que os monstros destruíssem Calandra? Uma forma de impedir os horrores representados na galeria do castelo?

— Como?

— Isso não posso explicar. Não ainda. Mas, pelo bem de nosso povo, você deve fazer o que estou pedindo. Deve confiar em mim. Encontre uma forma de entrar em Allesaria.

— Mas os tratados. E os...

— Tratados podem ser quebrados, Odessa. Lembre-se disso.

A tontura na minha cabeça voltou com força total.

— Como? Isso levaria à sua morte.

— Não necessariamente.

Do que ele estava falando?

— Não entendo.

Ele voltou a posicionar a coroa na cabeça.

— Não precisa entender.

Não importava se eu compreendia os detalhes sutis. Meu pai me manteria no escuro a menos que não houvesse outra opção. Ele me diria apenas o que eu precisava saber para cumprir suas ordens, pelo visto.

— Como o senhor sabia que o príncipe Zavier viria quando os contratasse para matar as enguias-ósseas? — perguntei.

Ele suspirou, claramente irritado com minha série de perguntas, mas respondeu mesmo assim.

— Soubemos de diversas fontes que ele anda viajando mais com seus patrulheiros. Não era nada garantido, mas valia a pena tentar. Quando soubemos que o Guardião e o sumo sacerdote foram avistados com o grupo, imaginei que Zavier estivesse com eles também.

— Mas o senhor previa a noiva de recompensa?

— Isso foi... inesperado.

Massageei as têmporas de novo, a dor voltando enquanto eu tentava encontrar sentido nessa conversa.

— Então o senhor contratou os turanos para matar as enguias-ósseas e os trouxe até aqui para que recebessem o pagamento sabendo que era provável que Zavier também viesse, na esperança de que o príncipe... o quê? Olhasse para Mae e se apaixonasse loucamente por ela e exigisse que o casamento fosse realizado três meses antes do previsto?

Meu pai bufou.

Besteira minha. Tinha esquecido que meu pai não acreditava em amor.

— Pensei que ele estaria aberto a mudar a data da cerimônia — ele respondeu. — Que, se viesse aqui, eu poderia persuadi-lo a adiantar o casamento sob o pretexto de fortalecer nossas rotas de comércio. Trabalhamos tanto para acumular os estoques em preparação para os crux. Turah sofreu dois anos de seca. A produção deles não é suficiente para sustentá-los durante a migração. Estava torcendo para acelerar a cerimônia em troca de um aumento nas remessas de grãos. Assim, Mae poderia partir com eles já neste verão. Teria mais tempo para reunir informações sobre Allesaria.

— E se o príncipe não tivesse vindo? E se não quisesse adiantar o casamento?

— Na pior das hipóteses, eles levariam nosso ouro como pagamento e ela se casaria com Zavier no equinócio.

Mas essa não era a pior das hipóteses. Eu era a pior das hipóteses.

— Por que ele me escolheu?

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas de meu pai.

— Não sei.

— Ele desconfia que Mae poderia ser uma espiã?

— Seria ingenuidade não desconfiar. Não é segredo que todos os reinos de Calandra têm curiosidade sobre a localização de Allesaria. Mas essa é a única oportunidade que eles não podem recusar.

Uma oportunidade que só seria possível com o casamento.

— Não pensei que ele descartaria Mae dessa forma — meu pai lamentou. — Uma falha em meu plano.

Planejamento, conspiração, era assim que a mente dele funcionava. Ele não confiava em ninguém. Previa traições. E quase nunca se surpreendia.

O lábio de Mae se curvou.

— Deveríamos ter deixado Odessa fora disso.

— Você provavelmente tem razão — ele murmurou.

Mas não havia motivo para me excluir hoje. Eu era uma princesa irrelevante que se contentava em passar despercebida e ficar um passo atrás da irmã. Eu era a filha mais velha insignificante que meu pai tivera com a esposa morta. Já estava noiva do general dele e não era nem de perto páreo para a beleza ou o charme de Mae.

Não havia motivo para alguém desconfiar que eu chamaria a atenção do príncipe Zavier.

Minhas mãos começaram a tremer.

— Não sou uma espiã. Não sou uma guerreira. Estou longe de ser uma assassina. Não posso fazer isso. — Da última vez em que eu segurei uma espada, o mestre de armas me mandou para a enfermaria por ter cortado a própria mão.

— Você vai — meu pai comandou. — Repita suas ordens.

Engoli em seco.

— Preciso encontrar o caminho para Allesaria. Depois descobrir sobre os poderes do Guardião. E, se tiver a chance, você quer que eu o mate.

Uma pessoa.

Ele está me pedindo para tirar uma vida.

— Sim. — O alívio do meu pai era óbvio. — Você consegue.

Precisa conseguir. Depois vou trazer você de volta para casa.

Impossível. Depois de partir de Quentis, provavelmente não voltaria.

Ainda mais se... quando os turanos descobrissem que era uma espiã.

Ou quando o Guardião me matasse primeiro.

— Você precisa confiar em mim — meu pai sussurrou. Ele deu um beijo em minha testa, depois se levantou e acenou para Margot. — Prepare-a.

Para meu casamento. Nessa mesma noite.

6

O rosnado de Margot encheu meus cômodos.

— Me. Traga. Azul.

— Desculpa, majestade. — Brielle estava com as bochechas coradas e com suor escorrendo pelas têmporas, cobrindo o cabelo castanho. Acima do nariz arrebitado, seus olhos cor de mel estavam em pânico enquanto corria para o guarda-roupa pela quinta vez para trocar os três vestidos cinza em seus braços por outros três vestidos cinza.

Nas últimas quatro horas, Brielle vinha correndo de um lado para o outro do castelo, obedecendo cada comando brusco de minha madrasta sem vacilar. Mas encontrar um vestido azul em meu guarda-roupa? Impossível. Nós duas sabíamos disso. Brielle era simplesmente doce demais para confrontar Margot.

Se Jocelyn estivesse ali, teria dito a Margot desde o começo que eu não tinha nada azul. Mas Jocelyn havia sido enviada ao boticário para buscar chá contraceptivo para levarmos na jornada.

Desde que havíamos saído da sala do trono, Margot estava seguindo as instruções de meu pai à risca. Com a ajuda de Brielle e Jocelyn, ela me preparava para um casamento e uma mudança para o outro lado do continente.

Eu podia não ter um vestido na cor tradicional de casamento,

mas, fora isso, elas me transformariam numa noiva.

Todos os mimos que Mae recebera de manhã migraram às pressas pra mim durante a tarde. Um banho quente escaldante foi preparado na casa de banho. Eu podia não ser capaz de justificar o revestimento de ouro extravagante de meu avô, mas certamente apreciava o encanamento interno. Minha pele foi esfoliada, besuntada de óleo e perfumada.

Folhagens foram entrelaçadas em meu cabelo. Brielle as prendeu num emaranhado complexo de tranças grossas que se cruzavam e desciam pela minha coluna. Jocelyn cobriu minhas bochechas com um ruge pêssego e pintou meus lábios de rosa. Havia brilho em minhas pálpebras e kohl delineando meus cílios. Pulseiras adornavam os dois punhos, e brincos florais dourados contornavam as curvas de minhas orelhas.

Nos meus vinte e três anos, nunca estive tão bonita. Tão parecida com uma princesa. Toda vez que me olhava no espelho, porém, a angústia do que estava por vir me atingia com tanta força que eu precisava desviar os olhos.

— Vai acabar em algum momento. — Margot guardou potes da tinta de cabelo num dos três baús empilhados perto da parede. — Você vai precisar encontrar um mercado em Turah. Até lá, lave o cabelo o mínimo possível.

O príncipe Zavier havia comprado uma esposa de cabelos castanhos, portanto meus cabelos castanhos deveriam permanecer castanhos.

Margot fechou a tampa do baú com tanta força que me assustei na penteadeira. Depois de trancá-lo, ela se levantou e ficou examinando o quarto para ver se tinha esquecido algo.

Mas não restava nada além dos móveis. As joias tinham sido embrulhadas e guardadas junto com os sabonetes, cremes e tônicos de pele. Ela havia me dado três bolsas de moedas de ouro para levar. Jocelyn tinha guardado meu caderno de esboços e meus lápis

favoritos. Brielle havia dobrado meus vestidos favoritos e os guardado com minhas roupas íntimas e pantufas.

Era um bom ou mau sinal eu conseguir levar tudo o que possuía em três baús? Um único criado poderia levar todos até a carruagem em menos de uma hora.

Havia alguns livros que eu queria levar, mas estavam na biblioteca do castelo e, quando pedi por eles, Margot me respondeu que não restava tempo. Devia haver bibliotecas em Turah, não?

Brielle saiu do closet com meu vestido cinza mais claro.

— É o mais próximo que ela tem de azul.

Não era nem perto de azul. Ainda menos dos tons fortes e vibrantes que a maioria das noivas usava no casamento. O vestido era quase branco.

A cor com que vestíamos os mortos.

A cor que usávamos em funerais.

— De jeito nenhum — Margot vetou.

— É perfeito. — Levantei do banco e, antes que Margot pudesse tirá-lo das mãos de Brielle, eu o peguei e o levei para trás do biombo.

— Não é azul — Margot falou.

— É quase.

— Seus vestidos azuis já devem estar guardados no baú.

Contive um riso ao desabotoar o robe de cetim que estava usando desde o banho. Ela realmente não sabia que eu só tinha vestidos cinza? Ou estava apenas ensaiando o que diria quando meu pai perguntasse por que eu estava vestindo a cor da morte para a cerimônia?

A saia era rodada e esvoaçante do quadril até os pés. A parte de cima era de renda bordada, adornada com contas cinza e brancas. Um grande decote em V nas costas expunha toda a minha pele.

— Este vestido é perfeito. Mae consegue me esfaquear nas costas sem nenhum tecido para atrapalhar — falei.

— Odessa. — Eu não conseguia ver detrás do biombo, mas sua cara devia estar fechada. — Não sejamos dramáticas.

Um estrondo ecoou atrás da parede mais próxima. Parecia o som de um vaso sendo jogado no chão.

Coloquei a cabeça para fora do biombo e ergui as sobrancelhas.

— Eu sou dramática?

Ela estava dando sermão na filha errada.

Margot agitou a mão.

— Só se vista.

Outro estrondo veio do quarto ao lado.

Enquanto eu e minhas malas estávamos sendo arrumadas, minha irmã dava um chilique como os que eu não via desde que ela tinha oito anos. Talvez quando acabasse de destruir seu quarto, Mae pudesse se mudar para o meu.

Estava vazio agora, sem qualquer coisa relativa a *mim*.

Vestida e pronta, saí detrás do biombo, meu olhar percorrendo o espaço, parando na cama. A colcha estava amassada onde meus pertences tinham sido empilhados antes de serem guardados nos baús. Eu voltaria a dormir nesse quarto? Ou já dividiria a cama com Zavier nessa noite? Senti um arrepio.

— Brielle, deixe-nos — Margot ordenou.

— Sim, majestade. — Minha dama de companhia fez uma mesura e correu para a porta. Ela tinha que arrumar as próprias malas para me acompanhar até Turah.

Margot esperou até a porta se fechar.

— Você vai precisar se deitar com ele.

Tons.

— Vamos mesmo ter essa conversa?

Eu tinha aprendido tudo sobre sexo com uma curandeira aos treze anos. Quaisquer lacunas que ela pudesse ter deixado em minha educação, as damas de companhia preencheram. Não precisava dos conselhos de Margot sobre como dormir com meu

marido.

— Já esteve com algum homem? Banner ou...

Quando ficamos noivos, pensei que Banner pudesse querer fazer sexo antes do casamento. Mas Brielle me contou que ele tinha uma amante na cidade. Uma mulher que conhecia havia anos.

Será que ele ainda estava dormindo com ela? A ideia de ele estar com outra nunca me incomodou. Talvez passasse a me incomodar depois que nos casássemos, mas essa não era mais uma questão, era?

Eu nunca havia dormido com Banner, mas houve um menino uma vez. Quando eu tinha quinze anos. Um garoto com sardas no rosto e uma risada tranquila. Ele trabalhava no estábulo.

Meu pai devia ter descoberto que eu o levava para meus aposentos às escondidas porque um dia fui visitá-lo no estábulo e descobri que ele havia deixado a cidade. Quanto meu pai havia pagado para ele sair de Roslo? Com certeza muito menos do que um baú de ouro.

Meu valor estava subindo. Bom para mim.

— Sim, já estive com um homem antes — respondi a Margot. — Vamos mudar de assunto.

Ela largou o osso? Claro que não.

— Reis são homens poderosos. Homens poderosos costumam ter certos... gostos.

— Margot. — Estremeci. — Por favor, pare. Eu imploro.

Eu era curiosa por natureza, mas não no que se referia aos gostos de meu pai no quarto.

— Existe um motivo para todos fazerem vista grossa para as aventuras de Mae — Margot declarou.

Porque Mae estava praticando suas habilidades de sedução? Que nojo.

— Você deve agradar Zavier — ela continuou. — Quanto mais feliz ele estiver tendo você como esposa, menos vai desconfiar de

segundas intenções.

Porque um príncipe que trepasse com frequência ficava burro? Talvez em Genesis, Ozarth, Laine ou até Quentis. Mas eu duvidava que Zavier fosse como os outros príncipes, não com seu legado.

Turah era quase tão misteriosa quanto o Guardião.

Seus governantes seguiam o Escudo de Pardais. Cumpriam suas obrigações comerciais, mas por pouco. Quando se tratava de expandir alianças, desenvolver relacionamentos e promover união, Turah era quase sinônimo de uma porta fechada.

Três gerações antes, os crux dizimaram a capital turana. Ou melhor, a antiga capital. Antes, a capital de Turah era Perris, uma cidade costeira. Um reflexo de Roslo do outro lado da travessia Krisenth.

Depois daquela migração, em vez de reconstruir seu castelo, o rei o deixou em ruínas e transferiu sua fortaleza para as montanhas turanas.

Allesaria.

Até onde eu sabia, nenhum governante estrangeiro havia sido convidado para o castelo turano. Não estava nos mapas calandranos. Sua descrição não podia ser encontrada em nenhum livro.

A cada ano, o mistério em torno de Allesaria se aprofundava. Haveria mesmo um jeito de salvar nosso povo dos crux? O que estava escondido na capital dos turanos que meu pai tanto desejava? Os outros reis sabiam? Ou apenas meu pai?

Ele definitivamente não era o único rei curioso sobre Allesaria. As pessoas saíam em busca da cidade e nunca mais voltavam. Como nenhum outro rei podia obrigá-los a revelar sua localização, não havia muito a fazer exceto deixar que os turanos se afastassem mais e mais da diplomacia.

Até agora.

Até a Pardal.

Havia um motivo para Mae ter sido tão bem treinada desde pequena. Ela seria a primeira princesa estrangeira a entrar em Allesaria. Teria a chance de desvendar gerações de mistério. De lançar luz sobre um reino que parecia contente em viver na escuridão.

E agora essa missão recaía em mim.

Mas Zavier não facilitaria, certo? Na sala do trono, ele nos observou com muita atenção, muito cuidado. Será que suspeitava que meu pai planejava algo? Tinha que haver algo a mais nessa questão da noiva de recompensa do que apenas a vontade de Zavier de se casar com outra pessoa além de Mae.

Talvez ele tivesse olhado para mim e percebido que eu não representaria nenhuma ameaça.

Bom, errado ele não estava.

Outro estrondo ecoou no quarto de Mae. Ela estava nessa havia horas. Ainda tinha o que quebrar?

— Será que não tem mesmo nenhuma saída? — Nenhuma forma de Mae assumir meu lugar e desaparecer com um príncipe a caminho de uma terra distante?

— Você ouviu o voster. — A expressão de Margot se suavizou, revelando um pouco de empatia. — Vou avisar seu pai que você está pronta.

Eu estava pronta? Importava?

— Posso ver Arthy antes de ir? Quero me despedir dele.

— Claro — Margot concordou.

— Obrigada.

Ela tirou o cabelo loiro da frente do rosto e saiu do quarto.

Ficou quieto demais sem ela, vazio demais. Prestei atenção aos ruídos, mas até o quarto de Mae também tinha mergulhado em silêncio.

Como talvez eu não voltasse essa noite, havia algumas coisas que eu ainda precisava colocar nos baús. Entrei no closet e fui até o

canto mais distante. Depois de olhar por cima do ombro para garantir que estava mesmo sozinha, me agachei no chão.

Puxei a tábua mais próxima da parede. Ela se soltou, revelando um pequeno compartimento que eu havia descoberto aos dez anos.

Eu e Mae brincávamos de esconde-esconde naquele dia. Ela odiava se esconder e preferia procurar, mas se meu esconderijo fosse difícil demais, ela se irritava.

Margot e meu pai não foram os únicos a mimarem minha irmã. Eu também a mimara.

Durante nossa brincadeira naquele dia, tantos anos antes, eu havia me enfiado nesse canto, escondida atrás dos vestidos cinza, esperando que ela me encontrasse. A tábua se movera sob meu pé, e assim descobri meu compartimento secreto.

Eu não sabia quem ocupava esse quarto antes de eu nascer, mas talvez outra princesa tivesse vivido nesses aposentos quando morou no castelo. Talvez uma avó havia muito esquecida. Gostava de pensar que alguém que tinha meu sangue havia usado esse compartimento. Que foi ela quem soltou a tábua pela primeira vez e escondeu seus tesouros ali.

Que o colar que eu encontrara treze anos antes tinha estado em seu pescoço.

Puxei o caderno de couro que eu havia comprado no mercado durante a primavera.

A primeira página era um desenho de Margot que eu havia feito depois de presenciar uma briga dela com meu pai. Sua boca estava curvada para baixo, a cara fechada e os olhos cheios de lágrimas. Era um desenho que eu nunca mostraria para ela. Era real demais. Vulnerável demais.

Margot não gostava de nada real ou vulnerável.

A segunda página era um desenho de Mae no centro de treinamento. Sua boca estava aberta num grito, os punhos cerrados ao lado do corpo. Às vezes me perguntava se ela gritava porque

carregava um grande fardo.

Talvez ela parasse agora que esse peso fora transferido para mim.

Tirando esses dois desenhos, as páginas estavam em branco. Eu pretendia preenchê-las com desenhos de Arthy, do castelo, de Banner ou do que mais chamasse minha atenção. Em vez disso, esse caderno poderia servir para anotar minhas observações sobre Turah e o Guardião.

Sob o caderno havia meu colar. A corrente delicada estava bem enroladinha. Quando a levantei na luz, o pingente cintilou.

Uma asa de prata estava incrustada em um círculo de ouro. Só que não era ouro. Era vermelho e laranja, brilhante como a lua cheia da colheita.

Era um símbolo que eu nunca tinha visto. Eu havia revirado os livros da biblioteca. Desenhado e levado para o cais para ver se alguém reconhecia o desenho.

Mas, depois de todos esses anos, ainda era um mistério.

Coloquei a tábua de volta no lugar, escondendo o compartimento, e me levantei com cuidado para não pisar na barra do vestido. Escondi o caderno dentro do último baú. Guardei o colar dentro do vestido, no tecido ao redor do meu peito.

Até chegar a Turah, até me sentir segura o bastante para guardar o colar, ele ficaria comigo.

O pingente se aqueceu assim que tocou minha pele. O metal pareceu absorver o calor do meu corpo mais rápido do que ouro ou prata. Ou talvez irradiasse calor próprio. Era um enigma tão grande quanto o símbolo.

Estava saindo do closet quando a porta de meus aposentos se abriu e Mae entrou.

— Já acabou de destruir seu quarto? — perguntei.

— Quebrei algumas coisas, sim. — Ela ergueu os ombros. — Como se sentiria se tivesse passado a juventude inteira se preparando e torcendo por algo para ter tudo tirado de suas mãos?

— Com raiva.

Ela não estava sozinha nessa emoção. Eu também sentia raiva. Mas nem por isso destruí meus aposentos.

— Quero ser rainha — ela falou.

— Eu não. Mas nenhuma de nós tem escolha.

Mae observou meu rosto, meu vestido, meu cabelo.

— Você está linda.

— Obrigada.

Ela suspirou, seus ombros se afundando.

— Vai sentir minha falta? Vou sentir a sua.

— Sim. — Cruzei o espaço entre nós e, embora eu fosse a irmã mais baixa e mais fraca, a puxei para os meus braços.

Ela se contorceu. Minha irmã não era lá muito boa em dar abraços, mas a abracei mesmo assim. Para cada abraço que me era negado, sempre tentei dar dois em Mae.

Isso também valia para Arthalayus. Toda manhã, eu ia até o quarto do meu irmão para abraçá-lo.

Apertei Mae ainda mais, até ela finalmente ceder e retribuir o abraço. Ela podia ser mais alta, mais forte e mais bonita, mas eu ainda era sua irmã e, embora costumasse precisar de um pouco de persuasão, ela cedia aos meus abraços.

— Você ainda pode ser rainha. O papai vai planejar outro casamento. — Com outro príncipe em outro reino.

Mae bufou.

— Ele vai me obrigar a casar com Banner.

Era possível. Se não houvesse nenhum príncipe disponível, um general era a segunda melhor opção. E garantiria a lealdade de Banner a nossa família por anos.

Arthy tinha apenas três anos. O reinado de meu pai continuaria por muito tempo, mas, conforme ele envelhecesse, precisaria de soldados leais.

Margot sofreu para conceber depois do nascimento de Mae. Ela

deu à luz três bebês natimortos naquele período. Mas finalmente, antes que meu pai encontrasse uma nova esposa que lhe desse um herdeiro homem, Margot deu à luz Arthalayus.

Eu não estaria presente para vê-lo crescer e virar um homem. Não o conheceria, certo?

— Você precisa abraçar Arthy depois que eu partir — pedi. — Prometa.

— Prometo.

Ela era péssima com promessas, mas talvez cumprisse essa.

Ficamos abraçadas por mais alguns instantes até ela se soltar.

— Não pense em voltar até ter as informações que o pai quer.

O momento entre irmãs havia acabado. De volta ao trabalho.

— Não vou.

— Eles nunca confiarão em você. Não se deixe enganar por nenhuma gentileza.

— Gentileza é horrível. Entendi.

Ela suspirou.

— Você vai ser uma péssima espiã.

— Nisso estamos de acordo. — Dei risada. — Mais algum conselho?

— Não morra. — Mae tocou o cabelo em minha têmpora. — Você precisa ser impiedosa, Dess.

Impiedosa. Nós duas sabíamos que essa era a sua especialidade, não a minha.

— Te amo, Mae.

— Também te amo.

Antes que eu pudesse dar outro abraço nela, a porta se abriu e nosso pai entrou, seguido por Margot.

A postura de Mae mudou de imediato. Toda suavidade desapareceu. Ela entrelaçou as mãos atrás das costas, os ombros firmes, mais parecida com um dos guardas do que com uma princesa. Parecida com Banner.

Talvez eles até combinassem, se meu pai arranjasse um casamento entre os dois.

Os olhos dourados do meu pai me avaliaram da cabeça aos pés. Sua respiração ficou acelerada e ele olhou para Margot por sobre os ombros.

— Não conseguiu encontrar um vestido azul para ela?

Margot olhou para o chão.

Meu pai tirou um frasco de vidro e uma faquinha do bolso do casaco.

Sem esperar sua instrução, engoli a bile que subia por minha garganta e estendi a mão. Deuses, não teria mesmo volta, não é? Não depois disso.

Meu pai segurou meus dedos com firmeza e deslizou a faca por minha pele.

Uma dor lancinante atravessou a palma da minha mão e se espalhou por meu braço. Lágrimas turvaram meus olhos, mas pisquei para contê-las enquanto meu pai virava minha mão e enchia o frasco com sangue. Em seguida, o tampou com a rolha. Envolveu a ferida com um lenço de linho. Três laços e um nó apertado rente aos nós dos dedos, como se eu fosse um soldado sendo enfaixado no campo de batalha.

Lancei um último olhar para a vista das janelas do quarto enquanto o sangue manchava o tecido.

As ondas do mar cintilavam sob o céu azul sereno. O sol tingia Roslo em tons de amarelo e laranja ao descer pelo horizonte.

Antes que ele se pusesse, eu seria a esposa de um homem.

Deveria ter ficado na água. Deveria ter deixado que as correntes me arrastassem até as profundezas de Marixmore e deixado que os monstros das águas oceânicas devorassem minha carne.

Deveria ter continuado nadando.

7

O santuário do castelo estava abafado e quente. O cheiro de fumaça e incenso era tão potente que chamuscava minhas narinas conforme meu pai me conduzia pelas portas entalhadas.

Margot e Mae andavam atrás de nós, lado a lado. Uma fileira de guardas as seguia, o som de seus passos combinados ecoando pelo espaço escuro e limitado.

Não havia janelas para deixar a luz do sol entrar. O santuário tinha sido esculpido nas rochas embaixo do castelo para que as pessoas cultuassem os deuses durante a migração. Os bancos estavam vazios nessa noite, mas, quando os crux voassem, eles provavelmente serviriam de assentos e camas para aqueles que buscassem abrigo dentro dessas paredes.

Sempre pensei que estaria com eles. Que passaria os meses da migração nos aposentos adjacentes ao santuário que eram reservados a meu pai e sua família.

Será que havia uma fortaleza em Turah? Cavernas e túneis sob o castelo de Allesaria? Era lá que escondiam as informações que meu pai buscava sobre os crux? Talvez nem existisse um castelo em Allesaria.

Em breve eu descobriria.

O santuário era iluminado por centenas de lustres que

combatiam as sombras escuras. Quando era pequena, perguntara a um clérigo quanto tempo levavam para acender todas as velas diariamente. Ele respondeu que nunca apagavam as chamas, apenas substituíam as velas que terminavam de derreter; assim, nunca estariam longe do olhar de Oda.

Quando perguntei por que simplesmente não o cultuavam a céu aberto, o clérigo fechou a cara e chamou meu tutor.

Aprendi duas coisas naquele dia. Uma: o santuário não era um bom lugar para me esconder dos professores. Dois: os clérigos não gostavam muito do sol.

Eles não pareciam se aventurar para muito longe de seus aposentos no castelo, e como eu fazia de tudo para evitar as vigílias de duas horas, quase nunca nos cruzávamos.

Pensei que veria pelo menos o clérigo superior hoje, considerando que era uma cerimônia de casamento, mas o santuário estava vazio exceto pelos dois sacerdotes vosters já no altar. Talvez a magia deles afugentasse os clérigos.

O formigamento na minha pele foi instantâneo. Insuportável. E os casamentos quentinos costumavam durar três horas. Não sabia se conseguiria suportar essa sensação por tanto tempo.

— Onde estão os clérigos? — perguntei com a voz baixa o bastante para apenas meu pai ouvir.

— Não haverá cerimônia. Apenas o decreto matrimonial e a assinatura do tratado.

— Ah. — Por que eu parecia desapontada? Pelo menos acabaria rápido. Embora significasse que eu era uma questão de tempo para meu encontro com o príncipe Zavier em seu quarto.

Será que as Pardais temiam a noite de núpcias tanto como eu? Se eu falasse que estava com dor de cabeça, o que não seria uma mentira, Zavier me deixaria em paz? Meu estômago se revirou. Margot me mandou comer algo antes, mas me recusei. Talvez devesse ter devorado um prato de torradas e queijo. Se vomitasse

nas botas de Zavier, ele mudaria de ideia sobre sua noiva de recompensa?

Paramos a três metros do altar e meu pai soltou meu braço, deixando-me com Margot e Mae enquanto falava com o frei Dime. Ficaram cochichando, as vozes baixas demais para ouvir.

Cheguei tão perto de Mae que nos tocamos, e senti algo duro na costela.

— Quantas facas você tem escondidas no seu vestido? — perguntei.

— Algumas. Por quê? Quer pegar alguma emprestada para sua noite de núpcias? — ela sussurrou.

Apertei os lábios para esconder um sorriso.

Meu pai acenou para o sumo sacerdote, depois para os guardas na entrada do santuário. Quando ele deu o sinal, as portas foram abertas e, um instante depois, os turanos entraram.

Zavier foi o primeiro a entrar, usando a mesma roupa de antes. Nenhum traje de gala nem paletó sob medida. Ele parecia mais um de seus patrulheiros do que um príncipe, exceto pelo diadema de prata que cintilava sob a luz de velas.

Seus quatro guerreiros o seguiam, as expressões tão sólidas e imperscrutáveis quanto a de seu líder. Eles pareciam ainda maiores do que na sala do trono. Mais letais.

— Mandar você para Turah é uma missão suicida — Mae murmurou. Ela tinha uma preocupação sincera na voz.

— Melhor eu do que você. — Apertei sua mão. Apesar de todo o treinamento, teria sido perigoso para Mae.

— Não. Melhor *eu* do que você. — Ela apertou minha mão uma vez, depois largou.

Assim como com abraços, Mae também não gostava de ficar de mãos dadas.

O último a entrar no santuário foi o Guardião. Ele andava calmamente, seus passos mais lentos e calculados do que o dos

outros, como se não tivesse a menor pressa de chegar ao altar. Seu olhar era aquele avelã duro e frio. Quando pousou em mim, o canto de sua boca se ergueu.

Filho da mãe.

De quanta sorte eu precisaria para acabar com aquele sorriso? Se encontrasse uma chance de pegá-lo desprevenido, com certeza tentaria.

Talvez fosse possível envenená-lo. Colocar umas gotinhas numa taça de vinho quando ele estivesse distraído. Ele parecia o tipo de homem que nunca está distraído, mas quem sabe...

Eu tinha o direito de sonhar no dia do meu casamento.

Meu pai estalou os dedos, o sinal para eu me juntar a ele ao altar.

Mae cutucou meu cotovelo com o seu enquanto eu levantava as saias, depois segui até a mão estendida do meu pai. Ele me ajudou a subir os dois degraus até a plataforma, onde fiquei ao lado de uma mesa de madeira que tinha um rolo de pergaminho estendido sobre a superfície lisa e brilhante.

O Escudo de Pardais.

Meu estômago deu mais uma cambalhota. Estava mesmo acontecendo, não? Não havia como voltar atrás.

O trato era simples e sem firulas. Apenas tinta sobre papel numa letra bonita e caprichada.

Tinta. E sangue.

Passei os olhos pelas palavras sobre o tratado, meu coração se apertando mais e mais até desaparecer. Eu e Zavier assinaríamos com sangue, e o vosters selariam com magia. Turah e Quentis se entrelaçariam com essa união. Com os filhos que eu carregaria.

O documento tinha a extensão do meu braço, a letra pequena embora legível preenchendo a maior parte do pergaminho. Nossos ancestrais tinham sido minuciosos, isso eu admitia. Será que eu deveria ler tudo?

Os patrulheiros turanos pararam ao lado de Mae e Margot

enquanto Zavier subia a escada, assumindo sua posição ao meu lado. Ele cheirava a sabão e cedro.

Era agradável. Limpo e amadeirado. Pelo menos não fedia a cavalos ou a outras mulheres.

O perfil de Zavier era como granito, seus olhos percorrendo o decreto, linha por linha.

Certo, era hora de ler.

Comecei do alto, mas as frases se misturavam. As palavras se embaçavam. Era como se tivesse sido escrito na língua antiga que os clérigos ainda usavam às vezes. Havia olhos demais para eu me concentrar, e aquela magia voster maldita estava irritando minha pele.

Foco, *Odessa*. Respirei fundo, fechei os olhos por um longo momento, depois recomecei. Se era para assinar aquilo com sangue, deveria pelo menos ter uma ideia do que estava escrito.

O começo explicava a história do tratado. A obrigação dos cinco reinos de oferecer um rei ou futuro rei e uma Pardal a cada geração.

O nome da primeira noiva era Sparrow, e era dali que vinha o nome do tratado e era por isso que as mulheres oferecidas a cada geração eram chamadas de Pardal. Seu pai, o rei turano, a dera como noiva a seu inimigo mortal, o rei de Genesis.

Será que eu aprenderia sobre a Sparrow original em Turah? Será que louvavam seu sacrifício pelo reino? Ela era homenageada com estátuas e pinturas? Ou tinha sido esquecida como as outras das gerações passadas?

Uma Pardal de Ozarth tinha sido dada a meu tataravô. Eu não sabia o nome dela nem se ela havia sido uma boa rainha. Será que Mae sabia quem ela era? Talvez, se tivessem me dado tempo para me preparar para isso, eu poderia ter pesquisado um pouco.

Suspirei. Se eu não sabia dela, talvez tivesse sido uma rainha ruim.

Meu pai pigarreou, provavelmente notando que minha mente estava divagando.

Pisquei, voltando a me concentrar na página.

Obrigações comerciais. Estipulações proibindo um reino de invadir o outro. E as leis que vinculavam o marido à esposa.

Um rei não pode matar sua Pardal, e uma Pardal não pode matar seu rei, direta ou indiretamente, sem que a morte recaia sobre ambos.

Morte.

A palavra saltou do pergaminho. Qualquer que fosse a magia que os vosters carregavam nas veias, quando a infundissem nesse decreto, quando a misturassem ao sangue, ela garantiria a minha morte caso matasse Zavier.

Bom saber.

Embaixo das declarações havia cinco nomes. As assinaturas dos cinco reis originais. Seu sangue não se apagara com o tempo. Parecia tão escuro quanto nanquim, fresco como se tivesse sido assinado momentos antes, não séculos.

Os reis que vieram depois não precisaram concordar com os termos. Isso havia sido feito pelos cinco reis originais. Qualquer homem que usasse uma coroa era obrigado a seguir o acordo.

Ser rei tinha suas regras. As regras dispostas nesse tratado.

Claro, havia disputas, especialmente ao longo das fronteiras entre as nações. Mas era esperado que os reis mantivessem a paz.

E a magia que irradiava do pergaminho impunha essa intenção.

Não havia linhas e mais linhas de mandamentos e proibições. Talvez fosse isso que tornasse o tratado tão assustador. E brilhante.

Os reis tinham que interpretar o que significava cumprir a vontade do tratado. Precisavam se comportar em relação aos outros

governantes. Mas quem decidia o que era se comportar?

As limitações vagas e invisíveis obrigava os governantes a se comportarem o tempo todo. Senão, morreriam.

Meu pai tinha me falado que os tratados podiam ser quebrados. Como? Essa magia era poderosa demais. Antiga demais. Emanava do pergaminho, intensificando o formigamento da magia do voster que zelava pelo tratado. Se meu pai realmente pretendia levar tropas a Allesaria, assim que ele agisse essa magia ancestral tiraria sua vida. Não?

Meu pai pigarreou de novo.

— Já acabou?

Concordei, fixando o olhar nos nomes gravados abaixo da assinatura dos cinco reis.

Tanis Oak

Sparrow Wolfe

O primeiro rei. A primeira Pardal.

Não era irônico que a realeza de Genesis tivesse o nome de uma árvore, o carvalho, quando não eram conhecidos por sua madeira?

Sob os nomes de Tanis e Sparrow estava uma série de outros. Mais Oaks. Mais Wolfes. Crosses, Harrows e Kasans. Todos os sobrenomes reais estavam lá.

Era uma lista que estava sendo feita há trezentos anos.

E, em breve, incluiria o meu nome.

— O que acontece quando não houver mais espaço nesta página? Vai passar as assinaturas para o verso?

Meu pai resmungou.

— Odessa.

— Desculpa. — Fiz uma careta exagerada para ele.

Ele sabia que eu fazia perguntas quando ficava nervosa.

Sinceramente, meu pai já devia ter esperado por isso.

Abaixei o rosto, sentindo o ardor de inúmeros olhares nas minhas bochechas. Quando me arrisquei a erguer o olhar, todos os pares de olhos masculinos estavam voltados para mim. Até os do voster.

Os sacerdotes eram homens? Nós nos referíamos a eles no masculino, mas alguém havia perguntado sua preferência?

Guardei essas perguntas para mim e olhei para Zavier.

Ao contrário os outros, ele ainda encarava a parede à frente. Inexpressivo.

Ele era blasé assim com tudo? Ou apenas com esse casamento? Por que pedir uma noiva de recompensa se não queria nada com essa noiva?

Um riso baixo encheu o salão.

Minha atenção se voltou para a origem.

O Guardião.

Qual era a graça? Lancei meu olhar mais fulminante contra ele.

Ele riu de novo.

Veneno. Com certeza vou envenenar esse homem. Era errado planejar um assassinato no santuário dos deuses? Fiz o sinal dos Oito mentalmente, por via das dúvidas.

O Guardião, ainda com aquele sorrisinho no rosto, acenou para o sumo sacerdote. Por que o babaca agia como se estivesse no comando desse desastre todo?

— Vamos começar. — A voz suave do sumo sacerdote contrastava com sua magia arrepiante.

Zavier virou para mim, estendendo as mãos. Pela primeira vez, sua expressão mudou, e ele me abriu um sorriso tenso.

Bom, pelo menos não estava rindo.

Senti as mãos tremendo antes de colocá-las nas suas. Uma delas estava enfaixada num tecido como a minha. Depois olhei em seus olhos verde-musgo. Estavam alertas e perscrutadores. Ele me

observou como se pudesse ler todos os pensamentos que percorriam minha mente.

Quem sabe ele não pudesse pegar algumas das minhas perguntas e me dar palpites.

— Odessa Cross. — Quando o sumo sacerdote falou, eu me empertiguei, engolindo o nó na garganta. — Você promete cumprir o Escudo de Pardais por meio de sua união com Zavier Wolfe, príncipe e futuro rei de Turah?

O que meu pai faria se eu respondesse não? Eu havia passado por tantos castigos seus na vida que não queria descobrir.

Meus olhos se lançaram para meu pai. Ele nem piscou em resposta, mas o comando silencioso em seu olhar era inconfundível.

Prometa. Agora.

O pânico cresceu em meu peito, minha respiração ficou curta e superficial. Em vez de vomitar no meu casamento, era bem possível que eu desmaiasse.

Era tão difícil encarar os olhos do meu pai que comecei a observar todos no altar, primeiro Zavier, depois os sacerdotes vosters. Meu olhar pousou no Guardião. Na expectativa de desafio presente no turbilhão prateado de seus olhos.

Eu falaria ou não?

— Eu, Odessa Cross, faço essa promessa. — Saiu de um fôlego só. Um sussurro.

— Zavier Wolfe — o sumo sacerdote continuou. — Promete cumprir o Escudo de Pardais por meio de sua união com Odessa Cross, princesa de Quentis e futura rainha de Turah?

Zavier apontou para o Guardião.

— Vai falar em nome dele? — o sumo sacerdote perguntou.

— Sim. Falo em nome do príncipe. — O timbre grave do Guardião encheu o santuário. Estava mais profundo do que quando falara na sala do trono. Era mais cortante que qualquer uma das

lâminas de Mae. — Zavier Wolfe faz essa promessa.

O sumo sacerdote levou a mão ao bolso do manto, tirando uma pena simples. Ele a estendeu com os dedos longos e retorcidos e aquelas unhas curvas.

Meu pai a segurou e tirou do bolso o frasco com meu sangue. Empurrando a rolha com o polegar, ele a soltou. Entregou-me os dois.

Uma coisa era um voto. Uma promessa verbal que poderia ser quebrada. A verdadeira escolha era essa. Assinar meu nome. A partir do momento em que estivesse no tratado, não haveria como voltar atrás.

Hesitei, encarando os nomes escritos diante de mim. Quantas daquelas noivas foram casadas contra a vontade? Se sacrificaram por seus reinos. Pelo bem de Calandra. Pela paz.

Se elas conseguiram, eu também conseguiria.

Jogando os ombros para trás, mergulhei a pena no meu sangue e a levei ao papel, a mão mais firme do que eu imaginava que estaria ao escrever meu nome.

Odessa Cross

Onze letras. E minha vida nunca mais seria a mesma.

Dei a pena para Zavier, sem conseguir olhar nos seus olhos enquanto ele a pegava da minha mão.

Ele tirou um frasco com seu sangue do bolso, segurando-o com tanta força que fiquei com medo de que se quebrasse. Era o mesmo punho enrolado por um tecido, parecido com o meu.

Teríamos cicatrizes iguais depois disso.

Sem hesitar, ele mergulhou a pena e assinou com um movimento rápido.

O ar escapou dos meus pulmões, uma onda de tontura tirando meu equilíbrio.

O sumo sacerdote pegou a pena, guardando-a no mesmo bolso

dos mantos. Depois fechou os olhos sinistros e pousou as duas mãos no decreto. Uma magia se acendeu como faíscas invisíveis, bombardeando-me de todas as direções, queimando meu vestido, cravando-se em minha pele.

Fechei os olhos e rangi os dentes para não gritar enquanto enfrentava a onda de dor.

— Está feito.

Meus olhos se abriram com a declaração de frei Dime.

O sumo sacerdote já enrolava o decreto e o guardava num envelope de couro preto. Sem falar mais nada, ele e frei Dime desceram do altar e saíram do santuário.

Era isso? Acabou? Eu estava casada?

Não houve nenhuma celebração. Nenhuma cerimônia. Nenhum beijo.

Zavier voltou a fixar os olhos na parede, o maxilar cerrado como se o casamento de dez minutos tivesse demorado tempo demais.

Meu marido.

Eu era sua esposa.

E ele não conseguia olhar para mim.

Um torpor se infiltrou em meus membros. Um frio se espalhou pela minha pele.

— Vamos celebrar o casamento com um banquete. — Meu pai estendeu o braço na direção das portas do santuário, fazendo sinal para irmos na frente.

Ele costumava ser o último a sair do ambiente, com a exceção dos guardas, para garantir que ninguém o apunhalaria pelas costas.

Zavier tirou os olhos da parede e os pousou em meu pai. Com um movimento rápido de cabeça, recusou o banquete.

Por mim tudo bem. Meu estômago estava embrulhado demais para comer. Embora a ideia de vinho, muito vinho, não me parecesse tão má.

Zavier me encarou, chegando mais perto. Meu coração subiu

pela garganta quando ele segurou meu queixo entre o indicador e o polegar, erguendo-o.

Uma expressão surgiu em seus olhos verdes. Finalmente, ele demonstrou alguma emoção. Uma pena eu não ser capaz de identificar qual. Tristeza, talvez? Compaixão? Ambas?

Ele encostou os lábios na minha bochecha e saiu, a mão ao lado do corpo, olhando por sobre o ombro para o Guardião. Como na sala do trono, os dois tiveram uma conversa silenciosa. Zavier acenou uma vez e saiu do altar.

Seus patrulheiros o seguiram, a caminho das portas.

Eu deveria ir com eles? Agora que tudo acabou, qual era o meu lugar? Com os quentinos? Ou os turanos?

Meu pai fechou os punhos. Sua respiração ficou mais pesada conforme Zavier desaparecia do campo de visão.

Ele era um rei poderoso e desacostumado a ser desprezado. Desde que tinha chegado, Zavier vinha rejeitando meu pai.

Não invejava a pessoa que enfrentaria seu péssimo humor. Só torcia muito, muito *mesmo*, para que não fosse eu.

Dei um passo à frente, prestes a seguir os turanos para fora do santuário. Mas não seguiria Zavier até sua ala. Não, meu plano era tirar esse vestido e sair do castelo às escondidas. Mas, antes que pudesse descer do altar, um riso baixo me fez parar.

Aquela risada maldita já estava virando familiar demais.

Eu me virei.

— Pois não?

O Guardião continuava perto da mesa, os braços cruzados sobre o peito largo, aquele sorrisinho de sempre nos lábios.

— Ansiosa para seguir Zavier para o quarto dele, minha rainha?

O arquejo de Margot encheu o santuário e minhas bochechas ardiam.

Agora era a minha vez de fechar o punho. De ranger os molares com tanta força que meu maxilar doeu.

Veneno era bom demais para o Guardião. Fácil demais. Eu mataria aquele homem com as próprias mãos. Talvez uma faca no pescoço enquanto dormia. Ou uma flecha no coração enquanto saboreava o almoço.

Qualquer que fosse a fúria em meus olhos fez seu sorriso arrogante se alargar ainda mais.

Ele saiu de perto da mesa sem nem olhar para o meu pai e passou por mim antes de descer a escada.

— Aproveite sua última noite em Quentis, Pardal. Zarpamos ao amanhecer.

8

Um bocejo alargou minha boca quando eu estava no cais, contemplando o sol despontar no horizonte. Margot ficaria horrorizada se visse que não cobri a boca para bocejar nenhuma vez desde que saí do castelo, mas ela não estava lá.

Ninguém estava lá além dos guardas que haviam conduzido minha carruagem nessa manhã.

Era a primeira vez que eu visitava o cais ao amanhecer, antes de as lojas e os comércios abrirem. Homens e mulheres se moviam de um lado para o outro, montando suas barracas e se preparando para o dia. O cheiro de peixe e mar não estava tão forte quanto estaria ao meio-dia. As passarelas vazias pareciam mais amplas do que eu poderia imaginar, já que não estavam apinhadas de gente.

— Com licença, alteza. — Um mordomo de cabelo loiro fino e comprido passou, trazendo um dos meus três baús idênticos destinados a qualquer um dos três navios turanos idênticos.

Zavier e seus guerreiros ainda não tinham chegado, mas a tripulação dos navios cuidava dos preparativos para zarpar, carregando as caixas de provisões ao longo do cais.

O nervosismo agitava meu estômago como as ondas que batiam contra o píer. Ao menos, eu achava que era nervosismo. Talvez fosse apenas fome.

Meu banquete de casamento fora cancelado. Não que eu estivesse triste por perder um jantar formal, mas teria sido bom ter jantado.

Em vez disso, meu pai me levara a seu escritório particular para aulas de espionagem, e a refeição acabou sendo esquecida. Assim como o sono.

Ele me manteve a noite toda em seu escritório, estudando mapas e as informações que havia reunido sobre Turah. Falou e falou sobre suas teorias a respeito da localização de Allesaria até uma hora antes, quando Margot me buscou para trocar o vestido de noiva por um que fosse mais adequado à viagem.

Meu pai saiu para buscar o café da manhã.

Quando pedi um bolinho ou um doce ou mesmo um punhado de biscoitos, Margot respondeu que eu poderia comer no barco. Foi o jeito dela de declarar que eu era problema de Zavier agora.

Esperava que algum dos tripulantes turanos fosse cozinheiro. Ou ao menos pudesse me indicar onde encontrar algo para comer.

O mordomo acenou ao passar de novo por mim, as mãos vazias para buscar o segundo baú.

Onde estavam todos? Onde estavam meu pai, Margot, Mae e Arthalayus? Eles viriam, não? Não me deixariam partir sem se despedirem, certo?

O simples fato de eu me questionar isso fez meu nariz arder com a ameaça de lágrimas.

Era a exaustão. A fome. Eu estava à beira de um colapso emocional, e minha única esperança era poder passar por isso sozinha.

Levei a mão ao colar que havia colocado nessa manhã durante o trajeto de carruagem, puxando o pingente debaixo da gola do vestido cinza simples. Eu o envolvi na mão, o metal quente na minha pele, seu peso servindo de consolo.

Será que eu voltaria a Roslo algum dia? Veria esse cais de novo?

Veria a minha família?

Talvez tenha até sido bom que meu pai não tivesse me deixado sozinha na noite anterior. Ele não havia me dado a chance de processar tudo isso. De desabar e chorar.

Mas agora eu estava sozinha, olhando para aqueles navios, e não havia como evitar o inevitável.

Sairia de Roslo hoje. Sairia de casa.

O mordomo passou por mim de novo, dessa vez com um aceno rápido, enquanto carregava meu baú. Em breve, ele pegaria o terceiro, e estaria tudo pronto. Ele levaria a carruagem de volta ao castelo e eu ficaria ali sozinha.

Não suportaria ficar ali sozinha. Não suportaria ficar ali. Uma energia nervosa fazia meus braços e pernas se contraírem, então virei as costas para os navios e saí andando pelo cais.

— Princesa? — um dos guardas chamou.

— Vou dar uma volta — falei.

— Mas...

— Sozinha.

Ele fez uma leve reverência.

— Princesa.

Ele me seguiria? Com certeza. Era delegado a mim, mas não obedecia a mim. Mas desde que mantivesse distância, eu não me importaria.

Minhas sandálias não faziam barulho nas tábuas irregulares sob meus pés, mas a madeira rangia com o meu peso de tantos em tantos passos. O cheiro de ovos cozidos e carne salgada vindo de um edifício próximo fez meu estômago roncar.

Um homem que carregava uma cesta de peixe arregalou os olhos quando passei por sua barraca. Seus olhos castanho-escuros ficaram surpresos ao ver minha coroa, um acessório que Margot havia insistido que eu usasse. Ele largou a cesta tão abruptamente para fazer uma reverência que ela tombou.

— A-alteza.

— Bom dia. — Cheguei perto para ajudá-lo a endireitar a cesta, mas, quando me abaixei para pegar um peixe prateado, ele fez que não.

— Não, princesa. Por favor, deixe. Suas mãos vão ficar fedorentas.

Uma princesa com as mãos fedendo a peixe. Que os deuses me livrassem disso.

Eu o deixei com seu trabalho e continuei andando, recebendo mais e mais olhares de espanto quanto mais perambulava pelo cais.

A loja do meu jornaleiro favorito estava fechada; as janelas cobertas por cortinas escondiam sua prensa tipográfica. Haveria jornaleiros em Turah? Esperava que sim. Eu adorava ler os periódicos semanais.

Alguns eram reservados a histórias fictícias. Outros espalhavam fofocas da cidade. E havia aqueles que noticiavam eventos reais, como crimes e comemorações.

Havia tantos jornais em Roslo que muitos chegavam ao castelo todos os dias. Os servos os distribuíam como doces. Margot tinha as próprias assinaturas. Mae também. Eu também.

Pena que eu não tinha pensado em pegar um para a viagem.

Os jornalistas tinham escritórios e edifícios, mas a maioria dos vendedores no cais trabalhava em barracas abertas. À noite, eles as cobriam com lonas. Nessa manhã as lonas tinham sido jogadas sobre os telhados curvados, abertas para revelar bancadas e cestas e mercadorias. De peixes a frutas, de ervas a joias, de tônicos a tecidos, não havia quase nada que não desse para comprar no cais de Roslo.

Aquelas passarelas estavam sempre movimentadas, sempre cheias. Menos hoje. As pessoas me encaravam descaradamente enquanto eu passava. Alguns se escondiam. Sem a multidão normal de clientes, era impossível passar despercebida. Me disfarçar entre

as massas.

Não com essa coroa maldita na cabeça.

E se eu a jogasse no mar?

Ri comigo mesma, imaginando a cara de Margot. Ah, era tentador. Se não fosse um desperdício total de riqueza, eu a arremessaria hoje mesmo. Mas o ouro e as joias valiam o suficiente para alimentar uma família por uma geração.

Então ela permaneceu na minha cabeça enquanto eu andava. Talvez eu pudesse desmontá-la, parte por parte, e deixar as joias espalhadas por Turah.

— Sete. — Uma voz masculina chegou aos meus ouvidos. — Já viu sete enguias-ósseas?

— Pelos tons, não. Nunca vi nenhuma.

Outro homem riu, ambos andando tão rápido que não notaram que eu estava ouvindo.

As enguias-ósseas.

Lá estava eu, vagando sem rumo quando deveria estar buscando os monstros.

A ideia de ver uma enguia-óssea de verdade me deu uma descarga de energia, e mudei de caminho, seguindo os homens. Afastei-me do mercado e desci uma doca comprida que ladeava os balançantes navios quentinos no mar, suas velas verde-água amarradas e estivadas.

Um grupo de homens estava reunido na ponta da passarela. Ao lado deles estavam as vigas de sustentação onde os pescadores penduravam os maiores peixes apanhados por suas frotas em ganchos enormes de ferro.

Mas, em vez de esturjões e tubarões, os ganchos perfuravam uma fileira de enguias-ósseas.

Sete enguias-ósseas. Para a Cadeia de Setes.

Até o dia anterior, eu nunca havia odiado um número. Ah, como tudo mudou.

— Sete — rosnei, chegando mais perto dos monstros.

As escamas das enguias-ósseas eram azuis como safiras, com as pontas turquesa. As barbatanas ao longo das costas eram iridescentes, como opalas. Os ossos solitários que se projetavam dos crânios eram lisos e brancos como a neve. As bocas mortas estavam abertas para revelar cinco fileiras de dentes afiados.

Eram mais grossas do que eu imaginava, duas vezes a largura de um homem. E tão compridas que, mesmo espetadas no meio, suas caudas se enrolavam sobre as tábuas do cais como cordas grossas.

— Uau — sussurrei.

Isso chamou a atenção do homem que estava mais próximo. Ele se voltou para mim uma vez, depois outra, e seus olhos se arregalaram ao notar minha coroa.

— P-princesa.

Uma palavra gaguejada bastou para os outros olharem para mim. Assim como o homem com o cesto, todos se apressaram para fazer uma reverência.

— Perdão, alteza. — Um homem com uma touca azul surrada a tirou da cabeça careca ao passar às pressas.

Os outros o seguiram, voltando para o mercado. Aparentemente, nem o fascínio de uma enguia-óssea bastava para mantê-los na minha presença.

Minha coroa era tão assustadora assim? Nunca tinha usado uma no cais antes. Acho que agora eu tinha essa resposta.

A uns seis metros de distância, tentando se camuflar entre os barcos, meu guarda relaxou visivelmente quando os homens passaram por ele. A partida deles me deu a chance de chegar mais perto dos monstros.

Embaixo de cada boca aberta havia uma poça de sangue que devia ter pingado da carcaça, o vermelho seco tão escuro que era quase preto. O sangue que não havia escorrido pelas frestas das tábuas e caído na água agora estava endurecido e começava a

formar crostas.

Eu me agachei ao lado da primeira enguia-óssea, observando seus olhos negros. Quatro ao todo, dois na frente e dois nas laterais. Se houvesse outros predadores nas profundezas do oceano, essa criatura seria capaz de vê-los de longe.

Havia algo de elegante e delicado no rosto da enguia-óssea. Um monstro ao mesmo tempo belo e letal. Mas havia algo triste naqueles olhos sem vida. Talvez eu estivesse projetando minha dor.

Esse monstro havia morrido para que um príncipe pudesse manipular um rei. Para que um homem pudesse forçar uma mulher a se casar.

Não me importava que minhas mãos cheirassem a peixe. Toquei uma escama do tamanho do meu polegar e tracei a superfície azul vibrante até a ponta turquesa. Contive um grito quando uma pontada de dor atravessou meu dedo. Afastei a mão e encontrei uma gota de sangue.

— As escamas são tão afiadas quanto os dentes — uma voz grave e rouca falou atrás de mim.

Eu me levantei e virei. O Guardião estava recostado num poste de madeira. De onde ele tinha vindo? Como não ouvi sua aproximação? Devia ter ficado distraída enquanto examinava a enguia-óssea. Ou isso ou ele conseguia disfarçar o som de seus passos quando lhe convinha. Talvez pudesse levitar como o sumo sacerdote. Tomei nota mental para ficar atenta a isso e tomar cuidado.

Tirando nós dois, a doca estava vazia. Ele devia ter dispensado ou afugentado meu guarda.

— Bom dia, minha rainha. — O canto da boca do guardião se ergueu enquanto eu secava o sangue do dedo na saia do vestido.

Ele se afastou do poste e chegou perto de mim. Perto demais. Ele se elevou sobre mim, encarando-me com seus olhos que ficavam mudando o tempo todo. Hoje estavam de um verde vibrante, como

esmeraldas.

— Já tinha visto uma antes?

— Não.

— Não são lindas? — Ele passou por mim, as passadas longas e sem pressa, indo de uma enguia-óssea a outra e mais outra. Passando por toda a fileira até chegar à última, à maior. Seus movimentos eram fluidos demais, graciosos demais, para serem totalmente humanos.

Ele andava com a desenvoltura dos vosters.

Será que tinha alguma ligação com a irmandade? Era essa a fonte de seu poder? A magia deles?

Na noite anterior, durante as aulas de meu pai sobre espionagem, ele havia falado sobre o Guardião quase tanto quanto sobre Allesaria. Seu desespero para descobrir a origem dos poderes desse homem era quase tão evidente quanto a sua necessidade de obter informações sobre a capital turana.

O Guardião pousou a mão sobre o flanco do monstro e acariciou suas escamas.

Fiquei tensa, achando que veria sua palma ensanguentada, mas ela estava imaculada quando ele se virou para mim com aquele sorrisinho irritante.

— Bela coroa.

Deveria ter dado a coroa para o mercador de peixes.

— Obrigada. — Forcei um sorriso doce.

— É isso que você colocou nos baús? Coroas e joias?

— Meus pertences não são da sua conta. — Cruzei os braços diante do peito, erguendo a cabeça quando ele veio na minha direção, as botas pisando forte sobre as tábuas da doca.

Tão fortes quanto o ritmo disparado do meu coração quando ele parou diante de mim com aquele corpo largo. Era tão alto que meus olhos davam na altura do seu peito, e eu precisava erguer o rosto para encontrar seu olhar. Quando fiz isso, seus olhos se

mudaram para o verde mais vivo, como um prado quentino depois de uma chuva de primavera.

Seus olhos eram deslumbrantes. Aterrorizantes. Um calafrio desceu pela minha espinha. Esse homem era um assassino. Não deveria ter olhos tão encantadores.

Meu guarda não deveria ter me deixado sozinha.

— Nossos navios não são conhecidos pelos requintes da realeza. Como vai sobreviver à travessia? — ele provocou.

— Não sei — respondi, dando de ombros. — Se meu marido consegue suportar dias sem requintes da realeza, tenho certeza de que vou me virar bem. Não precisa se preocupar com meu bem-estar. Na verdade, talvez seja melhor me esquecer completamente. Prefiro não me envolver com um assassino.

Seus olhos se estreitaram, o sorrisinho vacilando. Ele devia saber que eu estava me referindo ao irmão de Banner.

O ar ao nosso redor mudou. Ficou carregado. Senti uma vibração na pele, mas não parecia magia voster. Não tinha a mesma fagulha cortante.

O poder do Guardião lembrava mais uma raiva fervente. Pulsava de seu corpo em ondas.

Uma mulher mais inteligente provavelmente teria se afastado. Interpretado essa sensação como um sinal para calar a boca. Mas eu estava cansada e com fome, e esse homem havia conseguido me irritar.

O que ele faria, mataria a noiva do príncipe?

Ele não me mataria. Certo?

O olhar do Guardião percorreu meu rosto por tanto tempo que lutei contra o impulso de me contorcer.

— Você parece cansada. Noite longa? Espero que não tenha ficado acordada até tarde se despedindo de seu noivo.

— Também não é da sua conta.

— Não? Você se casou com o herdeiro do trono turano. Seus

filhos serão da linhagem dele. Eu diria que tenho todo o direito de me preocupar com as sementes que permite entrar entre as suas pernas.

Meu rosto ardeu e senti meu queixo caindo enquanto me afastava como se tivesse levado um tapa.

— Não acredito que falou isso.

Ele deu de ombros.

Que. Desgraçado.

— Quem você pensa que é?

Sua resposta foi aproximar tanto o rosto que senti seu cheiro. Era masculino e marcante, como couro e frutas cítricas. Era brisa do mar, terra úmida e chuva pesada. Tão caótico quanto a cor de seus olhos.

Eles mudaram de novo, as íris adquirindo um toque de avelã. O verde e o dourado e o castanho pareceram guerrear em espirais, sem conseguir se fixar numa só cor.

Sua mão envolveu minha cintura, girando-me com tanta força que me assustei. Empurrando minha coluna, ele me impulsionou para a frente.

Ou tentou me impulsionar.

Tropecei numa tábua da plataforma e perdi o equilíbrio, cambaleando para o lado e quase caindo sobre o cadáver de uma enguia-óssea.

Mas o Guardião segurou meu braço antes que eu colidisse com aquelas escamas pontudas. Ele agarrou o mesmo lugar que Margot havia segurado no dia anterior. Não havia nenhum hematoma ainda, mas estava sensível.

Um gemido escapou da minha garganta e ele me soltou no mesmo instante, se afastando. Sacudi o braço dolorido e me endireitei, lançando um olhar fulminante para ele.

— O que você quer? Me constranger? Me intimidar?

— Talvez.

Bom, pelo menos ele foi honesto. Olhei para a enguia-óssea atrás de mim.

— Então acho que estou encurralada entre dois monstros.

— Você não faz ideia de como está certa — ele murmurou, chegando mais perto. — Seu braço. Você está bem?

— Estou. — Dispensei com um aceno. — É só um machucado que eu já tinha.

Ele franziu a testa, parecendo querer mais detalhes sobre o ferimento. Mas, em vez de perguntar, levou a mão ao meu cabelo e pegou um cacho que caía sobre meu ombro.

Meu cabelo estava apenas meio preso hoje. Margot não se dera ao trabalho de fazer uma trança.

Quando a mecha estava entre seus dedos, suas narinas se dilataram, como se conseguisse sentir o cheiro da tinta. Com uma expressão de escárnio, ele a soltou e limpou os dedos na calça. Deu meia-volta e saiu, estalando os dedos para mim como se eu fosse um cachorro que ele queria que o seguisse.

— Venha, Pardal. Você está atrasada.

E se eu o empurrasse do barco quando estivéssemos no mar? E se deixasse que o oceano fizesse o trabalho sujo por mim?

Gostei da ideia de ver o filho da puta se afogar.

9

Meu pai, Margot e Mae formavam uma linha no cais ao lado dos navios turanos. Suas costas estavam eretas, a postura perfeita com as mãos entrelaçadas e as coroas cintilando sob os raios fracos do amanhecer.

Eles tinham vindo para se despedir.

O alívio ao vê-los foi tão grande que tirou o ar dos meus pulmões e fez meus pés pararem.

Eles vieram.

No caminho de volta da doca das enguias-ósseas, eu tinha me convencido de que não me importaria se eles não viessem se despedir. Que não me magoaria, sabendo que meu pai havia prometido me trazer de volta para casa quando a minha missão de espionagem acabasse. Tinha certeza de que eles não viriam.

Mas lá estavam eles, suas roupas de um intenso verde-azul.

O Guardião me lançou um olhar irritado por sobre o ombro quando percebeu que eu tinha parado de segui-lo. Mas não estalou os dedos de novo, não me chamou para correr. Continuou passando pela minha família sem nem olhar para eles.

Estava quase na hora de partir. O cais estava vazio, as provisões já tinham sido carregadas assim como meus baús. Procurei minhas duas damas de companhia e encontrei Brielle embarcando no navio

do meio sozinha. Jocelyn já devia estar a bordo. A tripulação do barco da frente estava desamarrando as cordas enroladas ao redor dos cunhos do cais.

Tentei me mover mas não consegui. Todos os comandos mentais para as minhas pernas andarem foram ignorados.

Como me despedir? E se esse fosse o fim? E se eu nunca mais visse a minha família?

E se eu fracassasse? E se todos que eu amava fossem mortos durante a migração?

Meu pai tirou os olhos de um navio turano e me encontrou paralisada a uns vinte passos. Ele sempre teve tantos fios grisalhos no cabelo? Ou haviam crescido durante a noite quando percebeu que eu não era adequada para essa missão?

Quando Mae notou minha situação, seus olhos azuis se suavizaram, como se soubesse que eu estava presa. Ela saiu de perto de Margot e veio até mim, entrelaçando nossos braços. Com um puxão, me forçou a sair da inércia.

— Você está linda hoje.

— Obrigada. — Não pelo elogio, mas por estar no cais. Por estar ali e assim eu não precisar enfrentar isso sozinha. Meu coração batia forte, e a ardência na minha garganta avisava que as lágrimas estavam chegando. Chorar apenas irritaria meu pai, então engoli as lágrimas.

— Se estiver pensando em chorar, não chore — ela mandou, como se pudesse ler a minha mente. — Você fica feia quando chora.

Ri, algo que não achei que fosse possível hoje.

— Demônia.

— Admita. Vai sentir minha falta.

— Jamais. — Apoiei a cabeça em seu ombro enquanto ela me guiava para a frente. Ela diminuiu nosso passo, quase me arrastando para trás para não alcançarmos nosso pai e Margot tão

rápido. — Tome cuidado com o Guardião.

— Será? — ironizei. — Nem passou pela minha cabeça que ele pode ser perigoso.

— Estou falando sério. Esteja sempre atenta. E não confie neles. O pai precisa encontrar Allesaria.

— Espera. — Puxei seu braço para que ela parasse e esperei até se virar para mim. — Você sabe o que ele está planejando?

— *Claro.*

Claro. Tonta era eu por achar que estávamos todas no escuro. Não, era só eu.

Eu estava sendo levada para Turah sob ordens de roubar seus segredos. Tinha sido obrigada a me casar com um príncipe e forçada a assinar um tratado mágico antigo com meu sangue. Tinha feito tudo que se esperava de uma princesa na minha situação quase sem reclamar.

Mas ele não quis me revelar todas as verdades. Não me deu toda a sua confiança.

Eu tinha aprendido a viver sem o afeto de meu pai havia muito tempo. Sem seu amor. Mas, nossa, por mais que eu tentasse, queria sua confiança. Sua fé em mim.

Por que revelaria suas intenções para Mae mas não para mim? Era porque ela tinha um lado cruel? Porque era audaz e ardilosa? Porque sabia empunhar uma espada e vencer uma luta?

Qualquer que fosse o motivo, ele a havia escolhido como Pardal. Ele sempre a escolheu.

Tudo que sempre fiz foi servir a ele. Tudo que sempre fiz foi obedecer. Tudo que sempre fiz foi tentar ser vista.

O que era preciso?

Talvez a única forma de ganhar sua confiança fosse encontrar o caminho para Allesaria.

E cometer um assassinato.

Ele confiaria em mim se eu matasse o Guardião? Ele se

importava que quem provavelmente acabaria morta seria eu?

— Você consegue — Mae afirmou, abaixando a voz. — Vá a Allesaria. Mande notícias assim que possível. E aproveite para arrancar o coração do Guardião.

Essa era a irmã que eu tanto amava.

— Você faz um assassinato parecer tão simples — murmurei, olhando para a frente.

Dei de cara com um olhar cor de prata derretida do homem no convés do navio do meio.

O Guardião me encarava tão intensamente que um tremor me abalou dos pés à cabeça. Não havia como ele ter ouvido nossa conversa dali, mas sua expressão de desprezo, seu maxilar cerrado, dava a impressão de que ele tinha ouvido cada palavra.

Deuses. Será que esse era um dos seus poderes?

Margot entrou na minha frente, bloqueando a visão do Guardião enquanto colocava as mãos em meus ombros.

— Tome cuidado.

— Vou tomar.

Ela me deu um abraço, falando no meu ouvido.

— Você é forte, Odessa. Mais do que imagina.

Margot tinha sido a única mãe que tive, mas não era uma mulher de elogios. Era tão estranho quanto agradável, como uma gota de chuva numa planta moribunda.

Ela me soltou tão rapidamente quanto havia me abraçado, depois secou o canto dos olhos secos.

Talvez fosse tudo fingimento. Hoje, eu aceitaria a encenação, mesmo se fosse falsa.

— Onde está Arthy? — Olhei ao redor, procurando meu irmão. Será que ainda estava na carruagem?

— Dormindo. — Um *óbvio* tácito pairou entre nós. — Mal amanheceu.

— Mas não consegui me despedir dele.

Ela havia dito que o traria. Que eu poderia vê-lo, abraçá-lo, antes de partir. Se ele não estava lá, havia uma chance muito real de que eu nunca mais o visse. Aquela ardência na minha garganta voltou com força.

— Você o verá de novo. — Ela acenou, como se não fosse nada.

E se não o visse? Ele se lembraria de mim? Abri a boca, mas não havia nada a dizer. Era tarde demais. Eu precisava partir.

Meu pai assumiu o lugar de Margot, parando diante de mim com as mãos fortes nos meus ombros. Com um gesto brusco do queixo, mandou Margot e Mae se afastarem, ficando só ele e eu.

Seus olhos dourados encararam os meus, mais gentis do que nunca. Se também era encenação, eu me recusava a acreditar.

— Você consegue.

— Vou tentar. — Abri um sorriso triste. — Pelo senhor.

Seu corpo grande se desarmou ao me envolver nos braços.

— Cometi muitos erros como seu pai. Me desculpe. Sua mãe ficaria muito desapontada comigo.

O choque dessa declaração conteve a ameaça de lágrimas. Ele nunca falava da minha mãe. Nenhum deles falava. E nunca pedia desculpas. Quem era esse homem, e onde estava meu pai frio e orgulhoso?

— Lembre-se de tudo que eu falei — ele murmurou, a voz pouco mais que um sussurro.

— Vou lembrar.

— Ótimo. — Ele relaxou o abraço, mas, antes que pudesse me soltar, eu o apertei com mais força.

— Pode mesmo nos salvar dos crux? Vai quebrar o Escudo de Pardais? — Essa era a minha única chance de perguntar. Eu duvidava que ele me diria, mas precisava tentar.

— Vou tentar. Mas preciso entrar em Allesaria antes da migração.

— Por quê? O que há na cidade que o senhor está buscando? Se

me contar, talvez eu consiga ajudar a encontrar.

— Não cabe a você carregar esse fardo.

Não, mas ele o tinha dado para Mae.

— Como é possível? Li o tratado. Se invadir, o senhor quebrará as cláusulas. — Não eram muito detalhadas, mas essa era uma regra clara. — O senhor é o rei de Quentis. Vai morrer.

— Não tenho a intenção de morrer. Não tão cedo.

— Mas...

— Chega de perguntas. — Ele me soltou e se afastou. — Estou pedindo sua confiança, Odessa. Posso contar com ela?

Eu lhe dava a minha, mas não recebia a sua em troca. Não era justo. Mas respondi sem hesitar:

— Sim.

Ele fechou os olhos, e o alívio suavizou seus traços.

— Ótimo.

Eu poderia não ter todos os detalhes. Mas ele era meu pai. Meu rei. Em toda a minha vida, não o vi fazer nada além do que achava ser melhor para a sua população. E eu ainda era parte do seu povo, por mais que estivesse partindo para longe.

Ele segurou meu rosto e deslizou o polegar pela minha bochecha. Seu olhar se voltou para o meu cabelo, para a coroa.

— Nunca deveria ter deixado Margot tingir seu cabelo. O ruivo era da sua mãe.

— O senhor me contou. — Havia muito, muito tempo. Quando eu era pequena e ele ainda não tinha se esquecido da minha mãe.

— Seja como for, castanho combina com você. — Ele beijou minha testa e foi para o lado, estendendo o braço para me guiar ao navio do centro.

Uma passarela de madeira conectava o barco à doca.

Meu pai me soltou e, com a mão na minha lombar, fez sinal para eu seguir.

Sozinha.

Um turano com os olhos cinza estava esperando do outro lado, a mão estendida para me ajudar a descer o único degrau para o convés. Assim que meus dois pés estavam firmes a bordo, ele passou por mim e puxou a passarela.

Madeira bateu contra madeira quando ele a amarrou à lateral do navio e fechou a porta atrás de mim, virando a trava de metal. Ele saiu, juntando-se aos outros, que gritavam uns para os outros, todos prontos para sair de Roslo.

Meus joelhos ficaram bambos, pelo movimento do navio ou pela constatação de que chegara a hora. Sem a passarela, eu não tinha mais ligação com Quentis. A minha casa.

— Alteza. — Brielle correu para o meu lado, as bochechas coradas e o cabelo castanho liso escapando do coque. Depois de uma reverência breve, gesticulou em direção à parte traseira do navio. — Venha comigo. Jocelyn está esperando. Mandaram ficarmos fora do caminho.

Ou seja, mandaram *me* manter fora do caminho.

Eu não tinha a menor vontade de me misturar aos turanos, então deixei que ela me guiasse escada acima para o tombadilho, passando pelo posto do capitão, até a amurada mais distante da popa.

Depois que as velas foram içadas, o barulho dos homens diminuiu. A água batia no casco do navio enquanto balançávamos de um lado a outro.

Jocelyn fez uma mesura quando nos aproximamos.

— Alteza.

Havia marcas de lágrimas em suas bochechas, e a cor havia desaparecido de seu rosto. Seu cabelo loiro ondulado estava como o de Brielle, preso mas desgrenhado.

Apoiando-me na amurada de madeira, fiquei entre as duas. Eram mais altas do que eu com curvas exuberantes. Eu sempre tinha invejado o corpo delas. Perto delas, eu devia parecer uma menina

com meu corpo magro e braços esqueléticos.

Eu não era como Margot ou Mae. Na infância, embora Mae fosse a caçula, se brigássemos com outra criança, eu deixava que ela fizesse o trabalho. Era ela quem lidava com os empurrões e socos.

Pedir que Jocelyn e Brielle assumissem minhas batalhas não seria correto. Eu teria que encontrar forças para fazer isso sozinha. Como? Não fazia ideia.

— Está aqui faz tempo? — perguntei a Jocelyn.

— Não muito — ela respondeu. — Estava no porão, organizando nosso quarto.

— *Nosso* quarto?

— O homem que me ajudou a embarcar falou que ficaríamos juntas.

Então eu não dividiria os aposentos com Zavier.

— Por mim, tudo bem.

— Ontem à noite. Foi... — Brielle olhou para trás, confirmando se estávamos a sós. — Foi desagradável?

Nós não nos víamos desde que ela saiu dos meus aposentos no dia anterior. Fazia sentido que pensasse que eu havia passado a noite no quarto de Zavier, e não no escritório de meu pai.

— Ele ainda não me pediu para ir para a cama com ele, e não tenho a menor intenção de ir a menos que ele peça.

— Ah. — Ela abriu a boca como se fosse falar mais alguma coisa, mas a fechou de repente.

Mae provavelmente guardaria esse fato para si mesma. Ela costumava deixar suas damas de companhia acreditarem no que quisessem, sem responder a nenhuma pergunta pessoal. Deixava que elas fofocassem, mesmo quando os boatos que espalhavam eram falsos.

Mas Brielle e Jocelyn seriam minhas únicas aliadas nessa jornada. Com o tempo, poderíamos até nos tornar amigas. Eu não queria começar essa amizade com uma mentira.

— Vocês o viram? O príncipe? — perguntei.

— Não, alteza — Jocelyn falou.

Talvez Zavier tivesse escolhido outro navio. Talvez, se Daria, a Deusa da Sorte, estivesse do meu lado, apesar de nunca ter estado, o Guardião também estivesse nesse outro navio.

Havia uma multidão reunida no cais. Além da minha família e da guarda real, um grupo de mercadores e vendedores acompanhava nossa partida. Havia um grupo de soldados reunido ao lado da carruagem de Margot.

Banner não estava ali. Eu não o via desde a sala do trono.

Teria sido bom me despedir, mas talvez fosse melhor que ele ficasse longe.

— Aquela é a minha mãe. — Jocelyn apontou para uma mulher que estava afastada dos outros. O cabelo dela era loiro e ondulado como o da filha. — Ela me fez prometer que voltaria.

Eu tinha esperança de encontrar um jeito de ajudá-la a cumprir essa promessa.

— Sua família está aqui? — perguntei a Brielle.

Ela engoliu em seco e negou com a cabeça.

— Não, alteza. Com tão pouco tempo, só consegui mandar uma carta.

Os pais dela tinham uma fazenda em Quentis. Era sustento suficiente para eles e para a família do irmão dela, mas ela precisou buscar trabalho na cidade. E a distância até a fazenda era muito grande para a carta chegar em menos de um dia.

Talvez eu devesse ter insistido em levar as damas de companhia de Mae. Elas sabiam havia mais de um ano que deixariam Quentis. Tiveram tempo de se preparar. No turbilhão desde a sala do trono, não havia passado pela minha cabeça questionar as ordens de meu pai e Margot de que Brielle e Jocelyn me acompanhariam até Turah.

Esse casamento maldito, essa noiva de recompensa, havia

abalado outras vidas além da minha.

— Desculpa.

Ela ergueu os ombros.

— Não é culpa sua.

— Mesmo assim, sinto muito.

— Obrigada. — Sua voz falhou ao fungar.

Caiu um silêncio solene enquanto contemplávamos Roslo.

Será que eu voltaria para a minha amada cidade? Veria novamente meu castelo dourado? Mesmo que cumprisse a missão, que encontrasse o caminho para Allesaria. Nunca mais moraria em Quentis, não é?

Aquele meu cômodo com a varanda estreita no quarto andar não era mais meu. Então observei cada detalhe, memorizei cada torre e coruchéu, até o navio sacudir, os homens gritarem e nós começarmos a nos afastar.

Jocelyn levantou uma mão, acenando para a mãe, e com a outra escondeu a boca e os soluços silenciosos. Ela fungou e mais lágrimas escorreram por suas bochechas.

Não era justo. Não era justo, droga.

— Juro que vou mandar vocês para casa — afirmei. — Vocês verão Quentis novamente.

Havia uma chance muito real de eu quebrar essa promessa. Era cruel prometer algo que eu mesma não sabia se conseguiria cumprir.

Prometi mesmo assim.

Meu pai não era a única pessoa com quem eu falharia se não encontrasse o caminho para Allesaria. Eu não podia deixar Brielle e Jocelyn presas num reino estrangeiro, separadas de suas famílias indefinidamente.

A pressão dessas expectativas fazia com que fosse difícil respirar. O fardo dos segredos pesava em meus ombros.

Será que eu conseguiria?

Provavelmente não. Mas tentaria mesmo assim. Daquele momento em diante.

Eu conseguiria.

Talvez, se repetisse isso o suficiente, pudesse começar a acreditar.

A multidão no cais se agitou quando meu pai deu meia-volta e foi até seu cavalo. Margot e Mae entraram na carruagem.

Eu os observei partir, seguindo pela rua, protegidos por seus guardas, até serem envoltos pela cidade. Percorreriam as ruas que serpenteavam entre edifícios brancos até o castelo. Voltariam para sua vida enquanto eu navegava em direção à minha.

Os soldados saíram na sequência, seguidos pelos mercadores, que se dispersaram para suas barracas. Para o trabalho que os consumiria até o anoitecer e colocaria comida em suas mesas.

Restou apenas uma pessoa no cais durante nossa saída da baía de Roslo.

A mãe de Jocelyn.

Ela continuou acenando. Não parou em nenhum momento. Seus braços deviam estar cansados, mas ela continuou acenando para a filha.

Eu podia até ser a mulher com a coroa, mas era Jocelyn quem tinha a maior riqueza, não?

Era difícil demais ver mais um minuto delas se despedindo com aqueles acenos, então olhei para a minha falésia.

Pensei que a encontraria vazia, mas um único cavaleiro estava no topo. Um homem de uniforme verde-azulado montado em seu garanhão baio.

Banner.

Levantei o braço.

Ele fez o mesmo.

Eu o observei até ele ser apenas um pontinho na costa. Até os edifícios se misturarem num mar de branco. Até o castelo dourado atrás deles virar um brilho no horizonte. Fiquei na amurada de

madeira observando minha terra natal desaparecer, mesmo depois que Brielle e Jocelyn se retiraram para o convés inferior.

Tudo desapareceu num piscar de olhos. Num minuto, eu ainda conseguia enxergar a cidade, se apertasse bem os olhos. No outro, ela havia sumido, e tudo que conseguia ver era a água.

Ou talvez fossem apenas minhas lágrimas.

Tirei a coroa, piscando para secar os olhos.

— Você vai precisar de outras roupas. — A voz grave e rouca de um homem me assustou. Virei rápido, quase deixando a coroa cair, pensando que encontraria o Guardião à espreita.

Mas era Zavier.

Havia quanto tempo que ele estava ali? E quando foi que ele aprendeu a falar?

— A maioria das mulheres em Turah se veste como os homens. — Ele veio até a amurada. — Elas acham calças mais práticas para o dia a dia. Mesmo nas cortes de Perris, as damas só costumam usar vestidos em festas.

Ele queria falar comigo sobre moda? Ah, não.

— Você sabe falar.

— Não é porque não falo que não sei. — Ele sorriu. Seu sorriso era menos desdenhoso do que o do Guardião, mas tão presunçoso e irritante quanto. — Bem-vinda a bordo do *Cortador*, Odessa Wolfe.

Wolfe. Não Cross.

Odessa Wolfe.

Foi um soco no estômago. Mais um lembrete de tudo que havia mudado em menos de um dia. Se não fosse pela amurada, eu teria caído de bunda.

Quanto de sua identidade uma pessoa podia perder até não restar nada além de uma casca vazia?

Odessa Wolfe.

Eu odiava esse nome. Detestava com todas as minhas forças.

Talvez ele conseguisse sentir. Talvez fosse essa a sua intenção, tirar de mim tudo que me tornava quem eu era.

Mas eu não entraria nessa. Eles não poderiam tirar nada de mim se eu mesma me desfizesse de tudo.

— Tome. — Coloquei a coroa em suas mãos. — Deve alimentar uma família inteira por anos.

Zavier estudou o ouro e as joias âmbar, a testa franzida.

Não esperei por uma resposta. Atravessei a popa e torci para que o som triste de algo caindo na água às minhas costas não fosse a coroa sendo jogada no oceano.

10

O *Cortador*. O *Canhão*. O *Cutelo*.

Aparentemente, ao batizarem navios, os turanos só escolhiam armamentos.

E se orgulhavam muito dos nomes.

CORTADOR estava entalhado na mesa de jantar do meu quarto. Todas as cadeiras tinham uma plaqueta de latão com o nome, que também estava pintado com uma letra curva bege sobre a madeira em cima das janelas traseiras.

Será que temiam que se o nome não estivesse gravado na cabeceira da cama, a pessoa esqueceria onde estava dormindo?

Com plaquetas ou não, pelo menos o navio era relativamente confortável. Eu ainda estava me acostumando ao balanço constante, mas não tinha passado mal. Ao contrário de Brielle e Jocelyn, que ficaram a maior parte da noite agarradas a baldes.

Passei a noite alternando entre a cama das duas, aplicando compressa fria em suas testas e cobrindo-as com cobertores quando sentiam calafrios. Depois que elas pegaram no sono algumas horas depois, apaguei de vez, planejando dormir o dia todo. Mas não havia cortinas nas janelas que se estendiam ao longo da parte de trás do navio. Nada para bloquear o azul do oceano refletindo o dourado do sol nascente.

Estava claro demais para dormir. E o quarto estava abafado demais.

Amontoaram coisas demais em um espaço tão pequeno. Uma mesa para as refeições. Meus baús encostados na parede ao lado dos de Brielle e Jocelyn. E três camas. A minha de um lado do quarto, as delas do outro, com um corredor estreito dividindo o cômodo ao meio.

Jocelyn não tinha terminado de desempacotar meus pertences. Só tinha tirado alguns vestidos para pendurar na fileira de ganchos ao lado da porta. Eu tinha planejado usar um vestido cinza simples hoje, como todos os dias.

Mas havia uma pilha de roupas dobradas no chão, perto da porta.

Da porta trancada.

Em algum momento, enquanto eu dormia, alguém, a mando de meu marido, tinha entrado no quarto para me trazer roupas. Botas. Calças.

Eu não usava calças. Nunca.

Meu sobrenome, minha casa, minha coroa e minha família ficaram para trás, mas eu não perderia as roupas também. Era uma mulher que gostava de vestidos, mesmo que fossem cinza.

As calças podiam ir para o inferno.

Fui até um gancho, escolhi o vestido menos amarrotado e o vesti com meu par de sandálias mais confortáveis. Peguei o colar que havia deixado debaixo do travesseiro.

Quando passei o colar pela cabeça e o pingente repousou sobre o peito, um peso quente se instalou em meu corpo. Não era um peso ruim. Não era um fardo. Era como se algo me ancorasse com delicadeza. Abaixando meus ombros para longe das orelhas. Como se eu tivesse encontrado um novo centro para me manter firme nesse navio que balançava.

Olhei para o espelho estreito pendurado atrás da porta. A mulher que me encarou de volta estava cansada. E ainda com

fome, pois mal tinha beliscado o jantar da noite anterior com medo de vomitar se comesse demais. Mas, mesmo assim, aquela mulher era eu.

O vestido cinza sem graça, o cabelo castanho, as sandálias gastas e o colar quentinho. Meu guarda-roupa podia ser monótono e sem graça, mas era um fragmento de normalidade nesse mar de incerteza.

Escondi o pingente sob a gola do vestido, deixando-o sobre o esterno.

Como Zavier parecia não ter muito interesse em meu corpo ou em consumar o casamento, o colar ficaria seguro ali.

Andei até a pilha de roupas e botas e as empurrei para um canto.

Se os turanos quisessem mesmo que eu usasse calças, que batessem antes de entrar em meu quarto.

Brielle e Jocelyn dormiam profundamente, a boca delas entreaberta e os braços em volta dos baldes que eu havia esvaziado pela janela mais de uma vez durante a noite.

Ajeitei a frente do vestido, firmei a postura e destranquei a porta. Depois subi a escada que levava ao convés.

Uma rajada de vento do oceano levantou a ponta dos meus cabelos, emaranhando os cachos. Seria difícil penteá-los depois, mas o que mais eu teria para fazer? Se essa noite fosse como a anterior, depois que entregassem o jantar em meu quarto eu passaria as horas contando as ondas. E ouvindo Brielle e Jocelyn vomitarem e gemerem.

Não me faltaria tempo para escovar o cabelo.

O convés estava limpo e organizado. Os caixotes e caixas espalhados ali no dia anterior tinham sido guardados. As provisões foram guardadas no porão.

Um homem esfregava as tábuas do convés e outros se ocupavam com as cordas. Ninguém olhou na minha direção. Ninguém pareceu se importar que eu tivesse saído de meus aposentos.

Eu era tão invisível para os turanos quanto era em casa. *Ótimo*. Tornaria mais fácil espionar.

O *Canhão* e o *Cutelo* navegavam ao lado do *Cortador*, longe o bastante para não ter risco de colidir, mas perto o suficiente para ser possível ouvir algum grito vindo deles. Juntos, os três formavam uma linha de cascos de madeira e velas enormes. Uma linha vermelha cortando o mar azul.

Caminhei até a amurada a bombordo do navio, encarando o horizonte. Não havia nada além de água, céu e nuvenzinhas brancas.

Podia parecer solitário. Isolado. Mas passei anos demais na minha falésia em Roslo, imaginando o que haveria além das costas de Quentis, para sentir algo além de adrenalina.

Podia não ser a aventura que escolhi, mas era uma aventura.

Fechei os olhos, sentindo a água salgada espirrar em meu rosto. Virei o rosto para o céu, o calor do sol nas bochechas, e enchi os pulmões com o vento.

Minha aventura.

Eu estava feliz com essa situação? Não. Mas, ao menos, talvez conseguisse encontrar alguma alegria na jornada.

— A tripulação acabou de limpar. Tente não vomitar no convés, minha rainha.

Ele precisava mesmo parar de me chamar assim.

Meu lábio se curvou ao reconhecer a voz grave. Na noite anterior, cheguei a confundir a voz de Zavier com a do Guardião. Mas eram tão diferentes quanto as velas verdes contra o céu azul.

Zavier não era nem de longe tão condescendente.

Os poderes do Guardião incluíam saber o humor de uma pessoa? Ele percebera que eu estava quase sentindo algum prazer, então veio para estragar meu momento de alegria?

— Não há mais ninguém para importunar? — perguntei quando ele veio ficar ao meu lado.

— Não. — E lá estava o sorrisinho.

Mais arrogante do que nunca.

Será que tanta arrogância vinha de ele ser um assassino? Será que ele se achava intocável?

Ele se aproximou demais, então me afastei. Isso fez seu sorrisinho se alargar.

Deuses, queria dar um tapa nele. Não devia ser uma boa ideia, considerando que ele era um assassino de homens inocentes, mas a vontade era grande.

Os homens da minha vida não davam sorrisinhos de deboche. Meu pai fechava a cara. Banner jamais se rebaixaria a algo tão grosseiro. E os guardas do castelo eram treinados para manter a expressão neutra.

O Guardião sorria como se tivesse inventado o gesto. Apenas metade da sua boca se erguia no que poderia ser considerado um simples sorriso de viés, não fosse pela maneira como seus olhos se estreitavam. Esse homem exalava deboche e superioridade.

Seu olhar tinha aquele verde-esmeralda de novo, cheio de desconfiança. Me encarava como se soubesse um segredo. Um segredo que ele usaria para me zombar sem um pingo de piedade.

— Lindo vestido. — Seu olhar passou por meu corpo devagar, da cabeça aos pés. — Não quis experimentar as roupas que deixei para você mais cedo?

— *Você* entrou no meu quarto? — Meus dedos ficaram brancos de tanto apertar a amurada. Minhas unhas deixariam marcas na madeira antes de a conversa acabar. — A porta estava trancada.

— Estava? Não percebi.

Desgraçado. Toquei o nariz e cheguei mais perto, cheirando seu colete.

— Bem que senti um cheiro desagradável no ar quando acordei. Deve ter sido você.

Aquele sorrisinho se alargou, mostrando dentes brancos e

alinhados.

— Você ronca, Cross.

Cross. Não Wolfe.

Ele provavelmente falou meu sobrenome como um insulto. Como se eu ainda não merecesse o nome da família real turana. Mas eu não queria ser uma Wolfe, então se o cretino queria me chamar de Cross, longe de mim reclamar.

— Não ronco.

Roncava, sim.

Acontecia sempre que eu estava muito cansada, como na noite anterior. Já tinha acontecido de meu ronco ser tão alto que eu acabava acordando com o barulho.

Não que eu fosse admitir isso para ele.

O Guardião riu consigo mesmo ao se virar para o *Cutelo*, que navegava ao nosso lado.

O que eu odiava mais? O sorrisinho? Ou a facilidade com que ria às minhas custas? Era um empate.

Antes que eu conseguisse sair dali e voltar para o porão, ele apoiou as mãos na amurada ao meu lado e, com um único movimento fluido, pulou no mar.

Meu queixo caiu enquanto ele mergulhava, desaparecendo sob as ondas.

Olhei para o convés, esperando encontrar expressões de choque, mas os homens continuavam trabalhando como se aquilo fosse a coisa mais normal do mundo. Como se ninguém precisasse jogar uma corda antes que ele ficasse para trás.

As velas estavam a todo pano e avançávamos rapidamente. Ele não tinha como nadar tão rápido, certo?

Espreitei por sobre a amurada, vasculhando a água. Por quanto tempo conseguia segurar a respiração? Onde ele estava?

Sim, se ele se afogasse, isso me pouparia muito trabalho. E, sim, eu tinha fantasiado jogá-lo ao mar eu mesma. Mas, se ele morresse,

seria muito... anticlimático. E frustrante.

— Ali. — Um braço apareceu na minha visão periférica, estendido na direção do *Cutelo*. Zavier tomou o lugar onde o Guardião estava e apontou para o casco do outro navio.

Como um homem que havia pulado desse barco momentos antes já estava subindo pela corda de outro?

Nenhum homem mortal poderia nadar tão rápido.

— O que ele é? — sussurrei.

Zavier baixou o braço, os olhos ainda fixos no Guardião. Não respondeu à minha pergunta.

— Bom dia, Odessa.

— Bom dia — cumprimentei, alternando o olhar entre o príncipe e o *Cutelo*.

Os patrulheiros estavam naquele navio? Os vosters? Isso importava? Desde que o sumo sacerdote ou o frei Dime não estivessem no *Cortador*. Bastava estarem longe, de modo que eu não sentisse sua magia.

Zavier estendeu a mão, guiando-me para o tombadilho, subindo a escada para a popa, onde estávamos na noite anterior. Onde poderíamos conversar a sós.

— Você descansou? — ele perguntou quando nos apoiamos na amurada, os olhos fixos no lugar que tínhamos ficado, não na direção para a qual seguíamos.

Dei de ombros.

— Um pouco.

— Hum — ele respondeu, olhando na direção de Quentis. Ele estava com uma camada de barba que contornava as linhas duras de seu maxilar. Havia uma espada amarrada em suas costas. Facas em seu cinto. O príncipe guerreiro.

Havia olheiras escuras sob seus olhos, como se tivesse passado a noite inteira acordado.

Será que tinha ficado acordado caso alguma enguia-óssea

aparecesse? Estava armado para nos defender caso algum monstro nos atacasse?

— Já cruzou a travessia Krisenth? — perguntou, apoiando os antebraços na amurada para contemplar o mar.

— Nunca estive num navio.

Meu pai havia feito uma viagem a Ozarth certa vez e aceitado me levar, mas peguei um resfriado e ele me deixou para trás com nossos curandeiros.

— Essa travessia não é para os fracos. Como está seu estômago?

— Não está fraco.

— Ótimo.

— Minhas damas de companhia, por outro lado, estão sofrendo.

— Avise que só tende a piorar. Fiz a travessia uma vez com um homem de Genesis. Nunca tinha estado num navio e passou a viagem inteira vomitando pela janela.

Eu duvidava que Brielle ou Jocelyn sairiam do quarto se fosse assim. Mas eu gostava do balanço do navio. Era parte do motivo de ter dormido tão profundamente a ponto de roncar.

— Já viajou além de Quentis? — perguntou.

— Não. É minha primeira vez.

Passei a vida em Roslo, fazendo uma ou outra visita a cidades quentinas.

Quentis era o menor e mais meridional dos reinos de Calandra. Era cercado pelo oceano Marixmore em três lados e por um abismo no outro, na fronteira leste com Genesis. O desfiladeiro Evon.

O desfiladeiro cortava a terra tão profundamente que o interior era quase preto. Era largo demais para se construir uma ponte, então os viajantes desciam os penhascos por uma trilha em zigue-zague até o fundo do desfiladeiro e, depois, subiam da mesma forma pelo outro lado.

Uma rota tão traiçoeira não era muito percorrida. E os monstros

que se escondiam nas profundezas de Evon eram mais aterrorizantes do que aqueles que nadavam em Marixmore.

A travessia Krisenth podia até ser perigosa, mas era o caminho mais seguro de Quentis para os outros reinos. Era por isso que nossas rotas comerciais tinham sido estabelecidas pelo mar. Até nosso vizinho, Genesis, os viajantes navegavam ao longo da costa. E como Turah era o maior e mais setentrional dos reinos, a rota mais viável era essa travessia.

— Quanto tempo até chegarmos a Turah? — perguntei.

— Oito a nove dias, dependendo do clima. Temos provisões para duas semanas em caso de emergência.

— É por isso que vieram em três navios, não um? Para uma emergência? — Olhei para o *Cutelo* e o *Canhão*. Três navios parecia um exagero. A menos que não fossem o suficiente. — Com quantos navios vocês saíram de Turah?

— Seis.

Meu queixo caiu. Metade não tinha conseguido fazer a travessia.

— Enguias-ósseas?

— E uma tempestade.

— Deuses. — Fiz o sinal dos Oito.

— Está com medo?

— Sim. — Estava cansada demais para mentir bem.

— Muito bem — ele murmurou. — Tem motivos para estar. Também estou.

Não era algo que eu esperava ouvir de um príncipe. Talvez, com nossa honestidade, pudéssemos encontrar um terreno comum.

— A travessia deve estar mais segura agora que vocês mataram aquelas enguias-ósseas, certo?

— Quando se trata de monstros, a segurança é uma ilusão. O sumo sacerdote acredita que as fêmeas escolheram a Krisenth para pôr seus ovos. O motivo ninguém sabe. Com sete delas a menos, a população deve diminuir. Tornar os ataques menos frequentes.

Talvez a Cadeia de Setes realmente servisse para algo além do estrago que causou em minha vida.

— Então, sim — ele concluiu. — É mais seguro agora do que era antes.

Bom, isso não fez eu me sentir mais segura.

— Como as matou quando atacaram?

— Os navios são armados com arpões e lanças.

E ele havia matado todas as sete enguias-ósseas com essas armas para me tomar como prêmio.

— É improvável que sejamos atacados — ele continuou. — Uma tempestade é nosso maior temor.

A menos que os sete monstros fossem uma fração da quantidade na Krisenth. E se houvesse mais sete? Mais cem?

Um arrepio percorreu minha espinha, fazendo-me tremer.

— Usamos iscas, Odessa — ele me tranquilizou. — Um marinheiro vai encontrar uma única enguia-óssea ao longo de dez anos neste percurso, quando muito. Encontrar sete foi intencional.

Claro. Usaram iscas a pedido de meu pai. Atraíram sete para ele poder pedir sua noiva de recompensa.

— Por que eu? — questionei. — Por que quis se casar comigo?

Se estávamos mesmo presos um ao outro, eu queria uma resposta.

Mas Zavier ficou em silêncio, apoiando os cotovelos na amurada, o corpo alto e forte curvado. O olhar fixo no horizonte.

— Vai mesmo me ignorar, hein?

Os cantos de seus lábios se ergueram.

Não chegava nem perto de um sorriso de verdade, mas havia ao menos uma promessa ali. Ele já era bonito, mas devia ser devastador quando sorria. Talvez fosse mais seguro se não sorrisse. A última coisa de que eu precisava era me apaixonar pelo meu marido e baixar a guarda.

— Devo avisar que Turah não é como Quentis — ele falou.

— Porque as mulheres usam calças?

A piada me rendeu outro meio-sorriso bonito.

— Além das roupas, Turah é escarpada e vasta. Temos um longo caminho a percorrer mesmo depois que chegarmos à costa.

Até Allesaria.

Controlei a expressão, torcendo para ele não saber que meu pulso havia acelerado. Não seria conveniente se ele simplesmente me contasse tudo sobre a capital? Eu teria o maior prazer em ouvir.

— Quentis nunca enviou uma Pardal a Turah. Em trezentos anos. Turah já enviou uma Pardal para Quentis, mas, nos últimos nove casamentos, nunca aconteceu o contrário.

Os acordos dependiam dos herdeiros de cada geração. Suas idades. Seus gêneros. Seus reinos. Os pais não se importavam muito com amor ou preferência. Se um príncipe estivesse apaixonado por outro, ainda seria obrigado a se casar com uma princesa e gerar um herdeiro. Se uma princesa fosse dez anos mais velha do que o príncipe, eles se casariam desde que ela ainda pudesse ter filhos.

Desde que houvesse diferença geracional suficiente entre a mistura de linhagens para garantir a saúde de futuros reis e Pardais, nada mais importava.

Meu pai veio de uma longa linhagem de herdeiros homens. Até onde eu sabia, nunca havia me considerado como a Pardal. Talvez nos anos anteriores ao nascimento de Mae, mas, até onde eu conseguia me lembrar, sempre tinha sido ela. Ele sempre tinha acreditado que ela poderia ser rainha. Por que não eu?

Acho que não importava mais.

Pelo desígnio dos deuses, esse era meu destino.

— A última Pardal a vir para Turah era de Laine — ele contou. — Foi há mais de cem anos. Veio e não ficou por muito tempo.

Hum... como assim?

— Ela foi embora?

Podíamos ir embora? Acho que não havia nada no tratado exigindo que eu ficasse. Meu dever era gerar um herdeiro. Se eu fosse estéril, bem... até onde eu sabia, jamais existira uma Pardal estéril. Talvez também fosse parte da magia do tratado. Além disso, eu não podia matar Zavier.

Mas talvez, depois que meu dever estivesse cumprido, eu pudesse simplesmente ir embora.

— Tendo ideias? — Zavier arqueou a sobrancelha.

— Talvez — admiti, rindo.

Ele abriu um sorriso largo. Não chegava aos olhos, mas tinha os traços de um sorriso sincero. Era tão perigoso quanto atraente.

— Sim, foi embora — ele falou. — Depois que a filha dela, a avó de minha avó, nasceu. Voltou para Laine. Mas não sem pagar um preço.

A filha. Precisou deixar a filha em Turah. O reino deles era tão hostil a ponto de uma mãe abandonar a própria filha?

— Por que está me contando isso?

— Para controlar suas expectativas. Turah não é Quentis.

— Se queria a esposa mais forte possível, deveria ter escolhido Mae.

Ele voltou a olhar para a frente, os olhos verde-musgo duros e indecifráveis.

— Por que você finge que não fala?

Zavier hesitou, como se estivesse em dúvida se respondia ou não.

— Porque outros líderes veem isso como uma fraqueza que podem explorar. Costuma fazer com que preencham o silêncio com mais informação do que deveriam.

— Ah. — Inteligente. Algo para lembrar quando tentasse espionar.

Não seria fácil aprender sobre eles, sobre Allesaria, seria? Eles se isolaram dos outros reinos por um motivo. Seria apenas

desconfiança? Foram traídos em algum momento nas últimas gerações?

— Por que me confiou seu segredo? — Não fazia sentido que enganasse meu pai mas se abrisse para mim, e tão cedo. Eu não era besta de acreditar que ele realmente confiava em sua recém-esposa.

— Os turanos são leais a turanos. — Havia um alerta em sua voz.

Espera. Era um teste?

A partir do momento em que assinei o Escudo de Pardais, era considerada turana.

Ele falava na frente do próprio povo, mas não na frente de forasteiros. Zavier não havia falado na frente de Brielle ou Jocelyn no dia anterior. Eu duvidava que falaria. Elas eram quentinas.

Mas eu?

Ele havia estabelecido um limite, e esse segredo era sua maneira de me forçar a escolher um lado.

Eu não tinha contado a Brielle ou Jocelyn que ele havia falado comigo. Principalmente porque elas estavam passando muito mal na noite anterior. Mas parte de mim também gostava de saber algo com exclusividade. Eu costumava ser a última a saber das fofocas. A ouvir os boatos.

Estranho que, nos últimos dias, eu havia descoberto mais segredos do que em todos os últimos anos da minha vida. Do meu pai. E agora de Zavier.

Longe de serem presentes de confiança irrestrita. Eu provavelmente nunca conquistaria isso de nenhum dos dois. Mas guardaria esse segredo.

Por enquanto.

— Por que me escolheu?

Como antes, ele não respondeu.

Se achava que eu pararia de questionar, estava redondamente enganado.

— Você me deseja? — A pergunta escapou dos meus lábios antes

que eu pudesse conter.

Ele pigarreou, e era quase visível que sua mente buscava a resposta mais gentil.

— Você é uma mulher bonita.

Isso significava que não.

— Quer dizer que não vamos... — Nem consegui completar a pergunta.

O que foi bom, porque Zavier respondeu indo embora.

— Argh. — Apoiei-me na amurada, o corpo todo ardendo de vergonha. Talvez eu devesse me jogar ao mar para me refrescar. Ou talvez devesse aprender uma coisa com meu marido.

A manter a boca fechada.

11

A exclamação assustada de Brielle encheu o quarto.

— Alteza. O que está usando?

— Uma calça.

Uma calça de couro caramelo. Um cinto, da mesma cor, contornava a minha cintura. E uma túnica de linho cru cobria a parte de cima. A fenda na gola era grande, descendo até o esterno, mas, com um barbante amarrado em ambos os lados, dava para fechar. As mangas compridas se ajustavam aos meus punhos, e o tecido macio era bordado com flores nas laterais.

Flores de todas as cores. Vermelho, rosa, azul, roxo e verde. Eu não lembrava a última vez que tinha usado algo com tanta cor.

Passei os últimos cinco minutos me olhando no espelho, torcendo para encontrar algum defeito nessas roupas.

Mas que droga.

Gostei da calça.

A culpa era do tédio. Durante os últimos quatro dias, essas roupas ficaram no canto, largadas numa pilha. E durante os últimos quatro dias, aquela pilha me instigou.

Brielle Jocelyn ainda estavam enjoadas, então pedi que descansassem e fizessem o mínimo possível. Quando perguntaram sobre a pilha, falei para ignorarem. Elas não tiveram a menor

dificuldade em ignorar a calça. Já eu?

Fiquei entediada, e o tédio levou à curiosidade.

Por que as mulheres turanas usavam calças? Elas eram desconfortáveis?

Resolvi descobrir. Quando Brielle saiu para procurar o café da manhã na cozinha e Jocelyn foi buscar uma nova bacia com água, cedi à tentação.

Meu plano era vestir a calça, achar ruim e jogar pela janela.

Mas eu não conseguia mais tirar. O tecido era suave e macio. O couro contornava as curvas do meu quadril e envolvia minhas coxas. A calça era estruturada o suficiente para não perder a forma e flexível o bastante para permitir o movimento.

As botas eram pretas e feitas de um couro que eu nunca tinha sentido antes. A textura lembrava escamas. O material era mais grosso do que a calça, resistente, mas confortável. As solas e os saltos grossos me davam mais alguns centímetros de altura. Eu nunca seria tão alta quanto Brielle ou Jocelyn, mas aceitaria cada centímetro que ganhasse.

A túnica era um pouco larga demais — ou talvez eu não estivesse acostumada a uma blusa que não apertasse meus seios e minhas costelas. Mas o caimento solto me dava muita amplitude de movimento. Não apertava quando eu levantava os braços.

Era estranho não ser limitada pelas roupas. Era preciso um esforço consciente para não levantar as saias inexistentes.

— Não são horríveis — falei para Brielle.

— Mas... calças são para homens.

Era esse seu jeito de falar que eu parecia um menino? Até que parecia, sim. A calça em conjunto com a bota ficava um pouco masculina. Mas eu não tinha visto nenhum homem a bordo do *Cortador* com flores na túnica.

Sim, calças eram para homens. Em Quentis.

Não estávamos mais em Quentis.

— Gostei — admiti. — É confortável. E não é cinza.

— Se o problema é a cor, tenho certeza de que podemos encontrar um vestido em Turah. Não precisamos recorrer a *isso*.

Quase ri do horror na expressão dela. Nos últimos dias, tudo que via no rosto das minhas damas de companhia era tristeza e enjoo.

— Parece que a maioria das mulheres em Turah se veste como os homens.

Como se isso justificasse meu traje. Eu era uma princesa de Quentis. Não usávamos calças.

Às vezes, meus pensamentos pareciam ter a voz de Margot.

— Então vai usar para se encaixar? Se encaixar entre os turanos?

— Seria algo tão ruim assim? Me encaixar entre os turanos?

Ela suspirou.

— Acho que não. Preciso usar?

— Não.

Brielle não ficaria em Turah por tempo suficiente para se adequar ao estilo deles.

Que bom. Ela foi até a cama, sentando-se na ponta. Seu rosto estava pálido e seus olhos, cansados. As manchas âmbar em suas íris estavam sem brilho.

— O café da manhã ficará pronto em uma hora. A cozinha está uma confusão hoje. O trinco de um armário quebrou e tudo que estava dentro foi espalhado durante a tempestade da noite passada.

A travessia Krisenth não era para os fracos: o aviso de Zavier se revelou verdadeiro. Nos últimos dois dias, havíamos enfrentado tempestades constantes e mares revoltos. Brielle e Jocelyn passaram quase todo o tempo na cama.

Eu ficara sentada perto das janelas esperando tudo passar, encarando a escuridão até os relâmpagos iluminarem a noite.

O oceano havia se revirado por horas antes de os ventos finalmente se acalmarem e a chuva torrencial amansar as ondas.

Olhando pela janela nessa manhã, parecia que tínhamos entrado

numa outra realidade. A água cintilava sob o sol e havia um céu azul sem nuvens.

— Vou subir para o convés — falei para Brielle. — Você deveria vir também.

Eu precisava sair do quarto e respirar ar fresco. Isso seria bom para ela também.

— Vai vestida assim? — Ela me olhou de cima a baixo.

— Está tão ruim assim?

— Não.

— Mentirosa.

Ela me abriu um sorriso cansado.

— É diferente. Mas você fica bonita em qualquer roupa. E seu cabelo está lindo hoje. Desculpa por não ter ajudado muito.

— Não tem problema. — Não me incomodava em trançar meu próprio cabelo.

Quando eu era pequena, tinha uma babá. Quando fiquei mais velha, uma dama de companhia. Mas, independente de quem cuidasse de mim, sempre havia momentos em que elas eram necessárias em outro lugar, e eu precisava me virar sozinha.

Apareciam convidadas que precisavam de uma assistente extra. Uma festa que exigia todos os servos a postos para ajudar nas preparações. Falta de pessoal na lavanderia ou na cozinha.

Ou Mae afugentava a própria dama de companhia e a minha era roubada para ela.

Brielle era a que estava comigo pelo período mais longo, quase três anos. Mas era provável que só tenha me ajudado a ajustar o vestido ou arrumar o cabelo por metade desse tempo.

Claro, eu poderia ter dado um chilique. Exigido alguém para trançar meu cabelo. Mas chiliques e exigências faziam mais o estilo de Mae do que o meu.

— Vamos. — Fui até a cama e estendi a mão para ajudá-la a se levantar. — Vamos subir. Está abafado aqui dentro. Jocelyn vai nos

encontrar.

Ela abriu a boca para argumentar, mas a arrastei para a porta, puxando-a até a escada. Soltei sua mão quando subimos ao convés.

O sol aqueceu meu rosto, e senti o ar fresco e salgado enchendo meus pulmões. Minha mente relaxou no mesmo instante. Toda a tensão nos ombros desapareceu.

Talvez tenha sido um marinheiro em outra vida. Antes das tempestades, eu havia passado a maior parte dos dias no convés, deixando Brielle e Jocelyn no quarto.

Se ficasse na proa, olhando para o oceano, poderia fingir que era livre. O mais próximo que eu encontraria de minha falésia em Roslo. O resto do mundo e as responsabilidades eram levadas pelo vento.

A tripulação ainda ignorava minha existência. Eles faziam seu trabalho, mas hoje, quando subimos ao convés, todos os olhos se voltaram para nós. Um homem segurando um esfregão quase o deixou cair ao nos ver.

Brielle era deslumbrante. Eu entendia a reação. Deviam ter esquecido que ela estava a bordo, de tanto que ficara escondida no porão.

Eu me virei para falar a Brielle que poderia ignorar os olhares, mas percebi que estava sozinha. Ela ainda subia na escada, uma mão no corrimão e a outra levantando as saias; a subida era muito mais rápida de calça.

O que significava que era para mim que os homens estavam olhando.

Eram as calças, então?

Eu não era do tipo que gostava de chamar atenção. Pelo contrário, preferia passar totalmente despercebida.

Havia um vestido cinza no meu quarto clamando por mim. As calças que fossem para o inferno. Eu lidaria com minhas saias.

Eu estava prestes a forçar Brielle a voltar para o porão quando

um vulto monumental surgiu no canto da minha visão.

— Achei que essas roupas já tinham sido jogadas ao mar há dias, minha rainha. — A voz do Guardião estava mais grave do que o normal. Rouca, como se tivesse sido muito usada na noite anterior.

Eu ouvira homens gritando no meio da tempestade da noite anterior. Será que ele era um deles? Ou tinha nadado de volta para o *Cortador* depois que a tempestade passou?

Eu não o via desde que ele havia pulado no mar dias antes.

Forçando um sorriso tenso, eu o encarei, notando a cor de seus olhos. Um verde-esmeralda arrepiante.

— Zavier falou que são as roupas típicas das mulheres turanas — respondi. — Achei melhor experimentar.

— Você não é turana. — Ele cruzou os braços diante do peito.

— Sim, mas meu marido é. Ele as mandou para mim, como você bem sabe, então vou usar a pedido dele.

— Uma esposinha obediente, Pardal? Pelo menos na teoria.

Ele nem se deu ao trabalho de esconder o deboche. Ele sabia, não? Que Zavier não havia me levado para a cama? E, em vez de deixar a questão de lado, jogava na minha cara. Fazia parecer que a falta de desejo de Zavier pela esposa era culpa minha.

Ah, como eu detestava esse homem. Mais e mais cada vez que o via.

Se eu um dia aprendesse a disparar uma besta com precisão, ele seria meu alvo. Mas minha mira era péssima. O mestre de armas tentara me ensinar a usar uma besta quando eu tinha onze anos, e eu quase cravei um virote no pé dele.

As aulas de besta começaram e terminaram no mesmo dia.

— Alteza? — Brielle chegou no topo da escada, a respiração ofegante, segurando meu braço para se equilibrar.

O toque me tirou daqueles pensamentos, dissipando as fantasias de matar o Guardião. Quando foi que me tornei tão cruel? Nunca na vida havia fantasiado matar alguém.

Era assim que Mae era por dentro? Com sede de sangue escondida sob a superfície? Talvez eu e minha irmã não fôssemos tão diferentes assim.

— Você está bem? — perguntei, ignorando o homem que observava cada movimento nosso.

Ele não tinha mais o que fazer? Eu não gostava muito da ideia de ter um assassino perto de Brielle. Tinha quase certeza de que minha vida estava segura, mas não confiava no Guardião perto dela ou de Jocelyn.

— Um pouco zonza — ela respondeu.

— Provavelmente porque não comeu muito. Vamos ficar só mais um pouco...

Minha frase foi interrompida quando Brielle tombou em cima de mim, seus braços envolvendo meu corpo para não cair.

Não por tontura. Não por tropeçar na própria saia.

O navio balançou tanto que todas as pessoas no convés perderam o equilíbrio.

— O que foi isso? — Brielle perguntou.

— Enguia! — o Guardião bradou ao mesmo tempo.

Gritos encheram o ar e os homens abandonaram suas tarefas, correndo para as armas guardadas nas paredes laterais do navio.

— Aos arpões. — A voz do Guardião ressoou ao nosso redor, mais alta do que a de qualquer homem. Qualquer humano. Mais parecia o rugido de um animal.

— Ai, deuses. — Brielle estremeceu. — Vamos morrer.

— Não vamos morrer. — Eu a empurrei para a escada. — Desça. Agora.

Mas, antes que ela pudesse chegar ao primeiro degrau, o Guardião segurou seu braço e a puxou para longe da escada.

— Acha mesmo que o lugar mais seguro para estar quando o navio afundar é lá embaixo? — ele rosnou. — Sente-se. Segure-se firme. Não atrapalhe, porra.

Brielle não precisou ouvir duas vezes. Correu até o chão, encolhendo-se num canto embaixo da escada que levava ao tombadilho.

— Vá. — Os olhos do Guardião passaram de verde a prateado num piscar de olhos. Ele se afastou e foi para o mastro, subindo a escada dois degraus por vez.

Ao chegar à plataforma no meio do mastro enorme, olhou para a água, como se pudesse ver sob a superfície o monstro que espreitava lá embaixo.

— Cross!

Assustei quando ele berrou meu nome.

Ele estava de costas para mim. Como sabia que eu não tinha saído do lugar?

— E Jocelyn? — Brielle perguntou. — Onde ela está?

Merda.

— Vou buscá-la.

Mas, antes que eu pudesse descer as escadas, uma torrente de homens surgiu de baixo.

O cozinheiro, com o rosto vermelho e coberto de suor, carregava um cutelo em cada mão. Os outros eram homens que eu só via depois do anoitecer. A tripulação da noite. Alguns estavam fechando os botões das calças. Outros, vestindo camisas.

Eles passaram por mim, correndo a passos firmes na direção dos cofres de armas. Cada homem pegou uma lança com espinhos e foi até a amurada oposta. Um homem desamarrou um arpão enorme. A ponta tinha farpas, mas não havia nenhuma corda ou corrente na extremidade, como os que os pescadores usavam nos navios de meu pai.

Aquele arpão não era para pescar. Era para abater.

Havia homens suficientes para ocupar toda a volta do navio.

Onde estava Zavier? Ele era o assassino de enguias-ósseas. Ainda estava dormindo?

Bom, se fosse o caso, estaria por conta própria. Eu precisava buscar Jocelyn.

Mas, quando cheguei à escada, ela já estava subindo.

— Rápido. — Fiz sinal para ela se apressar, esperando que erguesse mais as saias. Quando chegou ao topo, eu a empurrei na direção de Brielle, deixando que ela fosse na frente.

Eu ainda estava em pé quando o navio deu outro solavanco. E não vi mais nada além das minhas próprias botas e do céu azul ao ser lançada para trás, caindo de bunda.

A enguia-óssea. Devia estar tentando abrir um buraco no casco com aquele osso de seu crânio.

— A estibordo! — O Guardião apontou na direção em que estava olhando, e todos os homens correram para a frente, as lanças erguidas sobre os ombros, prontas para serem arremessadas.

Fiquei em quatro apoios, pronta para me levantar e correr na direção de Brielle, que estava aos prantos, e Jocelyn, de olhos arregalados, quando o monstro atacou de novo.

Em vez de atingir o barco por baixo como tinha feito antes, o corpo imenso da enguia-óssea saiu da água, arrastando as escamas por todo o lado a estibordo, lançando-nos para o alto.

O chão embaixo de mim se inclinou para cima, e eu não tinha mais onde me segurar, caindo de bruços.

Um guincho ensurdecedor saiu da boca da enguia-óssea quando ela saltou na altura das velas, os dentes brancos reluzindo.

Os homens se seguraram às correntes e cordas presas ao longo do casco do barco. Alguns conseguiram se equilibrar o suficiente para arremessar suas lanças. Algumas se cravaram no couro do monstro, mas não foi o suficiente para derrubá-lo. Outras foram despedaçadas pelas mandíbulas enormes da criatura.

Eu, porém, não tinha corda nem corrente. Não conseguia fazer nada além de escorregar, tentando freneticamente me apoiar no piso liso enquanto despencava em direção a bombordo do navio.

Em direção à água que subia em minha direção.

Meu grito se perdeu em meio ao barulho e ao caos. Olhei por sobre o ombro bem a tempo de perceber a amurada aos meus pés. Foi apenas pela sorte de Daria que consegui colocar as duas botas ali e não ser arremessada ao mar.

A água invadiu o convés, encharcando minha calça e minha camisa antes de o *Cortador* balançar violentamente na direção oposta. O navio voltou a ficar estável conforme o corpo brilhante da enguia-óssea mergulhava nas profundezas, desaparecendo sob a superfície.

Fiquei estirada de bruços, molhada, com frio e apavorada. Mas viva. Ainda estava viva.

Meu coração estava na garganta quando fiquei de joelhos.

Brielle segurava com firmeza a amurada, as lágrimas escorrendo pelo rosto enquanto murmurava preces aos deuses. Jocelyn apertava os braços em volta dela, fosse para reconfortá-la ou para ter um apoio caso o navio balançasse de novo.

Os homens de mãos vazias correram para pegar novas lanças. Outros sacaram espadas.

— Arpão — o Guardião gritou do alto de seu posto, a mão estendida.

Um homem grande lançou a arma no ar, como se quisesse atingir o peito do Guardião.

Mas o Guardião a apanhou e empunhou no momento exato em que a enguia-óssea voltou a atacar.

Como antes, o navio foi erguido a estibordo, tirando meu equilíbrio.

Eu deveria estar preparada. Deveria ter esperado o solavanco violento do navio. Deveria ter dado ouvidos ao Guardião quando ele mandou eu segurar.

Nem deveria estar nesse navio maldito.

E não estava, não mais.

Minhas botas perderam a firmeza, e minhas costas acertaram a amurada antes de meu corpo cair na água com tudo.

O frio foi um choque, tirando o ar do meu pulmão. Depois veio a força das correntes das ondas e do navio, ambos me empurrando para longe. Para as profundezas.

Nade. Bati as pernas com força, esticando a ponta dos dedos para a superfície. Cinco braçadas firmes e eu estava livre, puxando o ar antes de uma onda se quebrar sobre minha cabeça. Quando consegui tomar outro fôlego, um guincho ecoou, e a enguia-óssea mergulhou.

Meu coração parou.

Eu estava no oceano com uma enguia-óssea. Era assim que eu morreria.

— Deuses, me salvem.

— Nade! — O Guardião apareceu na amurada, os olhos fixos em mim enquanto outros homens se aglomeravam ao redor dele, todos armados para quando a enguia-óssea voltasse à superfície.

Passei os olhos pelas ondas, procurando uma barbatana iridescente ou um brilho cor de safira. Mas eu estava sozinha, e o navio se afastava.

— Porra, Cross. — O Guardião bateu os punhos na amurada. — Nade!

Nadar. Boa ideia.

Nadei com todas as forças, encontrando o ritmo das ondas. Minhas pernas nunca haviam batido com tanta intensidade, meus braços puxando a água com toda a força.

Mais rápido. Eu precisava ir mais rápido. Todos os músculos do meu corpo começaram a queimar, a arder de dor, mas ignorei a sensação e fiz todo o possível para alcançar o navio.

Mas ele ficava cada vez menor. Eu não era rápida o bastante.

As velas começaram a se enrolar conforme os homens as baixavam para diminuir a velocidade do navio. Fizeram uma curva

brusca a bombordo, como se estivessem tentando voltar para me buscar.

Por mais rápido que eu nadasse, por mais depressa que mudassem o rumo, não importava.

Eu nunca nadaria mais rápido do que uma enguia-óssea. E, se ficassem parados na água, também estariam à mercê do monstro.

A força e a velocidade foram se esvaindo de meus músculos, o frio tornando mais e mais difícil nadar.

O Guardião me encarava, sem desviar o foco, como se estivesse me instigando a seguir em frente.

— Vamos! — Ele bateu o outro punho na amurada e, por um momento, quis gritar que estava tentando. Mas não era a mim que ele se dirigia. Ele gritava para os homens.

Um tripulante apareceu com um arpão na mão, a corda na outra.

O Guardião andou para trás até desaparecer. Depois veio o arpão, voando com a corda se estendendo atrás dele, uma linha marrom contra o céu luminoso.

Levei um susto, certa de que ele se cravaria na minha pele, quando a ponta afiada desapareceu na água ao lado da minha perna. A corda se estendeu ao longo do meu braço, e a segurei com força com as duas mãos enquanto era puxada pela água.

Meu peito batia contra as ondas, subindo pelas cristas, ao ser puxada mais e mais rápido em direção ao *Cortador*.

Eu conseguiria. Vinte metros. Quinze.

Uma coisa dura roçou minha perna. Uma coisa afiada.

— Não. — Um calor úmido se espalhou entre as minhas coxas quando minha bexiga se soltou.

Nunca havia sentido um medo assim. O monstro estava lá, embaixo do meu corpo. Não dava para ver, mas eu sabia que estava vindo. Ele não me deixaria alcançar o navio.

Eu seria comida por um monstro que sempre achei fascinante. Nunca chegaria a Turah. Nunca voltaria para casa.

— Esperem. — O comando do Guardião me distraiu do medo. Quando olhei para o navio, seus olhos prateados aguardavam. Seu arpão estava erguido, o rosto assustadoramente calmo ao olhar além da ponta da arma.

Ouvi água sendo espirrada atrás de mim, o mesmo som de um casco de navio cortando o mar.

Mas não era um navio.

Era a morte.

Se fosse para morrer, não queria que minha última visão fosse das fileiras de dentes, então fixei o olhar no Guardião.

Podia ser um desgraçado, mas pelo menos era bonito. Havia coisas piores para ver no fim da vida.

O meu rosto estava molhado, as lágrimas se juntando à água salgada.

Dez metros. Eu estava muito perto. Muito, muito perto.

E longe demais.

— Agora. — Ao comando dele, a corda foi puxada com força. Fui arrancada da água com tanta velocidade que meu estômago se revirou. Um grito escapou da minha garganta.

Mas eu não era a única gritando.

A enguia-óssea voou para fora da água, a boca aberta tentando me devorar inteira. O grito que saía de sua garganta era tão alto que parecia vibrar na minha pele.

Fechei os olhos, as mãos latejando em carne viva e começando a escorregar da corda. A força de meus dedos vacilou e eu me soltei. Mas em vez de cair na boca do monstro, acertei o convés do *Cortador.*

Meu corpo se estatelou de lado.

— Não deixem cair — o Guardião gritou. — Puxem.

Puxar? Entreabri os olhos, apoiando-me num cotovelo.

Escamas azuis. A centímetros do meu rosto.

— Ah! — Afastei-me, escorregando e deslizando pelo convés ao

percorrer o olhar pelo monstro, da espinha ao pescoço e à cabeça.

Uma cabeça perfurada por um arpão.

— Alteza. — Brielle e Jocelyn se agacharam ao meu lado, as duas chorando enquanto me ajudavam a ficar de joelhos.

Brielle me envolveu em seus braços, chorando na minha camisa encharcada.

— Pensei que estivesse morta.

— Eu também — sussurrei, a respiração ofegante.

Atrás dos homens, atrás do monstro morto aos meus pés, velas verdes surgiram.

O *Cutelo* se aproximava, planando ao longo do *Cortador* rápido demais para parar, mas perto o suficiente para Zavier saltar de um navio a outro.

Seu rosto estava duro, a expressão indecifrável ao observar a enguia-óssea morta e a tripulação puxando a metade traseira da criatura para dentro do navio.

O Guardião estava com as mãos no quadril, o peito subindo e descendo com a respiração pesada.

Zavier perscrutou o convés, encontrando-me na confusão. Seu corpo todo relaxou. Voltou o olhar para o Guardião e acenou com a cabeça.

O Guardião retribuiu o gesto.

— Zavier. — Um dos guerreiros o chamou até onde um homem estava caído de costas, sangue escorrendo sobre o convés. Uma lasca de madeira do lado estibordo do navio estava cravada na coxa dele.

Zavier. Não o chamavam de príncipe nem de alteza.

O Guardião apareceu, levantando-me, e, nossa, como estava furioso.

— Deixem-nos — ordenou a Brielle e Jocelyn.

As duas se afastaram, parecendo notar pela primeira vez que havia um monstro morto no convés. Jocelyn gritou e correu para

descer a escada.

O prateado dos olhos do Guardião girava como metal derretido. Ele abaixou o rosto, chegando tão perto que nossos narizes quase se tocaram.

— Quando eu lhe der uma ordem, obedeça.

— Desculpa.

Meu pedido de desculpas apenas o enfureceu mais. Aquela vibração que eu sentira em Roslo, a fúria em ebulição, veio à tona.

— Se eu mandar correr, você corre. Se eu mandar se esconder, você se esconde. Se eu mandar pular num pé só e bater na cabeça, você. Vai. Pular. Porra. Entendido?

— Não.

A palavra me surpreendeu tanto quanto a ele. Talvez eu tivesse bebido água salgada demais? Mas eu é que não concordaria cegamente. Passara vinte e três anos recebendo ordens de homens que achavam que podiam ditar cada passo meu. E estava farta.

Eu me recusava, terminantemente, a me acovardar diante desse homem. Eu me recusava a dar esse controle a ele.

Não quando já havia perdido tanto.

Ele piscou devagar, claramente esperando uma resposta diferente.

— O que você falou?

— Não. — Joguei os ombros para trás, usando meu último resquício de força, e ergui o queixo. — Vou ouvir quando for uma questão sobre a minha segurança. Ou de outras pessoas. Vou fazer o possível para "não atrapalhar". Mas não vou ceder a todos os seus caprichos. Não vou me humilhar só porque me acha insignificante. Se me queria quieta, deveria ter deixado que a enguia-óssea me matasse. Não sou um de seus guerreiros para você liderar. Não sou sua esposa para você comandar. Então, não, não estamos entendidos.

Eu não precisava que ele concordasse ou respondesse. Não tinha

mais nada a dizer nem energia para discutir, então dei meia-volta, pisando molhado até a escada.

Mas, antes de desaparecer lá embaixo, parei e virei para falar por sobre o ombro:

— Obrigada por salvar minha vida.

Um dia, se tivesse a chance, retribuiria o favor tirando a dele.

12

A enguia-óssea que quase havia me devorado no dia anterior estava pendurada no mastro do *Cortador* por uma corrente grossa. Os olhos opacos do monstro me receberam assim que pisei no convés. Assim como o fedor de peixe podre.

Talvez devesse ter ficado na cama. Talvez, se ficasse deitada por tempo suficiente, acabaria pegando no sono.

Eu havia passado a última noite olhando para o teto escuro, ouvindo Brielle choramingar durante um pesadelo e Jocelyn virar de um lado para o outro. Escutando o som da tripulação consertando o estrago no navio, martelando o casco.

Toda vez que fechava os olhos, eu estava de volta na água. Sentia o corpo do monstro tocar minha pele. Sentia sua respiração nos pés e ouvia seu grito nos ouvidos.

Mil anos poderiam se passar, e eu jamais esqueceria aquele som.

Brielle se recusava a sair do quarto até chegarmos a Turah. Jocelyn ia até a cozinha, mas se recusava a pisar no convés. Talvez estivessem certas.

Mas o medo não me manteria presa lá embaixo. Não foi a minha vida que acabou no dia anterior. Se o *Cortador* havia sobrevivido ao ataque e seguido em frente, eu também seguiria em frente.

Atravessei o convés, com a cabeça erguida, e me aproximei do

monstro.

O cheiro era avassalador. Senti ânsia de vômito antes de começar a respirar pela boca em vez do nariz.

Sangue pingava das narinas da enguia-óssea e caía em um balde prestes a transbordar. Pelo gotejamento constante, alguém devia estar esvaziando com frequência.

Senti ânsia de novo.

O cheiro era cem vezes pior do que o da tintura que eu passara no cabelo de manhã para compensar o que o oceano havia lavado durante o suplício do dia anterior. Com sorte, ninguém se lembraria que meu cabelo estava mais ruivo do que castanho naqueles minutos em que fiquei discutindo com o Guardião. Eu não tinha energia para justificar meus cuidados com o cabelo, nem agora nem nunca.

— Com fome? — Uma fatia de maçã na lâmina de uma adaga foi estendida na frente de meu rosto.

— Não. — Empurrei a mão do Guardião, meu estômago revirando.

Ele enfiou a fatia na boca, a fruta estalando ao ser mastigada. Seus olhos estavam da cor de avelã hoje. Talvez fosse a tonalidade normal.

Eu preferia as cores fortes e vívidas. Tornavam mais fácil lembrar que ele não era um homem normal.

— Não me diga que fica enjoada ao ver um pouquinho de sangue? — ele perguntou.

— Não chamaria um balde cheio de “pouquinho”.

Ele cortou outra fatia, depois jogou o miolo com as sementes no mar. Guardou a adaga na bainha presa na costela e então pegou o balde do chão e o levou até a borda do navio para esvaziá-lo.

Pensei que veria uma corrente carmesim, mas o líquido não era vermelho. Era um verde-escuro que me lembrava os olhos dos vosters.

Um arrepio desceu pela minha espinha.

Hum... Não era para ser vermelho? As enguias-ósseas no cais tinham sangue vermelho escorrendo. Por que essa era diferente?

Gotas frescas caíram do focinho do monstro nas tábuas do convés, algumas respingando na direção das minhas sandálias.

Dei um pulo para trás antes que as gotículas manchassem a barra do meu vestido. Depois do mergulho do dia anterior, minhas botas, minha calça e minha túnica precisaram de uma boa lavagem. Foram penduradas para secar, mas estavam duras pelo sal. Então voltei aos vestidos cinza e sandálias baixas. Mas não por muito tempo.

As roupas turanas haviam salvado minha vida no dia anterior. Talvez eu estivesse dando muito crédito a uma calça e uma túnica, mas eu já havia passado tempo suficiente nadando de vestido para saber que bater os pés era muito mais difícil com saias ao redor do tornozelo.

O Guardião colocou o balde vazio embaixo do monstro.

— Esse sangue não é vermelho.

— Muito observadora, Cross.

Franzi a testa.

— O sangue das enguias-ósseas fêmeas que Zavier matou e deixou em Roslo era vermelho. Por que o sangue dessa é verde? Por que os olhos dela são brancos, não pretos? É macho ou algo assim? Um tipo diferente de monstro?

O Guardião encarou o monstro, cruzando os braços diante do peito.

— É macho.

Isso explicava por que era tão maior. Tinha quase o dobro do tamanho das fêmeas. O osso saliente do crânio era duas vezes mais extenso. E seus traços não eram tão esguios. O rosto era anguloso, o focinho mais largo.

As fêmeas davam medo. Mas os machos? Eram apavorantes.

Não havia razão para eu estar viva hoje.

— Ela deveria ter me matado — falei. — Na água, senti algo encostar na minha perna. Ela deveria ter me devorado ali mesmo. Por que não fez isso?

— Minha opinião? Ela estava concentrada no navio. Com a comoção, só percebeu que você estava na água quando encostou o rabo em você.

— Eu não acredito que seja tão sortuda. Daria nunca esteve a meu favor.

— Então agradeça por ela ter estado ontem.

Obrigada, Daria.

— Você nada rápido — falei.

— Vai ficar declarando o óbvio hoje? Porque tenho mais o que fazer.

Revirei os olhos. *Engraçadinho.*

— Por que não pulou na água para me resgatar? Não teria sido mais rápido?

Uma noite revivendo cada momento e isso era o que mais me incomodava. Por que ele havia preferido lançar o arpão e ficar no navio a nadar para me buscar?

Talvez não estivesse disposto a colocar sua vida em risco para salvar a minha.

Talvez estivesse tentando cumprir várias tarefas ao mesmo tempo. Me salvar. Matar o monstro.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Da próxima vez em que estiver sendo quase devorada por uma enguia-óssea, devo consultá-la para garantir que será salva das presas dela de maneira aceitável?

— Não quis dizer que... — Balancei a cabeça. Estava cansada e esgotada demais para articular os pensamentos, então nem tentaria. — Desculpa. Não quis parecer ingrata. Obrigada de novo por salvar minha vida.

Ele franziu a testa mas assentiu.

— Por que manter o corpo? Por que não jogar ao mar e nos livrar do fedor?

— Essas escamas são valiosas. Vamos jogar fora depois que elas forem coletadas.

— Ah. — Olhei para o oceano. — Devo me preocupar com outro ataque de enguia-óssea?

— É improvável. Mas existem outros monstros a temer na Krisenth além das enguias-ósseas.

— Como você? — A resposta saiu da minha boca automaticamente. Um reflexo.

Era um daqueles comentários sarcásticos e impulsivos que deixariam meu pai ou Margot furiosos. Um pensamento que eu normalmente guardava para mim mesma.

Mas, quando se tratava do Guardião, eu parecia incapaz de conter a rispidez. O que passava pela minha cabeça saía pela boca.

Ele ficou olhando para o monstro e, se minha pergunta o ofendera, não demonstrou.

— Nem todos os monstros nascem dos deuses, minha rainha. Alguns de nós são criados.

Nós. Então ele também se considerava um monstro. Quem era seu criador?

Agora era a hora de perguntar. De sondar informações para coletar para meu pai. Mas não estava a fim de arrancar os segredos do Guardião hoje. Então olhei ao redor do convés, procurando outro turano.

Meu marido.

— Onde está Zavier?

— No *Cutelo*.

— É lá que ele fica? — Essa pergunta ainda não havia passado pela minha cabeça. Supunha que os aposentos dele eram em algum lugar do *Cortador*, mas, considerando que ele não estava lá no dia

anterior durante o ataque e que nossos caminhos não se cruzaram muito desde que zarpamos, fazia sentido que tivesse escolhido passar o tempo em outro barco.

Longe da esposa.

— Curiosa sobre o paradeiro de Zavier, Pardal? Por que não pergunta para ele onde ele dorme?

Eu tinha caído direitinho nessa resposta.

— Talvez eu estivesse torcendo para ele me mostrar algum dia. — Pisquei os cílios e abri meu sorriso mais doce.

Alguém pigarreou atrás de mim. O sorrisinho do Guardião revelava que só podia ser uma pessoa.

Virei e encontrei Zavier aguardando.

— Meu quarto é vizinho ao seu — ele falou. — Meus patrulheiros ficam no *Cutelo*. Eu estava treinando com eles ontem quando a enguia-óssea atacou.

— Ah. — Voltei a olhar para o monstro, torcendo para que, se ficasse virada para a frente, nenhum dos dois veria que meu rosto estava em chamas.

O guardião soltou uma risadinha abafada.

Meu lábio se curvou. Eu nunca havia conhecido alguém que parecia se divertir tanto às minhas custas.

Zavier passou por mim, chegando mais perto da enguia-óssea, examinando a carcaça.

A cauda se afinava em duas barbatanas iridescentes com as pontas franzidas. Como as fêmeas, o macho tinha as escamas azul-safira com as pontas turquesa. Mesmo sem os traços elegantes das fêmeas, aquele monstro era de uma beleza deslumbrante. E sem defeitos exceto por uma série de escamas faltando em sua espinha.

O buraco em forma de U em sua armadura era cinza e tinha a textura de uma cicatriz. As enguias-ósseas lutavam umas contra as outras? Outro monstro havia tentado arrancar um pedaço desse macho? Talvez dois deles tivessem disputado território na Krisenth.

Isso significava que havia outro macho espreitando nas profundezas, esperando para atacar?

Senti um arrepio e envolvi os braços ao redor da cintura.

— Não se preocupe, minha rainha. Vou protegê-la — o Guardião declarou. — Especialmente se ficar. Na. Porra. Do. Navio.

Eu acreditava nele. Acreditava que Zavier e seus homens me manteriam segura. Mas e se estivesse cansada de ser protegida? E se não quisesse depender de um homem para me resgatar?

Se eu realmente queria estar no controle de meu destino, não podia esperar que outra pessoa me salvasse do perigo. A única pessoa que sempre lutaria por mim era eu mesma.

Pena que eu não sabia lutar.

— Quero uma espada — falei de repente.

O Guardião, previsível como sempre, soltou uma risada seca.

— Você saberia o que fazer com uma?

Além de sonhar em enfiar nas entranhas dele? Não, não muito.

— Recebi treinamento com o nosso mestre de armas. — Não foi nada comparado ao treinamento de Mae, até porque ele havia desistido de mim anos antes, mas ainda assim foi um treinamento. Alguma lição devia ter ficado, certo?

— Não quero que se machuque — Zavier falou.

Essa doeu. Que voto de confiança de meu próprio marido. Talvez doesse menos se eu não tivesse ouvido exatamente a mesma justificativa do mestre de armas em Roslo.

Era a mesma razão pela qual ele havia encerrado meu treinamento. Falou a meu pai que tinha medo de que eu me machucasse ou ferisse alguém, ou seja, Mae. Na verdade, queria apenas se livrar de mim em favor de uma aluna melhor e mais fácil, ou seja, também Mae.

Bom, eu estava farta de desculpas.

— Vou ficar bem. — Apoiei as mãos no quadril. — E insisto. Você me avisou que Turah é perigosa. O mínimo que pode fazer é

me armar contra esse perigo.

Zavier apertou os lábios em uma linha fina.

Não havia muito que eu poderia fazer se ele negasse. Bater o pé e fazer biquinho era mais o estilo de Mae do que o meu. Mas encarei seus olhos verdes, torcendo para que me desse uma chance. Que acreditasse em mim mais do que a maioria das pessoas havia acreditado.

Fale que sim. Por favor.

Ele me encarou, a expressão indecifrável.

Merda. Certeza que ele negaria.

O cabo de uma espada apareceu na frente de meu rosto.

O Guardião a segurava pela lâmina, os dedos apertando a parte de metal liso, evitando a navalha afiada.

— Pegue.

Espera. Ele estava me dando sua espada?

— Hum, está bem. — O corte em minha palma pelo fiasco do casamento ainda estava enfaixado, as casquinhas arrancadas pela corda no dia anterior, então apertei o cabo da espada por cima do curativo. As marcas no cabo eram grandes demais para minha mão, mas fiz o possível para encaixar os dedos nas ranhuras desgastadas.

Assim que o Guardião soltou a lâmina, a arma caiu, a ponta se cravando no convés de madeira. *Opa.*

— Levante — ele ordenou.

Eu a segurei com as duas mãos e a levantei na altura da cintura.

— Pesada? — o Guardião perguntou.

— Você sabe que sim. — Lancei um olhar fulminante para ele, usando todas as minhas forças para não deixar a espada cair de novo. — E agora?

— Agora, segure. — Colocou um dedo sob a ponta, erguendo-a até a altura de seu pescoço. — Bem aqui.

Ah. Era um teste.

— Assim?

O canto de sua boca se ergueu.

— Por enquanto.

Rangi os dentes, segurando a espada enquanto o tempo desacelerava. A espada era pesada, mais robusta do que qualquer arma que eu já tinha visto ou tocado. Claro, eu não tinha passado tanto tempo assim com espadas. Era para ser tão grande? Não seria mais fácil de usar se fosse mais leve? Pelo visto, não. O Guardião provavelmente a manejava como uma pena.

Ele ficou me encarando, os olhos avelã estreitos para a lâmina.

Seu pescoço estava logo ali. Bem na ponta da arma. Se eu avançasse, se fizesse um único movimento rápido, poderia cortar sua traqueia.

Era esse o teste? Que eu não tentaria matá-lo?

Meu coração estava acelerado, os músculos dos braços começavam a arder.

Segure. Apenas segure. Canalizei toda a minha energia para a espada.

— Cansada, Pardal? — o Guardião perguntou.

— Não — menti.

— Ando ouvindo muito essa palavra da sua boca nos últimos tempos.

— Vai se acostumando. — Suor escorria em minhas têmporas. Meus braços começavam a tremer.

— Pode parar, Odessa — Zavier falou.

— Não — respondi. — Eu consigo.

— Vai cortar o próprio pé.

— Estou bem.

Deuses. Eu cortaria meu próprio pé.

Só mais um pouco. Eu conseguia. Manteria a espada no pescoço do Guardião por mais dez segundos.

Dez. Nove. Oito.

Meus braços tremiam tanto que a lâmina balançava.

Sete. Seis. Cinco.

Eu derrubaria. Merda. Falharia nesse teste ridículo.

Quatro. Três. Dois.

O Guardião se moveu tão rápido que só percebi quando era tarde demais. Num momento, a espada estava apontada para seu pescoço. No outro, ele acertava a lâmina, arrancando-a de minhas mãos e girando-a no ar até o cabo estar em sua mão.

A lâmina, então, apontava para outro pescoço.

O meu.

Engoli em seco quando o metal frio tocou embaixo do meu queixo.

— A espada do seu ex-noivo devia ser menor. — Os olhos verde-esmeralda do Guardião cintilaram, a insinuação escorrendo de seus lábios.

Franzi a testa e dei um passo para trás, para longe da lâmina. Virei para Zavier.

— E então?

Ele olhou para o Guardião para terem mais uma de suas conversas silenciosas.

Zavier suspirou e acenou.

— Está bem. Vamos arranjar uma espada para você.

Esperava que fosse uma que eu realmente conseguisse manejar.

— Obrigada. — Me afastei antes que ele pudesse mudar de ideia, escondendo o sorriso ao atravessar o convés.

Sim. Meus braços estavam moles como alga marinha, mas eu tinha provado o meu ponto. Havia passado no teste e defendido meu posicionamento.

Talvez eu devesse ter feito isso muito, muito tempo antes. Talvez meu pai confiasse em mim se eu tivesse demonstrado mais coragem. Se tivesse dito *não*.

Ou isso ou ele teria tornado minha vida um inferno.

Comecei a descer a escada para contar a Brielle e Jocelyn que

havia ganhado uma espada, mas parei depois de três degraus.

Não havia nada para fazer em meu quarto. Eu não tinha encontrado Zavier antes porque vinha me escondendo.

Claro, o convés cheirava a peixe morto, mas, se ficasse na proa, estaria de costas para a enguia-óssea. Então me virei e comecei a voltar. Estava subindo na direção da porta quando uma voz grave me fez paralisar.

— Está se espalhando. — A voz de Zavier era baixa.

— Eu sei — o Guardião murmurou.

O que estava se espalhando? As enguias-ósseas? Significava que a Cadeia de Setes não as manteria longe da Krisenth? Que os navios de meu pai ainda estariam em perigo?

— Dar uma arma para ela é uma má ideia. — *Ela*. Eu.

— Provavelmente — o Guardião respondeu.

Voltei na ponta dos pés, certa de que eles se virariam e me encontrariam ouvindo. Uma boa princesa teria descido às pressas para não ser pega. Mas eu não era uma boa princesa.

— Você sabe que ela vai tentar matar você — Zavier afirmou.

Meu coração se apertou.

Eles sabiam que meu pai havia pedido que o matasse? Ou era apenas um palpite? Não importava. As suspeitas estavam corretas. O que significava que o mais próximo que eu chegaria de matar o Guardião fora momentos antes com sua própria espada.

— Acha mesmo que dar uma arma para ela é inteligente? — Zavier perguntou.

O Guardião riu.

— Já tive ideias piores.

Enquanto eles se afastavam para o tombadilho, na direção da popa, desci a escada.

E passei o resto do dia com Brielle e Jocelyn, escondendo-me em nosso quarto.

13

O barulho das aves marinhas me despertou de um sono profundo. Eu me encolhi embaixo das cobertas, torcendo para Margot não me repreender caso me atrasasse para o café da manhã.

Mas minha cama balançava. As cobertas que me cobriam não eram as *minhas*.

Meus olhos se abriram quando me levantei e lembrei que estava num navio.

— Argh. — Afundei a cara no travesseiro e resmunguei.

As aves lá fora pareciam com as que eu via pela janela do meu quarto. Os cantos e grasnados eram tão familiares que, por um momento de felicidade, pensei estar de volta ao castelo.

Em casa.

Pela abertura da janela, as vozes do convés se misturavam ao som das ondas e aos grasnados das gaivotas.

Era a primeira vez a bordo do *Cortador* que eu acordava com o som de pássaros.

Voltei a me sentar, tão rápido que senti vertigem.

Pássaros. Pássaros significavam terra.

Joguei as cobertas para o lado, balançando a cabeça para dissipar a névoa de sono ao pular da cama e correr até a janela. Um pássaro branco passou voando, as asas abertas, circulando e desaparecendo

ao longe.

— Há pássaros lá fora — exclamei, correndo até o armário para me trocar.

Brielle soltou um suspiro ao se levantar.

— Está cedo.

Jocelyn continuava dormindo profundamente.

— Levante-se. Vista-se. — Peguei um vestido cinza. — Acho que estamos perto da costa.

— Jura? — Ela colocou as pernas para fora da cama e, como eu tinha feito, correu até a janela. — Jocelyn.

Nada. Ela dormia como uma pedra.

Eu já havia tirado a camisola e estava prestes a colocar o vestido sobre as roupas íntimas quando algo chamou minha atenção pelo canto do olho.

Uma pilha de roupas ao lado da porta.

Da porta trancada.

— Foi você que deixou aquilo ali? — Apontei para a pilha de roupas dobradas, e, embora soubesse que Brielle não teria feito isso, perguntei mesmo assim.

— Não.

Será que meu quarto em Allesaria teria uma fechadura melhor? Peguei a pilha.

Outra túnica, essa com bordados de folhas verdes ao longo das mangas. Outra calça de couro, dessa vez marrom-escura. E um par de botas que não haviam tomado um banho de mar, feitas do mesmo couro preto com uma textura estranha de escamas.

Aparentemente, me ver de vestido cinza nos últimos dois dias não havia agradado Zavier.

Desde o teste com a espada, desde que eu escutara Zavier alertando o Guardião, eu não saía desse quarto, exceto por idas rápidas ao banheiro no fim do corredor. Brielle também não. Jocelyn havia buscado nossas refeições na cozinha, trazendo-as à

nossa mesa. Enquanto cochilavam, bordavam ou prometiam nunca mais andar de barco, eu desenhava em meu caderno, traçando uma imagem de uma enguia-óssea. Outra do navio.

Deuses, que tédio. Meu corpo e minha mente estavam inquietos, e eu me sentia desesperada para tomar ar. Para ter o sol brilhando no rosto.

Talvez essas roupas fossem um convite para eu sair do esconderijo.

Talvez eu aceitasse.

Zavier e o Guardião desconfiavam que eu tentaria matá-lo. Importava? Não. Não muito. Suspeitas não provavam nada. E eles teriam suspeitado de uma forma ou de outra.

Eu iria para Allesaria e passaria informações para meu pai a respeito de como invadir a cidade. Juntaria todas as informações sobre os poderes do Guardião para repassar. Riscaria todos os outros itens da lista de meu pai.

Mas matar? Não sabia se era capaz de cometer um assassinato. Embora isso não me impedisse de fantasiar formas de apagar para sempre o sorrisinho no rosto do Guardião.

— Vossa alteza não vai usar essa calça de novo, vai? — Brielle me lançava um olhar horrorizado enquanto eu desdobrava a túnica e a vestia.

— Se estivesse de vestido no outro dia, não teria conseguido nadar tão rápido. Além disso, gosto dela.

Ela fez uma careta.

— Gosta? Mas é tão... masculina.

Nenhum dos homens a bordo do *Cortador* usava túnicas bordadas. Algo que ela teria percebido se saísse do quarto. Não que eu fosse forçá-la.

Depois de dias juntas, estava na hora da darmos um tempo.

— Vou subir. Quer vir? — Mas eu já sabia a resposta.

— De jeito nenhum. — Ela se deitou de novo, encolhendo-se no

travesseiro.

Como ela ou Jocelyn conseguiam dormir tanto era um mistério para mim, mas nenhuma das duas tinha se recuperado plenamente dos enjoos. Brielle mal comia desde que embarcamos no *Cortador*. Oito dias no navio e suas maçãs do rosto já estavam encovadas.

Esperava que elas se sentissem melhor quando desembarcássemos.

— Precisam que eu traga alguma coisa? — perguntei.

— Era eu quem deveria lhe fazer essa pergunta. — Ela fechou os olhos cor de mel e adormeceu enquanto eu acabava de me vestir.

Com o cabelo numa trança castanha grossa, calcei as botas a caminho da porta, fechando-a atrás de mim. Subi a escada, o nervosismo crescendo em meu estômago quando cheguei ao convés.

A enguia-óssea morta não estava mais lá. Sem seu cadáver em decomposição, o ar era salgado e fresco. As gaivotas brancas voavam alto e depois mergulhavam, algumas emergindo com peixinhos prateados no bico.

Fui até um homem a poucos passos de mim. Era mais velho, com a pele escura e um bigode branco que se curvava nas pontas. A corda que ele segurava tinha a espessura do meu antebraço.

— Com licença. Falta muito para chegarmos a Turah?

Ele me observou por um bom tempo, os olhos se estreitando. Estava tão acostumada com essa reação que, por um segundo, senti que estava de volta a Roslo. Cumprimentando o dono de uma loja e recebendo uma resposta surpresa quando ele notava que eu não tinha manchas âmbar nas íris.

Algumas pessoas perguntavam sobre meus olhos. Mas a maioria ficava tão desconcertada que apenas desviava o olhar.

Esse homem, porém, não desviou o olhar enquanto seus braços musculosos continuavam a puxar a corda. Por fim, apontou com a cabeça para a proa.

— Obrigada?

Seria pedir demais uma resposta verbal? Os únicos turanos que falavam comigo nesse barco eram Zavier e o Guardião. Por quê? A tripulação foi instruída a não me dirigir a palavra?

Não adiantava perguntar para esse homem, então o deixei trabalhar, seguindo para a proa.

Todos os membros da tripulação pareciam estar no convés hoje, todos se preparando para chegar à terra.

Passei por eles, fazendo o possível para não atrapalhar. Quando cheguei à frente do navio, apoiei os cotovelos na amurada e estreitei os olhos para o horizonte.

Nada. Havia apenas água até onde a vista alcançava.

— Vai ver terra em breve, Pardal. Vamos chegar a Turah antes do meio-dia. — O Guardião estava atrás de mim, apoiado na parede do navio, os braços cruzados.

Era como ter uma grande sombra musculosa. Esse homem não tinha mais nada para fazer além de me importunar sempre que eu subia para tomar ar? Eu não podia ter um momento de paz?

— Vi que recebeu minha entrega.

— Pare de invadir meu quarto.

— Qual é mesmo aquela palavra que você adora? — Ele tocou o queixo, fingindo pensar. — Não.

Meio-dia. Eu precisava aguentar até o meio-dia. Não sabia o que aconteceria quando chegássemos à costa, mas, pelo menos, não estaríamos mais presos nesse navio maldito.

Ele se afastou da parede e diminuiu a distância entre nós com passos calculados, como um gato seguindo um camundongo. Seus olhos esmeralda estavam focados e atentos. Sua barba estava mais espessa, quase desgrenhada.

— Você precisa se barbear. — Era um comentário absurdo. Sua barba não era da minha conta, mas, como sempre, quando se tratava dele, tudo que passava pela minha cabeça saía pela boca.

— Preciso, minha rainha? — Ele tirou a adaga da bainha amarrada à costela, jogando-a para o alto, com um giro rápido no ar, antes de pegá-la pela lâmina. Estendeu o cabo para mim.

Suas mãos eram feitas de pedra? Por que as lâminas nunca cortavam sua pele?

Peguei a arma enquanto ele levantava o queixo, expondo o pescoço comprido. Um arrepio estranho percorreu meus ombros ao encarar sua pele.

Era apenas um pescoço. Todo mundo tinha um. Então por que meu coração batia tão rápido? O que havia de tão atraente nesse pescoço? O músculo definido. A protuberância no centro que subia ao engolir. O cheiro intenso e masculino que parecia me envolver como uma faixa de seda.

— Essa é sua chance. Vá em frente. Mire na garganta.

Engoli em seco. Ele estava mesmo me dizendo para tentar matá-lo? Era mais um teste?

— Vai fazer minha barba ou não?

Desviei os olhos quando senti o rubor subindo para o meu rosto.

— Não sou sua criada. Faça você mesmo.

Ele baixou a cabeça e nossos olhares se encontraram. O dele era risonho; o meu, irritado.

— Vamos começar com armas pequenas. Não há nenhuma espada a bordo que você consiga manejar, então vamos começar seu treinamento com essa adaga.

— Opa. — Ergui a mão livre, a palma aberta. — Como assim, "vamos"?

— Você pediu para ter uma arma em caso de perigo. Podemos lhe dar uma arma, mas isso não vai adiantar muito se não souber usar.

— Espere. *Você* vai me treinar? Não. De jeito nenhum.

— Alguém tem que fazer isso.

Não havia algum patrulheiro mais velho e mais lento para

cumprir esse papel? Não precisava ser treinada por um assassino renomado. Um professor normal já bastaria.

— Você que quis — ele continuou com sarcasmo. — A menos que tenha mudado de ideia. Estou atrapalhando sua soneca? Devemos remarcar?

Como ele havia dito, eu deveria ter mirado seu pescoço.

— Não. — Abri meu sorriso mais falso. — Agora seria ótimo.

— Ótimo — ele repetiu. — Primeira lição: não me deixe pegar essa faca.

Acenei e apertei o cabo com mais força.

Não deixar que ele pegasse a faca. Tá. Essa era fácil.

Mas o brilho em seus olhos verdes me dava um friozinho na barriga. Espera. O que eu não estava notando?

Ele avançou meio passo.

Afastei-me, conferindo por sobre o ombro se não estava encurralada na ponta da proa. As amuradas estavam próximas, então passei para o lado, segurando a faca mais alto. Meu tornozelo balançou um pouco, a ponta da bota tropeçando numa tábua do convés quando o navio balançou com uma onda.

O Guardião me encarou como se eu tivesse criado asas de morcego.

— O que foi?

— Nada.

— Fala logo — rosnei. — Pare de me olhar assim. Você mandou eu não deixar que pegasse a faca. É o que estou fazendo.

— Talvez devêssemos ter começado com algo mais simples. Como andar.

Resisti ao impulso de mostrar a língua.

— Não estou acostumada a usar solas grossas.

— Quer que mande buscar suas sandálias?

— Não — respondi entre dentes, recuando de novo quando ele avançou, um passo inteiro dessa vez.

Seus olhos se estreitaram, seus traços endureceram. E, quando se moveu de novo, foi muito rápido.

A faca voou da minha mão antes mesmo que eu sentisse a dor no punho. Então caí de bunda com força.

Ai.

— Você me fez tropeçar? Sério mesmo?

— Só peguei minha faca. Quem tropeçou foi você. — Os cantos de sua boca se ergueram.

— Se rir de mim, juro por Izzac que vou furar seu olho. — Nunca havia rezado ao Deus da Morte antes, mas sempre havia uma primeira vez.

O Guardião se agachou, a faca pendurada na ponta dos dedos.

— Não é muito sensato me ameaçar.

— Quem diria. Não tenho medo de você.

Mesmo depois de ouvir os rumores sobre o Guardião, de saber a história do irmão de Banner, eu não sentia medo. Por quê? Depois eu tentaria entender. Agora só queria aquela faca de volta.

Resmunguei, forçando meu corpo a ficar de pé no convés. Estendi a mão e esperei.

— Quero tentar de novo.

— Acho que Zavier estava certo. Você vai se machucar ou alguém vai matar você com sua própria arma.

Era bem possível. Mas estalei os dedos e abri a mão.

— De novo.

Ele balançou a cabeça, mas estendeu a adaga.

— Não fique de frente, alinhada ao seu oponente. Assuma uma postura de combate. Pelo menos isso seu mestre de armas deve ter ensinado.

Eu lembrava vagamente disso.

Passei um pouco para o lado, refletindo seus pés com o esquerdo à frente do direito.

— Tá. Estou pronta.

— Graças aos deuses — ele murmurou.

Quando atacou, eu estava mesmo pronta. Recuei, tomando cuidado para erguer o pé e não tropeçar.

— Ahá!

O brilho em seus olhos me deu um frio na barriga.

Merda. Eu estava muito encrencada.

Dessa vez, ele fez mesmo eu tropeçar. Bastou uma rasteira na minha perna, e perdi o equilíbrio. Ele arrancou a faca da minha mão enquanto eu caía de quatro.

Bom, pelo menos não caí de bunda. Foi um pouco menos constrangedor.

Levantei-me e estendi a mão.

Mas, antes que ele pudesse me devolver a faca, um dos tripulantes o chamou.

— Guardião.

Ele levantou um dedo.

— Chega por hoje.

— É isso? Já vai desistir?

— Dê uma volta. Laceie as botas.

Então eu treinaria mesmo como andar. *Uau*. Eu era tão patética assim?

Era melhor não pensar na resposta.

— Está bem. Guardião — pronunciei devagar. — É assim que todos o chamam? Você deve ter um nome.

— Tenho.

Esperei. E esperei. E esperei.

— Bom, qual é?

Ele chegou mais perto, baixando a voz.

— Talvez eu lhe conte. Se merecer.

Sempre havia um teste com esse homem.

— Merecer significa ganhar sua confiança?

Sua risada era sem humor.

— Você pode até merecer meu nome um dia. Mas não se engane, Cross. Nunca vou confiar em você.

Bom, nesse caso, entre na fila.

Ele se afastou sem falar mais nenhuma palavra. Sem ver como seu último comentário havia me machucado.

Eu era o problema? Havia algo que eu fazia, que dizia, que intrinsicamente impedia as pessoas de confiarem em mim?

Eu não fofocava. Não conseguia lembrar a última vez que havia revelado o segredo de alguém. Às vezes desenhava as pessoas sem seu conhecimento. Talvez isso fosse uma invasão. Mas quase ninguém via meus desenhos.

Depois de mostrar para meu pai e Margot quando era pequena e receber olhares atravessados, quase sempre guardei minha arte para mim.

Então o que havia de tão errado comigo que ninguém confiava em mim? Ou seria mesmo falta de confiança? Talvez o centro da questão fosse fé.

Ninguém botava *fé* em mim. Ninguém confiava que eu era capaz.

Eu não sabia lutar. Colecionava tropeços. Não era astuta e ardilosa como Mae. Será que meu pai havia escondido de mim toda a verdade sobre os crux e Allesaria por medo de que eu fosse pega e revelasse seus segredos?

Bom, ele não precisava se preocupar. Eu jamais contaria a verdade para o Guardião. Minha prioridade era a missão do meu pai. Ganhar a confiança *dele*. Provar que eu não era a filha invisível que não prestava para nada. E, assim, esperava ajudar a encontrar uma forma de salvar nosso povo.

Podia parecer uma missão impossível, mas eu não desistiria tão cedo.

Olhei para minhas botas, mexendo os dedos. Era humilhante ter que dar voltas pelo convés, mas dei mesmo assim, de novo e de novo.

Toda vez que passava pela popa, me detinha para olhar a água. Em algum lugar ao longe ficava uma cidade dourada. A minha cidade dourada.

Será que meu pai estava preocupado com meu bem-estar nessa viagem? Será que Margot ficava olhando para meu lugar vazio à mesa de café da manhã, desejando que eu estivesse lá para me repreender pelo atraso? Será que Mae já havia se mudado para os meus aposentos? Como estava Arthy? Estava aprendendo os números quando parti. Até qual número sabia contar agora? Banner ainda estava com raiva por ter tido a noiva tomada por outro?

Ouvi alguém pigarreando e um momento depois Zavier parou a meu lado. Seus olhos estavam cansados; e a barba por fazer. Ele também precisava se barbear. E ter uma boa noite de sono.

— Logo chegaremos em Turah.

— Está bem. — Concordei com a cabeça. — A tripulação tem permissão para falar comigo?

— Tem. — Suas sobrancelhas se uniram. — Por quê?

— Eles não falam.

— Ah.

Essa deveria ser a resposta? E daí se me ignoravam? Por que isso me incomodava tanto? Era provável que eu nunca mais voltasse a ver essa tripulação.

Talvez me incomodasse porque eles tinham boas razões para desconfiar. Como Zavier falara, turanos eram leais a turanos.

Não importava como me vestia, o quanto fingia, eu não era turana.

Mas será que ainda era quentina? Algum povo me queria? Ou eu era como esse navio, à deriva entre os reinos?

— Como foi a sessão de treinamento? — Zavier perguntou.

Dei de ombros.

— Foi ideia sua que ele me treinasse? Ou dele?

— Minha. Ele é o melhor guerreiro de Turah.

Ergui os olhos para ele, observando a linha reta do nariz e o diadema prateado na testa. Ele sempre usava isso? Parecia quase cravado na pele, como se tivesse crescido com o diadema.

— Você está bem? — ele perguntou. — Parece... triste.

Dei de ombros.

— Só com saudade de casa. — Não era uma mentira. Também não era a verdade.

— Zavier.

Nós dois nos viramos quando o homem de bigode com quem eu havia falado antes se aproximou.

— Precisam de você no *Canhão* — informou.

Zavier acenou, olhando a bombordo, por onde o outro navio se aproximava. Sem dizer uma palavra, seguiu o homem de bigode para fora do tombadilho. Lancei um último olhar para o mar que se estendia em direção a Roslo.

Se eu não estivesse com saudade de casa, significaria que todos lá também haviam seguido em frente sem mim? Mae estava abraçando Arthy como prometera? Meu irmão ao menos percebeu minha ausência?

As respostas provavelmente partiriam meu coração. Abandonei o convés, deixando os homens cuidando dos preparativos finais, e desci para contar a Brielle e Jocelyn que estava na hora de arrumar as coisas.

As duas se reanimaram com o anúncio.

Algumas horas depois do meio-dia, com as âncoras lançadas e a tripulação preparando os botes que nos levariam até a costa, voltei à popa, olhando uma última vez para o mar aberto.

Alguém sentia minha falta? Eu sentia a falta deles?

Sim.

Mas não tanto quanto pensei que fosse sentir.

— Alteza — Jocelyn chamou do pé da escada do tombadilho. —

Está na hora.

Virei as costas para a vida que levava antes. Me voltei para o futuro.

Para Turah.

O reino de Zavier despontava diante do navio, além das águas rasas e praias de areia.

Entrei numa fila com Brielle e Jocelyn para pegar o bote seguinte, observando o navio enquanto esperávamos.

O Guardião estava na proa do *Cortador*, no mesmo lugar em que treinamos mais cedo. Seus braços estavam cruzados e seu maxilar, firme. Ele parecia monitorar os botes, garantindo que chegassem com segurança à margem.

Mas seus olhos não acompanhavam os barcos. Ele olhava para a terra, a expressão dura e firme.

Como se Turah fosse um inimigo.

Ou um campo de batalha.

Um arrepio me percorreu como água gelada deslizando na pele. Pela primeira vez desde que pisei no *Cortador*, senti que poderia vomitar.

— Alteza, gostaria de ir primeiro? — Brielle perguntou, apontando para onde um tripulante esperava, a mão estendida para nos ajudar a descer a escada que levava ao bote.

— Pode ir — respondi.

Ela assentiu e passou por mim. Quando ela estava segura, mandei Jocelyn ir em seguida.

Talvez eu não estivesse pronta para deixar o *Cortador*, afinal.

Eu avançava devagar, com um friozinho na barriga, quando o senti a meu lado.

— Alguma chance de nossos caminhos se separarem a partir daqui?

— Ainda não. — O sorriso do Guardião era voraz. Ameaçador. E nada atraente, nem um pouco. — Bem-vinda a Turah, minha

rainha.

14

Jocelyn apertou minha mão com tanta força que meus dedos estalaram. O banco do bote era largo o bastante para as três, mas ela estava tão grudada em mim que quase subia no meu colo. Brielle estava sentada do outro lado, as costas rígidas ao observar a orla.

— Se eu nunca mais colocar os pés num navio, vou morrer feliz — Jocelyn declarou.

— Não fale assim. Precisa voltar de navio para casa.

Seus olhos castanhos se encheram de tristeza.

— Você vai voltar — assegurei. — Prometeu à sua mãe, lembra?

— Sim. — Ela olhou para trás, para além do *Cortador*, do *Cutelo* e do *Canhão*, todos ancorados nas águas mais profundas ao longo da costa.

Zavier estava sentado na frente, a postura rígida e os ombros tensos.

Ele não havia falado uma palavra desde que subimos no bote. Voltara a ser o príncipe mudo e taciturno. Era porque minhas damas de companhia estavam perto para ouvir?

Provavelmente. Eu não havia contado que ele podia falar. Não falharia nesse teste de confiança.

Se ficasse quieto, eu também ficaria.

O remador usava argolas douradas nas duas orelhas. Uma tatuagem ondulada decorava o lado de seu pescoço. Havia braçadeiras de couro em seus punhos e um lenço vermelho na cabeça. Seus braços se flexionavam a cada mergulho e puxada dos remos na água.

Fiquei com a impressão de que ele voltaria ao *Cortador* depois que estivéssemos em terra firme.

Para onde os navios iriam agora? Devia haver um porto para navios daquele porte. Por que não fomos para uma cidade? Por que nos deixaram aqui, no meio do nada?

A praia para a qual estávamos indo era apenas um trecho de areia cinza suave. Os botes do *Cutelo* e do *Canhão* já haviam chegado à terra.

Os quatro guerreiros que acompanharam Zavier em nosso casamento estavam desembarcando, atravessando os baixios até a praia. Não carregavam baús nem malas. Tudo que tinham eram suas roupas, armas e bolsas amarradas ao peito.

Havia cinco baús na costa. Os meus. Um de Brielle. Um de Jocelyn. Nem mesmo Zavier carregava muitos pertences: como seus guerreiros, trazia apenas uma bolsa.

Talvez devessem ter nos avisado para viajarmos com pouca bagagem.

Passei os olhos pela praia, procurando pelo Guardião. Depois de suas boas-vindas sinistras a Turah, eu o perdera de vista quando desci para o bote. Pensei que ele viria atrás, mas, quando ergui os olhos, não estava mais lá.

Considerando sua tendência a ressurgir como uma coceira incômoda, eu tinha certeza de que ele estava rondando algum lugar.

— Acha que há alguma cidade perto? — Brielle perguntou, com a voz baixa.

Nosso remador tatuado fechou a cara, irritado por ela quebrar o

silêncio com uma pergunta totalmente natural.

— Não sei. Não estou vendo nada.

Se havia alguma cidade, estava camuflada na paisagem. Não havia nem sinal de estrada ou trilha através daquela floresta.

Depois da areia, havia juncos, as pontas balançando com a brisa. E mais além se erguiam colinas imponentes cobertas por pinheiros densos e mata fechada. Um véu de névoa encobria os picos mais altos; o ar era fresco, e o vento, cortante.

A praia parecia solitária e deslocada, como se as rochas dos dois lados estivessem assumindo o controle aos poucos, forçando-a em direção à água para se afogar. Era tão diferente das praias quentinas que eu nem sabia se dava para chamar de praia. Não havia quilômetros e quilômetros de areia branca ensolarada. Não era quente nem acolhedora.

Mas era bonita. Agreste. Intimidante. Mas bonita.

Quando chegamos às águas rasas, Zavier se levantou e pulou para fora, as botas espirrando ao nos puxar para a costa.

Não esperei por sua mão e desci pelo lado, o calcanhar das botas afundando na areia. Não era tão macia e quente quanto a das praias de Quentis. Era dura e firme, resistindo aos meus passos.

Um fio de cabelo rebelde foi soprado pela brisa e voou para dentro de minha boca, e senti o gosto amargo da tinta em meus lábios.

Assim que Brielle e Jocelyn chegaram à praia, Zavier fez sinal para o seguirmos até a grama, onde sua fileira de patrulheiros impassíveis aguardava.

— Nossas coisas? — perguntei.

Seu olhar apontou por sobre meu ombro como forma de resposta silenciosa.

Alguns passos atrás, cinco homens carregavam os baús, seguindo nossas pegadas na areia.

Foi nesse olhar para trás que o avistei.

O Guardião estava na praia, à beira do oceano. Suas roupas estavam molhadas, o cabelo pingando sobre os ombros. E não estava sozinho.

Conversava com o sumo sacerdote.

Minha respiração ficou presa na garganta.

Eu não conseguia sentir a magia voster. Ele estava longe demais? Era por isso que eu não o sentira nos navios?

Ai, deuses. Isso significava que ele viajaria conosco para Allesaria? Meu estômago se embrulhou com a ideia de estar constantemente próxima à sua magia. Eu não sabia se conseguiria aguentar aquele ardor dia após dia.

O sumo sacerdote e o Guardião mantinham a cabeça próxima enquanto conversavam. Havia uma familiaridade entre eles que eu não tinha visto antes. Era quase afetuosa, como irmãos.

Foram os vosters que deram ao Guardião seus poderes? Era por isso que ele conseguia nadar tão rápido? Se mover tão rápido?

Parecia óbvio demais. Fácil demais. Poderia ser tão simples assim? Eles podiam dar magia aos humanos?

Os vosters eram tão sigilosos sobre sua magia e suas origens quanto eram sobre onde moravam e quantos sacerdotes compunham a irmandade. Aquele livro que eu tinha lido sobre eles era principalmente especulação. Relatos de testemunhas.

Meu pai havia me pedido para descobrir a origem dos poderes do Guardião. Talvez, em vez de pedir para mim, devesse ter consultado frei Dime.

O Guardião assentiu para algo que o sacerdote falou, depois deu um passo para trás e apertou as duas mãos no peito, fazendo uma leve reverência.

O sumo sacerdote fez o mesmo gesto. Depois colocou uma mão no ombro do Guardião.

Aquele toque teria me deixado toda arrepiada, mas o Guardião nem titubeou.

Reconheci o estojo preto amarrado às costas do sumo sacerdote.

O Escudo de Pardais.

Ele carregava o tratado com ele. Nunca me perguntei onde aqueles documentos eram guardados, mas fazia sentido que os vosters fossem responsáveis por sua proteção. Quais outros tratados e acordos eles controlavam? Haveria registros da Cadeia de Setes guardados em algum lugar?

O que aconteceria se aqueles documentos fossem perdidos?

Ou destruídos?

O tratado seria quebrado se não restasse nada dele? Seria esse o plano de meu pai, destruir o Escudo de Pardais? Localizar os arquivos da irmandade e reduzir os tratados a cinzas?

O sacerdote soltou o Guardião e saiu andando pela praia na direção das rochas. Subiu por ali agilmente com os pés descalços, a mão segurando a barra do manto bordô. Depois foi engolido pela floresta, desaparecendo de vista.

Para onde? Os vosters viviam em Turah? Ou ele estava a caminho da fronteira de Ozarth? Talvez Allesaria fosse o lar do sumo sacerdote.

Mas ele parecia seguir pela direção oposta. Se também viajava para Allesaria, não era conosco.

Olhei para a frente, a mente tomada por muitas perguntas. Os guerreiros diante de Zavier se dispersaram, cada um traçando um caminho diferente por entre os juncos.

Brielle e Jocelyn seguiam Zavier. Eu os alcancei, diminuindo o passo apenas para lançar um último olhar para onde o sacerdote havia desaparecido.

Meus problemas haviam começado no dia em que cruzei com o frei Dime na galeria do castelo. No dia em que o sumo sacerdote entrou flutuando na sala do trono de meu pai.

Um pavor se instalou em meu peito. Essa não era a última vez que eu veria o sumo sacerdote, era? Era impossível ter certeza, mas

algo em mim dizia que ele ainda não havia acabado de destruir minha vida.

O Guardião começou a caminhar pela areia, passando a mão pelo cabelo molhado, tirando-o do rosto. Sua mão grande secou a barba. Sua túnica, do mesmo tecido creme que a minha, estava quase transparente. A peça se moldava aos músculos de seu peito, aos contornos de seu abdome definido.

Um calor desceu pelo meu ventre. *Ai*, *deuses*, *não*. Me obriguei a olhar para a frente, cerrando os punhos e o maxilar.

Sim, ele era atraente, mas eu não poderia permitir, de jeito nenhum, que um rostinho bonito e um corpo esculpido em pedra me distraíssem de minha missão. Aquele homem era um assassino. Eu me recusava a deixar que uma reação física espontânea atrapalhasse meu discernimento.

Afastei todos os pensamentos sobre o Guardião e prestei atenção no que os homens que carregavam nossos baús falavam.

— Pensei que Jack estaria aqui — um homem falou.

Outro resmungou:

— Ele entrou para a milícia de Ramsey há dois meses. Não o vejo desde então.

Ramsey. O rei Ramsey Wolfe? Pai de Zavier?

Ele tinha uma milícia? Seu exército real não era suficiente?

Ou essa milícia era um grupo de guerreiros de elite, como os patrulheiros de Zavier? Talvez os que treinassem para comandar a proteção e os abrigos durante a migração.

Diminuí o passo, tentando ouvir mais, mas os homens devem ter notado porque não abriram mais a boca.

Ouvi o relinchar de um cavalo e me estiquei na ponta dos pés para espiar por cima da cabeça de Brielle quando passamos pela encosta. Parei no alto, observando os cavalos e as pessoas reunidas entre nosso grupo e as árvores. Havia cinco carroças, cada uma amarrada a uma parelha. Duas estavam cheias de lenha cortada.

Algumas mulheres circulavam entre os homens e usavam roupas parecidas com as minhas. Calças de couro e botas resistentes combinadas com túnicas folgadas. Roupas simples, mas práticas. A maioria das mulheres tinha o cabelo trançado, não muito diferente do meu.

Talvez eu conseguisse, sim, me encaixar entre aquelas pessoas. Elas não tinham como saber que eu era a Pardal, não quando acabara de chegar. Havia certo consolo nessa invisibilidade. Passara a maior parte da vida fugindo de olhares. Nunca gostei de ser o centro das atenções, e com certeza não precisava disso em Turah.

Mas, mesmo vestida igual a elas, muitos olhares me seguiram quando nos aproximamos do grupo. Muitos encaravam abertamente. Os homens que cuidavam dos cavalos pararam e observaram meu perfil. As mulheres estreitaram os olhos, não apenas para mim, mas para Brielle e Jocelyn também. Com seus vestidos azuis simples, elas se destacavam.

Todas nos destacávamos.

Os guerreiros de Zavier, que já haviam montado em seus cavalos selados, deviam ter feito um anúncio rápido. A notícia já estava se espalhando.

Eu era a noiva de Zavier. A Pardal.

Lá se fora a invisibilidade.

Zavier andou até a carroça, e todos nós ficamos ao lado dela enquanto os baús eram carregados na traseira.

Uma mulher linda de pele bronze apareceu. Seu cabelo preto estava trançado nas têmporas, três fileiras estreitas, com o resto solto, cacheando ao redor dos ombros. Ela carregava uma espada embainhada nas costas.

— Zavier.

Ele assentiu e fez sinal para mim.

Provavelmente seria a única apresentação que faria enquanto Brielle e Jocelyn estivessem por perto.

A mulher fez uma pequena reverência.

— Princesa Odessa Wolfe.

Era assim que me tratariam? Nem pensar.

— Pode me chamar de Odessa. Por favor. “Princesa” e “Wolfe” são desnecessários.

Ela olhou para Zavier, as sobrancelhas erguidas. Seus olhos eram de um castanho bonito e intenso. Com a mancha verde turana, tinham a cor da floresta depois da praia.

Zavier assentiu, permitindo que ela dispensasse o título e o sobrenome. Talvez soubesse que eu continuaria corrigindo se fosse chamada de princesa Odessa Wolfe.

— Odessa — a mulher falou. — Meu nome é Tillia. Bem-vinda.

— Obrigada.

Ela tirou as três bolsas vazias que carregava no ombro e as estendeu para mim, Brielle e Jocelyn.

— Se tiverem algo importante que queiram levar de seus baús, sugiro que guardem nessas bolsas antes de partirmos.

— Como... assim? — Brielle gaguejou, pegando a alça de couro marrom. — Nossos baús não vêm conosco?

— Vamos partir em breve, viajando juntos. Mas as bagagens nem sempre acompanham o ritmo. Há chance de nos separarmos. Melhor manter por perto o que for mais importante.

— Mas...

Coloquei a mão no braço de Brielle, silenciando sua objeção.

— Obrigada, Tillia.

— Odessa. — Seus olhos castanhos se suavizaram antes de se virar e sair andando.

Brielle e Jocelyn trocaram um olhar apavorado, depois correram para seus baús e encheram as bolsas.

Cortei a distância até Zavier, baixando a voz.

— Tillia tem uma espada. Parece do meu tamanho.

O canto de sua boca se contraiu. Seu olhar se voltou para os

meus baús, um comando silencioso para que eu fosse arrumar a bolsa.

— Todos aqui sabem que você pode falar? — cochichei.

Um meneio afirmativo.

— Todos em Turah sabem que pode falar?

Um meneio negativo.

Isso porque turanos eram leais a turanos. Embora eu desconfiasse que não fosse apenas uma estratégia política. Zavier parecia uma alma silenciosa. Um homem que não falava se não houvesse nada a ser dito.

— Então eu não deveria ter contado a Brielle.

Ele se curvou, a voz quase um sussurro quando levou a boca ao meu ouvido.

— Você não contou.

— Como sabe?

— Porque está se esforçando muito para ganhar minha confiança.

Meu coração se apertou. Era a verdade. A triste verdade.

Eu estava tão perdida que chegava a ser ridículo. Em dias, eles me leram como um livro aberto, não? Viram através de cada fachada, cada ação.

O que eu estava fazendo ali? Não era uma espiã.

Virei para esconder um suspiro trêmulo sob o pretexto de arrumar a bolsa. A única coisa que queria do baú era meu diário, mas peguei um vestido limpo também, por via das dúvidas. Depois deixei o resto de minhas coisas, os livros e sandálias e joias e potes para trás, seguindo Zavier na direção de um par de cavalos selados.

O dele era um lindo garanhão baio que se erguia alto e imponente. Me lembrava o cavalo de Banner. Um animal digno de um comandante. Um general.

Ao lado, havia uma égua ruã azulada. A pelagem cinzenta contrastava com a crina preta. Ela me cheirou quando me

aproximei, depois voltou a pastar.

Brielle e Jocelyn foram levadas até um grupo de guerreiros. Aparentemente, não viajaríamos juntas.

— Sabe andar a cavalo? — Zavier perguntou.

— Sim. — Não muito bem, mas eu não cairia. Provavelmente. — Imagino que não vamos acampar aqui.

Ele me deu as rédeas da ruã.

Isso era um não. Respirei fundo, coloquei o pé no estribo e subi na sela, permitindo-me um momento para encontrar o equilíbrio no dorso do cavalo.

O som dos cascos foi o único aviso antes de o Guardião aparecer ao meu lado, montando um enorme garanhão preto.

— Já passou muito tempo cavalgando, Pardal? — ele perguntou.

— Se sei cavalgar? Sim. Se cavalgo com frequência? Não.

— Pena.

Ou seja, eu passaria muitas e muitas horas nesse cavalo.

E se eu o empurrasse do dele? Ele quebraria o pescoço? Seria bom.

— Estamos prontos, Zavier — o Guardião informou.

Zavier acenou e, sem alarde nem anúncio, saímos da clareira, meu cavalo mantendo o ritmo atrás do seu. Ele cavalgou rumo às árvores, o sinal para todos fazerem o mesmo.

Um minuto depois, cinco guerreiros passaram a galope, liderados pelo Guardião.

Meu coração batia forte, mais alto do que os cascos, conforme descíamos para a floresta.

Quando olhei para trás, para o mar, os navios não estavam mais lá.

Eu havia passado a vida inteira próxima ao mar. Sempre tivera o barulho das ondas ao fundo. O farfalhar das folhas das árvores não era a mesma coisa. Era baixo demais, o ritmo aleatório demais.

Parecia que o ritmo do meu coração havia mudado. Meus

ouvidos estavam vazios demais.

A floresta se estendia diante de nós como um oceano diferente, feito de troncos e galhos sem fim.

Não havia trilha nem caminho, mas os guerreiros pareciam saber por onde ir.

Acompanhei o ritmo de Zavier, mantendo-me a seu lado, olhando de um lado a outro.

Buscando. Pontos de referência. Edifícios. Qualquer coisa para anotar no caderno. Podia não haver um caminho óbvio, mas eu esperava encontrar um mesmo assim. E estava na hora de cumprir o que eu havia prometido.

Ganhar a confiança de meu pai. Cumprir esse dever com meu reino. Salvar meu povo.

Encontrar o caminho para Allesaria.

15

A dor seria muito grande se eu pulasse do cavalo? Maior ou menor do que a que se espalhava agora por meu corpo?

Todo segundo era agonizante. Minhas costas doíam. Minhas pernas estavam com cãibras. Minha bunda estava dormente. Meu crânio latejava.

Em algum momento teríamos que parar, não? Não poderíamos continuar para sempre. Ou queriam que eu dormisse em cima do cavalo?

Bom, estava com dor demais para dormir.

Cavalgamos durante a noite, atravessando a floresta. Nunca estive num lugar tão escuro. As árvores imponentes e seus galhos pesados encobriam tudo. Havia apenas uma fresta por onde passava a luz prateada das luas gêmeas de Calandra.

Metade dos turanos carregava tochas, mas a luz não mantinha as sombras afastadas. Era suficiente apenas para que um cavaleiro visse o outro à frente, evitando que a caravana se separasse ou alguém se perdesse.

Mantivemos a formação fechada, os cavalos bem próximos. As carroças vinham atrás. Meu pé roçara no de Zavier mais de uma vez enquanto serpenteávamos entre troncos e contornávamos áreas onde a vegetação era tão densa que nem os cavalos conseguiam

pisotear.

O ritmo foi diminuindo em certo ponto, e tivemos que formar uma fila única para conseguir permanecer na trilha.

A trilha aberta pelo Guardião.

Ele não precisava de tocha.

Aqueles olhos que se transformavam permitiam que ele enxergasse no escuro.

Anotei o poder na lista mental que eu estava fazendo para meu pai.

Como eu não tinha mais nada de valor para oferecer, teria que ser suficiente. Porque não fazia a menor ideia de como poderia explicar onde estávamos ou como chegamos ali. Eu estava bem... perdida.

Era essa a intenção dessa marcha fúnebre noturna? Me manter no escuro? Estilhaçar minha bússola interna? Não que já tenha sido confiável, de dia ou de noite. A essa altura, eu só sabia que o oceano devia estar atrás de nós. Talvez. Estava chutando.

Mais tarde, quando eu tivesse a chance de resumir nossa jornada até esse momento, minha única instrução seria *cavalgue pela floresta até seu corpo inteiro gritar de agonia*. Ah, e *se não sentir medo, está fazendo algo errado*.

Bom, eu tinha passado a noite toda com medo. Foi o medo que me mantivera acordada. Sempre que havia uma fresta entre a copa das árvores, eu olhava para o céu. E rezava.

A Ama e Oda, as estrelas.

Aos Seis, seus filhos, que compunham os tons entre eles.

As árvores foram ficando menos densas perto do amanhecer, permitindo mais e mais espaço para viajar. Até que, havia pouco tempo, o arvoredo dera lugar a uma vasta planície. Atrás de nós, a floresta era uma muralha verde, ficando cada vez menor à medida que continuávamos cavalgando.

Eu não fazia ideia de quanto tempo havia se passado desde que

deixáramos aquela floresta escura. Uma hora. Duas. Três. Dez.

Essa dor de cabeça, essa dor de tudo, tornava quase impossível pensar. Até respirar era doloroso.

— Você está bem? — Zavier perguntou, baixinho.

— Estou ótima. — Se por "ótima" significasse que eu queria morrer, sim, eu estava ótima.

Era a primeira vez que ele perguntava como eu estava desde que saímos da costa. Também era a primeira vez que eu ouvia sua voz desde então.

Ninguém falava um A. Todos seguíamos o Guardião cegamente em direção ao amanhecer.

Ao longe, uma cadeia de montanhas riscava uma linha escarpada no céu. Seus picos afiados estavam cobertos de branco, brilhando sob o sol nascente. A terra entre nós e aquelas montanhas se estendia infinitamente. Levaríamos dias e dias para chegar às encostas. Se é que era para lá que estávamos indo.

Por quanto tempo continuaríamos? Precisávamos parar em algum momento, não? Se não pelas pessoas, ao menos pelos cavalos.

Brielle e Jocelyn estavam em algum lugar atrás de mim, cavalgando entre os turanos. Eu queria me virar na sela, encontrá-las na multidão, mas, na última vez que fiz isso, além de ter gente demais bloqueando a visão, doeu muito. Então continuei voltada para a frente, lançando olhares fulminantes para as costas de nosso líder destemido.

O Guardião deve ter sentido meu olhar. Ele olhou por sobre o ombro, conferindo se todas as suas ovelhas o seguiam, e esporou o cavalo para galopar.

— Ai, deuses. — Gemi. Correndo? Estávamos correndo agora? Balançar nessa sela acabaria comigo.

Ouvi um estrondo de cascos e um grupo de turanos passou por nós, apressando-se para acompanhar o Guardião. Antes que eu

pudesse levar minha égua a fazer o mesmo, Zavier estendeu a mão.

— Vão montar acampamento. Não precisamos correr.

Meu corpo todo relaxou de alívio.

— Graças aos deuses.

— As florestas costeiras são cheias de ursures. A visão noturna deles é fraca, então é mais seguro viajar por aquelas áreas à noite.

— Ah. — Pelo visto, os monstros de Turah preferiam matar suas presas durante o dia.

Outro grupo de guerreiros passou, cavalgando rápido mas não na velocidade alucinante dos outros. Atrás deles vinham as duas carroças carregadas de lenha. As rodas deixavam rastros na grama alta.

A paisagem mudara tão rapidamente que era quase como estar em Quentis, andando de carruagem para uma tarde no campo.

Mas não havia fazendas nem edifícios nem cidades em lugar nenhum. Em qualquer direção havia apenas planícies acidentadas de grama verde e dourada que se estendiam até as montanhas.

Teria alguma travessia por lá para chegar a Allesaria?

Não conseguia me imaginar tentando subir aqueles picos. Nunca tinha visto montanhas como aquelas, tão imensas, tão altas, que tocavam o céu.

Turah era o maior dos cinco reinos, quatro vezes o tamanho de Quentis, embora tivesse metade da população. Eu havia estudado os mapas de Calandra. Tinha uma noção geral da geografia do continente. Mas aqueles mapas não faziam jus à diferença. Não transmitiam a magnitude dessa paisagem.

Era vasta. Avassaladora. Magnífica. Aterrorizante.

— Nunca vi neve — falei, na esperança de que uma conversa com Zavier me distraísse das dores. — Não neva em Roslo. Em nossos meses mais frios, os piores dias são cinzentos e chuvosos.

— Hum. — Foi tudo que ele respondeu.

Sinceramente, devia ter imaginado. Zavier não jogava conversa

fora.

Me ajeitei na sela, procurando uma posição que doesse menos. Nunca, em toda minha vida, havia sentido tanto meu cóccix.

Apesar da dor, da tensão, olhei para trás. Como os outros cavalgaram adiante, consegui ver Brielle. Ela estava inclinada para a frente, dormindo. Tillia cavalgava a seu lado, cuidando para que ela não caísse.

Quando Tillia encontrou meu olhar, gesticulei com a boca: *Obrigada*.

Ela assentiu em resposta.

O ritmo constante dos cascos quase havia embalado meu sono antes. Minhas pálpebras ficaram pesadas, caindo até eu acordar por reflexo. A dor havia sido suficiente para me impedir de me deixar levar pelo sono de novo.

Fiquei acordada memorizando tudo que pudesse ser considerado um ponto de referência, desde uma saliência rochosa até um conjunto de árvores. Tudo para anotar em meu diário o que pudesse ajudar as tropas de meu pai a encontrarem um caminho por essas terras.

Siga na direção das montanhas não seria detalhado suficiente para uma cordilheira que se estendia dos dois lados até onde a vista alcançava.

Uma carroça apareceu à frente e parou em cima de uma leve elevação. Além dela, havia fios brancos subindo da terra e cheiro de fumaça no ar.

— Fogueiras? — perguntei, endireitando-me.

Zavier fez que sim.

Seria sempre assim? Acenos e respostas curtas. Ele não era exatamente falante no *Cortador*, mas, desde que havíamos chegado em Turah, ele mal pronunciou uma palavra. Nesse ritmo, eu levaria uma década para conhecer meu marido.

Quando olhei para trás na direção de Brielle, ela estava acordada,

o rosto lindo marcado pela dor. Jocelyn estava ao lado dela, parecendo cansada, mas não tão abatida.

Não demoramos muito para alcançar os outros. Quando chegamos ao topo da elevação, avistei um agrupamento de tendas cercado de fogueiras. Pelo menos vinte estavam sendo acesas em um grande círculo, todas crescendo conforme os homens colocavam mais lenha das carroças. Além delas, havia um rio que serpenteava pelas planícies como uma cobra azul.

Zavier saltou do cavalo com movimentos tranquilos, como se cavalgar a noite toda não fosse nada. Estendeu a mão para me ajudar a descer.

Meus músculos estavam tensos e travados, mas consegui tirar os pés dos estribos e sair da sela, quase caindo quando minhas botas tocaram o chão.

Eles me deixariam andar pelo resto do caminho até Allesaria? A ideia de voltar a montar me dava vontade de dar um grito.

— Zavier. — Tillia nos alcançou, a mão estendida. — Vou cuidar dos seus cavalos.

Ele entregou as rédeas para ela e pegou meu cotovelo, conduzindo-me a seu lado. Cada passo era tenso. Agonizante.

— Sinto muito — ele murmurou, os olhos verdes cheios de compaixão enquanto me guiava para uma tenda no centro do acampamento.

Um homem fincava uma estaca no chão, prendendo a lona à terra.

— Já estão quase terminando lá dentro.

Zavier lhe deu um único aceno e olhou para mim como se quisesse falar algo.

— O quê? — sussurrei.

— Alteza. — Jocelyn correu até mim, claramente sofrendo apenas uma fração de minha dor. — Você está bem?

— Cansada. — Forcei um sorriso.

Zavier suspirou. O que quer que quisesse falar teria que esperar.

Talvez um dia eu aprendesse a ter aquelas conversas silenciosas como as que ele tinha com o Guardião. Mas ainda não nos conhecíamos. Então, quando ele abaixou a cabeça e saiu andando, imaginei que quisesse que eu permanecesse ali.

Eu não conseguiria ter ido muito longe de qualquer modo.

— Por que acha que estão acendendo tantas fogueiras? — Jocelyn perguntou, entrelaçando o braço no meu.

— Não faço ideia. — Me apoiei em seu corpo, usando sua estrutura forte para me manter de pé. Meus ossos estavam exaustos. Até meu cabelo doía.

O cheiro de carne assada se misturava ao da fumaça, mas, por mais que meu estômago roncasse, eu não tinha energia nem para comer. Só queria deitar e fechar os olhos.

— Você precisa comer alguma coisa. — Jocelyn soltou o braço. — Vou procurar Brielle. Vamos lhe trazer comida.

— Claro. — Estava sem energia para discutir.

Quando elas saíram, passando pelas tendas, espiei dentro da minha, encontrando uma mulher lá dentro. Ela estava montando um pequeno catre e...

Aquilo era uma banheira? Ou eu estava alucinando?

Ai, minha bunda doía. A sensação estava voltando aos poucos, formigamentos e pontadas disparando por minhas pernas e nádegas. Eu estava massageando os músculos por cima das calças, sem me importar com as aparências, quando alguém me puxou pela trança.

— Você não tem noção de limites? — Empurrei a mão do Guardião.

Seus olhos estavam cor de avelã de novo, um misto das cores turanas que nos cercavam, do castanho ao verde ao dourado. Ele desceu os olhos da minha túnica até onde uma das minhas mãos ainda massageava a bunda.

— Dolorida, minha rainha? Vamos ter que incluir pelo menos algum tipo de cavalgada em seu regime de treinamento. Vou conversar com Zavier.

Odiei como minha cara ardeu. Odiei a facilidade com que ele me dava nos nervos. Nunca na vida conheci alguém tão atrevido e sem filtro. Ele sabia que Zavier estava tão pouco interessado em mim quanto eu estava em voltar para aquela ruã, mas não parava de jogar isso na minha cara.

Eu queria dormir com Zavier? Ainda não. Ele era bonito e forte, mas era um estranho. Nunca fui de casos casuais.

— Não tem mais ninguém para incomodar? — rosnei.

— Hoje não. — O canto de sua boca se ergueu enquanto a aba de minha tenda se abria e a mulher que estava lá dentro saía.

— Princesa. — Ela me fez sinal para entrar. — Sua tenda está pronta.

— Obrigada. — Abri um sorriso para ela e joguei a trança para trás, deixando que batesse na cara do Guardião.

Sua risada me seguiu para dentro da tenda.

Era mais espaçosa do que eu imaginava. O catre estava encostado de um lado e não era mais do que uma plataforma e dois cobertores, mas me impediria de dormir no chão.

Meus baús ainda estavam na carroça, mas havia roupas limpas dispostas ao pé do catre. E na outra parede havia uma banheira redonda simples cheia de água fumegante que devia ter sido trazida pela abertura do fundo da tenda.

— Ah, sim — suspirei só de pensar em lavar o cheiro de cavalo e vento.

— Precisa de ajuda com o cabelo? — Um sussurro malandro acariciou meu ouvido.

Virei e dei de cara com o Guardião. Plantei as mãos em seu peito e o empurrei. Ou melhor: tentei empurrá-lo. O filho da puta nem se mexeu.

— Pode me dar licença?

— De jeito nenhum. — Ele sorriu com deboche.

— Se a água esfriar, juro por Ama e Oda que vou matar você com as próprias mãos, aqui mesmo.

— Quanta raiva, minha rainha. Vim apenas garantir que esteja confortável.

— Estou confortável. Está feliz?

— Gostaria de uma refeição?

— Agora não. Tchau.

Seu sorriso se alargou.

— Você tem hoje e amanhã para descansar. Vamos dar um descanso aos cavalos e aos cavaleiros mais fracos. — Ou seja, eu. — A jornada depois do rio não será nada fácil.

— Pior do que a de ontem? Na verdade. — Levantei um dedo. — Não quero saber.

— Vamos treinar amanhã.

A ideia me fez querer chorar, mas eu não lhe daria esse gostinho.

— Será um prazer. Mais alguma coisa?

— Não se afaste das fogueiras. Nem mesmo para ir ao rio.

Abri a boca para perguntar o motivo, mas me contive. Por que era sempre o Guardião quem repassava as mensagens? Quando Zavier pararia de se esconder de mim? Como nos conheceríamos melhor se ele nunca estava por perto?

— Está bem. Pode, por favor, falar para Zavier que quero conversar com ele mais tarde? Em particular?

Os olhos do Guardião se estreitaram.

— Por quê?

— Porque gostaria de falar com meu marido em particular. O que conversamos não é da sua conta.

— O príncipe herdeiro é sempre da minha conta.

— Se não o mandar aqui, terei que encontrar a tenda dele sozinha.

— Fique à vontade para entrar na minha, princesa. — Ele chegou mais perto. — Zavier gosta de dividir.

Perdi o ar quando essa frase atravessou meu peito como uma lâmina. Eles já dividiram mulheres antes? Zavier esperaria isso de mim?

Eu não queria isso. Não queria o Guardião.

Ele me observou como se estivesse lendo todos os pensamentos que passaram pela minha mente. Seus olhos passaram de cor de avelã para verde. Não como num piscar, que eu já tinha visto antes, mas mudando no mesmo instante.

O verde foi se espalhando devagar, afastando as outras cores. Cresceu como o calor sob minha pele.

Meu coração bateu mais rápido, mais forte, subindo pela garganta. Era perigoso olhar nos olhos desse homem, mas eu não conseguia parar. Nem piscar. Ele me capturava com o verde-esmeralda como se eu fosse uma presa, atraindo-me para mais e mais perto.

— Não — falei. Para ele. Para mim mesma.

Dei um passo para trás, cruzando os braços diante do peito. Eu não era assim tão fraca.

Se esse era mais um teste, ele poderia ir se foder.

— Alteza, está... — A pergunta de Brielle foi interrompida por uma exclamação abafada quando entrou na tenda e percebeu que eu não estava sozinha. — Ah. Hum...

— O Guardião já estava de saída.

Ele me encarou por mais um longo momento. E saiu.

O ar ficou imediatamente mais leve. Mais fresco. Mais fácil de respirar.

— Melhor tomar cuidado com ele — ela avisou, olhando por sobre o ombro, confirmando que estávamos a sós. — Ele é perigoso.

— Eu sei.

Ele carregava esse perigo no corpo, como um manto permanente de maldade e raiva. Eu havia notado antes, mas nunca dessa forma. Talvez porque sempre havíamos nos falado em espaços abertos. Mas ali, numa tenda estreita?

Ah, sim, ele era perigoso. Em mais de um sentido.

Estremeci, e o movimento espalhou ondas de dor pelo corpo.

— Estou dolorida.

— Eu também. — Ela arrastou os pés até a cama, sentando-se na ponta. — Você deveria tomar um banho.

— Você tem uma tenda?

— Eu e Jocelyn vamos dividir. Ainda não está montada, mas estão cuidando disso. É mais perto das fogueiras. Colocaram você no centro do acampamento.

Onde eu ficaria protegida.

— Jocelyn foi procurar comida.

— Está bem. — Fui até a banheira, e todos os músculos dos braços e ombros sofriam em agonia conforme eu tirava a túnica. — Esta noite foi... estranha.

Ela fechou os olhos.

— Nunca estive num lugar tão escuro.

— Nem eu.

— Tillia falou que era mais seguro viajar para longe da costa à noite por causa dos ursures. Você acredita?

— Não vejo por que ela mentiria para nós. — Tirei a calça e as roupas íntimas, depois entrei na banheira, afundando na água com um gemido baixo. — Nunca senti tanta dor na vida.

— Eu cavalgava o tempo todo. Na fazenda da minha família. Mas nada poderia ter me preparado para isso.

— Você deveria deitar enquanto espera.

— A cama é sua, alteza.

— Não me incomodo. — Fechei os olhos, recostando-me na borda da banheira. Minha trança pendia para fora. Meus joelhos

estavam dobrados junto ao peito, e eu ficaria sentada nessa água até esfriar.

— Acho que nos fizeram cavalgar a noite toda para não sabermos para onde estávamos indo — ela falou e deitou de lado, as mãos embaixo da bochecha. — Não confiam em nós.

E não deveriam confiar mesmo.

— Tinha certeza de que seríamos atacados por um tarkin ou um barilobo. — Ela bocejou. — Acha que as fogueiras os manterão longe do acampamento?

— Não sei.

A essa altura, eu não sabia nada além das dores no corpo e da exaustão na alma. Então fechei os olhos, aproveitando o calor da água.

Não cheguei a pegar no sono.

Antes que pudesse adormecer, um rugido atravessou o acampamento.

Um rugido violento e feroz que fez um arrepio descer por minha espinha.

Um rugido que significava que talvez Zavier estivesse, sim, dizendo a verdade.

Que, em Turah, a noite era mais segura.

16

Era impossível dormir. Além do excesso de claridade, Brielle estava apagada na minha cama. E fiquei esperando outro rugido.

Depois de me vestir e colocar roupas limpas, me espremi ao lado de Brielle para descansar. Mas, toda vez que fechava os olhos, meus ouvidos captavam o menor dos barulhos, do zumbido de uma mosca a passos lá fora, e acabava abrindo os olhos.

Algo havia rugido, não? Ou teria sido minha imaginação na banheira?

O som havia surgido apenas uma vez e, a essa altura, eu não tinha tanta certeza se era real. Foi um delírio? Eu tinha sonhado? Talvez ainda estivesse montada naquele cavalo, dormindo e imaginando banhos e rugidos e tendas.

— Estava com saudade — Brielle murmurou, aconchegando-se. Seu braço envolveu minha cintura.

Me afastei, confirmando se ela estava dormindo. Sim. Morta para o mundo.

De quem ela estava com saudade? Da mãe? De um amante? Brielle era minha dama de companhia havia anos, mas eu não a conhecia tão bem assim. Não éramos amigas.

Eu não tinha amigos.

Sempre havia muitas atividades no castelo, muitas obrigações

entre tutores e eventos e, mais recentemente, a organização do casamento. Quando eu tinha algum tempo livre, preferia passar sozinha, no silêncio do meu quarto, lendo um livro na biblioteca ou caminhando até minha falésia.

Mas não era apenas uma agenda cheia que me mantinha isolada. Era também uma escolha.

Eu era uma princesa de Quentis. As pessoas achavam que eu saberia das coisas. Que estaria a par dos planos e das aspirações de meu pai.

Quando eu era mais nova, tinha um grupo de amigas, a maioria filhas de nobres ricos da cidade. As meninas vinham ao castelo para tomar chá e brincar de bonecas. Conforme envelhecemos, passamos a frequentar bailes e festas juntas.

E então elas começaram a fofocar pelas minhas costas.

Fingiam ser minhas amigas para recolher informações sobre meu pai e repassar para o pai delas. Ou fingiam ser minhas amigas porque achavam que isso melhoraria sua posição social.

Eu odiava falsidade. Odiava mentiras.

Então parei de fazer "amigas".

Mae, por outro lado, adorava jogar o jogo social. Tinha uma série de amigas e arrancava segredos de todas, colecionando escândalos como facas. Usava os deslizes e erros de suas amizades como moeda de troca para mantê-las na linha. Para mantê-las leais.

Os jornalistas em Quentis babariam se soubessem os muitos segredos que ela guardava.

Minha irmã não se importava que suas amigas estivessem prontas para apunhalá-la pelas costas. Não parecia se importar que a maioria a chamasse de vadia e puta.

Mas eu não era como Mae.

Eu me importava.

Portanto, durante as festas, ficava tempo suficiente para meu pai e Margot notarem minha presença e então escapava para meus

aposentos. Depois que eu e Banner noivamos, era esperado que ficássemos juntos durante os eventos. Mas meu momento favorito nas festas era quando os homens abandonavam as mulheres para ter conversas sussurradas e beber uísque de centeio a portas fechadas. Assim que Banner virava as costas, eu saía discretamente.

Em Turah, porém, não queria ficar sozinha. Talvez Jocelyn e Brielle pudessem se tornar minhas amigas, ao menos até eu mandá-las para casa. Posição social e status não pareciam importar tanto aqui.

A aba da tenda se abriu e Jocelyn entrou, carregando um prato. Ficou paralisada ao ver Brielle dormindo.

Levei um dedo à boca e, com cuidado para não mexer o catre, saí de debaixo do braço de Brielle e me levantei. Calcei as botas em silêncio e fui para fora da tenda com Jocelyn.

— Aqui está, alteza. — Ela me entregou o prato. Estava cheio de carne assada e um pedaço de pão de casca dura. — Vou chamar Brielle. Desculpa por ela ter adormecido na sua cama. Vai morrer de vergonha quando...

— Deixe — pedi. — Foi uma viagem difícil para todos. E não consigo dormir, não durante o dia.

— Mas...

— Vou andar um pouco pelo acampamento. — Levantei o prato. — E juro que vou comer.

— Alteza. — Ela fez uma reverência e me deixou sozinha.

A luz forte do sol me fez apertar os olhos. Dei a eles um momento para se acostumarem, erguendo a cabeça para o céu e deixando o calor do dia aquecer o rosto.

O céu era uma névoa azul, a fumaça de todas as fogueiras encobrindo o ar. Os cheiros da madeira carbonizada e da carne doce enchiam minhas narinas.

Dei uma mordida e gemi quando o sabor explodiu em minha língua. Meu estômago roncou e a fome voltou com força. Não fui

nada elegante ou refinada: devorei a comida. Quando terminei, coloquei o prato dentro da tenda e saí para dar uma volta.

Os turanos haviam se agilizado enquanto eu estava no banho. Passei por um mar de tendas de lona bege que se estendiam em todas as direções. Segui um caminho na direção do círculo externo do acampamento. Todos os turanos pelos quais eu passava abaixavam a cabeça, seus olhos nunca encontrando os meus. A maioria fechava a cara.

As mulheres pareciam ter desaparecido. Talvez tivessem recebido a chance de descansar.

Segui o olfato, o cheiro acre de fumaça ficando mais forte quanto mais eu me aproximava do limite do acampamento. Depois da última fileira de tendas, uma faixa larga de grama se estendia até as fogueiras e o rio que vinha depois.

Faíscas flutuavam no ar, desaparecendo em flocos de cinzas. O crepitar vinha de todas as direções e, embora o cheiro de fumaça fosse forte, eu não me incomodava com o barulho. Quase substituía o das ondas do oceano.

— Alteza — Tillia falou atrás de mim, com as mãos entrelaçadas.

— Odessa — corrigi. Se Zavier não era chamado de alteza no próprio país, eu também não precisava do título.

— Posso ajudar em algo?

— Não, estava só dando uma volta.

Ela não se moveu. Quando eu dei um passo na direção do fogo, ela deu um passo também.

Claro. Como me atrevi a pensar que teria o direito de andar sozinha?

— Zavier mandou você me seguir, não? Prometo que não vou fugir. Só não conseguia parar quieta.

— Claro — ela respondeu.

Mas ela me deixou sozinha? Não.

Enquanto eu andava pela grama, seguindo o círculo de fogueiras,

ela se manteve o tempo todo cinco passos atrás. Eu estava acostumada a ter guardas em meu encalço. Eu os tinha desde sempre. A companhia de Tillia não deveria me incomodar.

Mas aqueles dias no *Cortador* me deram a ilusão de liberdade. Não havia nenhum guarda no navio. Não havia necessidade. E, inocente, pensei que talvez também não houvesse necessidade em Turah.

Que eu poderia andar sem uma sombra. Que poderia ter um pouco de espaço.

— Zavier falou que ficaríamos aqui por alguns dias — falei e virei para ela. — Vai ficar comigo esse tempo todo?

— Sim. Minha tenda é ao lado da sua.

Então ela era minha fiel babá.

— Para onde vamos depois?

— Ellder.

Ellder. O nome me era familiar por causa da lição apressada que meu pai me dera sobre Turah na noite de meu casamento. Era uma fortaleza, uma das maiores, se bem me lembrava dos detalhes. Mas eu não fazia ideia se ficava longe do acampamento. Não tinha como saber se era um ou sete dias de viagem.

— Acho que estou um pouco desorientada. A que distância fica Ellder?

— É longe. Não é uma viagem fácil. Há alguns acampamentos permanentes ao longo do caminho. Mas, entre eles, montaremos postos temporários como este.

— Ah. E é em Ellder que pegaremos as provisões para seguir viagem até Allesaria?

Assim que as palavras saíram, me arrependi da pergunta. Porque os olhos castanhos de Tillia ficaram imediatamente desconfiados e sua expressão se endureceu.

— Talvez.

Ou seja, não.

Droga. Acho que eu não poderia contar com Tillia para me revelar os detalhes da capital.

— Ouvi um rugido mais cedo? — perguntei, torcendo que uma mudança de assunto suavizasse seu olhar.

Ela abriu a boca, mas, antes que pudesse responder, sua atenção se voltou para algo trás de mim.

Não precisei me virar para saber quem estava lá. Senti sua presença. Era tão perceptível quanto as ondas de calor que emanavam das fogueiras.

Tillia abaixou a cabeça e desapareceu no agrupamento de tendas.

Trocando uma babá por outra.

— Não tenho permissão de ficar sozinha? — perguntei ao me virar para o Guardião.

— Sua tenda é segura. — Havia uma provocação na frase. Ninguém, nem mesmo meu marido, se atreveria a entrar.

— Não tem mais ninguém para importunar?

— Hoje não.

Apertei os lábios ao passar por ele. Quisesse ele ou não, eu continuaria vagando.

Não segui o círculo de fogueiras, mas me enfiei por entre as tendas. Passei por homens ocupados cortando lenha ou afiando facas. A cada curva que eu fazia, o Guardião me seguia e, sempre que eu arriscava olhares castos por sobre o ombro, seus olhos estavam lá, sempre à espera, sempre verde-esmeralda.

Quando cheguei ao outro lado do acampamento, a exaustão de antes voltou. Assim como as dores que o banho havia aliviado momentaneamente.

Minha única esperança era conseguir achar minha tenda. Meu orgulho já havia levado golpes demais do Guardião hoje. Não sabia se sobreviveria a ter que pedir para ele me levar de volta para a cama.

O Guardião ficou ao meu lado, os braços cruzados e as pernas

afastadas, enquanto eu observava as chamas da fogueira mais próxima lambendo o ar.

— Sobre aquele rugido que ouvi hoje — falei.

— O que tem?

Era uma confirmação. Ao menos, eu não estava delirando.

— O que era?

— Um monstro.

Revirei os olhos.

— Isso não responde a minha pergunta.

— Importa?

— Sim. — Ergui os olhos para seu perfil, esperando.

Seu silêncio me deu um momento para examinar seu rosto, buscando defeitos. Não havia nenhum. De certa forma, ele lembrava um pouco Zavier. Mas o Guardião era maior. Os traços, mais marcantes. Mais fortes. Embora eles tivessem algumas semelhanças; o nariz reto, as leves concavidades sob as maçãs do rosto, o maxilar anguloso. Como eu não tinha notado antes?

Eram parentes? Primos, talvez? Irmãos?

— Um ursur — ele respondeu. — É o território deles.

Por isso, as fogueiras. Senti um arrepio.

Ursures eram monstros sobre os quais eu só tinha lido em livros. Havia mitos. Lendas. Em meu mundo, não existiam além das páginas.

Mas eu não estava mais em meu mundo, estava?

— Você o matou? — perguntei.

Ele me lançou um olhar que dizia *O que você acha, porra?*.

Havia manchas e respingos em sua túnica. Eu não havia notado antes, durante a caminhada, porque ele estava atrás de mim. Mas deviam ser manchas de sangue.

Havia uma até no pulso. Uma no pescoço.

— Alguém se feriu?

Ele bufou.

Claro, o grande e poderoso Guardião jamais deixaria que algo de ruim acontecesse a seu povo. Que tola eu era.

— Posso ver? — perguntei. — O ursur?

— Por quê?

Dei de ombros.

— Só sei deles pelos livros.

— Tão curiosa, minha rainha.

Sim, eu era.

— Quero saber contra o que estou lutando.

Contra monstros.

Contra ele.

Queria ver a fera que ele havia matado.

Sem dizer uma palavra, ele passou por mim e roçou o cotovelo no meu corpo.

Eu o segui e atravessamos o acampamento. Seus passos eram tão largos que precisei correr para acompanhar. Meus músculos ardiam, mas eu era curiosa demais, e orgulhosa demais, para pedir a ele que diminuísse o ritmo.

Quando chegamos ao outro lado do acampamento, eu estava sem ar. Suor escorria pela minha testa. Meu coração estava acelerado.

E parou de repente quando vi o ursur.

O monstro semelhante a um urso estava deitado de bruços. Seu corpo enorme era coberto por uma pelagem grossa cor de canela. Ao longo da espinha, projetando-se para fora do pelo espesso e áspero, havia espinhos do tamanho do meu braço. Eram brancos como a neve e pontiagudos como a espada do Guardião. Apontavam em todas as direções, alguns se curvando para os lados, outros para a frente.

Era assim que sobreviviam às migrações dos crux? Não dava para matar um ursur de cima, não com aqueles espinhos.

Suas patas, na forma de garras, tinham a largura de meus ombros. Em quatro apoios, devia chegar a pelo menos dois metros

de altura. Se ficasse em pé nas patas traseiras, três metros.

A cabeça do ursur estava tombada para o lado, o suficiente para revelar o corte no pescoço.

Não, não era um simples corte. Um buraco tão profundo que mal deixava a cabeça presa ao corpo. Estava atado ao corpo apenas por uma tira de couro pesado.

Engasguei.

— Você cortou a cabeça dele?

O Guardião deu de ombros.

— Quase.

— Como? — Antes que ele pudesse responder, ergui a mão. — Na verdade, deixa pra lá.

Minha imaginação conseguia preencher as lacunas.

Predador contra predador, o ursur havia encontrado um adversário à altura.

O focinho do monstro era duas vezes mais comprido do que o de qualquer urso. Seu nariz preto era brilhante e úmido. Sua boca estava aberta, revelando dentes que não formavam fileiras ordenadas. Assim como os espinhos das costas, projetavam-se em ângulos estranhos.

Será que os ursures conseguiam fechar a boca? Ou apenas dilaceravam as vítimas e engoliam os pedaços sem mastigar?

Um rastro na terra se estendia do corpo até depois das fogueiras. Por que o arrastariam para dentro do acampamento? Para o sangue não atrair os outros?

Seus olhos pretos e vítreos estavam abertos e sem vida. Quando cheguei mais perto da cabeça, tive a impressão de que acompanhavam meus passos, mesmo que o animal estivesse morto.

Um filete de sangue vermelho-escuro escorria de sua narina, formando uma poça sob a boca aberta.

Pinga. Pinga. Pinga.

O som fazia meu estômago revirar.

Zavier tinha me avisado a bordo do *Cortador* que Turah não era gentil nem suave. Que esse reino não seria misericordioso comigo. Esta terra, esses monstros, fariam de tudo para acabar comigo, não?

Para cobrir a terra com *meu* sangue.

— Quero minha espada.

O Guardião suspirou como se tivesse ouvido esse pedido cem vezes em cem anos. Não duas nos últimos dias.

— Você concordou.

— Sim, concordei. — Ele passou a mão na barba. — Você parece exausta, Pardal. Descanse. Amanhã nós treinamos. Esteja pronta ao nascer do sol.

Por que os turanos gostavam tanto do amanhecer? Parecia que sempre havia algo acontecendo nesse período do dia.

— Está bem.

— Não vá além das fogueiras. — Ele apontou o dedo comprido para meu nariz.

Para o descampado onde viviam aqueles monstros?

— Nem pensar.

— Consegue voltar para sua tenda?

Provavelmente. Talvez levasse uma hora.

— Sim.

Ele foi embora, e eu estava sozinha com o ursur.

Pinga. Pinga. Pinga.

Ainda fiquei observando o monstro por um bom tempo, maravilhada com seu tamanho. Não deveria ser tão linda uma criatura tão aterrorizante. Mas eu não conseguia desviar os olhos.

Não até ouvir o som de cascos de cavalos batendo na terra, misturando-se ao crepitar das fogueiras.

Zavier e três de seus guerreiros deixavam o acampamento. Um minuto depois, outro cavaleiro rompeu pelas fogueiras, correndo para alcançá-los.

O Guardião. Seu cavalo cor de carvão voava pela planície, e o

cavaleiro era tão gracioso sobre a sela quanto o próprio animal.

Para onde eles iam?

Um bom espião pegaria um cavalo e os seguiria. Mas eu? Não era uma boa espiã. Então me afastei do ursur, voltando devagar para a tenda. Só me perdi duas vezes.

Brielle já tinha ido embora quando cheguei, provavelmente para a própria cama. Eu me deitei.

Quando ouvi mais um rugido, que pareceu sacudir o céu e a terra, cobri a cabeça com um travesseiro.

E fingi dormir até o amanhecer.

17

A espada do Guardião cortou o ar entre nós com um silvo. A lâmina era um raio de prata, um relâmpago que ele manejava com um simples giro de punho.

— Pronta?

Se eu estava pronta para treinar com um homem capaz de quebrar meu pescoço com um estalo dos dedos ou me cortar ao meio com um único golpe de espada?

Não. Nem um pouco.

Quero uma espada.

Eu tinha titica na cabeça? Se morresse nessa área improvisada de treinamento, a culpa seria minha.

Havia um círculo na área gramada entre as fogueiras e as tendas. Um trecho que tinha sido pisoteado e alisado por botas. Provavelmente pelos guerreiros que treinaram ali no dia anterior.

Mas, nessa manhã, estávamos sozinhos. Era um pequeno alívio que não houvesse ninguém para me ver tropeçar nos próprios pés e cair de bunda. A única testemunha de minha humilhação seria o homem responsável por ela.

O sol havia raiado sobre as montanhas anil poucos momentos antes, tingindo as planícies além das fogueiras do acampamento com um misto de verde e dourado. Nuvens de tempestade se

formavam no horizonte, sendo sopradas pelos ventos na direção do acampamento. A paisagem era imponente como uma pintura, a cena mais pitoresca que eu já tinha visto.

O brilho maldoso nos olhos cor de avelã do Guardião dizia que eu não teria a chance de apreciar a vista.

— O que estou fazendo aqui? — murmurei.

— Foi ideia sua, lembra?

Mesmo a dez passos, ele tinha me ouvido. Devia ser capaz de ouvir o cricrilar de um grilo do outro lado do acampamento. Ou estava apenas lendo os meus pensamentos.

Apontou a espada para meus pés.

— Assuma a posição de combate.

Ajustei a postura, posicionando a perna esquerda à frente da direita. Flexionei um pouco os joelhos, erguendo as duas armas que ele havia me entregado quando saí da tenda.

Eram mais compridas do que adagas, só que mais curtas do que a espada que Tillia carregava nas costas. Por que ele achava melhor eu começar com duas facas em vez de uma era um mistério, mas, depois de mais uma noite sem dormir, eu não tinha forças para contestar a decisão.

Eu precisaria de todas as minhas forças só para sobreviver a essa sessão de treinamento. Deixaríamos as trocas de farpas para outro dia.

Quando saí da tenda, o Guardião já me esperava, comendo uma maçã tranquilamente, com as duas facas embaixo dos braços.

As armas não me interessaram em nada. Mas aquela maçã? Me deu água na boca. A refeição do dia anterior não tinha sido suficiente e, pelos tons, eu estava com fome.

Talvez eu encontrasse uma fruta para mim quando saísse desse campo de treinamento. Isso se eu ainda conseguisse andar.

O Guardião parou no centro do círculo.

— Você não tem a menor chance de fugir, seja seu oponente

monstro ou homem. É baixa e lenta demais.

— Obrigada — ironizei. — E eu achando que não ganharia nenhum elogio hoje.

— Elogios são para a cama, Cross. Não para o campo de treinamento.

A imagem dele num quarto escuro, sem camisa, sussurrando elogios em meu ouvido, surgiu em minha mente antes que eu pudesse evitar.

Não. *Não*, *não*, *não*. Eu me recusava a deixar que meus pensamentos se enveredassem por esse caminho. O único homem que entraria no meu quarto seria meu marido.

Talvez. Um dia. Deuses, meu casamento era estranho.

Foco, *Odessa*. Apertei as facas com mais força.

— Entendido. Próximo?

Ele passou a mão livre pelo cabelo, afastando as tranças castanhas da testa. Isso não era... nada atrativo. Nem. Um. Pouco.

O Guardião se aproximou, encarando-me com seu olhar firme e intimidante.

Precisei de toda a minha força de vontade para não engolir em seco e me esquivar.

— Qualquer oponente vai tentar se aproximar. E partir para o ataque. Seu objetivo é encontrar os pontos fracos do seu inimigo. Com a maioria dos monstros, sua única esperança é causar uma ferida. Acertar o pescoço. Cortar uma perna. Arrancar um olho. Qualquer coisa que diminua a velocidade da criatura para que você possa fugir e se esconder. Se estiver lutando contra um homem, ataque para matar. — Ele usou a mão livre para guiar a lâmina da minha mão direita, encostando a ponta em seu colete de couro.

Eu estava com as roupas do dia anterior: calça de couro e uma túnica sem bordados.

Ele estava com o mesmo traje do dia em que nos conhecemos na sala do trono. O colete, cravejado de prata e bronze, se moldava ao

seu tronco e à túnica esbranquiçada por baixo. Antes eu achava que os coletes turanos eram apenas uma questão de estilo, mas na verdade eles faziam parte da armadura, certo?

Minhas facas eram afiadas, mas perfurar esse couro exigiria toda a minha força.

— Passe a faca entre as costelas. Direto no coração. Acha que consegue? — ele perguntou.

— Não me tente.

— Não é uma piada. Não tem por que lhe dar essas facas se não for usá-las. Consegue matar um homem, Cross?

Levantei os olhos para encontrar os dele.

— Se for preciso.

Ele chegou mais perto, a faca apertando o colete. O material resistia com firmeza, sem ceder.

Quão forte eu tinha que pressionar para chegar à sua pele? E se eu colocasse toda a minha força numa única investida? Ele me impediria? Ou eu o pegaria desprevenido?

Havia um desafio em seus olhos. Ele estava me provocando a tentar.

Vá em frente. Enfie.

Meu braço não se moveu.

Eu conseguiria matar um homem? Esse homem? Não. Acho que nunca seria capaz de tirar uma vida, nem mesmo a dele.

O canto da boca do Guardião se contraiu, como se lesse a conclusão em meu rosto.

Ele se afastou.

— Vamos ver se consegue bloquear.

E, com isso, começamos.

Trovões ecoaram no céu. Ao longo das horas de treinamento, nuvens de tempestade cobriram o acampamento. Momentos antes,

despejaram um dilúvio sobre nós.

Esperava que isso interrompesse o treinamento. Mas não.

O Guardião, ao que parecia, treinava sob chuva ou sol.

As gotas de chuva se misturavam ao suor em meu rosto, e toda vez que uma escorria para minha boca, eu sentia gosto de sal e sangue.

Meu peito arfava, o coração tão disparado que temia que falhasse e parasse de bater.

Me curvei para a frente, apoiando as mãos nos joelhos enquanto me esforçava para não vomitar.

Era o inferno. Izzac havia trazido a sua sombra para me torturar por todos aqueles pensamentos homicidas sobre o Guardião.

— Já cansou? — O cretino não estava nem ofegante.

Apertei os olhos, inspirando fundo pelas narinas, o oxigênio causando ardência nos meus pulmões. Rangi os dentes e me ajeitei, deixando a água escorrer por meu rosto ao assumir a postura de combate.

Minha calça estava coberta de lama. A túnica estava rasgada e escangalhada pelos golpes da espada dele, o tecido em frangalhos ao longo das costelas. Mas eu não pararia. Ainda não.

— De novo.

Sua espada desceu sobre minha cabeça enquanto um trovão cortava o céu.

Dessa vez segurei a lâmina entre minhas facas, como ele havia me ensinado. Depois, com os braços firmes, os punhos tensos, as pernas ardendo, lutei para impedir que ele cravasse a espada em meu crânio.

— Mais forte — ele gritou, aumentando a pressão.

Um grito escapou de minha boca junto com uma gota de saliva quando empurrei sua arma para o lado. Teria sido impressionante se o chão não estivesse escorregadio e eu, sem equilíbrio. Minha bota deslizou, e eu caí de joelho.

O Guardião não deixou eu me recuperar. Desferiu um golpe na direção do meu pescoço, forçando-me a mergulhar de cara no chão para manter a cabeça presa aos ombros.

Rolei na lama, tentando desesperadamente me levantar.

Assim que fiquei em pé, ele atacou de novo, dessa vez mirando minha barriga, e por pouco consegui desviar do golpe.

O metal de nossas armas silvou ao se chocarem.

— Mais rápido — gritou. — Firme os pés.

Inspirei fundo antes de ele me atacar de novo, primeiro pela esquerda, depois pela direita. Meus movimentos estavam lentos e eu segurava a facas sem firmeza.

Ele golpeou a lâmina da minha mão esquerda, fazendo-a voar para fora do círculo de treinamento.

— Pare de deixar a porra da faca cair — ele berrou.

— Estou tentando — gritei acima da tempestade e de meu coração latejante.

— Tente melhor — ele zombou, depois foi buscar minha faca, colocando o cabo na palma de minha mão. — De novo.

Rangi os dentes, obrigando meu corpo a se manter firme, a resistir. Finquei os calcanhares na terra escorregadia.

— Não caia — ordenou.

Não caia, *não caia*, *não caia*.

Ele lançou outro golpe vindo de cima, e em vez me manter firme, cambaleei para trás, tropeçando em meus próprios pés.

Caí de bunda. *Inferno.* Ali era o inferno.

O Guardião me olhou, indignado, a frustração tão evidente quanto a chuva. Ele apontou a espada para meu rosto e, por um momento, pensei que era o fim. Que ele havia me testado, me julgado indigna, e que livraria Turah de uma princesa fraca.

A ponta da lâmina lançou um assobio em minha testa quando ele a usou para erguer um cacho de meu cabelo encharcado.

A tintura estava escorrendo. Quase dava para sentir o castanho

manchando minhas bochechas. Minha camisa. A cor se misturaria com a lama, fazendo-me parecer tão suja quanto me sentia.

— Falei para *não* cair. — Ele tirou a espada e o cacho caiu, grudando em meu rosto. — Pronta para desistir?

Não podia desistir, por mais que quisesse responder que sim.

— Jamais.

— Ótimo. — Ele fez sinal para voltarmos ao centro do círculo. — Seu primeiro instinto é recuar. Você precisa se manter firme. Se mover para o lado. Criar uma abertura para atacar. Mas não vá para trás. Você só vai cair de bunda. De novo.

— Me mover para o lado. Entendi. — Eu me levantei, parando um instante para respirar. Apontei as duas facas para seu rosto arrogante. — Pronta.

Ele atacou tão rápido que só percebi a proximidade da lâmina ao sentir o sopro na bochecha.

Me esquivei para trás, como sempre, balançando nos calcanhares. Mas não caí.

— Porra, Cross. Ataque! — ele gritou, desferindo outro golpe.

Mas eu não conseguia atacar, não quando ele partia para cima de mim com aquele olhar assassino. Minhas pernas se moveram por conta própria, levando-me para trás, para trás e para trás. Em direção à margem do círculo. À fogueira mais próxima.

Ela ainda queimava, apesar da chuva, as faíscas se estendendo para pegar minhas roupas e meu cabelo.

— Mova os pés — o Guardião gritou quando voltou a avançar.

Com a fogueira atrás de mim, não tive escolha a não ser me esquivar para o lado.

— Aprendeu — ele zombou. — Finalmente.

Eu respirava mais pesado conforme ele me intimidava e se divertia como se eu fosse um brinquedo para distraí-lo num dia de tempestade.

Eu o golpeei, mirando lugar nenhum e todos ao mesmo tempo,

sempre vendo minha faca resvalar naquelas braçadeiras de couro grosso.

— Você vai precisar de mais força para perfurar couro de ursur.

Isso me fez parar.

— Essa braçadeira é de couro de ursur? É por isso que mantiveram o monstro que você matou?

Não para evitar que o sangue atraísse outros predadores, mas para que usassem o couro em braçadeiras e coletes.

O couro era incrivelmente forte. Resistente. Durável. E provavelmente mais confortável do que armaduras de metal.

— Pare de fazer perguntas, Cross. Lute, caramba. Ataque.

— Estou lutando — gritei, o som rasgando minha garganta. — Estou tentando.

— Não o suficiente. — Ele se curvou, ficando cara a cara comigo. Seus olhos viraram um turbilhão prateado e o resto do mundo desapareceu. — Não sei por que estou surpreso. Quentinos são melhores em fugir do que em lutar.

— Não estou fugindo.

— Então pare de recuar. Quer ser a rainha de Turah? Então não tenha medo.

— Não quero ser a rainha de Turah. — A confissão saiu tão rápido que me crispei.

Ele bufou.

— Preferiria apodrecer num castelo dourado, definhando enquanto sua família se esquecia de sua existência? Você não era nada para eles. Seu pai a entregou sem pestanejar. Sua irmã fez toda uma cena de despedida, mas aposto que já está na cama do seu noivo. Um homem que também a deixou sem nem lutar. E você não tem um irmãozinho? Ao menos deixaram você se despedir dele?

Nenhum golpe que ele havia desferido hoje havia sido mais forte. Todas as inseguranças foram tiradas das profundezas do meu

coração e jogadas na lama para ele pisotear.

Era implacável. Imperdoável.

A verdade.

Uma fúria que eu nunca havia sentido ardeu sob minha pele. Era quente e perversa, e vibrava por todo meu ser. Minhas mãos apertaram as facas até meus dedos ficarem brancos.

— Está brava, Pardal? Use essa raiva. Lute. Porra.

Eu te odeio.

Se ele podia ler minha mente, eu queria que essa frase estivesse em primeiro plano. *Eu te odeio*.

Um sorriso lento se abriu em sua boca.

— Essa é minha rainha.

— Pare de me chamar assim — rosnei.

— Me obrigue. — Ele deu um passo para trás, levantando os braços enquanto a chuva caía sobre seus ombros, sobre o tecido encharcado que moldava seus músculos definidos.

Ele soltou a espada, deixando que caísse na lama. Apontou para minhas armas e chamou com o dedo.

Queria me enfrentar desarmado? Por mim, tudo bem. Eu ainda não tinha a menor chance, mas queria seu sangue. Queria sua dor.

Antes que pudesse pensar demais, ataquei, minhas facas apontando para seu pescoço.

Ele tinha me dito para atacar o pescoço do monstro, e havia apenas um monstro ali hoje.

O Guardião deu um passo rápido que o tirou do meu caminho. Me obrigou a mudar de direção, mais uma vez seguindo seu ritmo. Mais uma vez sob seu controle.

Mas o persegui mesmo assim, sem nunca diminuir o ritmo. Meus braços balançavam descontroladamente no ar na esperança de ter alguma sorte e acertar algo. Não precisava ser muito.

A borda da orelha. A ponta do nariz. Um ou outro dedo da mão.

A sede de sangue corria pelas minhas veias feito fogo. Eu via

tudo vermelho.

Ele desviou de cada golpe, mas continuei atacando, despejando toda minha raiva contra ele, contra Zavier, contra meu pai por me mandar para Turah.

Direcionei a raiva para a movimentação de meus braços e pernas.

— Mais rápido — ele gritou quando tentei esfaquear suas costelas, errando por muito. — Vai!

Um grito gutural rasgou minha garganta. A chuva engoliu o som.

Meus braços se debatiam, os movimentos ficando desleixados, mas continuei, insisti, mais rápido e forte.

O espaço ao nosso redor desapareceu. Não restava nada além daqueles olhos prateados.

Que eu queria arrancar do seu crânio.

Mas, por mais depressa que corresse, por mais rápido que investisse minhas lâminas, ele estava sempre fora do alcance.

Era fácil para ele, não? Eu estava prestes a desmaiar. A força em meus braços se esvaía. Minhas pernas estavam fracas; meus joelhos, bambos. Eu dava o comando para continuarem, mas não restava nada.

O Guardião havia me esgotado completamente.

Minha visão estava ficando turva. A chuva entrava em meus olhos, que ardiam a cada piscada. Juntei o que restava de meu controle e desferi um último ataque, golpeando em todas as direções na esperança de atingir sua pele.

Nunca me movi tão rápido. Não chegou nem perto de ser suficiente. A ponta da faca passou zunindo pelo pescoço do Guardião, a um triz de cortar sua pele. Mas esse triz era quase um continente.

Um triz não era o suficiente.

A faca estava se movendo tão depressa que escapou da minha

mão, voando para a margem do círculo de treinamento, onde caiu com um baque surdo.

Caí de joelhos.

— Levante-se — o Guardião ordenou.

Fechei os olhos, os ombros afundados de derrota.

O que eu estava fazendo ali? Nesse campo de treinamento. Em Turah. Por que Zavier havia se casado comigo?

Um arrepio se infiltrava em minha medula, um frio que nada tinha a ver com a chuva.

Era um caso perdido. *Eu* era um caso perdido. Não passava de um brinquedo. Uma boneca. Uma princesa trivial que não tinha nada que se meter nessa disputa entre reis. Meu pai já devia estar pensando em um plano reserva para quando eu fracassasse.

— Levante-se. — O Guardião apoiou as mãos no quadril. — Agora.

— Basta. — Uma outra voz ecoou.

Zavier pegou minha faca caída e entrou no círculo. Ele se agachou diante de mim, estendendo a arma.

Eu não conseguia fazer nada além de olhar para ela. Meu braço, fraco e exausto, pendia ao lado do corpo.

O que quer que estivesse estampado em meu rosto o fez franzir a testa e se levantar. Ele cruzou os braços diante do peito ao falar com o Guardião.

— Basta.

— Ela não acabou — ele respondeu. — Acaba quando eu falar que...

— Quando *eu* falar que basta. — Pela primeira vez, Zavier soava como um príncipe.

A respiração do Guardião ficou pesada.

— Zavier.

Havia rancor naquela entonação. Um desafio.

Mas Zavier se manteve firme, o olhar duro enquanto encarava o

Guardião. Quando falou, foi com uma voz calma que eu nunca tinha ouvido antes, baixa e apaziguadora. Como quem doma um animal.

— Ela já treinou demais.

O Guardião apertou o maxilar e, sem falar mais nada, pegou sua espada e caminhou entre as fogueiras.

Rumo à tempestade.

Zavier passou a mão no rosto, afastando as gotas, e estendeu a mão.

— Está ferida?

— Não — respondi, deixando que me ajudasse a me levantar. Por mais que eu quisesse me levantar sozinha, minhas pernas não cooperavam.

— Vim avisar que estou de partida. Tenho assuntos a tratar em Perris.

A antiga capital. Uma cidade portuária cujo porto era capaz de receber três navios. Mesmo assim, desembarcamos naquela praia minúscula. Por quê? Guardei a pergunta para outro dia.

— Certo. Imagino que eu não vá junto.

— Não é seguro. — Bom, parecia uma mentira. Nenhum lugar ali era seguro. — Você vai viajar com Tillia e os outros.

Para Ellder. A fortaleza.

— Está bem.

Abandonada pelo marido para viajar com um grupo de guerreiros desconhecidos por um reino estrangeiro cheio de monstros que adorariam devorar minha carne. Poderia ser pior, não? Não sabia bem como, mas achava que poderia ser pior.

— Os próximos dias serão... árduos. Tente descansar hoje. Vocês vão partir...

— Me deixe adivinhar. Ao amanhecer?

O canto de seus olhos se enrugou, quase formando um sorriso.

— Vejo você em breve, Odessa.

— Adeus, Zavier. — Esperei ele sair e caminhei pelas tendas.

A maioria tinha se abrigado para se proteger do frio. Cobri um bocejo ao passar pelas abas da minha tenda.

Um banho quente me esperava.

E uma maçã.

Não me permiti pensar quem devia ter providenciado os dois.

18

— Você se lembra de como é estar em uma cama de verdade? — Brielle sussurrou de seu saco de dormir ao lado do meu. — Uma cama que não balança.

— Uma cama sem rochas cutucando as costas. — Jocelyn franziu a testa enquanto tentava encontrar um lugar mais plano para descansar.

— Vamos dormir em camas de verdade de novo. Em breve.

Era uma promessa vazia. Nem sabia se havia camas em Turah. Não tínhamos visto nenhuma desde que chegamos.

Ao nosso redor, os homens circulavam pelo acampamento. De tantos em tantos minutos, alguém gritava.

Como Zavier havia prometido, o dia tinha sido árduo.

Quando acordei ao amanhecer e saí da tenda, vi que a minha era a única ainda montada. Todas as outras haviam sido guardadas nas carroças. As fogueiras eram reduzidas a brasas e os cavalos eram selados.

Depois que minha tenda foi desmontada, partimos para as montanhas. Tillia, Jocelyn e Brielle cavalgaram ao meu lado. Um grupo de guerreiros se manteve por perto, todos prontos para sacar as espadas ao menor sinal de perigo.

A viagem foi exaustiva e rápida. Todos haviam se esforçado para

chegar ali.

Estávamos abrigados sob uma saliência de rochas grandes que se projetava das planícies relvadas. Não era tão exposto quanto o acampamento anterior, mas havia algo de sinistro no lugar.

Talvez fosse porque os melhores guerreiros, Zavier e seus seis patrulheiros, haviam partido para Perris.

O Guardião também sumira.

Fiquei olhando para as estrelas de Ama e Oda e os tons dos Seis entre elas. Do branco ao cinza ao preto, o céu da noite nunca esteve tão claro. Tão lindo. Os turanos eram mais próximos dos deuses, já que viam as estrelas e os tons com tanta clareza?

Imaginei linhas entre as estrelas, tronos invisíveis dos deuses. Se nos observavam, rezei para que nos ajudassem a sobreviver a essa noite.

Meu corpo estava todo dolorido pela sessão de treinamento com o Guardião. A cavalgada extenuante até ali havia esgotado todas as minhas forças.

Doía respirar. Pensar. Meus braços e minhas pernas estavam tensos, os músculos protestando ao menor movimento. Não sabia como sobreviveria ao dia seguinte depois de uma noite no chão. Havia uma rocha pontuda cravada no lado esquerdo de meu quadril, mas doía tanto me mexer que nem tentei me ajeitar. Como Jocelyn, mesmo que eu me ajeitasse, acabaria encontrando outra pedra.

Tillia nos explicara que não valia a pena montar tendas. Não ficaríamos ali por muito tempo. Em vez disso, usávamos sacos de dormir como todos os outros. Só tínhamos cobertores ásperos para nos cobrir.

Toda a caravana estava agrupada, abrigada ao lado do afloramento rochoso que protegia nossa retaguarda. Uma meia-lua de fogueiras queimava à nossa frente. Elas estavam mais próximas umas das outras, as chamas de uma lambendo a da outra. Esse acampamento

tinha uma fração do tamanho do anterior. Um perímetro menor para defender, segundo Tillia.

Uma série de estalidos ecoou na escuridão, reverberando pelas rochas.

Já fazia muitas horas que eu ouvia aqueles estalos.

No começo, não sabia o que significavam. Agora? Estava tensa à espera do que viria em seguida.

— À sua esquerda! — um homem gritou.

Brielle pegou minha mão.

Jocelyn fez o sinal dos Oito.

— São dois — outro homem gritou na escuridão.

Então vieram os rugidos. Os grunhidos. Os rosnados.

Um grito interrompido.

Mais homens gritaram e berraram antes de o acampamento ficar em silêncio.

Um silêncio assustador.

Nenhum estalo. Nenhum grito.

Eu não conseguia ouvir nada além de meu próprio coração e do choro abafado de Brielle.

Alguém havia morrido dessa vez?

Os guerreiros lutariam a noite toda. Depois de nos acomodar, Tillia assumiu sua posição entre as fogueiras. Nem se deu ao trabalho de estender o saco de dormir.

— Contagem! — um homem gritou.

— Um.

— Dois.

— Três.

Cada guerreiro posicionado num posto gritava seu número.

Quando chegaram a trinta e seis, o acampamento pareceu respirar.

Doze fogueiras. Três guardas em cada.

Trinta e seis guardas ainda vivos.

Um silêncio caiu sobre o acampamento, apenas o som do crepitar das fogueiras e dos estalidos da lenha. Tudo que eu queria era dormir. Ignorar o barulho e o medo. Não me lembrava de já ter estado tão cansada. Mas os estalos não paravam.

Os monstros estavam por toda parte.

Barilobos.

Tillia contara que as alcateias usavam aqueles estalos para se comunicar.

— Sinto saudade do som do mar — Brielle sussurrou.

— Eu também.

— Quero ir para casa. — Ela soluçou, o som saindo tão rápido que tampou a boca.

Tillia havia nos mandado falar baixo. Às vezes, porém, não dava para silenciar a dor. A solidão. A angústia.

Todas as partes do meu corpo gritaram quando me virei para o lado, mantendo a mão dela na minha enquanto a apertava com força.

— Desculpa, Brielle. Me desculpa.

— Não é culpa sua.

— É sim.

Ela usou a mão livre para secar o rosto.

— Foi ideia sua se casar?

Suspirei. *Não*.

— Tá, talvez não seja culpa minha. Mas lamento mesmo assim.

— Também lamento. — Ela me abriu um sorriso triste. — Não quero ser comida por um monstro.

— Também não — Jocelyn murmurou.

Brielle soltou uma risada baixa e chegou mais perto, apoiando a cabeça em meu ombro.

— Acha que vão nos manter a salvo?

— Sim. — Eu podia não saber por que Zavier me queria como esposa, mas confiava que desejava me manter viva. Assim como o

Guardião. Senão, teria deixado a enguia-óssea me devorar.

Ficamos juntas, de mãos dadas, no silêncio que persistia. Sem mais estalos. Sem gritos. Depois de um tempo, minhas pálpebras ficaram pesadas e fechei os olhos para as estrelas, adormecendo.

Um rugido me tirou do sono, meus olhos se abrindo enquanto me sentava, assustada, para olhar para as fogueiras.

O rugido não era de barilobos. Era alto demais, grave demais, assustador demais.

Um ursur.

As fogueiras hoje não eram tão grandes quanto as do outro acampamento. Seriam suficientes para manter o monstro enorme à distância? Ou aquele ursur romperia o perímetro e dilaceraria todos, deixando apenas carniça ao amanhecer?

Brielle se encolheu, puxando os joelhos para o peito e os abraçando com força.

Outros também se sentaram. Alguns permaneceram deitados, olhando as estrelas.

Mais um rugido atravessou a noite, tão alto que as rochas pareceram tremer.

Os guerreiros posicionados nas fogueiras recuaram, afastando-se das chamas, as espadas e facas erguidas.

— Ainda não — Tillia ordenou. Sua voz era firme. Calma.

Mas isso não aquietou o pavor que se espalhava por minhas veias.

Um tremor sacudiu a terra sob meu cobertor. Depois veio outro e outro. Formaram um ritmo. Eram como cascos, mas maiores. Muito maiores.

Fixei os olhos na escuridão além das fogueiras e não pisquei.

Sem desviar o olhar, tateei em busca de minha bolsa. O coldre de ombro em que havia deixado a bolsa e, com ela, minhas facas.

Seriam inúteis contra um ursur. E eu ainda não sabia usá-las. Seria a mesma coisa que me defender com as mãos e as unhas que

roí na viagem de hoje para não ficarem sujas.

Zavier havia me avisado que Turah era perigosa. E nos abandonara. Todos nós.

Assim como o Guardião.

Meu coração disparou quando os passos ficaram mais altos, mais fortes. Tão fortes que pedriscos saltavam ao lado do meu saco de dormir.

Deuses, nos salvem.

Outro rugido rasgou o ar. Estava tão perto que parecia um hálito quente, um beijo da morte atravessando o acampamento.

— Louvada seja Ama. Amada Mãe — Brielle murmurou —, salve-nos esta noite. Ou nos leve a suas praias de estrelas. Conceda-nos mortes rápidas, Izzac. Permita que descansemos sobre os raios dourados de Oda e encontremos a paz, querida Carine.

Alguns dos homens ao redor se levantaram, abandonando os sacos de dormir. Eram os condutores das carroças. Começaram a recuar em direção às rochas como se pudessem escalar rumo à liberdade.

— Esperem! — O comando de Tillia era inabalável.

Nenhum dos trinta e seis se moveu.

E uma linha secundária se formou atrás deles. Não guerreiros, apenas homens. Mas estavam armados com espadas e bestas, os corpos preparados para o que quer que atravessasse a fogueira.

Os passos de tremer a terra foram ficando mais e mais altos conforme a criatura vinha em disparada na direção do acampamento. Devia estar correndo em velocidade máxima. Talvez simplesmente saltasse sobre as fogueiras e aproveitasse as chamas para iluminar sua refeição noturna.

Brielle se levantou de um salto, puxando minhas mãos para me levantar junto.

— Alteza, venha. Depressa. Precisamos correr.

Nunca conseguiríamos. Então fiquei paralisada no chão, as facas

na palma das mãos, aguardando a morte que avançava em nossa direção.

O rugido seguinte era selvagem, e logo depois veio um rosnado que fez Jocelyn dar um grito. Os passos pararam de avançar, mas os tremores no chão continuaram, como se o monstro estivesse se mexendo, mas não correndo. Outro rosnado furioso cortou a escuridão.

Fiquei de joelhos, estreitando os olhos para ver o que acontecia. Os guerreiros estavam disparando as flechas contra o ursur? As fogueiras impediram a aproximação da criatura? O que estava acontecendo?

Os guerreiros se ajeitaram, mudando a postura. Mas não saíram do lugar. Olhavam fixamente para a noite, e não conseguíamos fazer nada além de ouvir o rosnado do monstro.

Algo devia estar atacando o ursur. Algo havia entrado em seu caminho.

Os barilobos? Mas eu não ouvi seus estalos. Com os olhos e ouvidos eu prestava atenção, meu coração na garganta.

O rugido seguinte foi sufocado. Interrompido.

E num piscar de olhos não havia mais nada.

O acampamento todo prendeu a respiração enquanto as fogueiras estalavam e crepitavam.

Até que o Guardião surgiu entre as chamas, coberto de sangue escuro. Gotejava da ponta do cabelo e do queixo. Escorria pelos braços, ao longo da lâmina prateada e reluzente da espada.

Seus olhos estavam da mesma cor, um turbilhão metálico.

E fixados em mim.

O ar escapou de meus pulmões.

Ele não havia nos abandonado, afinal.

— Izzac — Brielle sussurrou.

Talvez aqueles rumores sobre o Guardião fossem verdadeiros. Talvez ele fosse mesmo o Deus da Morte.

As pessoas comemoraram. Lâminas se ergueram na noite enquanto um coro começava.

Guardião. Guardião. Guardião.

Brielle se deixou cair ao meu lado, os braços envolvendo meus ombros. Ela chorava.

— Ai, deuses.

— Estamos bem. — Jocelyn afundou o rosto nas mãos, o corpo tremendo com o choro.

Tirei os olhos do Guardião e me apoiei em Brielle.

— Está tudo bem.

Ela se agarrou a mim, enchendo de lágrimas o tecido de minha túnica.

Quando voltei o olhar para as fogueiras, o Guardião estava com Tillia, as cabeças baixas numa conversa particular.

Ele estava tão perto dela que as bochechas quase se tocavam. Ela colocou a mão no peito dele, os ombros relaxando com algo que ele falou. Apoiou a testa ali, ao lado da mão.

Era um momento particular. Íntimo. E eu estava invadindo.

Baixei os olhos.

Tillia e o Guardião? Eles estavam juntos? Fazia sentido. Ambos eram guerreiros. Ambos eram destemidos. Ela era linda, e ele era... ele.

Uma sensação asquerosa se infiltrou em minha pele, mas a afastei, recusando-me a nomeá-la.

— Desculpa. — Brielle se afastou, secando as lágrimas e fungando. — Você teve que me consolar desde que saímos de Roslo. Eu é que deveria estar ajudando você aqui.

— Não me importo. — Sorri suavemente, ajeitando uma mecha de seu cabelo castanho atrás da orelha.

O coro cessou ao nosso redor. Os homens que haviam se espalhado para as rochas voltaram aos seus sacos de dormir, suspirando aliviados.

— Melhor descansar — aconselhei Brielle. — Antes de amanhecer.

Ela bufou.

— De jeito nenhum vou conseguir pegar no sono.

Mas, quando se deitou de lado, quando o pavor diminuiu e um silêncio caiu sobre o acampamento, o corpo dela relaxou, e não demorou para a exaustão tomar conta.

Baixei a cabeça, ainda de joelhos. Segurando as facas. Não conseguia soltá-las. Fiquei olhando para suas pontas afiadas, desejando também ser feita de aço.

Um dedo tocou meu queixo, erguendo-o.

Soube de quem era antes mesmo de levantar os olhos.

O Guardião se agachou diante de mim, ainda coberto de sangue. Tinha vindo em silêncio, os passos leves como plumas.

— Está bem, minha rainha? — Nunca tinha ouvido sua voz tão gentil. Baixa e suave como seda.

— Era um ursur?

— Sim.

— Está morto?

Ele arqueou a sobrancelha.

— Cross.

Certo. Pergunta idiota. Claro que estava morto. E havia sangrado em cima dele, deixando o fedor de sangue.

Ele soltou meu queixo e apontou para o saco de dormir.

— Durma. Partimos...

— Ao amanhecer. Já sei.

O canto de sua boca se ergueu.

— Boa noite, minha rainha.

Eu deveria agradecer. Por matar o monstro. Por perguntar como eu estava. Por dissipar meus medos apenas com sua presença. Mas me deitei na coberta e deixei que desaparecesse na escuridão.

Ele já devia estar com Tillia, montando guarda.

Juntos.

Bom, ao menos não estavam juntos no saco de dormir dela.

Por algum milagre, consegui dormir até o nascer do sol. Depois montei em minha ruã e me juntei à procissão que se afastava das fogueiras em brasa.

Do corpo de um ursur morto com os olhos brancos leitosos e espuma nos cantos da boca.

E sangue verde-escuro escorrendo da garganta cortada.

19

Quando eu tinha treze anos, uma copeira tentou me envenenar com pó de presas de fenek.

Colocou no meu chá matinal e, ao ser flagrada, admitiu ter sido paga por um nobre que devia dinheiro a meu pai.

O lorde era um jogador compulsivo e achava que uma morte na família real quentina lhe garantiria mais tempo para ganhar uma fortuna nas mesas de dados.

Em vez disso, ele e a copeira foram enforcados na praça pública de Roslo.

Enquanto os corpos apodreciam, assando sob o sol e sendo bicados por aves, passei uma semana à beira da morte.

Pelo que eu soube, os médicos nunca descobriram como eu havia sobrevivido. O pó era duas vezes mais tóxico do que o veneno de qualquer cobra, mas meu corpo havia resistido à febre e eu sobrevivi.

Foi o pior que eu já havia me sentido.

Até agora.

Depois de três dias cavalgando pela paisagem turana, eu adoraria tomar uma dose perigosa de pó de presas de fenek.

Mas os feneks eram raros em Calandra. Segundo meus tutores, os monstros semelhantes a raposas quase foram extintos cem anos

antes. Eram os menores monstros e, embora fossem tão ferozes quanto os maiores, eram mais fáceis de matar do que os tarkins, os barilobos e os ursures.

Calandra quase testemunhou o fim dos feneks. Até descobrirem que o pó das presas trituradas era o veneno mais poderoso do continente.

Criar feneks era ilegal em todos os reinos, embora isso não fosse impeditivo para ninguém. Quem tinha dinheiro suficiente conseguia comprar o pó no mercado clandestino.

Será que ainda havia feneks selvagens em Turah?

Eu estava cansada demais para perguntar a Tillia. Ela cavalgava ao meu lado, a postura perfeita e a expressão relaxada. Claramente não estava com as coxas assadas da sela como eu. Parecia tão confortável naquele cavalo como estaria num sofá.

Eu, por outro lado, devia estar como Brielle e Jocelyn. Abatida. Esgotada. À beira de um colapso físico e emocional.

Ainda cavalgaríamos muito hoje? Havíamos chegado ao fim das planícies por volta do meio-dia e agora atravessávamos os sopés das montanhas. Elas subiam e desciam, subiam e desciam. Tínhamos passado por um riacho antes, parando apenas o suficiente para os cavalos beberem água.

Os cheiros de pinheiro e terra nos envolviam, ao mesmo tempo fortes, doces e refrescantes. As árvores e a vegetação rasteira não eram tão densas quanto ao longo da costa, o que garantia espaço suficiente entre os troncos grossos e largos para o grupo passar sem dificuldades.

Não era à toa que Turah fornecia lenha para os outros quatro reinos. Essas árvores pareciam inquebráveis. Inflexíveis. Perfeitas para casas ou navios. Eram mais altas do que qualquer outra que eu vira antes. As copas se estendiam na direção do céu e os ramos nos protegiam do sol severo da tarde.

Em Roslo, eu vivia arranjando motivos para sair do castelo e

passar algumas horas ao ar livre. Aquelas escapadas breves eram a melhor parte do dia. Eu adorava o ar fresco e a liberdade.

Agora, eu não queria nada além de um quarto e um banho. Queria esquecer o ar livre para sempre.

Nessa manhã, não muito depois da aurora, quando o sol ainda estava fraco, pensei ter visto luzes de uma vila ou cidade. Observei desaparecerem conforme o sol subia, na esperança de que estivéssemos perto de nosso destino. Mas continuamos cavalgando por esses sopés, e qualquer que fosse o lugar pelo qual havíamos passado já ficara para trás.

Toda noite, dormíamos na terra depois de um prato de carne assada. Toda manhã, comíamos o café da manhã já em cima do cavalo. Tiras secas e duras de carne e pão seco. Parecia ter passado uma eternidade desde que eu devorara aquela maçã.

Meu cavalo, a ruã que eu havia decidido chamar de Freya, passou por cima de um galho caído. A mudança em seu passo me obrigou a ajeitar minha posição na sela, o que aumentou a dor na minha bunda. Apertei as rédeas e cerrei os dentes, contendo um gemido.

— Está tudo bem? — Tillia perguntou.

Não.

— Sim.

— Estamos quase lá. É a última parte.

— Para Ellder?

— Ainda não. Houve uma leve mudança de planos. Vamos parar em Treow.

— Ah. — Por que a mudança de planos? Ela não me contaria, então nem tentei perguntar. — Treow é uma cidade?

Não reconheci o nome, e era constrangedor quão pouco eu sabia sobre Turah. Quanto precisava perguntar. Ali estava eu, a mais nova integrante da família real, e não sabia quase nada sobre o reino.

— Sim e não — Tillia respondeu. — Vai entender quando chegarmos.

Eu detestava essas respostas vagas. E os turanos eram mestres nelas.

Não importa. Só queria descer dessa porra de cavalo.

Será que Mae havia estudado a geografia turana? Conhecia todas as vilas e cidades de cor? Memorizou mapas? Minha irmã nem estava ali, mas eu continuava sendo passada para trás por ela. Mesmo do lado oposto do continente, eu ainda era... menos. Será que essa sensação passaria algum dia?

Talvez. Se eu cumprisse a missão de nosso pai.

Meu caderno estava bem guardado na bolsa. Na noite anterior, no acampamento, eu havia feito mais algumas anotações. Também pretendia desenhar as montanhas, mas Tillia me viu rabiscando e falou para guardar o caderno e não deixar que ninguém me visse com ele.

Não perguntei o motivo. A severidade de sua voz tinha sido suficiente para me convencer a obedecer sem questionar.

Além disso, tudo que importava estava gravado em minha cabeça. Quando chegássemos a um lugar seguro, um lugar onde eu pudesse ficar sozinha, começaria a desenhar um mapa.

— Quer algo para comer? — Tillia perguntou.

— Não, obrigada.

— Você mal tem comido.

Fiz que não era nada.

— Não estou com fome.

A comida era saborosa e nutritiva, mas eu estava sem apetite nenhum. Sentia o estômago embrulhado o tempo todo sem nada para fazer além de cavalgar e pensar.

Então fiquei pensando.

Em. Tudo.

Minha mente havia se tornado minha pior inimiga.

Não havia nenhum assunto seguro. Fiquei pensando em minha família. Em Brielle e Jocelyn, que sem dúvida me odiariam quando

tudo isso acabasse. Fiquei pensando em Zavier e seu desinteresse. Fiquei pensando nos deuses e sua relação de amor e ódio com os humanos. Fiquei pensando em meu mau hálito e no fedor de meu corpo. Fiquei pensando no formato do meu queixo e na ponta do meu nariz.

E, por mais que tentasse evitar, fiquei pensando no Guardião.

Ele era um assassino. Um matador lendário. Não deveria sentir medo dele? Só o vira lutar contra monstros até agora. Claro, eu não esperava vê-lo enfrentar o próprio povo, mas a maneira como olhavam para ele... Era de admiração. Devoção.

Não era como eu imaginava que as pessoas agiam perto de um carniceiro violento. E, por mais que tentasse, não conseguia tirar da cabeça a imagem de Tillia e do Guardião abraçados.

Eu gostava de Tillia. Ela estava sendo gentil e respeitosa comigo desde que eu chegara a Turah. Se havia alguém nesse reino em quem eu queria confiar, era nela. Ela gostava do Guardião. Talvez até estivesse apaixonada por ele.

Ela não parecia o tipo de pessoa que amaria um homem mau.

Talvez fosse bobagem. Não nos conhecíamos. Mas Margot odiava meus desenhos porque eram reais. Eu desenhava o que via. E quando olhava para Tillia, via uma guerreira. Uma líder.

Uma mulher que era praticamente uma estranha, mas que eu admirava mesmo assim.

Mas o Guardião matara o irmão de Banner de forma cruel e brutal. Será que Tillia sabia disso?

Levei as mãos às têmporas, massageando círculos nervosos. Como desligar a mente? Como fazer os pensamentos pararem? Deuses, queria tanto descer dessa merda de cavalo.

Houve um barulho na frente do grupo, um grito ou uma comemoração. Não consegui distinguir de onde estava.

Tillia ficou tensa e alcançou a espada amarrada às costas.

— O que está acontecendo?

Minhas facas estavam embainhadas no coldre, as lâminas cruzadas às minhas costas. Desde aquela noite do ursur, eu não as tirava nem para dormir. O Guardião havia nos deixado de novo, e eu não estaria desarmada se enfrentássemos outro monstro.

Tillia levou a mão ao peito e soltou o ar.

— Graças a Arabella.

Por que ela estava agradecendo à Deusa do Amor?

A menos que...

O Guardião tivesse voltado.

Os cavaleiros à nossa frente abriram caminho para um homem que galopava pelo meio do grupo, em nossa direção.

Eu o reconhecia da sala do trono. Era um dos patrulheiros de Zavier, o homem de tranças pretas longas presas num coque que havia conferido o baú de moedas de ouro de meu pai. E seus olhos estavam fixos em Tillia.

Ela parou o cavalo, esperando ainda com a mão sobre o peito. O patrulheiro parou ao lado de Tillia, pegou seu rosto entre as mãos grandes e a puxou para um beijo na boca.

Meu cérebro explodiu.

Hum, quem era ele? E o Guardião? O que estava acontecendo?

O beijo era voraz, como se um estivesse faminto pelo outro. As bocas se moviam e as bochechas se encovavam conforme as línguas se cruzavam.

Como se tivessem feito aquilo umas cem vezes, ele a tirou do cavalo, sem separar suas bocas, e a puxou para o colo. Ela levou as mãos ao pescoço dele, as palmas pressionadas no pulso.

Eles se beijaram como se fossem as únicas pessoas no mundo. Como se o resto de nós não estivesse assistindo. Eu nunca tinha visto nada parecido. E nunca havia sentido um beijo como aquele. Devorador. Desesperado.

Quando se soltaram, Tillia riu, lágrimas escorrendo pelo rosto.

O rosto do patrulheiro se suavizou ao secá-las com os polegares.

Ele encostou a testa na dela, murmurando algo que não consegui ouvir.

Estavam concentrados demais um no outro para sentir nossos olhares.

— Vamos — chamei Brielle e Jocelyn, apontando para onde os outros seguiam em frente. — Vamos continuar.

Elas guiaram os cavalos à frente junto comigo, lançando um último olhar para Tillia e seu guerreiro.

Ele deu um beijo suave na boca dela. Era terno. Lindo. Ele a amava. Ela era seu universo. Ao lado dela, ele estava em casa.

Tillia se aninhou nele, os braços em sua cintura enquanto ele inspirava o cheiro dela.

Meu coração se apertou ao olhar para a frente. Nem em cem anos Banner teria me beijado daquele jeito. Nem em mil eu teria chorado se ficássemos separados.

Com Zavier não seria diferente, seria? Ele não me adoraria, não me veneraria. Eu havia trocado um noivado sem amor por um casamento sem amor.

Nunca tivera um homem que olhasse para mim daquela forma. E nunca teria.

Por que isso só estava me ocorrendo agora? Por que não havia me incomodado antes?

Talvez porque eu não tivera tempo de pensar sobre o assunto. De lamentar a falta de um romance. De paixão. De amor.

Era como uma pancada no peito. A inveja que eu sentia de Tillia. A tristeza que aquele beijo me causou.

— Alteza — Brielle chamou. — Está tudo bem?

Pressionei o canto do olho, contendo a lágrima que eu recusava a deixar cair.

— Está sim.

— Você não tem comido muito.

Dei de ombros.

— Estou sem fome.

— Precisa descansar.

— Todos precisamos. — Talvez conseguíssemos fazer isso ao chegar em Treow, onde quer que isso fosse. Olhei para trás, procurando Tillia. Ainda estava com seu guerreiro, e os que vinham atrás passavam por eles com acenos e sorrisos.

— Já se apaixonou, Brielle? — perguntei.

— Sim. — Uma tristeza encheu seus olhos. — Ele partiu meu coração, mas ainda o amo. Sempre vou amar.

Como assim? Fiquei boquiaberta. Quando isso havia acontecido? Recentemente? Eu não fazia ideia de que ela tivera o coração partido. Nunca havia perguntado.

— Sinto muito. Não sabia.

— Por que saberia? Você é uma princesa. Sou sua dama de companhia. Minha vida amorosa não é uma preocupação sua.

Mas seria se fôssemos amigas.

— Títulos e cargos não parecem tão importantes em Turah.

— Vossa alteza ainda é uma princesa. Onde quer que estejamos, é da família real. Eu não.

E se eu não quisesse ser da realeza? E se só quisesse a chance de ser beijada como Tillia havia sido?

Cavalgamos por um tempo até Tillia voltar ao meu lado. Um sorriso radiante iluminava seu rosto, e era impossível não sorrir de volta.

— Aquele é meu marido — ela falou. — Halston. Ele estava viajando com Zavier. O Guardião me contou na outra noite que ele estava saindo de Perris para se juntar a nós, mas sempre me preocupo quando estamos separados.

Seu marido. Halston.

O Guardião estava lhe contando sobre seu marido. Era por isso que estavam tão próximos. E não por estarem juntos.

O alívio foi instantâneo. O ar escapou de meus pulmões. E, com

ele, veio uma culpa tão tóxica e perigosa que mais parecia veneno de fenek.

Eu não deveria estar aliviada. Não deveria me importar.

O marido de Tillia atravessou o grupo a galope, passando pelos cavaleiros às margens. Ergueu a mão para ela, que mandou um beijo.

À frente, Halston definiu um novo ritmo para o grupo, a marcha lenta virando um trote acelerado que sacudia os ossos.

As árvores pareciam estar ficando ainda mais altas. Largas. Fortes.

— Já viu árvores tão altas? — perguntei a Brielle.

— Não, alteza.

— Pode me chamar de Odessa.

— Eu... — Ela balançou a cabeça. — Vou tentar. Mas vai ser um hábito difícil de quebrar.

E, ao que parecia, ela não se esforçaria tanto assim. Manteria nossos papéis como estavam. Talvez fosse a escolha mais inteligente.

Futuramente, ela partiria. E eu teria outra coisa para me lamentar.

— Escute — Tillia falou. — Está ouvindo?

Demorei um momento, prestando atenção, mas então ouvi o som atravessando as árvores.

Um assobio. Quase como o de um pássaro, mas não exatamente.

— Vamos. — Ela fez o cavalo trotar. — Estamos perto.

Resmunguei só de pensar em acompanhar, mas impulsionei Freya para seguir Tillia, na esperança de que, quando chegássemos a Treow, houvesse um lugar plano onde eu pudesse me deitar.

Desviamos dos cavaleiros, abrindo caminho até a frente do grupo, onde Halston cavalgava ao lado de mais dois patrulheiros de Zavier.

Meu marido? Nem sinal.

Deveria me preocupar? Se algo tivesse acontecido com o príncipe herdeiro, alguém já teria me contado, não?

— Até parece. — Bufei. Por acaso eu costumava ser informada das coisas? Eu seria a última a saber de seu destino.

— O quê? — Jocelyn perguntou.

— Nada. — Balancei a cabeça. — Só lembrando de minha completa e absoluta insignificância.

Ela me olhou de esguelha.

— Brincadeira — murmurei. Mas nem tanto.

Halston estendeu a mão para tocar a de Tillia quando passamos, e os patrulheiros nos deixaram assumir a dianteira ao entrarmos numa clareira. Um oval perfeito na floresta, cercado por uma cerca simples de madeira. Algum tipo de curral ou cercado. Numa das extremidades havia um edifício de madeira que parecia ser um estábulo. E então veio outro assobio.

Vasculhei o cercado, tentando encontrar a origem do som, mas não havia ninguém por perto.

— Lá. — Tillia foi apontando mais e mais para cima.

Para uma torre de vigia na árvore.

— Bem-vinda a Treow. — Ela parou no meio da clareira e desmontou.

Eu a acompanhei, praticamente saltando de Freya e caindo com força sobre os calcanhares. Minhas pernas ainda estavam em agonia. Minhas costas, uma desgraça. Fiz uma careta enquanto alongava os braços tensos.

— Você vai ter a chance de descansar agora, Odessa. — Tillia pegou as rédeas de Freya e as entregou para um menino que saiu do meio das árvores.

Outros vieram atrás dele, todos sorrindo enquanto corriam para encontrar nosso grupo. Eles vestiam túnicas e calças iguais às que eu usava havia dias, embora as roupas deles estivessem bem menos amarrotadas.

— Venha — Tillia falou.

— E Brielle e Jocelyn? — As duas tinham ficado um pouco para trás e haviam acabado de chegar à clareira.

— Serão bem cuidadas. Não se preocupe. Não ficarão longe. A menos que precise da assistência delas.

— Não preciso.

Não havia nada que eu não pudesse fazer sozinha. E com isso veio mais uma onda de culpa.

Eu não havia precisado de nenhuma delas desde que saíra de Quentis. Elas não precisavam estar ali comigo. Quanto antes as mandasse de volta para casa com informações para meu pai, melhor.

Tillia mostrou o caminho pela clareira até a linha das árvores. Saímos do sol para a sombra dos galhos e dos ramos.

Para um lugar diferente de tudo que eu já havia visto. Era como entrar em outro mundo.

Quando eu havia perguntado se Treow era uma cidade, ela respondera “Sim e não”.

Agora entendia.

Treow não era uma cidade com ruas, estradas, lojas ou praças. Era uma cidade construída dentro de uma floresta.

Casas se erguiam no alto, instaladas em sempre-vivas imensas. Algumas eram interligadas por pontes de corda. Outras eram isoladas, ligadas ao chão por escadas.

Quatro meninas passaram correndo por uma passarela suspensa de madeira e se debruçaram no corrimão para rir e nos olhar. Duas eram gêmeas, todas com a pele oliva e o cabelo preto sedoso.

Tillia levou dois dedos aos lábios e assobiou para elas. O som era forte e alto, o mesmo que eu tinha ouvido antes de chegarmos a Treow.

As meninas levaram os próprios dedos à boca, tentando assobiar em resposta. Saiu mais como engasgos e cuspes, o que as fez rir

ainda mais.

— Temos vigias no perímetro — ela explicou. — Assobiamos para que ninguém seja atingido por uma flecha no coração.

— Ah. — Acenei. — Não sei assobiar.

— Não precisa.

Porque não vou ficar? Ou porque não vou sair do perímetro?

Perguntas para Zavier, se um dia meu marido parasse de me evitar.

Até lá, eu tentaria aprender a assobiar, por via das dúvidas.

— Por que as casas são nas árvores? — perguntei a Tillia.

— É mais seguro assim. Estamos em território de tarkins agora. De vez em quando matilhas de barilobos se aventuram por aqui. Os ursures costumam preferir a costa e as planícies, mas são imprevisíveis. Alguns já foram vistos por estas bandas. A maioria dos vilarejos em Turah teve que encontrar maneiras de se proteger contra monstros. Esta... — ela apontou para as construções acima de nós — ... é a nossa.

— Você mora aqui?

— Não permanentemente, mas passamos boa parte do ano em Treow. — Ela se virou, andando para trás, e apontou para uma casa no alto. — É lá que eu e Halston ficamos.

Dali debaixo eu não conseguia diferenciar uma casa na árvore da outra. Eram apenas... pisos.

— Aquela com telhado de palha e escada de corda — ela explicou.

Era uma pegadinha?

— Todas têm escadas de corda.

— Mas a nossa é a mais nova. — Ela riu e se virou para a frente, continuando a caminhar.

Aonde estávamos indo? Olhei para trás, torcendo para ver a clareira além dos troncos, que já tinha desaparecido.

— A maioria das pessoas passa os dias aqui embaixo — ela

continuou. — Cozinhando. Cavalgando. Treinando. Comemos na área comum. Vou lhe mostrar tudo amanhã, depois que tiver dormido um pouco.

— Como os cavalos são mantidos em segurança? O meu... — Me segurei antes de terminar a pergunta.

Freya não era meu cavalo. Não de verdade. Eu lhe dera um nome por tédio, não porque era minha. Mas, depois desses dias difíceis juntas, eu não queria que ela morresse.

— Os cavalos são levados para o estábulo toda noite. O seu também está seguro aqui.

— Obrigada.

— Não tem de quê. — Ela abaixou a cabeça e parou diante de uma escada de corda.

Ergui os olhos para encontrar outra casa na árvore. Talvez porque estivesse bem embaixo dela, ela não parecia tão longe do chão quanto as outras. E parecia duas vezes maior.

Também não tinha passarelas nem pontes. Era uma casa à parte. Isolada. Reservada.

Seria essa a casa na árvore de Zavier? Será que ele me encontraria para finalmente...

Engoli em seco.

Mais cedo ou mais tarde, precisaríamos ter uma noite de sexo constrangedor. Só torcia muito, *muito*, para que não fosse hoje.

— Depois de você. — Tillia me fez sinal para subir. — Seus baús estão esperando. As carroças vieram na frente para que tudo estivesse pronto quando você chegasse. Também deixaram uma refeição. Por favor, coma.

— Obrigada.

— Precisa de ajuda?

Para subir a escada? Bom, eu nunca havia subido uma escada de mão antes, nem de madeira nem de metal, muito menos de corda.

— Hum, não?

Se caísse morta, pelo menos escaparia do sexo constrangedor.

Inspirei fundo para criar coragem e comecei a subir os degraus, movendo-me tão rápido quanto uma tartaruga-marinha na areia. Suor escorria por minhas costas e se acumulava em minhas têmporas quando finalmente cheguei à plataforma. Devia haver uma forma mais elegante de entrar na varanda da casa na árvore, mas me joguei de barriga como um peixe morto, rolando e virando até finalmente conseguir me apoiar nos joelhos e me levantar.

Inclinei-me sobre o corrimão e dei um joinha para Tillia.

— Consegui.

Ela parecia estar tentando segurar o riso. Acenou e saiu correndo na direção da própria casa, provavelmente para encontrar o marido e levá-lo para o quarto.

Mulher de sorte.

Explorei a plataforma larga que cercava a estrutura, tocando o corrimão da varanda ao dar a volta. As tábuas de madeira sob meus pés eram limpas e secas, as agulhas de pinheiro estavam varridas. Ao contornar a construção, encontrei outra casa na árvore escondida atrás da minha. As duas ficavam a apenas três metros de distância. Próximas o suficiente para ser possível lançar uma pinha de uma porta à outra.

Talvez fosse o alojamento de um guarda? Perto o bastante para que ele saltasse e me ajudasse em caso de emergência?

Eu não estava a fim de cumprimentar um vizinho, então criei coragem e abri a porta. Se essa era a casa na árvore de Zavier, eu não poderia evitar para sempre.

O interior era um cômodo único com uma cama no centro. O colchão estava coberto por lençóis cor de aveia e travesseiros macios.

— Agora sim — murmurei, sentindo os ombros relaxarem. Se um sexo constrangedor possibilitasse dormir nessa cama, por mim tudo bem.

Havia cortinas bege delicadas, provavelmente para dar certa privacidade à cama. Ou proteger de insetos.

Em um lado do quarto havia uma mesa com uma única cadeira de madeira. No outro, um guarda-roupa de madeira esculpida. Meus baús estavam encostados num biombo da altura do teto.

Espiei atrás do biombo e o gemido que escapou de meu peito fez a casa na árvore vibrar.

Um banheiro completo com pia e banheira de cobre.

A banheira estava cheia de água quente, fumegante.

Levei a mão à barra da túnica, prestes a me despir, quando ouvi o som de passos do lado de fora.

Senti um frio na barriga. *Droga*.

Ajeitei a túnica e me certifiquei de que cada centímetro da barriga estivesse coberto. Fui até o centro do quarto, achando que Zavier entraria pela porta.

Como eu era boba por criar expectativas. Quando aprenderia a não presumir nada?

Claro que não foi meu marido quem entrou.

Foi o Guardião.

Ele estava com a barba aparada rente ao maxilar e o cabelo úmido, como se tivesse acabado de tomar banho. A gola de sua túnica mostrava um triângulo de pele lisa e firme acima do peito. A calça marcava as coxas fortes e descia até as botas gastas. Os olhos estavam naquele verde-esmeralda vívido.

Ele era o homem mais bonito que eu já tinha visto.

Desviei o olhar.

— Você.

— Eu.

— Pensei que fosse Zavier.

Ele estalou a língua.

— Desculpa decepcionar, minha rainha. Ele foi... retido.

— Em Perris?

— Tão curiosa. — Ele entrou com passos lentos e calculados e foi até a mesa.

O prato sobre ela estava coberto por um pano. Ele o tirou, revelando carne assada, legumes e um pão escuro e firme.

Meu estômago roncou, sentindo fome pela primeira vez em dias.

— Por que está aqui?

— Nunca conheci uma mulher que fizesse tantas perguntas.

— E recebesse tão poucas respostas em troca.

Sua risada grave encheu o quarto.

— Que tal se eu fizer as perguntas desta vez?

— Se eu aceitar, você vai embora? — Queria entrar naquela banheira antes que a água esfriasse.

Ele voltou a cobrir meu jantar, virando-se para se apoiar na parede enquanto cruzava os braços.

— Onde é sua casa?

— Por que está perguntando se já sabe a resposta?

— Responda mesmo assim.

— Ros. Lo. — Articulei as duas sílabas com frustração. — Feliz?

— Muito. Foi tão difícil assim, Pardal?

— Isso tem algum propósito?

— Claro. Agora sei como é ouvir uma verdade sair de sua boca.

— Por que acha que eu estava mentindo para vocês esse tempo todo? — Revirei os olhos. — Já ficou claro que nunca vai confiar em mim. Não importa o que eu diga. Podemos terminar logo isso? Estou com fome.

O canto de sua boca se ergueu.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e três. Quantos anos *você* tem?

Ele parecia estar na casa dos vinte, como eu. Embora talvez fosse como os vosters e vivesse muito. Talvez tivesse uns cem anos e só parecesse um homem na flor da idade.

— Tsc, tsc — ele desaprovou. — Lá vem você de novo com suas

perguntas. Não consegue evitar, não é?

— Não, acho que não.

— Seus olhos. Você não tem a mancha.

Ele também não tinha. Será que isso nos tornava parecidos de alguma forma? Será que ele temia que eu escondesse dons como os dele? Força ou velocidade? Nossas sessões de treinamento deviam ter dissipado esses medos. Meus olhos podiam ser diferentes, mas eu não tinha nada de especial.

— Não foi uma pergunta. Mais alguma coisa?

— Você é virgem?

Ele se importava de verdade? Não.

Estava querendo provocar uma reação? Sim.

Estava funcionando? Infelizmente.

Minhas bochechas arderam. Meus punhos se fecharam ao lado do corpo.

— Próxima pergunta.

— Está gostando de seu tempo em Turah?

— Não muito.

— Gosta do cavalo que estava montando?

— Sim.

— Sua bunda está doendo agora?

— Muito — respondi entre dentes.

Ele se afastou da parede e se aproximou, a ponta das botas quase tocando as minhas. Eu conseguia sentir o calor de seu peito. O cheiro de sua pele e do sabonete.

— Seu pai a mandou aqui para espionar?

— Não.

Foi a melhor mentira que já contei. Até *eu* acreditaria em mim.

— Você é uma péssima mentirosa, Cross. — Ele tocou num cacho em minha têmpora que havia escapado da trança.

Dei um tapa em sua mão.

— Quanto tempo vou ficar aqui?

Ele deu de ombros.

— Não sei.

— Quando vou viajar com Zavier para Allesaria?

— Ansiosa para ver nosso lindo castelo, minha rainha?

Minha respiração ficou acelerada.

— Ansiosa para ficar longe de você.

— Está presumindo que não moro em Allesaria.

— Mora? — Eu não conseguia imaginá-lo numa cidade. O Guardião parecia mais à vontade na natureza. Uma fera contente em vagar livremente.

Um monstro em sua essência.

— Você vai para Allesaria quando Zavier puder confiar em você.

— E se ele for como você e nunca confiar em mim? Vou morar nesta casa na árvore pelo resto da vida?

Isso o fez sorrir. Um sorriso ameaçador, cruel e lindo.

— Vá embora — resmunguei, virando-me para a parede.

Sua risada permaneceu, mesmo depois de ele ter saído pela porta.

Esperei um instante e fui até lá para trancá-lo para fora.

Mas não havia tranca.

Pensei que o veria descer pela escada de corda. Em vez disso, ele a desenganchou dos suportes e a jogou no chão.

— Ei, o que está...

Ele saltou pelo parapeito e caiu lá embaixo.

Corri até a beirada, espiando o chão da floresta. Torcendo para encontrar seu corpo estatelado. Claro, essa casa não parecia tão alta quanto as outras, mas ainda ficava a uns seis metros do chão.

O Guardião, completamente ileso, enfiou as mãos nos bolsos e saiu andando.

Nem um pouco preocupado por ter me deixado presa.

— Babaca — falei, torcendo para que ele conseguisse me ouvir.

Ele continuou andando, mas começou a assobiar uma

musiquinha alegre.

— Grr. — Bati as palmas no corrimão, olhando com raiva para as suas costas até ele desaparecer.

Essa casa podia não ser tão alta quanto as outras, mas com certeza era distante demais do chão para eu pular. Eu me quebraria toda.

E agora estava presa.

Na porra de uma casa na árvore.

20

Minha escada de corda estava de volta.

Eu tinha saído alguns minutos antes para chamar alguém que pudesse me ajudar a descer daquela árvore, pensando que encontraria a escada ainda caída no chão. Mas durante a noite ou de manhã alguém a recolocara na varanda.

Na noite anterior, depois do banho e do jantar, deitei na cama e desmaiei. Acordei com o canto de passarinhos. Se não fosse pela fome, provavelmente ainda estaria dormindo. Estranho como eu me sentia ainda mais cansada hoje. Com a cabeça turva. O corpo, lento.

Sairia apenas para procurar café da manhã e depois voltaria para ficar na cama por uma semana.

Testei com um pé o degrau no alto da escada para ter certeza de que estava firme e desci tão desajeitadamente quanto havia subido no dia anterior.

Como prenderam a escada? Alguém se pendurou na árvore? Usaram varas e ganchos para encaixar as cordas no lugar?

Tomei uma nota mental para perguntar a Tillia sobre isso enquanto pulava do último degrau para o chão, limpando as mãos na calça cinza-chumbo limpa que eu vestia junto com minha túnica nova. Ela era de um azul claríssimo, bordada com estrelas

brancas e azul-marinho.

Eu encontrara roupas novas no guarda-roupa. Havia outro par de botas também. Quem quer que Zavier tivesse encarregado de me manter vestida com peças turanas estava fazendo um bom serviço.

Meus vestidos cinza sem graça ainda estavam nos baús. Ao abri-los na noite anterior também encontrei minha coroa.

Zavier não a jogara na Krisenth. Ele a devolvera. Duvidava que voltaria a usá-la algum dia, mas era uma lembrança de casa.

O corte na palma da mão estava sarando, uma cicatriz começando a se formar, mas o enfaixei com um curativo novo. Meu cabelo estava lavado, penteado e recém-tingido. Meus braços estavam cansados demais para fazer uma trança, então deixei os cachos soltos e desgrenhados. Ao meio-dia estariam com o dobro do tamanho, mas, se tivesse sorte, até lá eles estariam afundados nos travesseiros de novo.

Ao contrário do cadáver imundo que eu era na noite anterior, nessa manhã eu até parecia humana. Talvez me sentisse assim também depois de comer.

— Odessa. — Tillia surgiu entre as árvores, um sorriso em seu lindo rosto.

Acenei.

— Bom dia.

— Tarde.

Ah.

— Isso explica por que estou com tanta fome.

Ela riu.

— Todos merecíamos um pouco mais de descanso. Venha, vou lhe mostrar o lugar e pegamos algo para você comer.

Ela me guiou por um caminho diferente do que o do dia anterior. Serpenteamos por entre as árvores, sob mais casas, até o lugar onde presumi ser o coração de Treow. Havia quatro construções robustas de toras dispostas ao redor de uma praça

aberta cheia de mesas e cadeiras.

— Aqui é a área comum. — Ela apontou para o mais alto deles. — Aquele é o refeitório, onde toda a comida é preparada e servida.

— Precisamos pagar? — Pensei nos comerciantes que vendiam potes de arroz e legumes assados e peixe no cais.

— Treow é mais um acampamento do que um vilarejo. A maioria das pessoas aqui está apenas de passagem, como soldados e suas famílias viajando entre fortalezas. Alguns ficam mais do que outros, como eu e Halston. Por isso o rei fornece nossas refeições e todo o resto.

— Ah. — Semelhante aos postos militares de Quentis.

Meu pai oferecia abrigo e alimentação a seus soldados em troca de seus serviços.

— Esse edifício mais perto é o mercantil — ela falou. — Ele fica abastecido com uma quantidade limitada de artigos essenciais, mas, se precisar de algo, é só pedir ao atendente. Ashmore é a cidade mais próxima. Passamos por lá no caminho até aqui. Eles recebem carregamentos uma ou duas vezes por semana. Se os mercadores de lá não tiverem o que você precisa, podem pedir que venha de Perris ou Ellder.

— Não de Allesaria?

Seu sorriso diminuiu ao negar com a cabeça.

— Não.

Apenas... não.

Ok. Por que o clima mudava toda vez que eu mencionava Allesaria?

— Em frente ao mercantil fica a lavanderia — ela continuou. — Há materiais de limpeza lá, mas suas damas de companhia vão cuidar da sua casa na árvore diariamente. É só deixar separado o que precisar que seja lavado.

— Tá bom. — Apontei para a última das construções. — E aquela?

— A enfermaria e a biblioteca.

Uma biblioteca. Esse estranho posto militar tinha uma biblioteca?

— Gosto de bibliotecas.

Ainda mais quando contavam com livros de história e mapas. Não que eu achasse que encontraria um mapa, mas não custava tentar. Talvez houvesse alguma informação para juntar e anotar no caderno.

Tillia pegou meu cotovelo para me guiar ao refeitório.

— Primeiro comida. Depois livros.

O interior do refeitório era limpo e arrumado. Cheirava a sálvia, alho e ervas. Tillia me acompanhou na fila para pegar meu prato de feijão, abóbora e carne. Depois se sentou comigo em uma mesa comprida e vazia enquanto eu enfiava comida na boca, sem me preocupar nem um pouco em comer como uma princesa.

Margot teria um ataque.

Sorri comigo mesma e limpei a boca com o dorso da mão embora tivesse um guardanapo em meu colo.

Quando acabei de comer e os pratos foram levados para a cozinha, saímos do refeitório.

— Tillia. — A voz de Halston se projetou pela área comum ao se aproximar da esposa.

— Um momento. — Ela me abriu um sorriso leve e foi ao encontro dele.

Havia um grupo de crianças no pátio entre os edifícios. Uma corria atrás da outra pela grama.

— Te peguei! — Um menino com uma cabeleira negra riu ao tocar num dos amigos e saiu correndo na direção oposta.

Todos sorriam enquanto corriam em círculos desajeitados, brincando e rindo. Todos menos uma menina que estava afastada dos outros.

Ela estava encostada no canto atrás do mercantil, observando-me

com a cabeça pendendo para o lado, as sobrancelhas unidas.

Seu cabelo castanho era sedoso e caía em ondas soltas e delicadas atrás dos ombros. Sua pele era pálida como a luz das estrelas. E seus olhos grandes eram cinzentos com uma mancha azul-celeste, da cor do oceano que eu via da janela do meu quarto.

A mancha daqueles nascidos em Ozarth.

Ela era a criança mais fofa que eu já tinha visto na vida. Mais fofa até do que Arthy.

Como estaria meu irmão? Eu já começava a me esquecer do som de sua risada.

Todas as crianças pareceram perceber ao mesmo tempo que eu estava perto. Os risos pararam. Os sorrisos sumiram. Um menino chegou a me olhar com desprezo. E eles saíram correndo, como se eu tivesse estragado seu lugar favorito para brincar.

Nossa. Então tá bom, melhor não esperar uma recepção calorosa das crianças.

— Desculpa. — Tillia voltou, parando na minha frente e bloqueando a visão da menina. — Pronta para ver a biblioteca?

— Sim.

Quando ela se moveu, a menina havia desaparecido. Estava ali em um momento. Depois não estava mais. Tão rápido que os pelos da minha nuca se arrepiaram.

A sensação de estar sendo observada permanecia, mas ela havia sumido.

Estranho. Ignorei, prestes a seguir Tillia para a biblioteca, quando ouvimos o som de cascos fora da área comum.

Tillia parou, prestando atenção.

— Deve ser um mensageiro de pônei.

— Hum, o que é isso?

Ela pegou minha mão, puxando-me na direção oposta.

— Você vai ver.

Fomos para o outro lado, apertando o passo até chegarmos à

cerca. Os cavalos pastavam lá dentro. Avistei minha Freya, mastigando grama e parecendo satisfeita por não estar cruzando Turah.

— Havia mais cavalos ontem — observei.

— A maior parte da caravana partiu para Ellder hoje cedo.

Ok. A mudança de planos tinha sido por minha causa. Para me prender naquela gaiola na árvore.

Um adolescente magricela saiu do estábulo, e o cavaleiro solitário parou ao lado da construção. O animal estava esbaforido, a pelagem coberta de suor. O cavaleiro desceu da sela, igualmente ofegante, como se tivessem atravessado as planícies a galope.

O menino lhe entregou um copo d'água, e o cavaleiro tomou goles sedentos, gotas escorrendo pelos cantos do queixo. Seu rosto bronzeado estava coberto de suor e poeira. Seus olhos castanhos estavam protegidos por um chapéu de aba larga. Era do mesmo estilo que a maioria dos camponeses usava em Quentis. Grande o bastante para proteger de sol e chuva.

O homem tirou o chapéu, o cabelo loiro e sujo marcado pela peça, e enxugou a testa com o braço. Depois colocou o chapéu de volta antes de abrir o alforje e tirar uma pilha de envelopes.

— Fez boa viagem? — Tillia perguntou quando nos aproximamos.

Ele tocou a aba do chapéu e concordou.

— Foi rápido. Mas sem problemas.

— Fico feliz em saber. — Ela pegou as cartas. — Vai ficar para descansar?

— Preciso seguir viagem.

O menino que havia trazido a água assentiu.

— Vou buscar um pônei descansado e uma comida rápida.

— Obrigado. — O cavaleiro sorriu e começou a desatar a sela.

Tillia se despediu e virou as costas.

— Só isso? — perguntei.

Ela deu de ombros e ergueu o maço de cartas.

— Os mensageiros de pônei não ficam muito. Depois que entregam a correspondência, seguem para a próxima cidade, e depois a próxima. Vão o mais longe e o mais rápido que conseguem durante o dia.

Então essa rede de mensageiros basicamente controlava as comunicações por todo o reino.

Quentis era tão pequeno que não precisava dessas funções. As correspondências eram transportadas por carroças que percorriam rotas regulares pelo reino, fazendo de uma a duas entregas por dia. Se eu escrevesse uma carta para uma amiga em Kolmberg, a cidade no extremo oposto de Quentis em relação a Roslo, ela a receberia em até dois dias.

Pelo menos era o que eu imaginava. Eu não tinha nenhuma amiga em Kolmberg para escrever.

— Quantos mensageiros existem?

— Em Turah? Centenas. É um trabalho árduo, mas paga bem. Normalmente são homens jovens que querem garantir seu sustento antes de se estabelecer. Mas é perigoso. Passam um tempo considerável sozinhos no meio do nada. Leva tempo para cruzar o país. Essas cartas devem ter sido escritas semanas atrás.

— E entregam correspondências para o país todo dessa forma?

— Sim — Tillia respondeu. — Para cada cidade. Cada vilarejo. Cada aldeia. Até para acampamentos como Treow.

Concordei num murmúrio, uma faísca de esperança se acendendo no meu peito.

Seria possível tirar informações sobre Allesaria de um mensageiro de pônei? Eles deviam saber todas as entradas e saídas da cidade para entregar as correspondências.

Mas, quando o pensamento passou por minha cabeça, virei para ver o mensageiro, que passava a sela de um cavalo a outro. Se não ficavam mais do que alguns minutos, não seria fácil abordar um

para conseguir informações. Ganhar sua confiança.

Eu precisaria ficar atenta ao próximo mensageiro de pônei. Até lá...

— Para a biblioteca? — perguntei a Tillia.

— Vamos.

Contornamos o refeitório, prestes a atravessar rumo à biblioteca, mas uma sombra grande e irritante pairou sobre meu ombro.

Me recusei a mudar o caminho. Continuei andando, os olhos voltados para a frente.

— Tillia. — O Guardião andava tão perto que eu conseguia sentir um leve traço do seu cheiro. Vento, couro, terra e um toque masculino.

Ele tinha deixado esse cheiro em minha casa na árvore na noite anterior. Eu me recusava a pensar como tinha se misturado perfeitamente com os perfumes da água do meu banho.

— Pode cuidar da correspondência — ele falou. — Eu e Cross temos assuntos a tratar.

— Que assuntos? — Minha curiosidade maldita venceu, e me virei para encarar seu perfil.

Seu sorrisinho estava lá, esperando.

— Treinamento. Ideia sua, lembra?

— Você não me deixa esquecer — murmurei.

Quero uma espada.

Nunca na vida me arrependeria tanto de uma frase.

— Você pode desistir — ele falou.

— Não vou desistir.

— Bom para você — Tillia aprovou.

Ela deu um aceno breve para o Guardião e saiu com os envelopes enquanto eu o seguia para longe da área comum. Seus passos eram tão largos que eu precisava dar uma corridinha de vez em quando para acompanhar.

— Dá para ir mais devagar?

Ele me ignorou.

— Babaca.

Ele andou mais rápido.

Quando chegamos à área de treinamento, eu estava sem ar.

— Seu condicionamento é uma merda — ele declarou.

Meu condicionamento não era uma merda. Nadar sempre tinha me mantido em forma. Mas depois de viajar por um continente, comendo pouco e dormindo mal...

Hoje meu condicionamento estava sim uma merda.

— Obrigada. — Fiz uma reverência debochada. — É muita gentileza.

— Sempre com esse sarcasmo. Vamos ver se continua tão desaforada depois de algumas horas de treino.

Senti um frio na barriga.

Horas? Eu morreria na metade da sessão se ela fosse parecida com a anterior.

Como tudo em Treow, a área de treinamento ficava embaixo das árvores. Os troncos serviam de fronteiras para as várias estações. Duas mulheres atiravam com bestas em diferentes alvos. Alguns homens praticavam com espadas. Um adolescente com tranças como as de Halston segurava um arco. A flecha estava cravada num fardo de feno.

O Guardião andou até a base de uma árvore onde minhas facas estavam esperando.

— Você podia ter me pedido para buscar. Em vez de invadir meu espaço pessoal — reclamei.

— E você deveria arrumar a própria cama de manhã. E não deixar para suas damas de companhia. Em Treow elas terão que fazer mais do que apenas lhe servir, *alteza*.

Ele me fazia parecer uma princesa mimada. Talvez eu fosse. Não tinha arrumado a cama porque pretendia voltar para ela. Mas também nunca arrumava. Por Brielle e Jocelyn mudaria esse

hábito.

— Tá. — Peguei as facas. — Quer me falar mais alguma coisa antes de começarmos?

— Tente não cair de bunda.

Tentei. Fiz tudo que era possível.

E falhei miseravelmente.

Ele me dava uma rasteira, eu caía. Ele me empurrava, eu caía. Ele me olhava torto, eu caía.

Uma noite de descanso não tinha sido suficiente. Eu ainda estava cansada demais, com movimentos lentos demais e, por quase três horas, o Guardião não me deu trégua.

Outras pessoas chegavam e iam embora da área de treinamento, mas ele continuava forçando. E eu continuava caindo.

Meus pulmões estavam ardendo. Meus braços e minhas pernas também. Minha boca estava com gosto de sangue, e era um milagre eu não ter vomitado o almoço.

— Desiste? — ele perguntou.

— Já se passaram três horas?

— Ainda não.

Merda.

— Então não. Não desisto.

Ele me atacou com uma série de golpes. Consegui usar minhas facas para desviar sua espada, mas, ao recuar, tropecei e caí com o quadril no chão.

Me apoiei nos braços, puxando os joelhos e me forçando a respirar fundo algumas vezes.

— Ai.

Ele soltou um suspiro exagerado.

— Respire um pouco, Cross. Você está lenta e desleixada.

— Ah, obrigada. — Fingi um sorriso.

Ele foi até uma árvore e pegou dois copos de água que eu ainda não tinha notado. Alguém devia tê-los trazido durante o

treinamento.

Assim que ele me entregou o copo, tomei tudo de um gole só.

Ele ergueu a sobrancelha, o próprio copo na boca.

— O quê?

— Nada. — Ele deu um gole. Um gole normal e educado de quem não estava morrendo de sede.

Que tipo de treinamento um homem como o Guardião fazia todos os dias? O que forçava os limites de seu condicionamento? Matar monstros? Assassinar forasteiros?

— É esse o treinamento que todos os seus patrulheiros fazem? — perguntei, na esperança de que as perguntas me rendessem uma pausa maior.

— Não apenas patrulheiros. A maioria dos turanos sabe usar uma arma. Os lenhadores normalmente treinam com machados. Outros, com espadas e facas. As crianças aprendem o básico com os pais ou no primeiro ano de ensino.

— Ah. — Não era tão diferente em Quentis. Todas as pessoas no campo aprendiam a lutar caso algum monstro errante invadisse sua propriedade. Mas eu desconfiava que o treinamento em Turah era duas vezes mais rigoroso e extenuante. — Você aprendeu quando era criança?

— Sim.

— Aposto que era um menino estoico e sério, não? Que estava sempre garantindo que todos cumprissem as regras. Sempre trazia uma faca extra caso alguém esquecesse a sua. O preferido dos tutores. — Como Mae.

O Guardião bufou.

— Longe disso.

— Então como você era? — Prendi a respiração, torcendo para que ele respondesse só mais essa pergunta. Agora que eu tinha imaginado um menino de cabelos escuros, eu queria saber se a imagem que criara estava certa.

— Era um terror. Minha mãe rezava a Ama todos os dias para eu não quebrar o pescoço. Nunca andava se podia correr. Nunca pegava a escada se podia pular pela janela. Fugia das aulas para andar a cavalo. E não dava a mínima para as regras.

A imagem mental que eu tinha dele criança foi mudando e se transformando. Não era a versão que eu esperava a princípio, mas também se encaixava. Um garoto desenfreado e destemido com rasgos nos joelhos da calça e um sorriso despreocupado.

O que o transformou no homem diante de mim? O que ou quem o transformou no Guardião?

Seus olhos se fixaram nos meus enquanto ele dava outro gole. Estavam cor de avelã hoje, um misto de musgo e caramelo e chocolate. E notei pontos de verde-esmeralda. Riscos de prata derretida.

Era assim que funcionava a mudança de cores? Não mudavam completamente — já estavam lá, uma abrindo espaço entre as outras dependendo do humor dele.

Minha atenção desviou para sua braçadeira. Havia entalhes no couro de ursur. Símbolos e desenhos. Riscos e espirais. Teriam algum significado?

Tillia também usava braçadeiras, mas eu não havia notado nenhum entalhe.

— O que esses desenhos significam? — perguntei, apontando.

Ele girou o antebraço enquanto os observava.

— São as vidas que tirei. Para eu nunca esquecer.

Que era um monstro? Um assassino? Qual marca representava o irmão de Banner?

— Todo guerreiro em Turah faz isso?

— Alguns — ele respondeu, jogando fora a água que restara no copo.

— Que outras tradições vocês têm? — perguntei, na esperança de prolongar a pausa. Não estava pronta para voltar.

— Já chega de enrolação, Cross. — Um leve sorriso contraiu sua boca. — Você vai aprender sobre nossas tradições. Com o tempo. Vai ver que são simples, minha rainha. Mas nossa lealdade ao país, ao nosso povo, é profunda.

Sua voz era suave. Grave e intensa. Mas não havia como ignorar a ameaça.

Se... *quando* eu traísse seu povo, sua espada cortaria minha garganta mentirosa.

Talvez eu nem o culpasse por isso.

21

Eu odiava Treow.

O treinamento do dia anterior tinha sido brincadeira de criança comparada com a tortura que eu enfrentava desde o amanhecer.

Eu morreria. Era isso. Era o fim da minha vida. Morreria embaixo dessas árvores, e os turanos deixariam meus restos para os corvos devorarem.

Curvada, com as mãos nos joelhos, puxei o ar, desesperada para encher os pulmões. O desgraçado tirou meu fôlego pela segunda vez desde que me acordara.

Para ser justa, a primeira vez não tinha sido exatamente culpa dele. Escorreguei num degrau da escada de corda e despenquei por um metro e meio até o chão da floresta, caindo de costas. O filho da puta poderia ter me segurado, mas em vez disso ficou só olhando.

Mas a segunda vez? Foi sim culpa dele.

Ele me deu uma cotovelada no estômago.

Ou talvez eu tivesse caído em cima de seu cotovelo quando tropecei? Não fazia diferença. Era o cotovelo dele e, portanto, culpa dele.

Eu odiava esse homem.

Odiava por ter voltado a roubar minha escada de corda na noite

anterior, prendendo-me na minha casa na árvore. Odiava por ter batido um travesseiro na minha cara essa manhã. Odiava-o por ter cotovelos pontudos.

Odiava.

Ponto-final.

Ele morreria se caísse da varanda da minha casa na árvore? Ele tinha sobrevivido ao pulo, óbvio. Mas e se caísse de costas? Quebraria a coluna? Torceria o pescoço? Se eu o empurrasse por cima do corrimão na próxima vez que invadisse minha privacidade, ele morreria?

Não custava sonhar.

Com os olhos fechados, inspirei fundo pelo nariz e soltei o ar pela boca lentamente. Repeti isso várias e várias vezes, até ter certeza de que sobreviveria. Depois me levantei, pensando que daria de cara com seu sorrisinho arrogante.

Mas a área de treinamento estava vazia.

Ele não estava mais lá.

— Ei? — Girei num círculo devagar.

Vazio. Nada.

Para onde ele tinha ido? Isso era um truque? Estava preparando um ataque-surpresa para me dar uma lição?

Ele nem havia trazido a espada nessa manhã. Lutara comigo sem arma nenhuma — apenas os cotovelos — enquanto eu atacava e golpeava com as facas.

— Ei! — gritei.

Silêncio. Resmunguei e olhei para o céu, a escuridão dando lugar ao sol devagar.

Éramos os únicos na área de treinamento. Os outros guerreiros ainda deviam estar na cama.

— Guardião — chamei. Eu odiava chamá-lo de *Guardião*. Não devia ser esse o nome dele. Ninguém batizava o filho de Guardião.

A menos que ele não tivesse pais. A menos que tivesse nascido

do tom de Izzac.

Cada um dos Seis vivia num tom, um plano inferior que servia como sua morada. Um lugar para as almas perdurarem por toda a eternidade. Os mais puros de coração eram entregues a Arabella, pois o tom da Deusa do Amor era luz. O branco luminoso das luas gêmeas.

O paraíso.

De lá, os tons ficavam cada vez mais escuros até chegarem a Izzac, o Deus da Morte.

O inferno.

As almas enviadas a Izzac era castigadas com a escuridão, condenadas a nunca mais verem a luz. Eram atormentadas infinitamente pelos monstros dele.

Seria o Guardião um desses horrores? Um arauto da morte?

A essa altura, não me surpreenderia nem um pouco.

— Quer dizer que acabamos por hoje? — perguntei a ninguém.

Dei mais uma volta, vasculhando a floresta. Um arrepio me percorreu ao perceber que estava mesmo sozinha. Ele havia me deixado sozinha.

Ele não teria me deixado ali se houvesse algum perigo à espreita, certo? Apesar de seus muitos, muitos defeitos, o Guardião não me queria morta. Ou pelo menos Zavier não me queria morta e o Guardião seguia suas ordens.

Bom, se ele não ficaria, eu também não ficaria.

— Vou embora.

Um passarinho cantou.

— Como você estava com tanta pressa hoje cedo, nem tive tempo de fazer a cama. — Torcia muito, *muito*, para que ele conseguisse me ouvir.

Com cuidado para não cortar meu próprio cabelo, guardei as facas nas bainhas cruzadas nas costas. Comecei a andar pela floresta, tentando encontrar o caminho para minha casa na árvore.

Levaria um tempo para conseguir me localizar em Treow. As trilhas eram estreitas e sinuosas, e algumas não passavam de um caminho aberto na grama.

Depois de duas curvas erradas e de refazer o mesmo caminho, encontrei minha casa na árvore esperando. Subi às pressas para meu quarto e troquei de roupa. Coloquei uma calça limpa e uma túnica nova, depois desci a escada, que aparentemente só desaparecia à noite, e me dirigi à área comum.

Sozinha. Completamente sozinha.

Livre.

Por que Tillia não me seguia mais para tudo quanto era lado? Eu não precisava mais de escolta ou guarda? Por que minha escada desaparecia à noite, mas continuava ao meu dispor durante o dia?

O Guardião temia que eu tentasse escapar? Que fugisse na calada da noite?

Bom, ele não tinha por que se preocupar. Não iria a lugar nenhum depois do anoitecer numa terra cheia de monstros duas vezes maiores que eu. Além disso, estava ali para cumprir as ordens do meu pai.

Turah era meu lar até segunda ordem.

Para mim, pelo menos.

Eu não via Brielle nem Jocelyn desde nossa chegada a Treow. No dia anterior, depois do treinamento, estava exausta demais para procurar as duas. E cansada demais para voltar à biblioteca. Tillia havia levado o jantar para meu quarto e, depois de devorar a comida, desabei no travesseiro até o Guardião invadir minha privacidade, de novo.

Estava a caminho da área comum, torcendo para encontrar minhas damas de companhia no refeitório, quando uma mulher com a pele marrom quente e o cabelo grisalho preso num coque apertado cruzou comigo na trilha.

Ela parou de repente e fez uma reverência ao passar.

— Princesa Odessa Wolfe.

Já voltamos ao nome formal?

— Bom dia — cumprimentei. — Pode me chamar de Odessa. Por favor.

Ela estreitou os olhos e franziu a testa.

— Cer-to — respondeu, hesitante.

O que foi isso? Franzi o nariz e segui para a área comum, olhando para trás algumas vezes até a mulher sumir de vista.

Não era aceitável que eu atendesse pelo primeiro nome? Zavier atendia pelo seu.

— Não ligue para Mariette. Ela é rigorosa, mas justa. — Uma mulher apareceu a meu lado, saindo do meio das árvores. Ela tinha o nariz fino, delicado, e algumas rugas leves ao redor dos olhos e da boca, como se risse com frequência. Seus cabelos brancos lisos caíam em camadas sobre os ombros, as pontas quase tocando a cintura. — Mariette é a zeladora de Treow. Ela é bastante... tradicional.

— E sendo tradicional significa que ela vai querer ser formal ao usar meu nome?

— Ou que não vai rejeitar seu novo *sobrenome*.

— Ah. — Pedir para que me chamasse apenas de Odessa era um insulto à família real, pois dispensava o Wolfe.

Bom, azar. Não queria ser uma Wolfe. Não foi minha escolha. Em Treow, em Turah, até eu me sentir mais à vontade com essa terra e seu povo, eu era simplesmente Odessa.

— Sou Cathlin. — A mulher estendeu a mão e, quando nossas palmas se tocaram, ela pôs a outra mão por cima. Estava abraçando minha mão.

Sentia falta de abraços. Sentia falta de obrigar Mae a me abraçar. De trocar abraços com Arthy.

— Odessa — falei.

— Prazer em conhecê-la. — Seus olhos castanhos brilharam, as

manchas verdes luminosas, e ela sorria. Passou a caminhar comigo na direção do refeitório.

Cathlin usava um vestido bege simples de manga comprida. Não era muito diferente dos vestidos cinza ainda guardados em meus baús. Brielle não seria a única pessoa de vestido em Treow, já que se recusava a experimentar calças.

O refeitório estava silencioso, com algumas mesas ocupadas, mas eu não via nem Jocelyn nem Brielle.

— Não vai comer? — ela perguntou quando parei perto da porta.

— Queria comer com minhas damas de companhia. Não as vejo desde que chegamos. Pensei em dar uma passada na biblioteca enquanto espero.

— Só abre daqui a uma hora.

— Ah. — *Droga*.

Ela meteu a mão no bolso do vestido para pegar um molho de chaves.

— Para sua sorte, sou a bibliotecária atual. Venha.

Sorte. Estranho que eu me sentia sortuda com mais frequência desde que saíra de Quentis do que em, sei lá, anos. Se Daria, a Deusa da Sorte, estava do meu lado por enquanto, eu não questionaria suas razões.

Eu precisaria de sua sorte para encontrar o caminho para Allesaria antes do inverno. Fazia quase três semanas que havíamos partido de Quentis. O tempo não estava do meu lado. Apertei o passo.

— A biblioteca é meu projeto pessoal — Cathlin falou, acompanhando meu passo. — Não é muito, mas está tomando forma. Cada vez que visito Treow, adiciono mais livros à coleção.

Ela também não morava aqui, então? Ninguém chamava Treow de lar? Talvez Mariette, a zeladora. Ou ela também era uma nômade, sempre de passagem?

A porta da biblioteca ficava no fim do prédio da enfermaria. Mesmo de fora, dava para ver que o espaço era do tamanho de um armário. Talvez não passasse disso até Cathlin assumir o lugar de fato.

— De onde você é originalmente? — perguntei enquanto ela colocava a chave na maçaneta de latão da biblioteca e destrancava a fechadura.

— Já morei em toda Turah. Nasci em Perris. E passei muitos anos em Allesaria. — Ela abriu a porta, conduzindo-me para dentro.

Meu coração disparou tanto que tropecei na soleira.

Ela fora a única pessoa, além do Guardião, a mencionar a capital desde minha chegada. Talvez respondesse a algumas de minhas perguntas.

— Ah, querida. — Cathlin me pegou pelo braço enquanto eu recuperava o equilíbrio. — Você está bem?

— Estou. Desculpa. Sou meio... desastrada.

Sua risada era gentil. Natural. Leve.

— Sou conhecida por também ser assim.

O cheiro de livros, pergaminhos e cravos encheu meu nariz. Fechei os olhos, inspirando fundo. O ambiente era escuro e sem janelas. Depois da primeira fileira de estantes, eu não conseguia distinguir nada nas sombras.

Cathlin foi até o centro do espaço e puxou um cordão comprido pendurado no teto.

Era parecido com o cordão que havia na casa da árvore, amarrado a um gancho ao lado da porta.

Ao puxá-lo, uma série de cortinas no teto foi se abrindo, indo para o lado e revelando uma fileira de janelas no alto.

A biblioteca se encheu de luz, que iluminou todos os cantos.

Claraboias. As cortinas no teto cobriam claraboias. Assim que voltasse à minha casa na árvore, abriria as minha.

— Pronto. — Cathlin amarrou o cordão e bateu palmas. — Como posso ajudá-la?

Um mapa detalhado para Allesaria?

— Ah, nada em particular. Adoro ler.

— Eu também. — Ela passou os dedos ao longo das lombadas da estante ao lado, seus olhos se suavizando ao tocar os livros. — Fique à vontade para folhear o que quiser, mas já aviso que essa coleção foi pensada para crianças. Treow não tem escola, então tentei trazer tudo que pudesse ajudar os pais a ensinarem os pequenos a ler e escrever.

— Não tem escola. — Era mais uma afirmação do que uma pergunta. Eu repassava o tour com Tillia no dia anterior; ela não mencionara nenhuma escola.

— Não. — Cathlin suspirou. — Não aqui. Na selva.

A selva.

A selva de Turah.

— É muito difícil convencer bons professores a viverem por aqui — ela contou. — O que é compreensível. As chances de alguém ser devorado por um barilobo são bem menores se ficar dentro de fortalezas ou das muralhas das cidades. Mas isso acaba deixando para os pais o peso da educação. Eis a importância dessa coleção. Mas tenho algumas prateleiras para adultos nos fundos.

— Se importa se eu der uma olhada?

— Imagina. Fique à vontade.

— Obrigada. — Sorri e passei pela estante da frente. Mal havia espaço entre ela e a parede para chegar à segunda e à terceira fileira. Cathlin havia espremido tudo o máximo possível.

Passei por fileiras de livros para crianças, reconhecendo alguns de quando estudara com tutores. Quando cheguei às prateleiras de livros para adultos, precisei ficar na ponta dos pés para ler os títulos da estante mais alta.

A maioria deles era sobre Turah e, como esse parecia um bom

ponto de partida, tirei alguns das prateleiras, formando uma pilha no braço enquanto explorava. Incluí um livro sobre monstros, com ilustrações coloridas. E, quando avistei uma dúzia de livros sobre os outros reinos de Calandra, minha mão foi direto ao volume com "Quentis" gravado na lombada de couro.

Eu o coloquei na pilha e li a introdução.

Traidores. Mentirosos. Ladrões. Passei um ano em Quentis e posso afirmar com toda a certeza que são um povo desprezível.

Soltei um resmungo, conferindo se tinha pegado mesmo um livro sobre meu reino. A introdução parecia mais adequada a um livro sobre Genesis ou Ozarth.

Um ano em Quentis, de Samuel Hay.

Deveria devolvê-lo na prateleira. Deveria ignorar imediatamente as opiniões desse autor sobre meu reino, minha terra, meu povo. Mas o enfiei na base da pilha, deixando-me levar pela curiosidade.

Será que essa visão era um consenso em Turah? Se eu quisesse manter meu nome, meu legado, as pessoas dali sempre me olhariam com desprezo e escárnio?

Continuei procurando por um atlas ou um mapa, mas não encontrei. Minha única esperança era que os livros sobre a história turana incluíssem uma ilustração no interior. Abraçando minha seleção, voltei à entrada da biblioteca, onde Cathlin passava um espanador de penas sobre uma mesinha.

— Terminou? — perguntou.

— Sim. Se incomoda se eu levar todos esses?

— De modo algum.

— Obrigada. — Retribuí seu sorrio e saí, atravessando o acampamento às pressas para deixar os livros ao lado da minha cama.

Eu estava mais ou menos no meio do caminho quando a voz de Brielle ecoou entre as árvores.

— Alteza.

— Brielle. — Virei para vê-la correndo na minha direção, uma cesta pendurada no braço. Coloquei os livros no chão e abri os braços para um aperto rápido. — Você está bem? Onde está ficando? Está com Jocelyn?

— Estou bem — ela respondeu, sem fôlego. — Jocelyn também. Mas nos separaram. Ela está hospedada na casa de uma cozinheira que tinha um catre sobrando. E eu sou hóspede da zeladora.

— Mariette?

— Sim. Ela é quieta. E acho que não gosta muito de mim. Durmo no quarto da filha dela; devo ser um lembrete de que ela se foi.

— Vou arranjar um lugar novo para você.

— Não, está...

— Eu insisto. Você vai precisar ficar mais perto de mim como minha dama de companhia, de qualquer modo. — Se havia algo que eu pudesse fazer para tornar sua estadia em Turah mais confortável, eu daria um jeito.

— Obrigada. — Seus ombros relaxaram. — Trouxe café da manhã para você. Esperava encontrá-la no refeitório, mas, quando não apareceu, pedi para montarem um prato.

— Ah. — Tinha me esquecido de comer. Quanto tempo será que fiquei na biblioteca? — Pode vir comigo à minha casa na árvore?

— Claro. Vou ajudar a levar essas coisas lá para cima. Mas depois preciso ir à lavanderia.

Verdade. Ela estava recebendo ordens de Mariette agora. Não era diferente de receber ordens do senescal do castelo. Mas ali eu achava que estaria sob minha autoridade.

Mais uma coisa que eu trataria com Zavier.

Se um dia Zavier desse as caras em Treow.

Até lá, eu teria que conversar sobre isso com Tillia. Ou com o Guardião como último recurso.

— Venha. — Me abaixei e peguei os livros, colocando-os num

braço. Com o braço livre, segurei o dela, e caminhamos juntas até minha casa na árvore.

Ela me apresentou o sistema de roldanas e que eu havia ignorado assim como as claraboias. Eu realmente precisava prestar mais atenção aos detalhes das casas. Depois subimos a escada de cordas para puxar nossas coisas.

— Quer que traga mais alguma coisa? — ela perguntou. — Me ensinaram a içar a água para os banhos, mas é um trabalho para duas pessoas. Podemos passar mais tarde se quiser.

— Seria... — *Espera*. — Você tomou banho?

— Sim. — Ela cheirou a axila. — Por quê?

— Por nada. — Acenei, mostrando que era bobagem. — Só queria ter certeza de que também teve a chance de descansar.

— Estou bem descansada. — Ela forçou um sorriso e apontou para a pilha de livros que eu havia deixado na cama. — Posso supor que vai passar o resto do dia lendo?

— Sim. — Não era a primeira vez que Brielle me encontrava com uma pilha de livros. Claro, normalmente eram romances sensuais que eu comprava nas docas sem Margot saber.

— Vou lhe trazer o jantar. — Brielle pegou a roupa suja do cesto e desceu a escada de corda, deixando-me com os livros.

Comecei por aqueles sobre Turah. Depois passei para o dos monstros.

E deixei para ler o de Samuel Hay sobre Quentis por último.

Eu deveria ter queimado aquele livro, isso sim.

— Lixo nojento — murmurei, arrancando a túnica.

Já estava escuro fora da casa na árvore. Brielle e Jocelyn tinham levado meu jantar e preparado meu banho horas antes. Minha comida estava tão fria quanto a água.

Mesmo assim, tirei toda a roupa e mergulhei na banheira numa tentativa de esfriar o sangue fervente.

— Vai se foder, Samuel Hay.

Em seu livro, chamou meu país de terra de ladrões e traidores. Escreveu que Roslo não passava de um antro de imoralidade. E especulou sobre meu pai ser um assassino.

Sobre o Rei Dourado estar por trás de mais de uma tentativa de assassinato, incluindo a morte da rainha.

Da minha mãe.

Meu pai não era perfeito. Nunca fingiu não ter falhas. Mas eu sabia, no fundo da minha alma, que ele não havia matado minha mãe.

Não era segredo em Roslo que, quando ela morreu, ele se tornou uma sombra do homem que um dia fora.

Ela tinha sido o amor da vida dele.

O fantasma dela era a maior insegurança de Margot. A memória de minha mãe era o que fazia Margot exigir a perfeição.

Mas todos sabíamos que, por mais que Margot permanecesse estoicamente ao lado dele, meu pai sempre seria apaixonado por minha mãe.

A acusação de que ele a matara me atingia tão profundamente que tinha vontade de gritar. Quando fiquei com a pele toda arrepiada, os braços tremendo e os dentes batendo de frio, saí da banheira e vesti uma camisola quentinha. Depois me enfiei embaixo das cobertas, encarando a escuridão e repetindo aquele livro maldito na mente.

Se alguém tivesse dito de manhã que havia um homem em Turah que eu desejaria matar mais do que o Guardião, eu teria chamado essa pessoa de mentirosa.

Mas agora?

Queria enfiar minhas facas no pescoço de Samuel Hay. Arrancar sua língua mentirosa. Quebrar todos os dedos que usou para escrever aquelas inverdades odiosas.

— Vai se foder, Samuel Hay.

Quando finalmente adormeci, sonhei com um ursur. Assistia

enquanto ele arrancava a carne do corpo de um homem sem rosto. O monstro o devorava, desmembrando-o por completo. Um grito atravessou a noite. Ele continuou dilacerando, arranhando. Mas o rosto da vítima se transformou no de Brielle.

Ela gritava e gritava. *Socorro, Odessa. Socorro.*

O monstro virou um crux, o pelo se transformando em penas. Não as acobreadas dos crux machos, mas as pretas das fêmeas. Cortava o corpo de Brielle ao meio e engolia suas entranhas de uma vez.

Antes de fixar os olhos brilhantes em mim.

Acordei suando, o coração a mil. Pisquei e levei a mão ao peito acelerado.

— Um pesadelo. — Apenas um pesadelo.

Fechei os olhos, tentando expulsar a visão da minha mente. Mas ainda conseguia ouvir o grito de Brielle. Conseguia ouvir garras arranhando a terra. Arranhando o tronco da minha árvore.

O som de garras rasgando casca se repetiu.

Não era um som da minha cabeça. Vinha lá de fora.

Joguei as cobertas para o lado, o ar frio pinicando minha pele enquanto eu andava até a porta, pé ante pé.

A passos silenciosos, saí e me aproximei da varanda.

Aurinda e Aurrellia, as luas gêmeas, brilhavam como lanternas no céu noturno. Iluminavam a floresta, lançando raios prateados através dos galhos.

Espiei sobre a beirada da varanda, encostando a barriga no parapeito. Meu coração subiu pela garganta quando fiquei na ponta dos pés e olhei para baixo.

E vi uma onça-áurea afiando as garras de mais de doze centímetros no tronco da minha árvore.

Dei um pulo para longe do parapeito, assustada.

Minha escada de corda tinha desaparecido e, pela primeira vez, fiquei feliz por estar presa ali em cima.

Onças-áureas rondavam o interior de Quentis. Tinham hábito noturno e, quando o sol se punha, devastavam rebanhos, abatendo criações de vacas, ovelhas e porcos.

Lembravam onças-pardas, mas, em vez do pelo amarelo liso, a pelagem coriácea lisa brilhava como fios de ouro. A pele delas era usada na confecção dos mais caros casacos, luvas e chapéus. Apenas os mais ricos e poderosos usavam onças-áureas nas festas do castelo.

Os dentes e as garras eram pretos como a obsidiana do desfiladeiro Evon. Mas era o rabo espinhoso e afiado da onça-áurea seu traço mais característico, sua arma mais letal. Tinha o dobro do comprimento de seu corpo e se movia como um chicote no ar.

Eram monstros terríveis, cruéis e ferozes. Eram rápidos e astutos. Escondiam-se em copas de árvore e esperavam até...

Senti um frio na barriga. *Ai*, *merda*.

As onças-áureas escalavam muito bem. Dei mais um passo para longe do parapeito, meu pé batendo com força.

— Shh.

Virei na direção do sussurro. Na direção do homem que estava na porta da casa na árvore ao lado da minha.

O Guardião.

Ele levou um dedo aos lábios. Segurava a espada na outra mão.

Acenei, engolindo o medo que apertava minha garganta.

Ele espiou pela beirada da varanda dele enquanto eu voltava para o parapeito da minha.

Em outra noite, em outro lugar, eu estaria trancada lá dentro, escondida embaixo da cama. Mas, com o Guardião ali, com o caçador de monstros como meu guarda, arrisquei mais um olhar.

A onça-áurea devia ter se cansado da minha árvore. Vagou para a próxima, o focinho no chão, farejando.

Apontei para o monstro, formando com os lábios: *Mate*.

O Guardião negou com a cabeça.

— Mate você.

Lancei um olhar seco para ele. *Até parece*.

Ele apoiou a espada na porta e se inclinou para a frente, os antebraços no parapeito, parecendo se contentar em observar o monstro vagar por Treow.

Era só isso? Ele deixaria a criatura livre?

Apoiei a mão no quadril e apontei o dedo para a onça-áurea.

Ele não teve a menor dificuldade para entender minha mensagem silenciosa: *não vai fazer nada?*

— Não.

Olhei para o monstro que ainda rondava lá embaixo. O rabo chicoteava o ar em movimentos belos, preguiçosos e letais.

— Vai deixar o monstro vivo? — sussurrei.

— Por enquanto. Estou ocupado hoje.

Bufei.

— Fazendo o quê?

Ele me abriu aquele sorrisinho de canto, depois se afastou do parapeito, pegou a espada e desapareceu dentro de sua casa na árvore. Com um estalo, fechou a porta e me trancou para fora.

Fiquei olhando com raiva para onde ele estivera um minuto antes. Joguei o cabelo por sobre o ombro e me virei para minha própria casa na árvore. Já estava quase entrando quando ouvi sua voz.

Ele conversava com alguém. Não estava sozinho.

Um incômodo se infiltrou em minhas veias como aquele monstro em Treow.

Quem? Não era da minha conta com quem ele passava as noites. Quem ele convidava para sua cama. Ainda mais considerando que eu era *casada*.

Mas o aperto no peito dificultava a respiração. Não era para me incomodar. Eu não me importava. Nem. Um. Pouco.

Se treinasse o bastante, talvez um dia aprendesse a mentir. Seria

como um daqueles quentinos no livro de Samuel Hay.

Entrei e fechei bem a porta para garantir que estava firme. Puxei o cordão para abrir as cortinas no teto, deixando os raios de luar entrarem. As claraboias eram resistentes o bastante para manter uma onça-áurea do lado de fora, não? Deuses, torcia para que sim.

Me joguei na cama e encarei as estrelas, me esforçando para não pensar em autores ou monstros.

Ou no homem na casa ao lado.

22

Quando desci a escada de corda na manhã seguinte, não era a onça-áurea ou o Guardião que me esperava lá embaixo, embora eu carregasse as facas para o caso de encontrar um dos dois. Era Tillia.

— Bom dia, Odessa.

— Bom dia.

— O Guardião pediu que treinássemos juntas hoje. Se estiver disposta.

— E se eu falar que não estou?

— Ele me disse para avisar que sua próxima sessão com ele será duas vezes mais longa e puxada.

Meu lábio se curvou.

— Babaca.

Ela conteve um sorriso.

— Ele avisou que você diria isso também.

— Aparentemente ele já me conhece. — Lancei um olhar furioso para a casa silenciosa dele na árvore.

Será que ele estava lá em cima? Dormindo até tarde com quem quer que ele tivesse dividido a cama na noite anterior? Estava escutando essa conversa?

— Bom, longe de mim desapontar o *Guardião* — declarei, ironizando seu nome e torcendo para que ouvisse. — Mostre o

caminho.

Ela seguiu pela trilha, as mãos entrelaçadas nas costas enquanto caminhávamos. Andava sem pressa, o passo leve, o rosto voltado para o céu, as feições relaxadas; o sol dava um beijo de bom-dia em suas bochechas.

Ela não deveria estar preocupada? O Guardião não contou sobre a onça-áurea da noite anterior? Talvez ele tivesse sim matado o monstro.

Meus dedos se contraíram ao lado do corpo, as mãos prontas para sacar as facas em caso de perigo. Mas, ao atravessarmos Treow, notei que todas as pessoas pelas quais passamos estavam calmas. Era um dia como qualquer outro.

— Tinha uma onça-áurea aqui ontem à noite. — A menos que eu tenha sonhado. Será que sonhei?

— Sim, tinha — Tillia falou. — Já cuidaram disso. Não se preocupe.

— Ah. — Será que o Guardião a matara, afinal? — Foi morta?

— Não morta. Temos armadilhas. Foi capturada e levada para as montanhas hoje cedo. Não são tão comuns nesta região, mas, quando visitam, adoram farejar durante a noite. Temos armadilhas por precaução. Mas não se preocupe. Em todos os meus anos visitando Treow, nunca vi uma casa na árvore ser invadida por uma onça-áurea. Se não for agressiva, nós só levamos para outro lugar.

— Sério? — Nunca tinha ouvido falar de um monstro sendo capturado. Depois solto. E se voltasse e matasse alguém? Eles não se preocupavam com isso?

— Elas fazem parte de uma cadeia. Mantêm a população de cervos em equilíbrio. A menos que seja uma ameaça, evitamos matar a fera.

Em Quentis, a única forma de lidar com os monstros era matando. Nunca havia considerado o impacto em outras espécies, outras cadeias.

Como a Cadeia de Setes.

— Estamos todos conectados — ela completou. — Sempre buscando um equilíbrio.

Era por isso que os deuses haviam criado os crux? Para equilibrar a população humana? Para controlar nossos números. Para nos lembrar da nossa insignificância. Para nos manter à mercê dos deuses.

Então o que regulava os crux? Havia monstros maiores e mais ferozes? Ou os crux morriam por infecção ou doença?

— E se a onça-áurea voltar? — perguntei.

Ela deu de ombros.

— Capturamos de novo.

— E se ela não se mantiver longe? Se continuar voltando e acabar machucando alguém?

— Você vai estar segura em sua casa na árvore. — Ela pousou a mão no meu braço. — Prometo.

Queria acreditar nela. Queria mesmo. Mas, até agora, estava apavorada com Turah. Eu demoraria para me sentir segura nesse reino.

— E se um ursur entrar em Treow? As armadilhas segurariam?

— Não — ela respondeu. — Alguns monstros são mortos imediatamente. Ursures. E barilobos.

— Qual mais?

— Qualquer um... feral.

Feral?

— Não são todos ferais?

Estávamos falando de monstros, não animais domesticados. Se tivesse a oportunidade, aquela onça-áurea teria me devorado com ossos e tudo na noite anterior. Eram feras cruéis, mortais e incontroláveis, com ânsia de carne humana. Não?

A resposta à minha pergunta era um simples *sim* ou *não*. Mas ela não falou mais nada e seguiu em frente. Andamos o resto do

caminho em silêncio.

Ela estava aprendendo com Zavier a ignorar minhas perguntas. *Argh*.

— Vamos começar com suas facas — Tillia anunciou quando chegamos na área de treinamento.

— Certo. — Eu as saquei e assumi a postura de combate. — Pronta.

Uma hora depois, com suor escorrendo em filetes pelas costas, percebi que tinha me enganado redondamente achando que seria mais fácil lutar com Tillia. Mil sessões de treinamento com o Guardião eram melhores do que uma com ela.

Depois de uma rodada com minhas facas, ela chegou à conclusão de que eu ainda não estava pronta para treinar com armas. Em vez disso, passamos para o combate corpo a corpo.

Eu tinha lido histórias de tortura que eram mais brandas do que isso.

— Mais uma — ela exigiu, com os punhos erguidos. — Força.

Enxuguei a saliva e o suor dos lábios, com mais sede do que nunca na vida, e levantei as mãos.

Ela partiu para cima de mim com um soco rápido em meu nariz e outro no queixo, que consegui bloquear com a mão esquerda. Quando mirou nas minhas costelas, baixei o cotovelo, exatamente como ela havia me ensinado, usando-o junto com o antebraço para desviar do golpe. Quando ela atacou de novo, eu me esquivei para a direita, com o peso na ponta dos pés, sem me apoiar nos calcanhares.

— Mais rápido — ela ordenou.

Tomei fôlego e ela lançou os punhos mais uma vez, outro soco direto seguido de um no corpo. Toda vez que eu bloqueava, girávamos e recomeçávamos a sequência, aumentando a velocidade

a cada rodada.

Foi na sexta rodada que minha técnica começou a falhar. Quando meus músculos doloridos e cansados foram perdendo o ritmo. Quando fui ficando lenta demais.

Seu punho acertou minhas costelas de novo, a dor atravessando meu tronco.

— Ugh — soltei entre dentes, caindo de joelhos e tentando tomar ar.

Isso. Era. Horrível. Ela estava me dando uma surra. Para piorar, todo o círculo de treinamento estava cheio de outros patrulheiros. Dava para sentir os olhares. Ouvir os sussurros quando eu soltava um grito de dor.

— Melhorou — Tillia declarou, nem um pouco ofegante.

— Sério? — Bufei. — Porque não sinto que estou melhorando, não.

— Seu jogo de pernas não é mais tão horrível. Seu equilíbrio não é tão fraco. Sua postura ainda é ruim, mas está melhorando.

Sequei o suor da testa, obrigando-me a ficar de pé.

— Obrigada?

Alguém precisava dar um toque nesses turanos a como elogiar. A essa altura, eu aceitaria até um tapinha nas costas. Embora apostasse que quem passara a noite anterior na cama do Guardião tenha ganhado horas de elogios.

Enfim. Não era da minha conta. Não era problema meu. E se eu conseguisse parar de pensar nele, seria fantástico.

Tillia chamou o menino da água. Ele passava carregando um balde cheio de círculo em círculo.

Ele encheu dois copos de madeira e estendeu um para mim, mas quando seu olhar encontrou o meu, hesitou. Encarou Tillia com olhos arregalados, agarrando o copo junto ao peito enquanto se encolhia.

Ela o pegou da mão dele e apontou para os homens que

treinavam na área ao lado.

— Pode ir.

O garoto não precisou ouvir duas vezes.

— Desculpa. — Ela entregou o copo para mim. — Não recebemos visitantes de outros reinos em Treow.

— Tudo bem. — Dei de ombros, fingindo que o receio do menino não me incomodava. — Sei que meus olhos são... diferentes.

Não era a primeira vez que a falta de mancha nas íris deixava uma criança apreensiva. Não seria a última.

— Diferentes. — Tillia colocou a mão em meu ombro, abrindo um sorriso suave. — Mas muito bonitos.

— Obrigada. — Dei outro gole e mudei de assunto. — Sabe se Zavier virá para Treow em breve? — Era hora de pensar no meu marido desaparecido.

— Não sei. Sinto muito. Que eu saiba, ele estava viajando de Perris a Ellder.

Viajando sem a esposa para atrasá-lo.

— Ele vai me deixar aqui para sempre?

Ela virou o copo, bebendo toda a água.

Era um *sim*.

Eu era uma das últimas prioridades de Zavier. Ele tinha me deixado com seu povo, me largando nesse acampamento e se esquecendo completamente de mim.

Por quê? Por que não me queria?

Será que Tillia sabia o motivo? Halston havia lhe contado sobre a visita deles a Roslo?

A essa altura, importava? Eu tinha sido tomada como noiva. Cumprido o tratado. Zavier se fora, levando consigo a pressão para que eu agisse com uma esposa dedicada. Talvez devesse ser grata por estar sozinha. Não era uma novidade pra mim.

Sempre estive sozinha. Sempre soube que a única pessoa que

estaria ao meu lado, que me enxergaria, era *eu* mesma.

— Acho que já treinamos o suficiente por hoje — Tillia anunciou enquanto eu acabava de beber minha água. — Descanse um pouco. Nos vemos de novo amanhã.

Contive um resmungo.

— Mal posso esperar.

— Você mente muito mal, Odessa.

— Já me falaram isso. — Peguei minhas facas e me afastei antes que tivesse a chance de mudar de ideia. Minha túnica estava colada à pele, meu cabelo encharcado, e a tintura devia estar escorrendo por minhas têmporas.

De tanto suar, eu gastaria toda a tintura mais rápido que o previsto. Em breve teria que encomendar um pote novo com o mercador. Meu plano era comprar mais em Allesaria, mas já duvidava que chegaria lá antes do inverno.

E se não conseguisse mais tintura, Zavier acabaria descobrindo que, *surpresinha*, sua esposa era ruiva.

Fui para a área comum tomar café da manhã e passar na biblioteca. Talvez minha próxima leva de livros não me causasse acessos de raiva e pesadelos. Talvez um mensageiro de pônei aparecesse hoje, dando-me a oportunidade de fazer perguntas.

No entanto, antes que eu chegasse ao refeitório, um estrondo de cascos ecoou pela floresta.

O Guardião cortou o acampamento a galope, passando por mim em seu garanhão imenso sem nem olhar para trás. Seu rosto era de granito e, pelos tons, ele parecia furioso. Sua raiva era tão intensa que era quase palpável, como fumaça o seguindo conforme cavalgava para longe.

Os pelos dos meus braços se arrepiaram: aquela sensação no peito de que algo estava errado. Corri para a área comum e vi o caos através das árvores. Mães puxavam os filhos pelas mãos ou os encaixavam no quadril para levá-los embora.

Todos os patrulheiros em Turah corriam para o pátio aberto.

— Odessa, espere. — Tillia chegou correndo por trás e me segurou pelo cotovelo para que parasse.

— O que está acontecendo?

— Nada.

Tá, era uma mentira.

— Preciso que fique aqui. — Ela me levou até a árvore mais próxima, posicionando-me para que eu ficasse escondida. — Por favor.

— Está bem. — Hum, o que estava acontecendo? Meu pânico cresceu quando ela saiu com ombros rígidos e punhos cerrados. Avancei até o contorno da árvore, pressionando o corpo à casca áspera para espiar a área comum.

Eles vieram como uma onda silenciosa.

Pelo menos cinquenta homens armados a cavalo saíram da floresta, invadindo Treow como uma névoa.

Não houve nenhum assobio de alerta, mas as pessoas em Treow já sabiam que deviam ficar longe. Como?

Os homens eram soldados. Eles usavam proteções metálicas nos braços e nas pernas. Todos tinham cabelo curto e o rosto sério sem barba. E o mesmo emblema estampado nos peitorais prateados.

A cabeça de um lobo gravada no aço, os olhos cravejados de joias verdes.

Uma brecha se abriu na formação para a passagem de um homem montado num garanhão de pelagem cinza lustrosa. O cavalo era quase tão grande quanto o do Guardião.

O homem usava um diadema mais grosso e intrincado do que o de Zavier. A argola prateada ficava entrelaçada em seu cabelo castanho-escuro.

O rei Ramsey de Turah.

Meu sogro.

Era por causa dele que Tillia mandara eu ficar escondida? Por

quê? Eu precisava que Zavier me apresentasse ou algo assim?

Cheguei ainda mais perto do contorno da árvore para enxergar melhor.

Os patrulheiros turanos encaravam os soldados de Ramsey. Os soldados encaravam os patrulheiros turanos de volta. Ninguém parecia se importar com o que estava acontecendo fora da área comum. Nenhum olhar se voltou em minha direção.

Ramsey parou ao lado de Tillia, o cavalo levantando o rabo para deixar uma pilha de bosta no mesmo lugar em que as crianças brincavam minutos antes.

Tillia abaixou a cabeça, ajoelhando-se.

— Levante-se. — A voz grave de Ramsey ecoou. Me lembrou meu pai. Ambos eram homens que passaram a vida transmitindo poder em cada palavra.

Ela obedeceu, pegando a mão estendida dele para beijar o anel de sinete no dedo médio.

Mesmo sem ver o anel, eu apostaria todo o ouro do meu pai que ali havia o mesmo lobo prateado usado pelos soldados.

— Imagino que meu filho não esteja aqui. — Mesmo a dez metros, a voz de Ramsey era clara e forte, carregada de superioridade. Falava acima da cabeça dela, projetando a voz para as árvores. Como se achasse que Zavier estivesse escondido atrás de uma delas, como eu.

Tillia negou com a cabeça.

Zavier deveria estar ali? Estava fugindo de mim *e* do pai?

O rei morava em Allesaria. Se Zavier não me levaria para a capital, será que o rei me levaria? Só havia um jeito de descobrir.

Com o coração na garganta, soltei a árvore e endireitei os ombros. Estava prestes a seguir em frente quando uma mão tocou meu ombro.

Levei um susto, tampando a boca para abafar meu grito.

Cathlin estava atrás de mim, balançando a cabeça. Ela havia

chegado por trás sem pisar em nenhum galho nem chutar nenhuma agulha de pinheiro.

— Não — sussurrou.

Eu a teria ignorado se não fosse pela seriedade em seus olhos castanhos. Assenti e voltei a me recostar na árvore.

Ela se espremeu ao meu lado, nós duas espiando detrás dos soldados.

O rei ainda falava com Tillia, mais baixo agora para que apenas ela ouvisse.

Os ombros dela pareciam se encolher mais e mais a cada palavra.

— Vão. — Com a ordem do rei, o silêncio se quebrou. Cavalos relincharam quando os cavaleiros desmontaram. O metal de armaduras e lâminas tilintava enquanto os homens de Ramsey se dispersavam, espalhando-se como fogo nos edifícios. Em cada casa na árvore.

— O que estão...

— Shh. — Cathlin levou um dedo aos lábios.

Perguntas depois. *Entendi*.

Um estrondo veio da área comum. Vindo da biblioteca.

Cathlin fechou os olhos, como se não suportasse ver o que acontecia.

Quando espiei de novo, entendi o motivo.

Soldados jogavam livros para fora do recinto, formando uma pilha crescente. Outro homem veio de uma casa na árvore próxima carregando livros infantis. Ele jogou na mesma pilha e deu meia-volta, provavelmente para procurar mais livros em outras casas.

— O que estão fazendo? — perguntei, baixo. — Por que estão... — A tristeza no olhar de Cathlin era a única explicação de que eu precisava. — Vão destruí-los.

Cathlin engoliu em seco e assentiu.

— Por quê? — Eram apenas livros.

Ela contraiu o maxilar e não respondeu.

Um soldado pegou uma pederneira e a riscou numa faca, lançando faíscas sobre a pilha. O fogo foi instantâneo e, enquanto queimava, os soldados que vasculhavam as casas nas árvores continuavam alimentando as chamas com o que encontravam, tudo sob o olhar atento de Ramsey.

O forte amargor da fumaça encheu o ar. Quando as chamas já ardiam com força, quando já não havia mais como salvar nenhum livro, o rei puxou as rédeas de seu garanhão e, tão rápido quanto surgiram, ele e seus soldados se foram.

O fogo continuou queimando, soltando fagulhas no ar.

Ninguém se movia na área comum. Todos os patrulheiros pararam diante do fogo, observando até as chamas começarem a apagar, cuidando para que não se espalhasse. Até tudo o que restava da biblioteca de Cathlin ser uma pilha fumegante de cinzas brancas.

— Sinto muito — sussurrei.

Ela apertou minha mão, secando uma lágrima que escorria pela bochecha. Depois se virou e saiu andando.

Saí detrás da árvore e segui na direção da área comum. Halston estava com Tillia, o braço ao redor dos ombros dela enquanto conversavam, as cabeças próximas.

Outros foram saindo das árvores, com os rostos solenes.

Os soldados haviam feito algo além de queimar os livros? Alguém havia se ferido?

Algumas pessoas se aproximaram dos restos chamuscados da biblioteca, examinando as brasas vermelhas e alaranjadas. Mas a maioria parecia apenas aliviada que o rei havia partido. Voltaram para suas casas, provavelmente para arrumar a bagunça feita pelos soldados.

Eu havia perdido o apetite para o café da manhã, então voltei para a casa na árvore, sentindo um pavor pesado no peito enquanto subia a escada de corda.

A porta estava entreaberta.

Eu a fechara de manhã.

Meu coração se apertou quando abri a porta e encontrei o caos. Roupas espalhadas pelo quarto. O guarda-roupa aberto, seu conteúdo misturado ao dos baús. A cama fora do estrado, os cobertores amontoados com os vestidos cinza. O ar cheirava a tintura de cabelo graças ao pote quebrado no canto.

A coroa que eu havia deixado na mesa de cabeceira não estava mais lá.

Nem os livros que eu pegara emprestado da biblioteca.

Um estranho havia colocado as mãos nas minhas roupas íntimas.

A violação fez meu estômago revirar, minha pele se arrepiar.

Os livros estavam no canto da minha cama cuidadosamente arrumada. O soldado poderia tê-los pegado sem destruir o quarto no processo. Poderia ter simplesmente roubado a coroa.

As paredes foram se fechando. O ar tinha um gosto amargo. Dei as costas para a bagunça e fui para a varanda. Até o galho baixo perto do telhado.

Com cuidado, me apoiei na parede e no parapeito, me esticando na direção do galho.

E da bolsa que eu havia escondido num ramo denso de sempre-viva.

Abri a bolsa e confirmei que meu caderno, minhas moedas e meu colar estavam bem guardados.

Eu seguira o conselho de Tillia de manter o caderno escondido. E fazia muito, muito tempo que tinha aprendido a não esconder coisas embaixo do colchão. Era sempre o primeiro lugar que Mae olhava quando procurava meus diários.

Uma risada baixa me assustou quando desci para a varanda. Deparei-me com o Guardião na porta de sua casa na árvore, um sorriso largo no rosto.

— Inteligente, minha rainha.

Sim, tinha sido inteligente. Um lugar seguro para meus segredos.

E agora a praga da minha existência sabia que eu tinha algo a esconder.

Merda.

23

A semana seguinte à passagem do rei Ramsey em Treow foi tranquila. Pacífica, eu diria.

Eu sabia que isso não duraria. Eram muitas incertezas, muitas perguntas sem resposta, especialmente sobre meu marido ainda ausente. Mas me permiti aproveitar a ilusão de rotina.

Toda manhã, eu e Tillia passávamos horas treinando. Ela me ensinou a lutar como uma mulher, a usar nossas vantagens contra oponentes maiores e mais fortes. Me ensinou a golpear a virilha de um homem. A atingir olhos. A aproveitar a força do quadril se um dia fosse imobilizada no chão.

Ela me levava mais e mais além dos meus limites, quase como se estivesse me preparando para a guerra.

Como se sentisse uma batalha iminente.

Depois de meu treinamento diário com Tillia, eu voltava para a casa na árvore, onde Brielle ou Jocelyn passava para me visitar e deixar o café da manhã. Eu ficava desenhando no caderno até meio-dia. Tinha aprendido a assobiar. Toda tarde, ia ao curral para montar um pouco em Freya. Se pretendia percorrer a paisagem turana, precisava de mais prática numa sela. Depois da cavalgada diária eu saía para explorar, vagando pelo acampamento e escutando a conversa dos moradores.

Descobri que Mariette era austera com todos. Duas cozinheiras estavam dormindo com um rapaz que trabalhava nos estábulos, e todos menos as duas sabiam que ele as enganava. E os mensageiros de pônei eram tão ariscos a perguntas quanto o restante dos turanos.

Encontrara um mensageiro de pônei na clareira no dia anterior. Como quem não queria nada, perguntei se ele visitava Allesaria.

Ele jogou as correspondências aos meus pés e saiu cavalgando.

Era difícil ser espiã.

Eu jantava com Brielle e Jocelyn. Nenhuma delas gostava de suas acomodações, mas ambas insistiam que estavam bem. Eu tinha pedido a Tillia para deixar as duas mais perto de minha casa na árvore, mas pelo visto a única pessoa em Calandra que Tillia temia era Mariette. Então eu precisava esperar Zavier aparecer.

O príncipe podia mandar numa zeladora, não?

Depois de jantar com Brielle e Jocelyn, eu voltava para a casa na árvore e repetia os alongamentos que Tillia havia me ensinado, relaxando a tensão muscular. Certas noites, quando não conseguia dormir, ficava na cama contemplando as estrelas pelas claraboias. Eu me perguntava se minha mãe estava no tom de Arabella, observando-me do paraíso.

Outras noites, se o céu estava muito nublado, ficava olhando para o colar, examinando a asa e o metal.

E toda noite pensava sem parar. Todo assunto era motivo para minhas ruminações.

Especialmente Zavier.

Ele voltaria? Me abandonar ali era sua vingança contra meu pai? Era dele a ideia de tirar minha escada de corda toda noite?

Fazia uma semana que eu não via o Guardião. Ele havia partido na manhã seguinte à visita do rei Ramsey, e sua casa na árvore estava escura e vazia. Mas ele claramente havia delegado a outra pessoa a tarefa de me manter em cativeiro.

Quando entrava em meu banho noturno havia uma escada. Quando saía pingando, não. Mas, ao amanhecer, com Tillia à minha espera, lá estava ela.

Assim como hoje.

Quando desci do último degrau, ela me recebeu com um sorriso e seguimos para a área de treinamento.

— Dormiu bem?

— Sim. E você?

Ela deu de ombros.

— Durmo mal quando Halston não está.

Ele havia partido no mesmo dia que o Guardião. Mesmo querendo saber os detalhes, me recusava a perguntar. Halston voltaria. Em algum momento. Mas e o Guardião?

Parte de mim tinha esperança de que não voltasse. De que ficasse longe de Treow, longe de mim, para sempre. Era a parte de mim que se recusava a admitir que gostaria de vê-lo de novo.

— Vamos treinar alguns golpes hoje — ela declarou quando chegamos à área de treinamento.

— Mal posso esperar — ironizei.

Nós duas rimos.

Começamos a treinar. Uma hora depois, não estava indo bem. Eu não conseguia me concentrar. Os passos e os golpes que ela havia me ensinado no dia anterior escapavam da minha mente como borboletas ao vento.

— Você está distraída hoje — ela falou, séria, quando fizemos uma pausa para beber água.

— Não estou, não.

Estava sim.

Todas as áreas de treinamento estavam ocupadas, da mesma forma que tinham estado a semana toda. O clangor de lâminas se chocando e o silvo de flechas voando se misturavam aos gritos dos homens e das mulheres que praticavam.

Estava assim desde a visita de Ramsey. Todos em Treow pareciam tensos. Por quê? O que ele havia dito para Tillia?

Eu não tinha criado coragem para perguntar sobre a conversa deles. Ainda. Talvez no dia seguinte. Ou no outro.

— Odessa. — Tillia estalou os dedos na frente do meu rosto.

— O quê? Estou ouvindo.

— Jura? — Ela apoiou a mão no quadril. — E o que falei?

— Que estou fazendo um ótimo trabalho hoje?

Ela suspirou.

— Falei que quero que comece a correr.

— Correr. — *Credo*. — Por quê?

— Seu condicionamento é uma merda.

Até teria ficado magoada se já não tivesse ouvido isso antes.

— Você não parece o Guardião, mas soa igualzinho ele.

Um sorriso se abriu em seus lábios.

— Obrigada.

Claro que ela tomaria aquilo como um elogio.

— Onde exatamente você quer que eu corra?

— Dê algumas voltas ao redor de Treow. Comece com uma volta. Aumente para duas, depois três. A maioria de nós costuma dar de cinco a dez voltas por dia.

Meu queixo caiu.

Treow era enorme. Uma volta já seria mais do que eu havia corrido durante a vida inteira.

Eu já tinha me familiarizado com o acampamento; aprendera seus limites e onde ficavam as torres de vigia. E também onde ficavam as armadilhas de onças-áureas, assim não corria o risco de acionar uma sem querer e acabar presa numa rede.

— Eu tenho que fazer isso mesmo? — perguntei.

Tillia arqueou uma sobrancelha. Era um sim.

— Tá.

Mesmo com a melhora, minha resistência era sim uma merda

comparada à dos turanos. Depois de cada sessão de treinamento, eu sentia os pulmões queimando e os músculos ardendo. Ficava coberta de suor e, embora meu corpo estivesse se adaptando a essas novas exigências físicas, ainda havia um longo caminho pela frente.

— Você pode começar a correr hoje — ela aconselhou, deixando o copo de lado e voltando ao centro do círculo. — Depois de mais alguns minutos de treino.

Deuses, mas já? As pausas para tomar água pareciam ficar cada vez mais curtas.

— Como você e Halston se conheceram?

— Está me enrolando, Odessa?

— Sim — admiti.

Seu sorriso revelava que ela deixaria essa passar.

— Eu e Halston nos conhecemos desde crianças. Crescemos juntos num vilarejo perto da fronteira com Ozarth. Não muito longe de Westor.

— Estão juntos faz tempo?

— Desde que éramos jovens. — As manchas verdes em seus olhos pareciam reluzir, como se pensar no marido a iluminasse de dentro para fora. — Eu tinha um cachorro quando era pequena. Creed. Era grande e bagunceiro, e não saía de perto de mim. Dormia ao pé da minha cama desde que eu era bebê. Minha mãe o chamava de sentinela. Creed morreu quando eu tinha treze anos.

— Sinto muito.

Ela deu de ombros.

— Ele já era velho. Um dia, saiu andando e nunca mais voltou. Estava na hora de subir aos tons. Mas aquilo partiu meu coração. Halston me viu chorando um dia depois da escola. Me acompanhou até em casa e segurou minha mão. Estamos juntos desde então. Gosto de acreditar que Creed só se foi porque sabia que Halston estaria lá para ocupar o lugar dele.

Levei a mão ao peito, pensando na dor que uma menina passou

ao perder um companheiro para encontrar outro. Sua alma gêmea.

Tillia piscou rápido, como se lutasse contra as lágrimas por seu cachorro. Fez sinal para que eu seguisse em frente.

— Ok. Vamos voltar ao trabalho.

Resmunguei, tomando o resto da minha água. Depois me juntei a ela com um forte suspiro, levantando os punhos. Hoje ela estava me ensinando a dar socos, o que parecia dez vezes mais difícil do que bloquear os dela.

— Tá. Tô pronta.

— Tente me acertar desta vez. Pare de bater tão fraco.

— Bater nos amiguinhos é falta de educação.

Sua expressão ficou séria.

— Odessa.

— Sou melhor na defesa. — Abaixei as mãos. — Não preciso ser uma guerreira terrivelmente ameaçadora como você. Só quero ficar viva na próxima vez que uma enguia-óssea tentar me comer.

— Para conseguir isso, você só tinha que ter ficado na porra do navio.

Virei na direção da voz áspera e encontrei quem a proferia encostado numa árvore.

O Guardião usava calça de couro, mas, em vez de uma túnica, na parte de cima vestia um suéter de lã. O tecido bege marcava seu corpo, fazendo os ombros parecerem ainda mais largos. Seu cabelo ia até abaixo dos ombros, bagunçado e revolto como se ele tivesse cavalgado por horas. Sua barba tinha voltado a ficar desgrenhada, como se não visse uma navalha havia uma semana.

Meu coração acelerou e se apertou ao mesmo tempo. Era uma sensação esquisitíssima, tão estranha que engasguei.

— Você está bem? — Tillia me deu um tapinha nas costas enquanto eu tossia.

— Estou. — Assenti, massageando o esterno.

Ele abriu um sorrisinho de canto.

— Estava com saudade, Cross?

— Jamais.

Eu mentia muito mal.

— Assumo daqui. — O Guardião desencostou da árvore.

— Ah, não. — Fiz uma careta.

Eu tinha me acostumado com Tillia. Ela gostava de me torturar, claro, mas era uma tortura tranquila. Com ela, meu coração não disparava tanto. Meus pulmões não tinham dificuldade para respirar.

Esse homem me deixava nervosa.

Eram seus poderes. A energia forte e vibrante me deixava à flor da pele.

Eu mentia muito mal, até para mim mesma.

Pelos tons, isso precisava acabar. Agora que ele estava de volta a Treow, talvez eu pudesse parar de me perguntar sobre seu paradeiro e voltar a odiá-lo. Voltar a planejar seu assassinato.

— Onde você foi? — perguntei quando ele parou à minha frente, os braços relaxados ao lado do corpo.

— Preocupada comigo, minha rainha?

Revirei os olhos.

— Preocupada que se você tivesse morrido eu não teria a chance de cuspir na sua cova.

Seu sorrisinho se alargou.

— Não tema. Ainda estou vivíssimo e pronto para ficar de olho em você.

— De olho em mim? — Era por isso que Zavier havia me deixado em Treow?

— Alguém precisa ser sua babá.

Ai. Essa doeu. Eu era mesmo um fardo tão grande?

— Onde está Zavier?

— Sente saudade do seu amado, Pardal?

Minha respiração acelerou.

— Sabia que é irritante responder uma pergunta com outra?

— É?

Passara dias me perguntando sobre seu paradeiro quando na verdade deveria estar agradecendo a Ama e Ode por manterem o filho da puta longe de mim.

— Deixa pra lá. — Girei o punho. — Vamos treinar ou não?

Ele riu e levou a mão atrás da cabeça para tirar o suéter, revelando a regata justa por baixo. Seus braços eram musculosos, mais fortes do que os de qualquer homem que eu já tivesse visto.

Um arrepio percorreu meu corpo e desviei o olhar para o chão.

Ele era um monstro. *Um monstro*, *um monstro*, *um monstro*. Um belo monstro, mas ainda assim um monstro. Tinha matado o irmão de Banner. Era um assassino.

E eu era casada.

Casada. *Casada*. *Casada*.

Merda, meu rosto estava ardendo.

O Guardião segurou meu queixo e me obrigou a encarar seus olhos.

— Precisa de um momento?

Bati em sua mão e dei um passo para trás, erguendo os punhos.

— Não. Vamos logo com isso.

— Você é quem sabe. — Ele fez uma reverência debochada e deu um tapa na minha cara.

O golpe foi tão repentino que eu fui pega de surpresa. Não teria como ter bloqueado nem se tentasse.

Meu queixo caiu e apertei a palma da mão na dorzinha leve na bochecha.

— Você me bateu.

Mais ou menos.

Se ele quisesse mesmo me machucar, teria fechado o punho. Ou colocado um pouco de força no tapa. Aquilo foi mais um toquinho. Uma palmadinha para eu aprender a lição.

— Só confirmando que você está acordada. — Havia um brilho nos olhos do filho da puta sádico.

Meus dentes bateram quando fechei a boca, os molares rangendo quando levantei as mãos de novo.

Dessa vez, quando ele ergueu a mão, eu estava preparada. Girei os ombros ao mesmo tempo que minhas mãos desviavam o golpe, de modo que a ponta de seus dedos mal roçou minha bochecha.

— Arrá. — Dei um soco no ar enquanto um sorriso brotava. Era idiota comemorar? Sim. Eu comemoraria mesmo assim? Com certeza.

— Você andou praticando. Não só com Tillia. — Era orgulho aquilo em seu olhar? Provavelmente não.

Mas eu ficaria orgulhosa pelos dois porque andava sim praticando. Nas noites que eram silenciosas demais sem o barulho das ondas, eu passava a madrugada praticando. Dançando.

Tillia havia me ensinado a encarar a luta como uma dança. Encontrar um ritmo com o oponente igual faria com um parceiro.

Meu tutor de dança em Roslo fora um dos poucos a falar que eu não era um caso perdido. Eu não era uma excelente dançarina, mas não era nada terrível também. Então dançava e dançava e dançava até que minha mente estivesse vazia e meu corpo, esgotado. Depois dormia a madrugada inteira.

— De novo. — O Guardião acenou. Mas, quando levantei as mãos, seu olhar se ergueu sobre meu ombro. Um sorriso lento se abriu em sua boca.

Lábios suaves. Dentes brancos alinhados. Um brilho nos olhos. Seu sorriso era deslumbrante.

Meu coração palpitou por um momento, então me dei conta de que não era eu a merecedora daquele sorriso. Ele não estava sorrindo para mim.

E eu não deveria querer isso para mim.

Deuses, o que havia de errado comigo? O que me prendia tanto a

ele?

Ele precisava sair de Treow de novo. De vez.

— Espiando, Evangeline?

Evangeline. Virei, esperando encontrar uma mulher tão linda quanto seu nome. Mas, em vez disso, havia uma menininha, com a cara fechada e os braços cruzados diante do peito.

Era a garotinha que eu tinha visto na área comum. A menina de cabelo castanho e grandes olhos cinza.

— Ela não é desengonçada — Evangeline falou.

Bufei, me voltando para o Guardião.

— Você me chamou de desengonçada?

Ele deu de ombros.

— Eu te odeio.

— Odeia sim. Não esqueça. — Ele passou, esbarrando o ombro em mim ao se dirigir à menina.

Ela devia ter quatro ou cinco anos, um ou dois anos a mais do que Arthy.

O Guardião se agachou na frente dela, estalando a língua.

— Você deveria estar com Luella fazendo suas lições.

Evangeline torceu o nariz.

— Lições são chatas. Só gosto das de ciências.

Quem ela era para ele? Será que era sua filha? Ai, deuses. Ele tinha uma família? Luella era sua namorada? Sua esposa?

Eu era tão imbecil. Não apenas *eu* era casada como estava babando por um homem comprometido. Uma culpa, amarga e ácida e podre, se espalhou por minha língua. Escorreu sob a pele, viscosa e vil.

Chega. Bastava. Era hora de tirar o Guardião da cabeça. E me concentrar em outro homem.

Zavier.

— Evie — o Guardião repreendeu. — Você prometeu ficar com Luella.

— Mas...

— Promessa é dívida.

Seu suspiro foi tão profundo que foi como se esvaziasse o peito. Ela chutou uma pinha, que voou para a área de treinamento.

— Tááá.

Ele a girou pelos ombros, apontando na direção da área comum, mas, antes que ela saísse, o som de cascos ecoou ao longe. Então veio um assobio, alto e estridente, anunciando que era seguro para quem quer que estivesse entrando em Treow.

Um mensageiro de pônei?

Talvez esse ficasse mais tempo. Fosse mais aberto a perguntas do que o anterior.

Evangeline deu meia-volta, o rosto radiante.

— É ele?

O Guardião assentiu.

Um sorriso brilhante iluminou o rosto adorável dela, que saiu correndo no sentido oposto, na direção em que ficavam os cavalos.

— Evie, espere — o Guardião gritou, mas ela já estava longe.

Braços e pernas acelerados. Queixo baixo. Cabelos soltos e rebeldes ao vento.

Ele riu, indo atrás dela sem pressa.

— Quer dizer que o treinamento de hoje acabou?

Sim, estava falando sozinha.

E estava sozinha.

Quem era *ele*? Minha curiosidade falou mais alto, então segui os dois.

Não demorei muito para alcançá-los. Evangeline ainda corria a toda velocidade enquanto o Guardião a seguia com passos lentos, deixando que ela continuasse à frente.

Chegaram à clareira junto com um grupo de três patrulheiros que entrava em Treow.

E, com eles, meu marido.

Eu não sabia o que sentir ao ver seu rosto. Felicidade. Alívio. Irritação. Culpa. Raiva.

Veio tudo de uma vez, deixando-me zonza.

Zavier estava altivo em seu cavalo, o rosto imperscrutável. Era exatamente a mesma expressão de quando me deixara naquele primeiro acampamento. Estoica e séria.

Seu olhar percorreu a clareira, passando do rosto do Guardião para o meu, demorando um instante, até a garotinha prender toda a sua atenção.

Ele saltou do cavalo, deixando o animal livre para sair andando, e se ajoelhou com os braços abertos.

Evangeline se jogou em seu peito.

— Papai!

Hum...

Quê?

24

O refeitório estava repleto de risadas e conversas. Toda Treow parecia estar espremida lá dentro essa noite, o salão vibrando de emoção pelo reencontro dos patrulheiros com suas famílias.

Um homem chamado Rafe estava na mesa ao lado, a esposa apoiada num joelho enquanto o bebê deles balançava no outro. Sua barba continuava tão espessa quanto estava na sala do trono semanas antes e ainda trançada sob o queixo.

Marlowe, uma das patrulheiras de Zavier que não chegou a ir a Quentis, estava sentada ao lado de Mariette, sua mãe. A zeladora estava com um sorriso no rosto pela primeira vez desde que eu chegara a Treow por causa do retorno da filha em segurança.

E o terceiro patrulheiro, Hale, estava de mãos dadas com o marido. Eles sentavam no centro do refeitório, mas, pela maneira como não tiravam os olhos um do outro, pareciam ser as duas únicas pessoas em toda Turah.

— Isso me faz lembrar de casa — Brielle falou na cadeira ao meu lado, a tristeza turvando seus olhos.

Jocelyn pousou uma mão reconfortante no ombro dela. Enquanto Jocelyn havia entrado numa rotina, como eu, adaptando-se à vida em Treow, Brielle vinha se retraindo. Parecia mais melancólica e nostálgica a cada dia. Ver o reencontro daquelas

famílias quase a levou às lágrimas.

— Sinto tanta saudade de casa que dói — ela lamentou. — Você não?

— Sim.

Não.

Talvez eu devesse me sentir triste. Sozinha sem minha família.

Mas não sentia falta de Quentis. Não de verdade. Sentia falta do som do oceano. Sentia falta dos doces fresquinhos que o chef do castelo assava toda manhã. Da risada de Arthy quando eu levava alguma guloseima escondida para seu quarto.

Mas o resto? O castelo. A cidade. Meu pai e Margot.

Eles cruzavam cada vez menos minha mente. E quando isso acontecia, tudo que eu sentia era o peso da responsabilidade sobre meus ombros.

Espionar para meu pai. Matar para meu pai. Encontrar Allesaria para meu pai.

E como eu faria isso? Estava presa. Sem a porra de uma saída.

Talvez fosse por causa do meu pai que eu não sentia falta de casa. E quando pensava nele, imaginava a decepção ao me ver fracassando completamente.

— Alteza. — Jocelyn cutucou meu cotovelo com o dela, apontando com o queixo para a porta.

Caiu um silêncio sobre o refeitório. Um silêncio causado por um homem silencioso.

Zavier estava à porta, os braços entrelaçados atrás das costas, a postura rígida. Acenou para seu povo, depois olhou para mim.

Uma convocação.

Eu não tinha terminado de comer, mas não estava com muito apetite. Não desde que vira Evangeline se jogar nos braços de Zavier.

Nos braços do pai.

Eu tinha passado menos de um dia na companhia dele, que era

tão estranho para mim quanto a maioria das pessoas nesse ambiente. Mesmo assim, ficara magoada por ele não ter me contado sobre a filha.

— Preciso ir — falei para as duas e me levantei. — Até amanhã.

Brielle forçou um sorriso.

— Boa noite, alteza.

— Odessa. — Não adiantava, mas corrigi mesmo assim.

Ninguém falou nada quando passei por entre as mesas para encontrar Zavier. Precisava admitir que os turanos eram discretos em relação a fofocas. Em Roslo, os sussurros e boatos já estariam se espalhando antes mesmo de eu me levantar da cadeira.

Zavier acenou para o salão inteiro, dando permissão para todos retomarem a conversa. Abriu a porta e me guiou para a luz suave do anoitecer.

Não disse nada enquanto nos afastávamos da área comum. Assim como não falou comigo na clareira. Ele havia dedicado toda a atenção a Evangeline, levando-a dali sem nada além de um aceno para mim e o Guardião.

Esse reencontro era inevitável. Mesmo assim, eu não queria conversar. Todas as perguntas. Todos os questionamentos. Era a minha chance de conseguir respostas. Mas tudo que eu queria era adiar a conversa por mais um dia, dez ou vinte.

Tinha o pressentimento de que não estava preparada para a verdade.

— Como você está, Odessa? — ele perguntou enquanto seguíamos pela trilha estreita vazia que levava à área de treinamento. Longe das casas nas árvores.

— Bem. E você?

— Bem.

Abri a boca. Fechei. Tentei de novo. Desisti.

Desconfortável não chegava nem perto de explicar essa situação. Mesmo andando, eu não conseguia parar de me mexer.

— Então... — falei. — Você tem uma filha.

— Sim.

— Teria sido bom saber.

Ele passou a mão no queixo. Era a mão que ele havia enfaixado no casamento. Será que tinha uma cicatriz que desbotava a cada dia, como a minha?

— Eu e você não passamos muito tempo juntos.

— Não, não passamos. Escolha sua, não minha.

Eu nunca tinha pedido para ele ficar longe. Nunca tinha pedido nada disso. Era tudo obra dele. Desde a sala do trono, era tudo coisa de Zavier.

E, agora, eu não era apenas uma esposa, mas uma madrasta também.

Quando meu pai se casou com Margot, ela sabia que ele era pai. Sabia que assumiria a responsabilidade pela filha dele.

Era por isso que Zavier havia se casado comigo, e não com Mae? Porque achava que eu seria uma madrasta melhor para Evangeline?

Bom, errado ele não estava. Mae não fazia o tipo maternal. Mas ainda assim era um novo choque. Um novo segredo. Eu estava tão, mas *tão* cansada de ser a última a saber das coisas.

— Evie tem quatro anos — ele falou. — Pouquíssimas pessoas sabem que ela é minha filha.

— Ou seja, não conte para ninguém — murmurei. — Se eu não a tivesse seguido hoje, você teria me contado?

— Não.

Foi brutal. Honesto. Tentei disfarçar a careta.

— Não quero que ela se envolva na vida da corte — ele completou.

Justo. Como uma mulher que fora obrigada a se casar e assinar um tratado mágico, eu não recomendaria a ninguém ser *princesa*.

Será que Turah era o próximo reino na fila do Escudo de Pardais? Se as famílias reais de Calandra soubessem de Evangeline,

ela seria a próxima princesa forçada a se casar para cumprir o tratado?

Tudo dependia da próxima geração das famílias reais. Se ela fosse a única princesa, Turah a entregaria.

Zavier a entregaria.

A menos que ninguém soubesse da existência dela. Nem mesmo os vosters.

— E a mãe dela? — Era a tal de Luella?

Ai, caramba. Será que era por isso que ele não havia consumado nosso casamento? Estava apaixonado pela mãe de sua filha?

Quando se tratava do Escudo de Pardais, o amor não importava. Zavier teria sido forçado a se casar de qualquer jeito. Talvez achasse que eu seria mais compreensiva do que Mae.

— Ela morreu — ele respondeu. — No parto.

— Sinto muito. — Mesmo estando mais confusa do que nunca.

— Evie passou a maior parte da vida em Treow e Ellder. Fico com ela sempre que posso, mas...

Mas ele era um príncipe com obrigações. E, se passasse tempo demais com a filha, as pessoas desconfiariam.

— Como vocês escondem?

— Ela aprendeu desde cedo a guardar segredo.

— Mas chamou você de papai hoje.

Ele apertou os lábios.

— E chamei a atenção dela de que esses deslizes não podem acontecer.

— Ah. — *Opa*.

Demos mais alguns passos, minha mente ainda atordoada.

— Não sei o que fazer sobre isso.

— Não há nada a fazer.

Ele a esconderia para sempre? Nunca poderia assumir a filha?

Eu conseguia entender por que ele a escondia. Mas ficava com o coração partido por ela. E por ele.

— Você se importa se eu criar uma relação com ela? — perguntei. Talvez fosse só saudade do meu irmãozinho, mas queria fazer amizade com aquela menina. Aquela filha. — Não vou trair seu segredo. Vou entender se preferir que não, mas eu gostaria...

— Sim. Pode se aproximar dela.

— Obrigada.

Ele parou e me encarou por um longo momento, os olhos vasculhando os meus. Levou a mão ao peito e fez uma leve reverência.

Era o mesmo gesto que o Guardião havia feito e recebido do sumo sacerdote voster. O que significava?

Antes que eu pudesse perguntar, Zavier voltou a seguir a trilha.

— Está gostando de Treow?

Ele estava perguntando porque eu ficaria ali por muito tempo?

— Tem sido surpreendente. Mas estou gostando.

Era a verdade. Eu gostava de minha casa na árvore. Do meu tempo com Tillia. Gostava de ter certas liberdades.

— Que bom.

— Minhas damas de companhia estão hospedadas com pessoas diferentes. Seria possível deixá-las juntas? Uma delas está com muita saudade de casa. Acho que passar mais tempo com uma amiga ajudaria. Por favor.

— Vou cuidar disso assim que acordar amanhã.

— Obrigada.

Por favores. Obrigados. Ao menos nosso casamento era educado.

— Onde você estava? — perguntei.

— Viajando.

Evie também recebia essas respostas vagas? Ou eram apenas para mim?

— Algum dia vou *viajar* com você? Ou vou ter que ficar por aqui?

Zavier ficou em silêncio.

— Você simplesmente ignora as perguntas que não quer responder?

— Às vezes.

— É bem irritante.

Ele sorriu.

— Evie diz o mesmo.

— Menina esperta.

— É mesmo — ele concordou. — Aqui é mais seguro para Evie. E para você também. Mas em breve vamos a Ellder. Por mais que eu adore Treow, não é um bom lugar para estar quando a migração dos crux começar.

Meu coração e minhas esperanças caíram por terra.

Se ele pretendia me manter em Ellder, não partiríamos para Allesaria antes da migração.

Eu não teria como mandar informações para meu pai. Não sem poder sair de uma fortaleza. E, se meu pai estivesse certo, nosso povo morreria, como morria havia gerações sempre que os crux voavam.

O que eu havia feito? Como poderia resolver isso? Haveria alguma forma de fazê-lo mudar de ideia?

Minha cabeça estava a mil, girando diante das impossibilidades, de modo que, quando chegamos à minha casa na árvore, demorei a reconhecer minha própria escada de corda.

— Boa noite, Odessa.

Pisquei, voltando a mim.

— Ah, hum, boa noite, Zavier.

Dê um jeito nisso. Faça alguma coisa. Qualquer coisa.

Antes que ele pudesse sair andando, fiquei na ponta dos pés e dei um beijo em sua bochecha. Seu rosto estava liso e a pele cheirava a cedro e sabonete.

Ele não se esquivou, mas seu corpo ficou tenso. Quando coloquei os calcanhares de volta no chão, havia algo parecido com

pena em seu olhar.

— Não sei por que fiz isso. — Fechei os olhos, balançando a cabeça, desejando poder voltar atrás. — Desculpa.

— Não precisa pedir desculpa. — Ele levou a mão à minha bochecha. Sua palma era calejada, algo incomum para um príncipe. Mas ele não era nada parecido com qualquer príncipe que eu conhecia. Não era mimado ou cruel. Não era pomposo ou arrogante.

Ele tirou a mão e eu prestei atenção ao som de seus passos se afastando. Abri um olho e esperei até ele ter ido embora para afundar o rosto entre as mãos e resmungar.

— Argh. — Chutei um monte de terra e comecei a subir minha escada de corda. Quando cheguei à varanda, entrei a passos arrastados, prestes a tirar as botas, mas congelei ao dar de cara com um visitante.

— Noite longa, minha rainha? — O Guardião estava esparramado na minha cama, os braços atrás da cabeça.

— Saia da minha cama. Agora. — Levantei as mãos, os dedos abertos e flexionados, e os imaginei em volta de seu pescoço. Seria tão bom estrangular aquele homem agora. — Vá. Embora.

Ele cruzou os tornozelos, como se estivesse se ajeitando para uma soneca.

— Não tem nenhum respeito pelo espaço particular dos outros? Ou é só o meu que você insiste em invadir? Tem medo de ficar sozinho? É por isso que está sempre aqui?

— Acho que nós dois sabemos como é ficar sozinho.

Era vulnerabilidade em sua voz? Ou ele só estava me provocando?

Seu maxilar estava cerrado, a irritação estampada no rosto. Mas havia algo em seus olhos cor de avelã que contradizia sua expressão. Mostrava que ele tinha vindo para não ficar sozinho.

Ou para que eu não ficasse sozinha.

Antes que eu tivesse tempo de entender melhor, seus olhos mudaram, voltaram a ficar duros e raivosos como sempre.

— Onde é sua casa?

— De novo essa conversa? — Tirei uma bota. Se fosse invadir meu quarto, que aguentasse o chulé. — Roslo. Embora, no momento, seja esta linda casa na árvore. Próxima pergunta?

Os olhos do Guardião ficaram prateados.

— Cuidado.

— Com o quê? — Tirei a outra bota, tentada a atirar nele. — Não tenho medo de você.

Ele era irritante. Mas não chegava a ser uma ameaça. O Guardião nunca me machucaria.

— Mais alguma pergunta? Ou podemos encerrar por hoje?

— Com quantos homens você já dormiu? Sei que está ansiosa para se deitar com Zavier, mas um conselho: ele não gosta de mulheres tão desesperadas.

Meu queixo caiu. Minha respiração acelerou e minhas bochechas coraram. Claro que ele tinha me visto passar vergonha lá fora. Esse homem estava sempre à espreita, pronto para jogar minhas humilhações na minha cara.

— Saia.

Ele saltou para fora da cama e atravessou o quarto tão rápido que, quando pisquei, ele já estava diante de mim. Chegou tão perto que quase encostou o nariz no meu. Ao falar, sua respiração roçou minha bochecha.

— Seu pai a mandou para espionar?

— Não. — A resposta foi rápida demais, nervosa demais.

Ele bufou e saiu pela porta em outro piscar de olhos.

— Passei no teste?! — gritei atrás dele.

Ele respondeu soltando a escada de corda e deixando que caísse no chão. Depois, subiu no corrimão da minha varanda e pulou para a dele.

— Acho que não — murmurei.
Ele bateu a porta da sua casa.

25

— Evangeline. — O jeito paternal de Zavier de falar tinha o equilíbrio perfeito de carinho e firmeza. — Se continuar fugindo, Luella vai achar que você não gosta das lições.

— Eu *não* gosto. — Ela cruzou os braços diante do peito e fez biquinho.

— Nem de ciências?

Seus olhos cinza grandes ficaram suplicantes.

— Quero ficar com você.

Zavier suspirou, voltando os olhos para o céu da tarde.

Ele cederia. Quando se tratava daquela menina, ele não tinha pulso. Ninguém parecia ter. Ela tinha toda Treow na palma da mão.

— Está bem — ele concordou. — Pode ficar conosco. Mas depois você vai fazer as lições.

O sorriso dela era contagiante.

— Tá bom.

Estava quente hoje, o sol brilhando através dos galhos. Quase quente demais para aproveitar a caminhada por Treow.

Quase.

Nos últimos cinco dias, desde que chegara ao acampamento, Zavier visitava minha casa na árvore e me convidava para dar uma volta durante a tarde.

Pegávamos sempre o mesmo caminho. Seguíamos no mesmo ritmo tranquilo. Conversávamos sobre os mesmos assuntos inofensivos. O clima. O jantar da noite anterior. Meu regime de treinamento com Tillia. E, quando esgotávamos esses assuntos, ficávamos apenas andando, lado a lado, até voltarmos para a minha casa na árvore.

Esse era o primeiro dia em que Evangeline criou coragem para nos seguir. Por dez minutos, ficou se esgueirando atrás de nós, correndo de árvore em árvore. Até que Zavier parou e se virou, flagrando-a numa corridinha.

Ela ficou entre nós e segurou a mão dele, lançando-me um olhar desconfiado.

Evie ainda não falava comigo. Para uma menina tão corajosa, parecia nervosa perto de mim.

Era porque sabia que eu estava casada com Zavier? Ou porque eu era uma forasteira? Ou porque o Guardião a avisara para não confiar em mim?

Voltar uma criança contra mim parecia bem a cara dele.

Já fazia cinco dias que eu não o via, não que eu estivesse contando. Pelo visto, ele não precisava ser minha *babá* quando Zavier estava ali.

Por mim, tudo bem.

— Oi — falei, abrindo meu sorriso mais gentil para ela. — Sou Odessa.

Ela se encolheu na perna de Zavier, doce e tímida, o rosto mais precioso do mundo.

— Oi.

Zavier pareceu estranhar, e senti um friozinho na barriga.

Talvez houvesse alguma esperança para esse casamento. Como pai, Zavier era diferente do homem entediado e distante que eu havia conhecido semanas antes. Seu instinto de proteção pela filha era encantador.

— Pap... — Evangeline se corrigiu no meio do deslize. — Zavier?

Isso partiu um pouco meu coração.

— Posso ir com você quando partir? — ela perguntou.

— Vai viajar de novo?

Ele abriu a boca para responder a uma de nós, mas sua atenção se voltou à floresta. Ergueu a mão para fazermos silêncio e uma ruga se formou entre suas sobrancelhas.

Perscrutei a floresta, buscando o que quer que ele tivesse ouvido. Mas, além de alguns pássaros cantando e esquilos papeando, só havia o som de uma ou outra pinha caindo.

Ele ficou prestando atenção por mais um momento, o rosto tenso, até soltar o ar e a preocupação desaparecer.

— Que foi? — perguntei.

Evie estreitou os olhos, tentando espreitar as sombras ao longe. Seu rosto se iluminou quando um homem surgiu andando pelas árvores a passos quase silenciosos.

O Guardião.

Minha babá voltara.

Senti um calor no peito.

Azia. Devia ser azia. Os cozinheiros colocaram pimenta nos ovos essa manhã. O café da manhã tinha sido apimentado e agora eu estava com azia.

Zavier soltou a mão de Evie quando o Guardião se aproximou. Eles se cumprimentaram com um aperto de antebraços, e Zavier perguntou:

— Como foi?

Havia algo sério no rosto do Guardião. Brusco. Ele olhou para Evangeline, a expressão se suavizando um pouco, e sinalizou para Zavier segui-lo para fora da nossa trilha.

Nem sequer olhou na minha direção.

Por mim, tudo bem.

Eles se afastaram, de costas para nós. Para *mim*.

Evie fez sinal com o dedo para eu chegar mais perto e cochichou:

— Ele vai lutar contra os monstros. Os maus.

Os maus?

— Como ursures e onças-áureas?

— Não — ela respondeu. — Os doentes.

Monstros doentes.

— Como assim?

— Evangeline! — A voz de uma mulher ecoou pela floresta.

Os olhos da menina se arregalaram. Ela se virou, prestes a fugir e se esconder atrás de uma árvore quando a mulher a deteve.

— Estou vendo você, Evie. Não se atreva a fugir de mim.

Evie olhou para baixo, mordendo o lábio.

Uma mulher desceu pela trilha, avançando em nossa direção. Era linda, com um corpo esguio e gracioso. Seu cabelo castanho comprido estava em uma trança grossa como a minha caída sobre o ombro. Ela andava com elegância, me lembrava Margot. A coluna reta, os ombros firmes, a cabeça erguida.

Não era arrogância nem superioridade. A postura daquela mulher era apenas perfeita.

Ela parou na nossa frente, os olhos verdes se estreitando.

— E então?

— Desculpa, Luella — Evangeline murmurou.

Luella suspirou, agachando-se na frente da pupila.

— Fico assustada quando você foge.

— Mas se eu falar para onde vou, você não deixa.

Apertei os lábios para esconder o sorriso. Em algum momento devo ter falado algo bem parecido aos meus tutores.

Luella relaxou, passado o medo de ter perdido Evangeline, e se levantou, olhando para mim com um leve sorriso.

— Você deve ser Odessa. Prazer em te conhecer.

— O prazer é meu. — Fiz uma leve reverência.

Nunca tinha feito reverência a nenhum de meus tutores, mas o gesto surgiu naturalmente, como se a elegância de Luella exigisse esse respeito.

— Odessa. — Virei ao ouvir a voz de Zavier. — Desculpa, mas preciso interromper nosso passeio. Há algo que exige minha atenção.

— Claro.

Ele assentiu e se abaixou para passar o polegar no rosto de Evangeline.

— Vá com Luella.

Os ombrinhos dela se afundaram.

— Está indo embora?

— Ainda não. — Ele a puxou para sua perna, dando um abraço rápido.

Meu olhar se voltou ao Guardião.

Seus olhos cor de avelã me encaravam.

Não havia nenhum sorrisinho hoje. Não havia provocação ou malícia em sua expressão.

Algo estava errado. Algo havia acontecido.

Um arrepio me percorreu.

— Vamos? — Luella apontou para a trilha como se fosse guiar tanto a mim como Evangeline para longe.

Segui as duas até a área comum e me despedi com um aceno. Passei por entre as árvores, vasculhando os rostos até encontrar quem buscava.

Brielle estava pendurando roupas lavadas no varal. Minhas roupas.

Fiel a sua palavra, Zavier havia colocado Brielle e Jocelyn numa casa na árvore só delas. A privacidade e a companhia de uma amiga fizeram maravilhas por ela. Estava menos taciturna e mais feliz do que estivera desde nossa chegada a Treow.

— Alteza. — Ela fez uma mesura. — Está tudo bem? Precisa de

algo?

— Não. — Parei a seu lado e olhei ao redor, confirmando que estávamos a sós. — Ouviu alguma coisa sobre monstros doentes?

Sua testa se franziu.

— Monstros doentes? Não. O que isso significa?

— Não sei. — O que fazia um monstro ficar doente? — É um boato que ouvi hoje.

— Não ouvi nada sobre monstros. — Ela abaixou a voz. — Mas soube de algo ontem à noite depois que você se retirou para seu quarto. Eu voltava para casa quando ouvi uns homens conversando na fogueira. Fiquei, hum, escutando.

Desde a chegada de Zavier, Treow estava mais agitada. Ou talvez fosse por causa dos guerreiros que vieram com ele. Nas últimas cinco noites eles acenderam uma fogueira perto da área comum. As pessoas se reuniam e bebiam enquanto contavam histórias. Jocelyn e Brielle iam lá todas as noites, depois me contavam tudo no café da manhã.

Mas ninguém me convidara para participar. Nem Tillia.

Depois de uma série de noites emburrada por ter sido deixada de fora, entendi que aquilo era obra do Guardião. O motivo para tirar minha escada de corda toda noite.

Ele não queria que eu fosse para a fogueira. Que eu ouvisse o que quer que os turanos queriam manter em segredo.

— O que você ouviu? — perguntei.

— Que alguns homens desapareceram de Treow.

— Desapareceram? Foram embora? Ou foram levados?

— Não sei. Um deles percebeu que eu estava escutando, por isso pararam de conversar.

Então eles escondiam suas histórias de Brielle também.

Esperto.

— Jocelyn contou que ouviu alguém falando sobre a milícia do rei. Ele está recrutando mais homens. Acho que um dos

mensageiros de pônei pediu demissão para se alistar. Talvez os homens tenham ido para lá.

Por que Ramsey precisaria formar uma milícia? Para a migração dos crux? Ou para uma guerra?

Meu pai havia me falado que precisava entrar em Allesaria. Mas não chegou a declarar que mandaria tropas. Eu que tinha feito essa suposição. E se ele não planejasse invadir? E se fosse tudo uma reação às ações de Ramsey?

— Hum. — Quando estávamos na costa, os homens que carregavam nossos baús mencionaram a milícia. Ramsey devia estar recrutando gente de todo o reino.

Chamando para Allesaria, talvez?

— Ouviu algo sobre Allesaria?

— Não. — Ela franziu a testa. — Perguntei a Mariette uma vez. Ela já não falava muito comigo, mas, depois que mencionei a cidade, passou dias me ignorando.

— Comigo aconteceu a mesma coisa. — Sempre que eu mencionava Allesaria, cortavam a conversa ou mudavam de assunto.

Era quase como se a cidade fosse um mito. Uma lenda.

E se Allesaria não existisse?

Talvez meu pai não tivesse conseguido encontrar a capital turana porque não existia uma capital turana. Não fora reconstruída. E, sem uma capital, não havia nada que meu pai pudesse encontrar para nos ajudar contra os crux.

Não. Impossível. As crianças aprendiam as capitais de todos os reinos. Eu sabia sobre Allesaria desde que tinha idade suficiente para ler e escrever.

Existia. Em algum lugar.

Não?

— Nunca vamos descobrir nada se ficarmos aqui — falei.

Brielle se abaixou para pegar uma túnica limpa e pendurar no

varal.

— Parece, alteza, que é esse o objetivo.

Eles haviam nos prendido ali.

Por semanas, eu havia aceitado esse lugar. Estava esperando, achando que em algum momento partiríamos para Allesaria. Mas Zavier me levaria para Ellder. Eu seria um completo fracasso. E meu povo pagaria o preço.

Para encontrar Allesaria, algo precisava mudar.

Eu. Eu precisava mudar.

Poderia fazer perguntas até cansar e ninguém me responderia. O que exatamente era um monstro doente? Tinha alguma relação com o sangue verde que eu vira escorrer da enguia-óssea e do ursur morto? Por que o rei Ramsey estava queimando livros e formando uma milícia? O que acontecia em Turah e quantos segredos esse povo guardava além da localização de sua capital?

Estava na hora de parar de esperar que os turanos me dessem informações.

Estava na hora de começar a agir como uma espiã.

Estava na hora de encontrar uma saída de Treow.

26

Brielle estava sentada na beirada da minha cama, franzindo a testa enquanto me observava pentear o cabelo molhado.

— Essa é a pior ideia que você já teve.

Errada ela não estava.

— Preciso tentar — respondi.

— E se formos pegas?

— Provavelmente vão trancar cada uma em sua casa na árvore. — Minha escada de corda provavelmente deixaria de reaparecer toda manhã, e eu ficaria presa nesse quarto para sempre.

Mas eu não deixaria o medo de ser pega me impedir de seguir meu plano. Podia não ser nenhuma grande espiã ou princesa ou guerreira, mas tinha certa prática em sair às escondidas.

Brielle era minha cúmplice a contragosto. Havíamos decidido manter Jocelyn fora dessa confusão para que pudesse alegar ignorância se, ou *quando*, fôssemos pegas.

— E se você for comida por uma onça-áurea ou um barilobo? — ela perguntou.

— Você vai poder voltar para casa.

— Alteza. — Ela fez uma careta. — Não fale assim. E não faça isso. É arriscado demais.

Abri um sorriso triste para ela.

— Preciso fazer. Preciso tentar.

Ela hesitou por um momento.

— Por quê?

Porque se eu desistisse agora, que tipo de pessoa seria?

Meu pai podia não ser um homem carinhoso. Era sério e rigoroso e inflexível. Mas era justo e, mais do que qualquer coisa, servia a seu povo. A sua coroa. A seu reino.

Eu podia não saber todos os detalhes, mas confiava que ele havia me dado essa missão por um bom motivo. Confiava que ele não era um assassino nem um conquistador. Que, se mandasse suas tropas a Turah, não seria para massacrar os inocentes sem dó nem piedade.

Ele não falara que planejava uma guerra. Ele falara que precisava encontrar Allesaria. Que precisava de um caminho para entrar na cidade. Que queria descobrir um jeito de quebrar o Escudo de Pardais e me libertar.

Se eu fosse uma princesa melhor, uma princesa altruísta, a ideia de liberdade não seria tão tentadora.

O que eu faria se minha vida fosse minha? O que faria se pudesse me libertar do casamento com Zavier? Se a chave para salvar meu povo não dependesse de mim?

Quem eu me tornaria se não estivesse à mercê de homens?

Uma aventureira? Uma viajante? Uma escritora? Uma artista que percorria o mundo sem se importar com os dedos manchados de carvão ou tinta?

Nunca havia me permitido sonhar com essas possibilidades. Nunca me dera o luxo dos sonhos. Se eu pudesse ser quem eu quisesse nesse mundo, qual seria a minha escolha?

Eu queria descobrir.

Portanto, deixaria Treow hoje. Encontraria a estrada para Allesaria. Descobriria o que estava acontecendo em Turah, com os monstros doentes e os livros queimados.

E, ao fazer isso, talvez me libertasse.

Não seria uma noiva de recompensa, não seria uma Pardal.

Se eu fracassaria? Provavelmente. Mas talvez, quem sabe, eu encontrasse uma saída. Para mim. E para a próxima princesa que quisesse *escolher*.

Eu era mais capaz do que minha família imaginava. Era mais do que eu mesma me permitia acreditar. Havia uma menina dentro de mim que um dia criara coragem para pular de uma falésia. Aquela menina fora sufocada e reprimida. Escondida exceto por esses momentos furtivos de bravura.

Estava na hora de deixar que ela abrisse as asas para voar.

Joguei o pente ao lado de Brielle na cama.

— Não falaram nesses termos, mas minha família acha que vou fracassar. Existe um motivo para meu pai ter escolhido Mae como Pardal, não eu. E quando saí de Roslo, no fundo também achei que fracassaria. Estou cansada de ser colocada de lado. Cansada de ser ignorada. Quero provar para eles, para mim mesma, que sou mais do que um símbolo de negociação.

Os olhos de Brielle se suavizaram.

— Você quer o amor deles.

— Não sei se eles são capazes de amar. — Provavelmente não como a família de Brielle a amava. — A confiança e o respeito deles já bastariam para mim. Quem sabe um pouquinho de fé de que não sou uma completa inútil.

De que talvez eu pudesse ser uma rainha.

— Se vale de algo, não acho que você seja inútil nem um fracasso — Brielle falou. — E confio em você.

Isso foi fofo.

— Obrigada. Também confio em você.

Tanto que, nos últimos quatro dias, eu contara a ela que tinha um plano para espionar. Que meu pai havia me encarregado de entrar em Allesaria. Que havia me pedido para descobrir sobre os

poderes do Guardião. Quando contei que meu pai tinha me pedido para matar o Guardião, ela fez a gentileza de não rir.

Ainda havia segredos entre nós. Eu não tinha contado que Zavier podia falar. Nem mencionara Evie. Mas todo o resto, sim.

— Tem certeza de que não quer esperar? — ela perguntou. — Talvez ainda nos levem para Allesaria.

— Não vão levar — respondi. — Vamos ficar em Ellder durante a migração. E o Guardião já desconfia que estou espionando para meu pai.

— O que é verdade.

— O que é verdade. Os crux estão vindo. Se tivesse anos pra fazer isso, pensaria em outro plano. Mas talvez não tenha mais uma chance como essa.

Fui até o espelhinho pendurado na parede ao lado da banheira e observei minha confusão de cachos. As espirais vermelhas e laranja estavam brilhantes sob as claraboias, os fios secando rapidamente com o calor da tarde.

Com exceção de Brielle e Jocelyn, todos em Treow me conheciam com o cabelo castanho. E, com exceção de Brielle e Jocelyn, todos que me conheciam melhor em Treow tinham ido embora.

Zavier viajara com Evangeline e Luella. Tillia e Halston os acompanharam como guardas para onde quer que estivessem indo.

O Guardião também tinha sumido.

Até Cathlin deixara o acampamento e a biblioteca. Brielle havia sido encarregada de limpar sua casa na árvore vazia.

Todos partiram quatro dias antes, depois que o Guardião voltara da caçada aos monstros “doentes”.

Talvez achassem que Evie ficaria mais segura em outro lugar. Talvez Zavier tivesse surpreendido a filha com uma viagem a Perris. Talvez tivessem laçado um crux e o cavalgassem rumo às luas gêmeas.

Eu só sabia que eles haviam partido sem se despedir.

Não devia ser uma surpresa ter sido deixada para trás. Para os turanos, eu não era importante. Era uma forasteira. Algo secundário. Um fardo que precisava ser vigiado.

Um inseto a ser mantido preso num pote de vidro.

Não era tão diferente da vida que eu levava em Quentis.

Bom, não foram poucas as vezes que eu saíra às escondidas do castelo cheio de guardas do meu pai. Também podia sair às escondidas desse acampamento maldito.

— Estou rezando a Daria para que a sorte esteja do nosso lado — Brielle falou.

— Eu também.

Eu não tinha demorado muito para traçar um plano: apenas uma noite insone. Talvez fosse simples demais, mas eu tentaria mesmo assim. Às vezes, bastava um plano simples.

— O que você vai tentar descobrir? — ela perguntou.

— Qualquer coisa. — Qualquer pista sobre Allesaria. Não esperava encontrar um mapa, mas devia haver algum nesse reino maldito.

Ashmore parecia um bom lugar para começar a busca.

Só precisava chegar lá.

Ashmore era a cidade mais próxima de Treow. E o mercador que entregava as provisões ao mercantil do acampamento era minha melhor chance de passar pelas torres de vigia.

Enrolei os cachos e prendi num coque. Tirei um lenço cinza de cetim do armário e o coloquei sobre a testa, amarrando ao redor do cabelo.

— Está tudo coberto?

— Sim. — Brielle pegou minha bolsa da cama e a trouxe para perto. — Tem dinheiro suficiente?

— Tenho. — Ouro suficiente para alugar um quarto numa estalagem em Ashmore. Ouro suficiente para pagar um viajante

que pudesse me trazer de volta a Treow dali a alguns dias. — Lembra o que responder caso alguém pergunte onde estou?

— Sim. Seu ciclo menstrual chegou e você está mal. Me pediu para deixar você descansar.

— Ótimo. — Sempre que mencionava meu ciclo menstrual para os homens de Roslo, eles saíam correndo. Torcia para que fosse assim também em Turah.

— Não acho que o Guardião vá acreditar que você está mal.

Dei de ombros.

— É, acho que não.

Mas eu lidaria com a ira dele *se* fosse pega.

Para alguém que jurava não confiar em mim, me deixar sozinha era pedir para ter problemas. A culpa era dele e de mais ninguém.

Sem falar que havia uma chance, ainda que pequena, de eu voltar em dois ou três dias sem que ninguém em Treow percebesse minha saída.

— Consigo fazer isso — falei para ela e para mim mesma.

O sorriso de Brielle era doce e um pouco incrédulo. Ela teria duvidado de Mae? Provavelmente não.

Pendurei a bolsa transversal sobre o peito e saímos da casa na árvore em direção à área comum.

A carroça de provisões estava estacionada na frente do mercantil, a carga quase descarregada.

O condutor havia chegado na noite anterior. Agora que suas mercadorias estavam entregues, ele não demoraria para partir. Chegava à noite. Descarregava pela manhã. E partia. Toda vez. Como Ashmore ficava a um dia cheio de viagem, estaria lá antes do anoitecer.

— Queria que você pudesse levar aquele cavalo que tanto ama — Brielle sussurrou. — Assim ao menos teria um jeito de voltar.

— Eu também.

Freya vinha sendo um consolo. Era de longe minha turana

favorita. Mas as pessoas notariam seu desaparecimento antes do meu. Aprendera que os cavalos eram essenciais à vida turana. Era provável que organizassem uma busca para resgatar Freya e me deixassem apodrecer.

Portanto, meu plano era viajar na carroça de provisões.

Sairia escondida à vista de todos.

Eu e Brielle nos afastamos da área comum, seguindo a trilha de rodas que marcava o caminho que o mercador de provisões usaria para ir embora.

Chegamos longe o bastante das casas nas árvores e das construções para ter certeza de que ninguém nos veria da área comum. À sombra de uma árvore gigantesca, esperamos até ouvir o barulho das rodas.

Joguei os ombros para trás, prestes a sair para a trilha, quando Brielle pegou minha mão.

— Talvez eu devesse ir em seu lugar.

— Não. — Era minha ideia. Minha missão.

E duvidava que me matassem se eu fosse pega.

Brielle? Para eles, era dispensável.

— Além disso, está tarde demais para mudar os planos. — Apontei para suas roupas. — E você já está vestida.

Ela olhou para a calça e fez uma careta.

— Não sei como você usa isso. É tão apertada.

— Já me acostumei. — Era incrível como eu havia me adaptado ao estilo turano. E como era desconfortável voltar a usar um vestido.

Puxei as mangas compridas e justas do vestido cinza, sentindo falta do tecido fino e solto das túnicas que eu vinha usando nos últimos tempos.

Era Brielle quem estava de túnica, com o cabelo castanho trançado sobre um ombro, como eu costumava usar o meu. Hoje, ela era a princesa.

— Lá vem ele. — Tirei o lenço do cabelo e puxei os grampos para soltar os cachos.

Uma mulher de lenço chamaria a atenção dos guardas da torre de vigia? Talvez. Mas uma mulher com o cabelo vívido e desgrenhado? Com certeza. Eu chamaria atenção. Sem dúvida.

Mas estava contando com sua curiosidade, não sua desconfiança.

Hoje, eu não parecia nem um pouco com a princesa Odessa Wolfe, a mulher que tinha feito questão de cavalgar e correr e andar por todas as torres de vigia de Treow desde que havia chegado.

E, como todos haviam me deixado sozinha, eu começara a carregar uma besta em minhas caminhadas diárias.

Se ninguém me treinaria com as facas, eu me contentaria com a única arma que parecia relativamente simples. No começo eu tinha beliscado os dedos várias vezes tentando encaixar o virote na corda, mas depois consegui treinar a pontaria em árvores. Claro, as árvores não se moviam como um monstro ou um inimigo, mas eu errava cada vez menos.

Os guardas riam cada vez menos.

Hoje, eu não parecia nem um pouco a princesa que acenava para os guardas postados lá em cima antes de tentar acertar uma árvore indefesa. A moça que levava os dedos aos lábios e praticava assobiar até finalmente conseguir.

Tons, era um plano horrível, não? Brielle tinha certeza de que eu não sairia da floresta. Era provável que estivesse certa.

Eu deveria ter traçado um plano mais detalhado e confiável. Mas e se eu não tivesse mais uma chance como essa? E se o Guardião, Tillia ou Zavier nunca mais me deixassem sozinha? E se me levassem a Ellder e me detivessem atrás das muralhas de uma fortaleza?

Era agora ou nunca. Tinha que dar certo.

— Pronta? — perguntei a Brielle.

— Pronta. — Ela assentiu, endireitou a coluna e empinou o nariz ao sair da sombra da árvore.

Tinha passado anos com a família real, observando nossos comportamentos e maneirismos. Sabia chamar a atenção como uma rainha.

Quando ergueu a mão, o homem freou imediatamente os dois alazões atrelados à carruagem.

— Senhor.

— Pois não? — ele perguntou.

Ela foi até o lado dele, pegando uma bolsa de moedas. Havia ouro suficiente ali para comprar outros dois cavalos e uma carroça três vezes maior do que aquela.

— Minha dama de companhia precisa de uma carona para Ashmore. Eu preciso de alguns produtos antes da próxima semana, mas ela tem receio de fazer a viagem sozinha. O senhor poderia dar uma carona para ela?

Ele lançou um olhar demorado para a bolsa e depois para mim.

— Não voltarei a Treow nos próximos sete dias.

Brielle dispensou com um aceno.

— Ela só precisa de carona até Ashmore. Depois consegue encontrar um jeito de voltar.

Os olhos dele se estreitaram.

— Do que a senhora precisa? Por que não pede ao seu lojista?

— É um assunto particular. — Havia uma superioridade na voz de Brielle que lembrava muito Mae. Ela claramente havia aprendido uma coisinha ou outra com minha irmã.

O homem franziu a testa e, por um instante, tive certeza de que ele seguiria reto. Mas estendeu a mão, pegou a bolsa de moedas e a depositou no colo.

— Entre.

Puta. Que. Pariu.

Pelos seis tons, deu certo.

Corri até a carroça, quase tropeçando nas saias ao subir no banco. Sentei-me ao lado do homem.

Ele fechou a cara, mas puxou as rédeas e a carroça se moveu com um solavanco.

Meu coração batia tão forte que chegava a doer quando arrisquei um olhar para Brielle. Eu a veria em alguns dias. Ou em uma hora, quando flagrassem minha tentativa de fuga e me arrastassem de volta.

O condutor não falou mais nada. Ele deixou as rédeas dos cavalos mais folgada e a carroça deu outro solavanco ao ganhar velocidade.

O trotar dos cascos abafava o som das minhas respirações superficiais em pânico. Mais à frente, reconheci o perímetro e a torre de vigia mais próxima. Voltei o olhar para a frente.

Respire.

Meu corpo começou a tremer conforme chegávamos mais e mais perto.

Um assobio cortou o ar.

O assobio que os guardas faziam quando alguém estava saindo, alertando os outros sobre a partida. Era um sinal curto e estridente.

Assim que ouvi o som ecoar pelas árvores, o ar escapou dos meus pulmões.

— Obrigada, Daria — sussurrei.

— O que disse? — o homem questionou.

— Nada — murmurei, apertando os lábios para esconder o sorriso. A trilha batida se estendia das árvores para as planícies à nossa frente.

— Lá — o condutor resmungou, apontando para o horizonte. Era sua primeira e única palavra desde que havíamos deixado Treow.

Estreitei os olhos para a mancha escura no horizonte que se transformava devagar em telhados e construções de madeira.

Ashmore.

A viagem parecia interminável. O banco da carroça era desconfortável, e a infinidade de buracos na estrada fazia meus dentes baterem. Era angustiante estar de volta ao ar livre, desprotegida. Exposta ao ataque de algum monstro.

Mesmo com as facas amarradas às coxas embaixo das saias, eu tinha passado a viagem inteira observando as planícies em busca de predadores.

A viagem foi assustadora e emocionante. Um mergulho da falésia. Um salto no escuro.

Isso era liberdade.

E eu estava viciada.

O sol se punha na direção do horizonte, e o último trecho da viagem parecia durar dias, mas a estrada finalmente se abriu quando chegamos mais perto da cidade.

O condutor puxou as rédeas, desacelerando a parelha para uma caminhada quando chegamos a uma fileira de casas de madeira.

Um menino de chapéu de palha ergueu os olhos no quintal de grama falhada. A mãe dele estava na porta, os braços cruzados, a expressão neutra e atenta enquanto passávamos.

Ou ele não gostava do mercador.

Ou não foi com a minha cara.

Peguei o lenço, amarrando o cabelo rapidamente.

Outras casas ladeavam a estrada, e quanto mais perto chegávamos do centro da cidadezinha, mais próximas umas das outras elas ficavam. Muitas tinham pequenos cercados para cabras e galinhas. Um cachorro preso por uma corrente latiu quando passamos.

Tillia tinha me dito que as cidades em Turah haviam desenvolvido formas diferentes de se proteger dos monstros. Mas

Ashmore parecia com as cidades do interior de Quentis. Como essas pessoas se protegiam?

— E os monstros? — perguntei ao condutor.

— O que é que tem?

— Como vocês os mantêm longe da cidade?

Seu maxilar se cerrou.

— Não mantemos. Não mais.

Não mais? O que isso significava?

Antes que eu pudesse perguntar, ele puxou as rédeas com força, freando os cavalos.

— Fora.

Ele já tinha cumprido sua parte e estava na hora de eu sair.

Meus pés mal haviam tocado o chão quando ele deu um impulso nos cavalos. A roda da carroça quase passou por cima do meu pé antes que eu pulasse para longe.

— Obrigada pela carona — murmurei, fechando a cara para as costas dele.

Endireitei a postura, alisando a saia do vestido. Confirmei que a aba da bolsa estava fechada e, com a mão na alça, desci as ruas de Ashmore.

Um homem carregando uma lança passou, em direção à estrada. Ele ficaria de guarda hoje? Não deveria ter uma arma melhor? Aquela lança parecia mais um cajado para conduzir um rebanho de ovelhas e cabras, a arma amarrada apenas por um barbante. Não carregava facas ou espadas.

Quando notou que eu encarava, lançou um olhar que quase me fez sair correndo.

Ashmore não era uma cidade grande, e logo as casas deram lugar a lojas e comércios. As ruas eram pequenas e os edifícios separados por vielas estreitas. Ao lado da porta de cada construção havia um sino de bronze. Era o que usavam em vez de bater à porta?

O barulho das pessoas me envolveu como um cobertor macio,

me lembrando dos dias em que eu vagava pelo cais de Roslo. Mesmo nas noites em que o refeitório de Treow estava cheio de gente, não era o mesmo que o alvoroço de uma cidade ou vila.

As ruas eram dispostas em linhas ordenadas. Inspirei fundo, sentindo o cheiro de comida, cavalos, terra e lareiras. A fumaça subia de algumas chaminés, e meu estômago roncou, o nervosismo da fuga finalmente dando lugar à fome.

Eu tinha conseguido. Graças aos deuses. Fiz o sinal dos Oito e coloquei a mão no peito, no lugar do coração para que não ele escapasse.

Não sabia como tinha conseguido chegar ali. Meu plano bobo tinha dado certo. Minha risada foi abafada pelo barulho de outra carroça descendo pela rua.

Andei sem pressa, observando os prédios, procurando por uma biblioteca ou escola. À frente, no que parecia ser o centro de Ashmore, uma plaquinha pendurada indicava uma estalagem.

Comecei a atravessar a rua, desviando de cavalos, carroças e outros pedestres, quando uma risada grave chamou minha atenção.

Minhas pernas travaram, meus pés se cravaram na terra seca. Senti um frio na barriga.

Eu conhecia aquela risada.

Conhecia bem demais.

Virei devagar, preparando-me para uma explosão de fúria.

Claro que fora fácil sair de Treow. Tinha sido um dos testes do Guardião. Uma armadilha. Ele tinha nos seguido até Ashmore? Tinha cavalgado à frente para esperar enquanto o condutor me levava pelas planícies?

A risada ecoou de novo sobre todos os outros sons.

O Guardião estava na frente da taberna, com os braços cruzados diante do peito, apoiando-se no batente da porta aberta. Um sorriso se alargava em sua boca, um brilho bem-humorado nos olhos.

Mas ele não estava rindo nem sorrindo em minha direção.

A atenção dele estava numa mulher linda com o cabelo cor de palha. As curvas voluptuosas dela marcavam a túnica roxa e o decote ousado. Ela piscava as pálpebras e abria um sorriso sonso para ele, ficando na ponta dos pés para sussurrar algo em seu ouvido e arrancando mais uma de suas risadas roucas.

Ele estava tão concentrado na loira que o restante do mundo parecia não existir.

Espera. Ele não estava ali por mim, estava?

Estava por *ela*?

Eu estava no meio da rua, e ele não tinha nem piscado na minha direção. Estava no meio da rua e...

— Merda — sussurrei, virando e abaixando a cabeça. Puxei os fios mais compridos dos meus cachos sobre os ombros, torcendo para que, de costas, ele não conseguisse ver nada além do lenço.

Um homem passou a cavalo e corri para alcançá-lo, contornando-o na esperança de conseguir me esconder até a estalagem.

E se o Guardião não fizesse ideia de que eu estava em Ashmore? E se fosse uma coincidência? Ele tinha vindo a Ashmore para visitar a namorada e eu apenas tinha escolhido o pior momento para escapar?

Eu estava com a mente atordoada, meu coração tentando escapar do peito de novo, dessa vez de pânico. Segui com a cabeça baixa até ver um beco pelo canto do olho. Corri na direção do espaço entre as construções, adentrando a escuridão. Apoiei as costas na parede, inspirando fundo.

Me dei alguns momentos para me acalmar, depois me aproximei da saída do beco, espiando pela esquina.

O Guardião ainda estava na taberna, ainda sorrindo e rindo com a loira.

Um misto de alívio e ressentimento surgiu, tão rápido que revirou meu estômago. Talvez fosse a quantidade de estresse num

único dia.

Com a mão na lombar da mulher, o Guardião a guiou para dentro da taberna, ambos desaparecendo de vista.

Um gosto amargo se espalhou em minha língua.

Não era ciúme. Não dele.

Não, era irritação. Pura irritação. Uma irritação tão forte que turvava minha visão. Não ciúme.

— Não mesmo — murmurei, saindo do beco.

Ciúme ou não, queria evitar ser pega. Então corri para a estalagem do outro lado da rua e abri meu melhor sorriso para o estalajadeiro na recepção.

— Você tem algum quarto vago?

Por favor, fale que sim.

Ele me olhou de cima a baixo, fechando a cara ao notar meu vestido e o lenço na cabeça.

— Quantas noites?

— Uma. — No dia seguinte, de uma forma ou de outra, eu partiria de Ashmore. Quanto antes, melhor. Se o Guardião estava tão perto, era apenas uma questão de tempo até ele voltar a Treow. Eu não podia me demorar de jeito nenhum.

O recepcionista anotou algo no caderno e ergueu um dedo. Entrou numa sala, com toda a calma do mundo, e finalmente voltou com uma chave de latão.

— Quarto cinco. Segundo andar. Terceira porta à esquerda.

— Obrigada. Seria possível mandar o jantar para o quarto?

— Sim — resmungou. — Mas tem um custo adicional.

— Sem problema. Obrigada. — Troquei as moedas pela chave e subi para o segundo andar.

Quanto antes eu estivesse segura atrás da porta do meu quarto, melhor.

O corredor estava silencioso e minhas botas afundavam no carpete macio. Os pelos da minha nuca se arrepiaram quando

passei pelos outros quartos, como se as pessoas lá dentro me observassem, e apertei o passo até a terceira porta à esquerda. Minha mão tremia tanto que demorei um momento para conseguir inserir a chave na fechadura.

Abri a porta, entrando e fechando-a rapidamente. Apoiei a testa na superfície de madeira, soltando o ar e fechando os olhos.

— Que ideia horrível.

— Concordo.

— Ah! — gritei e virei para o quarto.

O Guardião estava no centro, as pernas afastadas, os braços cruzados diante do peito.

Uma brisa entrava pela janela aberta.

E ele parecia furioso.

— Olá, minha rainha.

Puta merda.

27

A raiva do Guardião pairava sobre o quarto como uma tempestade. A qualquer minuto um raio atravessaria o teto para me fulminar.

Seus olhos eram como prata derretida e, embora eu já desconfiasse que as cores mudavam de acordo com seu humor, agora eu tinha certeza.

Prateado era um mau sinal. Um *péssimo* sinal.

Recostei-me na porta, as palmas abertas na superfície, desejando poder escorrer para o outro lado e escapar.

— Que merda você tinha na cabeça? — Ele andava de um lado para o outro entre a cama e a parede, os punhos cerrados. Seu corpo inteiro vibrava como se estivesse à beira de uma explosão.

Até onde eu conseguiria chegar se saísse correndo? Minha mão deslizou pela porta e se fechou ao redor da maçaneta.

Ele parou de andar, lançando-me um olhar fulminante.

— Nem pense em sair.

Deixei a mão pender ao lado do corpo.

Deveria pedir desculpas? Implorar perdão? Inventar alguma desculpa ridícula sobre como me perdi a caminho da área comum e fui parar em Ashmore?

Como ele havia me encontrado? Como chegara ao meu quarto?

A menos que meu palpite estivesse certo. Era tudo uma

armadilha. Ele havia preparado a arapuca e eu mordi a isca sem pensar duas vezes.

Então o que era aquele showzinho na taberna? Ele fingindo não saber que eu estava na rua enquanto flertava com aquela loira. Apenas uma encenação para acabar comigo?

Bom, deu certo.

Eu não tinha escapado de Treow.

Os guardas da torre de vigia haviam deixado eu sair.

Deviam ter dado boas risadas da minha tentativa ridícula de disfarce.

— Puta que pariu. — O Guardião passou a mão no cabelo, os fios mais claros em cima refletindo a luz. — Tem noção de como isso foi imprudente?

Ergui as mãos em sinal de rendição.

— Desculpa.

Não que eu estivesse arrependida. Mas quando meu pai estava de mau humor, um pedido de desculpas conseguia acalmar seu temperamento. Um pouco.

— *Desculpa*? — Ele deu um passo para trás, como se não confiasse em si mesmo para chegar muito perto. — Porra, Cross. Aqui não é Quentis. Todo dia morrem pessoas em Turah. Todo. Dia. Porra. Pessoas que passaram a vida inteira neste reino. Pessoas mais bem preparadas para enfrentar os perigos do que uma princesinha mimada.

Ele gritava tão alto que todos na pousada, todos em Ashmore, deviam estar ouvindo ele me chamar de mimada.

— Então por que me deixaram sair? — Eu me afastei da porta e levantei a voz.

Sua respiração ficou mais pesada.

— Vou descobrir quando voltarmos a Treow amanhã.

— Hum... — Inclinei a cabeça. — Então os guardas da torre de vigia não sabiam que era eu?

Ele bufou.

— Pelo visto não, já que você está aqui.

Então meu plano tinha sim funcionado. Conseguira escapar. Conseguira me libertar. Fiquei orgulhosa e abaixei a cabeça para esconder o sorriso.

— Deixo você por quatro dias e você não consegue parar quieta. Você é, sem dúvida, a maior dor de cabeça que já tive. — Suas mãos voltaram ao cabelo escuro e puxaram as raízes. — Explique-se. O que está fazendo aqui?

Espionando.

Fiquei em silêncio.

— Me responda — ele ordenou.

— Hum, explorando meu novo reino?

Ele parou de andar.

— Explorando seu novo reino.

— Sim?

Deveriam ser respostas, mas saíram com a entonação de perguntas.

Ele bufou, passou a mão no rosto e virou de costas, olhando para o papel de parede.

Flores cor-de-rosa e ameixa entrelaçadas com hera verde. As costuras desfiavam em alguns pontos.

O silêncio que se fez era tenso e terrível e me dava vontade de me contorcer. Estendeu-se mais e mais, tanto que a luz do lado de fora perdia a força e dava lugar ao crepúsculo. Ele ficou encarando o papel de parede, completamente imóvel exceto por uma ou outra piscada.

Essa espera por uma punição era torturante. Pior do que sua fúria.

Finalmente, ele se virou para mim.

— Vamos partir amanhã e você nunca mais fazer algo parecido com isso, ou a liberdade que tem em Treow vai desaparecer.

Estamos entendidos?

Ele esperava um *Sim, senhor*?

Em outra vida, essa teria sido minha resposta. Era exatamente o que eu teria dito a meu pai.

— Não. — O que é que eu estava dizendo? Não era apenas corajoso; era rebelde. Mas eu não voltaria trás. Fiquei firme, escondendo as mãos trêmulas atrás das costas, e falei de novo: — Não, não estamos entendidos.

Seu olhar ficou homicida.

— Não?

— Não. — Encarei seu olhar prateado, recusando-me a me encolher.

Recusando-me a ceder à sua vontade.

— Não pedi para me casar com um estranho e ser enviada para o outro lado do continente. Não pedi para vir a Turah. Não pedi para ser presa numa casa na árvore no meio do nada. Foram decisões tomadas *em meu nome* por caprichos de homens. Então pode ameaçar tirar minha liberdade o quanto quiser, mas vou resistir. A cada passo do caminho. Até meu último suspiro. E não vou ficar calada numa gaiola.

Meu peito arfava, o coração acelerado como se tivesse corrido por horas.

Queria retirar tudo o que falara.

Queria falar tudo de novo.

Queria engolir as palavras e esquecê-las para sempre.

Queria gritar a plenos pulmões.

O Guardião apenas me encarou, seu rosto impossível de interpretar.

O silêncio torturante voltou. A tal ponto que eu conseguia ouvir passos no corredor atrás da porta, o murmúrio de vozes.

Precisei de todas as minhas forças para encarar seu olhar metálico. Para me manter em pé e não desabar no chão enquanto

encarava e encarava e encarava.

— Por que não pediu?

— Q-quê? — gaguejei.

Sua voz era calma. Controlada. O prateado em seus olhos começou a se dissolver, a cor de avelã assumindo seu lugar.

— Você não teve todos os seus pedidos concedidos? Se queria explorar Ashmore, por que não pediu?

Fiquei olhando para a cara dele, o queixo caído e a mente a mil.

— Já parou para pensar que talvez a porta da sua gaiola estivesse destrancada esse tempo todo, Pardal? E que era só empurrar para abrir?

Aquilo era mesmo verdade? Eu poderia ter simplesmente pedido?

Uma batida veio do corredor, e me virei tão rápido que topei com a cabeça na porta ao abri-la.

— Olá. — Massageei a testa e cumprimentei a jovem bonita do lado de fora.

Ela carregava uma bandeja e olhou por cima do meu ombro para o gigante ameaçador que ainda ocupava meu quarto.

— Seu jantar, moça.

— Obrigada. — Peguei a bandeja, tentando sorrir.

Ela estava ocupada demais encarando o Guardião para se importar. Havia algo como reverência e fascínio em seu rosto. Estava claramente atônita por ver uma lenda em carne e osso.

Eu me afastei, ainda com a bandeja na mão, e fechei a porta com o pé.

Deixei o jantar na mesinha no canto, puxei uma cadeira e destampei a tigela de ensopado. Estendi o guardanapo sobre o colo enquanto os aromas de ervas, carne assada e batatas invadiam meu nariz.

Não estava com fome. Não mais.

Já parou para pensar que talvez a porta da sua gaiola estivesse

destrancada esse tempo todo, Pardal? E que era só empurrar para abrir?

Por que repetir isso em minha mente me fazia querer chorar?

Não estava acostumada a testar portas.

Tinha aprendido muito tempo antes que estavam sempre trancadas.

Peguei uma colherada generosa do ensopado e enfiei na boca. Estava quente demais e queimou minha língua. Mas por acaso cuspi?

Nem pensar. Mastiguei e fiz careta e continuei mastigando para não chorar.

O Guardião resmungou algo entre dentes, mas, antes que eu pudesse tentar entender, ele saiu pela janela e me deixou sozinha com meu ensopado.

Tirei o lenço e o joguei no chão junto com a bolsa.

Ainda havia luz do sol suficiente para explorar Ashmore. Agora que não precisava me esconder do Guardião, seria mais fácil procurar a biblioteca.

Mas fiquei no quarto. Terminei o ensopado e coloquei a bandeja no corredor. Depois desfiz a bolsa e troquei de roupa, colocando uma túnica comprida que descia até o alto das minhas coxas. Ela seria confortável o suficiente para dormir essa noite e estaria completamente amassada para viajar no dia seguinte.

Já descalça, dobrei o vestido cinza em cima da mesa, lavei o rosto e me deitei na cama, olhando para o teto.

Depois que o Guardião foi embora, nem me dei ao trabalho de fechar a janela. Os sons da rua chegavam ao meu quarto. A gargalhada de um homem. O grito de uma mulher.

Por mais tentador que fosse me vestir e me juntar a eles, fiquei na cama, abraçando o travesseiro e me sentindo mais sozinha do que nunca.

Por que não pediu?

Era uma pergunta justa. Por que não tinha pedido para sair de

Treow? Zavier me dava tudo que eu pedia sem hesitar. Quer dizer, tudo menos informações. Mas coisas materiais? Nunca negava meus desejos. Contudo, como eu teria explicado essa viagem? Certamente não com a verdade.

Mas essa missão era do meu pai. O Guardião podia alegar que eu não estava presa, mas não era o único que havia me colocado atrás das grades.

O que aconteceria com Brielle e Jocelyn se eu as mandasse de volta sem nenhuma informação? Meu pai as castigaria por meus fracassos? Era por isso que ele as mandara comigo? Sabia que eu me preocuparia mais com elas do que comigo mesma?

Se ao menos ele tivesse me dado mais informações. Algo substancial. O que havia em Allesaria que poderia deter os crux? Se os turanos tivessem alguma arma, já não a teriam usado?

E se meu pai não tivesse dito a verdade? E se havia manipulado meus sentimentos? E se havia utilizado minha curiosidade sobre as migrações, sabendo que eu faria qualquer coisa por nosso povo? E se eu estivesse fazendo tudo isso guiada por uma confiança cega?

Meu estômago se revirou, meu corpo ficou inquieto. Virei para o outro lado, desejando poder dormir e acordar sendo outra pessoa pela manhã. Mas não conseguia desligar a mente.

Você deve fazer o que estou pedindo.

Meu pai havia implorado para eu fazer isso.

Tratados podem ser quebrados, Odessa. Lembre-se disso.

E se ele estivesse enganado? E se minhas ações provocassem uma guerra entre reinos?

Tampei os ouvidos, desejando poder abafar o barulho na minha mente da mesma forma que silenciava os sons lá fora. Virei o rosto para o travesseiro, os olhos fechados com tanta força que vi estrelas negras.

E então meu travesseiro desapareceu, arrancado debaixo do meu rosto e de cima da cama.

Sentei-me de supetão, o queixo caindo ao ver o Guardião jogá-lo no chão.

— O que pensa que está fazendo?

Ele se sentou na beirada da cama e tirou as botas.

— Você pode ficar na cama sem o travesseiro ou no chão com ele. A decisão é sua, Cross.

Bufei.

— Você não vai ficar no meu quarto. Arranje um pra você.

Ele sorriu.

— E deixar minha rainha desprotegida? Jamais.

Aquele sorrisinho maldito. Fazia meu coração maldito disparar.

O Guardião chegou mais perto, tão perto que eu conseguia sentir o cheiro de couro, vento e especiarias.

— A menos, claro, que queira que eu durma com você.

Perdi o ar.

A imagem que encheu minha mente era tão vívida que parecia impressa. Seu peso me prendendo no colchão. Sua pele quente na minha. Sua voz em meu ouvido, seus dedos em meu cabelo.

— Saia. Daqui. Agora. — A imagem. O homem. Dei um chute nele debaixo das cobertas.

Ele riu enquanto se deitava no chão de barriga para cima com meu travesseiro embaixo da cabeça.

— Eu te odeio — esbravejei.

— Sim, odeia. Não se esqueça.

— Jamais. — Eu me deitei de costas e cruzei os braços diante do peito enquanto olhava fixamente para o teto. — Como me encontrou?

— Só tem uma estalagem em Ashmore. E seu cabelo está longe de ser sutil, Pardal.

Argh. Meu lenço não fora o suficiente para esconder o ruivo. O que significava...

Fiquei apoiada nos cotovelos.

— Você sabe como é o meu cabelo de verdade?

— Essa tinta que você usa fede a peixe morto. Achou mesmo que eu não notaria?

Achei. Ninguém mais parecia se importar. A menos que ele fosse o único capaz de sentir o cheiro, que diminuía depois que a tintura era aplicada. Mas os sentidos aguçados dele deviam ter notado o que passava despercebido pelos outros.

— Vai me contar por que veio a Ashmore? — ele perguntou.

Nem pensar. Eu não admitiria minha culpa.

— Vou, mas só quando me contar seu verdadeiro nome.

— Hum — ele respondeu. — Acho que chegamos a um impasse.

— Acho que sim. — Eu me afundei no colchão, sentindo falta do meu travesseiro. — Espero que meus roncos o mantenham acordado a noite inteira.

Ele riu.

— Boa noite, minha rainha.

O som da sua voz, linda e envolvente, me acompanhou até meus sonhos.

28

Meu travesseiro estava no chão quando acordei, mas o Guardião tinha desaparecido. Ele deixara apenas um bilhete em cima da mesa.

Tenho assuntos a resolver antes de partirmos. Não vá muito longe.

Sua letra não era como eu imaginava. Era bonita e caprichada. Treinada. Imponente.

Minha letra era mais desleixada que a dele.

Que assunto ele teria para resolver? Outro encontro com aquela loira?

Não importava. Não era da minha conta.

Sua ausência significava que eu tinha a manhã para mim, e eu não perderia a chance de explorar. Depois da noite anterior, ele poderia ter me trancado nesse quarto. Poderia ter me arrastado de volta para Treow ao nascer do sol. Em vez disso, pediu que eu não fosse *longe*, o que significava que eu podia ir a um lugar ou outro.

Ele estava me deixando testar a porta aberta da gaiola.

Com a bolsa pendurada no corpo, usando a túnica com que tinha dormido e a calça que trouxera, saí do quarto com a adrenalina fervilhando nas veias. Eu havia deixado o coldre em Treow, mas as

facas estavam na bolsa, os cabos um pouco para fora. Mesmo sem saber usá-las bem, eu me sentia melhor sabendo que as tinha comigo.

A manhã era fresca e gostosa, com uma doçura que eu puxava para os pulmões a cada inspiração ao sair para as ruas movimentadas de Ashmore.

Uma mulher com o cabelo grisalho curto e espetado vendia linguiças com sálvia e pães de batata num carrinho em frente à taberna escura e vazia.

O homem com quem eu havia cruzado no dia anterior, o da lança, se arrastava pela rua, os olhos cansados. Sua arma improvisada pendia sem força ao lado do corpo. Ele olhou na minha direção, mas a energia para me encarar havia se perdido em algum momento da noite.

Um homem de sobretudo verde-azulado desceu pelo centro da rua assobiando. A cor me lembrava tanto de Quentis, de nossas bandeiras e uniformes, que me deu uma pontada de saudade.

Não perguntei onde ficava a biblioteca. Os olhares de esguelha e a distância que os residentes mantinham bastavam para me manter na minha. Além disso, a cidade não era grande o bastante para eu precisar de informações. Fiquei apenas vagando de um lado a outro das ruas, terminando o café da manhã pelo caminho.

Foi na terceira rua que encontrei a biblioteca.

Não havia nenhuma placa. Nada gravado na porta.

Não havia porta. Nem janelas. Nem mesmo um prédio.

O que restava da biblioteca não era nada além de uma pilha de escombros carbonizados.

Estantes queimadas caindo aos pedaços. Uma camada grossa de cinzas finas das centenas e centenas de páginas consumidas pelas chamas.

O rei Ramsey e seus soldados haviam feito uma visita a Ashmore. Antes ou depois da visita a Treow?

Meu coração ficou apertado quando contemplei os destroços.

Os soldados nem se deram ao trabalho de tirar os livros do edifício. Simplesmente incendiaram o lugar todo. Teriam feito o mesmo em Treow se a biblioteca de Cathlin não fosse anexa à enfermaria? Será que também invadiram as casas de Ashmore?

Meu humor ficou pesado e triste quando me afastei dos escombros.

— Por que um rei queimaria livros?

— Boa pergunta.

Levei um susto, virando para a mulher que começara a andar ao meu lado.

— Cathlin?

— Olá, Odessa. — Ela jogou o cabelo branco liso por sobre o ombro, rindo. — Posso acompanhar você em seu passeio?

— Claro. Estava voltando à estalagem para encontrar o Guardião.

— Ah. Fico surpresa que ele a tenha trazido aqui.

— Ele, hum... não me trouxe. Meio que vim sozinha.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— É mesmo?

— Já levei um sermão sem fim sobre a imprudência dessa decisão.

— Tenho certeza que sim. — Ela tentou, sem sucesso, esconder o riso com a mão. — E onde ele está hoje?

— Não sei. Só me falou para não ir muito longe.

— Ah. Por mais irritante que ele seja, é sensato dar ouvidos. Ele *jurou* proteger você.

— Jurou? — Quando foi isso?

Cathlin me deu o braço, dando um tapinha no meu punho.

— Venha, minha querida. Me deixe lhe mostrar Ashmore.

Viramos na esquina seguinte, atravessando as ruas até chegarmos a uma vala profunda que se estendia pelo comprimento de três casas e nos impedia de continuar. As laterais eram curvas e pegadas

indicavam que alguém havia saído dali.

— O que é isso? — perguntei a Cathlin.

— Túneis de migração. — Ela apontou para a ponta da vala onde um buraco se abria na terra. — Esse é o principal ponto de acesso para o abrigo comunitário. Vai ficar disponível para os que não tiverem cavado um abrigo particular para ficar durante a migração. Os túneis vão se estender por baixo da cidade. Algumas das construções maiores, como a estalagem, vão ter uma entrada para conectar.

— Ashmore não tinha isso durante a última migração?

— Tinha. — Havia uma melancolia em sua voz. — Mas não era fundo o bastante. Não era reforçado o bastante. Os crux conseguiam farejar quem estava escondido, mesmo debaixo da terra. Cavaram o solo e mataram todos.

Pressionei a mão contra o peito.

— Que horror.

— Espero que isso baste. — Ela se afastou do túnel. — Vamos continuar?

Caminhei a seu lado, lançando um olhar por sobre o ombro. Em Roslo, tínhamos túneis e abrigos construídos no fundo das muralhas de pedra que cercavam a cidade. Os crux não tinham como entrar. Mas os que moravam nos campos precisavam cavar abrigos. Como os turanos, já haviam começado os preparativos.

Com toda a movimentação nas últimas semanas, era fácil esquecer que a migração estava próxima. Agora, pesava em meu coração. Quantas pessoas em Ashmore sobreviveriam? Quantas dependeriam daqueles túneis para se proteger?

Andamos em silêncio até chegarmos às mesmas casas pelas quais eu havia passado no dia anterior a caminho da cidade. O menino que estava brincando no quintal estava lá de novo, caçando um monstro imaginário com um graveto que empunhava como espada.

— O que está fazendo em Ashmore? — perguntei a Cathlin.

— Visitando uma antiga namorada. Voltamos a nos falar recentemente, e queria ver se talvez houvesse algo para explorar.

— E?

— Ela é um amor. Mas não acho que tenhamos um futuro.

— Ah. Sinto muito.

Ela suspirou.

— Tudo bem. Queria aproveitar que estava aqui para explorar a biblioteca. Parece que cheguei tarde demais.

— Sinto muito por isso também.

Cathlin apertou os lábios.

— Também.

— Por que o rei Ramsey está destruindo livros e bibliotecas?

Seus dentes se cerraram com tanta força que ouvi o ranger dos molares.

— Porque Ramsey perdeu o juízo. Queria ter uma explicação melhor.

Ramsey. Não rei Ramsey nem sua majestade. A falta de cerimônia com que os turanos se referiam a sua realeza ainda me surpreendia. Mesmo assim, havia aqueles que pareciam insistir em me chamar de princesa Odessa Wolfe.

Eu precisava ter uma aula sobre as nuances das formalidades turanas.

— Por que você está aqui? — ela perguntou.

Continuariam me fazendo essa pergunta. Como eu não podia contar a verdade, estava na hora de inventar uma mentira convincente.

— Também vim atrás da biblioteca. Acho que não sei muito sobre Turah — respondi. — Não tanto quanto deveria. Não estava preparada para me casar com Zavier.

Sua testa se franziu.

— Mas você é a Pardal.

O Guardião me chamava de Pardal de brincadeira. Mas havia um

respeito em como Cathlin falava. Para ela, não era apenas um apelido. Era um título a ser respeitado.

Gostando ou não, eu era a Pardal.

E aquelas pessoas tinham expectativas em relação à futura rainha.

— O casamento era para ser no equinócio. Pensei que teria mais tempo para aprender sobre seu reino. — Torcia para que ela acreditasse nessas mentiras. Não podia contar por que tinha vindo a Ashmore e, por alguma razão, não queria explicar sobre Mae e a noiva de recompensa. — Estou tentando, mas...

— É difícil sem livros.

— Muito. — Deixei que ela me conduzisse até os limites da cidade. — Posso fazer uma pergunta? Como mantêm os monstros fora de Ashmore? O mercador que me trouxe aqui ontem falou que não mantinham. — Não *mais*.

Cathlin deu mais um passo à frente, observando as planícies vastas além da estrada.

— A maioria das vilas e cidades de Turah são construídas entre barreiras naturais. Esculpidas na própria paisagem como forma de proteção. Ellder fica nas montanhas. Perris, de costas para o oceano. Como você viu, Treow é um refúgio entre as árvores.

— Mas não Ashmore.

— Não. Nosso reino é vasto e nossas cidades grandes são distantes umas das outras. É um caminho longo de Perris a Ellder e qualquer lugar depois dela. Cidadezinhas como Ashmore *dão* um descanso para os viajantes. As pessoas podem encontrar trabalho aqui que não encontrariam em outros lugares. Um mercador pode abrir uma loja. Uma mulher pode administrar uma taberna. E alguns estão aqui apenas porque preferem um estilo de vida mais pacato. Mas viver num fim de mundo como esse tem seus riscos.

— Monstros?

— São o risco mais óbvio. Mas tem também o clima. Os invernos

turanos podem ser tão cruéis quanto qualquer fera. Seu solo em Quentis cultiva grãos que nunca sobreviveriam aqui, ainda mais com a seca dos últimos anos. Criamos gado. Colhemos madeira. Não dá para fazer isso dentro dos confins de uma muralha urbana. Aqui as pessoas estão construindo algo. Quem está nas cidades não costuma valorizar de onde vem seu alimento. De onde vem a madeira de suas casas. Nosso rei também não.

— Como assim?

— Antigamente, as cidadezinhas que não contavam com rios ou montanhas para ajudar na proteção recebiam membros do exército. Homens e mulheres encarregados de manter qualquer monstro errante longe do vilarejo. Viu algum soldado desde que chegou?

— Não. — Nenhum.

— Os aldeões fazem o possível para suprir essa carência. As pessoas ficam de vigia. Mas têm as próprias vidas e trabalhos a seguir.

O homem que eu tinha visto com a lança. Devia ter ficado de guarda a noite toda e estava indo trabalhar agora.

— Por que o rei retiraria a proteção?

— Você teria que perguntar a ele. — Sua respiração ficou pesada. — Mas desconfio que seja porque quer que as pessoas se mudem para as cidades.

Com a proximidade da migração, eu também gostaria que meu povo ficasse seguro atrás das muralhas de uma cidade. Estariam mais protegidas do que em túneis caseiros. Os agentes de meu pai já se preparavam para o fluxo de pessoas que se refugiariam em Roslo quando os crux voassem.

Mas, se fosse esse o caso, por que o rei Ramsey os deixaria desprotegidos agora? Mesmo se os crux viessem antes do previsto, ainda havia tempo para as pessoas se realojarem. A migração seria apenas na primavera.

A menos que isso não tivesse nada a ver com a migração.

— Ele quer que as pessoas se mudem para as cidades para serem protegidas? Ou vigiadas?

Cathlin tocou a têmpora.

— Menina esperta.

Teria algo a ver com a tal milícia?

— Cathlin, o que é...

— Shh. — Ela se virou, a mão apertando meu braço enquanto passava os olhos pela rua.

Virei, tentando entender o que a havia deixado em alerta.

O tilintar de sinos veio de todas as direções. Os sinos ao lado de cada porta. Não eram para anunciar visitantes. Eram sinos de alerta.

O menino no quintal jogou a espada de graveto de lado e correu para a porta.

— Venha comigo. — Cathlin apertou meu braço uma vez e soltou enquanto começava a correr pela rua.

Pessoas corriam em nossa direção, como se estivéssemos contra a corrente. Cada uma se dirigia para uma casa, trancando-se do lado de dentro.

— Para a estalagem — Cathlin falou. — Rápido.

Corri com ela, segurando a bolsa para não balançar. Se a cidade inteira havia entrado em pânico, só podia significar uma coisa.

Monstros.

Uma série de estalos ecoou entre os prédios, tão altos que tampei os ouvidos.

Conhecia aquele som. Já os escutara numa noite escura e assustadora.

Havia barilobos em Ashmore.

29

Os estalos chegavam numa rápida sucessão, misturando-se conforme reverberavam nos prédios, duplicando e triplicando a cada eco.

Eram dez vez mais altos do que naquela noite nas planícies. Dez vezes mais aterrorizantes.

— Entre na estalagem — Cathlin gritou com o barulho. — É o lugar mais seguro de Ashmore.

Ela não precisaria repetir. Eu corria logo atrás dela, deixando que o pânico me movesse mais rápido do que nunca.

Um grito cortou o ar. De uma mulher.

Depois veio outro, de um homem. Foi interrompido tão abruptamente que quase tropecei em meus pés.

Uivos se misturavam a rosnados e mais gritos.

— Deuses. — Fiz o sinal dos Oito, rezando para que as almas perdidas encontrassem um tom de luz.

Cathlin correu mais rápido e intensamente, e eu a segui de perto.

Estávamos chegando. Quase lá. A cinco construções de distância. Quatro. A porta estava fechada, as janelas escuras, mas eu rezava para que o recepcionista nos deixasse entrar.

Faltavam apenas três quando uma mulher entrou correndo na

rua. Era a mulher de cabelo grisalho curto e espetado que tinha me vendido meu café da manhã.

Tropeçou enquanto corria, cambaleando para a frente. Quando se empertigou, acelerou o passo o máximo possível na direção da estalagem, mas apertava a perna e mancava, o que eu não tinha reparado de manhãzinha.

Pavor contorceu seus traços quando ela olhou para trás.

Bem quando um barilobo entrou na rua.

Quase trombei em Cathlin quando nós duas paramos, as botas levantando poeira.

Ela apertou meu braço e me segurou ao dela.

Meu corpo começou a tremer. O medo tirava o ar do meu peito.

Como os outros monstros de Calandra, os barilobos eram retratados em desenhos e pinturas. Mas, pessoalmente, não eram apenas assustadores. Eram monstros feitos para matar.

O rosto lembrava o de um lobo. O focinho era elegante, as orelhas pontudas e alertas. O pelo era tão preto, tão lustroso, que reluzia em tons de azul sob o sol. Mas enquanto a metade da frente do monstro era de uma beleza assombrosa, a de trás dava arrepios.

Era do tamanho do pônei malhado que meu pai dera a Arthalayus em seu aniversário de três anos. Menor do que um cavalo de tamanho normal, mas nem tanto. Os pelos rareavam no meio do dorso, e davam lugar a escamas de pontas afiladas. As garras brancas nas quatro patas eram imensas, todas maiores do que minha mão. Bastaria uma patada para rasgar uma pessoa.

O barilobo rosnou, os lábios curvados revelando uma fileira de dentes longos e ferozes.

Dentes prontos para matar.

Ele ergueu a cabeça para o céu, o pescoço se movendo ao soltar uma série de estalos. Depois voltou a atenção para a mulher que ainda mancava na direção da estalagem.

— Ela não vai conseguir chegar — falei.

— Ela vai ter que se virar. Vá. — Cathlin voltou a si, empurrando-me na direção do prédio mais próximo. A taberna. A porta da frente estava trancada, as janelas escuras como todas as outras.

Poderíamos escapar dele se entrássemos. O barilobo estava concentrado demais na presa fácil.

Cathlin saiu em disparada na direção da estalagem, provavelmente supondo que eu a acompanhava. Mas eu não podia deixar aquela mulher morrer. Esperei até Cathlin estar perto da taberna. Da proteção. Depois engoli em seco e levei os dedos aos lábios para soltar um único assobio estridente. O assobio que eu tinha praticado tanto dentro das quatro paredes da minha casa na árvore.

Nunca tinha saído tão claro e forte.

A atenção do barilobo se voltou para mim, e o rosnado que vibrou de sua boca foi tão alto que me lamentei.

A mulher grisalha estava bem próxima da estalagem. Assim que se aproximou o bastante, o estalajadeiro abriu a porta e a puxou para dentro.

Cathlin deu meia-volta, os olhos em pânico.

— Corra, Odessa!

Eu estava paralisada, hipnotizada pelo olhar do barilobo, que rosnava e se aproximava, as patas levantando nuvenzinhas de poeira a cada passo. Bastariam alguns saltos com aquelas pernas longas e fortes, e estaríamos mortas. Mas ele avançava devagar como se estivesse esperando.

Caçando.

Os pelos de minha nuca se arrepiaram quando olhei para trás.

Outro barilobo, tão próximo que dava para ver o sangue que cobria sua língua e seus dentes, aproximava-se com uma furtividade perfeita.

Tinha apenas um olho. E parecia sorrir enquanto me encarava

com seu olhar frio e infindável.

O monstro havia decidido que eu seria sua próxima refeição.

Bom, ele teria que me pegar primeiro.

Movendo-me mais rápido do que nunca, corri em direção à taberna.

Os dois monstros uivaram e avançaram. O caolho estava tão perto que senti o calor de seu hálito azedo quando avançou em nossa direção com a boca aberta. Mas, antes que conseguisse me apanhar com os dentes, algo o atacou de lado.

O Guardião.

Aconteceu tudo tão rápido que não vi nada além de uma nuvem preta quando o monstro caiu e saiu rolando.

O outro barilobo mudou de rota, saltando em direção ao Guardião. Abri a boca para gritar, para avisá-lo, mas vi um brilho metálico, o reflexo de uma espada cortando o ar, decepando o focinho do barilobo.

Metade da cara do monstro se foi. O focinho caiu com um baque nojento e a criatura cambaleou para longe, piscando duas vezes antes de cair.

— Corra, Cross — ele berrou. — Vá.

— Odessa. — Cathlin correu até mim, puxando meu braço com tanta força que quase deslocou a articulação.

O monstro caolho havia recuado para longe do alcance do Guardião. Ele ergueu a cabeça para o céu, soltando mais estalos pela garganta.

Ai, deuses. Ele estava chamando ajuda?

Eles se encararam, rodando num semicírculo, buscando um ponto fraco para atacar.

O Guardião se moveu como o vento, lançando-se na direção do monstro. Sua espada reluziu na direção do pescoço do barilobo.

Mas o monstro foi rápido e desviou da arma. Reagiu ao ataque do Guardião com uma mordida que ele conseguiu evitar por um

triz.

Eu e Cathlin subimos os degraus até o alpendre da taberna, agarradas uma à outra, assistindo à batalha que se desenrolava na rua. Ela esmurrava a porta, testando a maçaneta trancada.

— Abram a porta.

Enquanto ela continuava a bater e gritar por ajuda, eu não tirava os olhos do Guardião, que dançava com aquele monstro.

Ele revidava cada investida com um golpe de sua espada. Girava e rodopiava, a lâmina resvalando naqueles espinhos e escamas. Mas, por mais rápido que se movesse, não parecia encontrar uma brecha, um momento para atacar.

O monstro o golpeou com as garras, fazendo um corte profundo no braço do Guardião.

— Não — exclamei, dando um passo para longe.

E foi então que vi os outros.

Sombras escuras surgiram de trás dos edifícios. Sete barilobos avançavam pela rua.

Monstros respondendo a um chamado.

— Merda. — Cathlin me puxou para ela, arrastando-nos para a parede da taberna enquanto a matilha se aproximava.

Um barilobo saiu pelo canto da taberna.

Se ele virasse a cabeça, nos veria encostadas à porta trancada.

Estava a um metro e meio, os pelos da nuca arrepiados. Era o maior ou um dos maiores da matilha. A criatura maldita era enorme.

Minha respiração ficou presa na garganta. Eu me recusava a piscar. Fiquei olhando para o monstro, que olhava para o Guardião, ainda lutando. Só que agora ele tinha mais barilobos para abater.

Como? Ele não tinha como enfrentar nove monstros sozinho.

A porta atrás de nós se abriu, fazendo com que eu e Cathlin caíssemos para trás. Ela manteve o equilíbrio e eu caí de bunda.

A loira cheia de curvas que eu tinha visto no dia anterior me

arrastou para dentro o suficiente para poder fechar e barricar a porta com uma tábua.

Engatinhei até a janela mais próxima, encostando a cara no vidro a tempo de ver o barilobo que estava do nosso lado saltar do alpendre da taberna. Meus cotovelos bateram com força quando me joguei no chão.

A mulher se abaixou. Lágrimas cobriam suas bochechas conforme se encolhia.

Cathlin se agachou ao lado dela, encontrando meu olhar e levando um dedo aos lábios.

Na rua, os monstros uivavam. Houve mais gritos fora das paredes da taberna. E o estrondo de pés enormes vibrou lá fora.

Será que estavam nos esperando? Aqueles monstros eram inteligentes o bastante para saber que não poderíamos nos esconder ali dentro para sempre? Quanto tempo até quebrarem as janelas?

Estávamos nos escondendo.

E um homem estava lá fora lutando.

Ele morreria, não? Não tinha como lutar contra tantos deles sozinho.

Meu coração se apertou. Ele era persistente demais, monstruoso demais também. Não havia me importunado o suficiente para morrer. Ainda não.

Ajeitei a bolsa e abri a aba. Peguei as facas com as mãos trêmulas.

Não podia me esconder. Não enquanto ele estava lá fora.

Cathlin estalou os dedos, chamando minha atenção. A loira estava encolhida ao lado dela, a cabeça em seu colo. Ela fez que não para as facas. Depois apontou para a parede oposta.

Para a besta pendurada em cima de uma prateleira de garrafas.

Deixei as facas e a bolsa de lado e comecei a engatinhar, passando pelos pés das mesas até chegar atrás do balcão. Levantei e tirei a arma da parede. Os virotes estavam soltos ao lado de um

pote de ovos em conserva.

Com eles na mão, arrisquei um olhar pela vidraça.

O barilobo encarou de volta.

Seu hálito quente embaçava um círculo na janela.

Havia morte e fome em seus olhos cruéis enquanto eu carregava um virote; ele rangia os dentes enquanto o encaixava na corda tensa. Levantei a arma, que era mais pesada do que a que eu usava para praticar em Treow. Mas juntei todas as minhas forças e apontei para a cara do monstro.

Quantas vezes o mestre de armas de Roslo não havia criticado minha péssima mira? Eu erraria. Sem dúvida erraria.

Mas e se não errasse? E se todos aqueles treinos em árvores me salvassem de virar comida de barilobo?

Ajustei a pegada, puxando o ar enquanto o monstro recuava do vidro. A qualquer momento, avançaria. A qualquer segundo, pularia para dentro.

Mas isso não chegou a acontecer. Esperei e esperei, até meus braços começarem a tremer pelo peso da besta.

Cathlin se mexeu, levantando-se. Ela me lançou um olhar de receio ao se aproximar da janela, ficando na beirada para espiar lá fora.

E foi então que o estrondo ecoou.

Não da janela ao lado de Cathlin. Da que ficava do outro lado, mais perto da loira.

O barilobo gigante entrou, estilhaços de vidro se espalhando pela taberna.

O grito da loira foi abafado pelo uivo do barilobo, que se virou para cravar os dentes nas costas dela, pegando-a com as presas e lançando o corpo dela para o outro lado do salão.

Puxei o gatilho e disparei a flecha, o ricochete me lançando para trás, em cima das garrafas de bebida. Elas se estilhaçaram ao meu redor enquanto o barilobo rosnava.

O virote se cravou no peito do monstro. Ferido, mas não morto.

Merda.

— Corra! — Cathlin gritou, saindo em disparada pelo corredor atrás do bar.

Avancei apressada pelo espaço estreito, seguindo-a por todo o lugar.

O barilobo se debateu e acertou mesas e paredes e cadeiras. Escorregou nos estilhaços de vidro quebrado antes de saltar para o corredor.

Cathlin empurrou uma porta nos fundos do prédio, lançando-nos para a luz ofuscante do sol do lado de fora.

— Lá em cima. — Ela me empurrou para uma escada que subia pelos fundos do edifício.

Encaixei outro virote na besta enquanto subíamos, o coração acelerado.

O edifício vibrava, como se o barilobo estivesse batendo a cabeça na porta que tinha sido fechada.

Chegamos ao patamar e Cathlin abriu a porta, depois a bateu atrás de nós e passou o trinco.

Um apartamento. Provavelmente a casa da loira.

Houve um momento de silêncio, meu coração estrondoso em meus ouvidos enquanto eu encarava a porta. Esperando pelo próximo horror. Fora do apartamento, uivos e gritos vinham de todas as direções. Abafados. Aterrorizantes.

— A mulher. Lá embaixo. — Minha voz falhou. — Morreu? — Provavelmente.

Cathlin engoliu em seco.

— Não sei.

Nós a largamos. Largamos com aquele monstro.

Largamos o Guardião sozinho na rua.

Virei e corri pelo apartamento, o coração batendo forte ao atravessar o quarto simples com um vaso de flores silvestres

recém-colhidas ao lado da cama.

Ela havia trazido aquelas flores nessa manhã?

Minhas entranhas se reviraram, meu estômago tão embrulhado que o café da manhã ameaçou subir quando corri até a janela do quarto e espiei a rua.

Cinco monstros pretos estavam caídos no chão. Mortos.

E o Guardião batalhava contra três.

Sangue escorria por seu rosto e seu braço. Ele lutava com a espada numa mão enquanto a outra apertava a costela, estancando uma ferida que jorrava por entre os dedos.

Até quando conseguiria lutar? Até quando resistiria?

Apesar do que queria que todos em Turah pensassem, ele não era imortal. Seus movimentos estavam mais lentos, mais pesados. E os barilobos atacavam em sincronia, agindo mais como um único monstro do que como três.

Ele morreria.

Enquanto eu assistia de braços cruzados.

Coloquei a besta em cima da cama e arrombei a janela. Depois, com a arma no braço, saí para a varanda estreita de frente para a taberna. O chão rangeu e estalou sob meu peso quando avancei para o parapeito oscilante.

— Não. — Cathlin tentou pegar meu braço, mas eu já estava longe.

— Eu consigo.

Eu consigo.

Seus olhos se encheram de preocupação ao olhar para o Guardião.

E, enquanto o observava ainda lutar sozinho, notei que fazia o mesmo cálculo que eu havia feito um momento antes.

Ele estava perdendo aquela batalha.

Dei mais um passo e a varanda balançou, cedendo alguns centímetros e rangendo sob meu peso.

— Merda.

— Odessa! — Cathlin exclamou, os olhos arregalados enquanto eu paralisava.

Prendi a respiração, olhando para as tábuas sob meus pés. Apenas mais alguns momentos.

Mack, *guie este virote*.

Era a primeira vez que eu rezava ao Deus da Guerra.

— Cuidado — ela sussurrou, a vibração do barilobo lá dentro ainda sacudindo as paredes.

Posicionei a besta, respirando fundo ao apontar para a confusão.

Não erre, *não erre*, *não erre*.

Apertei o gatilho, ouvindo um ganido ao acertar um monstro, fazendo sua pata traseira ceder.

O Guardião aproveitou a oportunidade e decapitou o barilobo; a cabeça caiu no chão com um baque. Os olhos dele encontraram os meus apenas o suficiente para me lançar um olhar de advertência.

Eu deveria ficar escondida.

Em vez disso, encaixei outro virote.

Os barilobos não deram trégua, mordendo o ar em sua direção. Mas ele conseguia se esquivar dos dentes, desviando-os com a espada que segurava com as duas mãos.

Sangue escorria de sua costela.

Apontei a besta, respirando fundo mais uma vez para me acalmar. Puxei o gatilho, mas errei e o virote caiu na terra.

— Merda.

O Guardião também soltou um uivo ao saltar, deslizando por cima das costas de um barilobo e caindo para o outro lado, deixando dois lobos à direita. Isso os obrigaria a se reposicionarem se quisessem que ele ficasse cercado.

O monstro caolho soltou um rosnado que encheu a rua. Ele deu um passo para trás, deixando que o outro enfrentasse o Guardião enquanto se mantinha fora do alcance.

Carreguei outro virote e mirei contra o terror de um olho só. Ele estava na minha mira, seu coração em meu alvo. Soltei o ar. Pisquei.

E ele sumiu.

O filho da puta fugiu correndo.

Ajustei a mira para o último monstro restante, mas antes que eu pudesse atirar, o Guardião se virou, entrando na minha linha de fogo. Bloqueando meu disparo.

O barilobo mostrou os dentes, agachando-se como se estivesse se preparando para saltar.

O Guardião não deu a chance para ele atacar. Com aquela velocidade e elegância sobrenatural, ficou de joelhos e rolou, levando a espada aos joelhos do monstro, cortando suas patas dianteiras. Depois cravou a espada no peito do barilobo.

Em seu coração terrível.

— Pela mãe. — Relaxei, abaixando a besta. Meus joelhos bambeavam, meus braços tremiam. Lágrimas enchiam meus olhos ao encarar a carnificina lá embaixo.

O Guardião arrancou a espada do cadáver do monstro e se virou, arfando.

Passei o peso de um pé para o outro, pronta para sair dessa varanda decrépita, mas, assim que dei um passo para trás, a estrutura toda desabou, desaparecendo sob meus pés.

— Ah! — Meu grito foi interrompido quando consegui me segurar no parapeito da varanda. Metade da plataforma continuou ligada à construção enquanto a outra despencava para o alpendre embaixo de mim.

Meus pés balançaram no ar, a besta ainda tensa na minha mão.

— Odessa! — Cathlin gritou.

Olhei para baixo, minha mão começando a escorregar. Não haveria água para amortecer a queda. Não, isso ia doer. Mas eu não conseguiria me segurar. Não por muito tempo.

Então me segurei à besta com firmeza e contei até três.

Um. Dois.

O três foi uma queda rápida e um impacto tão forte nas pernas que rolei para o lado, a têmpora batendo contra a coluna da varanda. Manchas brancas explodiram atrás de meus olhos e caí de lado, com lascas de madeira chovendo em cima de mim.

— Ai. — Apoiei num dos braços, a dor se espalhando da cabeça aos pés. Mas me levantei, sem querer estar ali caso o restante da varanda desabasse.

— Cross!

Pisquei devagar, tentando dissipar a névoa da visão. Olhei para o outro lado da rua e encontrei os olhos prateados do Guardião.

Estavam arregalados. Em pânico.

E ele estava correndo.

Por que ele estava correndo?

Senti a varanda se mover, as tábuas tremendo sob minhas botas. Virei, sabendo o que encontraria.

O barilobo que havia entrado atrás de nós, que havia matado a loira bonita, agora atravessava a taberna na direção da janela que ele havia estilhaçado.

Ergui a besta, os dedos buscando o gatilho quando um risco prateado passou diante do meu rosto.

A espada do Guardião se cravou no crânio do barilobo.

O monstro se chocou contra mim e eu voei da varanda para a terra enquanto a cabeça dele se partia ao meio.

Ele caiu com um baque repugnante no lugar exato onde eu estivera um minuto antes.

Meu rosto estava pegajoso e quente. Toquei minha bochecha e as pontas dos meus dedos voltaram cobertas de verde pútrido.

Sangue.

O mesmo sangue verde da enguia-óssea que havia tentado me matar na Krisenth. O mesmo sangue verde que eu tinha visto num

ursur semanas antes.

Meus dedos começaram a tremer enquanto eu encarava o sangue, percebendo como estivera perto da morte. De novo.

Ele salvou minha vida. De novo.

Ele jurou proteger você.

O Guardião.

O matador de lendas.

Sua mão apertou meu braço e me levantou.

Recuperei o equilíbrio e estava prestes a agradecê-lo por salvar minha vida mais uma vez quando vi sua expressão, que apagou qualquer pensamento da minha mente. Assim como o sangue e as entranhas e a sujeira e o suor que cobriam seu rosto e empapavam sua barba.

Havia cortes em seu rosto. Um rasgo em seu braço. Todos os ferimentos estavam cobertos por aquele verde horrível.

A fúria fazia seu corpo tremer, e sua mão apertava meu braço com tanta força que chegava a doer. O turbilhão prateado em seus olhos se movia tão rápido, era tão escuro, que parecia nuvens de tempestade cortadas por raios.

Eu ainda segurava a besta. Quando ele se aproximou, a arma ficou presa entre nós. A ponta do virote se cravou no colete dele.

Meu dedo ainda estava no gatilho.

Era só apertar.

— Atire. — Sua voz era um sussurro terrível. Uma provocação. Um desafio.

Seus dedos apertavam minha pele. Seus olhos estavam cravados nos meus.

Atire.

Essa era a chance que eu nunca havia tido. Era como eu provaria à minha família que era mais do que eles acreditavam.

Fechei os olhos. Ignorei aqueles olhos prateados.

Aperte o gatilho. Mate esse homem.

Não movi o dedo.

Ele apertou meu braço com ainda mais força.

— Olhe para mim — rosnou.

Abri os olhos.

E o que vi fez meus joelhos cederem.

Esse não era o mesmo homem com quem eu vinha trocando farpas havia semanas. Não era o mesmo homem que vivia zombando de mim.

Esse homem era um monstro.

— Odessa! — Cathlin saiu pela porta da taberna, quase tropeçando no barilobo morto. Pulou o corpo e saltou do alpendre.

Quando ela chegou ao meu lado, o Guardião já tinha ido embora.

30

Meu quarto na estalagem estava silencioso como um túmulo. O luar entrava pela janela. Não havia nuvens no céu, nada para filtrar a luminosidade das luas gêmeas. Era como se Ama e Oda soubessem que Ashmore precisava de uma noite clara.

Meu cabelo ainda estava úmido do banho que tomei depois do ataque. Eu estava tão suja que a camareira pediu para me lavar com a mangueira antes de me deixar entrar na banheira. Minhas roupas estavam tão nojentas que a túnica nem seria lavada, mas queimada. Eu dormiria com uma túnica larga emprestada pela camareira.

Dezessete pessoas morreram, incluindo a loira dona da taberna.

Sariah. O nome dela era Sariah.

Ela herdara a taberna dos pais, que morreram seis meses antes numa viagem a Perris. Tinham ido buscar provisões e nunca voltaram. Os corpos nunca foram encontrados. O monstro devorara tudo, pele e osso.

Sua filha agora descansava numa cova nova que eu ajudei a cavar. Não restava mais espaço no cemitério de Ashmore, então ela foi enterrada embaixo de uma árvore nas redondezas.

A enfermaria estava cheia de feridos. O ar fedia por causa das fogueiras nas quais queimaram os cadáveres dos barilobos.

Meu corpo estava limpo. Meu rosto, lavado. Mas eu ainda

conseguia sentir o fedor daquele sangue verde podre. Ainda conseguia senti-lo nas bochechas. E toda vez que fechava os olhos, eu via o rosto de um monstro.

Então fiquei olhando para o teto, mexendo no colar. O peso e o calor dele era um consolo agora conhecido enquanto esperava o amanhecer.

Que era quando eu imaginava que o Guardião viria me buscar. A menos que já tivesse partido de Ashmore. Eu não o via desde a taberna. Desde que ele havia me desafiado a atirar nele.

O que seria de nós? O que aconteceria?

Fazia um mês que eu estava em Turah. Em alguns momentos, parecia que eu tinha acabado de conhecer Zavier e o Guardião na sala do trono. Em outros, como esse, parecia que uma vida inteira havia se passado desde que deixei a orla de Quentis.

E agora? O que o destino me reservava?

Esperava que alguém me desse ordens. Não tinha a menor ilusão de que teria alguma liberdade depois dessa aventura ridícula e insensata.

Minha jornada até Ashmore tinha sido um erro memorável. Se não fosse por mim, Sariah não teria aberto a porta da taberna. Não teria colocado em risco seu esconderijo.

Os outros dezesseis talvez não tivessem sobrevivido, mas ela, sim. Sua morte não era culpa minha, mas eu sentia o peso da responsabilidade mesmo assim. Sentiria pelo resto da vida.

— Sinto muito, Sariah. — A culpa era tão sufocante que eu mal conseguia respirar. O remorso pesava tanto no peito que me prendia na cama. Meu corpo inteiro estava dolorido por causa da queda da sacada. Hematomas apareceriam em alguns dias, nas costelas, no quadril e nas pernas.

No braço.

Mas nada estava mais dolorido que meu coração.

A porta foi escancarada.

Perdi o fôlego quando ela bateu na parede.

E o Guardião entrou, aos tropeços, cambaleando a cada passo.

— Falando com os mortos?

Suas palavras estavam enroladas; seus movimentos, letárgicos.

— Está bêbado?

Ele deu de ombros. Não era um sim. Nem um não.

Suas roupas estavam limpas. O cabelo, molhado. Não havia nem sinal dos ferimentos de antes. O corte em seu braço desapareceu. Assim como os arranhões no rosto. Ele não apertava mais as costelas como apertara durante a luta.

Era outro de seus poderes? A capacidade de curar uma lesão que derrubaria qualquer mortal?

Ele entrou com alguns passos arrastados antes de se jogar no chão, caindo com um resmungo.

— Achei que você não estaria aqui.

— E onde mais eu estaria?

— A caminho de Quentissss — ele silvou, prolongando o som. — Fugindo para seu precioso reino.

— Você está bêbado. — Deitei, cruzando os braços diante do peito. Mas, quando minha cabeça afundou no travesseiro, a culpa voltou.

Ele conhecia Sariah. Até onde eu sabia, gostava dela. Eu tirara dele alguém especial. A culpa começou a crescer.

— Tome. — Levantei a cabeça e joguei o travesseiro no chão.

— Muita generosidade, minha rainha.

Ele não deveria me chamar assim. Eu não era uma rainha.

Rainhas não fugiam de acampamentos. Não colocavam outros em risco. Ajudavam as pessoas. Não as machucavam.

Eu não deveria estar ali. Não era a pessoa certa para ser a Pardal. Não era corajosa o bastante, forte o bastante, para Turah. Esse reino era para uma mulher como Mae. Alguém audaz e feroz. Alguém inquebrável.

— Sinto muito por Sariah. Foi culpa minha.

O Guardião bufou.

— Foi você que rasgou a coluna dela com os próprios dentes? Não sabia que sua mordida era tão forte. Vou ter que tomar mais cuidado.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Se eu não tivesse entrado na taberna, ela ainda estaria viva.

Ele se sentou, amassou o travesseiro e o enfiou embaixo da cabeça.

— Todas as pessoas em Ashmore conhecem os riscos de ficar. É a escolha deles. Era a de Sariah. Não banque a mártir, Cross. Ela teria odiado.

— Mesmo assim, sinto muito.

— Eu também.

Sua respiração se acalmou. Olhei para o chão e notei que os olhos dele estavam fechados. Mas ele ainda não dormia. Cruzava e descruzava as pernas, provavelmente tentando encontrar uma posição.

— Pare de me encarar, Pardal. Vá dormir.

Virei de lado, ainda exausta e abalada demais para arriscar fechar os olhos. Fiquei encarando aquele lindo papel de parede, as mãos entrelaçadas debaixo da bochecha.

— Por que me chama de Pardal?

Por que não usava meu primeiro nome?

— Porque você é uma passarinha.

— Quê? — Queria dizer que eu tentava sair voando? Ou que era pequena?

Eu tinha certeza de que, em sua confusão, essa resposta fazia sentido. Talvez eu devesse me ater a perguntas mais simples hoje.

— Vamos para Allesaria antes da migração?

— Não.

Era o que eu imaginava. Mas não o que queria.

— Havia algo de errado com aqueles barilobos, não? Eles tinham sangue verde.

Aqueles monstros estavam doentes.

— Sim.

Meu estômago se revirou.

— O que há de errado com eles?

Ele ficou em silêncio por um longo momento. Depois sussurrou:

— Lyssa.

— O que é lyssa? Nunca ouvi falar disso.

Silêncio.

Quando voltei a espiar por cima da cama, o Guardião já estava dormindo.

31

O déjà-vu de encontrar apenas o travesseiro e um bilhete em cima da mesa foi tão forte que quase tive esperança de que a noite anterior havia sido apenas um sonho. De que eu sairia da estalagem e encontraria Sariah na taberna.

Mas, quando levantei da cama, ainda usava a túnica emprestada, e minhas botas ainda estavam manchadas de sangue verde pútrido.

Saí do quarto, a bolsa pendurada diante do peito, completamente pronta para ir embora de Ashmore. O Guardião não precisaria se preocupar com outras tentativas de fuga de Treow. Pelo menos por enquanto, só queria me esconder na casa na árvore e cuidar das feridas no peito.

E no corpo.

Pelos tons, como doía. Cada degrau da escada que levava ao saguão da estalagem era agonizante. Meus músculos estavam doloridos e sensíveis. Hematomas se formavam por toda a pele.

Mas eu estava viva para sofrer. Aceitaria as dores. Dezessete pessoas não podiam fazer o mesmo.

— Odessa. — Cathlin me deteve quando passei pela sala da estalagem.

— Bom dia. — Abri um sorriso triste e ela me puxou para um abraço.

Era bom ser abraçada.

— Você está bem? — ela perguntou ao me soltar.

Dei de ombros.

— E você?

Ela imitou meu gesto.

— Você vai embora hoje.

Uma afirmação, não uma pergunta.

Ela foi até a cadeira em que estava sentada quando cheguei, pegou um livro e me entregou.

— Trouxe para você. É um livro sobre os costumes turanos. Vou trazer mais da próxima vez que nos encontrarmos.

— Quando vai ser isso?

— Logo. Vou deixar Ashmore ainda esta semana. Preciso me despedir de uma pessoa antes. Mas não quero apressar as coisas.

— A mulher que você veio visitar.

— Sim — Cathlin respondeu.

— Desculpa por não ter perguntado antes. — Estava ocupada abrindo covas. — Ela... está bem?

— Está, sim. Desolada como a maioria. Mas Turah é cheia de sobreviventes. Vai resistir, como você. É forte, como você.

— Não me sinto forte — murmurei.

— Mas é. — Seus olhos suavizaram enquanto tirava um cacho rebelde da minha testa. Ela deu um passo para trás e colocou as duas mãos no peito, fazendo uma leve reverência.

— O que significa isso? Esse gesto?

— Significa boa viagem, princesa Odessa Wolfe.

Normalmente, eu teria recusado o título formal, mas algo em sua voz me fez hesitar. Algo sério que dizia que eu precisava me acostumar com o título.

Aceitá-lo.

Quem era essa mulher? Havíamos sobrevivido ao impensável no dia anterior, e eu nem sabia seu sobrenome. Talvez não importasse.

Coloquei as mãos sobre o peito e fiz uma reverência.

Botas ecoaram pelo chão. Passadas longas e decididas que eu estava começando a reconhecer.

O Guardião parou ao meu lado, sua atenção em Cathlin.

— Você vai embora.

Outra afirmação.

— Sim.

Pensei que ele colocaria as mãos sobre o peito, mas, em vez disso, ele a abraçou.

Espera, ele era capaz de abraçar? Parecia tão... gracioso. Tão diferente do Guardião. Quando a soltou, sinalizou para que eu o seguisse. Sem graciosidade para mim.

— Adeus, Cathlin — falei.

— Adeus, Odessa.

Esperava vê-la de novo. A vida parecia tão frágil nesse momento. Fugaz.

Com o livro dentro da bolsa, corri para alcançar o Guardião.

Ele e seu cavalo esperavam do lado de fora. A pelagem negra do garanhão reluzia sob o sol matinal.

O Guardião acariciava o rosto do animal enquanto murmurava algo. O cavalo se inclinou para seu toque.

Era um dia lindo, com o céu sem nuvens e uma doçura fresca no ar. Parecia um desperdício. Ninguém ali aproveitaria, muito menos eu. As pessoas andavam apressadas e de cabeça baixa pelas ruas.

Toda a felicidade havia sido massacrada.

— Deveriam ter recebido algum aviso. Alguma proteção — falei.

O maxilar do Guardião se contraiu enquanto afivelava a espada e a bainha na sela.

Não pretendia ofendê-lo, mas quando repeti as palavras mentalmente, me coloquei em seu lugar. Eu acabara de insinuar que ele havia falhado com aquelas pessoas.

— Não quis dizer de você.

— E quem mais as protegeria?

— O rei. A coroa. Zavier não pode intervir? Mandar alguns de seus patrulheiros para ajudar essas cidades?

Os olhos do Guardião, cor de avelã e furiosos, encontraram os meus. E com isso eu soube que havia cruzado uma linha.

Era um lembrete de que essa princesa, essa futura rainha, essa Pardal, era para ser vista, não ouvida.

— Só estou perguntando. Acho que tenho esse direito.

— É mesmo? — Ele arqueou a sobrancelha. — Quem lhe deu esse direito?

— Meu sangue. A minha assinatura naquele tratado. Zavier ter me tomado como noiva de recompensa. Estou aqui. Estou em Turah. Tenho esse direito como qualquer outra pessoa no reino. Isso não pode acontecer. Não pode continuar.

— E o que sugere, minha rainha? O que devemos fazer? Que solução vossa majestade propõe que eu, Zavier e todos os nossos patrulheiros já não tenhamos cogitado?

Uma torrente de constrangimento me fez erguer os ombros, desejando poder ser uma tartaruga e esconder a cabeça dentro do casco.

Eu não tinha uma solução. Não sabia nada sobre a política turana.

Então fiquei calada.

— Foi o que imaginei — ele murmurou, virando-se para ajustar o estribo.

— Quero fazer algo. Quero fazer o que é certo. Quero ajudar.

O Guardião parou, mas não se virou.

— Suba no cavalo, Cross.

Cheguei mais perto do garanhão, ajeitando as saias na tentativa de colocar o pé no estribo. Mas o animal era alto demais e eu, baixa demais. Não conseguia alcançar.

O Guardião soltou um resmungo frustrado, me pegou pela

cintura e me colocou na sela.

— Obrigada? — Ajeitei as saias, desejando ter outra calça. — E você?

— Eu o quê?

— Em que cavalo você vai?

— No meu.

Ah, *inferno*.

Ele empurrou a barra da minha saia.

— Tira isso da frente.

Eu as enrolei o melhor que consegui, o tecido se amontoando em meu colo. Ele subiu atrás de mim na sela, as coxas envolvendo as minhas. Seu peito encostou nas minhas costas quando ele pegou as rédeas, e seus braços me imobilizaram.

O cavalo logo começou a descer a rua.

O movimento me afundou ainda mais nos braços do Guardião. Era impossível escapar do calor de seu corpo e dos aromas de couro e especiarias e vento. Como eu queria odiar esse cheiro.

A cavalgada seria agonizante. Uma verdadeira tortura.

Talvez essa fosse a ideia.

— Relaxe — ele ordenou.

Relaxar significava me apoiar nele. Afundar em seu peito largo. Me dissolver em seu corpo. Até parece.

— Estou relaxada.

— Até parece. — A voz dele estava perto demais do meu ouvido.

Um arrepio percorreu meu corpo.

E, sem dúvida, ele sentiu.

Em qualquer outro dia, provavelmente teria me importunado por isso. Em qualquer outro dia, teria se divertido com meu nervosismo. Mas hoje não era um dia para piadas. Não enquanto passávamos pelos cemitérios fora da cidade.

Lancei um olhar demorado para a árvore onde havíamos enterrado Sariah, depois voltei os olhos para o céu, para o contorno

tênue das luas gêmeas. Mesmo sob o sol, elas brilhavam opacas.

No tom de Arabella.

Torcia para que a alma de Sariah, a de todos de Ashmore, repousassem com a Deusa do Amor.

Havia pessoas em Calandra que não veneravam os deuses, não acreditavam nos Seis ou nos tons. Que acreditavam que nossos corpos voltavam ao pó, que nós simplesmente deixávamos de existir.

Também havia pessoas que acreditavam que nossas almas renasciam e que a cada vida perdida outra se criava. Que em algum lugar do mundo a alma de Sariah voltava.

— Você acredita nos deuses? — perguntei ao Guardião.

— Por que pergunta?

— Nenhum homem deveria ter sobrevivido à luta de ontem. Seus poderes são diferentes de tudo que já vi. Fiquei pensando se você acredita que são dádivas dos deuses.

Seu riso era baixo. Ameaçador. Um tremor que fazia meu corpo vibrar.

— O que você chama de dádivas eu chamo de maldição. Sim, acredito nos deuses. Acredito que nos observam de seus tons preciosos. E acredito que são desgraçados vingativos e manipuladores determinados a nos atormentar de seus tronos.

Nunca tinha ouvido alguém falar dos deuses com tanto ódio. Tanto rancor. Não sabia como responder. Podia parecer que estávamos atrás de problemas, zombando deles assim.

— Mais alguma pergunta hoje, Pardal?

Neguei com a cabeça.

Passamos pela divisa da cidade e pegamos a estrada que nos levaria a Treow. Um dia. Era tudo que eu precisava aguentar. Apenas um dia.

Mas ele puxou as rédeas e conduziu o cavalo para fora da estrada. De costas para a floresta, seguimos para uma cadeia de montanhas,

os picos escarpados e cobertos de branco. Parecia haver o vale de um rio sob elas.

— Não estamos indo para Treow, certo?

— Não.

— Para onde vamos?

— Ellder.

— Por quê? — E as minhas coisas? E Brielle e Jocelyn?

— Você sempre vai fazer tantas perguntas, Cross?

— Sim.

Ele suspirou.

— Zavier.

Senti o estômago se contorcer. Meu marido estava em Ellder. E eu seria devolvida ao meu responsável.

— Entendi. — Me empertiguei, ereta e rígida, tentando manter distância entre nossos corpos. Não deixei o buraco em meu peito me afundar.

Era melhor assim. Eu deveria ficar com Zavier. Precisávamos de mais caminhadas silenciosas, mais tempo a sós. Eu não tinha como ter certeza, mas imaginava que o Guardião não ficaria na fortaleza. Não depois que eu estivesse trancada atrás de muralhas, sem precisar de sua proteção. O que significava que, depois dessa viagem, ele provavelmente desapareceria.

Ótimo. Eu precisava disso. Que ele sumisse por semanas, meses, e me desse tempo para colocar a cabeça, o coração, de volta no lugar. Para arrancá-lo da minha mente.

Discutíamos com frequência. Ele era uma pedra no meu sapato. Quanto antes fosse embora, melhor.

Só havia o som dos cascos enquanto atravessávamos a paisagem. Subimos e descemos as colinas ao redor de Ashmore até a cidade não passar de uma lembrança. Minha noite insone cobrou seu preço ao meio-dia e, de tantos em tantos minutos, eu cobria um bocejo.

— Você deveria descansar. — Era a primeira coisa que o Guardião falava em horas.

— Estou bem — menti, endireitando os ombros curvados.

— Sei.

Concentrei-me nos sopés ao longe, forçando meus olhos a ficarem abertos enquanto as árvores ficavam mais e mais altas contra o pano de fundo da montanha. De vez em quando, olhava de um lado para o outro, procurando por monstros que pudessem sair do esconderijo e atacar.

— A matilha de ontem. Era do tamanho normal? — perguntei.

— Não. Era maior. Os barilobos costumam viajar em matilhas de três ou quatro.

Deuses. Aquela matilha tinha mais do que o dobro. Fora isso que os deixaram destemidos a ponto de atacar uma cidade?

As pessoas de Ashmore tiveram sorte de ter o Guardião por perto. Para livrar a área da matilha. Mas eu tinha a impressão de que, se falasse isso, ele desdenharia.

Eu podia até me culpar por Sariah, mas ele se culpava por todas as dezessete mortes.

As horas se arrastavam e eu não conseguia mais resistir ao peso das pálpebras. Chegou um ponto em que a batalha era em vão.

Em algum lugar de Turah, aninhada ao corpo do homem errado, peguei no sono.

32

Odessa.

A voz do meu pai me despertou de um pesadelo.

Eu estava na sala do trono, de joelhos. A faca de Mae em meu pescoço.

Ele havia ordenado que ela me matasse. Era meu castigo por voltar a Roslo sem qualquer informação sobre Allesaria. Ao meu lado no chão de mármore, com sangue escorrendo das gargantas expostas, estavam Brielle e Jocelyn.

Espantei a imagem mental, piscando para dissipar a névoa enquanto olhava ao redor.

A primeira luz da alvorada coloria o céu. Eu tinha dormido a noite toda no peito do Guardião.

Ele havia parado no alto de uma encosta íngreme. Estava imóvel atrás de mim, seu cavalo igualmente imóvel.

Havia um penhasco ao nosso lado, as rochas escarpadas descendo para um rio revolto. Por um momento, fechei os olhos e apenas me permiti ouvir o barulho da água correndo. Fingi que eram as ondas do mar. Que eu estava na minha falésia em Roslo.

Algo se agitou em meu peito ao contemplar a paisagem. Uma sensação de deslumbramento. De paz.

Podia não ser *meu* lugar especial, mas havia tanta beleza ali que

era difícil absorver tudo.

Do outro lado do rio havia uma floresta infinita, densa e verde. Ocupava todo o espaço entre nós e as montanhas anil que se erguiam imponentes com seus picos imaculados cobertos de neve. As cores eram tão vibrantes que parecia um sonho.

— Quando eu era pequeno, minha mãe me trouxe aqui pela primeira vez. Me fez sentar a seu lado por uma hora, embora eu só quisesse procurar frutas silvestres. Na época achei que fosse um castigo. Hoje entendo sua intenção. Foi uma daquelas lições que só consegui valorizar quando fiquei mais velho.

Até então ele só havia mencionado a mãe uma vez. E o pai? Ele tinha irmãos?

Era uma sensação estranha sentir que conhecia esse homem, mas também saber tão pouco sobre ele.

Eu lia suas expressões. Conhecia sua maneira de se mover. Sabia como o ar ficava carregado quando estava com raiva e como o mundo se dissolvia quando ele estava por perto.

Era extremamente leal a seu povo. Amava seu reino. Era forte e indestrutível, mas uma delicadeza podia surgir daquela fachada dura. Na maneira como abraçava Cathlin. Como agia com Evangeline. Até o afeto que demonstrava pelo cavalo.

Mas eu não sabia se sua mãe estava viva. Não sabia nada sobre sua família, sua criação ou o lugar em que crescera. Não sabia se ele nascera com aqueles poderes, aquelas dádivas. Ou se fora amaldiçoado por um deus malévolo.

Me incomodava, mais do que deveria, que ele fosse quase um desconhecido.

O Guardião olhava para o horizonte, os olhos numa tonalidade diferente de verde. Era uma cor nova. Não o verde-esmeralda vívido que eu tinha visto tantas vezes quando me importunava sem parar. Não, era uma tonalidade mais escura de verde-oliva.

A cor das florestas turanas.

— É tudo lindo. — A floresta. Aqueles olhos.

Ele baixou o olhar, encontrando o meu.

Eu ainda estava aninhada nele. Durante o sono eu me aconcheguei no braço que ele colocara ao redor dos meus ombros. Eu deveria me mover. Me sentar direito. Descer do cavalo e me afastar um pouco dele.

Mas a verdade, que eu tinha pavor de admitir, mesmo para mim mesma, era que não queria sair dali.

A menos que ele me lançasse para fora da sela, eu não iria a lugar nenhum.

Sua expressão era vulnerável e desarmada. Completamente envolvente. Mais magnífica até do que a paisagem turana. Ele vasculhava meus olhos como eu vasculhava os dele. Em busca de respostas. Salvação. Misericórdia.

Havia uma corda entre nós.

Que os deuses nos livrassem que ela estourasse.

Por que eu não sentia isso pelo homem que havia me tomado?

Nossas bocas estavam perto demais. Bastaria um deslize para que se encontrassem. Mergulharíamos um no outro, e as reverberações do impacto nos destruiriam.

Eu precisava que ele falasse algo maldoso. Que colocasse o dedo numa ferida. Que machucasse meu coração. Que me magoasse tanto que eu jamais o perdoaria.

— Eu te odeio.

Era para ter estragado o momento. Para tê-lo irritado. Mas ele me encarava como se eu fosse algo para contemplar. Algo para cuidar.

Algo para proteger.

— Sim, odeia — ele falou. — Não se esqueça.

— Jamais.

Não havia jeito de esquecer um homem como o Guardião. Não pra mim.

Mesmo assim, quando chegássemos em Ellder, eu tentaria.

— Precisamos ir.

Assenti, ficando mais ereta. Lancei um último olhar para o penhasco.

— Obrigada por me trazer aqui.

— Não há de quê, minha rainha.

Não nos falamos pelo restante da viagem. Ficamos em silêncio mesmo enquanto comíamos frutas secas, nozes e carne e dividíamos a água do cantil.

A trilha por dentro da floresta era densa. A chuva de uma tempestade recente ainda pendia dos galhos, e sempre que um ramo roçava meu vestido, o tecido ficava encharcado. A noite estava caindo e, sob as árvores, era difícil enxergar o caminho estreito à frente. Um uivo ecoou de algum lugar na mata, deixando-me tensa.

O Guardião nem pestanejou.

Quando chegamos à fortaleza, eu estava molhada e com frio. Parte de mim agradecia por ter chegado. Por poder descer do cavalo. E parte ainda não estava pronta para o fim da viagem.

As tochas penduradas nas muralhas da fortaleza brilhavam na escuridão. Os muros eram tão altos quanto as árvores ao redor e impediam qualquer monstro de escalar. Eram centenas e centenas de troncos descascados que formavam uma barricada lisa. No escuro eu não conseguia ver onde terminava cada um dos lados, de tão extensa que era a muralha.

O Guardião parou o cavalo diante dos portões e levou dois dedos aos lábios, soltando um assobio penetrante, diferente dos que eu ouvia em Treow.

— Abram os portões! — um homem gritou do reparo acima.

As dobradiças rangeram quando os homens puxaram a madeira pesada, que se abriu em portas duplas. Assim que passamos pela soleira, os soldados as fecharam.

O pátio era iluminado por chamas que queimavam em pequenas bacias.

Homens vestidos com couro de ursur, assim como o Guardião, acenaram e baixaram a cabeça quando passamos. Sussurros encheram o ar quando ele desmontou.

É o Guardião.

Ele está aqui.

O Guardião. O Guardião. O Guardião.

Ele não vinha muito a Ellder? Os olhos arregalados e curiosos respondiam a minha pergunta.

Um menino correu até ele, pegando as rédeas do cavalo.

— Cuide para que ele tenha bastante água e comida — o Guardião orientou. — Ele não gosta de compartilhar a baia com outros cavalos.

— Vou colocá-lo numa só para ele, senhor.

— Ótimo. — Ele apertou o ombro do menino e veio até meu lado, estendendo a mão para me ajudar a descer.

Tentei sair da sela com alguma dignidade, mas, depois do tombo do dia anterior e das horas seguidas cavalgando, minhas pernas não colaboraram. Caí em cima do peito dele.

Ele me pegou pela cintura e me colocou no chão, segurando por um momento até que eu estivesse estabilizada. Depois, enquanto ele desprendia os alforjes, arrumei as saias e ajustei a alça da bolsa, mantendo as mãos ocupadas, ciente de que as pessoas ao nosso redor continuavam olhando e cochichando.

Quem é ela?

Sabe quem ela é?

Quem é aquela cavalgando com o Guardião?

Ele pendurou os alforjes sobre o ombro e segurou meu punho, puxando-me para fora do pátio na direção de uma via que parecia cortar ao meio a cidade dentro das muralhas.

As ruas eram organizadas da mesma forma que em Ashmore, em

linhas retas e fileiras ordenadas. Exceto que havia buracos no centro de cada travessa — buracos com a largura da minha cintura e a profundidade da minha altura.

— O que é aquilo? — perguntei.

— É para a migração. Colocamos estacas de madeira em cada um, enchendo a rua para os crux não conseguirem pousar. Quando terminarem de cavar, os operários vão começar a fincar as estacas. Vão ser tão altas quanto profundas, como as muralhas externas.

— Ah. — Mais um obstáculo para os monstros. Mais uma maneira de os turanos se protegerem.

Todos os edifícios tinham telhados de madeira, e alguns recebiam estacas de metal que se projetavam em ângulos variados, provavelmente outra medida de proteção. Luz dourada saía pelas janelas, mas andávamos tão rápido que eu não conseguia olhar para dentro delas.

— Você pode explorar amanhã — ele falou. — Acha que consegue se manter dentro das muralhas da fortaleza?

Eu não podia prometer nada. Não queria mentir.

Então utilizei a tática de Zavier e fiquei em silêncio.

O Guardião resmungou.

Passamos por três ruas laterais até finalmente sairmos da via principal.

Ele não soltou meu punho enquanto me guiava até uma casa ampla com a fachada quadrada. Era um edifício simples e, como os outros pelos quais passamos, o exterior era coberto por tábuas numa gradação intensa de ferrugem. Todas as janelas estavam escuras — o que indicava que a casa estava vazia ou que seus moradores dormiam. Uma passarela cercava toda a extensão do segundo andar.

As casas em Turah pareciam ter sido construídas pela funcionalidade, e não ostentação. A única coisa extravagante nessa casa era a porta principal.

Gravada na madeira estava a imagem de um lobo. O emblema turano.

Era a casa de Zavier.

O Guardião soltou meu punho e me conduziu por uma escada que contornava a esquina da construção e levava à passarela.

Mantive a mão no corrimão durante a subida, o coração subindo pela garganta a cada degrau. Zavier estava lá? Seriam esses os aposentos dele? Eu estava sendo levada ao quarto do meu marido?

O baque das botas do Guardião nas tábuas da passarela ecoava o ritmo do meu coração disparado enquanto ele girava a maçaneta da única porta.

Fiquei do lado de fora, ainda apertando o corrimão enquanto ele entrava e acendia uma lanterna, depois outra. Bom, se Zavier estivesse lá dentro, o Guardião não teria simplesmente entrado. Então soltei o corrimão e entrei.

Parecia uma suíte particular. A sala de estar tinha duas poltronas de couro marrom na frente de uma lareira. Embaixo delas havia um tapete de cores fortes: bordô, chocolate e verde-escuro.

O Guardião estava agachado ao lado da lareira, riscando uma caixa de pederneira para acender o fogo.

Depois da área de estar, atrás de uma porta aberta, ficava uma cama grande coberta por uma manta grossa marrom-acinzentada e travesseiros macios. E, encostados na parede, numa fileira ordenada, estavam meus baús. A maioria guardava meus vestidos. Um estava com um pote de vidro de minha tintura em cima.

Quando ele tinha mandado buscá-los?

— Não vou voltar a Treow, não é?

— Não. — O fogo se acendeu, crepitante, e ele se levantou, espanando as palmas.

Meu peito se apertou, já sentindo falta daquela casinha na árvore.

— E Brielle e Jocelyn?

— Ficarão no acampamento por enquanto.

Era punição por Ashmore? Nos manteriam separadas, como crianças flagradas aprontando?

— Descanse um pouco — ele falou e passou por mim em direção à porta.

— Guardião. — Segurei seu antebraço, a mão firme na braçadeira de couro.

Ele fechou o punho, mas não se afastou.

— O que foi?

— Eu... — *Não sei*.

Não estava pronta para ficar sozinha.

Não estava pronta para sua partida.

Quando ele saísse dali, eu teria que deixá-lo ir embora.

E não estava pronta pra isso.

A mão livre dele tocou meu braço no lugar exato onde havia me apertado no dia anterior, fora da taberna, e estremeci.

— Me desculpa.

— Não machucou. — Sim, estava sensível. Meu corpo inteiro estava dolorido. Mas não havia nenhuma marca. Nenhum hematoma de seu aperto.

— Talvez não. — A tristeza em seus olhos verdes partiu meu coração. — Mas poderia ter machucado.

Era por isso que ele tinha se embebedado na noite anterior? Por ter perdido o controle? Porque eu poderia ter sido vítima de sua fúria?

Seu olhar pousou em meu nariz, como se contasse as sardas espalhadas. Sua mão pegou um cacho na minha têmpora e traçou a espiral com a ponta do dedo.

— Não precisa esconder quem você é, Cross. Não aqui.

Não em Turah.

Não com ele.

O Guardião abriu a boca como se fosse dizer mais alguma coisa.

Mas devia ter mudado de ideia, pois se soltou e, num piscar de olhos, desapareceu noite afora.

Eu me permiti alguns momentos para respirar, fechar os olhos e sentir o cheiro dele ainda no ar. Não estaria ali pela manhã.

E eu imaginava que ele também não.

Era melhor assim. Melhor mesmo. Repeti essas mentiras várias e várias vezes enquanto tirava minhas coisas dos baús. Enquanto me acomodava nesse novo lar.

Enquanto esvaziava o pote de tintura pela janela do quarto.

33

A batida na porta da frente não era bem uma batida, mas uma série constante de toquezinhos.

— Já vou! — Ri ao sair do quarto.

As batidas continuaram.

E, com elas, meu dia começaria. Como acontecia toda manhã desde que eu havia chegado a Ellder.

Assim que abri a porta, minha visitante entrou em disparada, correndo pela sala de estar para se jogar numa poltrona.

— Bom dia, Evie.

Ela ria enquanto tirava o cabelo escuro da frente do rosto.

— Quer brincar de esconde-esconde?

— Depois de ontem? Nem pensar — respondi, fechando a porta.

As regras do jogo teriam sido fáceis de seguir. Ela podia se esconder em qualquer lugar da minha suíte ou da casa dela enquanto eu contava até cinquenta. Mas ela mudou as regras durante a terceira rodada e saiu às escondidas para os jardins nos fundos da casa, onde ficou brincando com uma ninhada de gatinhos. Passei quase uma hora procurando por ela, revirando a casa toda. Depois tive um ataque de pânico por ter perdido a filha de Zavier.

Quando contei a Luella, desesperada, que havia perdido

Evangeline, ela franziu a testa e me ajudou a buscar. Nós a encontramos dez minutos depois, sentada entre as fileiras de cenouras com cinco bolotinhas de pelo cinza e branco.

Eu nunca mais brincaria de esconde-esconde.

— Então o que a gente vai fazer? — Ela balançou as perninhas, as botas batendo nos pés da cadeira.

— Que tal explorarmos um pouco?

Ela se empertigou, empolgada.

— Explorar onde?

— Não sei. — Dei de ombros. — Ellder. Você poderia me mostrar a cidade.

Fazia uma semana que eu estava escondida do mundo, me revezando entre essa suíte e os aposentos de Zavier no primeiro andar. Me escondendo.

E me punindo.

Por Ashmore. Por ter abandonado Brielle e Jocelyn. Pelo Guardião.

Evie me visitava toda manhã. No primeiro dia, Luella veio junto para me dar oi. Evie se convidou para entrar na minha suíte e me convidou para ser sua nova companhia de brincadeiras.

Luella não parecia se incomodar em ter algumas horas sozinha toda manhã, e eu precisava das batidas de Evie na porta como precisava dos abraços de Arthy em Roslo. Ela preenchia o vazio no meu coração, o lugar em que eu sempre mantive a família.

O sorriso dela era a melhor parte do meu dia.

Levá-la de volta para Luella para o almoço e as aulas da tarde era a pior.

Sem nada mais para fazer, eu subia para a suíte. Lia o livro de Cathlin, praticava com as facas e esboçava minha versão de um mapa turano no caderno. Quando acabava, ficava olhando para o teto, pensando nos meus erros.

A autopiedade tinha que acabar. Eu ainda não sabia qual era meu

papel nessa fortaleza, e era hora de descobrir. Tinha a impressão de que ficaria em Ellder por um tempo.

— Vamos. — Evie saltou da cadeira e correu até a porta, puxando minha mão quando passou por mim. Depois me conduziu pela passarela e a escada.

Na noite em que o Guardião me trouxe, estava escuro demais para ter noção do tamanho da casa de Zavier — ela ocupava quase um quarteirão inteiro. A maior parte da casa era destinada a Evangeline e Luella. Mas também incluía cozinhas, lavanderia e aposentos para a babá de Evie e os demais funcionários.

Minha suíte no andar de cima tinha mais espaço do que eu precisava, com uma sala de estar, uma copa e dois quartos — o meu e um de hóspedes. Havia até um banheiro com uma bomba de água para encher a banheira. A água não era quente, mas eu esquentava algumas chaleiras e ficava divino.

Mas minha parte favorita da suíte era a varanda particular. Do alto do segundo andar eu conseguia ver a rua principal que dividia Ellder ao meio. Eu ficava observando o ir e vir das pessoas.

Havia uma padaria do outro lado da rua e, toda manhã, o proprietário levava flores frescas do mercado para a esposa. Uma adolescente que trabalhava num café de esquina parecia ser a única que havia me notado. Se me visse lá sentada, dava um tchauzinho, e eu devolvia o aceno.

Toda tarde um jovem distribuía o jornal de prédio em prédio. Ellder tinha, sim, um jornaleiro. Ele só publicava notícias sobre a fortaleza, mas eu devorava cada palavra.

Soldados subiam e desciam as ruas, acenando e cumprimentando quem encontravam. Pelo que eu tinha entendido, a vigilância da muralha era de três turnos.

A cada dia, mais estacas de madeira eram instaladas nas ruas, as pontas afiadas e cortantes.

Ellder era o lar de mercadores e comerciantes. Professores e

enfermeiros. Famílias com crianças de todas as idades. E aquela muralha enorme e seus soldados mantinham todos em segurança.

Mantinham Evie em segurança.

De tudo menos das confusões que ela mesma causava.

Cinco dias antes, ela escapara do olhar atento de Luella e roubara um monte de tortinhas da cozinha. Ela comeu no lugar do almoço de sempre e acabou vomitando em toda a cama.

No dia seguinte, pintou flores no guarda-roupa "sem querer". No outro, pegou "emprestado" um pote de ruge da penteadeira de Luella e espalhou todo o conteúdo nas bochechas.

Eu nunca tinha me apaixonado por alguém tão rápido.

Isso aliviava um pouco a dor de ter sido largada ali.

Ela também tinha sido largada ali.

Zavier partiu de Ellder pouco depois de trazer a filha de Treow. E o Guardião partiu na mesma noite em que me deixou na suíte.

— Não deveríamos avisar Luella que vamos explorar? — Apontei para a porta da frente esculpida.

— Ela não está aí. Me fez prometer que ficaria com você até voltar das masmorras.

— Ahn... Ellder tem masmorras? — Por que Luella estaria visitando as masmorras?

Em Quentis, os criminosos ficavam presos num acampamento perto do desfiladeiro Evon. As celas do quartel serviam apenas para os soldados de Banner mantê-los durante a espera do transporte até lá.

Imaginava que em Turah os criminosos fossem mantidos em masmorras na fortaleza.

— Sim, e são sinistras. — O rosto de Evie se iluminou. — Vamos lá.

— Nem pensar.

— Por que não? — Seu sorriso virou um biquinho. Era adorável. Adorável até demais. Ela usava aquele biquinho como uma espada.

— Tem um monte de livros e pergaminhos e coisas estranhas. Luella chama de bugigangas.

— Espera. Tem livros nas masmorras?

— Sim — ela respondeu, puxando-me para perto para cochichar no meu ouvido. — Ela não sabe que eu sei, mas sei.

Luella devia estar escondendo aqueles livros para que os soldados de Ramsey não os queimassem.

— Me mostre.

— Eba! — Evie deu um soquinho no ar e saiu correndo pela rua.

— Ei, me espera. — Ri, correndo para alcançá-la em direção à rua principal.

Evangeline olhava por sobre o ombro de vez em quando, confirmando que eu ainda estava atrás dela. Seu sorriso se alargava cada vez mais, com brilho nos olhos, as manchas azuis tão vibrantes quanto o céu. Azul, a cor dos olhos dos nascidos em Ozarth.

Por que Zavier, um príncipe herdeiro, não fizera questão que a filha nascesse em solo turano para ter as manchas verdes? Talvez a mãe dela tivesse insistido em dar à luz em Ozarth.

Se, quando, eu e Zavier tivermos um filho, como Evie se encaixaria na dinâmica? Zavier não queria que ela fizesse parte da vida na realeza. Mas, em algum momento teríamos que conceber um herdeiro. Ele esconderia todos os filhos?

Ou só as filhas?

Parecia haver uma balança em minha mente — perguntas de um lado, respostas do outro. O lado das perguntas estava tão cheio que chegava a transbordar. O das respostas estava quase vazio.

E eu tinha a impressão de que não descobriria muita coisa enquanto estivesse confinada nessa fortaleza.

Como Cathlin havia comentado, Ellder fora construída junto às montanhas. Penhascos se erguiam diante da fortaleza em camadas de pedra cinza lisa. Me lembrava o segundo acampamento, onde

dormimos no chão e quase fomos atacados por um ursur.

Talvez fosse possível escalar os penhascos para sair de Ellder, mas eu não tinha a menor vontade de tentar. Uma queda daquelas rochas representaria uma morte rápida.

Nem cheguei a tentar sair pelos portões da frente. Duvidava que os guardas deixassem.

Talvez as masmorras fossem úteis.

Evie diminuiu o passo, esperando eu alcançá-la. Segurou minha mão durante a caminhada pela rua principal, observando os prédios, as casas, as árvores e os jardinzinhos.

O quartel começava no coração de Ellder, mais ou menos no meio do caminho entre as montanhas e a muralha da fortaleza. As unidades eram cabanas simples dispostas em fileiras uniformes e ordenadas. Se fossem parecidas com os alojamentos dos soldados de Banner em Quentis, não passariam de um quarto e um banheiro. As refeições deviam ser servidas num salão comum para os soldados.

Evie me levou até a montanha, depois virou e caminhou ao longo dos penhascos, esticando a mão para tocar as pedras.

Mais adiante, a muralha de madeira encontrava a pedra. Os troncos pareciam ter sido esculpidos e moldados para se ajustar perfeitamente na superfície, sem qualquer fresta em que fosse possível se esgueirar, o que tornava os portões vigiados a única maneira de entrar ou sair de Ellder.

Evie diminuiu o passo e, por um momento, pensei que talvez tivesse se perdido. Mas uma abertura surgiu na rocha, visível apenas para quem estivesse bem na frente.

— As masmorras são uma caverna? — perguntei.

— Sim. Falei que eram sinistras. — Ela entrou sem hesitar, então a segui para a escuridão, dando um momento para os meus olhos se ajustarem. — Venha, Dess.

Ela segurou firme minha mão.

Algumas noites antes, Luella me convidara para jantar com elas na casa principal. Evie passou a refeição inteira falando sem parar, comendo apenas quando Luella a lembrava que o pão folha e o frango estavam esfriando.

Ela me perguntou se eu tinha um apelido, então mencionei o que meu pai usava às vezes. Desde então, Evie só me chamava de Dess.

Caminhamos pelo piso inclinado, descendo pelo túnel. As pedras eram lisas, e alguns degraus nos levavam ainda mais para baixo. O teto era mais alto do que eu imaginara, muito mais do que eu conseguia alcançar, mesmo na ponta dos pés. A luz de fora baixava rápido demais.

— Evie, talvez seja melhor voltarmos antes que fique muito escuro.

— Não, continue.

Pouco depois disso, uma luz laranja surgiu mais à frente. Foi crescendo mais e mais até passarmos por uma lanterna pendurada em um gancho na parede. Ao lado havia uma cela vazia. Suas grades de ferro eram cravadas na pedra, mas a porta estava aberta e destrancada.

Masmorras sem prisioneiros.

— Os bandidos vão para a cadeia perto do portão lateral — ela falou, lendo meus pensamentos. — Não posso ir lá.

— Não mesmo.

— Aqui é o lugar secreto de Luella. — Ela abaixou a voz, como se tivesse medo de ser pega pela mentora. — É onde ela esconde os livros especiais.

Meu coração disparou. O que, exatamente, havia naqueles livros especiais? Imaginava que fossem mais do que apenas de livros de literatura e estudo para Evie.

Os túneis eram escuros, água pingava de algum lugar ao longe. Não era exatamente o lugar que eu escolheria para guardar livros,

mas era o último local em que eu *procuraria* algum se fosse um soldado encarregado de queimar livros a mando do rei.

Continuamos andando, passando pelo brilho de uma lanterna atrás da outra, até Evie levar o dedo aos lábios e ficar na ponta dos pés. Na cela seguinte, ela diminuiu o passo e apontou para dentro das grades.

Não havia nenhuma prateleira, apenas pilhas de livros e objetos em cima. Havia estatuetas entalhadas dos deuses. Medalhões com vários emblemas. Bugigangas, como Evie havia prometido.

Ela apertou meu polegar e me puxou para a cela seguinte. Como a anterior, não havia prateleiras, mas um catre vazio estava encostado na parede do fundo, com pilhas de pergaminhos enrolados em cima.

Esperava que algum deles tivesse um mapa.

Eu precisaria de um dia para examinar todos. Teria que voltar sem Evie. Quando Luella não estivesse. Mas, pela primeira vez na semana, uma faísca de esperança se acendeu dentro de mim.

Talvez ainda tivesse sim a chance de encontrar informações, mesmo confinada dentro das muralhas de Ellder.

Evie continuou me puxando, e a segui por mais três celas. Todas vazias. O gotejar da rocha deixara poças de água no chão.

O túnel seguia adiante, cela após cela, mas, antes que pudéssemos continuar, alguém pigarreou alto.

Eu e Evie nos viramos, assustadas, dando de cara com uma mulher atrás de nós.

— O que está fazendo aqui, Evangeline? — Luella perguntou. — Você me falou que brincaria de esconde-esconde com Odessa.

— É culpa minha — falei. — Queria explorar um pouco Ellder hoje. Peço desculpas.

— E você escolheu as masmorras? — Luella não devia nada a Margot quando o assunto era olhares fulminantes.

Evie ficou cabisbaixa.

— Desculpa.

Luella balançou a cabeça e deu uma risada exasperada.

— Desde quando você sabe sobre as masmorras?

— Sei lá — Evie respondeu, dando de ombros.

— Devia ter imaginado que me seguiria até aqui em algum momento.

— Quer dizer que estou de castigo? — Evie perguntou. — Ou não?

— Não. — Luella se agachou na frente dela, ajeitando uma mecha de cabelo escuro atrás da orelha da menina. — Mas não quero que venha aqui sem um adulto. Entendeu?

— Entendi. — Evie assentiu com firmeza. — Podemos continuar explorando?

— Ah, adoro explorar. — A voz da mulher que veio atrás de Luella era familiar.

— Cathlin. — Sorri quando ela veio em nossa direção, os olhos castanhos brilhando na luz da lanterna.

— Olá, minha querida. — Ela me deu um abraço apertado e se virou para beijar o topo da cabeça de Evie. — Meu anjo. Está atormentando a Luella hoje?

— Não mais que o normal. — Luella se empertigou, analisando Cathlin de cima a baixo. Um alívio suavizou seu olhar quando viu que a bibliotecária estava intacta.

— Tenho algumas novidades para sua coleção. — Cathlin abriu a bolsa pendurada sobre o ombro e tirou três livros encadernados em couro. Ela os entregou para Luella antes de abraçá-la. — Olá, minha amiga.

— Olá — Luella respondeu. — Que bom ver você sã e salva. Eu soube do que aconteceu em Ashmore. Tirando o ataque, como foram as coisas?

Será que se referia à namorada de Cathlin?

— Depois conto tudo. — Cathlin colocou a mão no meu ombro.

— Leu o livro que eu dei?

— Sim. Obrigada. Ajudou muito.

Alguns dos costumes turanos descritos no livro eu já tinha aprendido em meu tempo ali. O uso do couro de monstros para confeccionar armaduras e roupas. A forma como os acampamentos e as cidades eram construídos dentro de barreiras naturais para proteção. Os mensageiros de pônei que entregavam a correspondência.

Mas, fora isso, o livro tinha sido uma fonte incrível de conhecimento. Eu sabia que a economia turana dependia da produção de madeira, mas não fazia ideia de que seus ferreiros e suas forjas estavam entre os melhores de Calandra. O metal bruto que importavam da fronteira com Ozarth não servia apenas para armas, mas para ferramentas como machados e lâminas de serra. Os turanos eram excelentes cavaleiros, aprendiam a montar desde pequenos. Quando atingiam a maioridade, os jovens costumavam participar de caçadas; matar um barilobo ou um tarkin era um rito de passagem. E as mulheres também eram treinadas, assim como os homens, para lutar e manusear armas.

— Como terminou aquele livro, vamos encontrar outros para você. — Cathlin sinalizou para entrarmos numa cela próxima e se abaixou ao passar os dedos pelas lombadas.

Ao sairmos daquela cela e depois de termos passado por outra, eu tinha uma pilha de cinco livros para ler. Ela havia escolhido alguns de história calandrana. Um sobre os animais e os monstros de Turah. E outro sobre os crux e o que se sabia das migrações.

Era o mais fino dos cinco.

— Mais um — Cathlin falou, pegando um livro vermelho com uma cinta de couro da mesma cor. — Esse é cheio de lendas e mitos antigos. E conta o meu mito favorito.

— Qual é? — perguntei.

— É sobre uma mulher chamada Sora que navegou além do

horizonte. Ficou desaparecida por cem anos, mas, quando voltou para Calandra, trouxe consigo criaturas e animais que nosso continente ainda não conhecia. Alguns acreditam que foi dali que vieram os monstros. Não dos deuses novos, mas de um que nunca sequer conhecemos. Um deus mais poderoso que qualquer outro. Isso sempre me fez pensar. Que outras histórias existem? E se algumas forem verdadeiras? E se tivermos queimado livros demais?

Senti uma vontade enorme de fazer o sinal dos Oito.

Era apenas uma história, mas senti uma pontada de medo nas costelas, como se não devêssemos abordar esse assunto. Como se estivéssemos atraindo a ira dos deuses.

Parte de mim queria deixar esse livro, ignorá-lo. A outra parte queria saber o que tinha ali dentro.

Será que havia alguma história sobre a Cadeia de Setes? Era assim que os turanos descobriram que poderiam pedir uma noiva de recompensa? Será que Zavier tinha lido esse livro?

— Você vai adorar. É um dos meus favoritos. — Cathlin olhou para a pilha de livros que havia separado para mim e fez uma careta exagerada. — Acho que me empolguei. O rei ainda não encontrou esse esconderijo. Tenho certeza de que todos vão desaparecer quando ele descobrir. É urgente, de certa forma, absorver tudo enquanto ainda temos chance.

— Por que ele está queimando livros? — perguntei.

— Odessa? — Luella apareceu ao meu lado e segurou com delicadeza o meu punho. — Você pode levar Evie para casa? Ela encheu os bolsos de bugigangas para colocar no quarto. Se ficar mais tempo aqui, acho que não vamos conseguir trazer tudo de volta. Vou apagar as lanternas e seguir logo atrás de vocês.

Não receberia mesmo uma resposta direta sobre as motivações do rei Ramsey.

— Claro. — Sorri para as duas e voltei pelo túnel atrás de

Evangeline, que estava na cela dos pergaminhos.

Os bolsos de seu vestido estavam cheios. Ela estava nas grades com um dedo nos lábios, apontando para a direção de Luella.

Essa menina. Era uma espiã melhor do que eu jamais seria.

Entrei na cela, com as costas na parede ao lado dela, e fiquei ouvindo os sussurros. Eles se projetavam mais longe do que elas provavelmente imaginavam.

— O que pensa que está fazendo? — Luella sussurrou.

— Como assim?

— Não se faça de sonsa comigo, Cathlin. Conheço você desde pequena. Está aprontando algo.

— São livros, Lu. Estou dando algo para a coitada ler. Só isso.

— Só isso? Ela é a última pessoa que deveria estar aqui — Luella rosnou. — Deveria ter imaginado que Evie me seguiria. Aquela menina.

— Ela se parece demais com a mãe.

Luella suspirou e respondeu:

— Se ele descobrir, será um inferno. E já sofri tormentos demais.

Ele. Ela se referia a Ramsey? Ou Zavier? Luella seria castigada se Zavier soubesse que a filha estivera nas masmorras?

Suas vozes ficaram baixas demais para eu conseguir entender o resto da conversa.

Evie também devia ter notado que não daria para escutar mais nada porque pegou minha mão e me guiou para fora da cela.

Saímos dos túneis para a luz do dia, mas eu ainda me sentia às escuras. Fazia dias que estava assim.

Sempre questionando. Sempre conjeturando. Sobre o rei e aqueles livros. Sobre Zavier e o Guardião. Sobre a lyssa e os monstros "doentes".

Na entrada da caverna, Evie espiou por cima da saliência rochosa, confirmando que não havia mais ninguém por perto. Depois saiu em disparada para a fileira mais próxima de

alojamentos. Quando chegou lá, diminuiu o ritmo como se estivéssemos dando um simples passeio matinal.

Sim, ela era uma pequena espiã.

— Quer brincar com os gatinhos? — perguntou quando voltamos à minha suíte para deixar os livros.

— E suas lições?

Ela mostrou a língua.

Bom, se Luella não estava lá, por que não?

— Gatinhos, então.

— Legal — ela exclamou, radiante.

A menina tinha apenas quatro anos e sabia ler e escrever. Zavier podia não querer que ela fosse uma princesa, mas a preparava para isso mesmo assim. Eu e Mae tínhamos o mesmo cronograma rígido de lições na idade dela.

Quando chegamos ao jardim, Evie foi direto para o cercado em que os gatinhos dormiam. Acariciou cada um, depois sentou no chão e começou a tirar as bugigangas dos bolsos.

— Esse é Ferious. — A estatueta de ouro da cabeça do Deus da Trapaça reluziu. — É meu deus favorito.

— Por que isso não me surpreende? — murmurei. — Não se deve ter um deus favorito.

Ela deu de ombros e beijou a careca da estatueta.

— O papai fala a mesma coisa.

— E quem sabe um dia você não me dá ouvidos? — A voz grave nos pegou de surpresa.

— Papai? — A atenção de Evie se voltou para a porta onde Zavier estava, com um sorriso nos lábios. — Papai!

Ela quase tropeçou ao correr até ele, mas ele a segurou e a envolveu num abraço enquanto ela se agarrava ao seu corpo.

— Estava com saudade. — Ele beijou a cabeça dela, aninhando-a em seu peito. — Olá, Odessa.

— Olá, Zavier.

Eu deveria estar feliz em ver meu marido, saber que ele estava são e salvo, mas sentia um aperto no peito. Uma onda de desprezo por mim mesma. Queria estar animada para ver Zavier. Mas não estava.

Não, estava ansiosa para ver outro homem.

E me odiava por sentir falta do Guardião.

Fui até eles, pronta para me retirar.

— Vou deixar vocês a sós.

Mas Zavier me deteve com um olhar de esguelha.

— Seu cabelo está diferente.

— Ah, hm...

— Está ruivo. — Evie declarou o óbvio e, antes que eu pudesse explicar, ela fez isso por mim: — Ela precisava tingir. O tempo todo, porque Margot, a madrasta dela, falava que castanho combinava mais com a pele dela, mas acho que essa tal de Margot estava errada e que o ruivo é muito mais bonito. Ainda mais com os olhos dela. Olha como brilham! Não dá nem para ver as manchas.

Eu não tinha manchas, mas, como Evie pensou que as minhas estavam apenas escondidas, não corrigi. Não queria explicar que era diferente. Não teria respostas para as perguntas que ela com certeza faria.

Zavier sorriu para a filha.

— Também acho que o ruivo fica mais bonito. Estão se conhecendo melhor, então?

— Estamos sim. — Pisquei para Evie. — Você tem uma filha muito linda e muito curiosa.

— Sim, tenho. — Ele beijou a testa dela e observou seu rosto. — Você mudou enquanto eu estava fora. Está com três sardas novas.

— Cinco — ela corrigiu.

— Hm — ele murmurou. — Acho que vou precisar contar melhor.

Evie sorriu, passando as mãos pelo rosto dele, como se quisesse confirmar que ele estava mesmo ali.

— Quer ver os gatinhos?

— É o que mais quero. — Zavier tocou meu braço antes que eu partisse. — Pode jantar conosco hoje?

— Claro. — Acenei para Evie e passei por dentro da casa até sair pela porta da frente e subir a escada.

Aqueles livros não se leriam sozinhos.

Mas, quando cheguei na passarela do segundo andar, meus pés pararam.

O Guardião estava na minha porta, recostado à parede com toda a tranquilidade do mundo.

Seus olhos estavam verde-esmeralda. O cabelo estava molhado nas pontas e precisava de um corte. As roupas eram limpas, e se ele havia passado por algum perigo, já tinha se lavado. E se barbeado. O rosto estava liso, e eu nunca tinha visto um maxilar tão definido, os cantos afiados como as minhas facas.

Deuses, como ele era lindo. Com ou sem barba, não me importava. Ele estava ali, e estava a salvo. Podia ser o Guardião, mas isso não me impedia de me preocupar.

— Oi. — Minha maldita voz saiu ofegante demais.

Ele se afastou da parede e se aproximou, jogando uma espada embainhada na minha direção.

Tentei pegar, mas ela escorregou dos meus dedos e caiu com estrondo aos meus pés.

— Opa.

Ele ergueu os olhos para o céu.

— Oda, me ajude.

— Bom, não sabia que você jogaria para mim. — Eu a peguei, deixando que meu cabelo escondesse o rubor nas bochechas. — É para quê?

— Minha rainha pediu uma espada.

Então ele me trouxe uma. Não havia esquecido.

Passou por mim, o braço roçando no meu.

— Vamos.

— Para onde? — perguntei, virando para descer a escada atrás dele.

— Alguém precisa ensinar você a usá-la.

Pensar em treinamento não deveria dar borboletas no estômago.

Mesmo assim, elas esvoaçavam lá dentro.

34

A espada era elegante e simples. Bem como eu mesma teria escolhido. As armas que Mae colecionava eram decoradas com ornamentos sofisticados e cravejadas de joias. Eu não queria nem precisava de nada extravagante.

A lâmina de aço era tão lisa e limpa que eu conseguia ver meu reflexo. O pomo e a cruzeta eram de ouro. A empunhadura era preta e estreita para se ajustar ao tamanho da minha mão.

Passei uma semana aprendendo a manejá-la. Uma semana correndo pelo centro de treinamento de Ellder, desviando de golpes e caindo de bunda no chão. Uma semana recebendo caras fechadas, olhares de repreensão e críticas resmungadas do Guardião.

Foi a melhor semana que tive em muito tempo.

Todos os meus músculos doíam. Assim que um hematoma desaparecia, outro surgia. Até meu couro cabeludo estava dolorido por causa do puxão que ele dera em minha trança no dia anterior para me ensinar que eu precisava escolher: cortar o cabelo ou prendê-lo para não atrapalhar.

Eu não ia cortar meu cabelo.

Por isso, para o treinamento de hoje, havia feito um coque com a trança. Estávamos treinando havia quase duas horas, e nem um

grampo tinha ficado no lugar.

Joguei a trança bagunçada por sobre o ombro e encarei o Guardião, me preparando para o próximo ataque.

— Pelo amor de Mack, Cross, dá para relaxar? Respire ou vai acabar desmaiando, porra. — Ele mencionava o Deus da Guerra com frequência. Não era nenhuma surpresa. Aposto que eram bons amigos.

Segurei o cabo da espada com mais força.

— Estou relaxada. E respirando.

— Então diga para os seus ombros saírem de perto das orelhas.

Relaxei os ombros.

— Está feliz?

— Vou ficar feliz quando você não me deixar tirar seu sangue. — Ele levantou a espada, a sobrancelha erguida. — Pronta?

Não. Alguém estava *pronto* para enfrentar o Guardião?

— Sim.

Ele partiu para cima de mim com um golpe nas costelas. Desviei por pouco e dei um passo rápido para a esquerda. Uma série de golpes vieram em sequência, forçando-me a dar uma volta completa pelo círculo.

Consegui bloquear cada um de seus golpes, o que significava que o último seria tão rápido que eu não teria como prever.

Um raio prateado.

Reluziu na minha visão periférica, e me movi tarde demais.

Sua espada parou no meu pescoço, a lâmina a um fio da minha pele.

Meu coração batia forte, e eu arfava. Mantive o pescoço tenso para evitar que a ponta afiada atingisse minha pele.

Os olhos cor de avelã do Guardião estavam duros enquanto me encaravam de trás da espada. Eles sempre estavam nessa cor durante nossos treinamentos. Mas, quando seu olhar desceu para a minha boca, a cor começou a mudar lentamente, como nuvens

encobrindo o céu azul.

Os pontinhos dourados e cor de chocolate foram diminuindo, dando lugar ao verde vívido. Sua língua deslizou pelo lábio inferior e me veio um frio instantâneo na barriga. Senti uma fisgada no ventre, o desejo se acumulando entre minhas coxas.

A lâmina continuava em meu pescoço, mas era aquele olhar, a maneira como eu não conseguia tirar os olhos de seus lábios suaves, o verdadeiro perigo.

Contei cinco respirações curtas. Seis. Era mais fácil fingir que eu não o desejava quando ele não estava olhando fixamente para minha boca. Quando eu não me permitia considerar que o sentimento era recíproco.

O clima mudou de repente. O verde de seus olhos voltou ao avelã enquanto ele abaixava a espada.

— Chega por hoje.

Soltei o ar, abaixando os braços. Espantando a sensação e me esforçando a ignorar o latejar em meu ventre.

— Seu condicionamento...

— É uma merda. — Suspirei. — Eu sei.

— Está melhor.

Fiquei em choque.

— Isso foi... Você acabou de falar que eu estou melhorando?

— Não deixe que suba à cabeça.

— Jamais. — Um sorriso brincou em meus lábios.

Seu rosto tinha uma leve camada de suor. Todo dia ele chegava barbeado. Menos hoje. Seu maxilar estava coberto por uma barba rente, e bastou um olhar para concluir que era minha versão favorita. Tanto que tropecei nos próprios pés.

Ele, é claro, deu risada.

— Notei que os soldados treinam os cavalos dando a volta pelo perímetro da cerca — falei. — Se tiver algum cavalo livre, posso voltar a cavalgar?

— Para fugir de Ellder sozinha, e não na carroça de um mercador?

— Exatamente. — Ergui o queixo, encontrando seus olhos.

Verde-esmeralda.

Senti um friozinho na barriga. Baixei a cabeça e encarei o chão.

Toda noite eu tentava me convencer a faltar no treinamento do dia seguinte. A ficar trancada na suíte até ele ir embora de Ellder. E toda manhã encontrava o Guardião ao amanhecer.

Ele me falara durante aquela viagem de Ashmore que os deuses eram desgraçados vingativos e manipuladores. Talvez tivesse razão.

Por uma ironia cruel do destino, eu era casada com Zavier enquanto esse homem assombrava meus sonhos.

Nunca passaria disso. Sessões de treinamento matinais com elogios velados e zombarias na lata. Não era amizade. Mas, quando eu pensava nos meus dias em Turah, os melhores tinham sido ao lado do Guardião.

Talvez fosse por isso que eu não conseguia me afastar dele.

— O que Zavier respondeu quando você pediu para cavalgar? — ele perguntou.

— Não pedi para ele. Estou pedindo para você.

Era minha vez de fazer um teste. Era mesmo Zavier quem estava realizando meus desejos? Ou o Guardião?

— Vou mencionar a Zavier. — Ele assentiu e foi embora, cruzando o centro de treinamento e passando por outros guerreiros e soldados, que pararam para encarar a lenda. E desapareceu em uma esquina.

Mas aqueles olhos verde-esmeralda ficariam em minha mente por horas.

Esmeralda significava bom humor. Curiosidade. Nunca o vira realmente feliz, mas verde era a cor de seus olhos quando ele não estava furioso. Passavam para tons variados de cor de avelã quando ficava sério, focado ou aborrecido. E havia também o prateado da

raiva.

Eu não deveria aprender a ler os olhos dele. Era para me concentrar nos de Zavier. Mas meu marido estava distante, passando a maior parte do tempo com Evie.

Então acabei memorizando os detalhes dos olhos do homem errado.

Quando eu acabasse me magoando, a culpa seria toda minha.

Com a espada embainhada, saí do centro de treinamento, cumprimentando quem encontrava no caminho. Essa área era mais tradicional que a de Treow, feita de terra. Ali havia suportes com armas que podíamos pegar emprestadas. Em cada espaço de treino ficava um menino ou uma menina com um balde de água potável. Havia uma fileira de alvos ao longo de uma cerca de madeira para os treinos de arco ou de besta.

Ao sair do centro de treinamento, passei pelas ruas de Ellder com calma. Não tinha pressa para voltar para a minha suíte solitária.

As pessoas da fortaleza não prestavam muita atenção nessa princesa. Ninguém parecia saber que eu era a Pardal, e eu imaginava que muitos turanos sequer sabiam que Zavier havia se casado. A maioria devia achar que ele se casaria apenas no equinócio de outono.

Isso significava que eu era apenas mais uma pessoa em Ellder. Recebia um olhar de vez em quando, mas atribuía a isso meu cabelo ou meus olhos dourados.

Ninguém me chamava de alteza desde a minha chegada ali, o que era um alívio — e isso me fez perceber quanto precisava desse lugar. Dessa chance de respirar e me desenvolver sem títulos. De escapar da pompa e da ostentação da vida na família real. De observar os turanos e formar opiniões próprias sobre meu novo reino.

Eu gostava de como eles não se esquivavam do trabalho árduo.

Que, mesmo com o suor escorrendo pelas costas, havia sorriso no rosto deles. Admirava a dedicação à família. Invejava até. Eram gentis com os vizinhos. Gentis comigo.

E se meu pai tivesse mentido? E se ele não estivesse atrás de algo em Allesaria, mas planejando uma guerra para depois da quebra do Escudo de Pardais? Quantos turanos morreriam se ele invadisse esse reino? Quantos quentinos?

O povo daqui não desistiria sem lutar. Eram leais e corajosos. Se meu pai quisesse levar o exército a Turah, o sangue dos dois países estaria em minhas mãos.

A ideia de desapontar meu pai me dava dor de cabeça. Mas a ideia de trair os turanos revirava meu estômago.

Eu estava de mãos atadas. E, considerando que não tinha nenhuma informação para fornecer ao meu pai, continuaria dessa forma.

Os livros que Cathlin havia me dado eram interessantes, mas não resolviam o problema de Allesaria. E, quando voltei na masmorra cinco dias atrás, na esperança de espiar os pergaminhos de Luella, todas as celas tinham sido esvaziadas.

Ela havia escondido tudo.

Como em Treow, ninguém em Ellder falava sobre Allesaria. Alguns dias antes, perguntei a uma criada se ela já tinha ido à cidade. Depois de um não rápido, ela fez uma mesura e saiu apressada. No dia anterior, visitei a padaria pela primeira vez, e havia um soldado na fila para comprar uma tortinha de frutas. Ficamos conversando enquanto esperávamos, e perguntei se seu posto era apenas em Ellder ou se ele já tinha ido para a capital também. Ele deu uma desculpa sobre estar atrasado para o turno na muralha e saiu sem levar sua tortinha.

E se Allesaria não existisse?

Esse pensamento já havia passado mais de uma vez pela minha cabeça. Eu o ignorara, certa de que nenhum reino seria capaz de

sustentar a farsa de uma cidade forjada.

Mas e se Allesaria fosse uma mentira?

Desembarcamos naquela praia no meio do nada. Perris, a antiga capital, era uma cidade portuária. Zavier foi para Perris e me deixou para trás. E se ainda fosse a capital?

E se nem existisse uma capital? Nem um castelo? E se depois da última migração os turanos tivessem decidido enganar todos? Fazendo-nos buscar um lugar que nem existia.

Se alguém mencionasse Allesaria, os turanos saberiam que aquela pessoa estava aprontando algo.

Se a cidade não existia, não havia nada que eu pudesse revelar para meu pai. Eu não tinha como falhar numa missão que estava condenada desde o início. De certa forma, portanto, não seria culpa minha decepcioná-lo dessa vez.

Bom, não dava pra saber. Por enquanto, eu apagaria Allesaria do meu vocabulário. A interação com o soldado me assustou tanto que eu não mencionaria mais a cidade. Gostava demais da minha invisibilidade para atrair uma atenção desnecessária.

Os únicos que sabiam do meu casamento com Zavier eram o Guardião, Luella e Cathlin.

Nem mesmo Evie parecia saber que eu era casada com seu pai. No dia anterior, havia perguntado meu sobrenome. Não fazia ideia de que eu era uma princesa de Quentis. Não fazia ideia de que eu era a esposa de Zavier.

Graças aos deuses, não deixei escapar o segredo. Era um segredo?

Pretendia perguntar para Zavier na noite anterior, mas ele não jantara com a gente. Talvez hoje eu descobrisse. Ou talvez deixasse minha identidade continuar um mistério.

Talvez fosse mais fácil para todos eu ser apenas Odessa.

Dess.

Estava prestes a entrar na rua da minha casa quando um grito cortou o ar. Virei na direção do barulho e vi o Guardião se

aproximando com Evie, que esperneava freneticamente em cima do ombro dele.

— Vou com ele. — Ela batia os punhos nas costas dele.

— Evie. Pare.

Ela esperneou com mais força, contorcendo-se para ser colocada no chão.

Ele respirou fundo. O avelã estava de volta.

— Me solta — Evie gritou de novo, tão alto que me assustei.

— Não. — O Guardião seguiu seu caminho, ignorando os olhares curiosos e julgadores.

— Sei lutar! — Evie se debatia tão violentamente que conseguiu soltar uma perna. Ela se virou de repente, o que o obrigou a colocá-la no chão. Ela avançou para o lado, prestes a sair correndo, mas ele a segurou pela barriga e a ergueu de novo, as perninhas dela balançando como se tentasse correr pelo ar.

— Evangeline — ele gritou o nome dela, e ela parou de repente. Se ele berrasse meu nome daquela forma, eu também ficaria paralisada.

Ela murchou e ficou pendurada no braço dele como um saco de batatas.

O Guardião fechou os olhos, soltou um suspiro e parou, colocando Evie em pé enquanto se agachava na frente dela.

Os ombros dela começaram a tremer e ela desabou no peito dele, chorando.

— Desculpa. — Ele a envolveu nos braços.

— Ele sempre me abandona — ela gritou.

Zavier.

Levei a mão ao coração dolorido. Essa pobre menina. Ela amava o pai, e ele vivia ausente.

— Posso lutar. Posso caçar com ele. Por favor — ela implorou, soluçando.

— Não é seguro. — A voz do Guardião era tão gentil que mal

reconheci. Provavelmente porque era a voz reservada a Evie.

— Mas sou forte e corajosa.

Ele a soltou e secou suas lágrimas com os polegares.

— Às vezes, ser forte e corajosa significa ficar para trás e fora da batalha.

— Não significa, não — ela respondeu.

— E se fizéssemos algo especial?

Evie fungou e limpou o nariz com o dorso da mão.

— Como o quê?

— Estava pensando em ir a Treow amanhã. Buscar um cavalo.

Meu cavalo. Freya.

Ele buscaria meu cavalo.

Os olhos do Guardião se voltaram em minha direção, reconhecendo minha presença.

— Posso ir com você? — Evie perguntou.

— Só se prometer se comportar.

Ela fez o sinal dos Oito.

— Juro pelos deuses.

— E você? — Ele não tirou os olhos dela, mas eu sabia que se dirigia a mim. — Vem com a gente, Cross?

Evie deu meia-volta e me viu. Ela apertou as mãos e assentiu.

— Você tem que vir. Por favor, Dess. Por favor.

— Hm. — Toquei no queixo, fingindo pensar. — Estou muito ocupada, mas acho que consigo fazer uma viagem a Treow.

35

— Agora a gente já passou da metade do caminho? — Evie perguntou pela terceira vez em três minutos.

Ela cavalgava com o Guardião, sentada na frente dele na sela, e sua atenção vagava em diferentes direções como sementes de dente-de-leão ao vento.

— Passou — ele respondeu.

— Finalmente. — Ela olhou para o céu e suspirou.

Passamos o dia inteiro cavalgando, seguindo o grupo de reconhecimento que havia saído de Ellder na nossa frente; eles garantiam que o caminho até Treow estivesse seguro. Como era de esperar, o Guardião tinha nos acordado ao amanhecer para que chegássemos ao acampamento ainda durante a tarde. Seguimos entre as árvores para evitar o sol escaldante de verão e, embora não chegasse a ser um ritmo exaustivo, também não estávamos indo devagar.

Pela agitação de Evie, ela não via a hora de descer da sela.

Ela soltou o ar, esticando-se para o lado do cavalo, observando as patas e o rabo dele.

— Posso dar um nome para ele?

— E como você sabe se eu já não dei?

— Deu? — Ela se virou para encarar o Guardião, apertando o

dedo na bochecha dele. — Qual é?

— Ele não gosta de revelar nomes — falei do alto de um cavalo castanho.

— Talvez eu só não goste de revelar nomes para você. — Ele deu um sorrisinho e colocou a mão ao redor da orelha de Evie, sussurrando algo que fez os olhos cinza dela se arregalarem.

— Aurinda? É nome de menina. — Ela caiu numa gargalhada tão forte que teria caído no chão se não fosse pelo braço firme dele ao redor de sua cintura.

Ele riu baixo e deu um aperto no nariz dela. A ternura que demonstrava com ela ainda seria meu fim.

— Aurinda — refleti. — Como uma das luas gêmeas?

Aurinda e Aurrellia. Eram quase idênticas, exceto pela enorme cratera cinza na superfície de Aurinda.

Ele apontou para o garanhão.

— Ele era um gêmeo que nasceu prematuro no solstício de inverno. A irmã não sobreviveu. Ninguém achava que ele sobreviveria, mas, apesar de tudo, aqui está. Um sacerdote voster falou que isso foi possível porque a irmã deu seu espírito a ele, como Aurinda deu parte de si para manter Aurrellia.

Fazia pouco tempo que eu tinha lido sobre a lenda das luas gêmeas num dos livros de Cathlin. Embora eu soubesse a história desde pequena.

Ama e Oda haviam criado o céu para uma única lua. Duas seriam pesadas demais e puxariam os tons dos Seis.

Mas, como em todas as suas criações, tudo que nascia de Ama e Oda eram gêmeos.

Sem querer perder a irmã, Aurinda cortou a própria carne, uma cratera em seu coração. Lançou a cratera para longe das estrelas e dos tons. Não a ponto de desaparecer, mas o suficiente para que Aurrellia pudesse permanecer a seu lado por toda a eternidade.

A cratera era Calandra.

Nascemos do coração de Aurinda.

E o Guardião nomeara seu cavalo em homenagem a ela.

Não era um nome que eu teria imaginado, mas, agora que conhecia a história, era exatamente o que eu teria escolhido.

— Já viu um sacerdote voster, Dess? — Evie perguntou.

Os assuntos na viagem daquele dia variaram de nomes de cavalo a cores favoritas a adivinhações sobre a distância a que ela conseguia atirar uma pinha. Evangeline era o contrário de Zavier, sempre calado. Como a maioria das crianças de quatro anos, momentos de silêncio a deixavam inquieta.

— Sim — respondi. — A irmandade sempre mandava um emissário para minha casa em Quentis.

— O que é um enzário?

— E-mis-sá-ri-o. Significa um contato ou representante. Os vosters mandavam um sacerdote para ajudar meu pai.

— Ah. — Evie inclinou a cabeça para o lado. — Por quê?

— Meu pai é um homem importante.

O Guardião bufou.

Revirei os olhos. Ele podia não gostar de meu pai, mas um rei era um rei, e até o grande e poderoso Guardião precisava admitir que meu pai era importante.

— Quem é ele? — Evie perguntou.

— É o Rei Dourado de Quentis.

Se Zavier não quisesse que eu revelasse minha ascendência para a filha, deveria ter deixado instruções. Mas eu não esconderia quem eu era, não dela. Deixaria que ele contasse os detalhes do casamento, mas tinha orgulho de ser quentina.

— Jura? — Seu queixo caiu. — Ele é um rei? Quer dizer que você é uma princesa?

— Sim.

Ela piscou devagar, processando a informação, e franziu a testa.

— É por isso que você não mora mais em Quentis? Porque a

mandaram embora? Também vivo sendo mandada embora, porque sou uma princesa...

Ela prendeu a respiração, percebendo o erro. Seu olhar aflito encontrou o do Guardião.

— Foi sem querer.

— Tudo bem. — Ele ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. — Pode contar para ela. Mas para mais ninguém, está bem?

Evie assentiu e relaxou os ombros.

— Não posso contar isso para ninguém — ela murmurou.

Meu coração se apertou.

Ela era tão pequena, mas tão adulta. Tinha aprendido lições que não deveria ter que aprender, não ainda. Se esconder. Fingir. Mentir. Eram lições para adultos, não crianças.

— Seu segredo está seguro comigo. — Abri um sorriso suave para ela. — E, um dia, vou explicar por que saí de Quentis.

Sobre o Escudo de Pardais. Sobre a Cadeia de Setes. Sobre tudo que ela quisesse saber. Odiava quantas das minhas perguntas não tinham resposta. Não queria aquilo para Evie.

— O papai também fala isso. Que um dia vai me contar. Que um dia vou saber de muitas coisas.

O Guardião riu e se abaixou para beijar a cabeça dela.

— Você vai ser a princesa mais sabida de toda a Calandra.

Evie sorriu e apoiou a cabeça no peito dele enquanto bocejava.

— O que significa seu colar?

O pingente havia escapado da túnica. Eu o segurei, deixando o metal vermelho refletir a luz antes de passar o polegar sobre a asa prateada.

— Não sei.

— Por que não?

— Eu o encontrei muito tempo atrás. Não sei o que significa. Mas uso porque é bonito. — Por uma esperança boba. Porque pode

ou não ter pertencido à minha mãe.

— Ah. — Ela bocejou de novo.

— Pode cochilar. — O Guardião se ajeitou para que ela pudesse descansar no braço livre dele, o que não estava segurando as rédeas de Aurinda. — Luella falou que você não dormiu bem.

Porque devia estar ansiosa demais para dormir.

— Não — Evie respondeu antes de bocejar de novo. — Não estou cansada.

Dez minutos depois, ela pegou no sono.

O que significava que agora era a minha vez de fazer perguntas.

— Como você sabe o caminho? — Não havia estrada nem trilha pela floresta, mas eu tinha certeza de que ele sabia por onde ir. — Todas as árvores parecem idênticas. Tem algum mapa ou algo assim que memorizou?

— Depois que você aprende o caminho, não é difícil encontrar.

Então, não, não havia mapa. *Droga*.

— Por que Luella não veio conosco? — Ou a babá de Evie. Talvez já houvesse alguém em Treow que cuidaria dela?

— Porque não precisava vir. Eu vou cuidar de Evie.

Ele também jurou protegê-la? Era o Guardião de nós duas? Bom, ela teria dois guardiões. Eu não havia feito nenhuma promessa, mas daria a vida por aquela menina.

— Onde está Zavier?

— Caçando.

— Monstros?

— Sim.

— É por causa da lyssa?

Seu olhar fixou no meu.

— Quem te contou isso?

— Ahn, você. Em Ashmore. Quando estava bêbado. Logo antes de desmaiar no chão do quarto com meu travesseiro.

— Ah. — Ele fechou a cara.

Pelo visto, Evie não era a única que cometia deslizes de vez em quando.

— Vai me contar ou vou ter que adivinhar?

A lyssa devia ter alguma ligação com aquele sangue verde pútrido e com os ataques dos monstros, mas seria bom ter uma confirmação.

Ele ficou em silêncio, olhando para a frente.

— Por favor, não me deixe no escuro. Fui deixada de lado, ignorada e negligenciada a vida toda.

Dessa vez, quando ele olhou para mim, foi com pena.

Não queria a pena dele, mas, se precisasse me expor para obter respostas, eu contaria toda a minha história de vida. Explicaria como tinha sido uma princesa inútil para Quentis.

— É uma infecção — ele respondeu, as palavras roucas, como se nunca tivesse precisado explicar isso antes.

— É por isso que Evie acha que estão doentes.

— Ela falou isso? — Ele balançou a cabeça. — Ela entende mais do que imaginamos.

— Sim, entende.

Ele a apertou, como se estivesse tentando protegê-la dos terrores do mundo. Daquela conversa.

— Não sabemos muito sobre a lyssa. Não sabemos como começou. Estamos apenas tentando impedir que se espalhe.

— É por isso que Zavier fica tanto tempo fora?

— Ele lidera um dos três grupos de caça. São três. Halston, o marido de Tillia, comanda o segundo. O capitão do *Cortador*, o terceiro. Ele patrulha a Krisenth e a linha costeira.

Parecia estranho mandar o príncipe herdeiro num grupo de caça, mas ele havia matado sete enguias-ósseas para me tomar como noiva. Talvez fosse necessário. Talvez preferisse arriscar a própria vida para garantir que o Guardião cuidasse da filha dele.

E da esposa.

— O que ela faz? Essa infecção?

— Os monstros já são perigosos sem a infecção. Matam por alimento. Para proteger os filhotes. Para defender um território. Mas, no fundo, um monstro não é diferente de um urso, um leão ou qualquer outro predador. Os Seis apenas transformaram suas feras em máquinas ainda mais mortíferas.

Como seria Calandra se não houvesse monstros? Se as únicas feras que vagassem pelos cinco reinos fossem os animais criados por Ama e Oda? Será que a lyssa era apenas mais uma maldição dos Seis?

— Um monstro com a lyssa fica ainda mais cruel e feroz, não? — perguntei, embora já soubesse a resposta.

— Sim. Matam porque podem, massacrando tudo no caminho.

— Como os barilobos em Ashmore.

— Sim. Não é raro uma matilha atacar uma cidade, ainda mais depois de um longo inverno rigoroso. Mas aquilo que aconteceu em Ashmore não foi por causa de comida.

Foi por sede de sangue. Era exatamente o que eu tinha ouvido falar sobre a migração.

— Como os crux.

— Sim.

Minha cabeça começou a girar. A migração já era horrível. Os mais velhos que sobreviveram à migração anterior tinham pavor dos monstros. Mas ao menos tínhamos uma trégua. Anos para nos recuperarmos, para nos prepararmos para o ataque seguinte.

O que aconteceria na próxima vez? Como seria possível sobreviver a monstros que nunca nos deixariam em paz porque carregavam uma infecção mágica?

— Acha que a lyssa chegou com os crux? — perguntei.

— É improvável — ele respondeu. — A última migração foi quase três décadas atrás. Só soubemos da lyssa nos últimos quatro anos. Duvido que estivesse se espalhando por toda uma geração.

Teríamos visto sinais muito antes.

O som constante dos cascos dos cavalos preenchia o silêncio enquanto minha mente disparava.

— Mas vocês não sabem quando nem como começou. Poderia ter existido antes disso. Talvez estivesse dormente.

— É possível. Mas os vosters passaram anos estudando tudo sobre a infecção. E descartaram os crux.

Claro que os vosters estavam no meio disso. E ele acreditara na palavra deles.

Meu pai sabia? Ou a irmandade guardava segredo sobre a lyssa?

O que aconteceria quando cruzasse fronteiras? O que aconteceria quando pessoas inocentes fossem massacradas porque os vosters e os turanos decidiram guardar segredo sobre essa infecção?

— Como se espalha? É pelo sangue verde? — Porque eu tinha quase certeza de que algumas gotas daquele barilobo em Ashmore chegaram perto demais da minha boca.

— Pela mordida.

— Não por sangue?

— Não. Só a mordida.

Havia uma mordida na cauda daquela enguia-óssea.

— Infecta outros animais? Como cães ou gatos?

— Não sei. Nenhum animal mordido por um monstro infectado sobreviveu.

— E pessoas? O que acontece com pessoas que foram mordidas?

Fiz a pergunta, mas, assim que as palavras saíram da minha boca, percebi que já sabia a resposta.

O Guardião.

Havia uma vulnerabilidade em seus olhos verdes quando ele olhou para mim.

— Você tem lyssa — sussurrei.

Mantendo Evie abraçada junto ao peito, ele tirou a braçadeira. A braçadeira que marcava as vidas que havia tirado para não esquecer.

A braçadeira que escondia uma cicatriz.

Sua pele era perfeita exceto por uma série de pontos brancos em meia-lua. Uma fileira de dentes afiados.

— O que te mordeu?

— Um barilobo. — Ele colocou a braçadeira de volta, escondendo a cicatriz. — Quatro anos atrás. Se não estivesse usando uma braçadeira como essa no dia, ele teria arrancado meu braço.

Um nó se formou em meu estômago.

— Alguém mais foi mordido?

— Não que eu saiba. Todos os que foram mordidos devem ter morrido. Quase ninguém sobrevive a um ataque quando o monstro não está infectado.

— Você é mesmo o único?

— Até onde sei.

Massageei as têmporas, a cabeça a mil. Era muito mais do que eu havia imaginado. Mais do que eu poderia compreender nesse momento.

— E o que nós devemos fazer?

— Nós?

— Sim. — Eu era parte disso agora. Desse país.

Olhei para Evie. Era parte dessa família.

Quisessem eles ou não.

— Matamos os monstros. Matamos todos. Até não restar nenhum.

Ele. Ele pretendia matar os monstros.

Depois se matar.

Ele abriu um sorrisinho, a máscara arrogante voltando.

— Pense em como seu pai vai ficar feliz quando eu estiver morto. Pode até falar que você que me matou, como ele pediu. Minha rainha assassina.

36

— C-como assim?

O Guardião me lançou um olhar frio.

— Cross.

Tá, então não adiantava me fazer de boba. Ele estava cinco passos à frente.

Não tinha certeza de como ele sabia que meu pai havia me mandado matá-lo, mas era claro que ele sabia. Ou porque tinha um espião em Roslo ou porque adivinhara.

Se eu soubesse mentir melhor, poderia me salvar dessa confusão. Mas, como ele próprio já havia comentado, eu era uma péssima mentirosa.

— O que ela fez com você? A lyssa? É por causa dela que você se move desse jeito? — Era a razão para seus olhos mudarem de cor? A lyssa teria alterado a magia no solo que dava aos calandranos suas manchas de nascença? Será que havia arrancado essa conexão, forjando algo novo?

— Potencializa as habilidades naturais — ele respondeu.

— Torna você mais, hm... — Como falar isso? Violento? Agressivo?

— Monstruoso? — ele ironizou. — Sim.

Monstro contra monstro. Era por isso que ele conseguia matar

aquelas feras.

— No caminho para Treow, na noite em que estávamos acampados ao lado do rochedo. O ursur que você matou naquela noite estava infectado com a lyssa? Foi por isso que ele não teve medo das fogueiras?

— Sim.

— E os barilobos naquela noite?

— Espertos o suficiente para saber que não eram páreo para o ursur. Não tenho certeza, mas talvez seja a mesma matilha que atacou Ashmore. — Seus olhos se perderam no meio das árvores. — Eu deveria ter rastreado sua movimentação.

A culpa que ele carregava por Ashmore era muito mais profunda do que eu imaginara. Que outras vidas perdidas ele guardava em sua consciência? Com quantos outros ele acreditava ter falhado?

— Vocês sabiam sobre a lyssa antes de você ter sido mordido?

— Não — ele respondeu. — Acho que, como fui mordido, como... me transformei, nós começamos a fazer mais perguntas.

— Nós?

— Os vosters. Zavier.

— E isso foi há quatro anos? — Não esperava uma resposta. A qualquer momento, sua paciência com as minhas perguntas acabaria. Mas, até que ele me mandasse calar a boca, eu continuaria tentando.

— Sim. Não muito depois que fui mordido, peguei uma febre. Passei uma semana delirando. Quando finalmente passou, estava tudo normal. O resto foi vindo ao longo dos meses seguintes. Um corte que deveria demorar dias para cicatrizar sumia em horas. Eu conseguia enxergar com mais clareza. Ouvir melhor. Sempre fui bom de briga. Sempre fui rápido. Mas agora sou mais rápido. Mais forte.

— Não me parece monstruoso.

Ele soltou uma risada seca.

— Essas dádivas, como você chamou, têm um preço. Os monstros não são os únicos que vivem com sede de sangue.

Aquele dia em Ashmore, quando olhei para ele e o monstro dentro dele me encarou. Os dias em que o prateado tomava suas íris.

— Perco uma parte de mim mesmo. Perco tudo, exceto o mínimo de autocontrole. — Quando se voltou para mim, havia um alerta em seus olhos. — Não é fácil me libertar. Está ficando cada vez mais difícil.

Poderia chegar o momento em que ele não conseguiria se controlar mais. Quando o monstro apagasse o homem por completo.

E, quando esse momento chegasse, seria melhor não estar por perto.

— De onde vocês acham que a lyssa surgiu, se não dos crux?

— Ninguém sabe.

— Nem mesmo os vosters?

— Não. Mas conseguem sentir. Sentir algo errado. Talvez os Seis tenham achado que os humanos estavam ficando fortes demais. Que seus monstros não eram suficientes para nos controlar, então amaldiçoaram Calandra com a lyssa para nos torturar com mais morte e sangue.

Eu tinha pensado a mesma coisa.

— O sumo sacerdote acredita que seja uma mutação — ele continuou. — Uma doença que se transformou com o tempo, se tornando cada vez mais forte.

— E no que você acredita?

Ele suspirou, ajeitando Evie nos braços.

— Que a nossa prioridade deve ser impedir que se espalhe.

Matando todas as feras infectadas.

Essa era a missão de Zavier.

— Por que apenas três grupos de caça? Por que não mais?

— Precisamos de guerreiros para proteger as vilas e cidades. Não são muitos os homens que Zavier pode dispensar. Seus patrulheiros são os melhores, então contamos com suas habilidades, sacrificando quantidade por qualidade.

— E o rei? O exército dele? — Ou a tal milícia de que ouvi falar?

Ele cerrou os dentes com tanta força que os ouvi ranger.

— Não é uma opção.

— Por que não?

— Não é uma opção. — Sua voz não dava margem para discussão.

Então o rei Ramsey estava fora.

— Ele sabe sobre a lyssa? O rei?

— Sim.

Meus olhos se arregalaram.

— E não está ajudando?

O Guardião arqueou a sobrancelha.

Era um não.

— E existe cura? — Em vez de eliminar a lyssa, seria possível curá-la?

— Os vosters já tentaram. Não existe cura.

— Mas e se...

— Não existe cura — ele repetiu. — Não temos como fazer nada além de expurgar a lyssa de Turah. Já se espalhou para a Krisenth. Não tem como se espalhar mais. Nosso tempo está acabando.

— Tempo? — Franzi a testa. — Para quê?

— Você já ouviu as histórias dos crux. São mais mortais do que qualquer monstro em Calandra. Consegue imaginar como seria se estivessem infectados com a lyssa? Não apenas o número de mortos seria insuperável como poderiam espalhá-la por todo o continente numa semana.

— Ai, deuses. — Senti meu estômago se revir.

Mudaria Calandra para sempre.

Talvez já tivesse mudado.

— Como vocês sabem que não se espalhou além da Krisenth? Para outros reinos?

— Não sabemos. Não com certeza.

— Qual é o lugar mais longe em que já a viram?

— Perris.

— Na costa?

— Sim — ele respondeu. — É por isso que o capitão do *Cortador* comanda um grupo de caça. Ela se espalhou de alguma forma para as enguias-ósseas.

— Como?

— Muitos ursures entram no mar para pescar. São excelentes nadadores. É provável que uma enguia-óssea estivesse perto demais da costa. O ursur atacou, mas a enguia-óssea conseguiu sair nadando. — Ele deu de ombros. — Mas é só uma teoria. Ninguém sabe com certeza.

— Se a Krisenth estiver infectada, a lyssa pode chegar a Quentis. Meu pai precisa saber disso. Vocês precisam contar para ele. Precisam enviar um alerta.

Os olhos do Guardião se estreitaram.

— O que faz você pensar que ele já não sabe?

— Ele sabe? — Era por isso que havia insistido na minha espionagem?

— Todos os reis de Calandra sabem sobre a lyssa. Apenas decidiram que é um problema para Turah resolver.

Meu queixo caiu.

— Eles não se importam?

— O Escudo de Pardais previne a guerra, minha rainha. Não exige lealdade.

Então Turah foi abandonada para sofrer. Seu povo, para morrer.

Era por isso que eles foram se isolando ao longo dos anos? Ou o motivo de terem se retirado das relações diplomáticas?

— E seu povo? Os turanos sabem sobre a lyssa? — Se sim, por que ninguém havia me contado antes?

— Poucos sabem.

— Vocês esconderam do próprio povo. Por quê?

Sua respiração ficou pesada, indicando que minha pergunta tocava num ponto sensível.

— O rei decidiu que causaria pânico demais. Não acredita que os monstros infectados sejam mais agressivos do que os monstros sem lyssa.

— Como assim? Como ele pode pensar isso? Não importa se acredita ou não. As pessoas deveriam saber que estão correndo um risco maior. Depois do que aconteceu em Ashmore, isso não pode continuar em segredo.

— Não cabe a mim tomar ou contrariar essa decisão. Tudo que posso fazer no momento é tentar impedir que se espalhe.

— Até onde acha que se espalhou?

— Acredito que está mais concentrada nesta região. Do outro lado de Turah, não há nenhum sinal. Fazia meses que o grupo de caça no *Cortador* não via nenhuma enguia-óssea até aquela que atacou nosso navio. Fomos de cidade em cidade, perguntando se houve algum ataque. Algum monstro com o sangue verde, não vermelho. Ao longo da costa, os relatos são raros. Mas quando você se aproxima das montanhas, eles ficam mais comuns.

Então deve ter surgido em algum lugar por ali.

— Se ela se espalhar até a fronteira com Ozarth, imagino que os reis mudem de ideia.

— A essa altura, pode ser tarde demais para impedir.

Tirei um cacho da têmpora e fechei os olhos para tentar absorver tudo. Meu pai sabia sobre aquilo. E não fizera nada. Se a lyssa se espalhasse para Quentis e pessoas morressem, seria culpa dele.

— Os outros reis sabem que você tem lyssa? Meu pai sabe?

— Não. Pouquíssimas pessoas sabem a verdade.

— Mas você me contou. Por quê? — Era mais um teste? Uma forma de confirmar meu silêncio? Eu não poderia revelar o segredo do Guardião para meu pai sem me condenar ao mesmo tempo.

Ele engoliu em seco e olhou para Evie, que ainda dormia em seu peito. Quando virou para mim, seus olhos estavam mudando, passando de verdes para avelã. Ele abriu e fechou a boca. Abriu de novo. Parecia quase nervoso.

Senti um nó no estômago.

Não era a expressão de alguém prestes a dar boas notícias.

— Que foi? — Engoli em seco. — Me diga.

Mas, antes que ele pudesse explicar, um grito ecoou ao longe. Mesmo distante, não dava para ignorar o medo naquela voz.

Minhas facas estavam nas costas. Por mais que eu quisesse trazer a espada, as facas eram menores, e eu tinha mais prática com elas. Pelos tons, não queria usá-las hoje.

Os olhos do Guardião se estreitaram para as árvores adiante, identificando algo que eu não conseguia ver. Então veio o som surdo de cascos, que ficou mais e mais alto até dois soldados do grupo de reconhecimento surgirem da floresta.

— O que é? — ele questionou, a voz alta e firme o bastante para despertar Evie.

Ela acordou, assustada, piscando para espantar a sonolência e se endireitando.

— Tarkin — um soldado respondeu, com os olhos em pânico. — Ele nos atacou mais adiante.

— Merda. — O Guardião passou a mão no rosto. — Mortes?

— Cinco. Talvez mais. O grupo se dispersou. Alguns avançaram para Treow. Nós voltamos até você. Não tenho certeza, mas acho que ele seguiu para Treow.

— Inferno. — O Guardião conduziu o garanhão para perto do meu e colocou Evie na minha sela. Ele olhou ao redor, a respiração

acelerada. — Não dá pra vocês ficarem aqui. Ele pode voltar.

— Nós podemos cavalgar com vocês — falei.

Ele lançou um olhar tão penetrante para os soldados que a cor esvaiu dos rostos já pálidos. Em seguida deu orientações para eles:

— Vocês vão cavalgar com a gente. Vão ficar nas posições externas. Aconteça o que acontecer, nada chega perto do cavalo dela. Entendido?

— Sim, Guardião.

Apertei Evie, segurando-a enquanto estreitava os dedos nas rédeas.

— Segure firme, estrelinha.

Ela assentiu, apertando o pomo da sela com as duas mãos.

— Fiquem atrás de mim. Aconteça o que acontecer — o Guardião falou, os olhos descendo para a menina.

— Vou cuidar dela — prometi.

— Odeio essa porra. — Seus olhos rodopiaram, o prateado afastando o avelã.

Por mais que ele odiasse, ficarmos unidos era a melhor opção. Era mais seguro estar ao lado dele, mesmo que isso significasse cavalgar na direção do perigo.

Os soldados eram apenas meninos, de uns dezenove ou vinte anos. Jovens e inexperientes demais para enfrentar um monstro. Ainda mais se ele estivesse com lyssa.

— Vá para a sua casa na árvore. — Ele apontou para a frente, e segui seu dedo, traçando o caminho invisível. Depois saiu em disparada sem dizer uma palavra, os cascos trovejando.

Meu cavalo, sem querer ser deixado para trás, precisou apenas de um leve incentivo para seguir o do Guardião. Eu e Evie sacudimos na sela, que agarrávamos com força, mas conseguimos nos manter sentadas enquanto voávamos por entre árvores e arbustos.

Algo molhado caiu em minha mão.

Uma lágrima. Uma lágrima de Evie.

— Está tudo bem — tranquilizei. — Vai ficar tudo bem.

Os soldados nos cercavam enquanto nos aproximávamos da torre de vigia, obedecendo às ordens do Guardião de permanecerem ao nosso lado.

Olhei para cima, pensando que veria um guerreiro de plantão, como sempre via em todos os meus passeios e corridas por Treow, mas a torre estava vazia. Todos deviam ter abandonado seus postos para enfrentar o tarkin.

Mesmo com o barulho dos cascos e do meu coração acelerado, eu ouvia os gritos do acampamento.

O garanhão do Guardião se empinou ao parar bruscamente ao lado da minha casa na árvore, a corda pendurada.

Nós também paramos tão rápido que quase caí da sela, mal conseguindo passar a perna e descer. Então, com os braços estendidos, peguei Evie.

— Suba — o Guardião ordenou.

— O cavalo...

— Porra, Cross. Suba. — Ele não sairia até estarmos seguras lá em cima.

— Você primeiro, Evie.

Ela subiu a escada às pressas, pegando os degraus com agilidade, como se já tivesse feito isso mil vezes. Provavelmente porque tinha mesmo. Eu só tive semanas em Treow. Ela teve meses, talvez anos.

Subi atrás dela e olhei por sobre o ombro.

O Guardião sacou a espada com um movimento do punho, a lâmina cortando o ar. Impaciente.

Assim que meus joelhos tocaram a plataforma, ele saiu, cavalgando em direção à área comum e aos gritos.

Os dois soldados trocaram um olhar, como se não soubessem para onde ir. Depois seguiram atrás dele, deixando meu cavalo castanho sozinho.

O grito de uma mulher fez os pelos dos meus braços se

arrepiarem.

— Dess. — A voz de Evie era baixa e assustada.

— Vai ficar tudo bem. — Eu a abracei, olhando para as árvores, desejando que não estivéssemos tão afastadas dos outros para poder ver.

Desejando estar mais longe para que Evie não tivesse que ouvir os gritos.

— Quero o papai. — Evie se afundou em meu pescoço.

Minha mão subia e descia por suas costas enquanto um rosnado vinha lá de baixo. Era alto demais, perto demais, para ter vindo da comoção na área comum.

— Shh — sussurrei, pegando-a no colo e a levando para dentro.

Eu a coloquei na cama, mas ela não ficou em cima — deslizou pela lateral e se agachou debaixo dela, os olhos cinza espiando do esconderijo.

Fiz sinal de silêncio e fui devagar até a porta, fechando-a atrás de mim antes de andar na ponta dos pés até o parapeito da sacada.

Embaixo da minha casa na árvore, com suas patas silenciosas, estava um tarkin.

Meu coração parou. Movendo-me devagar e em silêncio, tirei as facas das bainhas, tensionando quando o metal raspou o couro.

Daquele ponto, eu tinha uma visão perfeita da couraça vermelha e laranja que cobria suas costas. As escamas eram do tamanho da minha mão, grossas como ferro. Elas se moviam em sincronia, tão suaves quanto água corrente, enquanto o monstro rondava.

Os tarkins se assemelhavam aos tigres que vagavam pelas regiões fluviais de Ozarth. A pelagem de um tarkin era vermelha como rubis, com listras rosa. A única maneira de matar a criatura era com uma lâmina cravada na garganta ou no coração. As escamas ao longo das costas eram impenetráveis. Seus dentes e garras, tão brancos quanto a neve, podiam rasgar a carne humana como se fosse papel molhado.

De todos os monstros que vagavam por Calandra, o tarkin era o mais bonito. Se um caçador conseguisse matar a fera e recolher suas escamas, poderia vendê-las no mercado clandestino por um valor tão alto quanto o pó de presas de fenek. Sua pele, com a pelagem vermelha suave e luxuosa, era duas vezes mais cara do que o couro da onça-áurea.

O monstro lá embaixo não prestou a menor atenção em mim enquanto passava pela minha casa na árvore, o rabo balançando ao atravessar a floresta.

Era aquele monstro que havia atacado a área comum? Parecia tão dócil. Sereno. Por que é que ainda estava vivo?

Onde estava o Guardião, e por que não havia matado aquele monstro?

A menos que houvesse mais de um. A menos que aquele ataque fosse como o dos barilobos em Ashmore e, enquanto o outro monstro mantinha o Guardião ocupado, esse caçava, buscando uma presa fácil.

Não devia ter encontrado nenhuma. Continuou pela floresta até sair do meu campo de visão.

Meu suspiro saiu como uma rajada forte. Eu estava me virando para a porta, relaxando a mão nas facas, pronta para resgatar Evie debaixo da cama, quando ouvi uma voz.

— Rápido, Marco.

Minha cabeça se virou tão rápido que uma dor abrasadora atravessou meu pescoço.

Uma menina com a pele marrom impecável e cachos espiralados segurava a mão de um garotinho, guiando-o na direção da minha escada de corda.

Por que é que eles estavam sozinhos? Onde estavam seus pais?

Corri para o outro lado da casa na árvore, procurando o tarkin, mas ele não estava mais lá.

— Obrigada, Ama.

Correndo até a escada, deixei as facas de lado e me ajoelhei, fazendo sinal para as crianças subirem.

— Rápido. Subam aqui.

O rosto da menina se iluminou, as bochechas marcadas por lágrimas, os olhos arregalados enquanto puxava o menino consigo.

Eles estavam quase chegando quando senti a brisa. A mudança no vento que levou nossos cheiros na direção errada.

A menina pisou num graveto, partindo-o.

O barulho não foi alto. Em qualquer outra situação, eu não teria dado atenção. Mas aquele estalo combinado com o vento era quase como um trovão.

O Guardião ficaria tão, mas tão furioso comigo.

Sem pensar, virei e comecei a descer a escada, descendo o mais rápido possível. Cheguei ao solo ao mesmo tempo que um rosnado baixo e gutural ecoou ao longe.

Merda.

Um soluço escapou da menina, mas ela cobriu a boca, segurando o grito.

— Subam. Vão. — Agora eu falava como o Guardião. Mas ela obedeceu, subindo a escada tão rápido quanto Evie.

O menino balançou a cabeça, os olhos arregalados de medo agora que a menina estava no meio da escada.

— Vamos. — Eu o levantei, apoiado no quadril, e comecei a subir, devagar e desajeitada com o menino nos braços.

Subimos cinco degraus antes de os pelos da minha nuca se arrepiarem. Num instante, a floresta estava vazia. No outro, o tarkin saltava das árvores, dentes e presas à mostra, as garras se cravando na terra.

— Merda. Merda. Merda. — Continuei subindo, olhando para a menina lá em cima.

Ela havia alcançado a varanda.

E Evie, minha estrelinha corajosa, havia deixado a segurança do

quarto para ajudar a menina a subir.

— Marco! — a menina gritou, as mãos estendidas.

O rugido do tarkin vibrou em minha pele. Estava correndo tão rápido que era uma nuvem vermelha e laranja. Aquele corpo enorme e musculoso era moldado para a velocidade. Para matar.

Ele pularia em cima de nós. Arrancaria a escada e nos lançaria para o chão.

Subi mais rápido, ajeitando o menino enquanto ele começava a chorar e estender os braços para a menina.

— Dess! — Evie gritou.

O tarkin saltou, com as garras estendidas e a boca aberta.

Enrosquei o braço na corda, segurando-me a ela e ao menino com toda a minha força.

O monstro atingiu a escada, fazendo-nos girar. Uma dor se espalhou por minha perna quando suas escamas atingiram minha panturrilha.

Minha perna escorregou, e caí um degrau, a corda esfolando e queimando minha mão e meu braço. Mas consegui me segurar e colocar os dois pés com firmeza na escada.

— Cuidado — Evie gritou quando o tarkin saltou outra vez, tentando me atingir de baixo da escada.

O menino gritava tão alto no meu ouvido que eu não conseguia ouvir mais nada.

Apertei o braço ao redor de sua cintura e continuei subindo.

Ainda não, Izzac. Eu não estava pronta para me entregar ao Deus da Morte. Ainda não.

Mas a força em meus braços e pernas começava a se esvair. Com os dentes cerrados, consegui subir mais um degrau. Depois outro. E mais outro.

Enquanto isso, o tarkin arranhava a escada, girando e puxando tão violentamente que ficamos rodopiando, o que me obrigava a parar de subir de tempos em tempos só para continuar segurando.

— Socorro! — O grito de Evie foi alto e claro. — Socorro! Por favor!

Deixei o menino mais perto da escada, na esperança de que, se caísse, ele poderia ao menos ficar lá.

— Segure firme. Pegue a corda.

Seu corpo todo tremia enquanto ele chorava.

— Por favor. Segure firme.

O menino, Marco, estava paralisado de medo.

Tentei mais um degrau, colocando o pé no próximo quando a escada girou de novo. Eu me forcei a subir e soltei o ar quando as duas botas se firmaram na corda.

Não estávamos nem na metade ainda. Não chegaríamos ao topo. Mas, se conseguíssemos segurar bem firme, daria tempo de chegar ajuda. O Guardião nos salvaria.

— Socorro! — Evie continuava gritando, as mãos em concha ao redor da boca.

A escada balançou para o lado, tão forte que meu estômago se revirou. Me preparei para outro tremor, outro giro, mas ele não chegou a vir. A escada começou a se firmar e se estabilizar.

Arrisquei um olhar para baixo.

O tarkin estava recuando, preparando-se para mais um salto, os lábios repuxados revelando aquelas presas cristalinas.

Meu coração se apertou.

Ele já havia errado a corda uma vez. Não erraria de novo.

Merda, aquilo doeria.

Ele deu três passos largos e voou, acertando a escada com tanta força que seu corpo se enroscou na corda.

Ouvi o estalo e senti o tranco. O suporte esquerdo da escada se soltou do gancho na varanda, deixando a corda pendurada por um fio. Começamos a cair, escorregando pelo que restava da escada, minhas pernas ao redor dela numa tentativa desesperada de frear a queda.

Não chegou a ser uma queda livre, mas foi quase. O impacto no chão foi tão violento que meus joelhos cederam e voei para trás, o ar arrancado dos meus pulmões quando acertei a terra.

Minha visão ficou turva e, por um momento, tive certeza de ouvir a voz de Izzac. O Deus da Morte me dando as boas-vindas ao inferno.

Odessa.

Meu nome nunca soara mais doce.

Mas os contornos turvos foram ficando mais nítidos, as manchas desapareceram da minha visão. E tudo voltou a mim num piscar de olhos.

O menino estava caído no meu peito. Meu corpo suavizara a queda dele, mas ainda assim ele devia estar com dor. Choramingava quando eu me apoiei no cotovelo.

Através da escada destruída, encontrei um par de olhos violeta.

O tarkin também caiu depois do salto, e cascas de árvore cobriam suas escamas. Mas ele encontrou seu equilíbrio.

E sua próxima vítima.

Meu coração despencou. Não havia para onde ir. Para onde escapar.

Então me virei por cima do garoto, protegendo-o com meu corpo. Fechei os olhos, torcendo para que, quando o monstro tivesse acabado com a minha carne, a ajuda já tivesse chegado para salvar Marco.

O rosnado do tarkin era tudo que eu conseguia ouvir além do sangue pulsando em meus ouvidos. Prendi a respiração e esperei. Mas garras e dentes não se cravaram em meu corpo. Senti apenas um rosnado e um sopro de vento no cabelo.

E mais nada.

Um nada pacífico.

Carine, a Deusa da Paz, havia me recebido em seu tom.

Embora eu duvidasse que Carine usasse botas.

Um par, arranhado e sujo, apareceu ao meu lado. Fui levantada do chão, o menino ainda em meus braços, e colocada de joelhos. As mãos e os olhos do Guardião percorreram meu corpo, procurando por ferimentos, e ele se ajoelhou ao meu lado.

— Onde você se machucou? — Sua voz era frenética.

— Estou bem. — Estávamos vivos. Suspirei, abraçando o menino.

Eu tinha certeza de que depois meus braços e minhas pernas doeriam como nunca. Mas, por enquanto, estávamos vivos. Graças ao Guardião.

Ele pegou meu rosto entre as mãos, encostando a testa na minha. Seu polegar acariciou minha bochecha, e arrepios explodiram em minha pele.

— Você está bem.

Estava me tranquilizando? Ou se tranquilizando?

— Estou bem.

Ele se afastou, meu rosto ainda em suas mãos. O polegar ainda acariciando. Não queria que aquilo parasse nunca, mas, quando gritos ecoaram pelas árvores, ele me soltou.

Olhei por sobre o ombro. E encontrei os olhos sem vida do tarkin me encarando.

A cor violeta já estava dando lugar a um branco opaco.

O Guardião se sentou sobre os calcanhares.

— Porra, como você é imprudente, mulher! Sua vida não significa nada para você?

— Não quando a vida de crianças inocentes está em risco.

Ele passou a mão pelo rosto.

Nós dois sabíamos que ele teria feito o mesmo.

— Marco. — Uma mulher veio correndo, pegou o menino dos meus braços e o abraçou junto ao peito.

A menina na casa da árvore gritou:

— Mamãe!

— Obrigada — a mulher agradeceu, em meio a soluços. — Obrigada.

Não sabia se ela falava comigo ou com o Guardião, então esbocei um sorriso inseguro e comecei a me levantar.

O Guardião se levantou antes, a mão em meu cotovelo para me erguer. Eu estava com as pernas bambas, sem saber se queria chorar, gritar ou rir.

O corpo rubi do tarkin jazia a um metro e meio, a espada do Guardião cravada em suas costelas. Sangue escorria ao redor da lâmina. Um sangue verde pútrido.

Antes que eu pudesse me aproximar dele para olhar melhor, um arrepio subiu por minha pele, a sensação de aranhas rastejando por meus braços.

Senti um calafrio e olhei na direção da área comum.

E encontrei o olhar insondável do sumo sacerdote voster. Ele sempre aparecia nos piores momentos. Saindo de qualquer que fosse seu esconderijo para tornar meu dia ainda pior.

Ergui a cabeça para o céu e fechei os olhos.

Eu estava cercada por monstros.

37

O medo que senti durante o ataque do tarkin foi devastador, e meu corpo começava a desligar. Minhas pernas estavam fracas e meus passos, vacilantes. Meus braços formigavam e minha cabeça girava. E a presença da magia voster não ajudava.

O sumo sacerdote e o Guardião observavam o tarkin morto. A magia do voster consumira o resto da minha força.

Como o Guardião suportava? Eu usava o restinho da minha energia para evitar me contorcer.

Tillia surgiu do meio das árvores, vindo da área comum. Lançou um olhar rápido para o Guardião e o sumo sacerdote e parou ao meu lado, tocando meu ombro.

— Odessa, soube o que aconteceu. Você está bem?

— Sim — menti. — Estou.

Isso se estar bem significasse prestes a gritar, chorar ou ambos.

Tudo que eu queria era me deitar na cama. O Guardião mandara um soldado buscar uma nova escada de corda e as varas de fixação para as sacadas, mas estava levando uma eternidade. Agora, portanto, eu estava presa, desejando estar com Evie em vez do cadáver de um tarkin.

Depois do ataque o Guardião subiu a escada para sua casa na árvore, e então saltou entre nossas varandas para cuidar das

meninas. A irmã de Marco foi trazida de volta para a mãe. Evie foi levada para a casa do Guardião e deixada com três guardas para que ele pudesse acabar de conversar com o voster.

Quanto mais eles precisavam examinar o monstro? Estava morto. Não podiam simplesmente queimar o corpo e acabar logo com isso?

O voster falou algo que só o Guardião conseguiu ouvir. Os dois saíram andando e finalmente consegui respirar. Era como vapor deixando uma casa de banhos ao abrir as janelas. Quando o pinicar da magia passou, meu corpo começou a cambalear.

— Vou levar você para a enfermaria. — Tillia passou seu braço pelo meu e, quando me puxou para seu lado, eu estava sem forças para resistir.

— Mas Evie...

— Ela está bem. Está com três guardas. Não vão deixar que saia daquela casa na árvore até o próprio Guardião liberar.

— Não quero ir para a enfermaria. — Mal terminei de falar e uma nova onda de vertigem me atingiu com tanta força que cambaleei. — Tá. Talvez seja melhor ir, sim, para a enfermaria.

Tillia bufou.

— Você acha?

Tillia estava ao lado da minha cama quando acordei, ainda zonza, mas não tão cansada.

— Dormi por muito tempo? — perguntei, sentando-me.

— Não muito.

O sol entrava pelas janelas da enfermaria, forte como se ainda fosse meio-dia.

— Está melhor? — ela perguntou.

— Muito.

— Depois de um susto como aquele, eu também teria

desmaiado. O que você fez por aquelas crianças foi...

— Imprudente. — Usei a palavra do Guardião.

Ela me deu um tapinha no braço.

— Eu ia falar corajoso.

Ninguém nunca me chamou de corajosa.

— O que aquelas crianças estavam fazendo sozinhas lá fora no meio de um ataque?

— Todas as crianças estavam brincando na área comum quando soaram o alerta. A mãe delas estava trabalhando com Mariette. Havia dois tarkins, um macho e uma fêmea. O macho bloqueou o caminho da mãe, então ela não tinha como voltar. As crianças se separaram das outras e correram para se esconder. Ninguém sabia que havia uma fêmea. Estávamos todos ocupados demais tentando cercar o macho.

— Quantas pessoas morreram? — perguntei, mas não queria saber a resposta.

— Cinco soldados de Ellder. Três pessoas de Treow.

Engoli em seco.

— Alguma criança?

— Um menino, dezessete anos, que trabalhava nos estábulos. Uma das cozinheiras morreu. E uma criada.

— Brielle? Jocelyn?

— Não — Tillia respondeu. — Elas passaram aqui enquanto você dormia. Prometeram voltar em breve.

Eu queria me encolher na maca e voltar a dormir, fingir que era tudo um pesadelo.

— Como isso aconteceu? Por que não foram mortos nas torres de vigia?

— Os tarkins chegaram a Treow a toda velocidade, prontos para matar. A couraça deles torna quase impossível derrubá-los com uma flecha do alto. As três vítimas foram mortas momentos depois que o macho chegou à área comum. Assim que fomos avisados,

corremos para lá, mas...

Mas o monstro estava decidido a matar.

— O Guardião conseguiu abater o monstro. Foi então que ouvimos Evie gritar. — Tillie engoliu em seco. — Nunca o vi correr tão rápido.

Aquela velocidade era graças à lyssa. Embora eu desconfiasse que fora a infecção que levara o monstro a Treow.

— O macho tinha lyssa?

Os olhos de Tillia se arregalaram.

— Ele te contou sobre a lyssa?

— Não acho que tenha sido de propósito, se faz alguma diferença.

Ela olhou ao redor, confirmando que os curandeiros não estavam perto o bastante para ouvir a conversa.

— Sim, eles tinham lyssa. Os tarkins costumam ser criaturas solitárias, especialmente os machos. Encontram uma fêmea para acasalar, mas, fora isso, não são como as matilhas de barilobos. Mas aqueles dois? Tenho certeza de que vieram juntos, o macho chamando a atenção enquanto a fêmea caçava.

Um arrepio me percorreu.

— Não é seguro em Treow, né?

— Hoje de manhã, eu teria jurado que sim. Agora? Não sei mais. — Ela me abriu um sorriso triste e se levantou. — Tenho carcaças de monstros para queimar. Vai ficar bem?

— Sim. Obrigada.

Ela inclinou a cabeça.

— Minha rainha.

— Argh. — Resmunguei. — Você está passando tempo demais com ele.

O sorriso de Tillia era bonito, ainda que um pouco maldoso.

— Vejo você em breve.

Esperei ela sair e coloquei as pernas para fora da cama, dando

alguns momentos para minha cabeça parar de girar antes de me levantar. Fui para o corredor, em direção à saída.

Minha cama me chamava. Se eu conseguisse convencer os guardas a levarem Evie de volta para minha casa na árvore, talvez nós duas pudéssemos ficar aninhadas.

Seria bom um abraço e um carinho. Sobretudo porque minha pele ainda estava irritada pelo encontro com o voster.

Mas, quanto mais me aproximava da saída, mais aquela irritação se intensificava. A cada passo o formigamento em meus braços e minhas pernas piorava. Ouvi uma voz baixa e conhecida, e soube exatamente quem eu encontraria no quarto da enfermaria à minha esquerda.

O Guardião estava sentado na beira de uma mesa alta, olhando para a parede, não para a porta entreaberta. Sua camisa estava jogada sobre o colo, assim como a braçadeira que cobria a cicatriz da mordida.

Ao lado do Guardião estava o sumo sacerdote. Suas unhas verdes haviam crescido desde a cerimônia do meu casamento, parecendo pequenas cobras. Sua mão estava suspensa sobre o peito nu do Guardião. A outra pairava sobre a cicatriz em meia-lua.

— Quando estiver pronto, irmão. — O Guardião rangeu os dentes, o maxilar tenso.

O voster tocou a pele do Guardião, murmurando algo baixo e suave.

O corpo do Guardião ficou rígido, todos os músculos se contraindo. Seus punhos se fecharam sobre os joelhos e os tendões de seu pescoço saltaram, o corpo começando a vibrar.

Eu me aproximei, os olhos arregalados enquanto o sacerdote continuava falando. Que feitiço era aquele? O que ele estava fazendo?

A luz na enfermaria pareceu brilhar através da pele do sacerdote, deixando-a ainda mais translúcida. Estava tão pálida que eu

conseguia ver as veias verdes que pareciam pulsar sob a cabeça careca, como se a magia percorresse todo seu corpo até as mãos.

O Guardião tremia de dor e olhava para o teto enquanto lágrimas escorriam dos cantos de seus olhos.

Arquejei e fui até a porta.

Mas o voster estendeu a mão e lançou uma rajada de vento em minha direção.

A porta bateu na minha cara.

Fiquei atônita, o queixo caído.

O que estava acontecendo ali? Era como se o sacerdote estivesse canalizando toda a sua magia terrível para dentro do corpo do Guardião. Por quê?

Dei um passo para longe, uma nova dor se formando em meu crânio.

A confiança do Guardião nos vosters era inabalável. Mas e se o sumo sacerdote estivesse enganado? E se a lyssa não fosse uma mutação ou doença? E se os vosters a causaram?

Os olhos dos vosters tinham a mesma tonalidade verde-escura do sangue dos monstros infectados. Não podia ser coincidência.

Saí da enfermaria perdida, sem saber o que pensar, e quase trombei com uma mulher.

— Alteza. — Brielle me puxou em seus braços, segurando firme. — Você está viva. Graças aos deuses. Estava tão preocupada.

— Brielle. — Eu a abracei com força e relaxei. Depois observei a túnica e a calça que envolvia suas curvas. — E o vestido?

Ela deu de ombros.

— Uma vez em Turah.

Dei risada, algo que não pensava ser possível nesse dia, e a abracei de novo.

— Como você está? Me conta tudo. Estava com saudade.

— Ah, não parece que estava, não. Você deveria ter voltado depois de alguns dias. Mas se passaram semanas. É você quem tem

muito o que explicar.

Então expliquei. Por uma hora, ficamos sentadas no refeitório e eu contei tudo sobre Ashmore. Sobre os barilobos. Sobre o Guardião ter me levado para Ellder, onde eu passara as últimas semanas. E sobre termos voltado para Treow bem a tempo de enfrentar os tarkins.

Contei quase tudo, menos sobre Evie. E a lyssa.

— Descobriu algo sobre Allesaria? — ela perguntou, baixo, quando terminei.

— Nada. A esta altura, estou começando a achar que nem existe — respondi. — Talvez seja apenas um mito.

Falei mais como brincadeira, mas Brielle murmurou, franzindo a testa.

— Interessante. Seria mesmo um enigma para a maioria dos reis estrangeiros. Atrairia a curiosidade deles como atraiu a do seu pai.

— Talvez — murmurei. Ainda parecia um exagero.

Se Allesaria fosse um mito, o povo de Turah mantinha a farsa havia muito, muito tempo.

E se todos acreditássemos na existência de uma cidade falsa?

Minha dor de cabeça ficou mais forte. Embora fosse uma teoria interessante para considerar, eu estava cansada demais.

— Acho que vou para a casa na árvore agora. Preciso descansar um pouco.

— Claro. — Brielle se levantou e caminhou comigo pela área comum. — Eu e Jocelyn vamos levar seu jantar e água para um banho. Não sei onde ela foi, mas também estava ansiosa para ver você.

— Obrigada. — Eu a abracei de novo, depois saí para minha casa na árvore.

Um patrulheiro me seguiu para fora da área comum. Coisa de Tillia ou do Guardião, sem dúvida. Mas fiquei grata pela companhia enquanto me aproximava da casa na árvore.

A escada de corda fora trocada. O corpo do tarkin não estava mais lá, e a terra tinha sido revirada para esconder qualquer vestígio de sangue.

Coloquei o primeiro pé no degrau e paralisei. Meu coração começou a acelerar. Meus membros pareciam pesados demais. Quando fechei os olhos, ouvi aquele rosnado. Vi garras e dentes.

— Você está bem? — o patrulheiro perguntou.

— Sim. — Forcei meus olhos a se abrirem, coloquei as mãos na escada.

E subi.

Os três guardas de Evie me esperavam na varanda. Parecia que eu não era a única que queria ficar aninhada. Ela devia tê-los convencido a deixarem que ela mudasse de casa.

Um dos guardas estendeu a mão para me ajudar a subir. Entrei no quarto e encontrei Evie deitada na cama, embaixo dos travesseiros.

Afastei os travesseiros e a virei de lado, depois me deitei, nossos corpos abraçados. Ficamos assim até Brielle e Jocelyn nos trazerem um jantar que dividimos.

Evie ficou em silêncio durante a refeição, mexendo a comida de um lado pro outro.

— Está assustada? — perguntei.

Ela respondeu dando de ombros.

— Também estou.

— Aqueles monstros estavam doentes?

— Sim.

Ela pensou por um momento.

— Quando crescer, vou ter um monstro de estimação. Se um monstro doente me atacar, ele vai me proteger. E vou virar uma caçadora de monstros, igual ao papai.

Não havia nenhuma possibilidade de Zavier, o Guardião ou Luella a deixarem ter um monstro de estimação. Ou virar uma

caçadora de monstros.

— Que nome você vai dar? Para o seu monstrinho?

— Não sei. — Ela empurrou a cenoura e olhou para mim com os olhos cinza suplicantes. As manchas azuis em suas íris sempre brilhavam mais quando ela queria algo. — Dess? Posso dormir com você hoje?

— Alguém já falou não para você?

Ela negou.

— Pode dormir comigo se comer seu jantar, estrelinha.

Ela franziu a testa com o apelido.

— O que isso significa?

— Que você é linda e brilhante. Que é corajosa, mesmo à noite.

Seu rosto corou e ela deu um sorriso tímido. Começou a comer, dando garfadas tão grandes que suas bochechas ficavam cheias.

Margot a teria repreendido pelo comportamento deselegante.

Eu, por outro lado, também enfiei uma garfada enorme na boca.

Brincamos e contamos histórias. Quando Brielle e Jocelyn voltaram com água para o banho, deixei que Evie se lavasse. E quando ela estava limpa e com uma camisa de dormir nova, penteei e trancei seu cabelo. Depois deitamos em meus travesseiros, seus bocejos me fazendo companhia enquanto a noite caía sobre Treow, até que ela finalmente dormiu.

As estrelas brilhavam quando saí discretamente para a varanda.

O Guardião estava na dele, esperando. Ele parecia... péssimo. Sua pele estava pálida. Havia círculos escuros sob seus olhos. E, embora o avelã não fosse minha cor favorita em seus olhos, ainda preferia ele ao cinza opaco e sem vida que tomava suas íris hoje.

— Você está bem? — perguntei.

Ele assentiu e falou:

— Como Evie está?

— Dormindo.

— Ela costuma roubar minha cama quando Zavier não está em

Treow. Mandei trazerem uma caminha para ela, mas sou eu que acabo usando.

Era com ela que ele conversava tantas noites atrás? Não era uma mulher dividindo a cama com ele. Mas uma menina que a roubara.

Senti um alívio maior do que deveria, mas ainda estava fragilizada pelo ataque. Não tinha forças para lutar contra meus sentimentos idiotas.

— Eu deveria ter vindo vê-la antes. — Ele soltou um longo suspiro. — Estava ocupado.

— Com o sumo sacerdote? Eu, hm, vi vocês. Na enfermaria hoje.

— Ah. — Ele apoiou os antebraços no parapeito, olhando para a floresta. — Ele estava drenando a lyssa do meu sangue.

— Como assim? — Não era o que eu esperava ouvir. Ele conseguia fazer isso? — Por quê? Ele acha que consegue curar?

— Não tem cura, Pardal. Tire essa ideia da cabeça.

Por que o Guardião parecia ter desistido? Sua voz era fraca. Era diferente de quando estávamos em Ashmore. Não era apenas tristeza e culpa. Era vazio. Desesperança.

— Ele está estudando a infecção. Tentando descobrir de onde veio. Como começou.

— E?

O Guardião ficou olhando para a noite, o maxilar tensionado, e não respondeu.

— O sumo sacerdote encontrou algo — arrisquei. E o que quer que fosse não deixou o Guardião feliz.

— Não exatamente — ele respondeu. — Primeiro, achou que tivesse vindo de outro animal. Que uma doença sofrera mutações ao longo do tempo, deteriorando o hospedeiro. Talvez um fenek. Disse que a lyssa parecia ter as mesmas características do sangue de alguém envenenado com pó de presa de fenek. Mas as diferenças o fizeram continuar investigando. Quando estávamos na Krisenth, ele drenou mais do meu sangue e o levou para Laine, na intenção de

conversar com os curandeiros e alquimistas de lá.

Eram conhecidos como os melhores de Calandra. Provavelmente porque tinham acesso ilimitado a todas as variedades de campos de especiarias do reino. Seus alquimistas tinham o luxo da experimentação, enquanto os dos outros reinos precisavam pagar caro pelas matérias-primas dos remédios.

— Eles descobriram algo? — perguntei.

— Não. — Ele não tirou os olhos do chão da floresta. — Só que tinha uma forte reação com korakin. Lyssa e korakin parecem aderentes. São parecidas.

— Korakin. O estrume de kavertão?

O Guardião assentiu.

Os kavertões eram alguns dos menores monstros de Calandra. Eram duas vezes mais violentos do que seus primos, os glutões. Os kavertões habitavam os desertos de Laine. Eles se escondiam nas dunas de areia e caçavam suas presas à noite.

O que levara um alquimista a fazer experimentos com estrume de kavertão eu não sabia, mas muito antes de eu nascer alguém descobrira seu uso e o nomeara korakin.

Quando a korakin era fervida até virar uma gosma e reduzida a uma pasta, bastava provar um pouco para a pessoa começar a ter alucinações por horas. Não haveria dor. Quem a tomasse esqueceria o próprio nome.

A enfermaria em Roslo usava korakin em pacientes que precisavam de amputações ou cirurgias. Causava um vício terrível e, como a korakin era quase tão cara quanto o pó de presa de fenek, a maioria dos viciados perdia tudo procurando por mais.

Por que uma infecção teria semelhanças com o pó de presa de fenek e a korakin?

Parecia alquimia, não magia.

O Guardião ficou em silêncio, o que me deu tempo para chegar a uma conclusão. E, quando isso aconteceu, meus joelhos quase

cederam.

— Quando você me contou sobre a lyssa, supus que fosse mágica. Ela é mesmo? Ou você acha que alguém a criou?

O Guardião suspirou.

— Não sei.

— Só os vosters têm magia em Calandra.

— Até onde sabemos.

Meu coração começou a acelerar.

— O que está sugerindo? Que existem outros seres mágicos?

— Talvez. Não sei. Mas pretendo descobrir. E, se alguém a criou, pendurarei o filho da puta pelas entranhas e ficarei vendo seu corpo apodrecer enquanto os corvos arrancam a carne dos ossos.

Fiz uma careta. Que nojo. Mas quem quer que tivesse feito isso merecia, sim, ser castigado.

— Bom, vou ajudar. Não com as entranhas. Mas a descobrir a origem.

O Guardião soltou uma gargalhada seca.

— Não vai, não.

— Vou sim. — Levantei o queixo. — Eu insisto.

— Você insiste. — Ele se afastou do parapeito, fazendo uma reverência com ironia. — Perdão, alteza, por estar pouco me fodendo. Você não está envolvida nisso.

— Pois então você não deveria ter me contado. A culpa é sua.

Ele fez uma careta, mais para si mesmo do que para mim.

— Por favor, não me peça para ficar de braços cruzados. Não enquanto pessoas estão morrendo.

— É perigoso demais.

— Mesmo se eu estiver com o grande e poderoso Guardião?

Sua respiração ficou acelerada.

— Nunca mais me chame assim.

— Me diga seu verdadeiro nome, e não vou chamar.

Ele cruzou os braços diante do peito.

— Escuta, sei que não confia em mim.

— Não mesmo.

Doeu, mas pelo menos ele estava sendo honesto.

— Margot sempre falava que eu tinha a tendência a atrair problemas. Se alguém criou a lyssa, essa pessoa é um problema. Pense em mim como um imã.

— Cross — ele alertou.

— Por favor. — Juntei as mãos. Hoje eu estava sem qualquer vergonha de implorar. — Deixe-me ajudar. Oito pessoas morreram hoje. Dezessete em Ashmore. Quantas outras vão morrer até tudo isso acabar? Não posso simplesmente ficar parada esperando. Prometo me comportar. Quando estávamos no *Cortador*, você disse: "Se eu mandar correr, você corre. Se eu mandar esconder, você se esconde".

— E você falou não.

— Falei. Mas posso corrigir minha resposta? Prometo escutar. Agora sei que quando você me dá uma ordem, é para me manter segura. Por favor, me deixe ajudar. Não me deixe de fora. Estou cansada de ser a última a saber o que todos já sabem. Não sou uma guerreira. Não sou uma estudiosa nem curandeira nem mesmo uma boa princesa. Mas me esforço. Aprendi sozinha a assobiar. A atirar com uma besta com alguma mira. Ainda não me cortei com a faca ou a espada. Posso ajudar. Quero ajudar. Por favor?

O Guardião fechou os olhos e passou a mão no queixo. Parecia exausto. Como se o peso do reino todo estivesse sobre seus ombros.

Bom, ali estava eu, me oferecendo para dividir o fardo.

— Está bem.

Meu queixo caiu. Ele estava falando sério? Tinha mesmo funcionado. Juntei as palmas e contive um sorriso.

— Obrigada.

— Vou me arrepender disso.

— Provavelmente. — Comecei a voltar para a casa antes que ele

mudasse de ideia.

— Odessa, espere.

Não foi a ordem dele que me fez parar. Foi meu nome.

Era sempre *Cross*, *Pardal* ou *minha rainha*. Mas quase nunca Odessa.

Nunca tinha amado tanto meu nome.

— Obrigado. Por salvar aquelas crianças. — Ele colocou as duas mãos diante do peito e fez uma reverência. Entrou em sua casa na árvore e fechou a porta.

E minha escada de corda continuou pendurada. A noite inteira.

38

O punho de Tillia acertou meu estômago.

— Ai. — Me curvei para a frente, deixando as facas caírem enquanto tentava recuperar o fôlego.

— É o que acontece quando você não presta atenção. — Ela estalou a língua, me deu um tapinha no ombro e foi buscar água. — Senti falta de treinar com você.

— Quer dizer que sentiu falta de me dar uma surra.

Seu sorriso era maldoso.

— Exatamente.

Doía dar risada, mas ri mesmo assim.

— Também senti falta de treinar com você.

O Guardião me ensinou muito desde os dias no *Cortador*, mas treinar com Tillia era diferente. Ela não pegava leve só porque eu era mulher. Me atacava como atacaria qualquer oponente, sabendo que um verdadeiro inimigo não aliviaria a força de um golpe nem pararia um soco quando eu não estivesse prestando atenção.

Mereci aquele soco no estômago. Minha atenção estava dividida entre seu ataque e o homem que acabara de passar pelas árvores.

— Terminamos? — perguntei. *Fale que sim, por favor.*

— Sim. Muito bem. Tirando esse último minuto, você lutou bem hoje.

— Obrigada. — Peguei minhas facas e me levantei. — Amanhã?

— Esperarei por você na área comum.

Acenei e segui para as árvores, na esperança de que o Guardião não estivesse com pressa. Se estivesse, eu jamais o alcançaria. Mas entrevi algo branco adiante, a manga de sua camisa, então acelerei com passos silenciosos para me aproximar.

Ele caminhava sozinho, a espada pendurada nos ombros, e se dirigia aos limites do acampamento.

Onde estava Evie? Eu acordara ao amanhecer com um chute nas costelas quando ela se virou de lado durante o sono. Finalizei um livro sobre lendas e monstros enquanto ela revirava de um lado para o outro e, quando finalmente acordou, fomos à área comum para tomar café.

Depois eu fui com Tillia para a área de treinamento e Evie foi para os estábulos com o Guardião para treinar equitação. Talvez agora ela estivesse brincando com outras crianças? Não gostava da ideia de deixá-la para trás.

Talvez ele só estivesse indo verificar o perímetro de Treow, mas havia algo em seu passo, um propósito e uma intenção, que demonstrava que ele não ficaria no acampamento.

O Guardião diminuiu o passo e, antes que ele pudesse se virar e me ver, fui para trás de uma árvore.

— Merda — murmurei comigo mesma. Contei até cinco e espiei.

Ele ainda estava andando.

Ufa. Passei de árvore em árvore, ziguezagueando pela floresta, mas mantive distância.

Quando chegamos perto da primeira torre de vigia, meu coração batia tão alto que eu tinha quase certeza de que ele conseguia ouvir.

Um assobio cortou a floresta, um sinal do alto de que ele estava cruzando a fronteira invisível.

Pulei atrás de outra árvore. Quais eram as chances de eu conseguir passar despercebida?

Outro assobio soou.

Aparentemente nenhuma.

— Sei que está aí, Cross. Você é tão discreta quanto uma brigada de trombetas.

— Argh. — Bati o cotovelo na árvore. — Ai.

Massageando a dor, saí detrás da árvore e andei até onde ele me esperava com os braços cruzados diante do peito.

— Quer me contar por que estava me seguindo? — ele perguntou.

— Quer me contar para onde está indo?

— Não. — Sua boca se apertou, mas ele tinha um brilho nos olhos verdes. Pelo menos eu estava divertindo as pessoas hoje.

— Onde Evie está?

— Com as outras crianças na área comum. Cercada por uma muralha de pais e patrulheiros que não devem deixar ninguém com menos de dezesseis anos sair da frente deles tão cedo.

— Ótimo.

— Pois é — ele concordou. — O que você está fazendo aqui? Aprimorando suas habilidades de espionagem?

— Não. — Chutei um monte de terra. Não havia nenhuma habilidade para aprimorar. Eu era a pior espiã de Calandra. — Você falou que eu poderia ajudar a encontrar a origem da lyssa.

— Tá — ele respondeu devagar.

— Então quero ir com você. — Eu parecia muito desesperada? *Sim*. Eu *estava* desesperada.

— O que faz você pensar que estou indo para algum lugar que tenha a ver com a lyssa?

— Não sei. Um pressentimento.

— Você costuma ter isso? Pressentimentos?

— Não muit... Na verdade, sim. Costumo.

Em Roslo, sempre havia acontecimentos no castelo que despertavam meu interesse, que me intrigavam. Que me deixavam

curiosa sobre a movimentação das pessoas. Sobre os verdadeiros motivos por trás dos sussurros apressados e dos encontros inocentes. Mas eu nunca tinha me deixado levar por esses pressentimentos. Nunca tinha me atrevido a seguir Margot, Mae ou meu pai para descobrir o que estavam fazendo.

Satisfazer minha curiosidade não valia o risco de ser pega.

Mas, ali estava eu, diante de quem devia ser o homem mais perigoso em Calandra, um assassino conhecido, e deveria estar apavorada.

Mas ele nunca me machucaria. Sem sombra de dúvida, eu sabia que o Guardião não me machucaria. Sim, pegaria no meu pé, me daria bronca e me ridicularizaria até eu querer estrangulá-lo. Mas nunca me machucaria.

— Posso estar errada — falei. — Mas, sim, tenho um pressentimento de que você vai a algum lugar por causa da lyssa.

Seus olhos se estreitaram.

— Falei que você poderia ajudar. E você prometeu que me escutaria. Se eu pedisse para voltar, você voltaria?

— Sim. — Faria uma grande birra antes? Com certeza. Mas voltaria. — Por favor, não me mande voltar.

Ele passou a mão no queixo.

— Você é um pé no saco, Cross.

Isso era um sim. Meu sorriso foi automático.

— Para onde vamos?

— Tão ansiosa para se jogar no perigo.

— Hm, é perigoso?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Certo. Estamos em Turah, onde tudo é perigoso. Quão perigoso, exatamente?

— Acho que você vai descobrir. — Ele se virou e nós caminhamos juntos. Eu dava corridinhas de vez em quando para acompanhar.

Quando ele notou isso, franziu as sobrancelhas e curvou a boca linda. Depois diminuiu o passo para acompanhar o meu.

— Enviamos grupos de reconhecimento para confirmar que não havia nenhum outro tarkin na região. Encontramos uma toca. Vamos dar uma olhada.

Tropecei no próprio pé e teria caído de cara num monte de agulhas de pinheiro se um braço forte não tivesse envolvido minha cintura e impedido minha queda.

O cheiro do Guardião invadiu minhas narinas. Vento, couro e musgo se misturavam com pinheiro e terra. O calor de seu corpo se espalhou pelo meu quando minhas costas encontraram seu peito.

Um arrepio tomou meu corpo, e a floresta ao nosso redor virou uma névoa marrom e verde.

— Tudo bem? — Sua voz era um murmúrio baixo em meu ouvido.

— Sim — respondi. — Só... desajeitada.

— Você é graciosa à sua maneira.

Merda, essa voz. Rouca e baixa, um murmúrio em meu ouvido que fazia meus órgãos derreterem.

Eu deveria estar me contorcendo para me soltar. Para ficar a pelo menos um metro e meio dele. Mas não conseguia me mexer. Não queria perder aquele braço que me apertava com força nem a sensação do peito dele subindo e descendo a cada respiração.

Não é meu marido. Não é meu marido. Não é meu marido.

Fechei os olhos e imaginei o rosto de Zavier. Me desvencilhei dos braços do Guardião, dando alguns passos para longe. Meu rosto estava em chamas, o desejo se transformando em vergonha.

Será que isso era parte do plano de Zavier? Me deixar com o Guardião, na esperança de que eu me apaixonaria por sua voz grave e seu rosto bonito? Ele queria me flagrar para usar a infidelidade como maneira de me manter na linha?

Ou talvez jogar um caso na cara do meu pai.

Essa ideia era assustadora.

Engoli em seco e me endireitei, tentando controlar o rubor.

— Por favor, não me toque assim de novo.

— Odessa, eu...

— Nunca vi uma toca de tarkin. Vamos.

O verde de seus olhos mudou para o avelã de repente. Seu maxilar se tensionou. Ele passou por mim e avançou pela floresta enquanto eu corria para acompanhar.

Parte de mim queria dar meia-volta. Esquecer toda essa experiência e me esconder na casa na árvore. Mas, assim como solicitara a espada, eu implorara para ser incluída. Era teimosa demais para desistir.

A verdade era que eu não podia confiar nele. Não podia confiar em Zavier. Talvez nem no meu pai pudesse confiar. A única pessoa em quem podia confiar era eu mesma.

Havia apenas uma forma de me libertar.

Com conhecimento.

Cada segredo que eu desvendasse me levaria à liberdade. A liberdade de escolha. Para que pudesse decidir aonde queria ir. Onde queria viver. Quem poderia me tornar.

Suor escorria das minhas têmporas quando chegamos a uma formação de rochas altas e cinzentas que pareciam ter brotado da terra, esculpindo a floresta ao redor.

O Guardião parou antes de chegarmos à pedra e agachou na terra. Afastou uma folha, revelando a marca perfeita da pata de um tarkin.

A área estava cheia de pegadas.

— Quantos viviam aqui?

— Apenas uma. A fêmea. Ela estava com as tetas inchadas, e parecia ter dado à luz havia pouco tempo.

— Estamos aqui para encontrar os filhotes.

— Sim — ele respondeu e se levantou, olhando ao redor. — Ela deve ter colocado todos na toca.

— Acha que eles estão com lyssa?

— É possível.

E era por isso que estávamos ali.

— Como vai saber?

Ele não respondeu.

Nem precisava.

— O sangue. Vai ser verde.

Como o dele. Como o sangue que eu tinha visto escorrendo de suas feridas em Ashmore. O sangue que eu pensara que era dos barilobos.

— E depois? — perguntei. — Vai matá-los?

— Se for preciso.

— Deveria ter ficado em Treow — sussurrei. Não queria estar nessa caçada. Não para matar bebês.

Ele fez menção de continuar andando, mas parou.

— Se vale de alguma coisa, não acho que vão ter.

— Por quê?

— Porque duvido que tenham sido mordidos.

— Mas teriam entrado em contato com a saliva dela. Se ela lambeu para limpá-los.

— Não parece ser transmitida assim.

— Como você sabe? — Aquilo já acontecera antes? Ele matara uma mãe e caçara os filhotes?

Ele passou a mão no cabelo, um sinal de que as minhas perguntas já estavam cansando. Nós dois sabíamos disso.

— Depois que fui mordido, depois da febre, me senti diferente. Mas, como eu disse, as mudanças vieram aos poucos. Demorei meses para perceber que havia algo errado comigo. Me senti diferente, mas pensei que fosse apenas um efeito prolongado da febre. Estava numa taberna. Conheci uma mulher.

— Ah. — *Deuses.* Eu e minha boca.

O ciúme foi instantâneo. Um soco no estômago mais forte do que o de Tillia nessa manhã. Quis retirar a pergunta, voltar atrás, para que a imagem dele com outra mulher desaparecesse para sempre do meu cérebro.

Será que era Sariah de Ashmore? Era ela que ele levara para a cama? Que beijara?

Não era uma história que eu desejava conhecer. Nem um pouco.

— Ela não pegou lyssa — ele concluiu.

— Ótimo. — Minha voz estava muito animada. — Que bom. Tenho certeza de que sua futura esposa vai ficar muito feliz por você poder... — Só estava piorando a situação. — Você sabe o que quero dizer.

— Que minha futura esposa vai ficar feliz por eu poder beijá-la e transar com ela.

— Sim. Ótima notícia. — Minhas entranhas se reviraram e a vergonha se espalhou pela minha pele. Se houvesse algum tarkin perdido por perto, eu não o impediria que me matasse. — Acho que você só precisa tomar cuidado para não morder.

Em nome dos seis tons, qual era o meu problema? Por que eu não conseguia calar a boca?

— Não sou de morder mulheres.

Por que ainda estávamos falando sobre isso?

— Melhor encontrarmos aqueles filhotes. — Saí andando em direção às rochas, sentindo seu olhar nas minhas costas.

— Cross.

Parei. Resmunguei. Virei.

— O que foi?

— *Você* quis saber sobre a lyssa.

Então essa conversa era culpa minha? *Óbvio*. Eu não poderia estar mais arrependida.

— Quis mesmo. Obrigada pela informação.

Seus olhos avelã voltaram a ficar verdes.

Significava que ele estava achando graça de novo? Nesse momento, acho que eu teria preferido sua fúria.

— Não precisa ficar tímida, minha rainha.

Olhei para ele com frieza.

— É só que não estou nada interessada em sua vida sexual.

— Anotado. — Ele abriu um sorrisinho.

Fazia tempo que eu não via aquele sorrisinho.

Queria odiar aquele sorrisinho. Queria que não o deixasse ainda mais atraente. Queria não estar me perguntando quantas mulheres haviam recebido aquele sorrisinho antes que ele as levasse para o quarto.

— Os filhotes? — Apontei com o polegar por cima do ombro na direção das rochas.

Seu sorriso se alargou quando passou por mim, o braço roçando no meu, e começou a subir as rochas. A maioria era alta demais para escalar, mas a mais próxima tinha uma inclinação mais gradual que dava para uma saliência. Era íngreme a ponto de eu precisar me apoiar nas mãos para subir.

O Guardião também. Ele foi primeiro e, quando olhei para cima, tive uma visão perfeita da sua bunda. Caramba, ele tinha um corpo lindo. Forte e musculoso em todos os lugares certos. Firme e...

— Aff. — Qual era o meu problema?

Sua bunda não era a primeira que eu admirava. Não seria a última. Por que eu não conseguia parar de pensar nele desse jeito?

— Que foi? — ele perguntou.

— Ralei a mão — menti.

Ele me lançou um olhar incrédulo e continuou a subir em direção à saliência. Quando chegou ao topo, limpou as mãos na calça e estendeu uma para me puxar.

Um lamento animal veio de um canto escuro, o som parecido com o miado de um filhote de gato.

O Guardião tirou a faca da bainha no quadril e avançou devagar na direção do som.

Segui de perto, espiando de trás de seu braço para ver um montinho de corpos.

Três corpinhos de tarkin jaziam de lado, as costelas aparecendo sob o pelo. Olhos sem vida encarando o nada.

Meu peito se apertou.

— Morreram de fome.

O Guardião soltou o ar, agachado ao lado deles.

— Ela deve ter ficado alguns dias fora. São pequenos. Talvez uma semana de idade. Nunca sobreviveriam tanto tempo sem leite.

— Mas o som... — Me virei, procurando a origem. E lá estava, sozinho do outro lado da saliência. Um tarkin cujos olhos não estavam mortos.

Ainda.

Corri até lá, prestes a pegá-lo, mas a mão do Guardião envolveu meu cotovelo, me segurando.

Sua faca estava firme na outra mão.

— Vire. Olhe para o outro lado.

— Espere. — Ergui os olhos para ele, buscando aqueles olhos verdes. — Não o mate.

— Já está morrendo. Minha faca vai ser uma misericórdia em comparação com a fome.

— Por que precisa morrer de fome? — Desvencilhei o braço e me agachei, encaixando as mãos sob a criaturinha enquanto o pegava e o aninhava no braço.

— O que está fazendo? É um monstro.

— Precisa ser?

As palavras de Evie na noite anterior ecoaram em minha cabeça.

Quando crescer, vou ter um monstro de estimação.

As pessoas tinham cachorros e gatos como animais de estimação. Chamávamos os tarkins de monstros. Depois do ataque do dia

anterior, parecia fazer sentido. Mas e se não tivessem que ser temidos? E se aquelas criaturas fossem mais do que aparentavam?

Algo vibrou em meu peito. Algo estranho e novo. Algo que eu não conseguia explicar. Assim como sabia que o Guardião não me machucaria, como sabia que meu nome era Odessa, como sabia que meus olhos eram dourados e meu cabelo ruivo, eu simplesmente sabia que não podíamos matar esse monstro hoje.

— Quero ficar com ele.

— Não. — Ele estendeu a mão para pegar, mas recuei. — Ele pode ter lyssa.

— Sim. Podemos testar quando ele estiver mais forte.

— E se morder você antes disso?

Revirei os olhos.

— Ele mal consegue levantar a cabeça. Acho que estou segura por enquanto.

— Cross — ele avisou.

— Morte não é a única misericórdia. — Passei o dedo ao longo da testa do tarkin. — Quando for grande o suficiente para sobreviver por conta própria, vou libertá-lo.

— Não.

Ergui os olhos e o encarei.

— Sim.

— E se estiver infectado?

— Eu mesma mato.

— Não vou correr esse risco. — Ele sacou uma faca e a levou à pata do tarkin.

— Está bem. — Cheguei mais perto e, enquanto ele espetava a pata do bebê, fechei os olhos.

Por favor, seja vermelho. Por favor, seja vermelho.

Abri os olhos.

E encontrei um sangue vermelho vivo na lâmina.

Ufa.

O olhar do Guardião mudou, não para o avelã que eu esperaria, mas para o verde-floresta intenso.

— Você realmente o teria matado?

— Sim. — Arrancaria um pedaço da minha alma, mas eu cumpriria a promessa.

— Me mataria se fosse necessário?

A pergunta me deixou sem palavras.

Nos encaramos. Havia um monstro agonizante em meus braços, e percebi que ele pedia a mesma misericórdia. Que, caso se tornasse um monstro, caso perdesse o controle, tivesse uma morte rápida.

— Sim — sussurrei. — Se for preciso.

— Jure. — Ele falava com uma intensidade, uma firmeza, que me fazia ter dificuldade em respirar.

— Juro.

— Vou cobrar essa promessa. — Ele voltou os olhos para o tarkin. — Odessa.

Era tão raro ele usar meu primeiro nome que, quando me chamava assim, eu prestava atenção.

— Você me perguntou meu nome.

— Você falou que eu tinha que merecer.

Ele assentiu.

— Ransom. Meu nome é Ransom.

39

Meu tarkin soltou um rugido de sua caixa.

— Me deixe dormir. — Enfiei a cabeça no travesseiro.

Rawr.

— Você acabou de comer.

Rawr.

— Argh. — Coloquei o travesseiro em cima das orelhas para ter um minuto de paz. Mas a culpa mais lembrava outro *rawr*.

Joguei as cobertas para o lado e saí da cama, andando na ponta dos pés até a caixa para pegar o monstrinho. Assim que se aconchegou na curva do meu braço, seus olhos violeta se fecharam.

— Você é mimado. — Fiz carinho nas suas costas.

Ele tinha uma faixa fina de quatro escamas. Não era a couraça completa de um adulto. A sua era dura, mas flexível, como unhas. Seu pelo era macio e fofinho como penas. A cor não era o rubi intenso da mãe, mas uma tonalidade mais clara de rosa que um dia seria parte de suas listras. A barriga era clarinha, quase branca.

Andei até a cama e me sentei na beirada. Deitei nos travesseiros, coloquei o tarkin no peito e fechei os olhos. Ele se enroscou e logo adormeceu, e senti seu coração batendo num ritmo constante.

Nos quatro dias anteriores a ferinha se desenvolveu bem.

Precisava apenas de leite de cabra, água e atenção constante. Ainda era magro demais, mas as costelas não estavam mais tão aparentes sob a pelagem. Os olhos violeta não estavam mais opacos.

— Então nada de caixa? — A voz de Ransom veio da porta.

Embora pensasse nele como o Guardião desde que o conhecera, não foi nada difícil adotar seu nome em minha mente. Era como se sempre tivesse existido esse espaço vazio, um buraco, esperando para ser preenchido com um nome.

Ransom.

Não conseguia imaginar outro nome.

— Depois eu ensino Faze a ficar na caixa. — Bocejei e não me movi.

— Depois que ele for grande o bastante para escapar? Ou depois que conseguir rasgar as ripas com as garras?

— Depois que eu conseguir dormir mais de duas horas seguidas.

— Cansada, minha rainha?

Exausta. Não ficava tão esgotada desde nossa viagem da costa pelas planícies. Mas me recusava a admitir que estava cansada. Que aquele monstro estava sugando minhas energias.

— Eu não estou cansada. Estou deprimida. Com saudade de Evie.

Ele a levou de volta para Ellder e Luella dois dias antes. Senti sua falta imediatamente. Acho que Faze também.

Ela que vinha me ajudando com o tarkin. Ela que o nomeara Faze.

Eu não fazia ideia do que significava nem de onde vinha, mas Evie começou a chamá-lo de Faze, então virou o nome dele.

Quando voltamos da toca, fiquei com receio de que Evie pudesse ter medo do monstro, ainda mais tão pouco tempo depois do ataque da mãe dele. Por isso, guardei segredo sobre Faze e fiquei na casa na árvore para alimentá-lo numa mamadeira improvisada.

Ransom falara para Evie ficar longe da minha casa na árvore. O que era equivalente a trazê-la ali com as próprias mãos. Minha

estrelinha não costumava aceitar um não.

Ela viu o filhote e gritou de alegria.

Naquele momento, Faze virou o monstro de estimação *dela*.

O chilique que ela deu quando Ransom a buscou para viajar de volta para Ellder, e consequentemente separá-la de seu bebê, foi um escândalo comparável aos de Mae. Mas a fortaleza era um lugar melhor para ela, onde ficaria segura atrás de muralhas e sob o olhar atento de Luella.

Eu tinha certeza de que a encontraria de novo em breve. Quando Ransom também se cansasse de cuidar de mim, eu seria deixada na fortaleza e ele voltaria a caçar os monstros.

Talvez por isso ele estivesse ali hoje.

Bom, quando eu retornasse a Ellder, pelo menos teria essa ferinha para me fazer companhia. Ele era meu, por enquanto. Até que chegasse o momento de soltá-lo.

— Essa depressão vai durar muito tempo? — Ransom perguntou.

— Não sei. Um dia ou dois. — Ou até tirar uma soneca.

— Que pena.

Entreabri um olho e levantei a cabeça do travesseiro.

— Por quê?

Ele estava encostado na minha porta, os braços esculpidos cruzados diante do peito largo. Olhos verdes. Verde-escuro.

Minha cor favorita.

— Uma onça-áurea foi morta num vilarejo próximo.

Eu me sentei e segurei Faze, que antes estava equilibrado em meu peito.

— Lyssa?

Ele assentiu.

— Você vai pra lá? — perguntei.

Assentiu novamente.

— É uma viagem puxada. Um dia e meio — ele falou.

— Posso ir com você?

— Só vamos parar uma vez para dormir, e não por muito tempo.

— Isso é um sim?

— Você que sabe, Pardal.

— Eu vou. — Saí da cama e coloquei Faze em sua caixa, ignorando seu resmungo. — Me dê um minuto para me vestir e arrumar as coisas.

Corri para o banheiro e, escondida atrás do biombo, troquei minha longa camisa de dormir por uma calça e uma túnica rubi que provavelmente entraria em conflito com a cor do meu cabelo, mas ela era tão vibrante que eu nem me importava.

Amarrei o cabelo com uma faixa de couro e corri para pegar uma muda de roupas, que coloquei na bolsa junto com o caderno. Depois de calçar as botas, amarrei o suporte que eu tinha feito para Faze diante do peito.

Quando Arthy era um bebê, sua babá usava um suporte como esse. Então fiz um a partir de um vestido cinza antigo.

Faze cabia direitinho na bola que o suporte formava e, depois que ele se ajeitou, mexendo-se até ficar confortável, prendi o coldre de ombro para que as facas ficassem cruzadas nas costas. Peguei a espada e a mamadeira dele.

— Pronta.

— Não vamos à guerra, Cross.

— Disse o homem que está sempre vestido para a batalha. — Levei a mão ao cabo da espada atrás de seu ombro. — Aonde vamos, exatamente?

— Ravalli.

Nunca tinha ouvido falar.

— Ótimo. O que vamos fazer em Ravalli?

— Pesquisa. Vamos fazer perguntas. Ver se há algum outro caso de que não ouvimos falar antes.

— Certo. Vamos. — Atravessei o quarto, mas ele se posicionou

na frente da porta com o corpo enorme, fechando a passagem. — O que foi?

— Deixe a fera.

— Não posso.

— Por que não?

— Porque me falaram para manter a existência dele em segredo. — Ele tinha medo de que os outros pudessem tentar matar Faze e, ao fazerem isso, partissem o coração de Evie. — E não tem ninguém para cuidar dele. Você mandou Brielle e Jocelyn para Ellder também, lembra?

Não que alguma delas fosse aceitá-lo em sua casa na árvore. As duas tinham pavor do monstrinho.

Na primeira noite de Faze no acampamento, a noite do resgate, Jocelyn veio fazer uma visita. Começou a gritar assim que viu o filhote. Brielle fez o sinal dos Oito e perguntou se eu queria morrer.

Minhas damas de companhia saíram de Treow com o maior prazer. Eu torcia para que achassem a vida em Ellder um pouco mais fácil, que lembrassem de Roslo. Quem sabe assim elas conseguissem se adaptar ao novo lar. Pelo menos até eu conseguir mandar as duas de volta.

Ransom fez cara feia para Faze.

— Não.

— Sim. Você já me convidou. Não pode voltar atrás.

Ele se virou e resmungou algo. Algo como *um pé no saco*. Depois saiu da casa e pulou da varanda. Aurinda e Freya já estavam selados lá embaixo, nos esperando.

— E se eu tivesse negado essa viagem? — gritei para ele. — Você teria preparado Freya à toa.

Nós dois sabíamos que eu não negaria.

Ele suspirou e olhou para o céu enquanto eu descia a escada.

— Quantas perguntas vou ter que suportar durante a viagem?

— Não dá para saber. — Sorri ao descer do último degrau e me dirigi a Freya.

Partimos para a floresta, tendo o assobio de um guarda da torre de vigia como despedida ao cruzarmos a divisa do acampamento. Depois de cinco minutos de viagem, eu já estava perdida entre as árvores, mas me mantive ao lado de Ransom, o corpo rígido e alerta enquanto meus olhos vasculhavam ao redor.

Ele parecia bem à vontade na floresta. Só relaxei quando descemos uma encosta em zigue-zague e entramos num vale fluvial cheio de grama.

Pelo menos ali, em campo aberto, daria para ver se um monstro se aproximasse.

A paisagem era verde e deslumbrante. Montanhas anil traçavam uma linha escarpada no horizonte. Flores silvestres bancas e amarelas brotavam entre as gramíneas. O rio azul cintilava, serpenteando o vale. Ao longe, uma cachoeira pendia como uma cortina na encosta da montanha.

— Pronto para a primeira pergunta? — questionei, quebrando o silêncio.

— Se eu dissesse não, você perguntaria mesmo assim?

— Sim.

— Então, fique à vontade. — Ele acenou para eu continuar. — Por favor. Pergunte.

— Você me fez jurar que o mataria. Quem mais fez esse juramento?

— Por que você tem certeza de que existem outras pessoas? Um pressentimento?

— Não. É o que eu faria se fosse você. Se existisse a chance de machucar as pessoas que eu amo, pediria que elas prometessem tirar minha vida.

Ele passou a mão no cabelo, os dedos abrindo caminhos pelos fios castanhos sedosos.

— Você precisa cortar o cabelo — comentei.

— Preciso cortar o cabelo. — Ele se virou para a mim, os olhos verdes me devorando por completo. — Tillia. Halston. Todos os patrulheiros na equipe de caça dele. Juraram fazer o necessário caso eu perca o controle.

— E Zavier?

— Foi o primeiro a prometer. E, quando chegar a hora da minha morte, prefiro que seja pela lâmina dele.

Quando chegar a hora. Não se. Quando. Ele tinha certeza de que havia apenas um resultado possível.

— E se existir uma cura?

— Não existe. Vou sair do seu pé quando você menos esperar.

Eu não conseguia imaginar Turah sem o Guardião.

Eu estava no reino havia quase dois meses e, de alguma forma, ele se tornou o centro dessa vida nova. O eixo em torno do qual eu parecia orbitar.

Ele me via de uma forma que ninguém nunca tentara ver. Não reprimia meu sarcasmo nem meus comentários irônicos. Zombava de mim pelas minhas perguntas, mas, nos últimos tempos, saciava minha curiosidade como fazia com a de Evie. Me dava a liberdade de ser eu mesma. De parar de me esconder.

Era um homem que me seguiria na falésia, que pularia ao meu lado, não me puxaria para longe da beirada.

Ele não podia morrer. Eu me recusava a acreditar que era seu único destino. Ransom podia ter descartado a cura. Mas eu não. Não ainda.

— Então vamos para Ravalli pesquisar. O que queremos encontrar? — perguntei.

— Ouvir, na verdade. Você cresceu num castelo. Sabe como as fofocas podem ser valiosas. Se houver uma pessoa que criou a lyssa, existe a chance de que tenha contado para alguém. Até agora, estávamos mais concentrados em caçar monstros. Está na hora de

começar a ouvir outros boatos também.

E talvez, nesses rumores, encontrar alguma verdade.

— Por que Ravalli?

— Depois do último ataque da onça-áurea, acredito que a cidade estará mais agitada do que o normal.

— Ah. — Assenti. — Não vai ser nada fácil encontrar quem criou a lyssa.

Não se Ransom caçava monstros havia anos e ainda não ouvira rumores sobre a origem. Não se tinham algum tipo de magia especial.

— Não, não vai — ele falou. — Mas, para criar algo assim, é improvável que alguém tenha agido sozinho. Capturar um monstro. Aplicar a infecção. Só me resta torcer para encontrarmos uma boa pista. Duvido que encontremos hoje. Mas é um caminho.

— É possível que as pessoas fiquem quietas se eu estiver junto. — Eu era uma forasteira. Alguém para temer, não confiar.

— Talvez. Ou aproveitem a oportunidade para ter a atenção da futura rainha.

Bufei.

— As pessoas nem parecem saber que sou casada com Zavier. Ele não contou nem para a Evie. Aliás, não sou rainha.

— Mesmo assim, aqui está você, ajudando a salvar nosso povo.

Dei de ombros.

— É a coisa certa a fazer. Por toda Calandra.

Ele estendeu a mão e mexeu na ponta de um cacho do meu cabelo.

— Falou como uma rainha.

— Pare — resmunguei, empurrando sua mão. — Não quero ser rainha.

— Que azar.

Torci o nariz.

— Voltando ao assunto. Já conversou com algum mensageiro de

pônei? Eles atravessam o reino inteiro. Devem espalhar tanta notícia quanto entregam. Talvez tenham ouvido algum boato ou algo assim.

As sobrancelhas de Ransom se uniram e sua boca se curvou para baixo.

— O que foi?

— É uma boa ideia.

— E você está irritado por não ter pensado nisso antes.

— Sim — ele admitiu.

Sorri e me empertiguei na sela.

— Há um posto avançado para mensageiros de pônei depois de Ravalli — ele falou. — Vamos passar lá depois do vilarejo.

Faze se remexeu, acordando de sua soneca matinal, e soltou um resmungo.

Peguei a mamadeira da bolsa e segurei para ele tomar.

— Vai mesmo ficar com o gato? — Ransom perguntou.

— Achou que eu mudaria de ideia?

— Sinceramente? Sim.

Sorri para Faze.

— Acho que tenho um carinho por monstros.

Talvez eles fossem mais do que a aparência revelava.

Ou talvez esse pequeno tarkin me matasse durante meu sono.

40

Ravalli era tão diferente de Ashmore e Treow e Ellder quanto elas eram diferentes umas das outras. Até agora, cada cidade turana que visitei era única.

Em Quentis não era assim. Roslo era a maior cidade, e a única característica que a diferenciava das outras cidades costeiras era o castelo. Os vilarejos e as cidades no interior eram todos parecidos, com o mesmo estilo de edifícios. Paredes de reboco branco ou cinza com telhados de palha acinzentada. A maioria das casas incorporava um toque de verde-azulado para representar a cor da família real.

Os edifícios em Ravalli eram todos construídos com toras rústicas, lembrando mais as muralhas da fortaleza de Ellder do que as casas de família. Eram de madeira, de cima a baixo, com janelas pequenas. E todos ficavam em um nível mais baixo que a rua, de modo que era preciso descer quatro ou cinco degraus antes de chegar na porta. Os telhados ficavam na linha dos olhos, e todos eram pontilhados por lanças de metal, como os telhados de Ellder. Estacas para impedir os crux. Casas afundadas em vez de abrigos subterrâneos.

Nada foi construído com base nas estradas de terra. Em vez disso, as estradas é que ondulavam ao redor das casas construídas

pelo caminho. O vilarejo era formado por caixas de madeira espalhadas em ângulos estranhos. Lojas salpicavam de uma ponta à outra da cidade e se misturavam com as casas.

Quando atravessamos a vila e encontramos a estalagem, eu estava completamente perdida. Se não fossem pelas montanhas e pelas colinas além da cidade, eu não teria a menor referência de qual direção estávamos seguindo.

Ransom desmontou de Aurinda e segurou as rédeas de Freya para que eu descesse.

— Vamos deixar os cavalos aqui. — Ele amarrou os dois em um poste. — Vou mandar um cavalariço vir cuidar deles.

— Tá. — Eu segui pela porta da frente da estalagem, observando-o se abaixar para passar pelo batente.

Depois de dormir na noite anterior sobre um cobertor fino com uma pedra cravada nas costas, eu torcia para conseguir dormir em uma cama de verdade hoje.

O interior da estalagem era escuro. O térreo era uma taberna iluminada por um lustre feito de galhadas de alce e pela pequena chama acesa na lareira. O verão chegava ao fim, e as manhãs frescas anunciavam a chegada do outono. Mas as tardes ainda eram quentes, e aquela chama deixava o ambiente abafado.

Ransom cortou caminho pelas mesas e foi para o balcão comprido no lado oposto do salão.

Um homem com um lenço vermelho amarrado ao redor do pescoço acenou quando Ransom parou ao lado de uma fileira de bancos de madeira.

Não havia ninguém além do taberneiro, mas o cheiro de gente permanecia: suor e fumaça e cerveja rançosa. Não havia janelas. Nenhuma. E a porta era da espessura das paredes.

Nem o maior dos ursures conseguiria invadir a taberna.

Ransom colocou uma pilha de moedas no balcão e apertou a mão do taberneiro. Voltou ao meu lado trazendo duas chaves de

latão.

— Não vai dormir no chão hoje? — perguntei quando ele me entregou uma.

— Não me faça me arrepender de ter te dado seu próprio espaço.

— Até parece — resmunguei. — Eu jamais causaria problemas.

— O que mais me assusta é que você realmente acredita nessa frase.

Ergui a mão.

— Ei, os problemas me encontram. Não saio por aí procurando.

Ele apontou para Faze.

— Falou a mulher com um tarkin amarrado ao peito.

— Justo — murmurei. — E agora?

— Quer se sentar? Pedir algo para comer ou beber?

Nesse salão abafado?

— Não.

— Então vamos. — Ransom guiou o caminho até o lado de fora.

Enchi os pulmões com o ar doce da tarde, carregado com o cheiro de grama e da água do rio próximo.

— O que faremos primeiro?

— Gostaria de descobrir quem foi que matou a onça-áurea. O ferreiro local deve saber. Vamos começar por lá.

— Mostre o caminho.

Andamos lado a lado, serpenteando as ruas e os becos até que o som de martelos batendo no metal nos levou à forja. Assim como na taberna, fiquei um pouco atrás enquanto Ransom cumprimentava o ferreiro.

O homem mais velho tinha tufos de cabelo branco acima das orelhas, mas, fora isso, sua cabeça era careca. Ele olhou para mim uma vez e se virou para falar apenas com o Guardião.

— Bom dia, Guardião.

Droga. Era isso que eu temia. Talvez eu não devesse ter vindo.

As pessoas não estariam dispostas a revelar suas verdades na

presença de uma estranha de olhos dourados. Apesar do que Ransom pensava, elas não confiavam em mim. Nem *ele* confiava.

— Bom dia, ferreiro.

— Quem é sua acompanhante? — o ferreiro perguntou, a voz baixa, mas nem tanto.

— A princesa Odessa Wolfe.

— Wolfe? — O ferreiro engasgou, tossindo para limpar a garganta.

— Wolfe. Ela é a Pardal.

O ferreiro se virou, os olhos arregalados, e fez uma reverência.

Ransom sorriu.

Esse era o plano dele, então. Ele não estava com medo de que as pessoas desconfiassem de uma estranha. Essa era a primeira parada em meu tour de apresentação por Turah. E ele usaria a novidade que represento como a Pardal para arrancar informações. Não que eu fosse realmente necessária.

O Guardião já era uma novidade sozinho. Mas eu poderia atrair um pouco mais de atenção. Atrair pessoas das áreas mais afastadas.

Esperto. Droga.

— É um prazer conhecê-lo — falei ao ferreiro. — Sua forja é linda.

Eu não entendia muito sobre forjas, mas andava lendo sobre os costumes e as especialidades turanas — no topo da lista estava o trabalho com metais. Eu devia parecer uma idiota, mas apontei para as ferramentas que ele organizara em prateleiras e ganchos.

— Nunca tinha visto uma coleção tão impressionante de formões, moldes e mandris cônicos.

O homem se empertigou, sorrindo, e suas bochechas coraram.

— Obrigado, alteza. Levei a vida inteira para adquirir todos.

— Uma vida bem vivida. — Sorri.

— Estávamos passando e ouvimos um boato de que vocês tiveram um encontro infeliz com uma onça-áurea. — Ransom

andou até uma fileira de ganchos pendurados em uma viga. Tirou um e pesou o metal na mão. — Alguém morreu?

— Não, felizmente. Mas foram necessários seis homens para derrubá-la. Tinha alguma coisa errada com aquele monstro.

Como o fato de que tinha o sangue verde. As pessoas podiam não saber que se chamava lyssa, mas o sangue verde era difícil de ignorar. Quantos turanos desconfiavam que havia algo errado?

— O jornaleiro, que é novo na cidade, sofreu um corte feio no braço — o ferreiro falou.

— Jornaleiro? — perguntei, imediatamente mais atenta. Jornaleiros eram sinônimo de informação. Com sorte, mais do que as publicadas no jornal de Ellder.

— Ele é do seu reino, alteza. Saiu de Quentis depois que a esposa foi levada para os tons. Está em Ravalli há seis meses. Bom sujeito. Reservado. Mas não acontece muita coisa por essas bandas que já não seja noticiada na taberna antes. Quando é publicado no jornal, já é notícia velha.

Um jornaleiro quentino. Será que eu o conhecia? Já tinha lido seu trabalho antes?

O ferreiro se aproximou, olhando atrás de mim para confirmar que ninguém estava ouvindo.

— Se ele fosse esperto, pararia de publicar fatos e começaria a contar histórias. Ganharia muito mais dinheiro narrando histórias. Até sugeri isso para ele uma vez. Mas ele está fixado nas suspeitas sobre a milícia do rei.

Ransom me lançou um olhar que dizia *não se atreva*.

Ignorei e cheguei mais perto do ferreiro.

— Perdão. Sou nova no reino. Milícia do rei?

— Sim, alteza. O rei Ramsey está recrutando para a milícia dele. Fazia muito tempo que não havia uma. Acho que é um preparativo para a migração.

— Ah. O que exatamente tem de suspeito nisso?

— Não sei. Ainda não saiu no jornal.

— Entendi. — Nossa próxima parada seria a redação do jornaleiro.

— Acho que ele só está influenciando pessoas mais crédulas. Especulando sobre algo errado. Garantindo que ninguém deixe de assinar seu jornal. Um vendedor como qualquer outro.

— Devo concordar. Estou bem intrigada. — Abri um sorriso gentil. — Obrigada pelo seu tempo. Foi um prazer conversar com você.

— Igualmente, alteza. — Ele fez outra reverência.

Seria assim dali em diante? Reverências e títulos formais? Quanto tempo levaria até a notícia sobre a Pardal se espalhar por Turah? Em algum momento, o sigilo acabaria. Mas eu ainda não estava pronta.

— Podemos ir, minha rainha? — Ransom apontou para a estrada.

Acenei para o ferreiro.

Ele abaixou a cabeça e, pela primeira vez, pareceu notar que eu carregava algo diante do peito. Mas, antes que pudesse espiar dentro do suporte, virei, mantendo Faze escondido.

Esperei até estarmos longe para perguntar a Ransom:

— Essa milícia é para a migração? Ou para outra coisa?

Como uma invasão.

Ou para se defender de uma.

— Tenho problemas maiores do que Ramsey. — Ransom girou o punho. Assunto encerrado.

Nunca tinha visto um rei ser dispensado tão rapidamente.

— Você contou para o ferreiro quem eu era. Seu plano sempre foi esse, não? Por isso me trouxe junto? Estou aqui para chamar atenção.

Ransom olhou para mim, os olhos verdes encontrando os meus enquanto outro sorrisinho se esboçava em seus lábios.

— Funcionou perfeitamente.

Revirei os olhos.

— Poderia ter me avisado.

— Foi mais divertido assim.

— Pra você — murmurei. — Deveríamos falar com o jornaleiro.

Ransom parou de andar.

— Quê? Não acha que ele seja uma pessoa importante para questionar?

Ele ergueu as sobrancelhas. E esperou até eu me dar conta de que estávamos na frente de um edifício com uma plaqueta na porta da frente.

JORNAL DE RAVALLI.

— Ah.

— Depois de você. — Ele desceu os degraus para a porta, abriu e fez sinal para eu entrar.

O ambiente era mais iluminado que a estalagem graças às janelinhas abertas nos troncos, mas não muito. Se continuássemos entrando e saindo de edifícios como esse, eu acabaria com dor de cabeça de tanto que meus olhos precisavam se ajustar a luzes diferentes.

Uma longa mesa sólida servia de divisória na entrada. Depois dela havia outras mesas, todas cheias de papel e tinta. Uma prensa ocupava toda a parede dos fundos.

Ransom bateu os nós dos dedos na mesa de madeira e, um momento depois, o jornaleiro apareceu no corredor.

Tinha um sorriso no rosto e óculos finos de armação metálica. Suas manchas âmbar nos olhos castanhos e sua cabeleira loira me lembravam de casa. Seu braço esquerdo estava numa tipoia, e um curativo aparecia sob a manga da túnica.

— Olá. Como posso ajudar?

Antes que Ransom respondesse, um menino apareceu do corredor. Ele tinha os traços do pai, mas seus membros compridos e a movimentação descoordenada eram típicos de crianças que

cresciam rápido demais.

O menino ofegava e agarrava o braço não machucado do pai.

— Papai. O Guardião está em Ravalli! Acha que a gente pode cruzar com ele?

Um canto da boca de Ransom se ergueu e ele pigarreou.

— É bem possível.

O menino olhou, espantado. Cambaleou para o lado, quase sem conseguir manter o equilíbrio.

— Jonas. — O jornaleiro equilibrou o filho e balançou a cabeça. — Respira.

O menino ficou olhando de queixo caído para Ransom.

Mordi os lábios para esconder o sorriso.

— Estou honrado por sua visita — o jornaleiro falou. — Bem-vindos. Como posso ajudar?

— Gostaria de perguntar sobre isso. — Ransom apontou para o curativo.

O homem suspirou.

— Escrevo melhor do que luto. Acho que deveria ter me mantido longe. Mas aquele monstro era agressivo. Eu não conseguiria me perdoar se alguém tivesse morrido.

— O que aconteceu? — Ransom perguntou.

— O papai foi o primeiro que viu — Jonas interveio, depois apontou para a janela ao lado da porta. — Estava aqui trabalhando e viu o monstro descer a rua. Pegou a besta e foi atrás. Acertou em cheio na barriga e, mesmo assim, o monstro não parou. Precisou de seis homens atirando para derrubar. O monstro estava todo espetado quando morreu.

Ransom olhou para o jornaleiro, esperando pela confirmação da história.

— Foi como Jonas contou. — Ele acenou. — Nunca vi nada parecido.

— Como você se machucou? — perguntei.

— Ele me atacou depois do primeiro disparo. Gritei por ajuda. Àquela altura, outros já tinham saído armados. Eu estava recarregando minha besta, mas não fui rápido o bastante. Disparei um segundo virote, que acertou o pescoço do monstro, o suficiente para diminuir sua velocidade, mas o rabo me deu uma chicotada. Acertou no braço e cortou até o osso.

Fiz uma careta.

— Os curandeiros conseguiram dar pontos. Logo vou estar novinho em folha. — Ele colocou o braço livre ao redor dos ombros do menino.

O menino estava pálido, como se estivesse revivendo o incidente e vendo o pai sofrer.

— Vocês notaram mais alguma coisa sobre o monstro? — Ransom perguntou.

O homem olhou para o filho como se não quisesse continuar falando sobre o ataque, mas, para o Guardião, falou mesmo assim.

— Os olhos dele eram turvos. E o sangue não era vermelho, mas verde. Deixou todo mundo assustado e comentando. E o fedor daquele monstro. — Ele estremeceu. — Nunca vou esquecer aquele cheiro horrível. Era como estar no meio de um pântano de gengibre-da-caverna de Ozarth.

— Gengibre-da-caverna? O doce? — Tinha um cheiro doce e picante. Um dos meus favoritos.

— Só depois de colhido e cristalizado. São cultivados em pântanos de jacarandos que exalam um cheiro extremamente rançoso e horrível. Se você ama o doce, nunca veja onde é cultivado. Nunca mais vai querer comer.

— Entendi.

Os jacarandos viviam em pântanos e brejos. Os corpos eram cobertos por escamas verde-limo, e os rabos eram duas vezes mais compridos que o corpo. Eles conseguiam andar em terra, embora as pernas fossem tão curtas que as barrigas se arrastavam no chão.

Aqueles monstros conseguiam deslocar as mandíbulas enormes para engolir presas inteiras.

— Você é bem viajado, se já foi aos pântanos de Ozarth — Ransom comentou.

O jornaleiro deu de ombros. Seus olhos ficaram distantes, e ele manteve o braço ao redor dos ombros magros do filho.

— Minha esposa era uma viajante. Éramos apenas seus bons companheiros.

— Minha mãe morreu dois invernos atrás — o menino falou, engolindo em seco. — Foi morta por um ladrão.

Levei a mão ao peito.

— Meus pêsames.

— Viemos a Turah para recomeçar. — O homem e o filho trocaram um sorriso. — Só nós dois.

— Por que Ravalli? — perguntei. Devia haver cidades maiores onde eles poderiam vender mais jornais.

— É o mais longe possível de Quentis.

Eita.

Ransom estendeu o braço.

— Não perguntei seu nome.

— Samuel Hay.

Meu queixo caiu.

— Samuel Hay? Autor de *Um ano em Quentis*?

— Hm, sim. — Ele soltou uma risadinha. — Quase ninguém aqui sabe que escrevi aquele livro.

O livro de mentiras? Um calor subiu por minhas veias, meu sangue começou a ferver. Vermelho cobriu minha visão.

Esse era o imbecil que tinha acusado meu pai de matar minha mãe?

— É um prazer conhecer você — Ransom falou. — Essa é Odessa Wol...

— Cross — corrigi. — Odessa Cross.

O sorriso de Samuel vacilou. Seus olhos se arregalaram.

— De Quentis — acrescentei, cruzando os braços diante do peito.

— Princesa. — Samuel fez uma referência e indicou para o filho reproduzir o gesto. — Eu, ahn...

O clima ficou constrangedor e tenso. Ele parecia querer se esconder embaixo da mesa.

Ótimo.

A tensão devia ter despertado Faze, porque ele escolheu esse momento para acordar de sua soneca com um rosnado chorão.

O menino, Jonas, se empertigou e apontou para meu suporte.

— O que é?

— Ah, hm. — *Merda*. Aquele menino acabara de ver o pai ser cortado por uma onça-áurea. Não precisava ver um filhote de tarkin. — Precisamos ir.

Mas Faze se remexeu tanto que a coberta escorregou, revelando sua cabeça e seus olhos violeta.

— É um tarkin? — O rosto do menino se iluminou, e ele pulou por cima da mesa, passando para o nosso lado. — É seu? Desde quando você o tem? O que ele come? Como se chama?

— Jonas — Samuel repreendeu.

Jonas passou as mãos pelo cabelo loiro e puxou os fios enquanto seu corpo vibrava de entusiasmo.

— Onde você conseguiu? Quantos anos tem? Posso ver?

Esse menino era tão parecido com Evie que não consegui não rir.

— Ele se chama Faze.

Com uma mão embaixo na barriguinha de Faze, eu o tirei do suporte e o coloquei no chão.

Jonas se ajoelhou, sorriu para o monstro e estendeu a mão. Seu rosto estava radiante de admiração ao observar Faze se espreguiçar e bater o rabo no ar.

— Uau.

— Pode segurar.

Jonas não hesitou. Colocou Faze no colo e acariciou a fileira de escamas nas costas do tarkin.

— Você é uma princesa. *E* uma domadora de lendas.

Um rubor se espalhou por minhas bochechas. Quando olhei para Ransom, seus olhos esmeralda e um sorrisinho me esperavam.

— Domadora de lendas.

A última coisa de que eu precisava era mais um apelido. Mas quem sabe um dia, se eu voltasse a ver Mae, eu contaria para ela que, certa vez, um menino me chamou de domadora de lendas.

Ela provavelmente não acreditaria.

— Obrigada pelo seu tempo — Ransom falou a Samuel. — Já vamos embora.

— Vão? — Jonas apertou Faze contra o peito. — Mas já?

— Por que eu não fico um pouco mais? — sugeri. — Para Jonas poder brincar com Faze?

Na verdade, eu queria saber sobre a milícia e as suspeitas de Samuel. E não seria nada mal esclarecer as coisas sobre Quentis.

Especialmente aquela calúnia que ele publicou sobre meu pai ter matado minha mãe.

Os olhos de Ransom se estreitaram. Sem dúvida percebeu que eu tinha minhas razões.

— Não vá se perder por aí. Já volto.

Acenei e esperei que ele saísse. Depois estampei um sorriso doce e me voltei para o autor.

— Certo... Vamos falar sobre seu livro.

Samuel ao menos teve a decência de fazer uma careta.

41

Os pais de Samuel eram comerciantes quentinos. Eram alguns dos poucos que se arriscavam pelo desfiladeiro Evon para entregar mercadorias a Genesis de carroça.

Sua amada esposa, Emsley, era filha do maior rival de sua família.

Samuel e Emsley se conheceram quando eram crianças. Apaixonaram-se na adolescência. Ela estava grávida de Jonas quando eles fugiram juntos de Quentis, o que causou grande comoção, pois era esperado que os dois assumissem os negócios das famílias.

Em vez disso, eles passaram anos explorando Calandra. O sonho dela era ver todos os cantos do continente, então ele viajou ao lado dela, vendendo histórias para os jornaleiros em troca de moedas para financiar a jornada.

Jonas tinha onze anos quando os três voltaram a Quentis para cuidar da mãe doente de Emsley. Um ano depois, Emsley foi assassinada em Roslo. E mais um ano duro e triste depois inspirou Samuel a escrever seu livro.

Sobre meu povo.

Que também era dele.

Depois que Ransom saiu, Samuel me convidou para sentar e

tomar um chá. O líquido esfriou enquanto ele me contava a história de sua esposa. De como se conheceram.

De como ela morreu.

E de por que ele escreveu aquele livro depois da morte dela.

— Me arrependo — ele falou. — Se pudesse voltar atrás, jogaria aquele livro no Marixmore e esqueceria que já existiu.

— Por que escreveu?

— Estava com raiva. Perdido em sofrimento. Amargurado com a vida dura da cidade. Ingênuo a ponto de achar que dinheiro resolveria nossos problemas.

— Você nos chamou de traidores e ladrões. Acusou meu pai de matar minha mãe.

Ele baixou a cabeça.

— Peço desculpas. Explorei os rumores de um nobre bêbado sem ter provas. Exagerei porque sabia que venderia.

— E vendeu?

— O suficiente para nos dar passagem para o outro lado de Krisenth. Para trazer Jonas para cá, onde as crianças na escola não zombam dele pelos erros do pai. O suficiente para comprar esta casa. Para comprar uma prensa turana de segunda mão. Para me dar a chance de ser um homem melhor.

Parte de mim queria saber mais sobre o boato daquele nobre bêbado. Descobrir por que exatamente alguém achava que meu pai teria sido capaz de matar minha mãe. A outra parte sabia que eu não estava pronta para isso, então mudei de assunto.

— O ferreiro comentou que você anda escrevendo sobre a milícia do rei.

Samuel se empertigou, surpreso pela mudança de assunto.

— Sim.

— Está desconfiado?

— Muito. — Ele tomou um gole do chá frio, aninhando a xícara na mão. — Visitei a família dos soldados e soube que nenhum

deles escreveu para casa depois de entrar para a milícia. Eles se alistam e praticamente desaparecem. Não acha isso estranho?

— Não sei — respondi. — Acho que sim. Mas talvez o regime de treinamento dos soldados turanos seja diferente dos de Quentis.

Para os soldados quentinos, morar no quartel era opcional. A maioria continuava com sua família a menos que não tivesse uma.

— Também pensei isso, mas passei meses conversando com homens que serviram o rei quando eram jovens. Todos acharam estranho a falta de visitas e de resposta das cartas.

— Hm — murmurei. — É estranho mesmo. Todos esses homens vão para Allesaria?

— Talvez. Não sei.

— Você já foi para a capital? — Peguei minha xícara, tentando disfarçar o desespero na voz.

— Não.

Droga.

Samuel soltou um longo suspiro, afundando-se ainda mais na cadeira.

— Sabe, pensei que talvez o mistério em torno de Allesaria fosse um exagero. Que, quando chegasse aqui, descobriria que não era o segredo mais bem guardado de Calandra.

— Não é um exagero, é?

— Não — ele respondeu. — O jornaleiro em mim quer investigar e descobrir a verdade. Revelar por que os turanos guardariam segredo sobre sua capital. Mas o pai em mim decidiu deixar isso pra lá. Não vou colocar Jonas em risco. Sou tudo que ele tem. Estamos seguros aqui, apesar do incidente com a onça-áurea. Meu filho está feliz. É tudo que importa.

— Compreensível. — Abri um leve sorriso para ele. — Também não consigo entender o mistério sobre Allesaria. Parte de mim acha que a cidade nem existe.

Samuel deu risada.

— Também já me perguntei isso. Mas tem uma mulher em Ravalli que já foi lá. Segundo ela, a estrada é traiçoeira. É protegida por uma muralha de pedra, e a única maneira de passar pelos portões é com um juramento de sangue.

Encarei Samuel, tentando assimilar.

— Um juramento de sangue para entrar na cidade?

— Para manter a localização em segredo.

Certo, agora eu estava ainda mais interessada. Isso era mais do que extremo. O que acontecia em Allesaria que precisava de tanto segredo assim?

— Agora estou curiosa — falei.

— Cuidado com a curiosidade. — Ele baixou a voz como se, mesmo dentro de sua casa, fosse um risco ter essa conversa. — Não foi fácil para mim encontrar meu lugar em Ravalli. Os turanos são muito desconfiados de forasteiros. Mesmo sendo a Pardal, eles não vão receber você de braços abertos.

Algumas pessoas me fizeram me sentir bem-vinda. Tillia. Evie. Luella e Cathlin. Mas eu entendia o ponto dele. A maioria do povo de Turah me evitava.

— Nem era para eu ser a Pardal.

— Era para ser sua irmã, certo?

— Mae. — Assenti. — Foi tudo muito inesperado. E repentino. Não sei muito sobre Turah. Nunca nem olhei para um mapa.

Samuel deixou a xícara de lado e chegou mais perto.

— Mapas são proibidos. Se alguém for pego com um, recebe pena de morte.

— Morte? Por um mapa? — Porra. Não era à toa que eu não conseguia encontrar um mapa. Nem devia existir algum.

— Como eu disse, princesa, tenha cuidado.

Senti um arrepio.

— Não entendo. A capital é onde moram os líderes do rei. Um lugar de diplomacia. De tomadas de decisão. Um centro de

comércio. Um lugar para celebrar a cultura e preservar a história. Por que guardar segredo sobre Allesaria? O que pode ter acontecido três gerações atrás que convenceu os governantes turanos a se retraírem tanto?

— Não sei. Para todos os efeitos, Perris serve como capital. É o centro de comércio turano. É lá que o rei assina os decretos que depois são espalhados pelo reino.

— Por mensageiros de pônei?

— Sim. Em parte. Também pelo exército turano. Cada cidade tem o próprio sistema de governança, mas todos respondem ao rei. Os soldados alocados em Ravalli garantem a paz e a obediência. Qualquer resistência é duramente reprimida. Pelo menos era assim antes de os soldados partirem.

Eles foram retirados. Assim como tinham sido em Ashmore. O rei havia deixado aquelas pessoas à mercê de monstros. À mercê da lyssa.

— Pelo que descobri, a riqueza de informações está atrás das muralhas de Allesaria. E eles não dividem nada. Não são como os curandeiros de Laine, que fazem descobertas e obrigam os outros reinos a pagarem por seu conhecimento e seus recursos.

— Os turanos guardam tudo para si — falei.

— Guardam tudo em Allesaria. Já ouvi muitos comentários rancorosos na taberna sobre como as pessoas nos lugares mais ermos são tratadas como menos importantes do que os turanos da cidade. Que os estudiosos, alquimistas e curandeiros da capital menosprezam as pessoas que trabalham com serraria. Que é, ironicamente, o setor que realmente financia este reino.

Estudiosos. Alquimistas. Aqueles com conhecimento e habilidade para desenvolver uma infecção mortal.

Allesaria, pelo visto, existia mesmo. Podia descartar a ideia de que a capital era um mito. Uma farsa. E a única forma de conhecer a cidade era com um guia e mais um juramento de sangue.

Será que Ransom me levaria se eu lhe dissesse que desconfiava que a lyssa fora criada dentro das muralhas da capital? Que podia ter sido desenvolvida bem debaixo do nariz de Ramsey?

Talvez o próprio Ramsey tenha sancionado sua criação. Talvez por isso se recusasse a alertar a população.

Esse pensamento fez meu coração subir pela garganta. Será que era isso que meu pai queria em Allesaria? Será que a lyssa era o segredo para salvar nosso povo dos crux? Será que Ramsey a usaria para tentar salvar os turanos? Mas, se ele tivesse encontrado uma forma de proteger seu povo durante a migração, Turah já não teria mais Guardiões?

A porta da frente se abriu e Ransom entrou. Suas orelhas deviam estar queimando. Viu que Jonas ainda estava no chão com Faze. E eu, sentada ao lado de Samuel.

— Obrigada pelo chá. — Deixei minha xícara de lado, me levantei e fui para a frente da sala. Tirei Faze dos braços de Jonas e o aconcheguei em seu suporte.

Com um aceno para os dois, segui Ransom para as ruas que levavam para a estalagem.

— E a onça-áurea?

— Lyssa.

— Descobriu mais alguma coisa?

— Houve um ataque de ursur nas montanhas algumas semanas atrás. Dois caçadores. Ambos mortos. Uma matilha de barilobos mortos por um mercador e a filha. Não dá para saber se algum desses monstros estava ou não infectado. Mas vem acontecendo mais ataques por essas bandas. Isso está deixando todo mundo tenso.

— Talvez você esteja chegando mais perto da origem. E se... — Parei de falar, sabendo que, assim que terminasse essa frase, ele se fecharia. Já dava para sentir. Mas precisava perguntar. — Samuel mencionou que a maioria dos alquimistas e estudiosos de Turah

vive em Allesaria. E se alguém na capital for a origem?

Ele bufou, balançando a cabeça.

— Ninguém em Allesaria criou a lyssa.

— Como você sabe?

— Apenas sei.

— Mas...

— Você não sabe nada sobre a cidade, Cross. — A acidez em sua voz machucou. — Não toque mais nesse assunto.

Deuses, esses turanos eram inflexíveis. Esse turano em particular.

Seguimos o resto do caminho até a estalagem em silêncio. O salão comum, antes vazio, agora estava cheio de clientes. Alguns bebiam cerveja, outros devoravam pratos de comida.

Conforme eu seguia Ransom pelo salão, as conversas e gargalhadas eram substituídas por murmúrios e cochichos. Sobre ele. Sobre mim.

A notícia da minha identidade se espalhara como rastilho de pólvora. Era por isso que ali estava tão cheio? Por que o estalajadeiro estava com um sorriso largo?

Nossa visita significava que todas as mesas do estabelecimento estavam ocupadas.

Não ficamos por ali. Seguimos por um corredor estreito com seis portas ao todo. Minha chave abria a última à direita. A de Ransom, a última à esquerda.

— Vamos para o posto avançado amanhã. Esteja pronta ao amanhecer. O estalajadeiro já sabe que deve trazer seu jantar.

— Está bem.

Ransom parou, com a mão na porta.

— Estão falando que Ramsey deve chegar aqui amanhã.

— Ah. — Era esse o motivo do mau humor dele? Ou era porque eu havia mencionado Allesaria? Ou as duas coisas?

— Não estaremos aqui quando ele chegar.

— Tá. Você tem algum problema com Ramsey?

— Algo assim. — Ele olhou por cima do ombro, e nossos olhos se encontraram.

Pensei que ele desapareceria dentro de seu quarto, mas hesitou, me encarando como se pensasse em algo importante. Algo que precisava dizer.

— O que foi? — sussurrei. *Me conta. Por favor.*

— Nada — ele respondeu. — Boa noite, minha rainha.

Argh.

— Boa noite, Ransom.

Seus olhos verdes ficaram avelã de repente. Ele entrou no quarto e bateu a porta. A fechadura virou.

Será que ele se arrependia de ter me contado seu nome?

Bom, azar o dele. Eu gostava de falar.

42

Ainda eram as luas gêmeas que iluminavam o céu quando saí da estalagem na manhã seguinte. Não havia amanhecido.

Faze estava no suporte, dormindo depois da mamadeira de leite que eu dera. Eu estava com a bolsa pendurada no ombro e o cabelo preso numa trança. Apenas alguns cachos rebeldes fugiam nas têmporas.

A rua da estalagem estava vazia, toda a Ravalli ainda dormia.

Menos o homem que vinha pela rua, conduzindo dois cavalos em minha direção.

— A que horas eu teria que acordar para chegar antes de você em um desses encontros ao amanhecer? — perguntei a Ransom.

— Prepare-se. Precisamos partir.

Lá se foi minha tentativa de aliviar o clima e esquecer o mal-estar da noite anterior. Peguei as rédeas da mão dele e cheguei perto de Freya. Mas antes mesmo de colocar um pé no estribo, ouvi um relinchar à distância.

Aurinda se agitou com o som, os cascos batendo no chão de terra.

— Merda — Ransom resmungou.

— O que foi?

Ele olhou para os dois lados como se procurasse uma rota de

fuga.

Segui seu olhar, sem ver nada além de edifícios quadrados e ruas ermas. Mas então o chão sob nossos pés começou a vibrar, como uma ondulação se espalhando pela água calma.

Invadiram Ravalli como uma tempestade. Num piscar de olhos, as ruas desertas estavam tomadas por cavaleiros. Alguns deles vestiam roupas parecidas com as minhas. Outros eram soldados uniformizados. As roupas e armaduras ostentavam o brasão do rei Ramsey Wolfe.

Era tarde demais. Ramsey havia chegado a Ravalli antes de nossa partida.

Quem eram os homens à paisana? Recrutas da milícia?

Quem quer que fossem, chamaram atenção. Portas se abriram e pessoas ainda de pijama apareceram para descobrir o motivo da comoção.

Os soldados do rei confluíram na frente da estalagem como formigas atraídas pelo açúcar. Como se soubessem exatamente onde encontrar Ransom. Chegaram de todos os lados e nos cercaram. Ninguém falou uma palavra. Eles apenas nos encaravam, esperando.

Ransom fez cara feia para alguns da primeira fileira, os espertos o bastante para recuar. Começou a apertar a barrigueira de Aurinda e prender os alforjes.

— Monte em seu cavalo, Cross.

Ele achava mesmo que aqueles homens nos deixariam partir?

— Cross — ele rosnou.

— Tá. — Havia olhos demais me observando montar em Freya.

Ele forçaria a passagem pela multidão? Ou eles abririam caminho para nós?

Ransom montou em seu garanhão e o clima mudou. Uma energia se espalhou pelos homens.

Será que eles pegariam em armas e formariam um bloqueio?

Dois homens, ambos uniformizados, trocaram um olhar enquanto Ransom pigarreava. Eles se afastaram e conduziram os cavalos para abrir caminho.

— Vão mesmo nos deixar ir embora? — sussurrei.

— Claro que não. — Ransom ergueu o queixo, a expressão dura como pedra enquanto os olhos viravam metal líquido. Prata derretida.

Não era um bom sinal.

— Não diga nada — ele ordenou. — Nem uma palavra.

Engoli em seco e murmurei: *Está bem*.

Ramsey passou pela abertura, a postura mais altiva do que qualquer um de seus homens. Seu cavalo era o mesmo cinza elegante que o levara para Treow, um animal quase do tamanho de Aurinda. E o próprio rei era uma figura imponente, tão alto e largo quanto Ransom. Usava um diadema simples, como Zavier, a prata brilhando sobre a testa.

Em Treow eu não consegui vê-lo direito, pois estava muito longe, mas consegui notar que tinha traços fortes. Nariz largo, sobrancelha sisuda, maxilar quadrado e covinha no centro do queixo. Os olhos de Ramsey eram de um cinza tão frio quanto gelo. Ele parou na frente de Ransom, e os dois se encararam.

O embate silencioso durou uma eternidade. Eu me esforçava ao máximo para não respirar.

Ransom não devia ter feito uma reverência? Eu não devia? Meu nervosismo cresceu enquanto Faze se remexia no suporte, soltando um resmunguinho.

Foi quase como o clangor de um sino.

Todos os olhos se voltaram em minha direção, incluindo os de Ramsey.

Seus olhos se estreitaram enquanto observavam meu rosto, meu cabelo.

— Você é a noiva de recompensa. A Pardal.

Tenho um nome.

O rosto de Ransom se voltou para mim, a respiração entrecortada.

Opa. *Desculpa*, fiz com a boca.

Aparentemente, em momentos de estresse, os pensamentos que deveriam ficar em minha cabeça saíam pela boca.

Mas Ramsey não tinha o menor interesse em saber meu nome. Ele se voltou para Ransom.

— Ela deveria estar em Allesaria.

Meu coração bateu forte. Um batimento bom? Mau? Eu não sabia. Sim, queria ir para Allesaria. Mas não com Ramsey. Ele não me levaria à força, levaria? Como um sequestro?

Era por isso que Ransom parecia prestes a cometer um assassinato? Ele enfrentaria o rei e toda essa multidão para que eu não fosse arrastada para a capital?

— Não até podermos confiar nela — Ransom respondeu.

Magoou mais do que deveria. Ele tinha prometido que jamais confiaria em mim. E, inocente, eu pensei que ele poderia ter mudado de ideia.

Se eu tivesse um mapa para Allesaria, seria capaz de tentar mandar para meu pai? Seria capaz de trair o povo turano? Trair Ransom?

O que eu fora criada para acreditar parecia frágil. Meu pai me pedira para confiar nele. Eu confiei. Ainda confiava.

Mas...

Seria capaz de trair os turanos?

Não. Não, não seria.

Mesmo com a incerteza da migração iminente. Mesmo diante de Ramsey. Não seria capaz de trair Tillia, Luella, Cathlin ou Zavier.

Não seria capaz de trair Ransom.

Ele podia até não confiar em mim. Mas, em algum momento, tinha conquistado minha lealdade.

Deuses, era o mesmo que acontecia com meu pai. Mas eu não me importava que a confiança fosse unilateral. Não sabia bem o que meu pai estava tão determinado a tirar de Allesaria, mas eu não deixaria que ele fizesse mal a essas pessoas.

— Temos mais o que fazer — Ransom falou. — Precisa de mais alguma coisa, *majestade*?

Eita. Nunca tinha ouvido alguém usar o título com tanto desdém.

Se o insulto incomodou Ramsey, ele não demonstrou. Um sorriso lento se abriu em sua boca, um desafio nos olhos claros apontados para Ransom antes de se voltarem mais uma vez para mim.

— Um cabelo tão lindo. Não admira que tenha chamado a atenção do meu filho, princesa.

Exceto que, quando conheci Zavier, eu estava com o cabelo castanho. Abri um sorriso ensaiado e meloso.

— Obrigada, majestade.

Ransom guiou Aurinda para a frente, que bufou para o garanhão do rei, como se os cavalos também estivessem envolvidos no embate.

Ramsey se afastou e ondulou a mão para a abertura em sua linha de soldados. Um gesto dramático para permitir nossa passagem.

Os molares de Ransom rangeram tão alto que consegui ouvir um estalo, mas ele seguiu pela abertura e eu o acompanhei de perto.

Queria sair dessa cidade. O quanto antes.

Não deveria ser uma surpresa que os deuses tivessem outros planos.

O grito veio ao mesmo tempo que avistei uma nuvem de fumaça densa se erguendo sobre os telhados.

— Ransom — murmurei.

Mas ele já estava se movendo, conduzindo Aurinda através dos homens, fazendo com que se dispersassem enquanto sacava a

espada.

A multidão se abriu como uma cortina, criando espaço para passarmos a galope pelas casas na direção da fumaça. Da casa de Samuel Hay. Ela estava cercada por homens com tochas acesas.

— Não — gritei, com o coração apertado.

Jonas estava na frente da casa encarando as chamas que lambiam as paredes, espalhando-se pelas toras de madeira. Seus olhos estavam arregalados e ele gritava com as mãos formando uma concha na frente da boca:

— Papai!

Pessoas corriam para o incêndio, carregando baldes de água. Mas, antes que conseguissem chegar perto o suficiente para apagar as chamas, os soldados bloquearam o caminho, repelindo-as.

— Papai! — A voz de Jonas embargou quando ele gritou de novo.

— Samuel. — Olhei para Ransom, mas ele já tinha descido do cavalo, correndo por entre os soldados antes que pensassem em detê-lo. Ele se movia como o vento, descendo as escadas e entrando na casa, com o fogo se afastando como se as chamas tivessem medo de tocar sua pele.

Meu coração subiu pela garganta quando saltei de Freya e corri até Jonas, abraçando-o com força antes que ele também tentasse entrar.

Lágrimas escorriam pelo rosto dele.

— Papai.

— Está tudo bem — falei, fazendo o sinal dos Oito. — Ele vai ficar bem.

Ama, *salve-o*.

Não rezei por Ransom. Meu coração sabia que ele estava vivo. Que um incêndio não tiraria sua vida. Então rezei pelo pai do menino, que era tudo que ele tinha, enquanto olhava fixamente para a porta.

O fogo rugia, mais alto e mais quente, chamuscando meu rosto.

Mas, quando tentei puxar Jonas para trás, ele resistiu e deu um passo à frente.

— Precisamos ficar longe.

— Não. — Ele chorou. — Por favor.

Samuel devia ter ouvido o apelo do filho. Saiu correndo, os braços cheios de livros, roupas e tudo mais que ele conseguia carregar.

— Papai. — Jonas se jogou em cima dele, chocando-se com o pai. Os dois se abraçaram e caíram de joelhos, os pertences se espalhando pelo chão.

Os soldados os cercaram e tentaram tirar os livros das mãos de Samuel.

— Se tocarem neles, vocês morrem. — Ransom, coberto de fuligem, cinzas e suor, saiu carregando uma carga igual à de Samuel.

Os soldados, com a cabeça no lugar, recuaram.

Ransom juntou todos os pertences nos braços e ficou ao lado de Samuel. Ele se empertigou e seus lábios se contorceram num rosnado gutural.

Aquele não era Ransom.

Era o Guardião.

O monstro.

Brutal. Ameaçador. Letal e destemido.

Poder emanava de seu corpo, tão quente quanto o fogo. Ele vibrava, os punhos fechados. Estava se controlando. Mas por um fio.

— Vamos. Agora. — A ordem de Ramsey atravessou o bramido do fogo. Ecoou por cima dos gritos de Jonas e dos soluços dos outros que observavam.

O povo de Ravalli estava ali em peso, a maioria carregando baldes de água para tentar conter as chamas.

Os soldados se afastaram do Guardião e da casa que incendiaram

sem precisar de uma segunda ordem do rei.

Desgraçado.

Era obra dele, assim como as bibliotecas. Por ordem de Ramsey, a vida de Samuel estava sendo consumida pelas chamas. Um incêndio poderia ter destruído toda essa cidade.

Olhei para Ramsey e notei que ele observava a tragédia com um brilho de aprovação nos olhos.

— Covarde.

Suas sobrancelhas se arquearam.

— Do que me chamou, princesa?

— Chamei de covarde. — As exclamações atrás de mim apenas alimentaram minha raiva.

— Cuidado, garota. Você não tem noção da própria ignorância.

— Olha quem fala — disparei. — Apenas idiotas e mentirosos queimam livros e casas.

Ramsey se inclinou para a frente na sela.

Se achava que poderia me intimidar, estava muito enganado. Ajustei a postura e deixei transparecer no rosto as palavras que ecoavam em minha mente.

Vai. Se. Foder.

Ele se endireitou na sela.

— Disseram que a filha mais velha do Rei Dourado era fraca. Vejo que meus espiões estavam enganados.

Era uma facada no coração, mas contive o sobressalto. Eu não deixaria transparecer como aquilo me afetava.

— Há muitas coisas acontecendo em meu reino, princesa Odessa Wolfe. — Seu olhar se desviou do meu, as chamas dançando em seus olhos enquanto observava a casa atrás de mim. — Turah precisa de alguns incêndios.

— Vá embora. — A voz de Ransom era baixa e próxima, o comando a poucos centímetros de meu ouvido. Ele estava atrás de mim, seu corpo bloqueando o calor do incêndio. Mas não o calor

de sua fúria.

— Você tem um mês — Ramsey falou para ele. — Não me faça vir atrás de você de novo.

Um mês? O que aconteceria em um mês?

Ramsey guiou o garanhão para o outro sentido e foi embora com os homens enfileirados ao seu lado.

O caos se instaurou assim que o último soldado se afastou da casa de Samuel Hay. As pessoas agiam desesperadamente para apagar o fogo, para impedir que se espalhasse para as casas vizinhas.

— O que ele quis dizer com "você tem um mês"? Um mês para quê? — perguntei a Ransom. Mas, quando virei, ele já não estava mais ali.

43

O sol estava se pondo no dia mais longo da minha vida. Parecia ter se passado uma vida desde o incêndio do dia anterior.

Eu e Ransom permanecemos em Ravalli depois que o rei partiu com seus homens. Observamos a casa de Samuel Hay ser reduzida a uma pilha de escombros carbonizados.

As brasas estavam quentes demais para procurarmos algo que pudesse ser salvo. As únicas coisas que sobreviveram, além dos moradores, foram os pertences que Samuel e Ransom conseguiram tirar. Aqueles poucos pertences agora estavam empilhados na carroça bamba que seguia pela trilha batida rumo a Ellder.

Ransom guiava o caminho para a fortaleza, mantendo um ritmo lento para a carroça acompanhar. Ao meu lado, Samuel e Jonas deixavam um lar em busca de outro.

Estávamos todos cheirando a fumaça. Ela impregnara nas roupas e no cabelo. Meus olhos estavam ardidos e secos.

Nossa pequena caravana seguiu pelo começo da noite e montamos um acampamento silencioso. Com o nascer do dia, seguimos a viagem silenciosa até Ellder.

Muitos em Ravalli imploraram para que os Hay ficassem. Se reerguessem. Mas Samuel estava de coração partido. Cada linha de seu rosto demonstrava isso. Ele precisava de tempo para se

recuperar. Deixar o braço sarar do ataque da onça-áurea. Superar a tosse seca de tanto respirar fumaça.

Eu tinha a impressão de que os dois não continuariam em Turah por muito tempo depois que Samuel estivesse recuperado.

Os vizinhos deles em Ravalli não os deixaram partir de mãos abanando. Ofereceram mais comida, roupas e provisões. A carroça estava lotada. Jonas sentava em um caixote atrás do pai, que segurava as rédeas.

A viagem pelo vale do rio foi estranhamente silenciosa. Não vimos nenhum outro viajante. Nenhum animal. Nem os pássaros cantavam quando nos sobrevoavam. Uma nuvem pairava sobre nós como uma névoa tóxica, afastando qualquer alegria.

Toda vez que pensava em Ramsey, minha raiva voltava. Meus dentes doíam de tanto ranger.

Faze se contorcia no suporte, ansioso para correr livremente. Ele teria a chance de fazer isso assim que estivéssemos em Ellder.

Não pararíamos no posto avançado de mensageiros de pônei.

— Ainda não — falei pra Faze, acariciando sua cabeça.

— Eu posso segurar — Jonas falou. — Se você quiser.

— Claro. — Assenti, aproximando Freya da carroça. Passei o monstrinho para Jonas, na esperança de que isso fizesse bem para os dois. — Pegue a mamadeira dele.

Tirei a mamadeira da bolsa e entreguei ao menino. E como não tinha mais o que fazer, peguei meu diário. Se continuasse relembrando o encontro com Ramsey, surtaria.

Freya não precisava que eu guiasse o caminho. Ela seguiria Ransom.

Ao abrir a aba do diário, tomei cuidado para manter as páginas soltas guardadas. Na noite anterior, na solidão do quarto, eu as arrancara e espalhara pelo chão até formarem meu mapa.

Eu vinha criando um mapa havia semanas.

Agora que eu sabia que isso era proibido, que essa atitude

poderia me levar à morte, agradeci a Ferious pela inspiração. Devia ter sido o Deus da Trapaça que me fizera disfarçar o mapa.

Em vez de desenhá-lo numa página, usei os cantos e as pontas de várias folhas. Elas se sobrepunham e se encaixavam como um quebra-cabeça.

Se meu diário fosse encontrado, veriam desenhos de monstros, casas nas árvores, montanhas e cidades, todos com enfeites que não pareciam nada isoladamente. Mas, juntos, alinhados e sobrepostos do jeito certo, formavam Turah.

Na noite anterior, eu havia acrescentado uma estrela para Ravalli. Uma linha sinuosa para aquela trilha. E um único tique para a onça-áurea com lyssa.

Eu não tinha como saber se o mapa estava certo. Ou como marcar Allesaria. Essa missão parecia sombria hoje. Sem sentido. Então virei a página e comecei um desenho de Faze.

— O que você está desenhando? — Samuel perguntou.

— Ah, só um esboço. — Estendi a mão para ele ver o contorno rudimentar da carinha de Faze.

— Está muito parecido. Você tem talento.

Alguém já me chamara de talentosa? Nenhum mentor ou professor. Nem meu pai. Nem Margot. Meus desenhos os incomodavam. Em qualquer outro dia, eu teria ficado radiante. Hoje, qualquer demonstração de orgulho foi abafada por nosso humor solene.

— Obrigada. — Abri um sorriso para ele, depois guardei o diário. Nem desenhar era capaz de me distrair do incêndio. — Sinto muito, Samuel.

Não era culpa minha, não cabia a mim me desculpar, mas já tinha dito aquelas palavras pelo menos dez vezes hoje.

— Também sinto. — Ele olhou por sobre o ombro para o filho, que brincava com Faze. — O que importa é que Jonas está a salvo.

— E você também.

— Por causa dele. — Seus olhos se encheram de lágrimas ao apontar para Ransom. — Mandei Jonas sair enquanto tentava pegar tudo que conseguia carregar. Algumas das roupas dele. O que restava de Emsley. Os diários dela. Um retrato e sua aliança de casamento. Seu xale favorito. Os sapatinhos que ela bordou para Jonas quando ele era bebê. Eu estava saindo do quarto quando o fogo se espalhou pelo chão do corredor. A fumaça era tão densa. Tão escura.

Ele começou a tossir e se curvou para a frente, quase engasgando com o esforço.

— Papai? — Jonas segurava Faze com firmeza enquanto olhava para o pai.

— Estou bem, filho. — Samuel forçou um sorriso e bebeu água de um cantil, um presente do ferreiro de Ravalli. Respirou fundo por alguns minutos até o acesso passar. — O Guardião passou pelo fogo. E juro, princesa, as chamas se encolheram. Ele me pegou, esmagando tudo que eu carregava entre nós, e me carregou pela casa até chegarmos à porta. Deixei cair metade da pilha quando ele me colocou em pé, e resolvi deixar aquilo para trás. Achei que não valia a pena arriscar. Mas ele pegou tudo, cada coisinha, e salvou. Me salvou.

Será que Ransom resistia às chamas? Era a lyssa? Ou simplesmente não tinha medo? Estava disposto a se queimar para salvar a vida de um pai?

— Ouvi os rumores. As histórias — Samuel sussurrou. — Jonas acreditava nas lendas, mas eu sempre fui cético. E eram verdade. Ele não é um homem qualquer. É mesmo um Guardião.

— Sim, ele é.

— Você tem sorte de tê-lo ao seu lado.

— Tenho mesmo.

Samuel parecia prestes a falar mais, mas, em vez disso, teve outro acesso de tosse.

Sem querer forçar a voz dele, guiei Freya para a frente até chegarmos ao lado de Ransom.

— Como ele está? — ele perguntou.

— Triste, como era de esperar.

Ransom suspirou.

— Como era de esperar.

— Mas grato. A você.

Ele se ajeitou na sela como se o elogio o deixasse sem graça.

— Vou fazer perguntas agora — falei.

— Não seria você se não viesse armada de perguntas. Sinceramente, estou começando a achar que nem precisa de armas.

Isso. Era disso que eu precisava para afugentar um pouco da névoa. Trocar farpas com Ransom.

— Como conseguiu seu apelido? — Eu ouvi histórias em Quentis de que ele matara monstros por toda Calandra. Derrotara um bando de guerreiros de Laine que tinham atacado cidades fronteiriças de Turah. Salvara um orfanato de uma avalanche.

Devia ser tudo verdade. Mas eu queria ouvir de Ransom.

Queria saber como o homem que matou o irmão de Banner por causa de uma mulher foi proclamado protetor de Turah.

Ransom não era um assassino. Eu só o vira apontar armas contra monstros. Para defender seu povo.

Então o que realmente aconteceu com o irmão de Banner? Meu pressentimento era de que essa história tinha alguma conexão com seu apelido.

— Eu estava em Westor, na costa — ele falou. — Um porto na Krisenth. Foi no ano em que fui mordido. A lyssa nem tinha nome ainda. Ninguém além dos vosters sabia o que tinha acontecido, como eu havia mudado. O sumo sacerdote ainda estava tentando entender a infecção. E eu tinha ouvido rumores de monstros raivosos com sangue verde. Estava caçando o barilobo que me mordeu.

— Conseguiu encontrá-lo?

— Sim. — Uma pausa. — Em Ashmore.

— Como assim? — Fiquei boquiaberta. — Como você sabe?

— Porque tirei o olho dele no dia em que me mordeu.

Um barilobo caolho.

O monstro que escapou.

— Ai, deuses. — Fiz o sinal dos Oito.

Aquele monstro ainda estava à solta, caçando. Matando. Infectando outros.

Será que era por isso que sua matilha era tão grande? Eu não sabia muito sobre barilobos. Eram naturalmente inteligentes daquele jeito?

Ransom fez que não era nada.

— Havia uma menina em Westor de treze ou catorze anos. A mãe dela era viúva e alugava um quarto vago para viajantes. Convidar homens estranhos para dentro de casa não era bem a escolha mais segura, mas era melhor do que a alternativa.

Convidar homens estranhos para dentro de seu corpo.

— Um dia depois que cheguei, a menina foi ao mercado e não voltou para casa. A mãe estava louca de preocupação. Ao cair da noite, ela tinha certeza de que a filha estava morta. Eu a encontrei.

— Viva?

— Sim — ele respondeu. — O grupo errado de homens tinha prestado atenção nela. O tipo sem o menor escrúpulo, que atraía meninas para seus navios.

Meu estômago se revirou, e não soube se queria saber o resto da história.

— O homem que a havia levado também tinha levado outras três.

— Ele pretendia sequestrá-las para vender, não?

— Provavelmente. Não dei a ele a oportunidade de se explicar. Esmaguei sua garganta.

Sangrento. Mas merecido.

— Ótimo. E foi assim que você se tornou o Guardião?

Ele passou a mão no cabelo.

— A mãe da menina falou que eu era um guardião. Outras pessoas ouviram. Praticamente se espalhou pelo vento.

— E chegou até Quentis.

— Não me surpreende. Calandra é repleta de guerreiros e soldados, mas os melhores são conhecidos. Ainda mais nos círculos da realeza.

— Quem é o melhor de Quentis?

— Banner. — Sem hesitar. — O talento dele com facas de arremesso é incomparável.

Fazia um tempo que eu não ouvia esse nome. Em outra vida, eu estava na minha falésia implorando para Banner não tentar se vingar do Guardião.

Eu acreditara na história de Banner. Por que não acreditaria? Mas agora que conhecia Ransom, não conseguia imaginá-lo matando um homem de forma tão brutal, esmagando a traqueia, por causa de uma paixonite. Banner devia estar enganado.

Deuses, como eu queria que ele estivesse enganado.

— O que aconteceu com o irmão dele? — perguntei.

— Eu o matei.

Disso eu já sabia.

— Por quê?

— Porque ele era o sequestrador daquelas meninas em Westor.

Levei a mão ao peito. Podia ser ingenuidade, mas eu precisava acreditar que Banner não sabia das atitudes do irmão. Queria acreditar que o homem de confiança de meu pai não sabia toda a verdade.

Não que importasse. Eu duvidava que voltaria a ver Banner.

— O que você fazia antes de ser o Guardião? Antes de ser mordido? — Eu não conseguia imaginá-lo como nada além de

Ransom, mas ele devia ter alguma ocupação.

— Era apenas mais um homem à disposição do rei. — Seu olhar ficou distante, como se ele mal conseguisse se lembrar do homem que já fora.

— O que Ramsey quis dizer com "você tem um mês"?

— Ele quer que eu me junte a ele em Allesaria no equinócio de outono.

A data em que Mae deveria se casar com Zavier.

— Por quê?

— Porque ele é um filho da puta.

— Longe de mim discordar, mas isso não responde a minha pergunta.

— Ele solicitou minha presença em Allesaria para atuar como seu general.

— Ah. Você vai?

— Não. — Ele respondeu sem hesitar.

— Ele vai obrigar você?

Ransom soltou uma risada seca.

— Vou tomar isso como um não.

— Bom, ele pode até tentar. — Ele me abriu um sorrisinho. — Mas não vai conseguir.

Ajeitei um cacho atrás da orelha, sabendo que não ficaria no lugar. Parecia uma constante agora. Lutar contra o inevitável, mas continuar lutando mesmo assim.

— Se ele sabe da lyssa, por que não faz nada para impedir?

— Não sei.

Ramsey estava mais preocupado em queimar livros e jornaleiros do que salvar o próprio povo. Meus ombros afundaram, sentindo o peso do dia.

— Odeio aquele homem.

O canto de sua boca se ergueu.

— Falei para ficar quieta hoje.

— Não consegui me controlar. Ele me deixou brava.

— Que os deuses salvem os homens que a deixam brava. — Ele balançou a cabeça e deixou escapar uma risadinha. Um sorriso veio em seguida.

Um sorriso sincero, largo e branco.

Meu coração deu um salto.

Era um sorriso para afastar a névoa sombria. Um sorriso para iluminar um dia triste.

Um sorriso só para mim.

Durou apenas um instante. Os sorrisos sumiam rápido demais.

— E agora? — perguntei.

— Nada mudou, Cross. O objetivo é o mesmo. Matar os monstros. Descobrir a origem.

— E uma cura.

Ele suspirou.

— Não existe cura.

Eu estava sem energia para discutir hoje.

— Estão funcionando? As caçadas?

— Acredito que sim.

— Como você sabe?

— Para usar sua palavra... É um pressentimento. — Ele olhou para a braçadeira como se conseguisse ver através do couro, além dos entalhes, para a cicatriz da mordida.

Eu tinha visto aquela braçadeira inúmeras vezes, mas nunca examinara as marcas. Algumas das linhas e dos riscos eram menos visíveis. Desbotaram com o tempo. Outras marcas eram mais leves, mais recentes. Novos acréscimos. Uma parecia tão recente que parecia ter sido feita hoje.

Ele me falara que as marcas eram para as vidas que ele havia tirado. Será que ele era responsável por alguma matança recente que eu não sabia?

Havia uma marca em forma de losango acima de um quadrado.

Uma linha tracejada conectava aquele quadrado a outro e outro. E aquele quadrado estava cercado por mais nove marcas em forma de losango. Eram tão pequenas que deviam ter sido feitas no couro com a ponta de uma faca.

Nove cortes.

Para os nove barilobos em Ashmore?

Aquela era uma marca nova de Ravalli?

Puta. Que. Pariu.

Aquilo era um mapa? Ransom estava contrariando as regras, mapeando o reino na braçadeira?

E se o que eu vinha buscando estivesse bem ali esse tempo inteiro? Gravado naquele couro.

Um mapa de Turah.

Allesaria estava marcada lá?

— Há cada vez menos relatos — ele falou, trazendo-me de volta à conversa. — Não falo com Zavier desde que saímos de Treow, mas ele estará em Ellder. Vou conversar com ele sobre a origem. Precisamos começar a procurar o filho da puta que criou isso.

— Zavier está em Ellder?

— Sim.

Um pavor se formou em minhas entranhas. Não era o sentimento que uma esposa deveria ter ao saber que reencontraria o marido.

— Que maravilha.

Ransom me observou de perfil, o olhar cravado em minha bochecha.

— É?

— Claro. — Nós dois sabíamos que eu mentia muito mal. — Melhor ver como Faze está.

Puxei as rédeas de Freya, diminuindo sua velocidade até chegar ao lado da carroça. Me obriguei a ficar ali pelo resto da viagem, olhando para as costas de Ransom.

Já estava escuro quando chegamos à fortaleza, e meus braços estavam arrepiados pelo frio da noite.

Soldados nos cumprimentaram no pátio, e os portões foram fechados atrás de nós. Cavalariços correram para cuidar de nossos cavalos. Um guerreiro apareceu, um homem que eu reconhecia de Treow, a testa franzida de preocupação.

— Não o esperávamos hoje — ele falou a Ransom, olhando para Samuel e Jonas. Os dois estavam ao lado da carroça, observando tudo. — O que houve?

— Ramsey — Ransom rosnou, depois chamou Samuel. — Esse é Samuel Hay. Vai ficar em Ellder por enquanto. Garanta que ele tenha tudo de que precisar.

— Cuidarei disso. — O guerreiro não tinha como saber das dificuldades que eles enfrentaram nos últimos dois dias. Nem das dificuldades que ainda estavam por vir. Mas olhou para os Hay e ofereceu um sorriso simpático e uma recepção calorosa. — Venham comigo. Vou providenciar um lugar para vocês.

— Boa noite — falei para Samuel. Peguei Faze das mãos de Jonas, que estava relutante em se despedir dele. — Amanhã eu visito vocês e levo Faze.

O queixo de Jonas tremeu, como se estivesse à beira de mais lágrimas.

Samuel passou o braço sobre ombros do filho e eles seguiram o guerreiro pela via principal. Um cavalariço conduzia o cavalo e a carroça deles atrás.

— Você está bem? — Ransom perguntou.

— Sim. — Envolvi meu corpo com os braços. — Cansada.

— Está com fome?

— Não muita. Mas queria dar um oi para Brielle e Jocelyn. Onde elas estão hospedadas?

— Nos aposentos dos criados da casa de Zavier. Sabe onde ficam?

— Evie me mostrou. — Ela fizera um tour completo pela casa,

mostrando-me todos os cômodos, incluindo aqueles em que não podia entrar.

— Cross, eu... — Ransom segurou minha mão antes que eu pudesse ir. Uma faísca percorreu minhas veias com seu toque. Os calos de suas palmas pareciam um sonho em minha pele. Não os queria apenas na minha mão.

Ele ficou me encarando, os olhos avelã refletindo a luz da tocha, e lá estava de novo. O olhar de um homem tentando encontrar as palavras certas.

Esperei. E esperei. E esperei.

— O quê?

— Nada. — Ele soltou minha mão e esfregou o rosto. — Boa noite, minha rainha.

Meus ombros afundaram.

— Boa noite, Ransom.

Senti seu olhar em mim enquanto me afastava, meus passos pesados no caminho de sempre para a casa de Zavier.

Faze se agitou em meus braços, mas o segurei com firmeza. Nos aposentos dos criados no térreo, cada quarto tinha a própria porta, garantindo privacidade para os funcionários.

Virei a esquina da casa e parei abruptamente quando vi um homem na porta aberta do primeiro apartamento.

Ele não estava sozinho.

Uma mulher estava em seus braços e eles se beijavam. Eles estavam perdidos um no outro.

Os braços dele a envolviam com firmeza e erguiam sua túnica, revelando as pernas nuas e a curva da bunda. Ele era alto, moreno e bonito. Quando ele a soltou, afastou do rosto lindo dela o cabelo loiro. Olhou por sobre a cabeça dela e puxou Jocelyn para fora.

Para que o outro acompanhante também saísse.

Ele tirava a camisa. Estranho que esse fosse o momento em que eu via o peito nu de meu marido pela primeira vez. Já estávamos

casados havia quase dois meses. E agora eu sabia o motivo de ele não visitar minha cama.

Ele estava na de Jocelyn.

Uma conversa distante, de uma tenda no meio do descampado turano, me veio à mente.

Zavier gosta de dividir.

Ele estava dividindo Jocelyn.

Faze soltou um grunhido.

Três rostos se voltaram em minha direção.

A cor sumiu do rosto de Zavier.

— Alteza. — Jocelyn reprimiu um grito com a mão. — Você está...

Farta.

Eu estava muito, mas muito farta desse dia de merda.

44

— Odessa, espere. Por favor. — As botas de Zavier batiam nos degraus atrás de mim enquanto ele me seguia até o segundo andar.

Eu o ignorei, subindo dois degraus por vez até chegar à passarela. Segui para a porta, ansiosa para desaparecer lá dentro e me isolar do mundo.

Mas eu não teria esse desejo realizado. Não tão cedo.

Havia um guerreiro carrancudo bloqueando meu caminho.

Ransom se desencostou da parede de onde estava apoiado.

— O que foi?

— Nada. Você está na minha frente.

Ele saiu? Não. Encheu a passarela com seu corpo imenso, obrigando-me a parar. Seus olhos avelã passaram para Zavier. E o avelã foi substituído por prata derretida.

Era raiva por mim? Ele reconheceu os sinais de um homem que acabara de comer minha dama de companhia? Roupas amarrotadas, bochechas coradas e cabelo desgrenhado.

Zavier não usava a coroa essa noite. Talvez a tivesse esquecido na mesa de cabeceira de Jocelyn.

— Desculpa, Ranse — Zavier falou.

Por que ele estava pedindo desculpas a Ransom? Que tal um maldito pedido de desculpas para mim, a esposa?

A essa altura, eu já nem queria ouvir. Passei por Ransom, esbarrando em seu braço enquanto apertava Faze junto ao peito. E, quando entrei na minha suíte, bati a porta e coloquei Faze no chão. Afundei as mãos no cabelo, puxando e soltando a trança que já se desfazia.

— Merda.

Havia lágrimas em meus olhos.

Por quê? Por que eu estava chorando por isso?

Como poderia sentir raiva de Zavier? Não havia um pingo de atração entre nós. Ele nunca demonstrara qualquer interesse romântico, e sequer podíamos ser considerados amigos.

Não incomodava saber que Banner, meu noivo, tinha uma amante em Roslo. Mas isso estava me fazendo chorar? Casos extraconjugais eram comuns na corte de meu pai. Claro que também existiriam na realeza turana.

Mas por que ele tinha que escolher Jocelyn? Por que, de todas as mulheres de Turah, ele tinha que escolher minha dama de companhia como amante?

Pior que eu entendia.

Jocelyn era linda e inteligente. Forte e espirituosa. Atraía olhares.

A única coisa em mim que atraía olhares era a coroa que fora roubada de minha casa na árvore em Treow.

O problema não era ele ter escolhido Jocelyn.

Era não ter me escolhido.

Por que eu nunca era a primeira opção? Por que era sempre o prêmio de consolação? De meu pai. De Margot. De meus tutores. E agora de Zavier.

Por que eu nunca era suficiente?

Lágrimas quentes escorriam por minhas bochechas e meu nariz ardia com a respiração.

Não era a primeira vez que eu era ignorada. Não seria a última. Então quando pararia de doer? Quando eu pararia de esperar algo

diferente?

— Merda. — Sequei a nova leva de lágrimas e soltei os últimos nós da trança, deixando os cachos caírem pelos ombros.

E agora? Eu deveria fingir que nada tinha acontecido? Esperavam que eu fizesse vista grossa?

Se Zavier achava que eu o chamaria para minha cama depois dessa, ele estava delirando.

A porta se abriu atrás de mim. Devia ser um dos dois homens e, nesse momento, eu não queria ver nenhum deles.

— Vá embora.

— Não. — Ransom fechou a porta com um clique.

Claro que era ele.

Era sempre ele.

Talvez o verdadeiro problema fosse eu. Talvez fosse por isso que eu não conseguia parar de chorar. Todo esse tempo, toda essa culpa, e a troco de quê? Lealdade a um príncipe, a um marido, que nunca seria leal a mim?

— Você sabia? — perguntei. Era uma pergunta idiota, mas, a essa altura, eu só queria entender o grau da traição.

— Não. Zavier acabou de me contar.

Já era alguma coisa.

— Pode olhar para mim?

Não me virei.

— Por favor, Ransom. Vá embora. Quero ficar sozinha.

— Você está tão chateada assim?

— Sim. Não. — Balancei a cabeça, afundando as mãos no cabelo. — Não sei. É errado. Está tudo errado. Eu não deveria me sentir...

O ar foi mudando conforme ele se aproximava. O calor e os aromas de Ransom eram como braços fortes envolvendo meus ombros. Musgo e cedro. Vento e chuva. Era o inferno e o paraíso.

— Se sentir como? — Sua voz era um murmúrio.

— Aliviada.

Era alívio.

Aquelas lágrimas poderiam até ter começado por causa de Zavier, Jocelyn e meu orgulho ferido. Mas continuaram vindo por alívio.

Não queria que Zavier me quisesse. E, se ele havia encontrado uma conexão com outra pessoa, significava que eu podia parar de me sentir culpada. Eu não conseguia parar de me odiar por ter me apaixonado por Ransom.

Passei semanas e semanas sufocando a verdade. Reprimindo a culpa. E agora não precisava mais. Porque Zavier fodeu com tudo primeiro.

Pelos tons, que confusão.

— Uma esposa não deveria sentir alívio porque o marido está dormindo com a dama de companhia dela.

Ele tocou a ponta de um cacho, o que me causou um arrepio.

— É por isso que se recusa a olhar para mim? Porque está aliviada?

— Não. — Se eu o olhasse, tudo que vinha guardando dentro de mim viria à tona. E, uma vez dito, eu não teria como voltar atrás.

— Olhe para mim, Odessa.

Ninguém nunca dizia meu nome como Ransom. Os sentimentos que eu tinha alimentado por tanto tempo não desapareceriam, por mais que eu tentasse esquecer. E, no fim, não importava que Zavier estivesse com Jocelyn. Não importava quantas pessoas ele levasse para a cama.

Ele era um príncipe herdeiro. Um rei.

E eu era uma princesa imbecil que servia para lhe dar herdeiros e ficar a seu lado.

As regras eram diferentes para as mulheres. Eu duvidava que Zavier estivesse disposto a permitir que eu quebrasse meus votos, mesmo pelo Guardião.

Ransom não era meu. Não seria meu.

— Preciso abrir mão.

— Do quê?

— De você — sussurrei. — Você não pode ser meu.

Ele soltou o ar e chegou tão perto que seu peito roçou em minhas costas.

— E se eu for?

— Como? Assinei meu nome com sangue, lembra?

Sua expiração foi tão longa que parecia vir da ponta dos pés. Como se estivesse segurando o fôlego por meses.

— Vi você em Roslo. Na falésia.

Meu coração parou de bater. Meus pulmões se comprimiram. Era isso que ele estava tentando me dizer esse tempo todo? Era mais um segredo que eu teria que suportar?

Ele tinha me visto aquele dia, no dia do meu casamento, meses antes. E só agora estava me contando. Por quê?

— Você foi para a água com o cabelo castanho e saiu com ele ruivo. E quando correu para o castelo, encharcada, não consegui tirar os olhos de você. Depois você estava lá, na sala do trono, o cabelo tingido de novo. E vi em você o que via em mim.

Minhas mãos tremiam. Meu coração acelerou tanto que fiquei zonza. Esperança e pânico começaram uma luta em meu peito. Esperança pelo que ele poderia dizer. Pânico pelo mesmo motivo. Se ele levou meses para me contar essa verdade, talvez eu não quisesse ouvir.

— Sei uma coisa ou outra sobre fingir — ele falou. — Sobre levar uma vida dupla e usar um disfarce.

— Ransom. — Minha voz vacilou. — Não me fale algo que vai me fazer te odiar.

— Você já me odeia, lembra? — Suas mãos, quentes e fortes, pousaram em meus ombros. — Fui a Quentis para investigar o Rei Dourado. Entender a razão de ele ter contratado meus guerreiros para matar algumas enguias-ósseas se os próprios soldados dele podiam ter feito isso. Fui conhecer a filha que se tornaria a rainha

turana. Mas então vi você, e tudo mudou.

— O que você fez?

— Decidi libertar você.

Virei para encará-lo e suas mãos deixaram meus ombros.

— Libertar? Acha que estou livre? Casada com Zavier? Acha que me reclamar como noiva de recompensa me resgatou? Minhas correntes estão mais pesadas do que antes. Você não me libertou. Me acorrentou a dois reinos em vez de um. A um homem mais interessado na dama de companhia da esposa do que na própria esposa.

Seu maxilar se tensionou.

— Você não está acorrentada a Zavier.

— Um tratado em algum lugar deste continente prova o contrário.

Ransom rosnou.

— Com quem você trocou votos, Odessa?

— Zavier. — Ele estava a meu lado. Assinou seu nome com sangue. Fez o voto.

Mas não pronunciou nenhuma palavra. Em nenhum momento.

O Guardião, Ransom, se ofereceu para falar em nome do príncipe.

Ai, *deuses*. Senti meu rosto ficar lívido.

Zavier não falou uma palavra até estarmos a bordo do *Cortador*. Não era a voz dele no santuário, mas a de Ransom.

— O sangue. O frasco. — Zavier o manteve escondido na palma da mão, cobrindo as laterais. Se o tivesse erguido sob a luz, a tonalidade mostrada não seria vermelha.

Seria a de um verde mais escuro.

— Mas ele assinou o tratado — falei, balançando a cabeça.

Ele pegou minha mão e abriu meus dedos, expondo minha palma.

A cicatriz em minha pele tinha uma tonalidade claríssima de

rosa. Nem era possível notar no escuro.

Ele também estendeu sua mão aberta e mostrou um corte cicatrizado. Tudo o que restava era uma linha branca tênue.

Cicatrizes iguais.

As cicatrizes de uma Pardal.

E seu rei.

— Com meu sangue — ele falou. — Com o meu juramento pronunciado.

Meus joelhos ficaram bambos, fracos. Tirei a mão da dele.

— Você nos enganou. Era tudo uma mentira. E os vosters?

— O sumo sacerdote sabia que eu tinha meus motivos.

Ele permitiu, portanto, que Ransom nos enganasse. Que enganasse a todos.

— E quais, exatamente, são seus motivos? Aquele tratado está em vigor há gerações. Une países por casamentos reais. Você não é um prín...

Um príncipe.

— Você é. — Cambaleei, perdendo o equilíbrio com o impacto da verdade, que estilhaçou tudo que eu acreditei por meses. — Você é o príncipe herdeiro. Foi tudo uma artimanha.

— Nem tudo. — Seu olhar escureceu para um verde-floresta quando segurou meus braços, mantendo-me em pé. Ele me puxou para perto, para seu peito. — Você sempre foi minha rainha.

Minha rainha. Quantas vezes ele me chamou assim? Quantas vezes se referiu a mim como Pardal? Inúmeras.

Ele era um príncipe herdeiro. O filho de Ramsey. Havia um motivo para Tillia não se curvar diante de Zavier. Não o chamar pelo título.

O título não era de Zavier.

Nem eu.

— Por quê? — Minha voz falhou.

— Já falei.

— Para me libertar? — Me desvencilhei de seus braços. — Você me obrigou a me *casar* com você. Isso não é me libertar.

A suavidade de sua expressão fez meu coração se apertar.

— Não continuarei neste mundo por muito tempo, Odessa. E, quando eu me for, você estará livre. Seu laço comigo será rompido. Sua vida poderá ser sua para fazer o que quiser.

Ele me libertaria com sua morte.

Aquilo quebrou meu coração, um corte bem no centro, impossível de consertar. Lágrimas inundaram meus olhos, turvando seu lindo rosto. Meu queixo tremeu.

— Você mentiu para mim.

— Sim.

— Eu te odeio. — A mentira saiu da minha língua, passou pelos dentes e, pela primeira vez, pareceu convincente.

— Sim, odeia. — Ransom ajeitou um cacho atrás da minha orelha. E me deixou sozinha.

45

Quando ouvi uma batida na manhã seguinte, lancei um olhar fulminante para a porta, desejando que atravessasse a madeira até atingir quem quer que estivesse do outro lado.

A única pessoa que eu queria ver era Evie, mas era cedo demais para ela estar acordada. Além disso, ela não sabia bater apenas uma vez.

Se fosse Ransom, que ele fosse à merda.

Se fosse Zavier, que apodrecesse por participar da farsa de Ransom.

E, se fosse Jocelyn, bem...

Eu ainda não sabia o que dizer a ela. Será que ela sabia a verdadeira identidade de Zavier? Sabia que ele não era meu marido? Ou achava que éramos casados?

De duas, uma: ou ele confessou a ela a verdade que não contou para mim.

Ou ela deu para meu marido.

Eu tinha sido feita de palhaça. Por todos eles. Levaria mais do que uma noite insone para meu orgulho ferido se recuperar.

Passei a noite na poltrona, encarando a escuridão da sala. Revivendo cada momento dos últimos dois meses. Percorrendo um turbilhão de emoções. Raiva. Humilhação. Tristeza. Alívio. Todo

aquele alívio revoltante.

Pensei, com esperança, que receberia o amanhecer com uma sensação de torpor e exaustão. Conseguiria deitar na cama e dormir por um bom tempo. Em vez disso, eu estava alimentando uma raiva crescente. Pelos tons, quanta raiva. Raiva. Para. Um. Caralho.

A batida veio de novo, duas vezes mais alta que a anterior.

— Alteza?

Jocelyn.

Parte de mim queria ignorá-la. Deixar que todos sofressem com meu silêncio. Mas a outra parte sabia que eu não tinha como evitá-la para sempre. Eu teria que enfrentar todos mais cedo ou mais tarde. E era melhor começar com ela. Levantei da cadeira, com as pernas rígidas, e cruzei o quarto.

Sua mão estava erguida para bater de novo quando abri a porta. Suas bochechas estavam manchadas; seus olhos vermelhos.

Dei um passo para o lado e fiz sinal para ela entrar.

— Perdão, alteza. — As mãos de Jocelyn estavam entrelaçadas nas costas. Sua cabeça, baixa. — Não tenho como me justificar. Perdão. Qualquer punição que considere adequada será merecida.

Punição? Jocelyn estava acostumada demais com os chiliques de Mae. A menos que minha cara amarrada contasse, nenhuma punição passara pela minha cabeça.

— Não vou punir você. — Voltei para a poltrona, sinalizando para que me seguisse. — Sente-se.

A ordem saiu com acidez. Uma acidez à la Margot.

Sim, eu estava com raiva. Ficaria assim por um tempo. Ela tinha mentido para mim. Todos mentiram. Toda vez que pensava em como eu fora enganada, me contorcia. Mas me recusava a deixar que isso me desse os traços ásperos de minha madrasta.

Ela se aproximou e sentou reta como uma tábua, os olhos baixos.

— Estou furiosa — falei. — E magoada. E envergonhada.

— Per...

— Perdão. — Ergui a mão. — Vamos superar os pedidos de desculpa. Começando pela verdade. Há quanto tempo isso está acontecendo?

— Um tempinho. — Ela manteve a cabeça baixa, as mãos entrelaçadas sobre o colo. — Conheci Vander em Treow. Ficávamos juntos sempre que ele estava no acampamento. Então ele perguntou se Zavier podia, hm... se juntar a nós.

Zavier chegou a conversar com ela? Revelou que não era mudo?

— Perdão. — Jocelyn balançou a cabeça, os olhos se enchendo de lágrimas. — Ele é seu marido.

Bom, ao menos eu não era a única que tinha sido enganada por essa farsa.

— Você tem sentimentos por ele? Eles?

— Não é nada assim. — Ela fungou. — É apenas sexo. É uma fuga. Uma maneira de sentir algo que não seja tristeza.

Meu coração se apertou.

Não havia me dado conta de que ela estava triste. Era Brielle quem mais parecia saudosa e solitária. Era Brielle quem parecia cada vez mais diferente da pessoa que era em Quentis.

Jocelyn vinha sendo estoica, firme, desde nossa chegada, mas talvez não passasse de uma máscara. Uma fachada.

Estávamos em Treow havia meses, e na maior parte desse tempo, eu e Jocelyn ficamos separadas. Enquanto eu explorava, consumida por Turah, pela lyssa e por Ransom, ela estava sozinha, com saudade de sua vida.

— O que você quer, Jocelyn?

— Servir vossa alteza. Ter seu perdão.

Bufei.

— Essa é a frase mais ensaiada que ouço em semanas. Tente de novo.

Ela mordeu o lábio inferior.

— Quero ir para casa.

Casa. Eu invejava que ela soubesse onde era sua casa.

— Ok. Vou ver o que posso fazer.

Seu rosto se ergueu, os olhos marejados.

— Sério?

— Não prometo nada. Se há uma desculpa para mandar você embora, é essa. — As pessoas pensariam que eu estava devastada por seu caso com Zavier e Vander. Veriam isso como uma punição. — Mas vou precisar que faça algo por mim. Preciso que entregue uma mensagem a meu pai.

— Claro. Levo o que precisar.

Não havia nada para ela levar. A mensagem teria que ser entregue pessoalmente.

— Meu pai me pediu informações sobre Turah. Brielle chegou a comentar com você?

— Não — ela respondeu. — Que informações?

— Ele queria que eu descobrisse o caminho para Allesaria.

Ela olhou para a porta, confirmando que estávamos a sós.

— E descobriu?

— Não. E é improvável que descubra. É proibido incluir a cidade em qualquer mapa. E Zavier não tem a menor intenção de me levar para lá. A menos não antes da migração. — Engoli em seco. — Você deve dizer a meu pai que fracassei. Os turanos desconfiam que ele esteja tentando encontrar a cidade. E a última pessoa a quem vão confiar essa informação sou eu. Por favor, diga que sinto muito.

Eu não sentia. Nem um pouco. Mas até eu achava a mensagem convincente.

Jocelyn contaria ao meu pai que eu tinha fracassado. Provavelmente falaria também sobre o caso dela com Zavier. Pelos tons, talvez ele mesmo tivesse armado tudo desde o começo. Ele ficaria furioso. Ficaria irritado por eu tê-la mandado de volta sem nada de útil. Mas surpreso? Nem um pouco.

Eu sempre o decepcionaria.

Mas esse fracasso era escolha minha.

Jocelyn não precisava saber sobre a lyssa. Não precisava saber que a identidade de Zavier era uma tática. Não precisava saber que a estrada para Allesaria provavelmente estava gravada numa braçadeira de couro no braço de Ransom.

A mensagem seria escolhida por mim.

— Acredito que os turanos são inimigos muito mais astutos do que consideramos — falei. — Peça para meu pai ter cautela. O rei está formando uma milícia. Provavelmente para se defender da migração, mas meu pai deve considerar isso em seus planos. Não sei onde o rei Ramsey está treinando esses soldados, mas o quartel de Ellder está cheio. E parece que Zavier e o Guardião consideram este como seu lar.

Mentiras e verdades entrelaçadas, na esperança de que Jocelyn acreditasse em minha história e repassasse de forma convincente ao meu pai.

— Está bem. — Ela assentiu. — Devo contar sobre Treow? Sobre o dia em que o rei apareceu e queimou aqueles livros?

— Pode contar o que ele quiser. Não guardo segredos do meu pai. — A mentira saiu dos meus lábios sem o menor esforço. Quase me parabenizei.

— Alteza, acha que devo ficar? Caso descubra mais coisas? Para ter algo para contar ao seu pai. Algo que seja melhor do que nada.

Estava mesmo preocupada comigo? Ou com medo de ser a mensageira?

— Quando você chegar em Roslo, estaremos perto do equinócio de outono. O inverno não vai demorar. Prefiro mandar essa mensagem do que nenhuma. Além disso — acrescentei com um olhar incisivo —, você é amante do meu marido. Não posso permitir que fique.

Ela engoliu em seco.

— Vá para casa, Jocelyn. Abrace sua mãe.

Ela voltou a baixar a cabeça e se levantou.

— Perdão. Decepcionei você.

Cheguei a ter esperança de que Jocelyn e Brielle virassem minhas amigas. Mas aí ela resolveu transar com Zavier.

Não éramos amigas.

— Adeus, Jocelyn.

Ela fez uma reverência e se dirigiu para a porta, me deixando sozinha.

Juntei os dedos sob o queixo, encarando a poltrona que ela ocupara.

Será que meu pai acreditaria na mensagem dela? Isso importava?

Eu estava ali para descobrir os segredos de Turah. Isso não havia mudado. Mas, em vez de agir pelo meu pai, estava fazendo isso por mim mesma. Pela minha liberdade.

E que pessoa melhor para me ajudar nessa empreitada...

Do que meu marido?

46

Minhas facas estavam embainhadas no coldre, cruzadas nas costas, e eu cruzava Ellder na direção da área de treinamento. Embora adorasse a espada que Ransom me dera, eu tinha mais experiência com as facas, e hoje precisava de toda confiança possível.

Quase todas as áreas do centro de treinamento estavam ocupadas por soldados. Os sons do aço se chocando e os grunhidos dos guerreiros ecoavam de todas as direções. Eu me dirigia para o lugar preferido de Ransom, a área central e maior.

Todo esse tempo eu pensei que ele recebia tratamento preferencial por ser o lendário Guardião. Mas seria mesmo por isso? Ou os soldados sabiam que Ransom era o príncipe herdeiro? Sabiam que, apesar de Zavier usar o diadema de metal, não era ele o herdeiro do trono?

Um grupo de guerreiros suados parou de lutar quando passei pela área deles. Eram os guerreiros que acompanhavam Zavier nas caçadas. Entre eles estava o homem da noite anterior.

Vander.

Ele era ainda mais bonito à luz do dia do que dera para notar na porta do quarto de Jocelyn. Seu cabelo preto estava em tranças intrincadas, parecidas com as de Halston. Abaixou a cabeça quando passei.

— Princesa.

O título me fez vacilar.

As pessoas em Treow sabiam que eu era a Pardal. Brielle e Jocelyn se referiam a mim como alteza, e agora que estavam em Ellder, outros ouviriam. Se todos os guerreiros também me chamassem de princesa, não demoraria muito para a notícia se espalhar. Em breve todos na fortaleza saberiam que eu era a princesa Odessa Wolfe.

Lá se foi meu anonimato. Mais tarde eu me lamentaria por isso.

Havia dois homens no centro da área de Ransom. Exatamente os dois que eu queria encontrar.

Zavier estava de costas para mim. Quando Ransom apontou os olhos avelã para trás do ombro dele, ele se virou e se curvou.

— Odessa.

— Zav... — Parei de falar assim que me dei conta. Era como ser picada por uma agulha no dedo. O nome dele não podia ser Zavier. Calandra toda sabia que o nome do príncipe herdeiro era Zavier. Então, quem era ele? — Qual é seu nome de verdade?

Ele olhou ao redor, confirmando que ninguém poderia nos ouvir, e sussurrou:

— Dray. Embora ninguém me chame assim há mais de uma década.

— Uma década? — Fazia tanto tempo assim que durava essa farsa?

Ele assentiu e deu um passo para trás, saindo do meio. *Esperto*.

Ransom não tirava os olhos de mim, os braços cruzados diante do peito, as pernas afastadas. Ele estava de cara fechada.

Provavelmente porque eu também estava.

— Quanto Jocelyn sabe?

— Nada. Ela acredita que sou o príncipe. Que não falo. — Zavier... Dray, qualquer que seja seu nome, se virou para Ransom. — Perdão, meu príncipe.

— Estava na hora da verdade — Ransom respondeu, embora seu olhar não tenha desviado do meu em momento algum. — Deixe-nos.

— Antes de ir. — Cruzei os braços diante do peito. — Jocelyn deve ser enviada de volta para Quentis. Imediatamente.

Zavier olhou para Ransom, esperando sua aprovação.

Meu *marido* deu um único aceno.

— Vou cuidar disso agora. — Zavier se afastou, desaparecendo atrás dos suportes de armas.

Os barulhos na área de treinamento se silenciaram, como se todos os soldados e guerreiros tivessem recebido a ordem para sair. Nem me dei ao trabalho de olhar ao redor e mantive os olhos fixos em Ransom.

Ficamos nos encarando e, a cada segundo que passava, aquela raiva que eu vinha alimentando a manhã inteira ficava ainda mais forte. Eu tinha centenas de perguntas. Precisava de inúmeras respostas. Minha respiração ficou entrecortada e eu apertava tanto meus dentes que daria para reduzir pedra a pó com a força.

Aparentemente, minha raiva divertia meu marido mentiroso.

O sorrisinho que eu tinha visto tantas vezes se abriu em sua boca perfeita.

Aquele sorrisinho maldito.

Minhas lâminas silvaram quando as tirei das bainhas e, antes que me desse conta do que estava fazendo, as apontei para o pescoço de Ransom.

Ele se curvou para trás, o sorrisinho se alargando enquanto desviava do golpe.

Ataquei de novo, obrigando-o a dar um passo para trás.

— Todos sabem? Todos em Turah me acham uma idiota por ter acreditado em suas mentiras?

— Poucos sabem a verdade. E ninguém acha você idiota, Odessa.

Reajustei a postura, preparando o próximo ataque.

— Vamos falar sobre nomes, o que acha? Qual é o seu, *Guardião*?

— Ransom. — Ele se inclinou para a esquerda e depois para a direita quando o ataquei de novo, desviando de todos os meus golpes. — Zavier Ransom Wolfe. Sempre atendi por Ransom. Nem tudo foi mentira.

— Nem tudo, só o que importava. — Bufei e tentei acertar sua barriga, obrigando-o a passar para o lado. — Há quanto tempo Zavier finge ser você?

— Onze anos.

— Por quê? — Minhas lâminas sibilaram perto de seu pescoço.

Ele se afastou, erguendo as mãos em sinal de rendição.

— Cada príncipe e princesa de Turah tem um sósia até chegar à maioridade. Cem anos atrás, o filho do rei foi morto quando tinha quinze anos. Desde então, virou um costume da família real. É uma honra ser escolhido para representar um príncipe. Zavier está comigo há treze anos. É meu primo.

Por isso a semelhança. Se era uma honra tão grande ser escolhido, a família de Dray devia estar radiante por ele ter abandonado o próprio nome e assumido o de Zavier.

— É por isso que ele fingia ser mudo em Quentis? — perguntei.

— Sim e não. Ele deve ter te contado, mas o silêncio costuma ser a melhor forma de fazer alguém vacilar e acabar revelando uma informação. É algo que fazemos há muito tempo. Quando éramos pequenos, se Dray estava atuando como meu sósia e não sabia o que dizer, simplesmente ficava quieto.

— Bom, você já passou da maioridade e ainda continua com essa palhaçada. Por que manter a farsa? — Dei outro golpe, mas foi desleixado e lento.

— Tenho motivos — ele falou, cerrando o maxilar.

— Motivos que não pretende me contar, é isso? — Eu já estava absurdamente cansada das omissões e mentiras dele. Esse reino inteiro foi construído com base numa montanha de segredos, de

Allesaria ao príncipe herdeiro.

Aquelas pessoas já saíam do útero desconfiadas? Eram ensinadas desde bebês a guardar segredos? As crianças eram instruídas a lançar olhares de hostilidade e raiva?

Outra onda de irritação percorreu minhas veias, e parti para cima dele com violência, dando golpes sem direção nem controle. Tropecei num trecho de terra irregular e quase me desequilibrei, mas consegui me recuperar antes de cair na minha própria faca.

— Chega. — Ransom cortou o ar com a mão. — Você vai se machucar.

— Foda-se você e sua preocupação. — Me endireitei e enchi os pulmões, segurando as facas com mais firmeza, ajustando a postura de ataque. — Vai lutar comigo? Ou vai continuar fugindo como um covarde? Tal pai, tal filho?

— Cross — ele alertou. — Eu falei *chega*.

— Saque sua espada. — O cabo reluzia sobre seu ombro.

— Não.

Desferi um golpe baixo com a esquerda e outro cruzado com a direita, usando um movimento que Tillia havia me ensinado semanas antes.

— Lute comigo.

— Não.

Parti para cima dele de novo, encurralando-o.

— Seu pai sabe sobre tudo isso? As mentiras? O fingimento?

— Sim.

A visita de Ramsey a Treow quando foi procurar o filho, Ransom. O encontro dos dois em Ravalli e a exigência de que Ransom fosse para Allesaria. Ele estava chamando o herdeiro de volta para casa.

— Foi ideia dele? A noiva de recompensa? — disparei e ataquei sua coxa. A ponta da lâmina roçou em sua calça.

— Porra, Odessa — ele resmungou. — Pare com isso.

— Responda — gritei, avançando de novo.

Mas Ransom continuou se movendo para fora do meu alcance, obrigando-me a persegui-lo pela área.

— Só uma vez conta a porra da verdade. Foi ideia do seu pai?

— Não — ele gritou. — Foi minha. Seu pai planeja invadir Turah. Está desesperado para encontrar Allesaria. E eu teria que cumprir o Escudo de Pardais me casando com a filha dele, de qualquer modo. Sabíamos há anos que ele treinava sua irmã para ser uma espiã. Ela arremessa facas quase tão bem quanto Banner. Eu precisava encontrar uma forma de escolher outra Pardal.

— A filha mais fraca. — Ramsey falou que seus espiões lhe contaram que eu era a filha menos importante. A princesa descartável.

Pelos deuses, como doía. Meu peito parecia que ia explodir de dor.

— Você não é fraca — Ransom falou. — Soube disso assim que pulou daquela falésia.

E mesmo assim virou minha vida de cabeça para baixo.

— Eu te odeio — rosnei, dando golpes a torto e a direito, querendo tirar sangue. — Você falou que queria me libertar, mas não dá a mínima para a minha vida. Sou só uma marionete no seu joguinho perverso. Você me usou para manipular meu pai. E o seu.

Seus olhos ficaram prateados, a raiva subindo à superfície. *Ótimo*. Talvez agora ele realmente lutasse.

— Você não é uma marionete, Odessa. Não para mim. É a Pardal. É minha esposa. É a futura rainha de Turah.

— Uma rainha que as pessoas pensam ser casada com outro homem. — Meus braços estavam ficando cansados, mas não parei de atacar, movendo-nos por toda a área. — Quem seu povo pensa que é o príncipe?

— Depende. Fora de Allesaria, pouquíssimas pessoas me reconhecem como o príncipe. Se Zavier está usando a coroa,

imaginam que seja ele. Nós nos parecemos; as pessoas acreditam.

— Então vocês mentem para todos. Pelo menos não sou a única.

— O que quer que eu fale para eles? — Ele surgiu de repente diante de mim, os olhos prateados e a expressão dura. Segurou meus punhos na lateral do meu corpo.

Prendendo-me para que eu não pudesse lutar.

Tentei mesmo assim, debatendo-me e empurrando e chutando sua canela.

Ele não se moveu.

— A verdade! — gritei na cara dele. — Você deveria ter falado a verdade pra eles; deveria ter contado a verdade pra *mim*.

— Que o príncipe turano, o herdeiro do trono, está morrendo? Que tem a mesma infecção dos monstros que os caçam em suas próprias cidades? É isso que eu deveria falar? Para que entrem em pânico menos de um ano antes da migração?

— Pelo menos seria honesto. — Fiquei na ponta dos pés, chegando mais perto. — Você é um covarde *e* um mentiroso.

— Cuidado — ele rosnou.

— Ou o quê?

Soltei as facas, abrindo as mãos e deixando que tombassem na terra. Caíram com estrépito. Girei os punhos, livrando-os de seu aperto.

— Você é um filho da puta arrombado.

— Sim, sou um filho da puta arrombado. E este arrombado não serve de nada para essas pessoas. Elas precisam de um líder, não de um cadáver. Zavier se tornará o príncipe herdeiro.

— Então por que me contar? Por que não me deixar acreditando em suas mentiras como todos os outros? Por que me falar a verdade? — Dei um passo para longe, passando as mãos nos cabelos e deixando-as penderem ao lado do corpo.

Minha fúria se esvaiu. Minha raiva se reduziu a pó. Não restava nada além de mágoa.

Ransom era meu marido. Não havia necessidade de continuar resistindo aos meus sentimentos. Eu não precisava me convencer de que ele não tinha roubado meu coração.

Mas, se Zavier se tornaria o príncipe, se Ransom tinha tanta certeza de que estava morrendo, de que adiantava? Eu o teria para logo em seguida perdê-lo? Acabaria com minha vida para depois voltar a fingir?

Por que me dar esperança se em seguida ela seria tirada?

Se Ransom morresse, eu nunca ficaria livre. Passaria o resto dos meus dias em luto pelo seu fantasma.

Meus olhos se encheram de lágrimas ao encará-lo. Enquanto olhava o homem que eu acreditava, lá no fundo, que não me magoaria. Eu devia ser uma idiota.

— Por que me fazer sofrer com a sua perda? — Sequei as lágrimas que escorriam por meu rosto. — Por que não me deixar acreditar que eu era a esposa de Zavier?

Ransom cortou a distância entre nós num único passo, as mãos envolvendo meu rosto, a ponta dos dedos em meu cabelo. Seus olhos mudaram enquanto vasculhavam os meus.

Não prateados. Nem avelã. Nem mesmo verde-esmeralda.

Eles ficaram dourados.

O mesmo dourado que eu via toda manhã no espelho.

— Você é minha, Odessa. — Era um rosnado mais animal do que humano. E o arrepio que atravessou minha coluna parecia como lâminas que me partiam ao meio.

Minha.

Eu queria ouvir isso fazia semanas. O que acabou comigo foi a mentira.

Empurrei seu peito com toda minha força.

Um rugido saiu da minha garganta, rasgado pela dor.

Eu tinha confiado nele. Acreditado nele. Implorado, suplicado e aberto meu coração para ele.

— Você devia ter me contado. — Eu o empurrei de novo e de novo, até ele soltar meu rosto. Até voltarmos ao lugar em que eu tinha largado as facas.

Eu as peguei do chão e golpeei o ar, sem me conter enquanto tentava cravá-las na pele dele. Mas toda vez que as lâminas chegavam perto do contato, eu sentia a resistência em meu próprio punho. Em minha vontade.

Não era Ransom nem sua habilidade ou velocidade que me impedia de cortá-lo até os ossos.

Era eu.

Era o sangue com que eu havia assinado o tratado.

Um rei não pode matar sua Pardal, e uma Pardal não pode matar seu rei, nem direta nem indiretamente, sem que a morte recaia sobre ambos.

Isso também fazia parte do plano? Ele sabia ou pressupôs que meu pai pediria para eu tentar matá-lo. Então ele tentou me aprisionar com a magia dos vosters.

Soltei as facas, lançando-as para lados opostos da área de treinamento. Me joguei em cima de Ransom, socando seu peito que mais parecia feito de pedra.

Ele ergueu os braços, abrindo-os bem, e levou cada golpe.

— Você é um covarde. — *Soco*. — É um falso. — *Soco*. — Eu te odeio.

— Quem está mentindo agora?

Empurrei seu peito, mas ele me pegou em seus braços, puxando-me para perto.

Por mais que eu resistisse, por mais que me debatesse, ele me segurava com firmeza enquanto lágrimas de raiva, tristeza e vergonha escorriam pelo meu rosto.

Por que eu estava lutando? Não tinha motivos. Ele era forte demais, e eu nunca venceria. E, se não saísse de seus braços nesse instante, talvez nunca mais abrisse mão dele.

— Me solte.

— Não. — Ele encostou a testa em meu cabelo.

— Eu te odeio. — Não havia nem um pingo de verdade nessas palavras. Então o empurrei mais uma vez, sabendo que era em vão. E, quando seus braços apenas me seguraram com mais firmeza, desisti de lutar para me afundar em seu peito. — Por que eu?

— Já disse. Você é minha.

Ele suspirou, relaxando os braços.

Era minha chance de escapar, mas minhas pernas não se moveram.

Ransom segurou meu queixo com a mão, o polegar secando a última lágrima.

— Desculpa, minha rainha.

— Essa luta não deveria ser tão difícil, Ransom — sussurrei. O amor não deveria vir com tantas mentiras.

— Por que não? Não é por isso aqui que deveríamos lutar? — Seu polegar deslizou para minha boca, traçando meu lábio inferior.

Minha respiração falhou.

Lá se foi o dourado de seus olhos. Ele me encarou com o verde mais intenso. Cor de musgo, terra e Ransom.

Íris que assombravam meus sonhos.

Não sei quem foi o primeiro a se mover. Num momento, meus calcanhares estavam na terra. No outro, cem borboletas batiam asas na minha barriga, deixando-me na ponta dos pés, buscando-o enquanto sua boca se apertava contra a minha.

O mundo ao nosso redor começou a girar, desfocando-se em faixas de luz e sombra, até as cores se misturarem num turbilhão de cinza e branco e preto. Até que a única cor que restou foi verde.

Era como aquela primeira respiração depois de pular da falésia,

de mergulhar no oceano e voltar à tona para encher os pulmões.

Era como renascer.

Os lábios de Ransom se moveram sobre os meus num beijo lento. Provocante. Testando. Outro rosnado áspero escapou de sua garganta, a vibração descendo por meu ventre. Sua língua lambia a linha dos meus lábios, suplicando que eu baixasse a guarda. Que o deixasse entrar.

Outra princesa poderia ter conseguido resistir uma última vez. Uma boa princesa teria se mantido firme.

Mas eu não era uma boa princesa.

Abri os lábios para ele e ofeguei quando ele se inclinou, sua boca invadindo meus lábios.

A realidade desapareceu. Deuses, como eu queria aquilo. Por semanas e semanas não me permiti querer isso. Desejar Ransom. Me recusei a acreditar que era uma possibilidade.

E se esse beijo fosse apenas mais uma mentira?

Foi como um balde de água fria. Eu me afastei dele, o mundo voltando com uma nitidez cortante.

A manhã era clara demais, ensolarada demais, para o tormento em minha alma.

Saí do alcance de Ransom, olhando para o centro de treinamento ao redor.

Vazio.

Ransom passou o polegar em sua boca úmida.

— Odessa.

Ele não havia demorado para dominar meu nome.

Saí antes que ele pudesse usá-lo como arma.

47

Evie cutucou meu braço.

— Está me ouvindo, Dess?

— Desculpa. — Sacudi a névoa dos pensamentos. — O que você disse?

— Perguntei se tinha alguma coisa errada com seus lábios. Você não para de tocar neles.

Tirei a mão da boca como se fosse pedra quente.

— Ah. Eu estou, ahn... com sede.

Ela lançou um olhar de esguelha para o cantil de água ao meu lado na grama.

Eu o peguei, desenroscando a tampa enquanto ela voltava a alimentar Faze.

Pelos tons, eu estava um caco, e era tudo culpa de Ransom.

Uma semana se passou desde que ele me beijou na área de treinamento, e eu não conseguia parar de pensar nisso. Nele.

Foi o melhor beijo da minha vida. Eu ainda conseguia sentir o calor de seus lábios, seu gosto em minha língua.

Maldito. Ele me arruinara. Completamente. Eu só esperava que também estivesse sofrendo.

— Dess? — Evie chamou enquanto acariciava uma das orelhas de Faze.

— Evie?

— A gente vai mesmo ter que soltar Faze?

— Sim, estrelinha. — Acariciei seu cabelo escuro. — Um dia.

Nosso tarkin estava deitado em seu colo, tomando leite na mamadeira. Nós estávamos sentadas no pátio da casa de Zavier. Ou de Ransom. Quem era o verdadeiro dono dessa casa? O príncipe ou o impostor?

Quem era o verdadeiro pai de Evie? Ela era filha de Zavier? Ou isso também era uma mentira?

Uma semana era tempo demais sem ter respostas de perguntas importantes. E a lista crescia a cada dia.

Talvez fosse por isso que Ransom partira. Para evitar minhas perguntas.

Ou então sabia que eu precisava de tempo e espaço.

Ele saiu de Ellder com Zavier e um grupo de patrulheiros no mesmo dia em que mandei Jocelyn de volta para casa.

Naquela mesma tarde, ela conseguiu um assento numa carroça a caminho de Perris. Agora já devia estar navegando pela travessia Krisenth. Chegaria em Roslo em uma semana.

Será que meu pai acreditaria no relatório dela? Provavelmente cruzaria as informações com a dos outros espiões que enviara para Turah ao longo dos anos. Haveria algum em Ellder? Será que cheguei a cruzar com algum dos homens de meu pai sem nem perceber?

— Evangeline — Luella chamou da porta da casa. — Hora do almoço.

Evie franziu o nariz.

— Almoço, depois lição.

— É importante que você saiba ler — falei, pegando Faze de seu colo.

Ele bocejou, os dentes brancos reluzindo, enquanto eu o acomodava na curva do braço. Ele estava ganhando peso e já era do

tamanho de um gato doméstico gordo. Em breve eu não conseguiria mais carregá-lo para os lugares. Em breve seria mais um adeus.

Evie se levantou, espanando a parte de trás da calça e fazendo um biquinho dramático para Luella.

A mulher apertou os lábios para esconder um sorriso.

— Vejo você no jantar — falei para Evie enquanto me levantava. Com um empurrãozinho gentil, eu a guiei para sua tutora.

Depois de uma parada rápida em minha suíte para deixar Faze cochilando numa poltrona, peguei a bolsa e segui para as ruas de Ellder.

Os homens paravam para se curvar quando eu passava. Um grupo de mulheres parou de falar e todas fizeram uma mesura. Um menino e uma menina que brincavam de correr na frente da padaria paralisaram, os olhos arregalados, e cochicharam "A princesa".

Como eu temia, nunca voltaria a ser apenas mais um rosto na multidão dentro das muralhas da fortaleza. Toda essa atenção me fez passar os últimos dias trancada em meus aposentos. Hoje, porém, eu queria visitar um amigo.

A casa em que Ransom colocara Samuel e Jonas Hay ficava numa rua de casas estreitas idênticas. As construções tinham dois andares e eram enfileiradas lado a lado. Me lembravam um pouco dos viveiros de falcoaria em Roslo, onde os falcoeiros espremiam o maior número possível de gaiolas num único espaço. Nas casas havia lanças de metal nos telhados, uma defesa contra a migração.

O vizinho de Samuel tinha um vaso de flores bordô ao lado da porta de entrada. A cor forte combinava com as folhas das árvores ao redor. O outono tomava conta de Turah, e os verdes davam lugar a dourados e vermelhos acobreados. Agora eu tomava café da manhã na sacada com uma manta no colo. Quando voltava de minha corrida matinal pelo perímetro da fortaleza ou de minha

cavalgada com Freya, minhas bochechas estavam geladas e as orelhas, rosadas.

Bati na porta de Samuel, ajeitando a barra do suéter enquanto esperava.

Ele atendeu com uma cara fechada que se abriu num sorriso ao me ver.

— Odessa. Bem-vinda. Entre, por favor.

— Como você está? — perguntei ao entrar.

Ele deu de ombros.

— Sozinho. Entediado.

— Ah. Foi hoje que Jonas começou na escola?

— Eu o ensinava em casa quando estávamos em Ravalli. Sei que é melhor que ele faça amigos, mas... sinto falta dele.

— Já pensou no que vai fazer? — perguntei, seguindo-o até a cozinha estreita e me sentando numa cadeira da mesinha de jantar.

— Acho que esperar. — Ele se afundou na cadeira diante da minha e tamborilou os dedos na mesa. — Esperar até a primavera. Depois voltar para Quentis.

— Para a terra de traidores e mentirosos? — provoquei.

— Vai jogar isso na minha cara para sempre, não é?

— É meu plano.

Ele deu risada, relaxando na cadeira.

— Bom, queria saber como você estava. Mas também tenho uma missão para você, se tiver interesse.

Samuel se endireitou.

— Que missão?

Uma missão que, na verdade, eu deveria guardar só para mim. Mas que não conseguiria realizar sozinha. Pelo menos não com alguma precisão.

Por isso, respirei fundo, ignorando as dúvidas, e abri a bolsa.

— Estou fazendo um mapa de Turah.

Seus olhos se arregalaram.

— Princesa.

— Eu sei. — Mordi o lábio inferior. — Lembra quando me falou que o jornaleiro dentro de você queria investigar Allesaria? Tenho o mesmo instinto. E não consigo deixar isso pra lá. Se vou ser a rainha, preciso saber o que está acontecendo neste reino.

Não estava fazendo isso pelo meu pai. Mas por *mim*.

— Odessa. — Samuel abaixou a voz. — Se for pega...

— Não tenho a menor intenção de ser pega. — Tirei o mapa da bolsa, desdobrando-o até que ficasse aberto sobre a mesa. — Sei que estou pedindo para se colocar em risco. Saiba que, se eu pudesse pedir ajuda para qualquer outra pessoa, eu pediria. Mas você é quentino. Nenhum dos turanos confia em mim.

Nem mesmo o príncipe herdeiro.

— Vou entender se não quiser. Não vou guardar mágoa. Mas não sou nenhuma cartógrafa, e faz pouquíssimo tempo que estou aqui. Tenho certeza de que há muitos erros e muitas omissões. Queria sua ajuda para preencher as lacunas.

Passara a última semana trabalhando aquela versão a partir dos desenhos no meu diário. Era apenas um esboço. Quando estivesse pronta, eu faria os ajustes no diário e queimaria aquela cópia.

Samuel a observou com atenção e desconfiança, os olhos percorrendo as estradas que eu havia traçado para as cidades.

As páginas de meu diário incluíam marcações para os monstros com lyssa. Essa cópia, não. Mesmo assim eu conseguia vê-las como se fossem luzes piscantes.

— Que estrada é essa? — O dedo de Samuel traçou uma linha sinuosa que serpenteava rumo às montanhas no alto do mapa.

Era um palpite. Eu só podia supor. Mas em algum lugar nas montanhas ficava uma cidade escondida.

E era aquela linha, uma estrada desconhecida para Allesaria, que me faria ser morta ou exilada.

Fiquei em silêncio, observando Samuel juntar as peças por conta

própria.

Ele tirou os olhos do mapa.

— O que está fazendo, princesa?

— Procurando a verdade.

— E o que vai fazer com essa verdade?

— Me libertar. — Eu estava à mercê de segredos. Até descobrir a verdade, estaria sempre presa. Por meu pai. Por Ransom.

Estava cansada de ser um pássaro na gaiola.

— É proibido — Samuel advertiu.

— Eu sei. Algo está acontecendo em Allesaria. Algo que não bate. Você também desconfia. — Estava contando com o ódio de Samuel por Ramsey para ganhar sua lealdade. Seu silêncio.

— A milícia de Ramsey — murmurou.

Entre outras coisas.

Eu não tinha a menor prova de que a lyssa havia se originado em Allesaria. Mas queria investigar. Queria uma forma de descobrir se meu pressentimento estava certo. O único jeito de fazer isso era entrar em Allesaria. Mesmo se significasse fazer outro juramento de sangue.

A origem deveria ser a prioridade. Mesmo se Ransom e Zavier matassem todos os monstros do mundo, se não detivessem a infecção em sua origem, ela nunca acabaria.

Samuel ficou olhando para o papel, uma ruga se formando entre as sobrancelhas.

— Nunca estive em Allesaria. Não posso ajudar com essa parte do mapa.

— Tudo bem. — Se ele conseguisse me ajudar a traçar a maior parte de Turah, já seria um começo. E, se eu conseguisse examinar o bracelete de Ransom e ali tivesse mesmo um mapa, talvez isso completasse o quebra-cabeça. — Aceito o que puder me dar.

Ele suspirou, virando-se para encarar a parede por alguns segundos angustiantes.

Eu entenderia se ele recusasse. De verdade. Mas machucaria.

Se não conseguisse encontrar lealdade nem entre meus compatriotas, o que me restaria? Eu estaria realmente sozinha.

— Vou ver o que posso fazer — ele respondeu, voltando a dobrar o mapa. Ele o guardou na prateleira mais alta de um armário. Fora do alcance de Jonas.

— Obrigada. — Suspirei e levantei da cadeira.

Ele me acompanhou até a porta e acenou enquanto eu me afastava.

Estava no caminho de volta para minha suíte quando uma comoção no pátio me atraiu na direção oposta. Gritos de alegria enchiam o ar, seguidos pelo som de uma risada masculina.

Outros passaram por mim às pressas, querendo descobrir o motivo da agitação.

Apertei o passo e entrei no alvoroço. Mas parei assim que entrei no pátio. Um arrepio percorreu minha pele.

Era o sumo sacerdote parado diante de um grupo de crianças sorridentes. Elas estavam deslumbradas, o rosto delas iluminado de encantamento enquanto ele fazia folhas rodopiarem no ar, mais e mais alto.

As crianças riam e aplaudiam conforme ele reunia mais e mais folhas, tantas que ele conseguiu separá-las em pequenas coroas sobre a cabeça de cada uma.

Os pais sorriam vendo os filhos darem risada.

Uma menina de cachinhos passou correndo ao meu lado e abriu caminho para o meio da confusão, onde deu um puxão no manto do sacerdote e apontou para a própria cabeça, indicando que também queria uma coroa. Como conseguiam suportar ficar tão perto dele? Tocá-lo? A magia dele não afetava as crianças da mesma forma?

A sensação arrepiante e incômoda piorava conforme sua magia se intensificava, levantando mais folhas.

O sacerdote olhou por cima das crianças e seus olhos profundos encontraram os meus, como se soubesse o momento exato em que entrei no pátio.

Virei para sair, mas dei de cara com uma parede.

Não, não uma parede. Um homem que cheirava a especiarias e terra. Couro e vento.

Ransom.

— Calma. — Braços fortes me seguraram, impedindo que eu caísse de bunda.

Me desvencilhei de seu abraço, sem confiar em meu autocontrole, considerando o que aconteceu na última vez em que estive em seus braços.

Seu cabelo estava molhado e suas roupas, limpas. A barba estava de volta, mas a espada não. Havia uma palidez cinza em sua pele, um cansaço nos olhos cor de avelã. Ele parecia esgotado e doente, precisando dormir por dias.

— Você voltou — falei.

— Sentiu saudade, minha rainha?

Sim.

— Nem um pouco. O que ele está fazendo aqui? — Apontei o polegar por cima do ombro para o voster.

— Entretendo as crianças. E me mantendo vivo. Por enquanto.

— Ele sugou a lyssa do seu sangue hoje, não?

— Sim. Estou um pouco cansado. Então, se não se importar, vamos deixar o treino para outra hora.

— Claro. — Dei um passo para o lado, prestes a sair andando quando ele segurou a minha mão.

Calos ásperos acariciaram minha pele. Ele entrelaçou nossos dedos, com a naturalidade de quem já tinha feito isso mil vezes.

— Quer dar uma volta comigo? Isso ajuda depois. A clarear a mente.

— Está bem. — Ele não resistiu quando soltei a mão e cruzei

meus dedos na frente do corpo enquanto nos afastávamos do pátio.

— Estou pronto quando estiver.

— Pronto para quê?

— Para todas as perguntas que devem estar rondando essa sua cabecinha linda.

Quase dei risada. Quase.

— Onde você fica quando está em Ellder?

— Nos aposentos embaixo dos seus.

E agora eu não pregaria o olho. Não pararia de pensar nele no andar de baixo.

— Tem certeza de que não quer descansar?

— Absoluta.

Andamos lado a lado, com um ritmo tão suave e tranquilo quanto a brisa de outono.

— Já conversou com algum curandeiro sobre a lyssa? — perguntei.

— Consultei um curandeiro depois que fui mordido. Ele falou que eu tinha sorte de estar vivo e que deveria agradecer aos deuses. Quando comecei a notar as mudanças, voltei. Ele falou que passaria. Não queria admitir que não fazia ideia do que estava acontecendo comigo. Era o melhor curandeiro de Turah. Se nem ele sabia o que fazer, nenhum deles saberia. Fui até o sumo sacerdote depois.

— E foi aí que ele começou a tirar a lyssa do seu sangue?

— Não imediatamente. Levou quase um ano para ele conseguir sintonizar sua magia à infecção.

— Sintonizar?

— Palavra dele, não minha. Disse que, quando os vosters são jovens, sua magia precisa passar por um aprendizado. Ele consegue controlar o vento e a água porque ensinou sua magia a manipular fluidos. Aprendeu a usar o sangue em vínculos. Levou um ano para sua magia aprender sobre a lyssa. Desde então, usa o que extrai

para tentar identificar os elementos dela. E extrai o suficiente para ela não me consumir por completo. Está adiando o inevitável.

— Por que ele não pode simplesmente extrair tudo?

— Está vinculada a mim. Virou parte do meu ser. Tirar tudo seria meu fim.

— Vinculada a você. Como magia de sangue.

— Sim.

Quando ele me contou que os vosters tinham identificado alguns elementos da lyssa, como presa de fenek e korakin, pensei que talvez se tratasse de algo mundano. Que a infecção pudesse ter sido criada por um alquimista.

E, se fosse o caso, haveria uma cura.

Mas a lyssa não era como outras doenças. Outras infecções não alteravam a velocidade, a furtividade ou a força dos homens. Aquilo era magia. Se o sumo sacerdote não conseguia tirá-la do corpo de Ransom, talvez não existisse uma cura.

A menos que o sumo sacerdote estivesse nos enganando.

Meu pai tinha certeza de que poderia quebrar tratados antigos vinculados por magia de sangue. Também devia haver uma forma de quebrar uma infecção mágica.

Ransom interrompeu meus pensamentos ao pegar minha mão. Dessa vez, quando tentei soltar, ele não deixou.

Por mais que eu puxasse a mão, seu aperto era firme, e eu sentia muito bem os olhares enquanto passávamos pelas pessoas na rua. Os olhos nos encontravam e logo desciam para nossas mãos dadas.

— Ransom.

Ele abriu um sorrisinho.

— Odessa.

— Não gosto de andar de mãos dadas.

— Como sabe? Nunca andou comigo.

Franzi a testa e puxei mais uma vez, em vão.

— Você não vai me soltar.

— Não, não vou.

— As pessoas vão ver. — E pensar que a princesa estava tendo um caso com o Guardião.

Ele ergueu a mão livre e apontou para a rua vazia.

— Que pessoas?

Ninguém. Estávamos completamente sozinhos. Ele havia me conduzido para as ruas mais tranquilas de Ellder. Passando por casas vazias. Hortas comunitárias. Currais. Uma volta sem olhares curiosos para nossos dedos entrelaçados.

Soltei um suspiro e deixei que ele segurasse minha mão porque, infelizmente, gostava daquilo sim.

— Você é um pé no saco.

— Tão eloquente, minha rainha. Aliás, quem fala isso sou eu.

Lancei um olharzinho fulminante para ele, o que só alargou seu sorriso.

— Se a lyssa é mágica, deve ter sido criada pelos vosters. São os únicos seres mágicos de Calandra.

— Não foram os vosters.

— Como você sabe?

— Eu sei. Confio nos vosters.

Bom, eu não. E não confiava em magia.

Ransom podia não querer cogitar os vosters, mas eu sofrera o suficiente com a magia deles para saber que não era uma bênção, mas uma maldição.

— Onde você estava? — perguntei, mudando de assunto. Discutiríamos sobre os vosters quando ele se sentisse melhor.

— Caçando. Perto de Frezan. É uma cidade nas montanhas parecida com Ravalli.

Uma cidade que eu não tinha no mapa, mas perguntaria a Samuel quando nos falássemos de novo.

— E?

— Um ursur matou um homem que tentava defender o gado de

ser massacrado.

Fiz uma careta.

— Lyssa?

— Não. Apenas um monstro. As caçadas estão surtindo efeito. Preciso acreditar que estejam. Estamos recebendo cada vez menos relatos. Menos evidências da infecção. E segui seu conselho e parei num posto avançado de mensageiros de pônei.

Meu coração acelerou.

— Eles contaram algo?

— Sim. Ficaram sabendo de alguns ataques. Mas nada que já não soubéssemos.

— Hm — murmurei e, quando abri a boca para falar algo, nem sabia por onde começar. Inúmeras perguntas passaram pela minha mente na última semana e, agora, pareciam levantar voo como libélulas.

Era sua mão. Sua mão forte e calorosa com dedos compridos e calejados. A mão de um guerreiro, não de um príncipe. Uma mão que não deveria se encaixar tão bem na minha.

— Você está quieta — ele falou.

— Não sei o que dizer.

— Ainda está brava comigo?

— Você mentiu para mim.

— Sim. — Seus dedos se contraíram. — Devia ter contado a verdade há muito tempo.

Todas aquelas vezes em que ficou me encarando como se quisesse dizer algo.

— Por que não contou?

— Porque sabia que você me olharia com outros olhos.

— Como se fosse meu marido? — provoquei.

— Como outra pessoa que te acorrentava. Como você olhava para Zavier.

Como eu olhava para Zavier? Como meu carcereiro? Um

inimigo? Como deveria olhar para o homem que tinha virado minha vida de cabeça para baixo?

Foi só quando Ransom puxou minha mão que percebi que tinha parado de andar.

— Venha, Cross. Estou cansado demais para carregar você.

Voltei a andar e virei a esquina atrás dele. Já estávamos perto da muralha, seguindo devagar pelos troncos que cercavam a fortaleza. Se continuássemos, chegaríamos a um portão lateral vigiado por soldados. Eu passava por aquele portão e seus guardas toda manhã para correr ao redor de Ellder. Guardas que não deveriam nos ver de mãos dadas.

Ransom diminuiu o passo até quase parar.

— Você perguntou sobre meu pai — ele falou. — Se ele sabe sobre isso. Sabe que Zavier ainda age como meu sósia. Sabe que sou o Guardião. Sabe sobre a lyssa. Mas, se já juntou as peças, não sei dizer.

— Ramsey não sabe que você tem lyssa?

— Talvez saiba. Não falamos sobre isso. Antes daquele dia em Ravalli, fazia quatro anos que eu não conversava com meu pai.

— C-como assim? Por quê?

— Evie.

Meu sangue gelou.

— Ela é sua filha?

O que eu faria se a resposta fosse sim? Não mudaria meus sentimentos por ela. Amava Evie, independente de quem fosse seu pai. Mas mudaria a forma como eu olhava para Ransom.

Seria mais uma mentira e, em algum momento, não haveria volta. Era como nadar no oceano e chegar longe demais da costa. Mentiras demais nos afogariam.

— Ela não é minha filha, Odessa — Ransom respondeu, e a respiração que eu estava prendendo escapou dos meus lábios. — É minha irmã.

Foi uma surpresa, mas não o choque que deveria ser. Não tinha pensado nisso até agora, mas o jeito que ele agia com Evangeline era igual eu agia com Arthy. Ou mesmo Mae.

— Meu pai não faz ideia de que ela existe, e queremos que continue assim.

— Tá — falei devagar. — Você deve imaginar minha próxima pergunta.

Por quê?

— Porque ele tentou matar minha mãe.

48

Ramsey tentou matar a mãe de Ransom. A mãe de Evie.

Quem era o pai de Evie? Ramsey? Ou Zavier? Será que Zavier e a mãe de Ransom tiveram um caso?

— Tenho perguntas — falei.

— Claro que tem. — Ransom riu baixo, guiando-me por uma rua diferente, escolhendo um caminho que prolongaria a caminhada e, com sorte, lhe daria tempo para explicar. — Minha mãe é filha de um nobre turano de Perris. Ele acumulou uma fortuna incrível vendendo lenha por toda Calandra. Meu avô, rei e pai do meu pai, precisava de dinheiro. O pai da minha mãe queria que a filha fosse rainha. Então, comprou pra minha mãe uma coroa que ela não queria usar. E a primeira vez que meus pais se viram foi no dia do casamento.

— Me parece familiar — murmurei.

— Ela nunca amou meu pai. Mas cumpriu seu dever, garantindo que Turah tivesse um herdeiro do trono. E meu pai...

— Se ressentia dela?

— Não. — Ransom diminuiu o passo, apertando a mão livre sobre o peito. — Ele a amava. Costumava dizer que ela era tudo para ele. Tentou, por muitos anos, fazer com que ela o amasse também. Ouvia cada palavra dela. Atendia cada desejo. Se ela queria

viajar a Laine para o verão, ele a mandava com seus melhores patrulheiros e dinheiro suficiente para encher um navio com ervas, especiarias e óleos.

O rei Ramsey não era alguém de quem eu queria sentir pena, mas sentia. Por um amor não correspondido.

— Minha mãe não detestava meu pai. Sabia que ele tinha sentimentos que não eram recíprocos e sempre foi gentil. Deixava que ele tivesse esses sentimentos, e, embora, não os alimentasse, também não os reprimia. Simplesmente aceitava. Mas meu pai é um rei. Queria o amor dela e, com o passar dos anos, ao perceber que nunca o teria, mudou. Foi ficando mais duro e implacável.

Era essa a razão de Margot ser tão rígida e amargurada? Porque amava meu pai e ele amava o fantasma da minha mãe?

— Ele era risonho e sorridente. Era meu ídolo — Ransom falou. — Exatamente o homem que eu queria me tornar. Mas já faz tanto tempo que não ouço sua risada que nem me lembro do som.

— Sinto muito.

— Não sinta. Ele fez as escolhas dele. — Uma onda de raiva emanou de seu corpo enquanto seguíamos pela rua tranquila. — Até onde sei, meu pai nunca traiu minha mãe. Era completamente dedicado à esposa. Mas não posso dizer o mesmo sobre ela.

Eita.

— Ela teve um amante — falei.

— Sim. Os pais e o irmão de minha mãe foram mortos durante a última migração. Eles se abrigaram assim que o primeiro batedor foi avistado. Tinham construído um cômodo com provisões estocadas debaixo da casa deles em Perris. Mas acabaram adoecendo durante o confinamento. Provavelmente pelo mofo e pela falta de ar. Talvez, se não tivessem ido tão cedo, teriam sobrevivido. Nunca saberemos.

Toda migração começava com batedores. Crux solitários que anunciavam que a migração tinha começado. Segundo registros,

depois que um batedor era avistado, o bando de crux vinha dentro de um mês ou dois.

Margot me falava que só nos abrigaríamos com a chegada do bando. Que passaríamos o menor tempo possível sob o castelo.

Diziam que se refugiar embaixo do solo ou buscar abrigo em cavernas era a melhor forma de sobreviver aos crux. Alguns se arriscavam ficando dentro de casa e simplesmente rezando aos deuses por misericórdia. Abrigar-se tinha seus riscos. Muitos que não se preparavam adequadamente morriam de fome e outros sucumbiam a doenças.

Os humanos não eram feitos para viver sem o sol, as luas e ar puro para respirar.

— Se minha mãe não tivesse se casado com meu pai, não estivesse em Allesaria, também estaria naquele abrigo. Mas se tornou a única herdeira do império do meu avô. Alguém precisava assumir a companhia de navegação. E, como não podia administrar a empresa pessoalmente, escolheu um substituto. Mikhail era um jovem capitão de Ozarth. O melhor amigo do irmão dela. E seu amante. Não sei por quanto tempo durou o caso deles. Talvez anos. Talvez ela nunca tenha amado meu pai porque seu coração já tinha dono desde a juventude.

— Você não perguntou?

— Amo minha mãe. — Ransom franziu a testa. — Mas me solidarizo um pouco com meu pai. Ele não foi o único a sofrer pelo caso dela.

— Mikhail é o pai de Evie? — Se ele era de Ozarth, talvez a mãe de Ransom tivesse ido lá para ter o bebê. Isso explicava as manchas azuis nos olhos da criança. Mas Evie se parecia com Zavier. O cabelo castanho chocolate. O formato do rosto. O sorriso.

Ela se parecia com Ransom.

Claro, eu não sabia como era a mãe deles, mas Ransom se parecia com Ramsey.

— Não, não é — ele respondeu.

Então Evie era filha de Ramsey. Uma princesa de Turah.

— Não era algo que ela planejava ou esperava. Ela ainda não tinha contado para meu pai quando tudo veio à tona. Se meu pai soubesse que ela estava grávida, talvez eu não tivesse que ter impedido que ele a estrangulasse.

— *Você* o impediu?

— Sim. — Ransom apertou os dedos contra os meus com tanta força que precisei flexioná-los para lembrá-lo de que estávamos de mãos dadas. Ele se afastou. — Machuquei você?

— Não sou feita de vidro.

— Não, não é. — Ele passou a mão pelo cabelo e continuamos a andar. Não tentou tocar em mim de novo.

Nunca estive tão consciente da minha mão na lateral do meu corpo antes. Nunca me esforcei tanto para não a estender para alguém. Mas era melhor que mantivéssemos distância. Além disso, eu não gostava de andar de mãos dadas.

— Mikhail estava em Allesaria sob o pretexto de uma reunião com minha mãe para tratar da companhia de navegação.

Ransom engoliu em seco.

— Meu pai os flagrou na cama juntos. Nunca vou esquecer os gritos dela. Ecoaram pelo castelo. Não era nem para eu estar lá. Tinha saído para treinar, mas o ferreiro mestre me parou a caminho da arena de treinamento. Ele havia forjado uma adaga para meu aniversário. Eu tinha voltado para guardá-la.

Ele diminuiu o passo e parou. Ergueu a cabeça para o céu e fechou os olhos. Como se tentasse esquecer memórias impossíveis de esquecer.

— Os guardas estavam do lado de fora dos aposentos dela e não fizeram nada. Passei correndo por eles e entrei num mar de sangue. Estava por toda parte. Nas paredes. Nos pisos. Nos lençóis. O corpo de Mikhail estava perto da porta, como se tivesse tentado

fugir. Seu rosto estava... irreconhecível. Não havia nada além de carne amassada e poças de sangue.

Engoli a bile que subia por minha garganta.

— Meu pai tinha prendido minha mãe no chão e se recusava a soltar. Ele ficava gritando: "Você o matou. Você matou o filho da puta". Eu tentava puxá-lo, mas ele não soltava o pescoço dela. Continuava gritando. Então peguei a adaga nova e bati o cabo na cabeça dele com tanta força que ele desmaiou.

Ransom passou as mãos no rosto, parando um minuto para afastar a lembrança. Quando olhou para mim, estava pálido.

— Desculpa. Falei demais. Foi horrível, e eu não devia ter...

— Não sou feita de vidro — repeti. Uma história violenta não me faria fugir.

Seu corpo relaxou com um suspiro.

— Acho que só estou acostumado a guardar verdades difíceis.

— Não precisa. Não de mim. — Passei os olhos pela rua, grata por estarmos a sós hoje. Grata pelo sumo sacerdote ter atraído toda uma multidão para o pátio.

Deuses. Que bagunça.

Algum dia Evie saberia da verdade? Eles passariam o resto da vida mentindo para ela? Não sei se poderia culpá-los.

— O que aconteceu com sua mãe?

— Eu a levei para um lugar seguro e a escondi enquanto ela se recuperava. Levou duas semanas para o sangue deixar seus olhos. Para os hematomas desaparecerem.

— Ela chegou a voltar para Allesaria?

— Não.

Onde ela estava escondida agora? Em Ellder? Em Treow? Estava disfarçada em meio a todos?

— Eu já a conheci?

Ransom me olhou, mas não falou nada. Era mais um segredo que guardaria da esposa.

Eu entendia. Se não soubesse a verdade, não poderia ser obrigada a revelar seu paradeiro.

— Isso foi há quatro anos. Quando minha mãe me contou que estava grávida, eu a levei a Ozarth. Pensei que ela ficaria lá. Recomeçaria a vida. Mas, depois que Evie nasceu, pediu para voltar. Não queria viver longe.

— De você. — O filho dela.

— De mim. — Ele assentiu. — Fui até Allesaria quando Evie era bebê. Meu pai implorou que eu levasse minha mãe para a cidade. Quando perguntei por que ele queria isso, ele respondeu que precisava terminar o que eu interrompera. Não voltei para a capital depois daquele dia.

— Como assim? Ele ainda a quer morta?

— Ele nunca vai perdoar a traição dela. É mais do que um marido traído. É um rei com uma rainha desleal. O orgulho dele não vai deixar que ela viva.

— E Evie?

— Ele a levaria. E destruiria a vida dela.

Balancei a cabeça, precisando de um momento para assimilar tudo.

— Então você decidiu manter Evie em segredo. E deixar Zavier fingir que é o pai dela.

— Na prática, Zavier é o pai dela. Ama aquela menina com cada batida de seu coração, ela sendo seu sangue ou não. Zavier sacrificou mais por mim, por esse reino, do que seria justo.

O que significava que Ransom jamais puniria Zavier por roubar migalhas de felicidade, como a que eu testemunhara com Jocelyn e Vander.

— Não planejávamos que Zavier continuasse a farsa como meu sósia. Mas, pouco depois que deixei Allesaria, fui mordido. E tudo mudou.

Ele havia se tornado o Guardião.

E deixou que seu sósia de infância usasse a coroa.

— Zavier é meu primo. É filho de minha tia por parte de pai. Era o próximo na linha de sucessão depois de mim. Até Evie nascer.

— Mas ela é uma menina.

— A sucessão em Turah não funciona como em Quentis. A coroa do rei ou da rainha passa para o primogênito ou a primogênita. Não depende do gênero. Evie é filha do meu pai e, quando eu morrer, terá direito ao trono.

Evie, então, se tornaria uma princesa, e Ramsey a arrancaria da vida que ela conhece.

— Quando ela for mais velha, se quiser uma vida na corte e eu ainda estiver vivo, não vou impedir. Mas quero que a decisão seja dela.

Estava dando à irmã a escolha que ele nunca teve. Que eu também não tive.

Se eu já não estivesse apaixonada por esse homem, talvez esse fosse o empurrãozinho que faltasse.

— Ela só tem quatro anos — ele continuou. — Já encontrou monstros demais. Não precisa ser levada para Allesaria. Se depender de mim, ela só vai colocar os pés no castelo depois que meu pai estiver na cova. Até lá, também já estarei na minha.

— Pare de falar essas coisas — reclamei. — Por favor.

Ransom suspirou, e o cansaço em seu rosto me deu vontade de gritar.

Ele não estava morrendo. Eu me recusava a aceitar esse destino. Não antes de fazer tudo o que estiver ao meu alcance para buscar uma cura. Alguma forma de impedir a infecção, fosse ela mágica ou não.

— Ei. — Ransom entrou na minha frente. — Ainda não morri.

— Não, não morreu. — Cruzei os braços diante do peito, fechando a cara.

Ele deu um leve sorriso, e um pouco de cor voltou para suas bochechas.

Melhor.

Passei por ele e o esperei me alcançar para fazer a pergunta seguinte.

— Seu pai sabe sobre Evie? Que é filha de Zavier?

— Não sei dizer. Não é segredo que Zavier tem uma protegida.

— Por que não deixar que ele a assuma como filha? Por que fazer a menina chamar Zavier pelo nome, e não de papai?

Ransom suspirou.

— Para a proteção dela. Quando ela nasceu, parecia a melhor opção. Se pensarem que tem sangue real, ela sempre será um alvo. Fizemos o possível para que todos pensassem que ela era filha de uma mulher de Ozarth que morreu no parto. Que Zavier decidiu criar a menina como se fosse sua.

— Por que não arranjar outra pessoa para assumir o papel de pai? Alguém distante da coroa?

— Zavier estava conosco quando eu trouxe minha mãe de volta de Ozarth. Ele olhou para a menina e soube que ela era dele. Não importava na época. Eu era o príncipe. Ele era Dray, um patrulheiro e meu primo.

Mas então Ransom foi mordido, e tudo mudou.

— Talvez devêssemos ter feito outras escolhas, mas seria preciso passar por cima do cadáver de Zavier para tirar Evie dele.

— Mesmo se ela estivesse mais segura com outra pessoa?

— Não discordo. Mas também não vou obrigar Zavier a abrir mão dela. Ao contrário do que você deve pensar, não sou cruel.

Nunca pensei que ele fosse cruel. Implacável. Teimoso. Arrogante. Uma enorme pedra no meu sapato. Mas nunca cruel.

— Então ela fica com Zavier. E sua mãe? Ela aceita esse acordo?

— Sim e não. Já se passaram anos, mas ela ainda não se conforma com o homem que meu pai se tornou. Eu também não.

Quando era menino, nunca questionei suas decisões. Acreditava em cada palavra sua.

— E agora?

— Ele está fazendo o que acredita ser certo. Não vou me opor a ele. Em vez disso, vou fazer o que posso da minha posição.

— Como Guardião, você diz? Vocês enganaram o mundo inteiro. Todos acham que Zavier é o príncipe.

— Eu sou Zavier.

Revirei os olhos.

— Você entendeu o meu ponto.

— Sou leal ao meu povo. Importa quem pensam que sou? Um príncipe ou um guardião? Luto para proteger todos. Dos monstros com garras. E dos monstros com coroas.

— Como seu pai — murmurei.

— E o seu.

Soltei uma risada sarcástica e parei.

— Meu pai não é um monstro.

Podia não ser um pai dedicado, mas amava seu reino. Colocava Quentis acima de tudo. Será que isso era monstruoso?

Ransom seguiu em frente, obrigando-me a apertar o passo para alcançá-lo.

— Há uma tempestade se aproximando, Odessa.

— Sim, chama-se migração dos crux.

— Não é disso que estou falando.

— Do que está falando? — Ergui as mãos, parando de novo. Ele não era o único exausto hoje. — Estou cansada de fazer perguntas, Ransom. Posso garantir que não sei de nada dos planos de meu pai. Ele confia em mim tanto quanto você. Ou seja, nada.

Ransom se virou e me encarou com olhos avelã. Quando eles mudaram? Eu estava tão absorta em sua história que não notei a mudança do verde.

— Acredito que seu pai tenha encontrado uma maneira de

quebrar o Escudo de Pardais.

Meu pai dera a entender algo assim. Provocaria um caos em Calandra. Deixaria os reis livres para atacar outros reis, e a frágil paz seria desfeita para sempre. Era impossível. Ou ao menos deveria ser.

— Como? — Se meu pai não me contaria, talvez meu marido contasse.

— Matando os vosters. Se acabar com a irmandade, acaba com os vínculos mágicos.

49

— Não dá para matar os vosters.

Ou dá? Eu tinha quase certeza de que era impossível matar seres com poderes mágicos.

— Ele vai tentar — Ransom falou.

Por quê? Como meu pai não estava ali, Ransom teria que lidar com as minhas perguntas.

— O que ele ganharia com isso? Se os tratados fossem dissolvidos, haveria guerra. Quentis é forte, mas não tanto.

Os soldados quentinos não lutavam como os turanos. A legião de meu pai seria massacrada.

— Vocês têm uma vantagem geográfica — Ransom respondeu. — Dividem apenas uma fronteira com Genesis no desfiladeiro Evon. E seu pai tem ouro suficiente para manter uma marinha como Calandra nunca viu. Ele não precisa começar uma guerra. Precisa apenas ser o último rei em pé. Esperar a migração. Deixar que os reis guerreiem entre si. Depois chegar e tomar os espólios.

— A troco de quê? Ouro? — Ele já era rico além da conta.

— Poder.

— Mas meu pai não seria mais poderoso se os vosters estivessem do lado dele? Eles têm *magia*.

— Uma magia que traz consequências. A irmandade jamais

responderá a um rei mortal. Mas apoiará seus escolhidos.

Era esse o problema, então. Os vosters não apenas incorporavam sua magia em inúmeros tratados e lendas, como a Cadeia de Setes, mas também eram uma ameaça. Se meu pai quisesse expandir seu domínio, era bem possível que eles o impedissem. Mesmo que o Escudo de Pardais não existisse.

E se eu tivesse que arriscar, diria que os vosters apoiariam os turanos.

Apoiariam Ransom.

— Bom, mesmo se ele conseguisse encontrar uma forma de matar os vosters, ninguém sabe onde eles vivem — falei.

— Hm — Ransom murmurou.

Nem sim. Nem não.

— Meu marido. — Estreitei os olhos. — Você sabe onde os vosters vivem, não sabe?

Ransom me encarou. E não falou uma palavra.

Não precisava. Seu silêncio era a resposta.

Allesaria.

Era por isso que os turanos mudaram sua capital? Buscaram refúgio com os vosters depois da migração três gerações antes? Ou a cidade foi construída para proteger a irmandade? O que aconteceu três migrações antes para fazer o reino entrar em tamanha espiral de segredos?

O homem que tinha as respostas me encarou, sem falar nada.

Não chegaríamos a lugar nenhum com esse assunto, então arranjei outro.

— E se meu pai atacar os vosters?

— Meu pai os defenderá.

Mas e se Ramsey também quiser se livrar do poder deles? Criaria uma aliança com meu pai?

— Você tem certeza da lealdade dele?

— Sem dúvida.

Havia magia envolvida, não? Os turanos juraram proteger os vosters? Será que havia em Allesaria um tratado assinado com sangue sobre o qual os outros reis não sabiam?

— Ramsey terá que dar um tempo em sua queima de livros. — Assim que pronunciei as palavras, a compreensão me atingiu, me deixando sem ar.

Os livros. Os vosters.

Ransom chegara a mencionar os espiões do meu pai. Ele sabia dos planos do meu pai ou, pelo menos, desconfiava.

Ramsey não queimava livros para privar seu povo de informações. Não estava punindo os turanos. Estava destruindo informações que pudessem atrair invasores para seu reino.

— Ele está queimando livros para impedir que informações caiam nas mãos do meu pai.

— Talvez. — Ransom passou a mão no queixo. — Sinceramente, não sei. Nada faz muito sentido no que se refere ao meu pai hoje em dia. E a menos que eu vá para Allesaria descobrir, ele está praticamente morto para mim agora. Não é o rei nem o homem que eu conhecia. Pode estar tentando esconder informações. Manter a lyssa em segredo e evitar que o povo entre em pânico. Ou está queimando livros para provocar e punir minha mãe. Depois que a tirei de Allesaria, ele incendiou a biblioteca dela. Quase destruiu uma ala inteira do castelo. Era o lugar favorito dela, e ele sabe que ela está escondida em algum lugar. Acho que torce para ela tentar impedi-lo algum dia.

No dia em que Ramsey destruiu a biblioteca de Treow, fiquei observando tudo detrás de uma árvore. Escondida. Com Cathlin.

Será que ela era a mãe de Ransom e Evie? Eu duvidava que Ransom me diria se eu perguntasse.

Queimar livros parecia uma vingança mesquinha, mas não dava para saber do que ele era capaz. Um coração partido era capaz de mudar as pessoas.

Anos antes, numa festa no castelo, Margot exagerou no vinho. Fez um comentário solto sobre como meu pai mudara desde a morte da minha mãe.

O amor tinha o dom de nos edificar.

E de nos destruir.

— Digamos que Ramsey saiba das intenções do meu pai — falei. — E queira proteger os vosters. É por isso que está criando a milícia?

— Improvável. É comum que os reis reforcem o exército antes das migrações. Até onde sei, todos os reis dos cinco reinos estão recrutando mais soldados para treiná-los. Incluindo seu pai. O meu está construindo catapultas para todas as grandes cidades há quase ano.

— Enquanto deixa as menores como Ashmore à mercê de monstros. E invasores estrangeiros.

O maxilar de Ransom se contraiu enquanto assentia. Ele voltou a seguir pela rua e virou numa esquina.

— Não concordo com isso, Odessa. Mas entendo o raciocínio dele. Meu avô incentivava as pessoas a se abrigarem nas cidades, mas a maioria ficou em casa. Meu pai viu a destruição dos crux. Pessoas foram massacradas; vilarejos inteiros, destruídos. Até as casas mais resistentes, como as de Ravalli, não conseguem conter um monstro capaz de arrancar um telhado. Ele está tentando mandar todos para um lugar onde tenha alguma chance de protegê-los.

— A migração está prevista para a primavera. Se vier depois disso, como já aconteceu, pode levar até um ano. Não é compreensível que queiram continuar em casa o maior tempo possível? Ele sabe da lyssa. Deixá-los sem proteção é o mesmo que condená-los à morte. Que diferença faz qual é o monstro responsável pela matança?

Ransom se virou, cruzando os braços.

— O que quer que eu diga? Não controlo o exército.

— Eu sei, é só que... — Meus punhos se cerraram. — Esse não pode ser o caminho.

— E o seu povo? Os que vivem no campo e não têm o luxo de se esconder sob um castelo? Para onde eles vão durante a migração?

— A maioria vai para as cidades.

— E os que não vão?

Morriam.

Alguns camponeses passavam anos construindo abrigos e cavando túneis embaixo da terra, como o povo de Ashmore. Às vezes, esses refúgios os mantinham vivos. Outras, não.

Os crux eram implacáveis em sua busca por presas.

Mesmo as cidades não eram garantia de proteção. Milhares de pessoas morreram durante a última migração. Ela durou quase dois meses, e apesar de toda a robustez de nossas muralhas, de nossos torreões, havia um limite de resistência aos ataques. Não conseguiam abrigar tantas pessoas.

Era assim por toda Calandra.

O peso de inúmeras vidas recaía sobre os ombros do meu pai. Ele sabia que tinha suas limitações. Talvez Ramsey sentisse o mesmo. Não que eu quisesse sentir empatia por ele, mas não sabia o que faria em seu lugar.

— Queria que houvesse uma maneira de impedir as migrações. De combater os crux de verdade — falei.

Ransom me abriu um sorriso triste.

— Eu também.

Não que não se tenha tentado.

Os alquimistas de Laine inventaram lança-chamas para queimar os monstros no céu. Roslo também contava com muitas catapultas. Os ferreiros do meu pai já estavam forjando virotes e instalando nas torres e muralhas do castelo. Ellder tinha versões semelhantes dessas armas sobre os reparos.

Embora tivéssemos formas de matar alguns crux, a quantidade de monstros durante a migração era muito alta. Para cada abatido havia dez para tomar seu lugar.

Poderíamos lutar e morrer.

Ou nos esconder e viver.

Eu e Ransom chegamos juntos na casa, mas cada um estava perdido nos próprios pensamentos. A intenção da caminhada era ajudá-lo a clarear a mente. Mas agora quem estava zonza era eu. Ele me acompanhou até a porta da minha suíte, e eu me sentia atordoada.

— Por que me contou tudo isso? — Será que estava tentando se redimir das mentiras?

Talvez eu devesse duvidar de cada palavra, temer que fosse mais um plano complexo. Mas não parecia mentira. É claro que eu acreditei em tudo que ele me falou desde o começo, então vai saber?

Mas eu sentia que ele estava me contando a verdade. Como se ele tivesse baixado suas defesas para revelar as verdades difíceis sobre sua família.

Ransom nunca se referira a Zavier como meu marido. Na última semana, repassei todos os momentos que conseguia lembrar. Esmiucei cada memória. E não conseguia lembrar uma vez sequer que ele tivesse falado que Zavier era meu marido.

Ele me provocara. Fizera comentários grosseiros. Tudo insinuado, nunca dito explicitamente.

Mentiras por omissão ainda eram mentiras.

Mas eram mais fáceis de perdoar.

— Não posso revelar todas as minhas verdades a você, Odessa. — Ele chegou mais perto e enrolou no dedo um cacho ruivo rebelde em minha têmpora. — Mas vou contar o máximo possível.

Ele esticou o cacho e o soltou. Levou as duas mãos aos meus cabelos, afastando-os, e segurou meu rosto entre as mãos.

— Me perdoe, minha rainha. Por favor.

Ransom não me deu a chance de responder antes de sua boca encostar na minha. Beijou a ponta do meu nariz. Mordiscou meu lábio inferior. Cobriu meus lábios com os seus, passando a língua para sentir o gosto.

Foi um beijo diferente do anterior. Foi gentil. Suave. Doce. Derreteu tudo dentro de mim, dissipando minha frustração. Removeu a mágoa até restar somente a faísca. O puxão em direção a esse homem que nunca consegui resistir.

Os segredos e as mentiras se desfizeram, apenas por um momento, até sermos separados por um grito.

O corpo todo de Ransom ficou tenso e ele se virou na direção do barulho.

Uma sinfonia de gritos e berros encheu o ar vindo dos portões. Do pátio.

Onde um monstro estava entretendo as crianças com folhas flutuantes.

— Fique aqui — Ransom falou, depois passou por cima do corrimão da minha varanda e pulou para o chão. Ele se foi, uma nuvem de cabelo escuro e túnica branca limpa correndo para a comoção.

Abri a porta com tudo e entrei correndo para pegar as facas que deixara ao lado da porta. Se Ransom achava que eu ficaria escondida enquanto crianças estavam em perigo, ele não me conhecia nem um pouco. Corri escada abaixo e cheguei ao térreo bem quando a porta da casa de Zavier se abriu.

Luella apareceu na entrada, protegendo Evie com seu corpo.

— O que está acontecendo? — ela perguntou.

— Não sei.

— É melhor ficar aqui, onde é seguro.

Nem pensar. Apontei a ponta da faca para Evie.

— Cuida do Faze?

— Pode deixar. — Ela assentiu e se desvencilhou de Luella, passando correndo por mim na direção da escada.

Luella franziu a testa e seguiu sua protegida para a minha suíte enquanto eu corria para o pátio.

As pessoas passavam correndo por mim, fugindo no sentido oposto, com terror e lágrimas no rosto.

Era o sumo sacerdote. Ele tinha feito algo. Tinha machucado alguém.

Apertei as facas com mais força quando cheguei na abertura da estrada principal. Para o pátio. O que quer que eu esperasse encontrar, era pior.

Havia barilobos em Ellder.

As pelagens pretas cintilavam. As presas brancas reluziam.

Estava um caos. Alguns soldados tentavam evacuar as pessoas enquanto outros partiam para a briga, sacando espadas para enfrentar as feras. Mães e pais carregavam seus filhos para longe. E, no centro de tudo, estava Ransom.

Ele estava lutando com uma espada. Mas era como se movesse a lâmina pela água. A velocidade de sua movimentação era de um homem normal, lenta comparada com a habitual.

O sumo sacerdote o enfraquecera com qualquer que fosse o *tratamento* realizado.

Será que era esse o plano? Atrair inocentes para o pátio, sabendo que seu famoso Guardião não estava em sua melhor forma?

O pensamento passava pela minha mente quando vi o voster.

O sumo sacerdote não segurava nenhuma arma. Não carregava nenhum escudo. Mas lutava contra os barilobos, enfrentando dois monstros com pedaços de gelo que formava no ar.

Suas mãos estavam erguidas, as unhas verdes retorcidas abertas. Com um movimento dos braços, lançou uma estalactite do tamanho de uma pessoa adulta na boca aberta de um barilobo.

Partiu a fera ao meio, sangue e entranhas se espalhando, caindo

sobre os que ainda tentavam fugir.

Sangue verde. Verde-escuro pútrido.

— Ai, deuses — sussurrei, engolindo em seco a bile que subia pela minha garganta.

Os barilobos estavam por toda parte, invadindo a passagem que os soldados tentavam fechar.

— Fechem os portões! — Ransom bradou enquanto golpeava a cabeça de um barilobo.

Mas aquela não era a espada dele. Era pequena demais. Frágil demais. Não era forte o suficiente para decapitar um monstro. A lâmina se partiu.

Ransom a enfiou no olho do barilobo, cravando mais e mais fundo até o monstro cair morto.

— Os portões! — Zavier veio correndo de trás de um edifício, seguido por três de seus patrulheiros, incluindo Vander.

Um barilobo pulou em cima dele, os dentes à mostra, mas Zavier desviou de suas presas e cravou a espada em seu coração. Ele continuou correndo, movendo os braços, a caminho dos portões.

Eram muitos. Quinze. Vinte. Trinta. Nunca tinha visto tantos monstros ao mesmo tempo.

Ransom pegou a espada do corpo de um soldado caído e continuou lutando.

Todos continuaram lutando.

Mexa-se, *Odessa*.

Corri para a primeira pessoa que não tentava fugir.

Uma adolescente estava escondida atrás de uma estaca no meio da rua, segurando-se nela com toda sua força. Aquela estaca podia protegê-la das garras de um crux, mas não das presas de um barilobo.

Segurei seu braço e a levantei.

— Corra. Vá! Entre.

Ela gritou, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Foi preciso um empurrão forte para que ela se movesse. Ela desapareceu atrás de mim enquanto eu corria até um soldado encolhido que apertava uma ferida aberta na perna.

— Precisamos levar você para dentro.

Ele gritava de agonia, tomado pela dor.

— Venha. Venha. — Puxei seu braço, arrastando-o pela terra e para longe do conflito. Precisei de toda minha força para levá-lo ao edifício mais próximo, o estábulo.

Os cavalos lá dentro pisoteavam e choramingavam, tão assustados quanto as pessoas.

Arrastei o soldado para a baia mais próxima e o encostei na parede. Rasguei um pedaço de tecido da camisa dele e enfaixei o ferimento.

— Vou pedir ajuda.

— Não vá, princesa. — Ele apertou meu braço, os olhos arregalados.

Me desvencilhei e fechei a porta da baia. Do lado de fora, um garotinho estava de joelhos, uma folha da coroa mágica do voster ainda em seu cabelo castanho. Uma mulher estava no chão ao lado dele. Os olhos tão abertos quanto as entranhas.

— Mamãe! — O menino sacudia o braço dela como se pudesse trazê-la de volta à vida.

Os rosnados. Os grunhidos. Os gritos. Tudo desapareceu até eu não conseguir ouvir nada além do choro daquele menino.

Ele morreria. Se ficasse ali, seria o próximo.

— Cross! — A voz de Ransom ecoou. — Não.

Eu o ignorei.

Nunca corri tão rápido na vida. Estava no meio do caminho até ele quando senti a mudança no ar. Quando senti a atenção de um monstro.

Havia um barilobo com a boca cravada ao redor do pescoço de um homem, sacudindo o corpo com força como um cachorro

sacudindo uma cobra. Ele largou a presa e voltou a atenção para mim. Sangue pingava de sua bocarra enquanto acompanhava meu trajeto com um único olho.

Meu coração parou.

O barilobo caolho.

O monstro que havia infectado Ransom.

Devia ser uma fera irracional sanguinária. Mas sabia exatamente para onde eu estava indo. E, nesse momento, pareceu sorrir.

— Não! — gritei, ainda correndo, quando ele avançou contra o menino.

Três passadas largas. E ele arrancou a cabeça do corpo do menino, jogando-a para o lado.

E então ele fixou os olhos em mim.

Minhas botas derraparam no chão quando ele emitiu uma série de estalos. Aquele som era uma promessa de morte. Um voto de que eu não sobreviveria.

O som foi equivalente a um holofote apontado na minha direção. Todos os barilobos no pátio olharam para onde eu estava, paralisada, sem nada além das facas.

Merda.

— Corre! — Ransom berrou. — Odessa, corre!

Dei meia-volta e tropecei quando meus pés se moveram mais rápido do que o resto do corpo. Mas recuperei o equilíbrio, os dedos arranhando a terra enquanto corria em disparada para o estábulo. Os rosnados eram ensurdecedores. O impacto das patas parecia fazer o chão tremer.

Uma matilha corria na minha direção. Todos os monstros de Ellder estavam me caçando, chegando mais e mais perto.

O estábulo estava longe demais. Eu não conseguiria chegar. Mesmo se chegasse, eles entrariam e fariam picadinho de mim se os cavalos não me pisoteassem antes.

Um vento acertou meu peito quando olhei para a frente,

piscando sob a nuvem de poeira que passou por meu corpo.

Quando se dissipou, vi mantos bordô e olhos infinitos.

O sumo sacerdote mudara de posição, parando na minha frente e bloqueando meu caminho.

Prendendo-me entre ele e os barilobos.

Uma rajada fria de vento gelado soprou os cabelos caídos sobre o meu rosto quando o sacerdote ergueu os braços. E, com um movimento de punho, uma lasca de gelo se lançou do alto da cabeça dele, passando por cima da minha e acertando o monstro na minha cola.

O barilobo caiu no chão, morto. Tinha os dois olhos.

Não, o maldito assassino de um olho só corria na direção oposta, rumo aos portões que Zavier e seus guerreiros ainda tentavam fechar. Fugindo outra vez com outros barilobos.

Ele ordenara que o restante da matilha me atacasse enquanto fugia.

Outra estalactite passou voando. E outra.

A agonia da magia do sumo sacerdote perfurava minha pele, mil agulhas se cravando até os ossos, mas, por mais que doesse, corri na direção dele, deixando que enfrentasse os monstros que me perseguiam.

Passei correndo por sua figura imponente, minha bota escorregando na barra de seus mantos esvoaçantes. Dessa vez, quando tropecei, não consegui recuperar o equilíbrio.

Com um gemido, meu ombro acertou o chão, fazendo uma nuvem de poeira atingir meu rosto.

Gemi de dor e sentei com dificuldade. Pisquei para tirar a poeira dos olhos enquanto outras sete lascas de gelo lançadas pelo sumo sacerdote cravavam no corpo dos sete barilobos que corriam em nossa direção.

Choveu sangue, verde e pegajoso. E, quando a última gota se dissipou no ar, o pátio ficou em silêncio.

Os portões se fecharam.

Ransom estava a dez passos de distância, o casaco coberto por dois tons de sangue. Escorria do cabelo, da ponta do nariz.

Dos lábios que eu havia beijado minutos antes.

— Obrigado. — Seu peito subia e descia enquanto ele se dirigia ao sacerdote.

O voster acenou e se virou, estendendo a mão para me ajudar a levantar.

Mas eu já estava em pé, correndo na direção de Ransom.

— O barilobo. Você viu? Tinha...

— Um olho. Eu sei. — As mãos de Ransom percorreram meus ombros e braços, seu olhar prateado buscando algum ferimento. — Você está bem?

— Sim — respondi enquanto lágrimas brotavam dos meus olhos. — Aquele menino. Ele...

Ai, deuses. Foi um pesadelo. Uma cena que eu reviveria pelo resto da vida, sem saber se tinha sido real.

— Ransom.

— Eu sei. — Ele me pegou em seus abraços, apertando-me junto ao peito.

Apertei sua túnica, cerrando os punhos enquanto inspirava seu cheiro. Apesar do sangue, estava lá. Vento e couro. Terra e musgo. Cedro e Ransom.

— Ranse. — Zavier apareceu ao lado dele, ofegante e coberto de sangue verde.

Ransom rosnou, mas não me soltou, dando uma última examinada no meu corpo em busca de algum ferimento.

— Preciso ir.

Acenei e soltei sua camisa.

Ele passou pelo pátio, pegando a espada de um soldado caído.

E, com ela em mãos, o Guardião ordenou que os portões fossem reabertos.

Para matar um monstro.

50

Evie estava na minha cama, brincando com Faze, quando alguém bateu na porta.

— Eu atendo! — Ela correu pela minha suíte, desviando dos móveis, e foi seguida por nosso tarkin.

Corri atrás dos dois, tão ansiosa quanto Evangeline para ver quem estava na porta.

Por favor, seja Ransom.

Passara uma semana desde o ataque dos barilobos. Desde que Ransom, Zavier, o sumo sacerdote e cerca de vinte patrulheiros saíram para caçar a matilha que deixara trinta e um mortos em Ellder.

Não recebemos nenhuma notícia desde que eles partiram e, a cada dia que se passava, eu ficava mais e mais apreensiva. Se algo acontecesse a Ransom...

Afastei esses medos da mente enquanto Evie abria aporta.

A esperança desapareceu de seu rosto quando Samuel Hay nos cumprimentou com uma reverência.

— Bom dia, srta. Evangeline. Princesa Odessa.

Evie se inclinou para fora da porta, procurando por mais alguém.

A ausência de Zavier a estava afetando mais do que o normal.

Provavelmente porque sabia que ele tinha ido para um lugar perigoso. Por mais que eu e Luella tenhamos nos esforçado para impedir que a notícia do ataque chegasse à casa, ela ouviu a babá falando sobre as pessoas que morreram. E, embora nem sempre fosse fácil responder suas perguntas, eu não podia colocar ainda mais mentiras em seus ombros delicados.

Por isso, contamos sobre o ataque. Ela já sabia que havia acontecido algo naquele dia. E, embora não costumasse brincar com as outras crianças de Ellder, ficou de coração partido ao saber que cinco tinham morrido.

Ela chorou em meu ombro e no de Luella, mas a pessoa de que mais precisava, Zavier, não estava lá. Nenhuma criança de quatro anos deveria suportar esse nível de preocupação com o pai.

— Estão esperando outra pessoa? — Samuel perguntou, seguindo o olhar de Evie pela passarela. — Não quero atrapalhar.

— Não está atrapalhando. — Fiz sinal para ele entrar. — Por favor. Fique à vontade.

Ele me seguiu para a sala, e Evie permaneceu parada em frente à porta aberta.

— É melhor você descer para as suas aulas — falei para ela. — Luella deve estar esperando.

— Tá bom — ela murmurou e saiu a passos arrastados, fechando a porta atrás de si.

— Ainda sem notícias do príncipe Zavier? — Samuel perguntou.

— Nenhuma.

Até onde eu sabia, Samuel, como todos em Ellder, sabia que Evie era a protegida de Zavier, mas não que o chamava de papai a portas fechadas. Mas talvez as pessoas desconfiassem que fosse sua filha.

Filha adotiva. Um detalhe que não importava. A verdade completa machucaria Evie. Ela era de Zavier, assim como ele era dela.

— Espero que eles voltem logo. — Ele me abriu um sorriso

triste. — Ilesos.

— Também espero.

Demorou quase uma semana para as coisas se acalmarem depois do ataque. Homens, mulheres e crianças foram sepultados. A fortaleza chorou. E o povo falou.

Alguns acreditavam que chegava a vinte a quantidade de barilobos da matilha. Outros diziam ter sido mais de trinta monstros. Era a maior matilha já vista em Turah.

Talvez tivessem vindo todos juntos porque estavam infectados pela lyssa. Talvez o monstro de um olho só tivesse mordido todos os outros, criando algum tipo de vínculo de alfa. Qualquer que fosse o tamanho da matilha, ela trouxera morte a Ellder.

E agora havia boatos por toda a fortaleza sobre monstros com o sangue verde.

As pessoas podiam não saber o nome da doença, mas os rumores e a especulação sobre a lyssa se espalhavam tão depressa quanto a infecção.

Talvez depois desse acontecimento Ramsey não pudesse mais fingir ignorância. Precisaria mandar ajuda. E os outros reis de Calandra começariam a levar isso a sério. Quem sabe assim conseguíssemos a porra da ajuda necessária para matar os monstros.

Alguns barilobos atacaram as muralhas em diferentes pontos, atraindo a atenção dos soldados posicionados nos reparos. No dia anterior eu fui ver as marcas das garras. Algumas chegavam a oito centímetros de profundidade.

Monstros irracionais ensandecidos não deveriam ter inteligência para coordenar um ataque como aquele. Ou talvez não tivesse sido orquestrado, nós é que tentávamos encontrar sentido onde não havia. Mas independente da intenção, os barilobos conseguiram distrair os guardas e causar tumulto.

Enquanto esses barilobos arranhavam, unhavam e tentavam

escalar as muralhas, outros correram para os portões e invadiram o pátio.

Os soldados sobreviventes que estavam no alto da torre estavam abalados, carregando a culpa pelas trinta e uma almas que agora descansavam nos tons.

Os portões costumavam ficar abertos durante o dia para permitir a circulação das pessoas. Com a saída de Ransom e Zavier isso mudou, e os portões permaneceram fechados por uma semana. Foram reabertos no dia anterior, e apenas por poucos minutos, apenas para que algumas pessoas que decidiram deixar Ellder pudessem conduzir suas carroças para fora da fortaleza. Foi durante esse intervalo que saí para ver as marcas na muralha.

Aquilo não deveria ter acontecido. Se os monstros não estivessem infectados, a enxurrada de flechas lançadas dos reparos os teria impedido. Mas eles eram movidos por sede de sangue.

E ela tinha sido satisfeita.

Os monstros abatidos foram queimados, e eu queria que houvesse algum consolo em suas mortes. Queria conseguir sentir qualquer alívio por, pelo menos, eles não poderem ferir mais ninguém. Mas, por uma semana, eu não sentia nada além de desamparo.

Havia monstros demais.

Era isso que deveríamos esperar dos crux? Era por isso que as gerações mais velhas tinham pavor da migração?

Por mais tempo que passasse, por mais anos que eu vivesse, nunca esqueceria aquele ataque. Nunca esqueceria a morte daquele menino.

— Está tudo bem, princesa? — Samuel perguntou.

Afastei a memória e forcei um sorriso.

— Claro. Como você está? Como o Jonas está?

— Voltou para a escola hoje. Com as outras crianças. — As sobreviventes. — Foi difícil deixá-lo sair de casa hoje cedo.

A maioria das crianças reunidas no pátio estava na escola naquele dia. Dois dos professores foram mortos. Jonas e alguns dos meninos mais velhos tinham se afastado dos pequenos. Quando o ataque começou, correram para o edifício mais próximo e se barricaram lá dentro.

— Acho que ao menos foi um lembrete do que está por vir durante a migração dos crux.

— Acho que sim. — Indiquei para Samuel me seguir para as poltronas na sala de estar.

— Não pensei que Turah seria assim. — Samuel se sentou, engolindo em seco. — Quando Emsley era viva, visitamos Turah. Ficamos ao longo da costa. Passamos um mês em Perris. Ela queria conhecer mais dentro do continente, explorar as montanhas. Passamos algumas semanas tentando contratar um guia, mas ninguém queria nos levar, então deixamos a viagem para outra ocasião. Escolhi Ravalli em parte porque ela queria conhecer a cidade. É até bom que não tenha conhecido.

Zavier me avisara meses antes, no convés do *Cortador*, que esse reino era perigoso, mas nada teria me preparado para a realidade. Turah era, sim, perigosa. Majestosa. Assustadora. Comovente. Era todas as emoções, boas e más, entrelaçadas numa paisagem que roubou meu coração.

Como seu guardião.

— Enfim. — Samuel se ajeitou na cadeira, olhou por cima do ombro para a porta fechada e abriu sua bolsa. — Consegui terminar o mapa.

— Ah. Nem precisava se preocupar com isso.

— Foi uma boa distração nas noites de insônia. — Ele se esticou para me entregar.

Desdobrei o papel e encontrei linhas novas misturadas às antigas.

Ele havia ajustado o trajeto de algumas ruas e cidades.

Acrescentado muitas que eu nem conhecia. Expandido as cordilheiras e detalhado rios além do meu esboço preliminar. Imbuído o pergaminho de detalhes e profundidade.

— É lindo. — Algo que nunca pensei que diria sobre um mapa. — Obrigada.

Ele assentiu.

— Fiz meu melhor. Mas acho que ainda está incompleto. Não pude adicionar a área que você queria. E acho que você também não deveria.

Antes de deixar o mapa com ele, eu adicionara uma linha, um palpite, para Allesaria.

Essa linha havia sido apagada.

Era compreensível seu nervosismo.

— Agradeço muito — falei. — Sei que foi um risco. Juro que ninguém saberá que isso existe.

Seria uma pena jogar essa obra de arte na lareira depois que transferisse os detalhes para as páginas soltas do meu diário.

Samuel bateu as mãos nos joelhos e se levantou.

— Vou embora, princesa.

— Odessa.

— Princesa Odessa. — Ele se curvou, sorrindo enquanto eu revirava os olhos. — Bom dia.

— Obrigada de novo. — Eu o acompanhei até a porta e me despedi com um aceno. Depois, fui para o quarto e peguei uma caneta de carvão da penteadeira.

E o diário que escondia embaixo da cômoda.

Depois de juntar as páginas, alinhando algumas bordas e sobrepondo outras até o quebra-cabeça estar completo, comecei a transferir as adições e correções de Samuel.

Eu não tocava naquelas páginas desde Ravalli. Até então, vinha anotando os monstros com lyssa com um visto, mas foram tantos barilobos em Ellder que simplesmente marquei um *X*.

Concluído o trabalho, me levantei, observando as páginas, deixando que as linhas e marcas se fundissem.

A lyssa começara em algum lugar. Algum ponto. Um epicentro. Mas, por mais que estreitasse os olhos, na esperança de que alguma lógica saltasse do pergaminho, tudo que eu via eram manchas cinza e brancas.

Não havia nem um amontoado de monstros. Nenhuma convergência em certo ponto.

— Merda — murmurei.

Será que aquilo era perda de tempo? Talvez a origem, a pessoa que criara a lyssa, já tivesse se locomovido demais para ser localizada. Talvez os monstros fossem nômades e, por vagarem tão livremente, era impossível saber onde foram infectados quando atacassem.

Era Allesaria.

Só podia ser Allesaria. E tinha alguma coisa a ver com os vosters.

Não havia nenhuma referência a outras criaturas mágicas em todos os livros que eu tinha lido desde minha chegada em Turah. Nem em nada que tivesse lido em Quentis.

Apesar do que Ransom acreditava, se a lyssa era mágica, os vosters estavam envolvidos. A irmandade devia ser a razão por que meu pai estava tão determinado a encontrar Allesaria. A cidade devia ser a fortaleza voster, em meio às montanhas turanas.

Samuel havia enriquecido a paisagem e, segundo seu mapa, a cordilheira ao norte de Ellder parecia a maior.

Não havia nenhuma marcação naquela área.

Ou eu estava completamente enganada em minha suposição e Allesaria não ficava nem perto daquela cordilheira, ou Allesaria não era a origem, os vosters eram inocentes e Ransom estava certo a respeito de tudo.

Estava estagnada. De novo. Será que todos os espiões tinham esses momentos em que nada fazia sentido? Ou era só eu?

Eu precisava da braçadeira de Ransom. Ver se marcava a capital. Mas ele não estava lá e, mesmo se estivesse, eu duvidava que me desse.

Minha frustração tomou conta do quarto, pesada e quente como um manto, então recolhi as partes do mapa, as guardei de volta no diário e o escondi sob a cômoda. Fui até a lareira e queimei o mapa de Samuel.

Faze estava no parapeito da janela da sala, dormindo. Nem abriu os olhos violeta quando fiz carinho atrás de sua orelha. As escamas nas costas estavam começando a endurecer. Os caninos estavam ficando mais longos. Mais afiados.

Ele mordia os dedos de Evie de vez em quando. Toda vez que eu via, dava um apertãozinho em seu nariz, na esperança de ensiná-lo a não morder. Mas na primeira vez em que ele cortasse a pele dela...

Bom, esse seria o fim. Não haveria mais dias brincando juntos. Mais noites dele dormindo em meu travesseiro extra.

Quanto mais tempo ficássemos com ele, mais difícil seria libertá-lo. Mas ele ainda não era grande o bastante para caçar sozinho. Para sobreviver por conta própria. Para se manter longe dos outros predadores na natureza.

Acariciei o pelo de seu focinho, o mesmo rosa-claro de sua barriga, e toquei a ponta de sua orelha peluda vermelho-rubi antes de deixá-lo cochilando e sair.

Saí sem nenhum destino em particular, simplesmente para respirar ar fresco e espairecer. As ruas de Ellder estavam silenciosas hoje. A semana toda, na verdade. As pessoas andavam de cabeça baixa, os corpos tensos e alertas. Ninguém saía da segurança de suas casas a menos que fosse necessário.

Se não estivesse tão silencioso, talvez eu não tivesse ouvido o estrondo de cascos ecoando pelos portões. Passei a semana toda esperando por aquele som.

Mudei de caminho, correndo em direção ao pátio. Não era fácil voltar ali, mas no dia seguinte ao ataque, me forcei a voltar. A parar, com lágrimas escorrendo pelo rosto, no lugar onde o sangue daquele menino havia manchado a terra.

Seu nome era Witt.

Witt. Sariah.

Eu lembraria esses nomes. Pelo resto da vida.

Meu coração estava na garganta quando cheguei ao fim da via principal a tempo de ver um bando de guerreiros passar pelos portões, uma nuvem de poeira se levantando quando os cavalos pararam. Havia uma carroça entre eles.

Tillia estava na sela, com olhos cansados e a expressão dura. Suavizou apenas quando Halston chegou ao seu lado.

Vasculhei os rostos, procurando por Ransom, mas aquele era o grupo de caça de Halston, não o de Zavier. Aqueles guardas não estavam em Ellder quando os barilobos atacaram. Tillia estava em Treow.

Os cavalariços e os homens do estábulo se aproximaram para buscar os animais e os levaram para beber água. Os cavalos pareciam tão exaustos e empoeirados quanto seus cavaleiros.

Tillia e Halston desmontaram e ficaram juntos, o braço dele ao redor dos ombros dela, enquanto todos os outros guerreiros se dispersavam, provavelmente para encontrar um lugar de descanso.

Halston murmurou algo no rosto da esposa e desceu a mão para a barriga levemente inchada dela.

Meu queixo caiu, minha mão no peito.

Tillia ergueu os olhos e me encontrou encarando. Sorriu, a mão cobrindo a do marido.

Halston seguiu seu olhar e fez uma leve reverência antes de beijar a têmpora dela, depois pegou as bolsas e as levou para onde quer que ficariam em Ellder. Tillia veio na minha direção.

— Oi. — Ela me abraçou. — Estava com saudade.

— Eu também. — Eu a soltei, descendo os olhos para sua barriga. — Como assim? Você está grávida?

Um sorriso brilhante iluminou seu rosto e seus lindos olhos castanhos.

— Os curandeiros nos avisaram que muita coisa poderia acontecer no começo. Guardamos segredo por um tempo. Mas já não dá mais para esconder.

— Estou feliz por vocês.

— Também estou. — Ela me deu o braço, puxando-me enquanto saíamos do pátio. Como se soubesse que eu não estava pronta para ficar ali por muito tempo. — Halston e seus patrulheiros estavam com Zavier e o Guardião.

O ar fugiu dos meus pulmões.

— Eles estão...

— A caminho. Se dividiram para explorar a região. Viemos de Treow. Halston quer que eu fique em Ellder até o bebê nascer. Pelo visto, agora que carrego o filho dele, não posso mais subir uma escada de corda.

— Ahh. É fofo que ele seja todo protetor. E talvez seja bom mesmo ter cautela. — Embora, depois do ataque na semana anterior, eu duvidasse que algum lugar fosse seguro.

Seu sorriso se fechou.

— Soube o que aconteceu.

— Encontraram a matilha?

Tillia fez que não.

Minhas entranhas deram um nó enquanto o pavor crescia. Todos ali esperavam a notícia de que a matilha estivesse morta. Que a ameaça tivesse sido eliminada. Que a vingança era nossa.

Essa era uma notícia difícil.

— O Guardião não vai desistir. — Tillia deu um tapinha no meu braço. — Não vai parar de caçar.

— Quando...?

Um grito ecoou dos reparos:

— Abram os portões!

Nós duas nos viramos e soltamos os braços, observando Zavier e seus patrulheiros entrarem. Dois deles estiveram na sala do trono. Outros três eu não reconhecia. Vander cavalgava ao lado do meu marido de mentira.

E, na retaguarda com Aurinda, vinha Ransom.

Seu rosto estava sujo de terra e manchas escuras, provavelmente sangue. Havia uma espada amarrada em suas costas. Suas roupas estavam imundas e seu cabelo desgrenhado. Estava todo acabado. E tão lindo que minha garganta ardia com a ameaça de lágrimas.

O nervosismo que eu vinha enfrentando por uma semana desapareceu e, pela primeira vez em dias, consegui respirar de verdade.

Seu olhar passou pelos outros e pousou em mim, como se conseguisse me sentir na multidão. Como se estivesse tão a ligado a mim quanto eu a ele. Sua expressão não mudou. Não relaxou. Mas seus olhos cor de avelã ficaram verdes.

Zavier parou, bloqueando minha visão de Ransom enquanto descia do cavalo. Seu braço esquerdo estava numa tipoia, e ele mancava. Havia uma camada de suor em seu rosto, mas ele não estava tão sujo quanto os outros.

— Ele deslocou o ombro — Tillia falou. — Caiu do cavalo quando se assustou com uma onça-áurea. Passou uns dias em Treow com os curandeiros enquanto os outros caçavam.

Por isso estava limpo e os outros não.

Mas Zavier não se dera ao trabalho de se barbear durante sua recuperação. Com a barba rente, ele e Ransom estavam mais parecidos que nunca.

— Dá para ver por que funciona — Tillia refletiu. — Como ele consegue fingir ser o príncipe.

Claro que ela sabia. Talvez eu devesse estar chateada por isso,

mas a lealdade de Tillia a Zavier, a Ransom, era parte do motivo da minha admiração.

— Desculpa, Odessa. Pelas mentiras.

— Você estava seguindo ordens. Eu entendo. — Dei de ombros. — Quantos outros sabem a verdade?

— Halston. Vander. É diferente em Allesaria. Os que vivem na corte reconhecem Ransom. Mas aqui, no meio do nada, só os do círculo mais íntimo sabem a verdade sobre as identidades. Veem Zavier como o príncipe e Ransom como o Guardião.

Havia um consolo em saber que eu fazia parte do círculo mais próximo de Ransom. Do de Tillia também.

— Quem são eles? — Apontei para a carroça que entrou com Halston e Tillia.

Dois homens estavam sendo carregados em macas da parte de trás e levados para a enfermaria.

— Apareceram em Treow três dias atrás. Os dois adoeceram assim que chegaram. Não conseguimos acordá-los desde então.

— Lyssa?

— Os curandeiros procuraram exaustivamente por mordidas. Nada. Pode ser que estivessem caçando e se perderam. Os dois estão desidratados e desnutridos. Não nos resta fazer nada além de rezar a Ama para que os dois sobrevivam para podermos descobrir de onde vieram.

Depois de tudo que vi na semana passada, não achava que Ama estivesse ouvindo as orações de Turah.

Os homens e cavalos pareciam abrir caminho para Ransom, que conduzia Aurinda em nossa direção. Ele parou ao lado de Zavier e falou algo que ninguém mais conseguiu ouvir. Um cavalariço pegou as rédeas de seu garanhão e Ransom veio até mim com passos longos e decididos.

Meu estômago revirou. Pelos tons, como eu tinha sentido sua falta.

— Vou procurar Halston. — Tillia tocou meu braço e saiu enquanto meu marido me encarava com seu olhar esmeralda.

Ele parou na minha frente e cruzou os braços diante do peito.

— Cross.

— Wolfe.

O canto de sua boca se ergueu.

— Sentiu minha falta?

— Jamais.

— Alguém já falou que você mente muito mal?

— Alguém já falou que você fede? — Fiz uma careta, sem me importar que ele cheirasse a sangue, cavalo e suor. Sob tudo isso estava o aroma de vento e terra e especiarias que era totalmente Ransom. — Você está bem?

— Sim, minha rainha. — Ele se curvou. — E você?

Agora estou.

O alívio durou apenas um segundo. No seguinte, senti o arrepio indicativo de magia. O incômodo dos vosters.

Um arrepio me percorreu quando vi o sumo sacerdote passar pelos portões de Ellder enquanto os soldados já começavam a fechá-los. Com ele estava o frei Dime, emissário de meu pai.

Era como voltar no tempo, no dia na sala do trono e no santuário. A magia de um era desconfortável. Mas dois sacerdotes? Lutei para encher os pulmões, para conter a dor.

Cocei os antebraços.

— Que foi? — Ransom perguntou.

— Nada.

Ele franziu a testa.

— O que acabei de dizer sobre mentiras?

— Olha quem fala.

Ransom cerrou o maxilar. Era um movimento sutil, quase imperceptível, mas suficiente para eu saber que a acidez na minha voz o incomodou.

A culpa era dos vosters. Eles me deixavam nervosa.

O sumo sacerdote veio até Ransom, levitando, com o frei Dime ao seu lado.

Ransom se virou e se curvou para os sacerdotes.

O frei Dime retribuiu o gesto. Mas o sumo sacerdote não parou, flutuando naquela brisa fantasma até estar tão perto que as farpas de sua magia me desequilibraram.

Sem dizer uma palavra, ele segurou minha mão antes que eu pudesse desviar.

Uma dor, cortante como faca e quente como o fogo, atravessou meu braço como se tivesse sido partido em pedaços. Minhas pernas cederam e um grito escapou de minha garganta.

— Pare. — Puxei o braço, tentando me desvencilhar, mas o aperto do sumo sacerdote ficou mais firme, impedindo que eu caísse de joelhos.

A espada de Ransom cortou o ar como um raio prateado, parando a milímetros do pescoço do sumo sacerdote.

— Solte-a. Agora.

O sumo sacerdote me soltou, e caí de joelhos no chão.

Num piscar de olhos, Ransom estava entre nós, a espada ainda erguida enquanto estendia a mão para me ajudar a me levantar.

Engoli em seco e me levantei, ofegando. A dor desapareceu no mesmo instante, deixando apenas um formigamento.

— Que porra você pensa que está fazendo? — Ransom gritou.

O sumo sacerdote apenas pousou na sola dos pés, parecendo despreocupado com a lâmina de Ransom, e se virou para frei Dime.

— Você sabia?

— Pensei que ela só tivesse medo. Como tantos outros.

O sumo sacerdote inclinou a cabeça para o lado, os olhos escuros fixos em meu rosto e meu cabelo.

— Quem é sua mãe, menina?

— M-minha mãe? — Por que ele estava perguntando sobre minha mãe?

Antes que ele respondesse, porém, um grito ecoou pelo pátio:

— Zavier! — Todos nos viramos e vimos Luella correndo em nossa direção, o cabelo escuro solto e o rosto pálido.

Ransom baixou a espada, mas não completamente. Com a outra mão, me manteve atrás de si, protegendo-me dos sacerdotes enquanto olhava para Luella.

Zavier abandonou seus guerreiros e cavalos, correndo em nossa direção o mais depressa que conseguia com a perna mancando.

Mas Luella correu até Ransom e apertou seu braço.

— O que houve? — ele perguntou.

— Evie. — Ela engoliu em seco. — Ela sumiu.

51

Zavier e os patrulheiros se reuniram ao nosso redor, todos os olhos em Luella.

— Quando você a viu pela última vez? — Ransom perguntou.

— Ela foi até a suíte de Odessa depois das aulas da manhã para brincar com Faze.

— Eu falei para ela descer uma hora atrás.

Luella balançou a cabeça, os olhos arregalados de pânico.

— Ela não foi me ver. Quando se atrasou, fui procurar na sua suíte, mas estava vazia. Achei que ela estava se escondendo de novo, mas ela sempre aparece quando percebe que estou ficando assustada. Não está em casa. E a bolsa e o arco dela sumiram.

— Merda. — Zavier engoliu em seco e deu um passo para trás do grupo, colocando a mão em forma de concha ao redor da boca. — Evangeline!

— Encontrem-na — Ransom ordenou.

Todos os patrulheiros se mobilizaram, espalhando-se para procurar.

Meu olhar se voltou para os portões ainda abertos que se fechavam devagar.

— Ela quer ser uma guerreira. Quer caçar monstros. — Encontrei os olhos de Zavier. — Como você.

Mas, se ela tivesse vindo para o pátio, teria visto que ele tinha voltado. E não teria conseguido passar pelos portões a menos que...

— O portão lateral?

— O guarda nunca a deixaria sair.

— O túnel de fuga — Luella sussurrou. — Do porão da migração. Não pensei que ela soubesse, mas...

Mas Evie sabia sobre as masmorras. Eu duvidava que eles conseguissem esconder muita coisa dela.

Ransom se virou para os portões principais, erguendo a mão para impedir que fossem fechados.

— Parem.

Ele saiu correndo. Seus movimentos eram tão rápidos que nenhum de nós tinha chance de alcançá-lo, mas o seguimos para além das muralhas da fortaleza.

— Evangeline! — O grito de Ransom ecoava entre as árvores, enchendo a floresta.

— Deuses. — Luella chorava. — Pra onde ela foi?

— Evie — gritei, os olhos passando de um lado para o outro, procurando a menina. Ela usava uma túnica rosa com flores na gola. Flores amarelas, azuis e roxas.

— Evie. — A voz de Zavier embargou enquanto gritava o nome dela de novo e de novo, os olhos arregalados de pânico.

Levei as mãos ao redor da boca, prestes a gritar de novo, quando Ransom ergueu a mão, silenciando todos.

Um assobio, distante mas claro, soou à esquerda. Um assobio de alguém que passara tempo suficiente em Treow para conhecer o sinal de segurança.

Zavier passou correndo por nós, seguindo pela muralha, a perna machucada diminuindo sua velocidade, mas nem tanto.

Eu estava sem fôlego, o coração disparado no peito.

— Cadê?

Luella se aproximou de Ransom e apertou o braço dele.

— Está vendo?

— Lá. — Ele apontou para as árvores, mas levei mais alguns momentos angustiantes até enxergar o que ele via.

Uma nuvem de cabelos brancos. Uma mulher com um vestido marrom simples de mangas compridas. E uma menina de rosa com uma aljava de flechas nas costas e um arco na mão.

Zavier chegou primeiro e abraçou Evie com um só braço.

Ela colocou os braços ao redor do pescoço dele, as pernas ao redor da cintura, agarrando-se a ele enquanto corríamos na direção dos dois.

— Eu a encontrei na estrada — Cathlin falou. — Não muito longe da saída do túnel.

— Evangeline — Zavier repreendeu.

Lágrimas enchiam os olhos de Evie.

— Desculpa, papai.

— Você não pode sair da fortaleza. Entendido?

Ela assentiu.

Ele estava furioso, a raiva alimentada pelo medo, mas fechou os olhos, se acalmou e soltou o ar. Beijou a bochecha de Evie e a abraçou com força.

— Vamos para casa.

Ela afundou o rosto no pescoço dele, e, embora ele só conseguisse carregá-la com um braço, seguiu ao longo da muralha, mancando ainda mais do que antes, até os portões.

Ransom colocou a mão no ombro de Cathlin.

— Obrigado.

— Aquela criança nasceu para voar. — Cathlin olhou para Evie com amor transbordando dos olhos. Um amor maternal? — Vocês precisam tomar cuidado para não cortar as asinhas dela.

— É mais importante que ela fique segura — Ransom falou.

— Vocês precisam conseguir as duas coisas. Ou vão perdê-la para o vento.

Luella enxugou os olhos e deu um abraço em Cathlin.

— Obrigada.

Cathlin retribuiu. Era o abraço de mulheres que eram amigas havia décadas. Talvez Luella tivesse sido dama de companhia de Cathlin em Allesaria? Talvez a namorada que Cathlin fora visitar fosse alguém que conheceram na corte?

Luella se afastou.

— Pode me encontrar depois? Para colocar a conversa em dia?

Por que parecia algo mais sério do que uma conversa entre amigas tomando chá?

Cathlin observou Luella por um momento antes de concordar.

Luella correu para alcançar Zavier e Evie.

Ransom levou a mão à minha lombar, conduzindo-me para os portões.

— Vou confirmar que o portão lateral está seguro.

Depois que chegamos ao pátio, com os portões fechados e trancados, ele saiu correndo na direção do portão lateral.

— Aquela menina ainda vai acabar com Luella. Mas ela ama Evie com todo o coração. — Cathlin tinha os olhos fixos em Luella, que se afastava. — Luella é minha melhor amiga desde criança. Já te contei isso?

— Não. — Mas, se eu fosse Cathlin e tivesse uma filha secreta, escolheria minha amiga mais antiga para cuidar dela.

— Ela queria ser alquimista, curandeira e viajante. Não queria se limitar a uma coisa; queria experimentar tudo. Estar perto dela era inspirador. Energizante. Ela achava que tudo era possível. Eu mal acreditava na minha sorte de estar na órbita dela. Ficava feliz por estar lá.

A Luella que eu conhecia era sisuda e reservada. Quase nunca sorria ou dava risada. Era tudo menos uma inspiração. Um espírito livre. Apenas algo horrível poderia ter causado aquela mudança.

— O que aconteceu?

— Os crux. — Cathlin colocou os braços ao redor da própria cintura, como se mencionar o nome já fosse difícil. — A família dela foi morta. A minha também.

— Sinto muito.

— A migração muda todo mundo. Você vai ver.

Senti um arrepio descer por minha espinha.

— Não sabia que Ellder também tinha túneis de migração.

— Não são como os de Ashmore, que levam a abrigos. Existe apenas um, e quase ninguém sabe que existe. Serve mais como uma rota de fuga de emergência.

— Ou de Evie — murmurei. Será que Ransom foi mesmo verificar o portão lateral? Ou estaria bloqueando a entrada daqueles túneis?

— Isso também. — Cathlin se endireitou, forçando um sorriso que não se refletiu em seus olhos. E, sem falar mais nada, saiu andando. Talvez para um esconderijo? Um apartamento secreto em Ellder onde ficaria perto filha, mesmo que separada?

Eu estava atravessando o pátio para ver como Evie estava quando o mar de gente na minha frente se abriu. Estavam dando passagem para o Guardião.

A expressão de Ransom era assassina, os olhos prateados.

— Pode me mostrar o túnel? — perguntei quando ele parou na minha frente.

— Você já o encontrou. A última cela da masmorra. Há uma falsa parede. Leva para a floresta. Mas não...

— Use? Não precisa se preocupar: não tenho a menor intenção de sair de Ellder. Mas obrigada por me contar. — Não era um gesto de confiança, mas já era algo. — Cathlin é sua mãe?

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Não.

— Ah. — Essa resposta monossilábica era tudo que ele me daria. Bom, parecia que eu acabaria descobrindo a identidade de sua mãe

por eliminação.

— O que aconteceu com os vosters? — ele perguntou.

Fiz uma careta. Já tinha esquecido o tormento de antes. Provavelmente porque a ardência da magia tinha passado. Olhei ao redor, vasculhando a área em busca dos sacerdotes.

— Cadê eles?

Por que justo na única vez em que eu realmente queria ter uma conversa com o sumo sacerdote, ele havia desaparecido junto com o frei Dime?

— Não sei. — A voz de Ransom era cortante. — Nós vamos atrás deles. Mas me diga o que aconteceu.

Dei de ombros.

— Nunca tinha tocado num sacerdote antes. Não sabia que doeria tanto.

— Não dói.

— Até parece. — Passei o braço onde havia sido tocada. — Era como sentir a magia deles, mas mil vezes pior. Como se ela entrasse em meus ossos.

Seus olhos se estreitaram.

— Como assim "sentir a magia deles"?

— Sabe, aquele formigamento arrepiante como se aranhas rastejassem na sua pele. — Sua expressão confusa causou um aperto no meu peito. — Não consegue sentir a magia deles? Mas eu vi você na enfermaria de Treow aquele dia. O sumo sacerdote tocou em você, e você parecia sentir dor.

— Dói quando ele extrai a lyssa. Mas tocar nele não. E nunca senti a magia deles de outra forma.

Meu coração começou a acelerar, minhas entranhas dando um nó. Os vosters eram raros em Quentis. Quando o frei Dime visitava, ficava com meu pai, resolvia os assuntos necessários e partia. Eu sempre o evitava.

Desde que vim para Turah, os encontros com os vosters

pareciam inevitáveis.

Por que eu conseguia sentir a magia deles? E os outros não? As crianças não corriam na direção de seres que faziam sua pele se arrepiar.

— Alguém mais sente isso? Ou sou só eu?

Ransom ficou olhando por cima do meu ombro, o maxilar cerrado.

— Não sei. Nunca tinha ouvido falar que dava para sentir isso.

Então o que havia de errado comigo? E por que o sumo sacerdote perguntou sobre minha mãe?

Seria bom poder perguntar. Conseguir respostas da irmandade.

Mas, depois de uma hora procurando e perguntando para onde eles foram, um guarda nos informou que saíram pelos portões enquanto procurávamos por Evie.

Os vosters tinham ido embora.

52

O céu estava escurecendo, e como em todas as noites, eu me sentei numa cadeira na varanda da suíte para observar as estrelas de Ama e Oda surgirem no céu.

Faze se enroscou ao redor dos meus tornozelos, o rabo batendo nas minhas panturrilhas.

Eu me abaixei e o peguei, acariciando suas orelhas enquanto o aconchegava no colo.

— Dia estranho, hein?

Faze ronronou e passou o focinho úmido em meu antebraço.

Como no restante da semana, hoje as ruas lá embaixo estavam silenciosas. Silenciosas demais. Eu sentia falta do burburinho de antes do ataque dos barilobos. Sentia falta dos risos e das conversas distantes. Sentia falta de ficar ali sozinha sem realmente estar sozinha.

Evie não faria sua visita antes de dormir, não com Zavier em casa. E, quando os olhos de Faze se fecharam, soube que nem ele me faria companhia. Então me levantei, o levei para dentro e o aninhei numa poltrona bem quando uma batida soou lá fora.

Seria Ransom? Eu não o via desde que nos despedimos no pátio mais cedo. Ele tinha ido fazer o que quer que o Guardião fazia quando estava em Ellder. E eu tinha vindo pensar no meu

encontro com os vosters.

Meu coração começou a acelerar enquanto atravessava a sala e, quando abri a porta, lá estava ele.

Chegava a ser injusto que aquele homem fosse tão bonito. Eu perdia o fôlego só de ver seu rosto perfeito.

— Oi.

Ele tinha lavado a poeira, a terra e o sangue acumulados da semana. O cabelo estava mais curto e o rosto, barbeado. Sem a barba, os ângulos de seu maxilar pareciam talhados em granito.

Ransom usava roupas limpas. A túnica aberta na altura do pescoço revelava um pedaço de pele lisa. Ele estava deslumbrante. As íris exibiam o verde-musgo, minha cor favorita. Ele cheirava a sabonete e aromas masculinos, meus perfumes preferidos.

— Minha rainha. — Ele estendeu uma adaga protegida por uma bainha simples. — Um presente.

Eu peguei a adaga e a tirei da bainha. O cabo era liso e simples. Sem joias nem ouro. Apenas uma empunhadura de madeira lisa que mais parecia feita para minha mão.

— Era minha — falou. — Quando eu era menino. Não é uma arma chique, mas é afiada. Se tentarem tocar em você contra sua vontade de novo, ela vai deixar uma marca.

— Obrigada. — Coloquei a bainha de volta e pousei o presente na mesinha ao lado da porta. — Me conte da caçada.

Ele deu um passo para trás para se apoiar na grade, mantendo a distância da passarela entre nós, e cruzou os braços diante do peito. O tecido de sua camisa marcava e moldava os músculos dos braços.

— Não correu como o planejado.

— Por que não?

— Não sei. — Ele franziu a testa. — Seguimos o rastro deles por três dias. Até que sumiu.

Sumiu para onde? Teriam voltado a Ellder para esperar uma brecha para outro ataque? Ou a matilha teria seguido para outro

lugar, para espalhar devastação sobre outras almas inocentes?

— Tinha alguma coisa errada com aquele barilobo no pátio — falei. — Algo diferente. Parecia estar atrás de *mim*. E sei que parece exagero, mas juro pelos deuses que ordenou que os outros viessem atrás de mim. — Soltei uma risada seca. — Não consigo nem acreditar que estou falando isso em voz alta. É um monstro. Irracional e movido apenas por sede de sangue. Mas não paro de lembrar dos olhos dele. Daqueles estalos. E se...

Senti um frio na barriga. A sensação de que estava prestes a admitir algo que vinha ponderando havia horas. E, se fosse honesta, algo que temia havia ainda mais tempo.

— E se for eu?

Os olhos de Ransom desceram para suas botas. Ele fazia isso. Às vezes olhava para o chão quando estava escondendo algo. Se eu tivesse notado esse pequeno sinal semanas antes, poderia ter me poupado de muito sofrimento.

— Você também acha, não?

Seu silêncio era resposta suficiente.

— Seja sincero comigo. Por favor.

— Como vai seu monstrinho?

— Mudando de assunto. Sério? Talvez isso funcione com as mulheres das cortes turanas. Mas não vou deixar esse assunto pra lá, Ransom.

— Claro que não — ele murmurou.

Ergui as sobrancelhas, esperando.

— É só uma teoria. Lembra a noite no acampamento quando matei um ursur? A noite em que ele avançou contra as fogueiras?

Não era uma noite que eu esqueceria.

— Sim.

— Nunca vi um monstro, com ou sem lyssa, atacar as fogueiras antes. Depois veio Ashmore. Depois os tarkins em Treow. Até Faze. Ele brinca com Evie, mas é atraído por você.

Era mais do que eu ser a guardiã *dele*. Mais do que ser a pessoa que o alimentava.

Os olhos de Ransom suavizaram e ele ergueu as mãos.

— É só uma teoria.

Uma teoria de que os monstros se atraíam por mim. Uma teoria que eu mesma vinha ruminando.

Monstros com ou sem lyssa. Monstros que haviam massacrado aquelas pessoas em Ashmore. As pessoas em Ellder. Aquele menino, Witt, que estava agarrado ao corpo inerte da mãe.

— Ai, deuses. — Um nó se formou dentro de mim. Aquelas vidas perdidas, aquele sangue, eram por minha causa. — Por quê? Como?

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Não faço ideia. Foi só um pensamento.

— Há quanto tempo tem esse pensamento?

— Algumas horas. Depois do que aconteceu com o voster, fiquei refletindo.

Eu também tinha ficado.

Aquele barilobo parecia estar concentrado em mim durante o ataque na fortaleza. A mesma coisa tinha acontecido em Ashmore. E o tarkin em Treow tinha voltado para vir em meu encalço.

Talvez fosse uma coincidência. Talvez eu só estivesse no lugar errado, na hora errada.

Mas e se houvesse algo por trás desses ataques? E se algo em meu ser os atraíssem? Envolvi meus braços em volta do corpo quando um tremor começou a percorrer meus dedos.

— Ei. — Ransom se aproximou e segurou meu rosto entre as mãos. — Respire.

Balancei a cabeça, sentindo meu rosto empalidecer.

— Pode ser tudo culpa minha.

— Não. Jamais. — Ele se abaixou para que nossos olhares ficassem da mesma altura. — Não é culpa sua.

— Mas e se tiverem vindo por minha causa? O que quer que esteja errado comigo tem...

— Não tem nada de errado com você, Odessa. Nada. Entendeu?

— Mas, Ransom... Ai, deuses. — Senti como se meu coração subisse pela garganta, meu nariz ardendo tanto que eu mal conseguia respirar.

Sariah. *Witt*. Nomes que jurei lembrar. Nomes de pessoas que ainda estariam vivas se eu tivesse ficado longe, bem longe de Turah.

— Preciso ir embora.

— Não.

— Rans...

— Não. — Ele não gritou nem berrou, mas havia uma corrente de raiva naquela palavra, um caráter definitivo. Seus olhos ficaram prateados por apenas um instante antes de voltarem ao verde.

Eu não sairia de Turah.

Não sairia de perto dele.

— É uma ideia. — Ele me soltou e começou a andar de um lado para o outro da passarela. — Não muito boa. Minha outra teoria é que sou eu. Que quem os atrai sou eu. Ou talvez a lyssa tenha mudado com o tempo. Só estou... tentando entender o que está acontecendo e buscando respostas.

Eu também queria respostas.

— Precisamos testar. Se for eu, precisamos saber.

Ele bufou.

— De jeito nenhum.

— Não vou colocar essas pessoas em risco.

— Não.

— Mas...

— Não é sua escolha, Odessa.

— Minha escolha? — Meu queixo caiu, minha raiva prestes a explodir. — Você roubou a maioria das minhas escolhas no dia em

que colocou os pés na sala do trono do meu pai, *meu marido*. Mas estamos falando sobre colocar pessoas inocentes em risco. Goste você ou não, é, sim, escolha minha.

— Estou tentando manter você segura.

— Enquanto me dá minha liberdade, certo? Não é isso que me disse? Que estava me libertando? Isso... — apontei entre nós — ... não me parece liberdade. Parece que estou trancada onde vou sufocar.

— Sufocar? — Ransom entrou no meu espaço com um único passo. — Você estava sufocando em Quentis. Estava definhando naquele castelo dourado de merda. Não estou tentando prender você aqui, Odessa. Mas preciso de você viva. Não vou... — Ele passou a mão no rosto. — Nunca senti tanto medo como quando vi você correr atrás daquele menino.

— Witt — sussurrei com um nó na garganta. — O nome dele era Witt. E não consegui salvá-lo.

— Eu também não. — Ele envolveu meu rosto, o polegar tocando as sardas em meu nariz. — Não sei o que fazer. Estou falhando com você. Quer mesmo voltar para Quentis? Se quiser, pode dizer. Diga que quer ir embora, e eu levo você de volta para Roslo.

Ele estava me dando uma escolha.

Era só dizer sim.

— Não — sussurrei.

Seus olhos se fecharam, a testa encostando na minha.

— Que bom. Não tenho a menor vontade de viver em Quentis.

— C-como assim? — Me afastei.

— Você é minha. — Sua mão mergulhou em meu cabelo, os dedos se enroscando em meus cachos. — Mesmo se estivermos a reinos de distância, você é minha. Mas prefiro não estar a um reino de distância.

Minha respiração falhou. Ele me seguiria através de Calandra?

Deixaria sua terra natal, seu povo, para trás?

— Você não pode deixar Turah.

— Quando eu não for nada além de poeira e cinzas, Turah vai perdurar. Não preciso de uma coroa. E já aceitei meu destino. Mas, antes de ir para a cova, minha escolha é você. — Ele deixou um beijo em minha têmpora, os dedos traçando meu maxilar enquanto a mão descia do meu rosto. Saiu andando, prestes a desaparecer na noite. — Durma bem, minha rainha.

Minha escolha é você.

Eu era sua escolha. Acima de tudo.

— Ransom. — Minha mão apertou seu punho, detendo-o antes que ele fosse embora.

Talvez eu devesse ter me dado tempo para pensar a respeito de tudo que ele havia dito. Mas, pelos deuses, eu estava cansada de pensar e repensar, duvidar e remoer.

Ele mentiu para mim, e doeu. Me enganou, e doeu. Me constrangeu, e doeu.

Mas, enquanto nos encarávamos, enquanto o espaço entre nós crepitava, toda essa dor desapareceu.

Ransom era meu. Cada falha. Cada perfeição.

— Essa escolha é minha. — Coloquei a palma da minha mão na sua.

Cicatriz com cicatriz.

Eu o puxei para perto, olhando naqueles olhos verdes enquanto ficava na ponta dos pés e deixava meu sussurro acariciar seus lábios.

— Você. Você é minha escolha.

Um grunhido escapou de sua garganta e seus lábios encontraram os meus. O ar escapou dos meus pulmões e meu coração acelerou quando ele me levou para dentro da suíte e fechou a porta com o pé. Ele girou e me encostou na parede enquanto lambia a linha dos meus lábios.

Um gemido escapou da minha garganta, e sua língua invadiu a minha boca, girando ao redor da minha. Uma pulsação brotou em meu ventre e um calor se espalhou por minhas veias.

Minhas mãos afundaram em seu cabelo. Meus braços envolveram seus ombros, abraçando-o com força. Pelos deuses, como eu o desejava. Mais do que qualquer coisa na vida.

Ransom deslizou as mãos que estavam nas minhas costelas para os meus braços. Ele os ergueu sobre a minha cabeça, me imobilizando na porta. Invadiu minha boca e me beijou até eu ficar delirante.

Envolvi as pernas ao redor de seu quadril, roçando o centro do meu corpo em sua excitação crescente. Cada parte dele estava dura, e eu queria cada centímetro.

Ele desviou os lábios, arfando e encostando a testa na minha.

— O que você fez comigo?

Cheguei perto, sorrindo em sua boca.

— Pare de fazer perguntas, Ransom, e beije sua esposa.

— Sim, minha rainha. — Ele sorriu e selou nossas bocas.

Se o último beijo havia acendido a faísca, esse me incendiou.

Ele mordiscou, chupou e lambeu, devorando-me por inteira. Aquela pulsação começou a latejar enquanto eu me roçava nele, desesperada por atrito.

— Mais — murmurei, apertando os calcanhares em sua lombar.

Ele me carregou até o quarto, sem nunca tirar a boca da minha, e quando chegamos ele me colocou em pé.

Passei as mãos sob a barra da sua camisa, desesperada para sentir o calor de sua pele na minha. Meus dedos roçavam os gomos de seu abdome, traçando o peito, amassando a túnica enquanto a erguia.

Suas mãos afundaram e enroscaram em meus cachos. Ele apertou perto das raízes e eu arqueei a cabeça, expondo o pescoço. Ele chupou minha pele, deixando marcas, e plantou um rastro de

beijos ao longo do meu maxilar.

— Esse cabelo. Amo esse seu cabelo.

— Tira — falei, ofegante, puxando sua camisa. — Tira isso.

Ele se afastou e puxou o tecido pela gola.

Ransom não era nada além de músculo duro sob a pele esticada. Minha boca se encheu de água, a pulsação latejante do meu ventre se espalhando pelo corpo. Ele era magnífico. A escultura de um deus.

Eu queria memorizar cada linha. Cada montanha. Cada vale. O plano forte do seu peito. O V cortado em seu quadril. Os gomos do seu abdome e os tendões dos seus braços.

Veias escuras se espalhavam do seu esterno, tênues sob a pele. Mas não havia como escondê-las, não com o luar entrando pelas janelas, raios prateados tocando sua pele.

Assim que toquei a pele sobre aquelas veias escuras, Ransom segurou meus ombros e me virou para a cama.

Ele tirou meu cabelo do ombro, jogando-o para o lado, e lambeu minha orelha. Suas mãos envolveram meus seios e, por cima da roupa, puxou e torceu meus mamilos enquanto eu gemia.

Estendi a mão para trás, passando a palma sobre a ereção.

Ransom gemeu e se esfregou em minha mão enquanto tirava minha túnica. Ouvi algumas costuras se rasgando antes de ela cair no chão.

Eu gostava daquela camisa. Mas não a ponto de querer ficar com ela.

O restante das roupas e as botas foram saindo sem alarde, espalhadas pelo quarto enquanto nos jogávamos na cama com os membros enroscados e as bocas fundidas.

Ele me envolveu em seus braços, o corpo cobrindo o meu enquanto me beijava até eu perder o fôlego. Seus cotovelos envolveram meu rosto, os olhos de uma cor que eu nunca tinha visto antes. Uma cor sem nome. Combinava todos os tons de verde,

de esmeralda a jade.

— Eu... — Ele engoliu em seco.

Levei a mão ao seu cabelo e tirei as mechas escuras da sua têmpora. Me estiquei para cima, tomando sua boca enquanto ele se encaixava no meu quadril, posicionando a cabeça do pau na minha entrada, e me preenchia.

— Pelos deuses. — Cravei as unhas em suas costas, apertando com força enquanto meu corpo se alargava ao redor de seu membro duro, grosso e perfeito.

— Odessa — Ransom gemeu, e esse era meu som favorito.

Ele afundou o rosto em meu cabelo, inspirando fundo enquanto parava um momento, o corpo todo vibrando como se estivesse testando os limites do seu autocontrole. Quando finalmente começou a se mover, eu me dissolvi.

Estocada após estocada, ele nos uniu, nossos corpos se movendo como antigos amantes. Como um marido que amava a esposa por uma eternidade.

Sonhando. Eu estava sonhando.

— É real — ele murmurou, diminuindo o ritmo quando nossos olhares se encontraram.

Era real.

E nunca mais seríamos os mesmos.

Ele me fodeu como se movimentava, com uma graça e uma fluidez que não eram naturais, mas, deuses, longe de mim reclamar. Ele me fazia alcançar alturas cada vez maiores, levando-me até a beira de um abismo. Cair me despedaçaria, e embora um dia pudesse recompor os fragmentos, a mulher que eu era antes deixaria de existir.

Eu era dele. Não por sangue, votos ou tratados de homens e magia.

Mas por essa noite.

— Porra, como é bom te sentir por dentro. — Ele tirou um

cacho rebelde da minha testa e tomou minha boca. Nossas línguas se enroscavam enquanto ele metia fundo, atingindo aquele ponto dentro de mim que me fazia perder o ar.

Gemi em seus lábios, abraçando-o com força enquanto ele nos movia, e um incêndio começou a queimar sob minha pele. Era demais, intenso demais. Eu me contorcia embaixo dele. Meus movimentos já não me pertenciam, e explodi num grito com o nome dele, apertando e pulsando ao seu redor enquanto o clímax percorria meu corpo. Me estilhacei em mil pedaços, estrelas brancas surgindo atrás dos meus olhos enquanto eu gritava.

Ransom me abraçou e me manteve ancorada a esse mundo, movendo-se dentro de mim enquanto eu flutuava até as estrelas.

O orgasmo estremeceu cada músculo, cada fibra, até eu ficar mole. Eu tinha lágrimas no canto dos olhos quando os tremores diminuíram.

— Ransom — ofeguei, minhas pernas envolvendo seu quadril, trazendo-o mais fundo.

Ele gemeu, metendo mais forte e mais rápido, buscando o próprio orgasmo. Meu coração continuava acelerado. Ele rangeu os dentes, o corpo tremendo, o maxilar cerrado, tentando manter o controle.

Me estiquei e mordi seu lábio inferior.

Ransom perdeu o autocontrole. Ele gozou e jorrou dentro de mim, e o rugido que soltou em seu orgasmo encheu o quarto. Esgotado e sem forças, ele desabou em cima de mim.

Os braços dele me envolveram, enquanto ele deitava de barriga para cima, apoiando-me em seu peito.

— Você acabou comigo.

Dei um sorriso enquanto me apoiava num cotovelo.

— E eu aqui achando que você tinha condicionamento.

Ele me virou tão rápido que perdi o ar. Fiquei de olhos arregalados enquanto ele se deitava ao meu lado, os dedos traçando

formas invisíveis ao redor dos meus mamilos. Ele se abaixou e chupou um com a boca quente.

— Deuses. — Apertei os fios sedosos do seu cabelo enquanto uma onda de desejo se formava em meu ventre.

Quando se afastou, exibia aquele sorrisinho.

Aquele sorrisinho sexy dos infernos. Continuou em seu rosto enquanto se ajoelhava e, antes que eu me desse conta do que estava acontecendo, ele me virou de bruços.

— Ransom! — exclamei.

— De quatro, Cross. — Havia algo intenso e perigoso na sua voz. Uma promessa de que, se eu obedecesse, teria tudo o que queria e mais.

Apoiei as mãos e ele me puxou pelo quadril, deixando-me de joelhos.

— Sou louco por esse cabelo. — Ele juntou os cachos, enrolando-os ao redor do punho. Então puxou apenas o suficiente para eu me arquear para ele, seu pau duro se encaixando entre minhas nádegas enquanto ele se curvava para beijar minhas costas nuas. — Estamos apenas começando. Minha esposa.

53

— Está se escondendo de mim, Cross?

Levantei os olhos do livro. Ransom estava na porta da varanda usando apenas uma calça baixa na cintura.

Seu cabelo estava bagunçado da noite anterior. Sua expressão era suave, sonolenta. Ele era mais lindo do que qualquer nascer do sol.

E era meu.

— Você estava dominando a cama. — Fechei o livro e o coloquei no colo, ao lado de Faze. — Já disseram que você dorme como uma estrela-do-mar?

Ele riu e caminhou até a minha cadeira. Segurou meu rosto e deu um beijo em minha testa.

— Pensei que tivesse se arrependido.

— Não. — Toquei sua bochecha.

Um alívio tomou conta da sua expressão e ele me beijou de novo, depois se sentou na cadeira ao meu lado. Seus músculos abdominais se contraíam, os braços se flexionando enquanto ele se movia.

Pelos deuses, ele era perfeito. O desejo se acumulava entre as minhas coxas. Mesmo depois de uma noite explorando aquele corpo, eu queria mais. Talvez precisasse de uma vida inteira para saciar meu desejo por Ransom. Parecia uma ótima maneira de

passar a vida.

— Pelo menos sei onde minha camisa foi parar. — Ele arqueou a sobrancelha para a minha túnica. Sua túnica. Eu vestira somente ela, sem nada por baixo, antes de sair do quarto.

Faze levantou a cabeça que estava apoiada na minha coxa nua e lançou um olhar curioso para Ransom. Ele não confiava muito no meu marido. Ou talvez estivesse apenas irritado porque Ransom roubara seu travesseiro.

— O que você está lendo? — Ele apontou para o meu livro.

De manhã havia um bilhete embaixo da porta e uma nova pilha de livros do lado de fora da suíte. Cathlin devia ter deixado mais cedo. Era uma alegria para os olhos, considerando que eu já tinha lido os outros que ela me dera, duas vezes cada.

Fechei a capa e mostrei para ele.

— É um livro sobre o folclore calandrano. Queria encontrar algo sobre a Cadeia de Setes.

Ele abriu um sorrisinho.

— Procurando uma brecha, esposa?

— Sempre — brinquei. — Estou só curiosa. Mas não tem nada sobre ela. Ao menos não até onde li. Este livro trata de histórias de migrações antigas.

— Hm — Ransom murmurou, afundando-se mais na cadeira. — Me conte uma.

Abri o livro, folheei até uma história que tinha lido mais cedo e comecei a ler em voz alta.

— "Era uma vez um homem de Laine que vagou pelo deserto por noventa dias sob um céu escurecido por asas de crux. Sem abrigo, sem armas nem magia, ele teria sido presa fácil dos monstros. Mas Mack, o Deus da Guerra, teve pena do homem. Pois ele tinha sido um grande paladino e gladiador. Ganhara todas as batalhas nas arenas de Laine, em confrontos contra homens e feras. Seu nome era Sonnet. E ele sobreviveu falando com os crux.

Sussurrando as palavras que Mack plantava em sua mente. Eles voavam sobre ele e o mantinham ileso e intocado enquanto ele sussurrava as histórias agraciadas por um deus. Uma nova história a cada dia de viagem. Essas histórias existem há centenas e centenas de anos, sobrevivendo muito depois que Sonnet morreu de velho em sua cama."

— As Noventa de Sonnet.

— Você já ouviu essa história antes.

— Li. As histórias dele. A maioria era sobre magia e monstros. Batalhas travadas e perdidas. Estão reunidas num livro na biblioteca de Allesaria. — Ransom franziu a testa. — Pelo menos, estavam. Não sei se o livro sobreviveu ao incêndio do meu pai.

— Espero que sim. Eu adoraria ler. — Se um dia ele me levasse a Allesaria.

Será que ele me levaria um dia? Ou sempre teria motivos para me manter longe de lá? Será que um dia confiaria em mim o bastante para me levar à capital?

Ele apoiou a cabeça no encosto da cadeira e me olhou nos olhos.

— Pode falar. Faça as perguntas que estão na sua cabeça.

Era ao mesmo tempo encantador e desconcertante que ele já me conhecesse tão bem. Porque eu queria desesperadamente conhecê-lo, por dentro e por fora.

— Você não pode me contar sobre Allesaria, pode?

Ele fez que não.

— Você foi submetido a um juramento de sangue?

Ele não respondeu. E, como em seus outros momentos de silêncio, isso foi resposta suficiente.

— Eu acho que tudo começou lá. Allesaria é a origem da lyssa. Foi alguém de lá que a criou.

— Entendo que o mistério em torno de Allesaria a torne suspeita. Mas, se tivesse se originado lá, os vosters teriam sentido.

— Mas e se não tiverem sentido? — E se a magia do sumo

sacerdote ainda não tivesse se *sintonizado* com a lyssa?

Ele se empertigou, apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Eles não são o inimigo.

Sua confiança neles era tão frustrante quanto sua falta de confiança em mim.

— Você deve imaginar, depois de ontem, por que não penso igual você?

Ransom baixou a cabeça, mas concordou.

— A lyssa pode não ter começado em Allesaria, mas talvez possa acabar lá. Talvez seus curandeiros, alquimistas e até os vosters consigam encontrar uma cura.

Ele ergueu os olhos tristes.

— Não existe cura.

— Ainda. Até poucos anos atrás nem a lyssa existia. Por que não haveria uma cura? Por que você está desistindo?

— Os sacerdotes passaram anos tentando encontrar a cura. Se dizem que ela não pode ser curada, então não pode ser curada. — Ele se levantou da cadeira e ajoelhou na minha frente. — Não quero criar esperanças, Odessa. Prefiro esperar o fim do que uma cura que nunca vai chegar.

Pousei a mão em seu maxilar, sentindo sua barba por fazer.

— Então eu vou alimentar essa esperança.

— Também não quero isso pra você. — Ele se entregou ao meu toque. — Vamos continuar caçando. Apesar do ataque dos barilobos, a caçada está dando resultado.

Estava mesmo? Ele tinha certeza de que conseguiria erradicar a lyssa do mundo. Mas e se as caçadas não fossem suficientes?

Talvez Ransom só estivesse dizendo isso para me dar esperança. Talvez ele mesmo alimentasse esse sentimento. Hoje eu não a tiraria de nenhum de nós.

— Vamos. — Ransom se levantou, estendendo a mão.

Coloquei Faze no chão e me levantei, deixando que Ransom me

envolvesse em seus braços e cheirasse meu cabelo enquanto eu afundava o nariz em seu peito. Guardando seu cheiro em meus pulmões para nunca mais esquecer.

— Precisamos treinar — ele sussurrou.

Resmunguei:

— Tá. Vou só me vestir. Duvido que alguém na área de treinamento queira ver uma princesa sem calça.

— Quem falou alguma coisa sobre a área de treinamento? — Ele se afastou, colocando o dedo embaixo do meu queixo. Seus lábios estavam nos meus, com um sorriso malicioso. — O treino que eu tenho em mente não precisa de calça.

Minha respiração falhou quando ele mordeu meu lábio inferior. Ele levantou a barra da túnica, os dedos deslizando pela curva do meu bumbum, e meus mamilos se empertigaram sob o tecido.

Ransom me pegou no colo e me carregou na direção do meu quarto, mas, antes que pudéssemos nos trancar lá dentro, alguém bateu na porta.

— Não vamos atender — sussurrei.

Ele resmungou e, por um momento, pensei que ignoraria nosso visitante. Mas a batida soou de novo, mais insistente do que a anterior e tão alta que soube que não era Evie.

Ransom me colocou no chão e foi até a porta, abrindo-a para Zavier. Ransom deu um passo para o lado, fazendo sinal para nosso visitante entrar.

— Desculpa interromper. — Zavier fez uma leve reverência a Ransom e depois a mim. — Odessa.

— Bom dia.

— Acabou de chegar um mensageiro de pônei. Disse que avistou uma matilha de barilobos a caminho daqui. Acelerou para fugir deles, mas estavam a menos de uma hora. Não sei se é a mesma.

— Merda. — Ransom passou a mão no cabelo.

Eles estavam voltando? Será que eu havia atraído os monstros?

— Ransom, podemos testar...

— Por favor, não me peça isso.

Suspirei.

— Ok.

Não era algo que eu esqueceria, mas, depois da noite passada, não insistiria.

— Me dê um minuto — Ransom falou para Zavier, depois entramos no quarto.

Quando ele fechou a porta, tirei a túnica e a coloquei na cama desarrumada. Peguei minhas roupas do chão e nós dois nos vestimos depressa.

— Tome cuidado — falei.

— Vou tomar. — Ele beijou minha testa e voltamos para a sala. — Espera aqui — falou para Zavier. — Preciso da minha espada.

Zavier assentiu e saiu para a passarela enquanto Ransom pulava por cima do corrimão.

Também fui para a passarela, ainda descalça, e parei ao lado de Zavier.

— Odeio quando vocês vão nessas caçadas. Estão surtindo efeito?

Ele bufou.

— Não.

Não era o que eu queria ouvir antes de eles partirem para a floresta.

— Por mais monstros que matemos, sempre tem mais infectados. Queria acreditar que está dando certo. Mas... — Ele estava saindo em mais uma caçada, deixando a filha para trás. Zavier abaixou a cabeça e começou a se afastar, mas parou antes de chegar na escada. — Ele é um homem bom. Não se sentiu bem em mentir para você por tanto tempo. Mas saiba que não foi para magoá-la.

Abri um sorriso triste.

— Eu sei.

Ele desceu a escada correndo para encontrar Ransom, que saiu da casa enquanto ainda prendia os fechos do colete, a espada amarrada às costas. Ergueu os olhos para me encontrar, apertou a mão sobre o peito, e eles partiram.

Para mais uma caçada.

Eles deviam estar tendo algum resultado. Nem que fosse diminuir o ritmo da infecção. Eu não conseguia conceber a outra opção — a de que tudo aquilo era em vão. Que a lyssa continuaria a se espalhar, sem controle, até cobrir o continente. Só tornaria a migração pior. E se os crux se infectassem...

Deuses. Que horrores enfrentaríamos?

Não, as caçadas deviam estar funcionando. Ransom, por toda sua conversa sobre não alimentar esperanças, não teria exagerado sobre isso.

Os guerreiros turanos matariam monstros até a infecção acabar. E encontraríamos a origem, a pessoa responsável por essa praga sobre Calandra, e acabaríamos com ela.

Uma agitação se espalhou por meus membros e, embora eu não tivesse dormido muito na noite anterior graças aos tormentos deliciosos de Ransom, eu não conseguia ficar dentro de casa. Então, aproveitei para calçar as botas e pegar a bolsa, guardando nela minha nova adaga.

E saí para buscar o café da manhã.

Brielle normalmente o trazia para a suíte antes de cuidar de suas outras tarefas pela casa, mas hoje eu precisava me movimentar.

— Bom dia — cumprimentei o padeiro e sua esposa ao entrar na padaria, os aromas de farinha e sal enchendo meu nariz. Peguei um bolinho recém-tirado do forno e fui dar uma volta, respirando o ar fresco.

Apesar de tudo que estava acontecendo, das preocupações, dos medos e da incerteza, havia uma leveza em meus passos. Um sorriso tímido em meus lábios. Meus músculos estavam lânguidos

hoje, os movimentos fluindo como se flutuasse pela água.

Ransom era um sonho na cama. Nunca tinha me sentido igual ele fez eu sentir na noite anterior. Não sabia que o sexo poderia ser tão centrado no meu prazer, e não apenas no do homem. Mas, pelos deuses, Ransom tinha sido generoso. Orgasmo seguido de orgasmo, a noite inteira, até que finalmente desabei em seu peito e dormi feito pedra.

Queria ter mil noites para dormir com as batidas do seu coração em meu ouvido.

Ele podia não querer que eu tivesse esperança, mas eu teria mesmo assim. Se conseguíssemos encontrar uma cura, essa farsa acabaria. Ransom poderia assumir seu papel como príncipe.

Como eu seria capaz de fingir ser esposa de Zavier? Como olharia para Ransom em público sem poder tocá-lo?

Tudo dependia de uma cura. Não haveria mais necessidade de esconder. Nem de fingir. Nem de falar mais sobre a morte. Eu me recusava a perder aquele homem para a lyssa.

Se os vosters não conseguissem encontrar uma cura, teríamos que recorrer a outros. Curandeiros. Químicos. Eruditos. Ele detestaria a ideia de pedir ajuda a outros reinos, mas, para salvar sua vida, eu faria qualquer coisa.

Uma porta se escancarou ao meu lado, as dobradiças estalando, o que me tirou dos meus pensamentos. Virei para a direção do barulho.

Um homem vestindo bata de enfermaria saiu para a rua, o braço enrolado em gazes do punho até o ombro. Parecia prestes a desmaiar, os passos vacilantes enquanto cambaleava em minha direção.

Era um dos homens que estavam desacordados na carroça no dia anterior. Que Tillia contou que foram encontrados perto de Treow.

— O senhor está bem? — Estendi a mão para segurá-lo pelo braço que não estava enfaixado. Quando toquei sua pele, me

assustei e tirei a mão no automático. Estava tão quente que quase me queimou. — Pelos tons. Você precisa entrar. Precisa de um curandeiro. Me deixe ajudar...

Sua mão foi ao meu pescoço e, antes que eu conseguisse compreender o que estava acontecendo, ele apertou.

Arregalei os olhos, meu café da manhã indo ao chão. Abri a boca, tentando tomar fôlego enquanto eu puxava, me debatia e tentava me soltar.

Sua mão apenas apertava mais.

— Pare — implorei sem fôlego, batendo os punhos em seu antebraço, tentando me soltar de seu aperto sufocante.

— Estou queimando. — Ele me encarou, sem piscar. As manchas verdes em seus olhos eram opacas e pálidas. — Está me derretendo por dentro. Jurei servir ao rei e queimar e queimar e queimar.

Socorro, formei com os lábios, mas, pelos deuses, ele era forte. Mais que o normal. Mesmo que me segurasse apenas com um braço, eu não conseguia me soltar.

Minha força se esvaía a cada momento. Minha cabeça estava zonza.

Não havia ninguém na rua essa hora da manhã. Estavam todos em casa. Haveria algumas pessoas no pátio, mas eu não conseguia gritar. Ou pedir ajuda.

Acertei o antebraço do homem de novo, mas o golpe foi fraco demais, suave demais. Os contornos da minha visão começaram a ficar turvos, como se uma fumaça se infiltrasse em minha consciência.

Um grito ecoou ao longe.

— Pare.

— Mate-a. Mate-a. Mate-a. — O homem me sacudia a cada palavra, como se eu não fosse nada além de uma boneca.

Ama, me salve.

Eu não estava pronta para morrer. Não hoje. Não depois da noite

anterior com Ransom.

Com os dedos fracos, tateei a mão dentro da bolsa. As manchas escuras tomavam cada vez minha visão. Lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— Faça parar. Faça parar de queimar. — Ele ergueu o braço machucado, a mão se juntando no aperto para me matar.

A pressão ao redor do meu pescoço era insuportável. Meus pulmões queimavam enquanto eu lutava para inspirar um pouco de ar.

— Ei! — Outro grito.

Será que a pessoa chegaria a tempo? Ou ela contaria a Ransom que eu estava morta?

A força se esvaiu do meu corpo como água derramada de um copo.

Meus joelhos cederam. Quando comecei a cair, o aperto do homem vacilou, mas não o suficiente para eu conseguir respirar.

Minha mão se fechou no cabo da adaga. Eu a tirei da bolsa e usei meu último resquício de força para sacá-la da bainha e golpear a garganta do homem.

Sangue jorrou, cobrindo minha mão. Meu peito. Meu rosto.

Eu desabei, caindo de joelhos com força enquanto tentava tomar ar. Minha garganta estava em chamas, e a inspiração só me fez tossir mais e mais enquanto tombava para a frente, as mãos no chão.

— Princesa! — Um soldado apareceu ao meu lado enquanto o homem caía no chão.

Sangue jorrava da garganta dele, formando uma poça na rua. Ele não apertou as mãos na ferida. Não tentou conter o sangramento. Sorriu, e uma espuma branca se formou no canto de sua boca. O ângulo em seus lábios era o mesmo do corte que eu deixara em seu pescoço.

E, enquanto a vida se esvaía de seu corpo, a cor foi

desaparecendo de seus olhos, sem restar nada além de um branco opaco. Por um momento, parecia que seu corpo soltava fumaça.

Tossi, ainda tentando tomar ar enquanto me encolhia, lutando para respirar.

— Curandeiro! — O soldado pegou meu braço. — Ai, deuses. Respire. Tente respirar.

Mais pessoas foram aparecendo ao meu redor, mas todas ficaram turvas enquanto eu encarava o homem inerte no chão.

Eu matei aquele homem. Tirei sua vida.

E seu sangue verde-escuro cobria a terra.

54

Impulsionei o corpo para fora da cama para encher o copo com água, mas Tillia me empurrou de volta para os travesseiros antes mesmo que eu conseguisse colocar os pés no chão.

— Não se levante. — Ela arrancou o copo vazio da minha mão.

— Eu...

— Não fale.

O olhar que ela me lançou foi suficiente para me fazer deitar de novo e esperar que ela me trouxesse a água.

— Tillia...

— O que eu disse sobre não falar?

Fechei a cara e dei um gole, na esperança de que aliviasse a dor na garganta e tirasse a rouquidão da minha voz.

Ela se sentou ao meu lado, franzindo a testa ao observar meu rosto e meu pescoço.

— Você já está ficando roxa.

Merda. Ransom perderia a cabeça.

— Ransom não vai lidar bem com isso.

Quis brincar que ela estava lendo meus pensamentos, mas ela só me daria outra bronca, então fiquei quieta.

— É culpa minha. — Ela pegou minha mão e apertou com força. — Desculpa.

Belisquei sua pele com força.

— Ai. — Ela puxou a mão.

Passei a minha na frente do pescoço e gesticulei com a boca: *Pare*.

Ela deu de ombros.

— Foi ideia minha trazer aqueles homens para cá. Eles poderiam ter ficado em Treow.

— Você não tinha como saber. — Sussurrei. Minha voz não ficava tão rouca quando eu falava baixo. — Não foi culpa sua.

— Você não deveria falar.

— Estou bem — menti.

Meu pescoço estava latejando e, mesmo depois de horas na enfermaria com os curandeiros aplicando emplastros, compressas frias e ervas, continuaria doendo por um tempo. Mas pelo menos estava viva.

O homem? Não poderia dizer o mesmo.

Eu matei uma pessoa hoje. Tirei uma vida.

Durante todo o tempo que passei treinando, só me imaginei enfrentando monstros. Claro que no começo até fantasiei estrangular Ransom, mas, mesmo se a magia de sangue não me impedisse de matar meu marido, eu não seria capaz de matar.

Uma brisa fria entrou pela janela aberta, o que me provocou um arrepio. Ou talvez os tremores nos meus braços não fossem pelo tempo, mas pela imagem dos olhos sem vida do homem, gravados para sempre na minha memória.

Um nó se formou em minha garganta inchada. Engoli em seco, fazendo uma careta pela dor.

Eu estava me desfazendo. Partindo em pedaços. Mas doía demais chorar, então dei outro gole e respirei fundo.

Faze estava deitado em meu quadril, e o espaço do outro lado estava vazio. O lado de Ransom.

Estranho que Ransom só passara uma noite nessa cama, mas o

espaço já era dele.

Onde ele estava? Depois do ataque, Tillia enviou um grupo de guerreiros para encontrá-lo, mas eu não tinha ideia de quanto tempo isso levaria.

Eu sabia que ele estava ocupado caçando aquela matilha implacável. Mas queria que ele estivesse ali. Queria me enroscar em seus braços e sentir seu calor. Precisava contar para alguém sobre os delírios do homem e queria que esse alguém fosse Ransom.

Faça parar. Faça parar de queimar.

Jurei servir ao rei e queimar e queimar e queimar.

Mate-a. Mate-a. Mate-a.

Eu? Por que Ramsey desejaria me matar? Ou o homem estava apenas delirando? Será que a lyssa afetara tanto seu cérebro que nada que falasse faria sentido?

Minha dor de garganta pareceu se espalhar e formou uma dor de cabeça latejante.

— Quer o chá que os curandeiros mandaram?

O chá era para aliviar a dor e me fazer dormir. Queria evitá-lo para estar acordada quando Ransom voltasse. Bom, mas se eu estivesse dormindo, Tillia poderia explicar tudo.

Fiz que *sim* com a boca, massageando a cabeça. Mas antes que Tillia pudesse buscar a chaleira, segurei seu pulso.

— Preciso de dois chás.

Sua expressão ficou confusa, mas, quando meu olhar desceu para minha barriga, ela entendeu qual era o outro chá que eu precisaria tomar antes do fim do dia.

— Você tem algum?

Apontei para a penteadeira.

Ela foi até a gaveta, encontrou as ervas contraceptivas que Margot tinha mandado comigo de Quentis e as levou consigo ao sair do quarto.

Relaxei e fechei os olhos enquanto era tomada por uma nova onda de exaustão.

Minha curandeira, Geezala, ajudara Tillia a me trazer para a suíte para que eu pudesse descansar.

Depois de uma rodada extra de emplastros e compressas, Geezala voltou para a enfermaria e me deixou ali com o chá e o olhar cuidadoso de Tillia.

Passos suaves atrás da porta me fizeram abrir os olhos, pensando que encontraria Tillia. Em vez disso, foi Luella quem entrou, as saias farfalhando enquanto se aproximava.

— Ah, Odessa. — Ela se sentou na beira da cama, a expressão preocupada enquanto me puxava para um abraço firme. — Você está bem.

Não era uma pergunta. Era uma promessa.

Eu estava bem. Aguentaria aquilo. Sairia mais forte do que antes.

Eu nunca tinha abraçado Luella. Ela tinha um abraço caloroso. Um abraço de mãe. Seus ombros eram fortes. Ombros nos quais crianças choravam.

Eu não sentia falta de Margot. Mas, nesse momento, senti. Ela não era uma pessoa amorosa e acolhedora, mas era o mais próximo que eu tive de uma mãe. E eu precisava de um abraço de mãe. Então roubei um de Luella, agarrando-me a ela enquanto as lágrimas ameaçavam voltar, mais fortes do que antes.

As rachaduras foram se abrindo. Cada vez maiores. Não demoraria até que isso acontecesse.

— Respire — ela murmurou.

Inspirei fundo pelo nariz, o ar queimando enquanto enchia meus pulmões. Depois, expirei enquanto ela acariciava minhas costas.

— De novo. E de novo. Continue respirando para lembrar que consegue.

Era exatamente o que eu precisava ouvir. Respirei mais algumas

vezes abraçada em Luella. Tillia entrou e deixou duas xícaras de chá para nós, depois saiu e fechou a porta.

— Melhor? — Luella me soltou e tirou o cabelo do meu rosto.

— Sim — respondi. — Obrigada.

— Tente não falar se não precisar. — Seus olhos se suavizaram. Olhos de um verde-floresta intenso que me eram familiares.

Ela levou a mão ao meu pescoço, o toque suave enquanto passava os dedos na minha pele. Uma expressão de preocupação se formou em seus lábios.

— Você vai ficar com hematomas por uma semana ou duas. Seus olhos vão ficar escuros. Mas o sangue neles vai sumir. E seu corpo vai sarar. Mas leva tempo. Infelizmente, não existe uma recuperação rápida para isso.

Enquanto ela apalpava meu pescoço, observei seu rosto. O cabelo chocolate sedoso. Os olhos verdes tão familiares. Quando conheci Luella, sua postura segura e imponente me fez lembrar de Margot.

De uma rainha.

Ransom podia até se parecer com Ramsey.

Mas a mãe também havia lhe passado alguns traços.

— Você é a mãe dele — sussurrei.

Seus olhos se ergueram para os meus, as mãos ficando imóveis.

— Você é a mãe de Evie.

Os dedos de Luella se afastaram, pânico fazendo seus olhos arregalarem.

— Ele contou para você.

A traição, o tremor aterrorizado em sua voz, deixou esse dia ruim ainda pior.

— Não. Não contou. Eu deduzi... Desculpa. — Por mais que doesse falar, não podia ficar quieta. — Saiba que vou guardar seu segredo. E de Evie. Não quero que pense que precisa tirá-la daqui.

Ela engoliu em seco, baixando os olhos.

— Ellder é a fortaleza mais distante de Allesaria.

Guardei essa informação para o meu mapa.

— Na primeira vez que vim aqui, estava grávida de Ransom. Na segunda, ele era apenas um bebê. Era sempre um tormento a viagem. O caminho era horrível, então pedi a Ramsey que nunca mais me trouxesse. Ele achou que eu considerava esse lugar primitivo demais para uma rainha. Que eu precisava dos luxos da cidade, que odiava aqui. Na verdade, só era mais fácil respirar quando não estávamos fechados numa carruagem por dias a fio, sem nada além do seu amor sem fim.

Luella se virou para a janela aberta, olhando para a luz suave do crepúsculo.

— Sei como isso soa estranho. A maioria das mulheres faria qualquer coisa pelo amor incondicional de um rei. E amei Ramsey, à minha maneira. Ele era meu amigo. Meu companheiro. O pai dos meus filhos. Mas o coração tem seus limites. E eu já havia entregado o meu muito antes de conhecer Ramsey. A...

— Mikhail — sussurrei quando ela parou de falar.

— Meu pai adorava Mikhail. Mas, como Mikhail era de Ozarth, ele não aceitou nossa relação. Não para casamento. E, por muito tempo, tempo demais, a opinião do meu pai era tudo que importava.

Por isso ela desistiu de Mikhail e se casou com Ramsey.

— Não sou mais a pessoa que era — Luella continuou. — Tudo que importa agora são meus filhos. Farei o possível para proteger os dois. Ramsey vai me encontrar mais cedo ou mais tarde. — Havia um vazio em sua voz. Uma resolução triste de que não poderia fugir dele para sempre. Talvez ela estivesse certa. — Mas, até lá, quero passar todos os dias que puder com Evie. Ela ama a floresta. Ama a terra bruta e selvagem. É igual Ransom nesse sentido. É destemida. Talvez eu possa levá-la para velejar um dia, se tiver sorte. Deixar que sinta a brisa salgada no rosto enquanto parte rumo ao desconhecido. Dar a ela a liberdade pela qual não lutei.

— Por que não a leva embora?

— Ela não é minha única filha.

Luella não deixaria Ransom. Eu já imaginava, mas isso aumentou ainda mais meu respeito por ela. Por mais que ele fosse um adulto, ela ainda era sua mãe.

— Beba seu chá. — Ela me entregou a xícara e, com isso, entendi que nossa conversa acabara.

O líquido já estava frio, mas ainda era um alívio para minha garganta irritada. Eu tinha tomado as duas xícaras quando um estrondo alto veio da sala.

— Deve ser meu filho. — Luella se levantou, ajeitando a saia. Pegou as xícaras vazias, sem parecer surpresa quando ele praticamente arrombou a porta do quarto.

O cabelo dele estava desgrenhado como se tivesse cavalgado por horas. Seu rosto era duro; seus olhos, metal líquido. A raiva que ele tanto controlava estava solta, emanando de seu corpo.

— Acalme-se, Ransom — Luella falou.

— Ela quase foi assassinada hoje.

Ela estava bem ali, viva e não exatamente bem, mas... viva.

Antes que eu pudesse dizer isso, porém, as sobrancelhas de Luella se arquearam. A expressão era a cara de Ransom.

— Zavier Ransom Wolfe. Acalme-se. Agora. Ou saia desta suíte.

Nossa, como eu não percebi isso antes? Se eu já não tivesse notado as semelhanças, aquele olhar e aquela maneira repreensiva teriam dado conta.

A respiração dele ficou pesada, mas ele precisava daquele alerta: um comando de rainha, de mãe. Ele abriu os punhos. Seu peito subiu e desceu com uma respiração profunda. E o avelã assumiu o lugar do prateado em seus olhos.

— Melhor. — Luella lançou um longo olhar de canto enquanto ele se aproximava de mim.

Ele se abaixou para me dar um beijo na testa.

— Descanse. Nos vemos amanhã.

— Não quero que Evie me veja assim.

— Você não deveria estar falando — Luella repreendeu.

— Não fale — Ransom rosnou ao mesmo tempo.

Apesar do dia, dos horrores, sorri.

E esse sorriso fez os olhos de Ransom ficarem verdes.

Ele se aproximou da cama enquanto Luella saía do quarto. Cheirava a cavalo e vento e suor. A uma cavalgada louca e intensa.

Eu me deitei nesse cheiro, colocando o nariz em seu peito enquanto ele me envolvia nos braços.

Uma mão ficou aberta em minha lombar. A outra foi enterrada em meu cabelo enquanto ele me cheirava.

— Eu deveria estar aqui.

— Estou bem — sussurrei.

Agora que ele estava ali, eu estava bem.

Seus braços me apertaram, puxando-me tão perto que Faze se contorceu entre nós, soltando um grunhido.

Ransom o pegou e passou por cima do meu quadril. Mas, em vez de colocá-lo no chão como imaginei, pousou o monstrinho no meu travesseiro.

Eu não precisaria de travesseiro naquela noite. Dormiria no peito de Ransom.

Se conseguisse dormir.

— Matei um homem hoje.

Ele soltou o ar e deu um beijo na minha cabeça.

— Sinto muito.

Mesmo com ele ali, as rachaduras não paravam de crescer e crescer e crescer.

— Você se lembra da primeira pessoa que matou?

— Sim. Eu tinha dezesseis anos. Era o padrasto de Zavier.

Me afastei um pouco para conseguir ver seu rosto.

— Sério?

— Sim

— Pode me contar?

— Melhor você descansar.

— Por favor? — Eu estava desesperada por uma distração. Para saber que não estava sozinha nesse sentimento.

Ransom franziu a testa, mas cedeu.

— O verdadeiro pai de Zavier morreu quando ele tinha três anos. Depois do período de luto da minha tia, meu avô arranjou um casamento com o filho de um nobre. Horace. Ele era um monstro. Eu e Zavier aprendemos a lutar com ele. Foi ele quem sugeriu que Zavier fosse meu sósia quando éramos meninos. Meu pai concordou. E Horace adorava ver o enteado sendo exibido como um príncipe. Tanto que quis que virasse realidade.

— Ele tentou matar você — concluí.

— Shh — ele murmurou, levando um dedo aos meus lábios. — Sei que você fica agoniada se passa mais de dez minutos sem fazer uma pergunta, mas juro que vou contar toda a história.

Revirei os olhos, mas fiquei ouvindo.

— No dia em que o matei, Horace tinha nos levado para caçar cervos na floresta. Mandou Zavier para um lado, eu para outro. Depois veio atrás de mim e tentou me empurrar de um penhasco. Quase conseguiu. Mas ele não era o único que me ensinava a lutar. Eu o acertei com uma adaga que escondera na boca. Enfiei em seu crânio, por baixo do queixo. Ainda há noites em que vejo seu rosto. Em que me pergunto se não havia mesmo outra forma. Você nunca esquece. Só o que pode fazer é seguir em frente.

Eu queria esquecer. Queria apagar da mente o rosto daquele homem.

Queria saber quem ele era antes da lyssa.

Era um marido? Um pai? Alguma família em algum lugar de Turah lamentaria sua morte? Como ele se chamava?

O nó na garganta e o ardor das lágrimas voltaram. E dessa vez eu

não conseguiria impedir que as rachaduras se abrissem.

O primeiro gemido escapou, tão visceral, tão cheio de dor, que quase gritei. Depois vieram as lágrimas como um dilúvio, escorrendo por meu rosto enquanto soluços atravessavam meu peito.

— Estou com você — Ransom murmurou. — Não vou te deixar.

Ele não deixou.

Tudo seria diferente agora. Eu tinha mudado para sempre. Com aquela adaga, cortara uma parte de mim. Poderia até lavar o sangue das minhas mãos, mas o sentiria até o fim dos dias.

Por escolha ou não, eu era uma assassina.

Ransom me abraçou como se pudesse absorver a dor do meu corpo. Ele me abraçou enquanto eu lamentava a vida que tirara. Enquanto lamentava a morte da mulher que era até hoje. Ele me abraçou até as lágrimas finalmente cessarem, até o fogo que ardia em minha garganta deixá-la dormente.

Ele me abraçou até eu adormecer.

Até um novo dia raiar.

Até as rachaduras que eu achava que seriam parte de mim começarem a fechar.

55

— Ransom — murmurei, traçando a linha forte do seu nariz. Havia um pequeno calombo na parte de cima que tremia sob a ponta do meu dedo.

Era um dos muitos traços do rosto do meu marido que eu descobrira nas últimas duas semanas. Seus cílios eram negros como a noite e suaves como plumas. Seu pomo de adão se encaixava perfeitamente em meus lábios. Ele gostava de dormir com a janela aberta, deixando entrar o ar fresco da noite, e eu só não morria de frio porque ele me mantinha aconchegada, envolta em seu calor até o nascer do sol.

— Ransom.

Ele resmungou, os olhos fechados.

Beijei embaixo do seu queixo, na barba escura áspera.

Suas mãos deslizaram por minhas costas nuas, encontrando os fios do meu cabelo e os entrelaçando nos dedos.

Os pelos de seu peito fizeram cócegas em meus mamilos enquanto ele me puxava, apertando nossos corpos, eliminando qualquer espaço entre nós.

Nossas pernas estavam enroscadas embaixo dos lençóis. Espalmei uma mão sobre seu peito enquanto a outra envolvia a curva firme de sua bunda.

Passamos inúmeras noites assim, enroscados em minha cama, nas duas últimas semanas. Na maior parte dessas horas eu descansei. Me curei. Ransom quase não se afastou, mal saiu de perto de mim enquanto eu me escondia do mundo.

Levou quase duas semanas para ele se convencer que eu não era feita de vidro. Que precisava ser beijada. Fodida. Quando falei na noite anterior que eu precisava ser tratada como se não estivesse quebrada, ele finalmente cedeu, venerando meu corpo com os dedos, a língua e o pau.

Foi a primeira noite desde o ocorrido em que dormi sem ter um pesadelo.

Meu corpo estava dolorido nos lugares certos, e eu queria mais.

Ransom gemeu quando beijei seu pescoço grosso. Seu pau estava duro e meu ventre latejava enquanto ele se roçava em meu clitóris.

Com um giro rápido, eu estava deitada de costas e imobilizada embaixo dele.

Minhas pernas envolviam seu quadril enquanto ele se encaixava em minha entrada e deslizava para dentro. Tão fundo que perdi o fôlego.

— Deuses. — Meu corpo se derretia e se moldava ao dele, envolvendo seu membro.

Nós nos movemos sem pressa nem urgência. Ele entrava e saía, os lábios e a língua e as mãos não deixavam nenhum centímetro do meu corpo intocado.

— Odessa — ele sussurrou em meu ouvido, levando a mão ao nosso ponto de conexão.

Eu pulsava em torno dele, meu coração acelerado enquanto ele traçava um círculo ao redor daquele amontoado de nervos. Minhas unhas se cravaram em seus ombros firmes.

— Ransom. Mais.

Ele roçou os dentes em minha orelha.

— Minha.

— Sua — murmurei, meu corpo começando a tremer.

Na noite anterior, transamos forte. Ele levou meu corpo a novos patamares, empurrando-me para o limite, para então me puxar de volta, prolongando aquilo por horas até eu implorar para gozar. A noite passada foi sobre prazer. Sobre libertação.

Mas nessa manhã preguiçosa era diferente. Importante. Era sobre a sensação de estarmos juntos. Sobre as palavras que nenhum de nós estava pronto para dizer.

Ele acertou o ponto que me fez perder o fôlego. Era como se a força do seu corpo invadisse o meu — a energia, a resiliência. Ele movia o quadril, unindo nossos corpos em estocadas longas e lânguidas, até eu me desfazer.

Cobriu minha boca para abafar meus gemidos e afundou o rosto em meu cabelo volumoso.

Fora dessas paredes, fora da janela aberta, os turanos achavam que eu era casada com Zavier.

Dentro delas, eu pertencia a Ransom.

Gozamos juntos, abraçados, e ficamos moles, ofegantes.

Ele se apoiou nos cotovelos, tirando a maior parte do seu peso de cima de mim, e me contemplou com olhos que brilhavam em todos os tons de verde.

Como toda manhã, o verde não durou. Seu olhar se voltou para o meu pescoço, e seus olhos pareciam assumir o amarelo das manchas da minha pele, ficando cor de avelã.

Os cantos de sua boca se curvaram para baixo.

Mesmo quando os hematomas desaparecessem, eu duvidava que ele voltaria a olhar para o meu pescoço sem aquela sombra de tristeza nos lábios.

Passei a mão por seu cabelo, puxando os fios até ele encontrar meu olhar.

— Não foi culpa sua.

Ele me abriu um sorriso triste antes de dar um beijo no meu

pescoço.

— Foi culpa minha.

Seu suspiro fez cócegas no meu pescoço, e Ransom saiu da cama e foi pelado até a janela para fechá-la.

Eu me apoiei no cotovelo, aproveitando o momento para observar sua silhueta perfeita enquanto ele andava até o banheiro. Saí da cama, vesti um robe e me sentei na penteadeira, puxando a gola para revelar minha pele.

Os hematomas estavam desaparecendo rapidamente. Graças aos emplastros, chás e compressas de ervas da curandeira Geezala, as manchas tinham ido do preto e do roxo para o verde e agora para o amarelo. Algumas marcas desapareceram completamente. Meus olhos não estavam mais vermelhos, e eu não tinha mais olheiras.

Os horrores daquele dia estavam desaparecendo com os machucados, mas o peso dos acontecimentos permaneceria. Por anos e anos.

Ransom voltou, fechando a calça. Aproximou-se da penteadeira e colocou as mãos nos meus ombros. Um olhar distante tomou conta da sua expressão, como se ele não estivesse olhando para mim, mas para o passado.

Para a mãe. Para os hematomas que ela exibiu depois do ataque de Ramsey.

— Ransom. — Pousei minha mão sobre a dele. — Conversa comigo.

Ele piscou devagar e soltou a mão.

— Quer que eu encha a banheira?

— Depois. — Esperei que ele saísse do quarto para me levantar e começar minha rotina matinal.

Depois que meu cabelo estava penteado e trançado, vesti uma túnica e uma calça, depois enrolei um lenço ao redor do pescoço. Quando cheguei na sala, Ransom estava abrindo a porta para Zavier.

Ele vinha toda manhã para saber da minha recuperação. Para representar o papel de marido atencioso. Para ter conversas sussurradas com Ransom na varanda enquanto eu tentava escutar.

Zavier entrou, o diadema brilhando sobre a testa. Só quando a porta se fechou ele fez uma reverência.

— Meu príncipe. Princesa.

Ele vinha ficando cada vez mais formal nas últimas duas semanas. As reverências. Os títulos. Algo estava mudando, mas, toda vez que eu comentava com Ransom, ele me dispensava. Me distraía com um beijo ou me levava para a cama.

Talvez eu devesse ter insistido numa conversa sobre o assunto, mas a verdade era que eu também precisava da distração.

Por duas semanas, tudo que eu queria era Ransom. Um tempo para parar de fingir e ficarmos juntos. Mesmo que significasse nos esconder na suíte.

Mesmo que significasse deixar Zavier preso em Ellder, mandando Halston para liderar os guerreiros em seu lugar nas caçadas para que, quando Brielle chegasse toda manhã para arrumar minha suíte, pensasse que ele era o homem que passara a noite na minha cama.

Era esse o jogo. A encenação de que todos éramos parte agora. Os personagens que representávamos.

Talvez, um dia, parássemos de fingir.

— Onde Evie está hoje? — perguntei. Ela normalmente vinha com Zavier para brincar com Faze antes das aulas.

— Está com Cathlin. Estão estudando o alfabeto, então, como pode imaginar, ela está de mau humor. Mas Tillia prometeu que a levaria para a área de treinamento mais tarde para treinar com o arco.

Evie provavelmente já seria a melhor arqueira de Ellder quando completasse dez anos. O arco e aljava de flechas que Zavier dera para ela eram seus bens mais preciosos.

— E Luella? — perguntei.

Zavier balançou a cabeça, trocando um olhar com Ransom.

Na manhã seguinte ao meu ataque, Luella saiu de Ellder. Sem dizer uma palavra a Ransom ou Zavier. Mas deixou um bilhete para Evie, prometendo voltar em breve.

Eu não sabia para onde ela tinha ido e, se Ransom sabia, não estava contando. Ao menos não para mim. Parecia tão interessado em falar da mãe quanto do homem que eu matara ou do fato de que ele tinha lyssa.

Ransom chamou Zavier para a varanda com um aceno de cabeça e, antes que eu pudesse dizer algo, os dois saíram.

— Merda. — Eu me afundei numa poltrona, pegando o livro que Cathlin trouxera no dia anterior.

Ela assumira as aulas de Evie e cuidava para que não me faltasse leituras durante a recuperação.

Abri na primeira página, mas as palavras começaram a se embaralhar. Era impossível me concentrar com as perguntas que exigiam minha atenção. Eu passara duas semanas ignorando o mundo. Permitindo-me sofrer. Adiando conversas importantes.

Duas semanas era tempo demais.

Faze saiu da janela da sala, onde antes estava cochilando, e se aproximou. Soltou um rugidinho ao se esfregar na minha panturrilha, depois pulou para o braço da poltrona e cravou as garras no tecido já destruído antes de se acomodar no meu colo.

— Hora de parar de se esconder, não?

Ele deu uma cabeçada na minha mão.

Tomei isso como um sim.

Na varanda, as vozes de Ransom e Zavier eram baixas, e o que quer que Zavier tinha vindo relatar, apenas deixava o maxilar de Ransom tenso.

Tentei me concentrar no livro, esperando que eles terminassem. Seria mais fácil tirar respostas de Ransom depois que Zavier fosse

embora.

O livro era como uma enciclopédia. As páginas estavam repletas de explicações e desenhos de diferentes folhas e raízes. Mas, ao contrário da maioria dos livros que Cathlin me trazia, esse mais parecia um diário do que um livro impresso. As páginas eram manuscritas, os desenhos traçados e coloridos à mão.

Voltei para a primeira página e não encontrei nenhum nome de autor ou ilustrador, e as últimas vinte e poucas páginas estavam em branco, sem preencher.

Era um registro. Um diário não muito diferente do meu, mas, em vez de desenhos de monstros, esse era sobre plantas.

Folheei as páginas, passando os olhos por desenhos e anotações. Mas parei no meio do livro.

Gengibre-da-caverna

Ergui o livro, estreitando os olhos para ler a inscrição.

Natural de Ozarth. Colhido em pântanos.
A casca externa exala um cheiro rançoso,
mas ao ser descascada, a polpa pode ser
ralada e seca com cristais de açúcar
(normalmente vendida como doce). A
casca costuma ser descartada. Quando
fervida e fermentada, a polpa pode ser

usada como pigmento. Quando ingerida, acredita-se que tenha propriedades curativas. Os jacarandos trocam de pele nos pântanos. Talvez seja absorvida pela casca?

Testes: ~~Limitados~~ Extensos

O desenho mostrava a casca externa da planta, que mais lembrava uma baga, de um verde tão escuro que quase chegava a ser preto.

Meu estômago se revirou. Eu conhecia aquela cor.

O desenho na página oposta era de um pântano. A anotação sarcástica na base parecia uma que eu teria escrito:

Nenhuma caverna por perto. Quem foi que inventou o nome dessa planta?

Quem escreveu esse livro? Eu o fechei, voltando a analisar a capa e a contracapa. Não havia nome algum. Talvez eu não precisasse de um.

Em vez disso, me vi de volta à masmorra de semanas antes. Escutando outra conversa.

São livros, Lu. Estou dando algo para a coitada ler. Só isso.

Luella alertou Cathlin naquele dia. E, quando voltei na masmorra, ela estava vazia.

Mas Cathlin continuava me trazendo livros. Continuava me abastecendo com seu acervo secreto. Se eu tivesse que adivinhar, diria que era sem o conhecimento de Luella.

Por quê?

Por quê? Por quê? Por quê?

Passei duas semanas sem perguntar por quê. A trégua acabou.

Fechei o livro, o coloquei de lado e acariciei as costas de Faze. Algumas escamas já estavam maiores do que a unha do meu polegar. Estavam mais fortes também, mais duras e mais espessas a cada dia. Sua pelagem estava mudando aos poucos, listras suaves aparecendo ao longo das costelas.

Como eu o deixaria ir? E se fosse morto por outro predador quando o soltássemos? E se fosse mordido e infectado com lyssa?

Precisávamos encontrar uma cura. Devia haver uma origem. Alguém criara aquela atrocidade. Mas quem?

Havia um incômodo no fundo da minha mente. O começo de um pressentimento. Mas eu não conseguia encontrar sentido. Era um emaranhado de peças confusas, e eu não sabia como organizar todas na ordem certa.

Será que as respostas estavam bem na minha frente? Estavam bem debaixo do meu nariz e eu estava absorta demais por Ransom, Turah e as ordens do meu pai para ver o que era óbvio?

Todos os livros que eu tinha lido, todas as histórias, todas as lendas, pareciam se enroscar em minha mente. Comecei a puxar os fios, como cachos rebeldes, organizando-os em fileiras. Formando uma trança.

Allesaria. Ozarth. Laine. Gengibre-da-caverna. Jacarandos. Korakin. Fenek.

Magia.

Inferno, o que eu não estava vendo? Fechei bem os olhos, massageando as têmporas.

A mão de Ransom no meu ombro me tirou dos meus

pensamentos.

— Ei. Você está bem?

Não. Não, não estava bem. Nem um pouco.

— Odessa. — Ele se ajoelhou na minha frente, rugas de preocupação marcando sua testa. — O que foi?

— Precisamos conversar sobre o homem que matei — falei. Eu não sabia bem por que parecia importante, mas aquela era mais uma peça. Mais um fragmento que estava, de alguma forma, conectado.

— Não. Não quero que você reviva aquilo...

— Não estou pedindo, Ransom.

Ele franziu a testa, duas linhas se formando entre as sobrancelhas.

Levantei o dedo e alisei as linhas.

— A pele dele estava tão quente que doía ao toque. O corpo dele estava *fumegando*. O sangue não era vermelho, e havia espuma nos lábios dele. Os olhos dele ficaram brancos, e ele parecia aliviado por finalmente morrer.

Era isso que aguardava Ransom? Era esse o tormento que o sumo sacerdote voster evitava com suas visitas para extrair a infecção de Ransom?

— Ele tinha lyssa. Matei aquele homem e mereço saber por que ele tentou me matar.

O maxilar de Ransom se tensionou e ele ficou em silêncio.

Ele não me responderia, não é? Me manteria ali, presa onde achava que eu estaria segura e não me contaria porra nenhuma.

Abri a boca, prestes a dar vazão a uma fúria digna do tom infernal de Izzac, quando Ransom olhou para Zavier.

— Conte para ela — Ransom pediu.

Zavier franziu a testa, mas obedeceu.

— Sim, ele tinha lyssa. E não, nunca notamos o corpo de um monstro infectado ficar tão quente quanto aquele. Já vimos os

olhos opacos e a espuma, mas não o calor. Achamos que afeta os humanos de forma diferente do que os monstros. Perto do fim.

Perto do fim. Ou seja, perto da morte.

— Por que ele me atacaria?

— Não sei. — Zavier passou a mão no queixo. — Não há muito o que descobrir. Lamento.

Ok. Eu o matara, e eram poucas as respostas que se poderiam obter de seu cadáver.

— Que tipo de monstro o infectou? Conseguiram identificar pela cicatriz da mordida?

Zavier hesitou.

— Ele não tinha cicatriz de mordida.

— Mas tinha lyssa. Como é possível? — A resposta era mais uma peça, não? Mais um fio para desembaraçar e puxar e entrelaçar com os outros. Mais uma parte que faltava do grande quebra-cabeça.

— Havia marcas recentes de injeção no braço dele. — Zavier estendeu o dele, apontando para a pele macia na parte interna do cotovelo. — Aqui.

Os curandeiros usavam ossos ocos de passarinhos para ajudar a injetar medicamentos.

Ou venenos.

— Quem quer que tenha criado a lyssa não está apenas infectando monstros. — Não mais.

Ransom poderia matar todos os monstros de Turah. Todos os monstros do continente. Mas não faria diferença até a pessoa responsável por ela ser eliminada.

— Por que alguém...

Não consegui terminar a pergunta. Não precisava. A resposta estava ajoelhada diante de mim.

Por que alguém infectaria humanos com lyssa?

Por causa do Guardião.

Porque ali estava uma pessoa quase impossível de um homem ou um monstro matar.

— Quem quer que tenha infectado aquele homem com lyssa sabe que você a tem. Está tentando transmitir para outros. Para recriar você.

Ransom assentiu.

— Quando descobriram isso?

— Só depois do seu ataque — ele falou. Ele sabia e escondeu de mim por duas semanas.

— Deveria ter me contado.

Seus olhos se suavizaram e desceram para meu pescoço.

— Consegue entender por que não contei?

— Sim. — Soltei o ar. Porque precisava de duas semanas para me curar. — O homem que matei. De onde ele era?

A respiração de Ransom se acelerou.

— Allesaria.

Puta que pariu. Tudo sempre voltava para aquela cidade escondida. A cidade que guardava a riqueza do conhecimento turano. A cidade proibida para forasteiros. A cidade atrelada a juramentos de sangue e magia.

A cidade dos vosters.

Allesaria. Ozarth. Laine. Gengibre-da-caverna. Jacarandos. Korakin. Fenek.

Magia.

Os fios estavam se desembaraçando. As peças se juntavam, formando uma imagem difusa. Uma ideia.

— Preciso... — De mais. Eu precisava de mais peças. Então me levantei e Faze resmungou, virando-se para cair em pé no chão.

— Do quê? — Ransom estava ao meu lado, a mão no meu cotovelo.

Eu já estava me dirigindo para a porta.

As botas de Ransom e Zavier ecoaram na passarela e na escada

atrás de mim, ambos me seguindo para o térreo. Para a sala onde Evie tinha suas aulas diárias.

— Odessa? — Os olhos de Cathlin se arregalaram ao me ver entrar apressada.

— Preciso falar com você.

Evie olhou para todos nós, sentindo a tensão e apertando a borda da mesa.

— Papai?

Zavier passou por mim, pegando a filha no colo.

— Vamos dar uma volta.

Ela se agarrou a ele e os dois foram para fora.

Ransom pousou a mão na minha lombar.

— Odessa, o que está...

— Tenho um pressentimento — falei para Cathlin. — E acho que é por causa de você que eu tenho esse pressentimento.

Ela engoliu em seco e se levantou.

— Não sei do que está falando.

— Cathlin. — Meus olhos eram suplicantes. — Há quanto tempo você sabe que o rei está infectando os soldados com lyssa?

O corpo de Ransom ficou rígido, a mão nas minhas costas apertando a túnica. Mas ele ficou em silêncio, dando um tempo para Cathlin, que fechou os olhos, baixando os ombros.

Parte de mim sabia que ele desconfiava disso. Mas a outra parte sabia que ele não queria pensar isso do próprio pai. Que acreditava que não havia nada a temer em Allesaria. Que o sumo sacerdote jamais esconderia algo assim dele.

E essa suspeita, esse pressentimento, significava abrir mão do último resquício de confiança que ele tinha no pai.

E toda a montanha de confiança que depositava nos vosters.

— É essa a milícia dele — falei. — O motivo de os soldados saírem de casa e nunca mais darem notícias. Ele está tentando replicar o Guardião. Criar homens com poderes que possam ter

alguma chance contra os crux. Mas não está funcionando. A lyssa está matando os homens.

O silêncio que se seguiu era tão denso que fiquei com dificuldades para respirar.

— Cathlin — Ransom rosnou. — Fale alguma coisa.

Meu coração disparou. Por que Cathlin não concordava comigo, mas também não dizia que eu estava redondamente enganada? Por que me apontar na direção certa e depois não falar nada?

Meus olhos se arregalaram. Mais uma peça do quebra-cabeça se encaixava.

— Ela não pode. Fez um juramento de sangue. — Peguei a mão dele, entrelaçando nossos dedos. — Por isso ela vem me passando informações de outro jeito. Livros e diários. Ideias e lendas. Para que eu juntasse as peças e fosse eu quem contasse a verdade para você, já que ela jurou guardar segredo.

Cathlin olhou para o chão e assentiu, os ombros caindo com tanta força que quando cruzou os braços, parecia que eles poderiam cair no chão.

— Quem? — Ransom questionou. — Quem obrigou você a guardar esse segredo?

O silêncio pesado fez minha pele se arrepiar. Por que Cathlin não estava nos contando? Quem a fizera jurar segredo? Não podia ser o rei Ramsey. Ela jamais trabalharia com ele. Então quem?

Mas, antes que eu pudesse perguntar, houve um barulho à porta, e a madeira maciça se abriu.

Todos os olhares se voltaram ao mesmo tempo para Luella quando ela entrou.

Ela usava um lenço sobre o cabelo escuro e ao redor do pescoço. Um casaco, pesado e forrado de pele, cobria seu corpo. Quando nos viu, ficou paralisada, os olhos se arregalando. Suas bochechas estavam coradas, uma camada de suor sobre a testa, como se tivesse corrido de onde quer que estivesse escondida.

E, na mão, tinha um pote cheio de bagas.

Bagas com a casca verde. Um verde tão escuro que chegava a ser preto. A mesma cor da lyssa.

Gengibre-da-caverna.

Eu não tinha nenhuma prova de que era um ingrediente usado para aquela infecção horrível. Nada além do cheiro, da cor e de um pressentimento. Mas estávamos num ponto em que as coincidências deixavam de ser coincidências. E um pressentimento se revelava verdadeiro.

Por que Luella carregaria um pote de gengibre-da-caverna? A menos que...

As pistas não eram feitas para me levar a Ramsey. Ele não era a pessoa com as respostas.

Meu olhar se voltou para Cathlin, mas ela não estava olhando para mim. Olhava para Luella, as bochechas coradas de culpa.

As peças, as sementes que Cathlin plantou, os fios que entrelaçou, foram se encaixando. A caligrafia feminina no livro sobre testes extensos com gengibre-da-caverna. A única aula que Evie amava ser ciência com Luella.

— É você — sussurrei, o estômago revirando ao me voltar para Luella.

Ela sabia o "como" sobre lyssa. Como tudo começou.

Segurei com firmeza a mão de Ransom. Aquelas duas linhas entre suas sobrancelhas voltavam a se formar.

— O que você quer dizer? — ele perguntou, olhando para mim, depois para Luella. — Você está trabalhando com meu pai?

Não, ela não se aliaria a Ramsey. Não depois de tudo que ele fez. Mas, de alguma forma, fazia parte disso. Eu sentia isso no fundo do meu ser.

Luella era mãe, antes de tudo. Poderia estar morando do outro lado do continente, longe com Evie. Mas não quis deixar Ransom. Faria de tudo por ele, para protegê-lo.

Deuses. Minha cabeça girava. Segurei Ransom com mais firmeza.
— Acho que quem tem uma história para contar é sua mãe.

56

Luella se virou para a porta, mas, antes que pudesse fugir, Ransom a deteve com uma única palavra.

— Mãe.

Ela se virou devagar, segurando o pote de gengibre-da-caverna. Levou um momento para encontrar os olhos dele. Quando o fez, as lágrimas já escorriam.

— Não era para ter chegado tão longe.

— O que você fez? — ele perguntou, apertando minha mão.

Eu precisava mais da resposta do que da minha respiração.

E era a última coisa no mundo que eu queria ouvir.

— Lu — Cathlin sussurrou. — Acabou.

Luella balançou a cabeça, o cabelo escuro balançando sobre os ombros.

— Preciso de mais tempo. Vou achar uma maneira de desfazer isso.

Cathlin se afundou na cadeira como se já tivesse ouvido aquilo cem vezes antes. Argumentado o contrário outras mil.

— Entre. Conte a verdade para eles.

Luella ficou pálida, mas fechou a porta e atravessou a sala, sentando-se ao lado de Cathlin.

Ransom estava rígido, imóvel, até eu apertar sua mão, puxando-o

para a mesa.

O arrastar de cadeiras no chão ressoou alto no silêncio. A madeira rangeu sob nosso peso.

Luella estava com uma bolsa amarrada ao corpo. Colocou o gengibre-da-caverna na mesa e puxou a bolsa para o colo, abraçando-a com força.

— Não temos nenhuma chance contra os crux. Vamos morrer tentando enfrentá-los. E não vou perder meus filhos para os tons em algum abrigo subterrâneo onde vão apodrecer por semanas e semanas.

Foi dessa forma que sua família morreu. Então tudo começou com uma boa intenção, não? Do amor de uma mãe.

Luella secou os cantos dos olhos e pigarreou, endireitando a postura.

— Precisamos ser mais fortes para sobreviver a uma migração.

— Mãe. — Os punhos de Ransom bateram na mesa com tanta força que o pote de gengibre-da-caverna quase tombou. — O que você fez?

Ela o encarou, firme e desafiadora.

— Não vou perder você. Não posso perder Evie. Não vou. Fiz o que pensei que manteria vocês seguros e vivos.

— Vivos? Você criou a lyssa. E agora ela está me matando. — Ransom empurrou a cadeira, que saiu deslizando para trás. Ele bateu com a mão no peito, onde veias escuras serpenteavam.

O peito sobre o qual eu dormia toda noite. As veias que toda manhã eu rezava para desaparecerem. Ele apoiou as mãos na mesa, abaixando-se até ficar a centímetros do rosto dela.

— Consigo senti-la sugando a vida deste corpo a cada golpe da espada, cada batida do coração.

— Desculpa. Não queria que isso acontecesse. Se eu soubesse... — Seu queixo tremia. — Posso desfazer isso. Vou encontrar uma cura.

Ransom torceu o lábio.

— Não existe cura.

— Mas e se existir? — Coloquei a mão em seu braço. — Por favor. Sente-se. Vamos ouvi-la.

Havia algo mais naquela história. Talvez, se Luella preenchesse algumas das lacunas, as peças que faltavam, conseguiríamos encontrar um caminho para a cura. Eu nutria a esperança de que poderíamos impedir que a lyssa matasse Ransom. Recusava-me a perdê-lo para a infecção.

O corpo de Ransom vibrava de raiva, de mágoa, os olhos prateados. O monstro tentava tomar o controle.

— Por favor — implorei, com o coração na garganta.

Ele rangeu os dentes, mas recuou. Não para sua cadeira, mas para o outro lado da sala, encostado na parede, com os braços cruzados enquanto ouvia.

— Você criou a lyssa? — perguntei a Luella.

Ela engoliu em seco.

— A lyssa é mágica. E eu não. Mas Calandra tem magia. Basta olhar para os olhos diferentes nesta sala.

E se a magia fosse além do solo? Além da cor dos olhos e da magia voster?

— Acredito que os monstros de Calandra são parte dessa magia — Luella falou. — E passei anos aprendendo a extrair esse poder deles.

Extrair o poder de um monstro?

— Como?

Luella pegou o pote e passou o dedo pela borda.

— A ciência é uma magia a seu modo.

— Seja clara — Ransom ordenou.

Ela respirou fundo.

— O próprio *ser* do monstro tem magia. Eles são extraordinários. Mais fortes. Mais rápidos. Melhores em todos os sentidos. Acredito

que deixam rastros dessa magia no mundo. — Sua voz era um sussurro, como se tivesse medo de falar isso em voz alta. — Por isso, nós tentamos usar esses rastros para deixar o corpo de todo mundo menos suscetível a doenças. Para ter força para se curar.

— "Nós"? Isso significa que trabalhou com os vosters. — Eu sabia. Sabia, porra. Eles estavam por trás disso desde o começo.

— Não — ela respondeu. — Meus alquimistas.

— Ah. — Poxa. — Mas os vosters são as únicas criaturas que têm magia.

— São? — ela ponderou. — O que os vosters são senão outros seres? Há quem os considera monstros.

Eu. Eu os considerava monstruosos.

— Os vosters simplesmente sabem usar seus poderes. Os monstros, não. Mas isso não significa que a magia não corra por suas veias. Por pele, osso, sangue e saliva.

— Mãe. — Ransom rosnou, sua paciência por um fio. — Quero saber como você criou a lyssa. Por que fez isso?

— Lu. — Cathlin estendeu um braço na direção de Luella, mas sem tocá-la. — Comece do começo.

Luella assentiu, endireitando-se, com as mãos apoiadas na mesa.

— Passei a juventude viajando por Calandra. Um dos meus lugares favoritos era Laine. Fiquei doente durante uma viagem e fui levada para os curandeiros de lá. Meu pai tinha assuntos de negócios para resolver em Genesis, então me deixou em Laine para me recuperar por um mês. Aquele período despertou minha curiosidade pela alquimia. Virou um hobby.

E provavelmente o começo de um diário que catalogava várias plantas.

— Fiz experimentos por anos — ela continuou. — Construí uma pequena oficina onde fazia chás de diferentes ervas e especiarias para testar como eu me sentiria tomando-as. Depois que conheci seu pai, meu hobby foi deixado de lado por um tempo.

Quando ela se mudou para Allesaria. Quando assumiu o papel de rainha. Quando os crux voaram e sua família morreu de forma agonizante.

— Comecei a me aproximar dos curandeiros de Allesaria quando estava grávida — ela falou. — Depois que você nasceu, depois que não era mais um bebê, eu tinha mais tempo livre. Os curandeiros me apresentaram ao melhor alquimista da cidade. Ele tinha uma pequena botica e me convidou para visitar quando quisesse.

— E você retomou seu hobby — falei.

— Sim. — Os dedos de Luella voltaram a acariciar o pote. — Naquela época, passava a maior parte do tempo na biblioteca. Colecionando livros. Lendo histórias e mitos sobre monstros. Comecei aquela biblioteca como uma forma de escapar. A alquimia era mais um refúgio.

— Do meu pai? — Ransom perguntou.

— Da minha vida — ela corrigiu. — Naqueles livros, encontrava as aventuras que me foram negadas. E então encontrei um que mudaria tudo. Era cheio de histórias que despertaram uma ideia. Não sei de onde surgiu aquele livro, mas o encontrei escondido na botica do alquimista e o peguei para mim.

Luella abriu a aba da bolsa e tirou o exemplar. Era encadernado em couro preto e tinha um fecho.

— Está escrito na língua antiga — Cathlin falou. — São histórias, quase como os sonhos de uma pessoa. Como as Noventa de Sonnet.

Luella acariciou a lombada do livro.

— Há uma história sobre a garra de um monstro que foi dada a um homem como presente por ter salvado a vida de uma fera. Quando a garra era pendurada no pescoço, o homem nunca mais sentia dor ou enfermidade. O dia em que a tirou e a deu para o filho foi o dia em que morreu.

Parecia um sonho. Uma história de ninar.

— Comecei a me questionar — ela falou. — E se pudéssemos ser

mais fortes? E se pudéssemos combater infecções? E se pudéssemos nos esconder por meses a fio e voltar iguais ao dia em que fomos para o subterrâneo?

— Então você estava buscando uma forma de deter uma infecção e acabou criando uma — Ransom ironizou. — Genial.

— Não — ela respondeu. — Não criamos a lyssa. Não no sentido que você pensa. Fizemos um elixir para aumentar as capacidades naturais dos humanos. Criamos poções e tônicos a partir de ingredientes relacionados aos monstros.

— Como o korakin? — O excremento de kavertão.

— O kavertão consegue ver quase perfeitamente à noite — Luella respondeu.

Como Ransom.

— E o gengibre-da-caverna? — Apontei para o pote.

— Os pântanos onde ele cresce são lar dos jacarandos. Quando eles trocam de pele, as partículas são absorvidas pelas cascas do gengibre. Um jacarando tem capacidades curativas incríveis. São quase impossíveis de ferir mortalmente. Para matá-los, é preciso cortar a cabeça.

— Então você usou partes de monstros diferentes para esse elixir. Mas o elixir não é a lyssa? — Minha cabeça estava começando a girar. O que eu não estava entendendo?

— Correto — Luella confirmou. — Criamos poções e tônicos que testávamos em nós mesmos. A maioria nos fazia vomitar. Alguns não tinham efeito algum. E outros pareciam nos tornar menos propensos a doenças. Levamos anos para formular algo que estávamos confiantes para usar fora da minha pequena equipe. Quando chegamos a esse ponto, pedimos a um curandeiro que o experimentasse num paciente à beira da morte. Era um homem que havia perdido a perna para um ursur, e a carne ao redor do ferimento começara a apodrecer. Ele não deveria ter sobrevivido com o estágio avançado do ferimento. Mas vive até hoje.

Ou seja, Luella e seus alquimistas criaram uma mistura a partir do trivial. Subprodutos de monstros para fortalecer corpos normais, para ajudar a combater infecções e doenças. Os vosters nunca sentiram a magia da lyssa em Allesaria porque a magia não existia. Pelo menos, ainda não. Ela criara apenas um remédio.

— Então qual é a ligação entre esse elixir e a lyssa? — Devia haver alguma conexão, certo?

O olhar de Luella se voltou para Ransom.

— Seu pai sabia que eu andava bastante com os alquimistas, mas não era um hobby com o qual se importava muito. Ele nunca me negou meus interesses, mas também não os apoiava tanto assim. Eu sabia que, se pedisse para dar a você o elixir, ele negaria. E eu precisava de você mais forte antes da migração.

— Então você me deu mesmo assim. — A voz de Ransom me causou um tremor involuntário. — Quando?

Luella ao menos pareceu envergonhada.

— Não muito antes de seu pai me encontrar com Mikhail. Foi naquele dia que você estava treinando e cortou a perna. Foi um corte horrível. Fiquei com medo que tivesse perdido sangue demais. Você estava inconsciente, então, quando meus curandeiros suturaram o corte...

— Você mandou que me dessem o elixir, esse pesadelo que você criou, sem meu consentimento. — O corpo de Ransom tremia, os olhos mais prateados do que nunca. — Por que funcionou em mim e em mais ninguém?

— Não funcionou em você.

Ele puxou a gola da túnica, mostrando as veias escuras.

— Você fez isso. E, em vez de me contar a verdade, me deixou acreditar por quatro anos que peguei a lyssa daquela mordida de barilobo.

— E pegou. — Luella se levantou da cadeira. — Eu acho.

— Você acha? — A voz dele ecoou pelas paredes.

— Ainda estou tentando entender. Não consigo explicar. Ainda. Mas aquela mordida transformou você. Dez pessoas tomaram o elixir e nenhum pegou a lyssa. Acredito que o elixir foi a magia fundamental para a lyssa, e a saliva do barilobo era a peça que faltava. Quando mordeu você, uma ligação se formou. Uma ligação entre homem, monstro e magia. Naquele dia, vocês dois criaram a lyssa, que não parou de se transformar desde então no corpo dos dois. O barilobo continua a espalhar a lyssa ao morder outros monstros, que depois mordem outros e assim por diante. E você recebeu habilidades que ultrapassam as de um homem normal.

— Deuses. — Eu me levantei, sem conseguir ficar sentada. Coloquei a mão sobre a boca quando a compreensão me invadiu com tanta força que fiquei enjoada.

Mesmo do outro lado da sala, sabia a mágoa que Ransom sentia.

A lyssa nasceu de dois seres.

Um barilobo. Um monstro caolho.

E Ransom.

— Aquele barilobo nunca foi o começo. — A voz dele embargou. — Fui eu. Eu comecei a lyssa.

57

— O que você fez? — Ransom engoliu em seco.

Era a terceira vez que ele fazia essa pergunta para ela.

E essa foi a única vez que soou como uma acusação.

— Vou encontrar uma cura. — O queixo dela tremia. — Juro para você. Vou desfazer essa magia.

Ele balançava a cabeça, os olhos atordoados.

— Todas as pessoas que morreram. As vidas que não conseguimos salvar.

Sariah. Witt.

Ransom também tinha uma lista, não? E agora carregaria o peso de cada alma perdida por causa da infecção. Carregaria a culpa.

Eu tinha visto muitas versões de Ransom desde que nos conhecemos. O guerreiro. O príncipe. O amante.

Mas essa versão? Ele estava perdido. Irreconhecível. Eu odiava a dor em seu rosto. O sofrimento que ele não conseguia esconder.

— Não é culpa sua. — Lágrimas escorriam pelo rosto de Luella. — Sinto muito, Ransom. Sinto muito. Eu não sabia.

Ele se agachou e levou as mãos ao cabelo. O mundo parecia girar ao contrário.

— Qual é o envolvimento do meu pai nisso? — ele perguntou.

Luella fechou os olhos, mas não antes de a culpa perpassar sua

expressão. Mais um segredo.

Aquela mulher era movida por mentiras?

— Um dos meus alquimistas traiu minha confiança. Procurou seu pai.

Os olhos de Ransom se ergueram. Se estreitaram. Ele se levantou.

— Quando?

Luella levou a mão ao pescoço.

— No dia em que ele tentou me matar.

Ransom ficou tão imóvel que até as partículas de poeira pararam de flutuar, com medo do que viria a seguir.

— Ele tentou matar você por causa do seu caso? Ou porque descobriu que você tinha me dado aquele elixir?

— Não sei — ela sussurrou. — Ele entrou no meu quarto furioso. E tudo ficou pior quando viu Mikhail.

Levei as mãos ao rosto, apertando as bochechas para evitar que meu queixo caísse. De novo.

Será que Ramsey descobriu que Luella injetara sua criação em Ransom? Era por isso que estava furioso? Porque ela poderia ter matado seu filho?

Bom, algo devia ter mudado. Porque agora ele estava tentando replicar isso com a milícia.

— Ele não consegue reproduzir — falei. — Consegue? A lyssa ou o elixir, seja lá como queira chamar?

— Não — Luella respondeu. — Mas está tentando. E, no processo, matando pessoas.

Aqueles soldados estavam sendo queimados vivos por causa do que quer que ele estivesse colocando nas veias deles.

— Eles não têm a peça que falta. — Luella se afundou na cadeira. — Ramsey ainda não fez a conexão de que Ransom foi mordido depois de receber o elixir. Que foi a combinação que criou a infecção. Mas a equipe de Ramsey está fazendo experimentos. Se

eu tivesse que apostar, diria que estão tirando sangue dos monstros infectados e injetando-o nos homens dele.

— Mas não é assim que funciona, é? — arrisquei. — A mordida foi a peça que faltava. A magia.

— Sim — Luella sussurrou.

A ironia era sufocante.

Ramsey tentou criar um exército forte o bastante para combater os crux. Em vez disso, estava removendo homens saudáveis de cidades e vilarejos. Homens que poderiam combater os monstros que já aterrorizavam Calandra. Até a migração, era provável que todos já estivessem mortos.

— Deve haver alguma forma de desfazer a magia. Só preciso de tempo. — Os olhos de Luella eram suplicantes. — Consigo resolver isso.

Ransom bufou.

— Vamos supor que você consiga essa proeza. E se meu pai não tiver interesse numa cura? E se ele entender que basta injetar seu elixir nos homens e deixar que sejam mordidos? E aí? Ele não vai se importar que esses homens morram, desde que salvem o reino dos crux.

Ramsey seria imbatível com um exército de homens capazes de se mover, lutar e se curar como Ransom.

Talvez ele realmente quisesse se defender dos crux.

Ou talvez, como meu pai, estivesse cansado dos tratados antigos. Das fronteiras. Dos reinos.

Talvez quisesse tomar Calandra para si.

Bom, antes teria que impedir que seus soldados morressem.

— Ele não pode descobrir. Ninguém pode saber — Luella falou. — Não podemos sacrificar nossos filhos.

A dor gravada nessa última frase, a maneira como os olhos de Luella suplicavam o perdão de Ransom, deu um aperto no meu peito. E eu ainda tinha mais perguntas.

— Por que ele está queimando livros?

Os lábios de Cathlin se curvaram.

— Porque ele é um tirano.

Luella puxou os livros para perto.

— Durante a formulação do elixir, passávamos muito tempo na biblioteca. Alguns preferiam fazer anotações em livros e diários. Era onde eu guardava os meus.

Anotações e conhecimento que outros reis poderiam querer. Para dar a seus próprios alquimistas e curandeiros uma chance de criar as próprias versões de um Guardião.

Era isso que meu pai queria em Allesaria? Era isso que achava que derrotaria os crux? Criar uma lyssa para si e um exército de Guardiões?

Meu pai poderia ter simplesmente procurado os outros alquimistas em vez de mandar eu buscar a cidade. Mas, se os alquimistas temiam que Ramsey pudesse obrigá-los a servi-lo, injetando uma poção mortal em homens saudáveis, eles deviam estar vivendo escondidos, como Luella.

Não, o tempo antes da migração estava acabando. A opção mais viável para meu pai era arrancar o segredo de Ramsey da capital. Roubar a lyssa para si.

Bastava que eu lhe desse a chave para abrir a porta do castelo turano.

Mae. Ela fora treinada para ser essa chave.

Que agora era eu.

Ransom achava que os outros reinos não sabiam que ele estava infectado, mas meu pai devia ter desconfiado. Do Guardião e da lyssa. Estava tudo conectado.

O desejo do meu pai de entrar em Allesaria devia estar ligado à sua necessidade de entender os poderes do Guardião.

Antes que eu pudesse expressar minhas suspeitas, Ransom se aproximou da mesa e tirou os livros das mãos da mãe.

— Talvez devêssemos queimar este.

Luella se levantou de um salto, tentando pegar o livro de volta, mas ele o manteve longe do alcance dela.

— Não. Esse livro, assim como todos os outros que reuni, faz parte da minha pesquisa para encontrar uma cura.

— Não existe cura — ele respondeu, furioso. — Você já teve anos. É tarde demais. Se os vosters não conseguem deter a infecção, ninguém consegue.

— Ransom...

— Maldita seja, mãe. — Ele jogou o livro sobre a mesa, fazendo-o deslizar sobre a superfície. — Maldita seja.

Sem mais uma palavra, ele saiu da casa. Bateu a porta com força suficiente para as paredes tremerem.

Luella se afundou na cadeira e colocou o rosto entre as mãos, chorando. Cathlin passou um braço ao redor dos ombros dela, murmurando palavras de consolo em seu ouvido.

Eu precisava procurar Ransom para ver como ele estava.

Mas fiquei paralisada, os olhos fixos no livro sobre a mesa.

Havia caído com a quarta capa para cima quando Ransom o jogou.

E tinha uma gravação intricada nela. Um emblema alado.

O mesmo emblema do pingente que eu usava no pescoço.

58

— Você viu Ran... o Guardião? — perguntei a um soldado nos portões principais.

Ele fez uma reverência enquanto falava, curvando-se.

— Não vi, princesa Odessa Wolfe.

Tirei os cachos da frente do rosto, virando para examinar o pátio. *Merda*.

— Ele saiu?

— Não por esses portões, alteza.

Chutei uma pedra.

— Para onde é que ele foi?

— Desculpa. Não sei. Posso ajudar a procurar, se quiser.

— Não. Obrigada. — Saí andando pela muralha, ao longo do limite externo da fortaleza.

Era minha terceira volta ao redor de Ellder.

Desde que deixara Luella e Cathlin, subi e desci todas as ruas. Espiei dentro de janelas e parei em lojas. Fui até a masmorra duas vezes, arriscando-me até a parede falsa que levava ao túnel de migração, onde chamei por ele, mas apenas meu eco me respondeu. Cheguei a procurar até no quartel, assustando alguns soldados enquanto espiava pelas portas abertas.

Onde quer que Ransom estivesse escondido, não queria ser

encontrado.

Eu não queria abandonar a busca. Não queria desistir. Mas ela era inútil se meu marido não queria ser encontrado, então voltei à minha suíte, com os passos lentos e pesados.

Se não fosse pelo emblema maldito no livro de Luella, eu teria saído atrás dele assim que ele saiu. Não o teria perdido.

O que significava aquilo tudo? O que era aquele símbolo alado? Meu colar era apenas um badulaque? Ou algo mais?

Eu não podia me preocupar com isso agora. Talvez, depois que tivéssemos esclarecido a lyssa, Ramsey, os monstros e a migração, eu puxaria Cathlin de lado e perguntaria se ela já tinha visto aquele emblema antes. Até lá, eu precisava encontrar Ransom.

Deuses, eu estava furiosa com Luella. Como ela pôde fazer aquilo? O que ela estava pensando? O que fez com Ransom ia além da minha compreensão.

Ransom se culpava pelas mortes causadas pela infecção.

Pois eu a culpava.

E era bom mesmo que ela encontrasse uma cura. Se foi ela quem criou o problema, ela que desse um jeito de resolvê-lo.

Caminhei até a casa, abrindo e fechando os punhos, os olhos baixos. Ergui o olhar apenas quando cheguei na base da escada. E ali estava ele, sentado num degrau, os cotovelos apoiados nos joelhos, as mãos entrelaçadas.

— Oi.

Ransom olhou para mim com tanta tristeza que senti como se um martelo de guerra acertasse meu peito.

— Oi.

— Estava procurando você.

— Eu sei.

— Ficou aqui esse tempo todo?

Ele se virou e pegou algo atrás dele. Quando se voltou, estava com Faze pendurado no antebraço.

— Ele é um demônio. Entrei e ele estava afiando as garras na poltrona da sala.

— Ele faz isso mesmo.

— Saiu correndo antes que eu conseguisse fechar a porta. Acho que não queria ficar para trás, então ficou me fazendo companhia aqui fora.

Era para eu estar fazendo companhia para ele, mas ficava feliz que em minha ausência ele tivesse meu monstrinho.

— Sinto muito, Ransom.

— Também sinto. — Ele fez carinho atrás da orelha de Faze, depois se levantou, levou o tarkin para a suíte e voltou em seguida. — Pode dar uma volta comigo?

Andamos lado a lado, atravessando Ellder até o portão lateral.

Ficava localizado na parte de trás da fortaleza, perto do quartel e dos estábulos, onde os cavalos ficavam num cercado em que podiam andar. Procurei Freya e a encontrei perto de uma cerca, mordiscando um tufo de grama alta. Aurinda não estava muito longe, mais alto do que qualquer outro cavalo.

Um cavalariço andava entre os animais com uma corda de cabresto na mão. Ao ver Ransom, seus olhos arregalaram e seus pés congelaram.

Puro fascínio. Era como as pessoas ficavam ao ver o Guardião. Por mais tempo que passasse em Ellder, sempre seria uma lenda. Um salvador. Um herói.

Mas ele teria sido um herói com ou sem seus poderes. A grandeza não vinha da lyssa. Vinha de Ransom.

Ele se aproximou dos seis guardas posicionados no portão. Eles abriram caminho, as expressões neutras, enquanto um virava a fechadura.

O portão era alto apenas para um cavalo sem um cavaleiro, mas, mesmo assim, eu desconfiava que um garanhão como Aurinda teria que abaixar a cabeça. As dobradiças de ferro rangeram quando

a porta se abriu para que saíssemos da fortaleza para a floresta.

Caminhamos pelo que pareceu uma eternidade entre árvores e moitas rasteiras. Quando passamos por um arbusto laranja intenso, Ransom arrancou uma folha e ficou girando-a entre os dedos.

Deixou a folha cair no chão e pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos. Já estávamos bem além das muralhas agora. Longe dos olhos de qualquer soldado.

— Queria... — Ele parou e balançou a cabeça.

— O quê?

Ele ergueu minha mão e beijou meus dedos.

— Queria que não tivéssemos que fingir.

— Eu também.

Mas era apenas um desejo. Ele não podia abandonar a farsa com Zavier enquanto a lyssa corresse em suas veias. Melhor que seu primo assumisse o trono do que arriscar a vida da irmã. Melhor que o Guardião morresse do que um príncipe herdeiro.

Nada disso precisaria acontecer se Luella encontrasse uma forma de desfazer aquele desastre.

Eu não era alquimista, curandeira ou erudita, mas encontraria uma forma de quebrar aquela magia, nem que tivesse que roubar todos aqueles livros e levá-los para os melhores alquimistas de Quentis ou Laine.

— Sou um idiota — ele murmurou. — Eu devia ter descoberto sozinho.

— Não tinha como você saber.

Além disso, sua confiança naqueles que amava era parte do que o tornava tão especial. Ele acreditava na mãe. Até no pai acreditava. Pensar que os dois eram capazes de tantos horrores teria destruído seu espírito.

— É tarde demais para impedir o que minha mãe fez — ele falou. — Mas preciso impedir meu pai.

— Como?

Ele diminuiu o passo, os ombros largos se curvando enquanto abaixava a cabeça.

— Preciso deixar você, Odessa.

— Por quê? Não.

Ele se virou para mim e segurou meu rosto entre as mãos.

— Não vou levar você para Allesaria.

Não vai. Ele não falou que não podia. Ele não levaria.

— Você ainda não confia em mim. — Fazia sentido. Em sua posição, eu provavelmente faria o mesmo. Mas nem por isso aquilo machucava menos.

O pior era que eu não o culpava. Pessoas que ele conhecia a vida inteira, sua própria mãe, o traíram. Eu também não confiaria em ninguém.

Muito menos na esposa.

— Se os homens do exército do meu pai forem como os homens que tentaram matar você aqui, Allesaria é o último lugar de Calandra que você deve ir. — Ele encostou a testa na minha. — E só existe um jeito de acabar com isso.

— Matar os monstros — sussurrei.

— Matar todos.

Mas *monstro* tinha um novo significado. Ele não falava de fera de quatro patas com garras e presas. A menos que seu pai acabasse com essa loucura, parasse de matar homens numa tentativa impossível de replicar os dons de Ransom, o próximo monstro que o Guardião mataria seria o próprio rei.

Colocando um fim nisso para sempre.

— Entendi. — Eu me afundei em seu peito e inspirei seu cheiro. Vento e terra. Couro e especiarias.

Talvez uma princesa melhor insistisse que havia outra opção. Talvez uma princesa melhor encontraria uma forma de ficar ao lado do príncipe.

Mas eu nunca tinha sido uma boa princesa.

Tirei os braços da sua cintura e me afastei.

Talvez a única forma de ajudar fosse entregando as minhas verdades.

— Meu pai me mandou aqui para encontrar o caminho para Allesaria. Eu devia espionar e mandar informações de volta a Quentis por Brielle ou Jocelyn o quanto antes. Ele não me contou o que estava procurando, mas falou que poderia nos salvar dos crux. Considerando a atitude de seu pai de queimar livros, devia ser a lyssa. Se meu pai não sabe que você tem a infecção, imagino que desconfie. Porque também me mandou descobrir sobre seus poderes e matar você se tivesse a oportunidade.

A confissão saiu como uma enxurrada e, à medida que se assentava entre nós, o peso que eu carregava por meses ficou mais leve.

Ransom fechou a cara.

— Cross.

— Desculpa? — Fiz uma careta exagerada. — Imagino que você já soubesse disso tudo, mas queria dizer em voz alta mesmo assim.

Ele suspirou e balançou a cabeça antes de dar risada.

— Você é uma péssima espiã.

— Verdade.

Ele ergueu o rosto para o céu.

— Porra, que confusão.

Pois é.

— E agora?

— Isso é maior do que Turah. A lyssa, em homens ou monstros, não traz nada além de morte. Deve ser detida. Se os crux pegarem a infecção... — Ele suspirou. — Nunca vamos sobreviver. Deveríamos estar usando o exército do rei para caçar todos os monstros infectados antes da migração.

— E se já for tarde demais? E se já tiver ido longe demais?

— Começou comigo. E sou eu que vou acabar com ela, nem que

seja a última coisa que eu faça. Preciso tentar.

Claro que ele tentaria. Ransom não seria Ransom se desse qualquer outra resposta.

— Como?

— Não sei. Tentar convencer meu pai que ele está errado. Solicitar soldados para me ajudar. Ou pelo menos impedir que ele mate inocentes com qualquer que seja a versão de lyssa que ele produziu. — Ele passou a mão no cabelo. — Mas Allesaria está... diferente.

Ele fez uma careta, a mão apertando o peito, como se até mencionar a capital lhe causasse dor.

— O que você pode me contar?

— Muito pouco.

— Malditos juramentos de sangue. — Se ele não podia responder, eu faria o que sabia fazer de melhor.

Perguntas.

— Você pode ir para Allesaria?

— Sim, posso — ele respondeu.

— E Zavier? Os patrulheiros?

— Precisam continuar nas regiões remotas, garantindo que a infecção não se espalhe ainda mais.

— E os soldados de Ellder?

— Os soldados leais à coroa? — Ele tocou a testa. — Não uso uma coroa.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — Ergui as mãos. — Eles lutariam contra seu pai e o exército dele se necessário?

Ele suspirou.

— Não posso pedir isso a eles.

— Por que não? — Se significasse salvar outras pessoas de uma morte horrível e abrasadora, eu precisava acreditar que havia homens que se ofereceriam de bom grado.

— *Não posso* — ele repetiu com mais uma careta.

Demorei um momento, mas entendi o que ele não podia me contar. Ele não podia ordenar que alguém agisse contra o rei. Uma precaução tomada por um governante paranoico com medo de que seu herdeiro tentasse assassiná-lo pela coroa.

Talvez fosse uma tradição turana. Ou talvez Ramsey fosse um grande cretino.

— É um choque que você tenha sangue nas veias depois de tantos juramentos de sangue. Me deixe adivinhar. Você não pode contar os detalhes?

Ele fez que não.

— Então você vai para Allesaria para convencer seu pai a parar com essa loucura. E se ele não der ouvidos? Vai matar todos os homens infectados do exército do seu pai? Mil contra um? Você é o Guardião, mas existem limites, Ransom.

— Que diferença faz se eu morrer por causa da infecção nas minhas veias ou pela espada do meu pai?

Senti um tremor e fiz uma careta.

— Não diga isso.

Ele se aproximou, afastando os cachos da minha têmpora.

— Sempre vai acabar com a minha morte.

Não.

— Para com isso. — Eu me recusava a acreditar que sua vida estava acabando.

Como ele podia simplesmente aceitar esse destino? Por que estava tão decidido a cavar a própria cova? Eu queria gritar. Queria apertar seu pescoço até ele criar um pouco de juízo. Mas o ardor na minha garganta era sufocante. As lágrimas em meus olhos o deixaram turvo.

— Você não vai morrer porra nenhuma, Ransom Wolfe.

— Ei. — Ele me puxou para um abraço apertado.

— Por favor, não me deixe — sussurrei.

Ele beijou meu cabelo, abraçando com mais força.

— Deve haver outra saída.
— Não tenho um exército para essa luta, Odessa.
Não, não tinha.
Mas *meu* pai sim.

59

Ransom me deu três dias.

Três dias maravilhosos em que não saímos da suíte. Três dias para fingir que os horrores fora das muralhas eram apenas um pesadelo. Três dias para ficarmos abraçados durante horas.

E embora não tivéssemos verbalizado, foram três dias para nos despedirmos.

Até que acabou.

Acordei sozinha hoje. Ransom ainda não tinha ido embora de Ellder, mas estava fazendo os preparativos. No dia seguinte, ao amanhecer, partiria para Allesaria.

Sozinho.

Na noite anterior ele me avisou que encontraria Zavier na área de treinamento de madrugada. Eu não fui convidada. Provavelmente porque a conversa só me faria chorar, gritar ou as duas coisas.

Ransom não me contou os detalhes, mas, se eu tivesse que supor, diria que estavam traçando estratégias. Sobre os monstros. Sobre o exército de Ramsey. Sobre o que fazer se... quando tudo desse errado e Ransom morresse.

Deuses, minha cabeça doía. Tanto que era difícil respirar.

Como poderia vê-lo partir?

O sol entrava pela janela do meu quarto. Parte de mim queria me encolher abraçada a um travesseiro e chorar por um mês. A outra parte sabia que não adiantaria nada chorar, então me vesti para... Não sabia ao certo.

Precisava fazer algo, mesmo que fosse drástico. Como atravessar o continente e negociar com meu pai.

Ramsey não desistiria da lyssa. Eu tinha certeza. Ele estava determinado a transformar a infecção numa arma. E eu desconfiava que meu pai tinha os mesmos planos.

Mas se eu contasse para meu pai que a lyssa estava matando homens inocentes, que a ameaça maior era um crux carregando a infecção, talvez ele mudasse de ideia. Talvez agisse com razão, ao contrário de Ramsey.

Meu pai passara por uma migração. Mantinha aqueles quadros e murais na galeria de arte dos crux por um motivo. Um lembrete.

Os crux não traziam nada além de morte e destruição. Precisávamos deter a lyssa antes que ela transformasse os horrores de uma migração no fim de Calandra.

Ransom precisava de ajuda, quer ele admitisse ou não. Precisava de um exército. Se Ramsey não lhe desse um, talvez meu pai desse.

Mas, antes de entregar ao meu pai a localização da capital, ele me daria acesso livre a seus cofres. Eu usaria todas as moedas de ouro disponíveis. Contrataria todos os curandeiros do mundo.

Para produzir uma cura para salvar a vida de Ransom.

Luella teve sua chance. Agora era a minha vez.

Já que faria exigências ao meu pai, também queria informações sobre a minha mãe. Por que os vosters perguntaram sobre a minha ascendência?

Eu nunca exigi nada do meu pai.

Mas não era mais a filha que ele colocara a bordo do *Cortador*.

Estava na hora de deixar Turah, de voltar para Quentis. Em breve. Assim que Ransom partisse.

Abri a porta para respirar um pouco de ar fresco e aliviar o nervosismo quando dei de cara com uma visitante na passarela.

Evie estava do lado de fora, a mão pronta para bater. A túnica que usava era amarela e bordada com flores vermelhas e rosa na gola. A roupa começava a ficar pequena para ela, e havia um rasgo no cotovelo. Estava na hora de usar uma camisa nova, mas aquela era a sua favorita, que eu via mais do que qualquer outra. E, a julgar pelo seu bico, ela a vestira hoje para se sentir um pouco menos triste.

Zavier devia ter contado para ela que partiria no dia seguinte.

Enquanto Ransom lidava com Ramsey em Allesaria, Zavier, Halston e seus patrulheiros continuariam as caçadas. Havia uma matilha de barilobos que precisava ser exterminada. Uma fera caolha que precisava ser morta.

Meu plano de partir poderia esperar. Se todos, incluindo eu, a deixariam para trás, seria bom ter mais um dia juntas.

— Bom dia, estrelinha. — Eu me abaixei e ajeitei uma mecha de seu cabelo castanho sedoso atrás da orelha. — Como você está hoje?

Ela deu de ombros.

— Meio triste.

— Porque o papai vai embora?

— Sim.

Evie, como quase todo mundo em Calandra, acreditava que eu era casada com Zavier. Eu torcia para que um dia pudesse contar a verdade para ela. Que eu e Ransom pudéssemos ser nós mesmos na frente da irmã dele. Mas ainda não era hora.

— Quer brincar com Faze? — perguntei.

Ela deu de ombros de novo.

— Ou a gente pode brincar. Luella ainda não voltou, e Cathlin falou que não preciso fazer minhas lições hoje.

— Sorte a sua.

Depois da confissão, Luella deixara Ellder de novo, e Evie ficou aos cuidados de Zavier, Cathlin e a babá.

Faze se aproximou e cutucou a mão de Evie com o focinho para pedir atenção.

Eu o peguei nos braços e coloquei a palma da mão sobre os olhos.

— Esconde-esconde? *Umdoistrêsjá*.

A risadinha de Evie foi suficiente para afastar algumas das nuvens de tempestade do meu coração. Ouvi suas botinhas batendo na passarela, se distanciando enquanto descia a escada.

Abri um pouco os dedos, dando uma espiada, depois beijei a testa de Faze.

— Encontre Evie para mim.

Esses monstros...

Não os entendíamos, não é? Eram mais do que animais. Mais do que feras. Tinham mesmo magia. Faze era apenas um filhote, mas eu vivia me surpreendendo pelo quanto ele entendia. Não apenas comandos, mas sentimentos. Às vezes ele olhava para mim e eu sentia que ele sabia exatamente o que eu sentia.

Alegria. Raiva. Dor.

Como se quisesse dizer algo, mas, o que quer que fosse, não falávamos a mesma língua.

Saí correndo atrás dele e o encontrei esperando na porta da casa principal, por onde Evie devia ter entrado.

Quando cruzei com a babá de Evie durante minha busca, prometi assumir o cuidado de Evie pelo resto do dia. Ela ficou extremamente feliz em ser dispensada e saiu para os seus aposentos. Segui Faze enquanto ele ziguezagueava pela casa, passando por cômodos vazios, farejando e parando em alguns lugares que Evie devia ter passado, mas achado que não eram bons esconderijos.

Ele empurrou uma porta que estava entreaberta e entrou num

cômodo que eu nunca tinha visto. Era uma suíte parecida com a minha no andar de cima, com uma sala e uma mesa de jantar. Passando por outra porta ficavam o banheiro e o quarto, decorados como o restante da casa. Assoalhos de madeira. Tapetes trançados grossos em tons fortes de marrom, oliva e chocolate. Mantas e cobertas nas mesmas tonalidades.

Meus aposentos em Quentis eram brancos, creme, beges e cinza. Claros e austeros. Mas eu preferia essa vida em cores vibrantes.

Faze correu para debaixo da cama e, quando a encontrou, ela soltou outra gargalhada melodiosa.

Eu me agachei em quatro apoios.

— Te peguei.

— Você roubou! — Ela saiu debaixo da cama e se levantou, colocando as mãos no quadril. — Agora Faze vem comigo.

— Combinado. — Coloquei a mão em seu ombro antes que ela pudesse sair correndo. — Espera. De quem é este quarto?

— Da Luella.

— Ah. E você pode entrar aqui?

— Não. — Ela sorriu e me chamou para falar no meu ouvido. — Quer ver uma coisa?

— Sempre.

Ela segurou minha mão e me puxou para uma parede atrás da cama. Ela me soltou para puxar a mesa de cabeceira, afastando-a alguns centímetros da parede. Depois, apoiou as mãos na parede e usou toda a força para empurrar, resmungando enquanto fincava os calcanhares no chão.

— Evie, o que você está...

A parede se abriu.

— Uau.

Evie deu um sorrisinho, algo que claramente havia aprendido com Ransom, e empurrou a porta. Colocou o dedo sobre os lábios e entrou pela passagem.

— É um lugar secreto.

— É mesmo? — Peguei a lanterna da mesa de cabeceira e acendi a chama. Com a luz cortando a escuridão, segui Evie escada abaixo.

O ar era seco e a temperatura baixava a cada degrau. Comecei a contar. Dez. Quinze. Vinte degraus. Fomos descendo mais e mais, os cheiros de terra e poeira atingindo meu nariz, até que chegamos ao final. A luz da lanterna reluzia nas paredes de madeira.

O espaço era um retângulo grande com quatro catres encostados numa parede e prateleiras na outra. Prateleiras para provisões. Prateleiras para comida.

Um porão de migração.

Havia espaços como esse em Quentis também. Lugares onde as pessoas se abrigavam pelo tempo que fosse possível. E, como em Quentis, muitas vezes, as entradas eram secretas.

Em porões como esse, as provisões estocadas eram racionadas. Distribuídas exatamente para o número de pessoas que usariam o espaço. A migração não trazia morte apenas pelos crux.

Pessoas matariam por espaços como esse. Pela comida e segurança que proporcionavam.

Eu não tinha reparado quando começamos a descer a escada, mas devia haver uma tranca na porta secreta. Não para manter as pessoas dentro. Mas para manter as pessoas fora.

Evie foi até as prateleiras e passou os dedos pela lombada dos livros amontoados em pilhas e fileiras bagunçadas. Na prateleira inferior, embaixo dos livros, havia bugigangas e pergaminhos empilhados de forma desordenada.

— São da masmorra — falei.

Luella esvaziou a masmorra e trouxe tudo para cá.

— Pois é. — O olhar de Evie passou por cima do meu ombro, como se estivesse confirmando que não havia mais ninguém ali. — Luella não sabe que vi quando ela trouxe tudo para cá, mas uma noite, quando eu deveria estar dormindo, ouvi uns barulhos e vim

ver o que ela estava fazendo.

Balancei a cabeça, contendo a risada.

— Você não deveria espionar as pessoas.

— Por que não?

— É falta de educação.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

— Mas guardar segredos não?

— É falta de educação... Quer saber? Deixa pra lá.

Luella era a mãe. Ela que conversasse com a menina sobre espionar os outros.

Fui até as prateleiras e me curvei para ver a lombada dos livros. Alguns títulos familiares me chamaram a atenção, mas não havia nenhum que eu quisesse ler.

— Quer ver mais uma coisa? — Evie perguntou.

Que se dane, por que não?

— Claro.

Ela passou correndo por mim e foi para a escada, abaixando-se no degrau inferior. Ela deslizou os dedos pela lateral e puxou até a parte da frente do degrau se abrir, revelando um compartimento secreto.

— Como você encontrou isso? — Fui para o lado dela e me abaixei, deixando a lanterna no chão frio de pedra.

— Desci aqui ontem quando Cathlin achava que eu estava lá em cima brincando com Faze.

— Evangeline — repreendi, mas sem muita firmeza.

Porque dentro daquele compartimento havia três livros. Um deles era de couro preto com o emblema do meu colar.

Luella devia estar planejando voltar. Senão, teria levado aqueles livros consigo. Ou então o lugar para onde foi não era seguro. Eu não sabia o que os outros dois livros continham, mas o fato de estarem escondidos embaixo do degrau significava que deviam ser importantes.

— Precisamos ir. — Afastei as mãos de Evie para poder fechar o compartimento.

Peguei a lanterna e me levantei, estendendo a mão para guiá-la escada acima.

— Nada de descer mais aqui, hein? Não quero que algo aconteça com a porta e você acabe presa.

— Tá — ela resmungou quando chegamos no quarto.

Fechei a porta e confirmei que o compartimento estava escondido de novo, que as emendas do revestimento de madeira disfarçavam a entrada. Depois, enquanto Evie pegava Faze nos braços para mais uma rodada de esconde-esconde, comecei a contar.

— Um. Dois. Três. — Eles já tinham sumido quando cheguei ao cinco. E, no vinte, me forcei a sair dos aposentos de Luella antes que cedesse à tentação de roubar aqueles livros.

Mais tarde. Agora que sabia onde estavam escondidos, voltaria para buscá-los. Eles com certeza viajariam comigo para Quentis.

Sem a ajuda de Faze, demorei um pouco para encontrar Evie, que estava escondida em um armário da cozinha junto a uma pilha de tigelas de madeira. Brincamos mais algumas rodadas e depois fomos passear pelas ruas de Ellder. Visitamos a lojinha de brinquedos, onde comprei um coelho de pelúcia com as orelhas caídas para ela abraçar quando estivesse solitária. Ela o chamou de Feliz.

Almoçamos doces da padaria. Levamos cenouras e maçãs para o cercado dos cavalos e mimamos Freya, Aurinda e seus amigos. E, quando chegou a hora de jantar, comemos juntas na minha suíte enquanto Faze, cansado de tantas atividades, dormia no meu colo.

Evie era um bálsamo para o meu coração, e eu desejava ser o mesma para ela. Mas, quando a noite caiu sobre a fortaleza, Zavier veio buscar a filha.

A suíte ficou muito silenciosa, e eu estava agitada demais para

ficar parada, então saí. Se enrolasse por uma hora fora, tinha esperança de que na volta Ransom estaria me esperando.

O pátio estava iluminado pelas chamas que eles acendiam em barris toda noite. As janelas projetavam luzes douradas de seu interior. Risos e música vinham da taberna a três ruas da casa. Estava tudo alegre demais, caloroso demais. Então segui para os portões e para uma escada que levava aos reparos da muralha.

Os guardas posicionados na muralha ficaram surpresos ao me ver, mas nenhum deles me deteve quando comecei a subir a escada. No topo, um soldado com uma espada larga nas costas me recebeu com a cara amarrada.

— Não pode ficar aq... Princesa Odessa Wolfe. — Ele se curvou. — Perdão, alteza.

— Queria alguns momentos de silêncio. Se não se importar.

Ele se curvou ainda mais e recuou enquanto eu me recostava na muralha, os cotovelos apoiados na superfície áspera de um tronco da largura dos meus ombros.

Tochas iluminavam os reparos, mas não eram suficientes para afastar as sombras. A maior parte da luz vinha das luas gêmeas.

Aquelas muralhas eram mais altas do que qualquer casa na árvore de Treow, proporcionando-me uma visão diferente da floresta e do contorno das árvores. O céu era uma bela mistura de cinza, azul e branco cintilante. Era diferente da minha falésia em Quentis, mas era um santuário à sua maneira.

Uma brisa soprou em meu rosto enquanto eu puxava o ar gelado da noite para os pulmões, prendendo a respiração até queimar. Ao expirar, senti a presença dele. Como sentia o vento. Como sentia meu próprio coração.

Os braços de Ransom me envolveram, puxando-me para seu peito.

A única pessoa que poderia nos ver juntos era aquele soldado e, mesmo se ele notasse no escuro, eu não me importaria. Não essa

noite.

Apoiei a cabeça no ombro de Ransom e segurei seus braços.

— Pronto para ir?

— Mais ou menos.

Engoli o nó na garganta.

— Diz que a gente vai se ver de novo.

Ele apoiou o queixo na minha cabeça, mas não falou uma palavra.

— Diz.

— Você merece liberdade, Odessa. Não vou obrigar você a lutar por ela.

— Liberdade? — Eu me virei, escapando dos seus braços para pressionar o dedo em seu peito. — Você é um idiota.

Ele riu.

— Vai, desembucha.

— Estou falando sério, Ransom. Você vive falando sobre a minha liberdade. Não existe liberdade. Não estou falando de um tratado antigo ou juramento de sangue. Estou falando de você e de mim. Estou falando sobre isso. — Apertei a mão em seu peito. — Se eu morresse, você seria livre?

A mão de Ransom envolveu a minha, apertando minha palma em seu peito.

— Não.

— É por isso que você precisa voltar pra mim. Se não voltar, vou odiar você pra sempre.

— Você já me odeia.

— Sim, odeio. — Eu nunca o odiei. Nem no começo. Não de verdade. Mas ódio era uma palavra mais segura de usar. Embora nós dois soubéssemos o verdadeiro significado.

Ele se aproximou e encostou a boca na minha testa.

— Não se esqueça.

— Jamais. — Meu queixo tremeu, lágrimas enchendo meus

olhos.

Ransom as enxugou com os polegares.

— Não me arrependo. Nem por um momento.

— Eu também não.

— Não tenho o direito de pedir, mas preciso. Quero que cuide de Evie. Vou levar minha mãe para Allesaria.

— C-como assim? — Ele estava tão furioso a ponto de entregar a mãe para Ramsey?

— Foi ideia dela — ele respondeu. — Ela quer desfazer o que fez. E talvez ela seja a única capaz de convencê-lo de que ele está condenando Turah à morte.

Meu estômago se revirou.

— Mas e se seu pai tentar matá-la de novo?

— Vou fazer o possível para protegê-la. Ela sabe que é perigoso, mas é uma escolha dela. Já tiraram coisas demais dela. Não vou negar a chance de se redimir. Ela acabou de se despedir de Cathlin e foi dormir com Evie.

— Ela não pode deixá-la. — Aquela menininha poderia perder a mãe e um irmão antes que tivesse a chance de saber que eram seus.

Ransom segurou minhas mãos e abaixou o olhar.

— Você pode cuidar...

— Sim. — Ele não precisava terminar a pergunta. Isso mudaria meu plano de deixar Ellder, mas esse era um problema para o dia seguinte. Hoje, meu marido estava me pedindo para cuidar de alguém que ele amava.

Eu não negaria isso.

— Vou cuidar dela — prometi.

— Se algo acontecer com a gente, com Zavier, quero que a leve embora de Turah. Vá com ela para Quentis.

Assenti, o coração subindo pela garganta. Não era uma possibilidade que eu queria considerar. Nem uma situação que eu

conseguia conceber no momento.

— Está bem.

— Obrigado. — Ele ajeitou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Tillia vai estar aqui para o que você precisar. Zavier e Halston voltam assim que possível. Só... tome cuidado. Prometa que não vai fazer nada imprudente.

— Prometo — menti.

Seus olhos mudaram para uma cor que eu nunca tinha visto antes. Um turbilhão laranja, vermelho e amarelo. Eram ao mesmo tempo vibrantes e escuros. Uma cor para a tristeza. Uma cor para o adeus.

Se meus olhos pudessem mudar de cor, estariam iguais aos dele.

Eles continuavam mudando, as cores cintilando como chamas.

Ransom olhou por cima da minha cabeça, a suavidade desaparecendo de sua expressão. Aquelas duas linhas se formaram entre suas sobrancelhas e ele me tirou da frente para se aproximar da muralha.

— O que foi?

Ele estreitou os olhos e, enquanto eu observava seu perfil, seus olhos foram do verde para o avelã.

O que eu vira em seus olhos não era uma cor nova. E sim um reflexo.

O som de cascos ecoou pelas árvores. Depois veio o tilintar de metal e o brilho flamejante de tochas refletindo em peitorais e elmos. Levei um momento para compreender o que via. Quando entendi, a noite sufocou meu grito.

Um exército marchava pela floresta, na direção de Ellder.

— Ah, deuses — sussurrei.

— Não abram os portões! — Ransom bradou ao mesmo tempo, se virando.

60

Os soldados que cuidavam dos portões obedeceram ao comando de Ransom, mas não sem erguer os olhos atônitos para os soldados dos reparos, que também estavam com a expressão confusa.

Todos encaravam o exército que se aproximava, provavelmente sem entender por que deveriam impedir a entrada de soldados que usavam o brasão turano e o rei. O rei deles.

Fiquei encarando a floresta. A quantidade de tochas dobrou. Depois quadruplicou. O exército se estendia ao longo da muralha, formando fileiras e mais fileiras.

— Que Mack esteja conosco — sussurrei, fazendo o sinal dos Oito. Se isso se transformasse numa batalha, o Deus da Guerra escolheria um lado. Rezei para que fosse o nosso.

Ramsey não trazia apenas os soldados com quem viajava em Ravalli ou Treow. Ele trazia uma legião. Era essa a sua milícia? Quantos desses homens tinham lyssa correndo nas veias?

Gritos ecoavam lá embaixo enquanto outros soldados do quartel chegavam ao pátio.

— Abram esses portões — um homem gritou, apontando para a tábua pesada de madeira que bloqueava os portões.

— Não abram. — A ordem de Ransom ecoou pelo pátio, e o homem que dera a ordem contrária abaixou os olhos para as

próprias botas. — Procure Zavier. Agora.

— O que está acontecendo, Guardião? — Um soldado chegou ao seu lado. — É o rei.

Em qualquer outra noite, eu poderia ter revirado os olhos diante da afirmação óbvia. Mas hoje? Também queria saber o que estava acontecendo.

— Não sei — Ransom respondeu. — Os portões permanecem fechados até que eu ou Zavier dê a ordem para abrir. Entendido?

— Sim, senhor — o homem falou.

— Venha. — Ransom pegou meu braço, puxando-me para descer a escada. Quando chegamos ao último degrau, lançou aos guardas dos portões um olhar tão cortante que parecia capaz de cortar os ossos. — Trancado. Até eu ordenar o contrário.

— Sim, senhor.

Eles podiam não entender, mas confiavam o suficiente no Guardião para não questionar a ordem, mesmo sendo Ramsey do lado de fora.

— O que está acontecendo? — sussurrei.

— Ele me avisou. — A respiração de Ransom ficou pesada. — Em Ravalli. Avisou que eu tinha um mês. Eu deveria ter partido para Allesaria antes. Meu pai não faz ameaças vazias.

— Tudo isso para buscar você? — Apontei para a muralha. — É um exagero. Você é o Guardião, mas não precisava de todo esse exército.

Seu maxilar ficou tenso.

— Tem alguma coisa errada. Não quero que ele entre em Ellder, mas não sei se tenho outra escolha. Não podemos lutar. E não posso ordenar que esses homens enfrentem o rei.

— Seu juramento.

Ele assentiu, passando a mão no rosto.

— Merda.

Os passos de Zavier ressoavam ao correr até nós. Sua túnica

estava aberta no colarinho, e uma das pernas da calça estava presa no cano da bota. Ele ajeitou o diadema, que estava torto na cabeça.

— O que está acontecendo?

— Meu pai. Trouxe uma legião.

Mesmo no escuro, percebi que Zavier ficou pálido quando olhou para os portões.

— Sua mãe?

— É possível — Ransom falou. — Onde ela está?

— Com Evie. — Zavier chegou um pouco mais perto. — Não podemos lutar contra eles.

— Não, não podemos. — Ransom suspirou. — Não vou pedir isso aos soldados de Ellder. E, quanto mais tempo ele esperar do lado de fora, mais vai desconfiar do que estamos escondendo.

Era bem provável que esse fosse o motivo da visita surpresa. Ramsey estava pressionando Ransom. Se estava ali por causa de Luella, não haveria tempo para tirá-la da fortaleza.

Ransom e Zavier trocaram um olhar, uma conversa silenciosa como tantas que eu já tinha visto. Zavier levantou um braço, sinalizando para os soldados abrirem os portões e deixarem o rei entrar.

— Fique atrás de mim — Ransom falou.

— E Evie?

— Minha mãe vai escondê-la — ele murmurou. — Com a sorte de Dária, ele vai ordenar que eu os acompanhe para Allesaria imediatamente.

Para onde ele já estava planejando partir ao amanhecer de todo modo.

Mas e se Ramsey quisesse acampar ali essa noite? E se quisesse ficar na casa de Ransom?

Meu corpo todo começou a tremer e segurei com força seu braço enquanto os portões se abriam com um rangido.

O estrondo de cascos foi imediato quando os primeiros

cavaleiros atravessaram os portões. Primeiro entraram em fila única e, conforme a abertura aumentava, eles passaram a entrar em dois, três e quatro lado a lado.

Eles abriram passagem ao alcançarem o pátio, como haviam feito em Ravalli, formando um corredor para o rei.

Ramsey entrou sem pressa, o ritmo de seu cavalo altivo e calculado, como se tivesse sido ensinado a desfilar.

O formigamento em minha pele foi imediato quando frei Dime também entrou.

Por que ele estava com o rei Ramsey? Não era o emissário do meu pai?

Talvez agora ele ficasse tempo suficiente para eu fazer perguntas. Talvez explicasse por que eu sentia sua magia. Talvez eu descobrisse por que o sumo sacerdote perguntara sobre minha mãe. Mas se as respostas tivessem que esperar até Ramsey e aquele exército partirem, tudo bem.

O voster me distraiu tanto que levei um momento para notar o homem que cavalgava ao seu lado.

Um homem de que eu havia quase esquecido. Um homem que não usava o emblema do lobo turano, mas sim um símbolo que eu via desde que me entendia por gente.

Uma besta entrelaçada por folhas e talos de trigo.

O símbolo em todas as bandeiras de Quentis.

Banner.

Ransom foi o único que escutou minha exclamação abafada. *Como assim?*

— Mas que porra é essa? — Ransom falou entre dentes.

O que Banner estava fazendo ali? Havia mais homens de Quentis com ele?

Do alto das muralhas eu não analisara tão bem a legião. Eram todos soldados de Ramsey? Ou meu pai havia mandado suas tropas para Turah?

Não seria considerado invasão se ele tivesse sido convidado.

Deuses, o que estava acontecendo?

Mais e mais soldados passavam pelos portões, homens e mulheres, todos com o uniforme turano. Será que Banner tinha vindo sozinho, então?

Todos os soldados estavam armados, as espadas, as facas e os escudos refletindo as chamas dos barris e das tochas. Enquanto a legião enchia o pátio, o povo de Ellder começava a sair de suas casas e dos edifícios atrás de nós, curiosos sobre a visita do rei. A maioria vestia roupas de dormir embaixo de cardigãs e casacos, as texturas suaves em forte contraste com o metal que decorava a legião de Ramsey.

Tillia e Halston atravessaram a multidão, posicionando-se atrás de Zavier. Vander e os outros guerreiros de Zavier não estavam muito longe.

Quando Ramsey parou sua procissão, pensei que ficaria na sela para nos encarar do alto com aquele diadema pousado de maneira altiva sobre a testa. Mas ele desceu do cavalo e ficou diante de nós.

Todas as pessoas ao meu redor se curvaram imediatamente. Todos.

Menos Ransom.

E eu.

Ransom encarava o pai com ódio e desprezo profundos. Seus olhos eram um turbilhão prateado. Na comoção, não notei que ele sacara a espada. Seus dedos estavam brancos de apertar o cabo, a lâmina ao lado do corpo.

— Majestade — Zavier falou, levantando-se para se dirigir ao rei. — Seja bem-vindo a Ellder.

Ramsey bufou, sem tirar os olhos de Ransom, e respondeu Zavier:

— Não vamos fingir que sou bem-vindo aqui.

Os estrondos de metal e passos de botas ecoaram atrás de nós, e

eu só conseguia ver os soldados de Ramsey subindo as ruas porque todos ainda estavam curvados em reverência. Mas, ao perceber que estávamos cercados, bloqueados por todos os lados, a maioria se levantou, o medo preenchendo o ar como fumaça.

Aqueles soldados provavelmente entraram pelo portão lateral. Os guardas posicionados lá não teriam ouvido o comando de Ransom de impedir a entrada. Não havia razão para deixar para fora soldados que usavam o mesmo uniforme que eles.

Outros soldados desmontavam de seus cavalos, incluindo Banner, que parou ao lado de frei Dime.

Ele estava igual ao dia em que eu parti a bordo do *Cortador*. Usava seu casaco verde-azul, botões dourados refletindo a luz do pátio. E havia raiva em seus olhos, aquelas manchas âmbar brilhando intensamente ao encarar Ransom.

Ele estava ali a mando do meu pai? Estava ali para me levar para casa? Ou estava ali por outro motivo completamente diferente?

Eu sempre elogiara Banner por sua lealdade ao meu pai, mas talvez a lealdade tivesse sido testada enquanto eu estava em Turah. Talvez Banner tivesse vindo buscar o que meu pai não lhe dera.

Vingança contra o Guardião.

Ramsey não deixaria Banner matar seu filho, deixaria? Não que Banner tivesse alguma chance contra Ransom. Minha cabeça começava a doer com tantas perguntas, e a magia voster me deixava no limite.

Zavier e Ransom estavam lado a lado, ambos esperando Ramsey falar.

Ramsey não os fez esperar muito.

— Um batedor crux foi avistado ao longo da fronteira ocidental dois dias atrás.

— Não. — Minhas pernas oscilaram, meu coração se apertando enquanto uma onda de pavor atravessava a multidão.

Uma mulher gritou. Pessoas começaram a cochichar, espalhando

a notícia para aqueles que não conseguiram ouvir. Vi um homem puxar um menino pelo braço de volta para casa.

Era cedo para os crux. A migração estava prevista apenas para o próximo ano. Sempre acontecia na primavera. Sempre. Ainda tínhamos o inverno para nos preparar.

Era cedo demais. Não estávamos prontos.

— Todas as tropas que não forem necessárias nesta fortaleza devem ir para a Allesaria — Ramsey falou. — Aqueles que não quiserem ficar em Ellder são bem-vindos na cidade. Partimos hoje.

Era por isso que estavam em tantos. Ele vinha reunindo todos para levar à capital.

— Você vai cavalgar conosco — Ramsey falou para Ransom. — É uma ordem.

Ransom o ignorou, erguendo a espada para apontar para Banner.

— O que ele está fazendo aqui?

— Fiz um acordo com o Rei Dourado e o general Banner. — Ramsey cruzou os braços diante do peito. — Ele vai levar a noiva de volta para Quentis.

— Não. — Os dedos de Ransom se abriram e se fecharam ao redor da espada, ajustando a pegada. Ele não poderia usá-la contra Ramsey, mas o alerta era claro. Com ou sem juramento de sangue, ele tentaria. — Ela fica.

— Não vou embora. — Falei ao mesmo tempo que Ransom.

Parte de mim estava exultante por meu pai ter cumprido a promessa de me levar de volta para casa. Mas era tarde demais.

Eu estava em casa.

Banner segurou o riso.

— Não estou aqui para buscar você.

Espera.

— O quê?

Então quem ele buscava? Eu era sua noiva. Ou tinha sido. Se ele não estava aqui atrás de mim...

A atenção de Banner se voltou para trás de mim.

Tantas pessoas tinham voltado para casa para espalhar a notícia da aparição do batedor crux que ninguém bloqueava minha visão quando um grupo de soldados avançou em nossa direção.

Um grupo que entrara pelo portão lateral era conduzido por uma mulher que morava ali até pouco tempo antes. Uma mulher com o rosto lindo e grandes olhos castanhos. Seu cabelo loiro estava preso em tranças de guerreira.

— Jocelyn?

Por um instante, fiquei aliviada em revê-la. Em saber que ela voltaria para casa para abraçar a mãe. Será que ela e Banner noivaram depois que a mandei de volta para Roslo?

Ela carregava uma espada. Era menor do que a de qualquer homem, mas parecia à vontade com ela. Experiente e confiante, como Tillia segurava sua espada. Experiente demais para uma dama de companhia.

A alegria de vê-la logo desapareceu quando um pavor surgiu em meu peito.

Jocelyn não era apenas uma dama de companhia, não é? Era uma espiã de Banner?

Ou do meu pai?

Ela tinha vindo comigo por um motivo que não era preparar meus banhos.

Durante esse tempo desenvolvendo minha autoconfiança, esqueci que meu pai não confiava em mim. Jocelyn foi um lembrete brutal, como voltar no tempo. Feridas antigas foram reabertas.

Eu não era a mesma princesa que deixou Roslo. Será que ela contou para eles quanto eu mudei? Eles sequer perguntaram por mim? Ou era tudo sobre Allesaria? Sobre os planos do meu pai?

Ela me fez de idiota, não? Jocelyn reuniu todas as informações que eles pediram, depois me deu a desculpa perfeita para mandá-la

embora. Conseguiu até chorar.

Jocelyn se virou, sinalizando para alguém avançar.

Brielle apareceu ao seu lado e, quando nos viu, um grito sufocado escapou da sua garganta.

— Banner?

Um alívio tomou conta do rosto dele enquanto abria os braços.

— Brielle.

Ela passou correndo pelos soldados e por Jocelyn, o cabelo esvoaçando, os braços e as pernas se movendo com força até que ela se jogou no peito dele.

— Você veio me buscar.

— Prometi que daria um jeito. — Ele se inclinou para trás, segurando o rosto dela, que era tomado pelas lágrimas. Ele a beijou como se estivessem sozinhos num quarto escuro, e não no meio de uma multidão.

O beijo me deixou sem ar.

Banner e Brielle.

Ela era a noiva dele? E esse era o acordo que Banner fizera? As informações de Jocelyn em troca de Brielle.

Pelos tons. Não aguentaria mais nenhuma surpresa por hoje. Mas passado o choque, a verdade fez sentido. Eu conseguia ver agora.

Banner estava na falésia no dia em que zarpamos. Mas não era por mim, era por ela. A mulher que ele tinha na cidade, a amante de quem eu ouvia boatos no castelo. Era Brielle.

Quando perguntei se ela já tinha se apaixonado, ela respondeu que sim, mas que ele havia partido seu coração.

Banner partiu seu coração quando aceitou se casar comigo.

E, mesmo assim, ela o amava, apesar da dor.

Eles se soltaram e ficaram com as testas encostadas, como se estivesse tudo certo no mundo.

Brielle não era a única pessoa que Jocelyn trouxera da casa.

Os soldados atrás de Jocelyn arrastavam Luella para a confusão,

os braços dela imobilizados.

Ransom se virou e levantou a espada enquanto se afastava de mim.

— Soltem-na.

O cabelo escuro de Luella estava solto, o robe aberto para revelar a camisola por baixo. Não deixaram nem que ela colocasse chinelos, então seus pés estavam descalços na terra.

Ramsey não estava ali apenas para buscar o filho. Tinha vindo atrás da esposa.

Eu não sabia como ele a encontrara, mas tinha um pressentimento de que também era graças a Jocelyn. Talvez minha antiga dama de companhia tivesse conseguido associar a descrição da rainha à mulher que era vista com frequência ao lado do Guardião.

Se meu pressentimento estivesse certo, Jocelyn havia traído todos nós.

Vaca.

Zavier se moveu, espiando atrás dos soldados, procurando.

Por Evie. Ai, deuses, onde estava Evie? Esperava que estivesse segura.

Pelo suspiro alto de Zavier, ela devia estar escondida.

Meu suspiro também foi alto.

— Parem! — Um raio branco passou pela multidão. Cathlin abria passagem, tentando chegar aos guardas. Ao ver Ransom já bloqueando o caminho, ela diminuiu o passo, respirando com dificuldade enquanto mudava de direção, parando atrás de Zavier.

Uma fúria emanava do corpo de Ransom ao bloquear o caminho dos guardas, parado diante da mãe.

— Soltem-na.

Eles tiveram o bom senso de ouvir.

Ele podia não conseguir golpear o rei, mas um guarda? Cabeças rolariam num piscar de olhos.

— Vire-se — ele falou para Luella. — Saia daqui.

Ela abriu um sorriso triste e pousou a mão na bochecha dele.

— Quer fosse em Allesaria ou em Ellder, isso acabaria acontecendo. Está na hora de encará-lo de novo. De colocar um fim nisso.

Não. Ramsey a mataria. Ela não estaria falando assim se achasse que eles podiam dar um jeito. Será que ele faria isso ali, na frente de todos? Ramsey a mataria na frente de Ransom?

Havia um sorriso ameaçador e vitorioso no rosto do rei quando me virei para olhar para ele. Depois de quatro anos buscando por Luella, ele a havia encontrado. Quaisquer que fossem as informações que Jocelyn lhe dera o levaram para a fortaleza.

Ela deveria ter fugido. Todos deveríamos ter fugido.

Luella deu a volta por Ransom e andou de cabeça erguida até o marido.

— Ramsey.

— Lu. — Sua voz era fria. — Depois de todo esse tempo, eu tinha certeza de que teria que viajar na direção oposta para encontrar você. Imagine minha surpresa ao ouvir de uma espiã quentina sobre uma mulher que nunca se afastava do Guardião. Uma mulher que se parecia muito com as descrições da rainha. A tutora de uma menina de quatro anos.

Meu pressentimento estava correto.

Meu maxilar ficou tenso, uma raiva ardente percorreu minhas veias. Eu mataria Jocelyn se Ramsey encontrasse Evie.

— Quem é essa menina? — Ramsey perguntou. — Ou devo matar você primeiro, depois descobrir?

— Você perdeu a cabeça, Ramsey — Cathlin disparou. — Ficou louco, cego por causa da inveja e da vingança.

Ele a ignorou, os olhos frios fixos na esposa. Na rainha.

— Ramsey. — A voz de Luella era branda. — Isso foi longe demais.

— Não foi. — Ele levou a mão ao rosto dela, acariciando sua bochecha com a ponta dos dedos.

Ela se encolheu, e a arrogância em seu sorriso virou desprezo.

Ele puxou o cabelo dela, fazendo-a gritar.

Todos avançamos, sem saber o que fazer além de nos aproximar.

Os soldados ao nosso redor também fecharam o cerco, todos com as mãos nas armas. Aquilo se transformaria num banho de sangue se não tomássemos cuidado. Todas as pessoas aguardavam um comando. Para fugir. Ou lutar.

— Chega. — A espada de Ransom estava tremendo ao lado do corpo. *Ele* estava tremendo, como se estivesse lutando contra o próprio sangue para levantar a arma.

Mas ele não poderia impedir isso.

Me movi sem pensar, tirando a espada de seu punho. Seu peso se instalou em minhas mãos como um tijolo de ferro. Eu tinha esquecido como era pesada. Mas eu estava mais forte do que durante a viagem no *Cortador*. Ao levantar a lâmina, soube que conseguiria segurar por mais tempo, mesmo que fosse com duas mãos.

Só precisava segurar por tempo suficiente.

— Solte-a.

Ramsey piscou devagar, surpreso, como se não conseguisse acreditar que havia uma lâmina em seu pescoço.

Os soldados deram mais um passo à frente, mas Zavier, Tillia, Halston, os guerreiros de Ransom e até Cathlin formaram um bloqueio, impedindo a passagem. Por enquanto. Mais armas foram sacadas, e o ar estava tão denso que era difícil respirar.

Meu coração estava acelerado, e me esforcei para manter as mãos firmes. Eu jamais conseguiria manejar de verdade aquela arma, mas Ramsey não precisava saber disso.

— Não fiz juramento nenhum a você, mas juro agora: não vou deixar que mate essa mulher.

Os olhos de Ramsey ardiam, sua expressão virando pedra. Ele era um rei que não estava acostumado a ser contrariado.

Se ele achava que eu recuaria, ficaria decepcionado.

— Sua esposa é irritante — ele disparou, empurrando Luella para o lado com tanta força que ela tropeçou. Ela teria caído se Halston não tivesse estendido a mão para segurá-la.

Ramsey se moveu mais rápido do que qualquer homem que eu já tinha visto fora Ransom. Ele puxou meu braço, me fazendo perder o equilíbrio, e a espada caiu das minhas mãos com estrépito.

— Não. — Ransom deu um salto à frente, mas os soldados atrás dele conseguiram segurá-lo, puxando-o para trás enquanto outros quatro paravam à sua frente.

Oito homens não eram suficientes. Ele conseguiria se soltar. Mas e depois? Aquele maldito juramento de sangue ao rei significava que não havia muito que ele pudesse fazer.

Tillia, Halston, Zavier e seus patrulheiros ainda resistiam às centenas de soldados ao nosso redor, guerreiros prontos para nos matar se recebessem a ordem.

Não havia ninguém para impedir Ramsey. Ele me pegou com força pelos braços e sacudiu meu corpo com tanta força que meus dentes bateram.

— Quem você pensa que é, Pardal?

— A futura rainha de Turah — respondi entre dentes. — Me solte *agora*.

Ele não ouviu.

Então, usei um golpe que Tillia havia me ensinado numa das nossas muitas sessões de treinamento.

Dei uma joelhada na virilha do rei, com tanta força que ele me soltou e se curvou para a frente com um gemido.

Babaca. Minha alegria foi imediata. E durou pouco. Como havia feito com Luella, ele me pegou pelo cabelo, torcendo com força

enquanto uma dor se espalhava por meu couro cabeludo. Não consegui conter um grito.

Um rosnado saiu da garganta de Ransom antes que ele se soltasse, empurrando os soldados como se não fossem nada. Seu calor estava nas minhas costas, um rosnado na voz enquanto o pai me apertava com ainda mais força.

— Vou matar você. Juro.

A respiração de Ramsey ficou pesada.

— Vejo como você olha para ela.

— Ela significa tudo pra mim — Ransom falou.

— Ela vai acabar com você. Como sua mãe fez comigo.

— Pai. Por favor. — Ransom colocou a mão no braço de Ramsey. — Solte.

— Pai? — Banner perguntou. — O Guardião... é seu filho?

Ramsey não respondeu. Voltou o olhar abrasador para o filho e, quando finalmente me soltou, foi me empurrando para o frei Dime.

— Você a queria. Fique com ela.

Eu me debati, caindo nos mantos bordô do sacerdote.

Quando ele tocou em mim, uma chama explodiu em minha pele, a agonia rasgando meus ossos. Um grito escapou da minha garganta, e meus joelhos estalaram quando caí na terra. Mesmo depois que o sacerdote tirou a mão, o grito continuou.

A dor não parava, e o som estridente cortava o ar, cada vez mais alto.

Mas não era mais eu quem estava gritando.

Frei Dime recuou, os olhos infinitos voltados para o céu da noite.

Ransom me levantou, segurando com firmeza enquanto me puxava para trás, para longe do alcance do sacerdote e do seu pai.

Alguém ainda estava gritando. Tampei os ouvidos.

— O que é... — Perdi a voz enquanto o pátio inteiro ficava

imóvel e em silêncio.

O que veio a seguir não foi outro grito.

Foi um bater de asas inconfundível.

Crux.

61

— Crux! — O alerta não era suficiente. Era tarde demais.

A crux desceu sobre o pátio, pousando em frente aos portões abertos. Os soldados de Ramsey que estavam ali parados, logo na entrada de Ellder, morreram esmagados pelas garras do monstro.

Ela era enorme, maior do que eu jamais poderia ter imaginado, mesmo depois de anos examinando aquelas pinturas na galeria de Roslo. Quando se empertigou, tinha três vezes a altura de um homem. Todos os outros monstros que enfrentamos em Turah, todos os terrores que testemunhei — nada se comparava à crux.

Fiquei boquiaberta e sem conseguir respirar, pensar ou me mover. Tudo que eu conseguia fazer era encarar a fêmea, os olhos e as penas mais pretos do que nanquim.

Suas garras cravaram na terra. Os buracos eram tão profundos que poderiam ser usados como covas. Seu bico era curvado numa ponta mais afiada do que qualquer espada.

Os machos eram sempre desenhados com chifres, mas essa fêmea tinha espinhos na frente das asas. A cada golpe desferido contra as pessoas no pátio, ela rasgava carne e osso.

O pátio era um pandemônio.

Os soldados de Ramsey fugiram, a maioria correndo para o coração de Ellder, e os que estavam perto das muralhas conduziram

os cavalos para trás do monstro, tentando escapar de sua fúria. Alguns conseguiram fugir.

Jocelyn tentou se esgueirar na parede, mas a crux bicava cada humano que via, como uma galinha comendo insetos. Minha antiga dama de companhia foi partida ao meio.

— Ama, nos salve.

Flechas voaram dos reparos, a maioria ricocheteando no corpo do monstro. Algumas pareciam acertar, mas a fera mal estremecia, como se não passassem de alfinetadas.

— Abrigue-se! — Ransom gritou, curvando-se para pegar a espada que eu havia tirado da sua mão e segurando-a em posição de defesa enquanto me empurrava para trás. — As estacas. Rápido.

Eu ainda estava paralisada, observando o horror se desenrolar.

— Cross — ele ordenou, tirando-me do transe. — Corra.

Virei, prestes a seguir para a estrada principal, mas as pessoas trombavam em mim, tropeçando umas nas outras na pressa de fugir.

Uma flecha passou zunindo por meu ombro, e me abaixei, avançando com Ransom atrás de mim.

Gritos se misturavam ao guincho do monstro, o barulho tão alto que meus ouvidos doíam.

— Cuidado. — O braço de Ransom envolveu minha cintura, e ele me puxou para o lado.

O corpo de um soldado passou voando diante do meu rosto. Havia um buraco em seu peito.

Um buraco do tamanho de uma garra do monstro.

— Rápido. — Ransom me colocou no chão, apressando-me ainda com a mão nas minhas costas.

Ele deveria estar lutando contra o monstro, não fugindo comigo, mas eu sabia que ele não sairia de perto de mim. Não até deixarmos o pátio.

Então forcei minhas pernas a correrem mais rápido, pulando por

cima de um corpo no caminho, desviando de mais pessoas até chegar à estaca mais próxima na rua, minhas botas escorregando quando parei e me agachei atrás do pilar de madeira.

Olhei para o pátio a tempo de ver a crux bater uma asa nos portões, quase os arrancando das dobradiças. A vibração do impacto fez os soldados em cima do reparo perderem o equilíbrio, dando ao monstro uma trégua momentânea da saraivada de flechas.

— Ransom. Vá. — Empurrei seu ombro. — Sua mãe.

Luella ainda estava no meio da confusão, ajudando um homem ferido a se levantar. Ela passou o braço dele por cima dos ombros e começou a guiá-lo para a muralha.

— Evie — ele falou.

— Eu cuido dela.

Ele assentiu e deu um beijo na minha testa antes de ir.

Eu precisava agir. Chegar na casa. Mas não conseguia tirar os olhos da carnificina. Havia tantas pessoas. Onde estavam Tillia e Halston? Onde estava Zavier? Cathlin?

Alguém derrubou um barril em chamas, e o fogo chegou ao estábulo. O menino lá dentro estava tirando os cavalos, os relinchos assustados se misturando aos gritos e à morte.

Minhas unhas se cravaram na estaca enquanto eu procurava freneticamente por rostos conhecidos.

Quando avistei Tillia, meu corpo relaxou.

Ela estava correndo para a muralha, para longe do monstro. Seu rosto estava coberto de sangue. Mas, do outro lado, Halston e dois outros patrulheiros corriam na direção da crux.

Corriam para matar o monstro.

A crux os viu se aproximando e estendeu uma asa enorme, uma envergadura tão grande que fiquei sem fôlego. Ela passou a asa cheia de espinhos para a frente, como se estivesse abrindo caminho. Pegando aqueles que tentavam escapar.

— Tillia! — Halston gritou.

Ela estava no caminho.

Tillia se curvou para a frente e deu uma cambalhota. A asa da crux passou por cima das costas dela, errando por um triz.

O corpo de Halston relaxou quando ela se levantou. Mas ele estava concentrado demais na esposa. Tirou os olhos da crux.

E a garra do monstro arrancou sua perna, rasgando carne e osso.

Ele caiu de lado, os olhos arregalados, sangue jorrando do ferimento.

A boca de Tillia se escancarou num grito e ela mudou de direção, desviando de outro golpe da asa para chegar até o marido. Ela caiu de joelhos ao lado dele e tirou o cinto para apertar a coxa dele.

Ransom correu para ajudar a mãe com o soldado ferido, mas Luella o afastou com um aceno de cabeça.

Ele beijou a testa dela e saiu para enfrentar a fera.

Ele atacou a crux, um raio prateado enquanto também dava uma cambalhota, apontando para o pescoço da fera ao saltar sob o corpo dela.

Ela se empinou, um guincho ensurdecedor enchendo o ar. Ela abriu e fechou o bico, tentando capturar Ransom, mas ele se esquivava, um vulto em movimento, mais rápido do que nunca, cortando as asas, a barriga e o pescoço dela, muitas e muitas vezes.

O que era necessário para matar aquela desgraça? As penas dela eram feitas de ferro?

Ransom mirou nas patas, mas, antes que ele pudesse atacar, a crux se ergueu e recuou. Suas asas se abriram completamente e, com uma única batida, levantou voo.

O vento levantou uma nuvem de poeira e ar no meu rosto, a terra arranhando meus olhos. A rajada foi tão forte que fez Ransom cair de lado.

— Luella! — Foi o grito de Ramsey que se sobressaiu em meio ao caos.

Ela ainda estava com aquele soldado ferido, um dos soldados dele, e eles avançavam devagar. Devagar demais.

— Corra! — ele gritou para ela, saindo da muralha onde estava abrigado.

Ela levantou os olhos, olhou por cima do ombro.

Mas era tarde demais.

Com aquela única batida das asas, a crux saltou para o lado oposto do pátio. Ela abriu o bico e cortou o corpo de Luella ao meio.

O monstro lançou o tronco dela para o lado. O quadril e as pernas cederam.

Eu caí de joelhos, boquiaberta, sem conseguir respirar enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas.

Horror tomou conta do rosto de Ransom.

— Mãe!

Meu coração batia tão alto que abafava tudo ao redor.

Não podia ser verdade. Não era verdade. Não estava acontecendo. A migração só aconteceria dali a alguns meses. Na próxima primavera. Era apenas um pesadelo. Eu acordaria sã e salva na cama, nos braços de Ransom, e Luella estaria viva.

Estaria no andar debaixo, tomando seu chá matinal enquanto esperava Evie acordar. Estaria fazendo anotações para as aulas, preparando-se para ensinar aritmética e ciências à filha.

A crux se virou para Ramsey, mas um rugido desviou sua atenção. Ela virou a cabeça para o som e Ransom saltou nas costas dela, a espada erguida para se cravar no crânio da crux.

Mas, antes que ele pudesse cravar a lâmina, ela alçou voo, fazendo-o cair no chão.

Zavier e três de seus guerreiros correram até a muralha, empunhando arcos e flechas.

Havia bestas enormes instaladas sobre os reparos. Resquícios de migrações passadas. Mas Ellder mal havia começado suas

preparações. Os ferreiros estavam concentrados fazendo armas para os outros monstros, os barilobos e ursures. Ainda não tinham começado a forjar os grandes virotes para os crux.

Zavier e seus patrulheiros dispararam uma flecha atrás da outra contra a fera, na esperança de que alguma acertasse o alvo, nem que fosse um olho.

Mas isso só parecia irritar mais a criatura. Com outro guincho, voou mais e mais alto, levando junto alguns soldados das muralhas.

Não queria esperar para ver onde ela pousaria. Deixei a estaca e corri para casa.

Atrás de uma menina que não fazia ideia que tinha acabado de perder a mãe.

— Evie! — Empurrei a porta com força e corri para o quarto dela.

Sua cama estava amarrotada e vazia. A de Luella também.

— Evie — chamei de novo, a voz embargada.

Onde ela estava? Onde Luella a mandara para se esconder? Ela não teria saído para a rua, teria? Para enfrentar os monstros?

Faze. Ela estaria com nosso tarkin.

Peguei um par de botas e uma calça do quarto dela, depois subi os degraus de dois em dois para a minha suíte, meus passos estrondosos enquanto eu atravessava a porta. Corri direto para meu quarto, abaixando-me para encontrar Evie embaixo da cama, com seu novo coelho de pelúcia, Feliz, abraçado junto ao peito ao lado de Faze.

Graças aos deuses.

— Venha, estrelinha. — Fiz sinal para ela sair.

Ela se arrastou pelo chão e, assim que saiu, eu a puxei para os meus braços, suas pernas envolvendo meu quadril, seus braços ao redor do meu pescoço.

Eu a abracei por apenas um momento antes de colocá-la em cima da cama para pegar minhas coisas.

— Coloque a calça e as botas.

Ela assentiu, obedecendo enquanto eu me movia sem pensar, pegando meu diário debaixo da cômoda e colocando-o na bolsa. Peguei a adaga que Ransom me dera, recusando-me a pensar na última vez em que a usara. Depois, pendurei minhas armas, ajustando o coldre de facas no ombro e colocando a espada na bainha atrás das costas. Pendurei o suporte de Faze sobre o peito e tirei Evie da cama, onde estava sentada com Faze nos braços.

— Ele está com medo. — Lágrimas cintilaram nos olhos dela.

— Também estou. Mas vai ficar tudo bem. — Eu o peguei das mãos dela e o ajustei no suporte. Depois segurei na mão de Evie e a conduzi para fora.

Nas ruas, as pessoas corriam em todas as direções, gritando e chorando.

— Dess? — Evie choramingou.

— Rápido. — Eu a puxei para a casa principal no térreo e fui para a suíte de Luella. Quando chegamos ao quarto, soltei a mão de Evie para afastar a mesa de cabeceira e abrir a porta do porão de migração.

— Cuidado com os degraus. — Peguei a mesma lanterna que havia usado antes, iluminando o degrau superior, sem me dar o trabalho de fechar a porta antes de descermos para o porão. — Segure isso aqui. — Entreguei a lanterna para Evie e me ajoelhei para abrir o compartimento secreto do último degrau.

Os livros mal cabiam na bolsa, mas os forcei lá dentro e fechei a aba antes de pegar a lanterna de volta.

As fungadas de Evie enchiam o espaço.

— Seja corajosa só mais um pouquinho. — Tirei o cabelo da frente do seu rosto e beijei sua bochecha. Peguei sua mão de novo e apontei para o alto da escada. — Vamos subir.

— A gente não vai ficar aqui?

— Não. — A casa ainda não tinha estacas no telhado. Sem elas, a

crux poderia estilhaçar a construção. Agora que eu tinha visto como os crux eram grandes, não estava disposta a correr o risco. O último lugar onde queria que Evie estivesse era presa embaixo de uma casa, mas não podia deixar aqueles livros para trás.

— Vamos para as masmorras — falei enquanto subíamos. — Vai ser assustador lá fora. Só segure minha mão. Não solte por nada. Pode fazer isso por mim?

— S-sim.

— Essa é minha menina corajosa. — Subimos a escada e atravessamos a casa. Meu coração batia tão forte que meu peito até estava dolorido quando chegamos na porta dos fundos. Olhei para todas as direções procurando a crux e, vendo que o caminho estava livre, saí da casa.

Mas não estávamos sozinhas.

Banner deixou as sombras, saindo da porta de Brielle nos aposentos dos criados. Mesmo no escuro, eu conseguia notar que ele estava com o mesmo olhar enlouquecido de quando ouviu que Ransom era filho de Ramsey no pátio.

Ele caminhava em minha direção a passos sinistros, calculados. Os pelos da minha nuca se arrepiaram. Talvez eu não tivesse dado tanta importância se não fosse pela espada em sua mão direita.

— Banner. Onde está Brielle? — Protegi Evie atrás de mim e tentei espiar além dele.

— Escondida. — Ele deu mais um passo para a frente, os olhos me percorrendo de cima a baixo, observando minhas armas.

— O que você quer?

— Melhor mandar essa menina para dentro, princesa.

Senti um frio na barriga. Eu passara tempo suficiente entre monstros para reconhecer o olhar de um predador caçando sua presa. Estendi a mão atrás do ombro e saquei uma faca da bainha.

— O que está fazendo, Banner?

— Eles nos fizeram de idiotas com tantas mentiras. Me fizeram

de idiota.

Empurrei Evie para longe da porta e posicionei meu corpo de volta na frente do dela.

— Você não é idiota. É um general com uma noiva que deve estar assustada sem saber para onde você foi. Encontre Brielle e a leve de volta para Quentis.

— Fiz uma promessa. Jurei que me vingaria dele. — Ele engoliu em seco, olhando para mim por um longo momento. Quase como se quisesse deixar tudo isso para trás, mas os fantasmas do irmão e da mãe, além do próprio orgulho, não o deixavam esquecer.

Ele podia ter vindo a Turah para buscar Brielle. Mas ficaria por vingança.

Para me matar.

Matar a pessoa que o Guardião mais amava.

62

Banner levantou a espada e avançou mais um passo.

Deuses, eu estava carregando coisas demais. Recuei, soltando o suporte e a bolsa enquanto Banner continuava vindo em minha direção. Faze correu para os braços de Evie.

Peguei a outra faca e ergui as duas, assumindo a posição de combate.

— Fique longe.

— E você por acaso sabe o que fazer com essas armas?

— Chegue mais perto e descubra. — Apertei os cabos com mais força e engoli uma onda de pavor. Eu queria minha espada. Estava praticando mais com ela. Ela me permitiria manter uma distância maior. Mas ele poderia atacar se eu tentasse trocar de arma.

Só me restava torcer para que os meses de treinamento, as horas incontáveis com Tillia e Ransom, fossem suficientes.

— Largue as armas, Odessa. E juro fazer isso de maneira indolor.

— Vai se foder.

As palavras mal tinham deixado meus lábios quando ele avançou e desferiu um golpe, rápido e mortal. Sua espada colidiu com as minhas facas, jogando meus braços para o lado. Ele era rápido, mas eu havia treinado com pessoas mais rápidas que ele, então consegui me manter em pé.

— Dess! — Evie gritou enquanto eu recuava para o meio da rua.

Ransom teria me criticado por recuar. Não era minha melhor reação a um ataque, mas Banner me pegara de surpresa. Eu não deixaria que isso acontecesse novamente.

Inspirei fundo e parei um instante para me recompor. Para respirar, flexionar os joelhos e me concentrar. Eu conseguia fazer isso.

Consigo fazer isso.

Não tinha outra opção.

— Acha mesmo que resistir vai mudar o resultado? — ele perguntou, cercando-me com um olhar de caçador.

— Acha mesmo que vou simplesmente deixar que me mate? — Ignorei o caos nas ruas. Me imaginei numa arena de treinamento com Ransom e, hoje, eu não cairia.

Havia um ódio puro no olhar de Banner enquanto avançava de novo, desferindo um golpe forte. Seus movimentos eram os de um general letal que mantinha sua lealdade. Velozes e fluidos. Ele era alto. Forte. Rápido.

Mas não era tão bom quanto Ransom. E todos aqueles dias em que eu amaldiçoei o Guardião pelo treinamento me ajudaram a manter o equilíbrio.

Eu bloqueava cada golpe. Esquivava cada corte. Suor escorria nas minhas têmporas, e meu coração batia como um martelo nos meus ouvidos, mas todos aqueles quilômetros que eu havia corrido me ajudaram a manter os músculos aquecidos, não cansados. Ainda não.

— Inferno. — Banner mostrou os dentes enquanto me atacava de novo, o olhar se voltando para Evie, que ainda estava perto da casa, com Faze nos braços.

Ele seria capaz de atacar uma criança para se vingar? Usaria a menina contra mim?

Entrei na frente dela, bloqueando sua visão.

O volume do caos ao nosso redor aumentava e diminuía ao mesmo tempo, como se meus ouvidos estivessem absorvendo tudo e ao mesmo tempo ignorando tudo que não fosse Banner. Calando tudo menos aquela luta.

— Não precisa ser assim — falei para ele. — Tire Brielle daqui antes que seja tarde demais.

— Nunca mais vou ter essa chance.

Não, não teria. Se meu pai ou Ransom descobrisse que ele havia tentado me matar, a vida de Banner estaria condenada.

Banner já era um homem morto. Estava apenas adiando o inevitável.

— Você não vai me matar hoje — falei.

Era por isso que eu havia pedido uma espada a Ransom e Zavier. Por isso que passara meses e meses treinando. Não para que alguém viesse me salvar.

Para que eu mesma me salvasse.

Até agora, eu vinha apenas desviando dos seus golpes. Era hora de atacar.

Simulei um ataque para a esquerda, depois golpeei pela direita. A ponta da faca cortou sua coxa, atravessando a calça, que não era feita de couro de ursur.

Ele gritou e colocou a mão no corte, que voltou manchada de sangue. Ele ficou olhando para o sangue, depois para mim, como se nunca tivesse me visto antes. Limpou o sangue e partiu para cima de mim com movimentos descontrolados e letais.

Bloqueei seus golpes — à esquerda, à direita, por cima e à esquerda outra vez. De novo e de novo até as palmas das minhas mãos ficarem doloridas com a vibração. Até as minhas armas ameaçarem deslizar por causa do suor.

Mas eu não desistiria. Consegui mais um corte, dessa vez no bíceps, e o sangue escorreu por seu casaco verde-azul.

Ele tentou acertar minha barriga e, quando pulei para trás, viu a

chance de dar o golpe final. Sacou do cinto uma das facas que era famoso por arremessar, girando-a nas mãos para segurá-la pela lâmina.

Senti um frio na barriga. Não sabia como deteria uma faca de arremesso. Ransom ainda não me ensinara isso.

— Evie! — O grito de Zavier encheu a rua enquanto ele virava a esquina de casa, correndo atrás da filha.

— Papai! — Lágrimas escorriam pelo rosto dela.

Mas Zavier mudou de direção. Em vez de correr para a filha, foi em direção a Banner.

— Não!

Aconteceu tudo ao mesmo tempo.

Banner girou, com o olhar desvairado. Sua mão se moveu como um raio, lançando a faca, que girou no ar.

Até se cravar no fundo da barriga de Zavier.

Ao mesmo tempo que finquei minhas facas no abdômen de Banner.

Caiu um silêncio. A última coisa que ouvi foi o grito de Evie.

Foi como se minha mente tivesse chegado ao limite. Havia sons demais, horrores demais para compreender. Algo precisava ceder.

Era o barulho.

Virou um zumbido surdo, e tudo que eu conseguia fazer era assistir ao pesadelo.

A boca de Evie estava aberta aos prantos. Seus lábios se moviam.

Papai. Papai.

Ele estava olhando para a faca, sem piscar. Sua espada caiu no chão. Sangue escorria do cabo da adaga, cobrindo sua túnica. Não estava usando o colete de ursur. Tinha saído de casa às pressas e esquecido a armadura.

Uma bolha vermelha surgiu em seus lábios e escorreu pelo queixo enquanto ele caía de joelhos.

Evie correu até ele, apertando a faca, os dedos imediatamente

cobertos de sangue enquanto tentava estancar o fluxo.

Um grito atravessou o vazio, rompendo o silêncio.

Meu próprio grito.

O barulho voltou como uma explosão, tão alto que meus ouvidos deviam estar sangrando.

— Papai! — Evie olhava para a barriga dele, os olhos arregalados de pânico.

Zavier caiu de lado, tossindo quando seu ombro tocou o chão. O sangue da sua boca respingou no rosto de Evie.

Deixei minhas facas no corpo de Banner e corri até Zavier, as mãos cobrindo as de Evie, tentando segurar o sangue como se pudesse mantê-lo dentro do corpo dele.

— Está tudo bem. Está tudo bem, está tudo bem.

Não estava tudo bem.

Era sangue demais.

— Papai! — A voz de Evie embargou, partindo meu coração.

Os olhos de Zavier se encheram de lágrimas e ele estendeu a mão para ela com palavras truncadas e ensanguentadas nos lábios.

— Eu te amo.

Apertei as mãos com mais força ao redor da faca.

— Socorro.

Deuses, eu precisava de ajuda. De um curandeiro, uma magia ou qualquer coisa para estancar aquele sangramento.

— Socorro! — gritei, na esperança de que alguém ouvisse.

— Fujam. — Seus olhos verdes em pânico encontraram os meus. — Corram.

— Socorro! — Minha voz falhou. Onde é que estavam os curandeiros? Não sabiam que pessoas estavam morrendo?

Zavier balançou a cabeça, tentando dar seus últimos suspiros. E, quando voltou a falar, era pouco mais de um sussurro.

— Evie.

Ela não podia ficar ali. Não desse jeito. E assim ele sangraria até

a morte na rua. Sozinho.

— Desculpa. — Chorei, as lágrimas caindo sobre sua camisa encharcada de sangue.

Os olhos de Zavier foram se fechando quando tirei as mãos.

Levando os dedos à boca, fechei os olhos, sentindo o gosto do seu sangue nos lábios, e soltei o assobio mais alto que consegui. Um assobio de Treow, torcendo para que alguém, qualquer pessoa, reconhecesse o sinal.

O sinal de que as coisas não estavam bem.

Engoli o choro enquanto me levantava, meu equilíbrio vacilando enquanto seguia a rua, passando pelo corpo inerte de Banner.

O caminho mais rápido para as masmorras era pelo centro de Ellder, mas eu não correria o risco de ficar tão exposta. Seguiríamos por becos e vielas entre as construções ao longo da via principal, esgueirando-nos pela fortaleza até chegarmos ao quartel. Com sorte, conseguiríamos passar despercebidas pelos horrores no céu.

Corri até a bolsa e a coloquei de novo junto com o suporte de Faze. Guardei o coelhinho de Evie e peguei Faze. Ele estava tremendo ao lado de Evie. Com ele no suporte, respirei fundo para criar coragem e peguei Evie nos braços.

— Venha comigo, estrelinha.

— Não! — Ela esperneou e gritou, resistindo enquanto eu a tirava de perto de Zavier. — Papai!

— Desculpa. Precisamos ir. Não podemos ficar aqui. — Eu a abracei com mais força, virando-a para longe.

— Papai! — Ela estendeu as mãos por cima dos meus ombros, na direção do pai.

Segui em frente, os braços em volta dela até deixarmos Zavier.

Ela se afundou no meu ombro quando viramos uma esquina e ela o perdeu de vista.

— Sinto muito. — Beijei sua têmpora quando paramos ao lado

da loja de brinquedos em que havíamos comprado Feliz, o coelhinho de pelúcia.

Hoje. Tinha acontecido tudo nesse dia.

Uma vitrine da loja estava quebrada. Uma lanterna estava estilhaçada no chão, chamas lambendo as prateleiras de brinquedos.

O mundo estava pegando fogo.

Onde estava a crux? Vasculhei os céus, tentando ver além dos telhados. O bater constante das asas e rajadas de vento enchiam as ruas.

Ela estava voando, mergulhando para pegar sua presa. Longe do alcance da espada de Ransom.

Onde ele estava? Ajudando as pessoas a escaparem?

Havia pessoas em quase todas as sombras, pessoas tentando fugir de Ellder, fosse pelo pátio ou pelo portão lateral.

Mais adiante, o padeiro, um homem que comprava flores para a esposa toda manhã, arriscava atravessar a rua. Sua esposa estava abraçada ao seu lado. Estavam fugindo de seu comércio, provavelmente em busca de abrigo.

Como se conseguisse sentir o desespero deles para sobreviver, a crux mergulhou da noite e, com um único golpe da garra, arrancou a cabeça do homem.

Cobri a boca com a mão para abafar um grito. Usei a outra para manter o rosto de Evie afundado em meu ombro para que ela não visse aquilo.

A esposa caiu de joelhos.

E tentou colocar a cabeça do marido de volta ao corpo.

A crux deu uma volta, mirando uma construção. Cravou as duas patas numa casa, arrancando um pedaço do telhado, carregando-o por um momento antes de soltar. Varas e vigas explodiram da pilha ao cair no chão, bloqueando o caminho que eu pretendia seguir. Nos obrigando a pegar a via principal.

Ajustei a forma como segurava Evie, esperei até a crux voar para o lado oposto e atravessei a rua correndo, sem parar até passar por outro beco e me abaixar sob um toldo. Fui me esgueirando pela parede e quando cheguei numa esquina espiei a via principal, na esperança de ver Ransom.

Havia uma mulher caminhando ao longo da fileira de estacas. Estava com duas facas, as minhas facas, nas mãos cobertas de sangue.

— Brielle! — exclamei. Ela morreria ali. Precisava fugir. Se esconder. — Corra!

Em vez disso, ela parou. Soltou as facas. E ergueu os olhos para as estrelas.

— Não. — Meu corpo congelou.

Um guincho cortou o ar, tão alto que Evie tampou os ouvidos. Depois veio o bater de asas.

O monstro mergulhou do céu, outro guincho atravessando a noite.

Brielle não soltou nenhum som enquanto era levantada do chão. Enquanto era carregada aos tons.

Só me restava esperar que fosse para o paraíso de Arabella.

Meus joelhos fraquejaram, o peso daquela morte grande demais para suportar.

— Consegue andar? — perguntei a Evie.

Ela assentiu, então a coloquei no chão.

— Vamos correr, tá? Até as masmorras.

Ela fechou os olhos, lágrimas grossas grudando em seus cílios cobertos de fuligem.

Dei um beijo em sua testa, peguei sua mão e corremos por uma rua, depois por outra.

O bater de asas me fez parar e me encolher perto de uma parede quando a crux voltou a mergulhar. Aquele trecho da rua não tinha estacas, então havia espaço para pousar.

A luz do fogo refletiu as asas do monstro, fazendo as penas pretas brilharem em tons de vermelho e laranja.

Recuei, a respiração na garganta. *Voe. Vá embora.*

Faze soltou um gemido, as garrinhas se cravando no tecido do suporte, como se soubesse que os verdadeiros monstros haviam chegado em Calandra.

O chão tremeu quando a crux alçou voo, seguindo para o pátio.

Meu corpo relaxou na parede.

— Tá. Vamos de novo. No três. Um. Dois. Três.

Puxei Evie comigo, minha mão firme na sua, até finalmente chegarmos ao último prédio. Do outro lado ficavam os alojamentos. Se conseguíssemos chegar às fileiras de casinhas, poderíamos conseguir alcançar a muralha. Mas havia um grande descampado que separava os edifícios da cidade dos alojamentos dos soldados.

O espaço não parecia tão vasto antes. Agora, parecia a Krisenth. E estava coberta de corpos e sangue. Soldados que haviam saído dos alojamentos para lutar. Para morrer.

— Só mais um pouco. — Eu a peguei nos braços, esperando que ela contornasse com as pernas minha cintura.

Enchi os pulmões de ar, preparando os pés. Saí correndo, saltando por cima de corpos, vísceras e sangue.

Cheguei às fileiras de alojamento, mas não parei. Fixei os olhos na pedra que ficava no limite da fortaleza e continuei avançando, grata pelas voltas e voltas que havia corrido ao redor de Ellder e Treow.

Meu condicionamento não era mais uma merda.

Mas eu não era páreo para um monstro voador gigantesco. A criatura gritou enquanto um vento empurrava meu cabelo sobre o rosto. Um vento tão forte que me lançou à frente.

— Abaixa! — O grito de Ransom veio do meu lado.

Eu me joguei de joelhos, meu corpo se curvando sobre o de Evie

enquanto esticava o pescoço para o céu.

O monstro vinha como uma flecha, reta e certeira. Suas garras estavam estendidas, prontas para cravar em nosso corpo, para nos tirar do chão.

Eu só podia torcer que ela me levasse, e não Evie.

Relaxei os braços, colocando alguns centímetros de espaço entre o meu corpo e o dela, e me preparei para o impacto.

Mas veio de lado, não de cima, quando Ransom nos empurrou, tirando-nos do caminho da crux.

A dor atravessou meu ombro enquanto rolávamos. O corpo de Ransom se bateu contra o meu, mas ele confirmou que Evie estava protegida em seu peito. Ele caiu ao meu lado, com a irmã nos braços e os olhos no céu.

Olhei para cima a tempo de ver a crux escolher outro alvo, um cavalo que galopava para longe, tentando fugir.

— Odessa. — Os olhos prateados de Ransom estavam arregalados enquanto pegava Evie no colo e me ajudava a me levantar, puxando-me para o alojamento mais próximo. Ele a colocou no chão, passando as mãos pelo corpo dela, depois pelo meu, procurando por ferimentos.

— Estou bem. Mas Zavier. Ele... — Eu não conseguia dizer. Não queria dizer.

Seus olhos prateados faiscaram de incredulidade. E angústia. Ele apoiou a testa na minha.

A crux gritou no céu. Um grito de guerra. Uma promessa de morte.

Ele recuou, os olhos vasculhando os meus enquanto passava os dedos, sujos de sangue, no meu cabelo.

— Não é seguro para você aqui.

Ele não estava falando sobre a fortaleza. Não estava falando sobre Ellder.

Não era seguro para mim em Turah. Não se a teoria dele

estivesse certa e aqueles monstros fossem atraídos por mim.

Não se a migração já estivesse começando.

Ele mesmo dissera isso, meses antes. Quentis sempre foi melhor em se esconder do que lutar. E na migração tudo que podíamos fazer era fugir.

E nos esconder.

Balancei a cabeça, desesperada por outra solução.

— E você?

Ele encostou os lábios na minha testa.

— Vá.

— Ransom...

— Por favor. — Ele tirou as mãos do meu cabelo. Depois, com um desespero que eu nunca tinha visto, desafivelou a braçadeira. E a prendeu ao redor do meu braço. — Você sabe o que é isso?

A estrada para Allesaria.

— Sim.

— Não sei para onde meu pai foi. Se ele ainda estiver na fortaleza, você não pode estar. Nem Evie.

— Ele sabe da masmorra e do túnel?

— Provavelmente.

Merda.

— Então Treow. Vou encontrar o caminho até o acampamento e esperar lá. — Eu lembrava a maior parte do percurso. Claro, tinha sido durante o dia, mas eu encontraria o caminho por pura força de vontade.

— Ande na direção de Aurinda — ele falou, apontando para a lua. — Ela vai guiar você até Treow.

— Tá. — Engoli em seco.

— Se eu não chegar até depois de amanhã, você precisa ir. Tire Evie de Turah. Faça o que for necessário.

Dar ao *meu* pai o que ele queria depois de todo esse tempo. Mesmo que significasse que Turah, assim como Calandra, mudaria

para sempre.

— Tem certeza?

Aquela poderia ser a morte dos vosters. O fim de Allesaria. A propagação da lyssa. Eu não fazia ideia do que meu pai estava planejando.

Ele não confiava em mim para revelar suas verdades.

— Confio em você. — Ransom ajeitou um cacho rebelde para fora do meu rosto quando o bater de asas ficou cada vez mais alto. Depois sua boca encontrou a minha com um beijo intenso que terminou rápido demais.

Não prolongaríamos nosso adeus, não com aquele monstro nos céus.

— Eu te amo, Evie. Fique com Odessa. — Ele se curvou para beijar seu cabelo, depois deu um passo para trás, erguendo os olhos para a noite. Seu maxilar tensionou, a mão apertando a espada. — Corra. Agora, Cross.

Lágrimas quentes caíram na terra aos meus pés.

— Eu te amo.

— Sim, ama. Não se esqueça.

— Jamais.

— Também não vou esquecer. — Ele engoliu em seco. — Vou encontrar você. Aqui ou nos tons.

A crux pousou atrás dele, o chão tremendo com o impacto. E Ransom, meu Guardião, se virou para lutar.

Para mostrar à desgraçada quem era o verdadeiro monstro de Calandra.

Para nos dar tempo de fugir.

Ele manteve a crux longe por tempo suficiente para eu pegar Evie e correr pelo restante dos alojamentos. Quando cheguei na última fileira, arrisquei um olhar para trás.

A crux voou do alto das muralhas elevadas da fortaleza. Batendo as asas pretas. Um guincho saindo da garganta.

E Ransom em suas garras.

Meu coração pareceu explodir de dor.

— Ele vai ficar bem — falei para Evie, forçando um pé na frente do outro até chegarmos à masmorra. — Ele vai matar a crux.

Ele mataria os monstros. Mataria todos.

E depois me encontraria. Eu não aceitaria qualquer outro desfecho.

— Nós o veremos em Treow. Vamos. — Puxei Evie pelas paredes escuras das masmorras, esperando meus olhos se acostumarem, tateando com os pés em busca da lanterna que estava lá da última vez.

Ela tilintou quando a chutei. Eu me abaixei e usei um fósforo da sua bandeja para acender o pavio.

Estreitando os olhos sob a luz repentina, eu ergui a lanterna com uma mão e dei a outra para Evie enquanto avançávamos pela entrada do túnel secreto.

Os passos dela estavam ficando lentos, como se seu corpo estivesse entrando em colapso depois do estresse dessa noite.

— Já vamos descansar — prometi.

Antes, eu queria estar atrás da porta desse túnel.

Ela se abriu com um empurrão forte do meu ombro, o ar lá dentro pesado e úmido. O túnel era alto e largo, a escuridão devorando a luz da lanterna. Andamos uns dez passos e, ao contornar a borda de pedra lisa, eu me assustei ao ver outra luz.

E tive aquela sensação arrepiante de aranhas na minha pele.

Não estávamos sozinhas.

— Não fuja. — O frei Dime saiu das sombras e, não fosse pelo cavalo ao seu lado, eu teria me virado. Ele segurava as rédeas de Freya, minha égua querida. Ela estava alerta, mas não assustada.

— O que você quer? — Protegi Evie atrás de mim.

— Você precisa vir comigo, criança.

Não era uma sugestão.

Ramsey dissera que o frei Dime me queria. E agora ele me encontrou. Por quê?

— Isso tem a ver com a minha mãe?

Ele não respondeu. Apenas virou Freya e nos conduziu pelo túnel até a abertura que dava para fora das muralhas, para a floresta.

O frei Dime tomou o cuidado de não tocar em mim enquanto me entregava as rédeas. Apenas por causa desse cuidado eu não subi no dorso de Freya e cavalguei para o outro lado do continente.

Eu não confiava nos vosters. Mas Ransom sim.

Era o suficiente por hoje.

— Pode subir — falei para Evie, colocando-a na sela primeiro e lhe entregando a lanterna antes de me sentar atrás dela.

Ela se afundou nos meus braços, o nariz em meu peito. Colocou a mão dentro do suporte de Faze e segurou sua patinha.

Beijei sua bochecha, sentindo lágrimas nos lábios.

— Segure firme, estrelinha. Você está segura.

Era mentira. Mas falei mesmo assim.

O frei Dime levantou a mão esquelética, erguendo um único dedo, e soprou uma rajada de ar para a lanterna, apagando a chama.

E nos conduziu noite afora.

63

RANSOM

Minha bota fez um som úmido ao pisar numa poça de sangue.

Eram poças demais para evitar. Cobriam o chão como se tivessem caído de uma chuva forte.

O fedor de sangue e morte preenchia o ar. Atravessei as fileiras e fileiras de corpos no pátio, contando cada um ao passar. O número nunca seria exato. Homens, mulheres, crianças. Eram tantos os que sofreram mortes horríveis que seria impossível juntar as partes.

Reconstituir os corpos.

Cathlin estava na ponta da última fileira, olhando para o corpo estendido no chão à espera de uma cova.

O cadáver da minha mãe.

Um lençol cobria a maior parte do seu corpo, mas eu reconhecia a saia do seu vestido. Foi presente meu no último equinócio.

A dor e a tristeza chegaram tão rápido que me sufocaram, mas engoli as emoções, enterrando-as lá no fundo, onde poderiam corroer e crescer. Onde viveriam para alimentar minha fúria.

Os incêndios que se espalharam durante o ataque finalmente cessaram. Alguns edifícios foram reduzidos a cinzas e brasas. Depois que a crux morreu, os sobreviventes de Ellder conseguiram

apagar as chamas.

As muralhas ainda estavam em pé, mas os portões estavam apoiados um sobre o outro como dois pedaços de palha, prontos para desabar no primeiro vento forte.

Em algum momento, enquanto eu estava desacordado, meu pai e seus soldados sobreviventes saíram por aqueles portões. Desgraçado. Eu cuidaria dele depois.

Cathlin secava as bochechas, as lágrimas sem fim. Seu cabelo caía solto ao redor dos ombros, e a barra do seu vestido estava encharcada de vermelho.

Parei ao lado dela e peguei sua mão, olhando fixamente para os pés da minha mãe.

Havia uma boa chance de que outro corpo se juntasse àquelas fileiras. Talvez dois.

Halston estava resistindo na enfermaria.

Zavier também.

Uma curandeira, Geezala, encontrou o corpo de Zavier na noite anterior. Ouviu um assobio que aprendera durante seu tempo como curandeira em Treow. Pediu para eu me preparar para o pior. Que nenhum homem poderia sobreviver a um ferimento daqueles.

Quando Tillia ouviu isso, mandou Geezala se foder e salvar a vida de Zavier.

Tillia faria com que Halston sobrevivesse ao ferimento, nem que por pura força de vontade e persistência. E garantiria que Zavier vivesse para ver mais um dia.

O diadema que normalmente repousava em sua testa agora estava em meu colete.

Ele já tinha sacrificado demais por Turah. Por mim.

Se Zavier, Dray, sobrevivesse, teria sua vida de volta.

Não precisaria mais fingir.

Dei um beijo na têmpora de Cathlin e apertei sua mão. Passei pelo corpo da minha mãe e fui para o único cadáver que estava

sozinho.

No centro do pátio, o corpo nu de uma mulher jazia numa poça de sangue.

Eu me agachei ao lado dela, observando-a da cabeça aos pés pela décima vez.

Aquilo era real? Ou meus olhos estavam pregando uma peça? Será que o impacto confundira minha mente e minha memória?

Depois que Odessa fugiu para a masmorra com Evie, a crux me pegou do chão e me carregou para o céu. Provavelmente para me derrubar de uma altura incomensurável. Mas a desgraçada não contava com a minha fúria.

Cravei a espada em seu peito, bem no coração. E caímos dos tons.

O monstro absorveu o pior do impacto, mas fui lançado com tanta força que, quando acordei, os raios fracos da manhã já beijavam o horizonte.

Era para haver o corpo sem vida de um monstro no pátio. Era para haver uma fera alada com minha espada no peito.

Em vez disso, tirei minha espada do corpo daquela mulher.

Uma mulher de cabelo ruivo, os cachos em espiral de um misto de laranja e morango e cobre.

O cabelo de Odessa.

Desembainhei uma espada do cinto e cortei uma mecha, que guardei no colete, ao lado do diadema de Zavier.

Meu diadema.

Eu me levantei e lancei um último olhar para a mulher. A crux.

— Já viu ou ouviu falar disso antes? — perguntei a Cathlin quando ela apareceu ao meu lado.

— Não — ela respondeu. — Todos os crux mortos eram apenas monstros. O que acha que isso significa?

— Não sei. — Mas descobriria a qualquer custo.

Passei por cima do corpo da mulher e olhei para o soldado de

guarda.

— Queime.

— Sim, senhor — ele respondeu enquanto eu passava por ele em direção aos portões.

— Para onde você vai? — Cathlin gritou.

Continuei andando.

— Encontrar minha esposa.

Agradecimentos

Obrigada por ler *Escudo de Pardais*! Escrever este livro foi uma jornada que encheu minha alma. Há anos queria me aventurar na fantasia romântica, e sou muito grata a Liz Pelletier por me dar esta oportunidade de abrir minhas asas.

Obrigada, Liz, por todo o tempo, energia e carinho que você dedicou à história de Odessa e Ransom. E a toda a equipe da Red Tower Books, muito obrigada pela parceria incrível!

Obrigada a Georgana Grinstead, por acreditar em mim e lutar pelos meus sonhos. Você é meu raio de sol e esperança. Sou imensamente grata por tudo o que faz.

Elizabeth Nover, obrigada por estar sempre disposta a ser a primeira alma corajosa a mergulhar nas minhas primeiras versões. Seus conselhos e suas contribuições são inestimáveis.

Obrigada, Logan Chisholm, por todo o trabalho que faz nos bastidores, dia após dia. Graças a você, posso me perder nesses mundos imaginários sabendo que tem alguém para guiar o barco. Obrigada por milhares de mensagens de voz, por estar sempre disposto a ouvir e por sempre me apoiar.

Obrigada, Nicole Resciniti, por ser uma verdadeira defensora deste livro e de mim. Por estar sempre presente para conversar e ajudar a superar qualquer obstáculo.

A Samantha Brentmoor e a Jason Clarke, obrigada por arranjarem tempo nas suas agendas para encaixar um projeto nada pequeno. Obrigada! Adoro vocês.

A Kaitlyn, por ser a melhor amiga que eu poderia pedir e estar sempre pronta para trocar ideias. A Monica, Marni, Valentine e Karla, por serem as melhores incentivadoras. E às mães do time de basquete, que sempre trazem uma coca zero a mais porque sabem que devo precisar. Obrigada!

Eu não conseguiria fazer esse trabalho sem o apoio incondicional da minha família incrível. Bill, Will e Nash, vocês provavelmente nunca vão ver isso, mas saibam que são todo o meu coração.

E, por fim, obrigada mais uma vez a você por ler. Com tantos livros no mundo, é uma honra que tenha escolhido o meu. Mal posso esperar para levar você à próxima parte desta aventura.

Copyright © 2025 by Devney Perry LLC.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Shield of Sparrows
CAPA LJ Anderson
ILUSTRAÇÕES DE CAPA Eclectic Anthology/ Creative Market, MikeyGen73/ Getty Images e Ukki Studio/ Shutterstock
MAPA Elizabeth Turner Stokes
ILUSTRAÇÕES DAS MOLDURAS DO MAPA MassyCG/ Shutterstock e DestinaDesign/ Shutterstock
PREPARAÇÃO Natália Mori
REVISÃO Nestor Turano Jr. e Juliana Cury
VERSÃO DIGITAL Calil Mello Serviços Editoriais
ISBN 978-85-8439-508-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
x.com/editoraparalela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Perry, Devney
Escudo de Pardais [recurso eletrônico] / Devney Perry ; tradução Guilherme Miranda. — 1. ed. eletrônica — São Paulo : Paralela, 2026.
Dados eletrônicos (1 ePub).

Título original: Shield of Sparrows.
ISBN 978-85-8439-588-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:
Ficção : Literatura norte-americana 813



O amor nos tempos do inferno

Lynn, Jaysea
9788584395705
560

Compre agora e leia (Publicidade)

Uma deliciosa romantasia sobre o encontro da paixão e da

felicidade nos lugares mais inesperados e sobre como a morte nem sempre é o fim.

Muita gente mandava Lily ir para o inferno.

Então ela foi.

Não é com muita animação que Lily chega ao Pós-Vida depois de morrer de câncer com apenas 34 anos. O que ela encontra ali, no entanto, é mais fantástico do que poderia imaginar: divindades tomam café com meros mortais, seres feéricos transitam livremente entre reinos e almas encontram maneiras inusitadas de transformar a morte em um novo começo.

Explorando os diversos ambientes que o Pós-Vida tem a oferecer, Lily se vê inesperadamente atraída para um lugar que passou a vida toda temendo: o Inferno. Equipada com anos de atendimento ao cliente e de sarcasmo contido, ela decide assumir uma função inédita em meio aos demônios: ajudá-los, com muito bom humor — e por vezes com um pouquinho de violência —, a mandar as almas para o círculo do Inferno ao qual pertencem.

Os habitantes locais surpreendem Lily a cada dia, em especial Bel, um general incrivelmente sexy e divertido com quem ela logo descobre ter uma química irresistível. Mas há um perigo à espreita nos limiares do Universo, algo que ameaça destruir tudo o que eles conhecem… e vai ser preciso lutar com todas as forças para resistir.

CONTEÚDO ADULTO

Compre agora e leia (Publicidade)



No meu livro, não

Holt, Katie
9788584395156
376

Compre agora e leia (Publicidade)

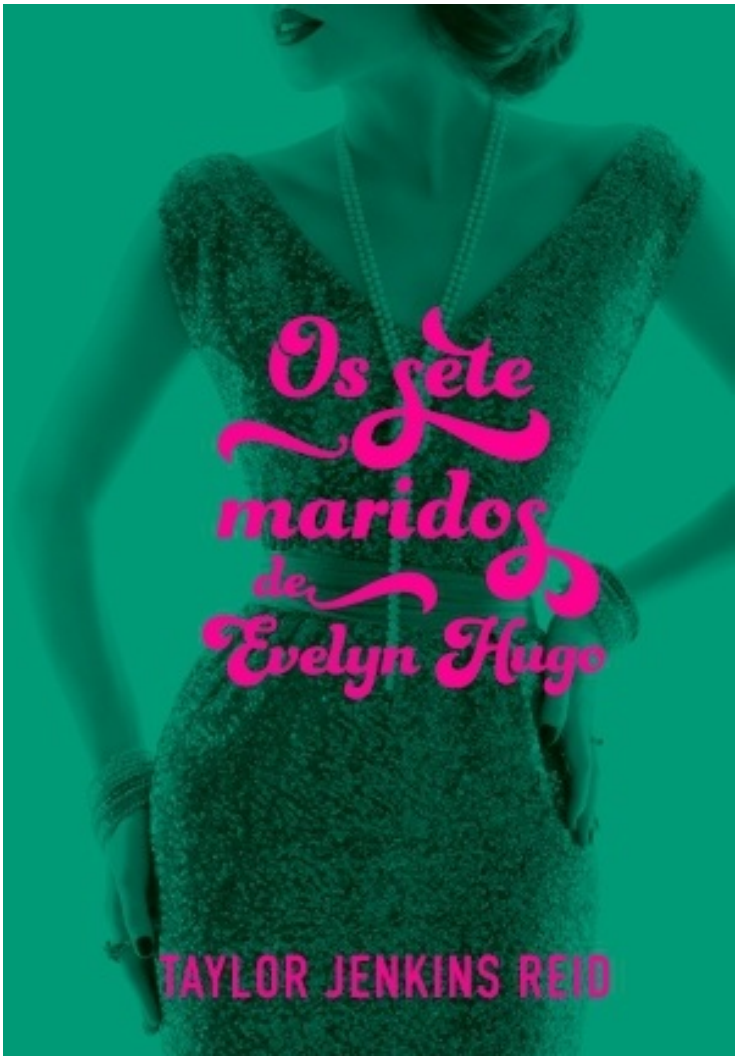
Nem os livros mais românticos poderiam prever que a rivalidade entre dois escritores poderia resultar em um amor tão puro quanto inesperado.

Rosie cresceu numa cidade pequena e se mudou para Nova Iorque para perseguir seu grande sonho: se tornar uma autora de histórias de amor. Em sua aula de escrita criativa, ela é um destaque, encantando a professora e os colegas com seus textos apaixonantes. O único obstáculo? Aiden, seu colega de sala metido e pretensioso.

Assim como Rosie, Aiden é um talentoso aspirante a escritor. Mas, ao contrário dela, ele abomina romances, com seus finais felizes previsíveis e açucarados. Cansada das brigas intermináveis entre os dois alunos, a professora propõe um desafio: Rosie e Aiden devem escrever um livro juntos. Para isso, vão precisar se conhecer melhor e ultrapassar as barreiras que passaram tanto tempo erguendo. Será que vão conseguir escrever juntos uma bela história de amor? Ou tudo não vai passar de uma tragédia com proporções épicas na vida de ambos?

CONTEÚDO ADULTO

Compre agora e leia (Publicidade)



Os sete maridos de Evelyn Hugo

Reid, Taylor Jenkins
9788554515737
360

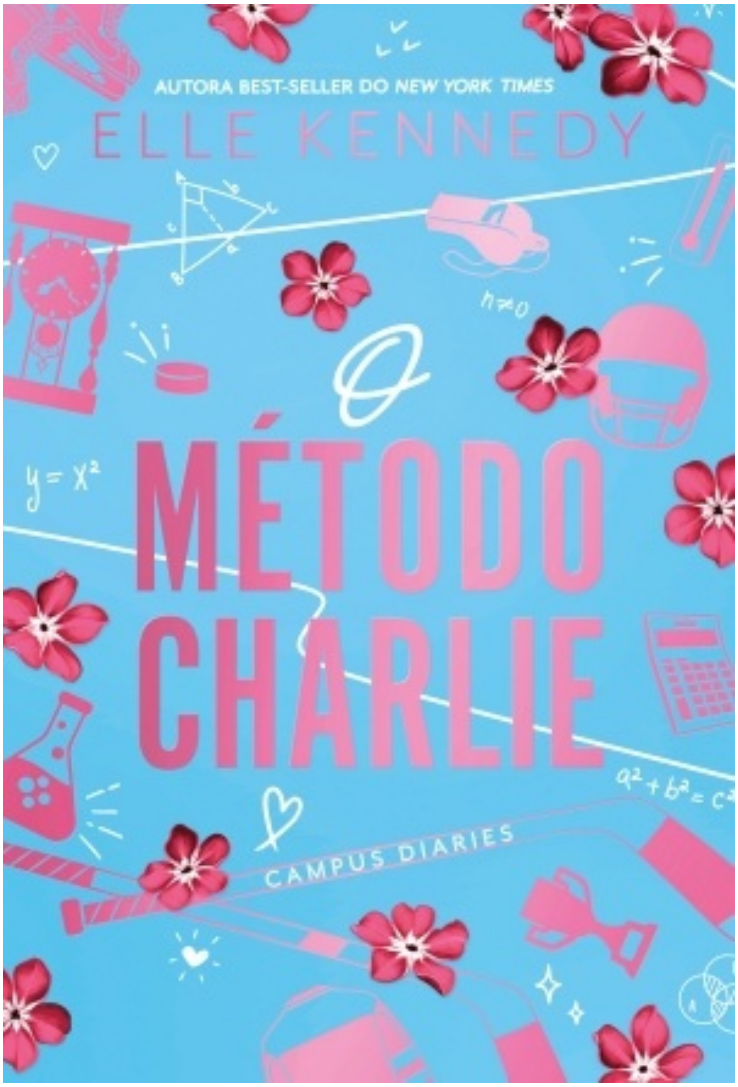
Compre agora e leia (Publicidade)

Com todo o esplendor que só a Hollywood do século passado pode oferecer, esta é uma narrativa inesquecível sobre os sacrifícios que fazemos por amor, o perigo dos segredos e o preço da fama.

Lendária estrela de Hollywood, Evelyn Hugo sempre esteve sob os holofotes — seja estrelando uma produção vencedora do Oscar, protagonizando algum escândalo ou aparecendo com um novo marido… pela sétima vez. Agora, prestes a completar oitenta anos e reclusa em seu apartamento no Upper East Side, a famigerada atriz decide contar a própria história — ou sua "verdadeira história" —, mas com uma condição: que Monique Grant, jornalista iniciante e até então desconhecida, seja a entrevistadora. Ao embarcar nessa misteriosa empreitada, a jovem repórter começa a se dar conta de que nada é por acaso — e que suas trajetórias podem estar profunda e irreversivelmente conectadas.

"Evelyn Hugo faz Elizabeth Taylor parecer sem graça. Você vai rir com ela, chorar, sofrer, e então voltar para a primeira página e fazer tudo de novo." — Heather Cocks e Jessica Morgan, autoras de *The Royal We*

Compre agora e leia (Publicidade)



O método Charlie

Kennedy, Elle
9788584395927
432

Compre agora e leia (Publicidade)

Charlie Kingston tem uma vida dupla — e está mandando bem nas duas. Mas tudo está prestes a mudar...

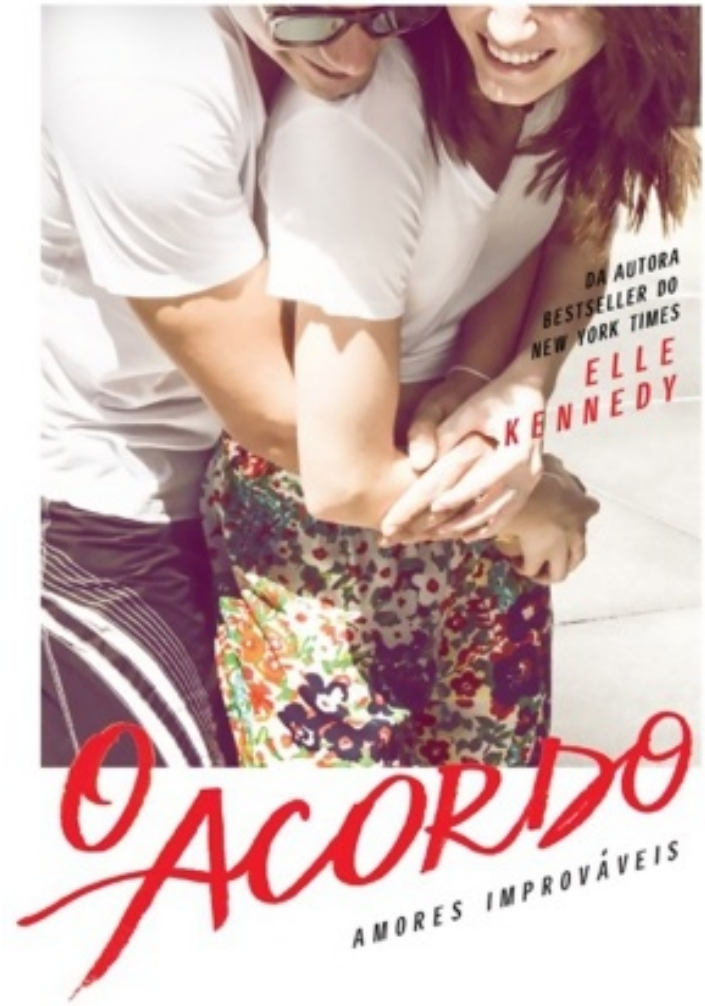
Durante o dia, ela é Charlotte: a estudante superinteligente de engenharia biomédica, a filha adotiva de uma família perfeitinha, a garota modelo da irmandade Delta Pi na sua faculdade. Mas, à noite, ela vira Charlie — ousada, livre e pronta para viver intensamente cada aventura, inclusive aquelas que surgem em aplicativos de encontros.

Foi assim que encontrou dois caras misteriosos que começaram a mexer com sua cabeça… e com o seu coração. Will Larsen e Beckett Dunne são jogadores de hóquei da Universidade Briar, melhores amigos que dividem tudo, em vários sentidos. Quando Charlie, a garota certinha que eles conhecem da faculdade, mostra seu lado secreto, os dois atletas começam a se deparar com sentimentos totalmente inusitados.

Segredos, desejos e angústias se entrelaçam em uma trama quente, explosiva e surpreendente. Charlie, Will e Beckett vão precisar decidir o que querem de fato — e o que estão dispostos a arriscar para conseguir viver um amor a três.

CONTEÚDO ADULTO

Compre agora e leia (Publicidade)



O acordo – Sucesso no TikTok

Kennedy, Elle
9788543805887
360

Compre agora e leia (Publicidade)

Tocante, profundo, engraçado, sexy... Um romance que vai te encantar e surpreender a cada página.

Hannah Wells finalmente encontrou alguém que a interessasse. Mas,

embora seja autoconfiante em vários outros aspectos da vida, carrega nas costas uma bagagem e tanto quando o assunto é sexo e sedução. Não vai ter jeito: ela vai ter que sair da zona de conforto… Mesmo que isso signifique dar aulas particulares para o infantil, irritante e convencido capitão do time de hóquei, em troca de um encontro de mentirinha.
Tudo o que Garrett Graham quer é se formar para poder jogar hóquei profissional. Mas suas notas cada vez mais baixas estão ameaçando arruinar tudo aquilo pelo qual tanto se dedicou. Se ajudar uma garota linda e sarcástica a fazer ciúmes em outro cara puder garantir sua vaga no time, ele topa. Mas o que era apenas uma troca de favores entre dois opostos acaba se tornando uma amizade inesperada. Até que um beijo faz com que Hannah e Garret precisem repensar os termos de seu acordo.

Compre agora e leia (Publicidade)